

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



***Studia graeca* em Portugal no século XVI:  
leitores e tradutores de Luciano de Samósata**

Maria Luísa de Oliveira Resende

Orientadores: Professora Doutora Ana María Sánchez Tarrío  
Professor Doutor José María Maestre Maestre

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Estudos Clássicos,  
com a atribuição do Título de Doutoramento Europeu

2019



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



***Studia graeca em Portugal no século XVI:***  
**leitores e tradutores de Luciano de Samósata**

Maria Luísa de Oliveira Resende

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Estudos Clássicos

**Orientadores:** Professora Doutora Ana María Sánchez Tarrío  
Professor Doutor José María Maestre Maestre

**Júri:**

Presidente: Doutora Maria Cristina de Castro Maia de Sousa Pimentel, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**Vogais:**

- Doutor Eustáquio Sánchez Salor, Professor Catedrático Emérito da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Extremadura, Espanha;
- Doutor José María Maestre Maestre, Professor Catedrático da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Cádiz, Espanha, orientador;
- Doutor João Manuel Nunes Torrão, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro;
- Doutor Arnaldo Monteiro do Espírito Santo, Professor Catedrático Emérito da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Doutor Bernardo Machado Mota, Professor Auxiliar com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Doutora Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima de Almeida, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Tese financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/95419/2013)



## ÍNDICE

<b>Resumo</b> .....	7
<b>Abstract</b> .....	9
<b>Agradecimentos</b> .....	11
<b>Introdução</b> .....	13
<b>I. A Transmissão de Luciano de Samósata</b> .....	21
1. Luciano no Renascimento Europeu .....	23
2. O acesso à obra de Luciano em Portugal no século XVI .....	31
<b>II. Jorge Coelho e a tradução do <i>De Dea Syria</i></b> .....	59
1. Nota biográfica .....	63
2. Do manuscrito ao livro impresso .....	75
3. A tradução do <i>De Dea Syria</i> .....	80
4. <i>Ne omnia in alieno solo aedificasse uideremur</i> .....	95
5. Os Lucianos de Jorge Coelho .....	105
<b>III. Luciano na Literatura Portuguesa Quinhentista</b> .....	119
1. João Rodrigues de Sá de Meneses .....	122
2. Gil Vicente, leitor de Luciano .....	123
3. O Momo de Jorge Ferreira de Vasconcelos .....	133
<b>Conclusão</b> .....	139
<b>Anexos</b>	
I. Exemplares quinhentistas de obras de Luciano de Samósata .....	145
II. Transcrição do BNP Res. 5570 P (fls. 1v-3r) .....	159
III. <i>Marginalia</i> do BNP Res. 2592 A. ....	165
IV. <i>De Dea Syria</i> de Jorge Coelho. Edição crítica e tradução .....	175
V. Documenta .....	307
<b>Bibliografia</b> .....	313
<b>Index Nominum</b> .....	349



## RESUMO

Tendo como principal objectivo contribuir para a investigação do estudo da língua grega em Portugal no século XVI, esta dissertação foca-se na disseminação da obra de Luciano de Samósata, mais especificamente nos leitores, comentadores e tradutores portugueses do *corpus lucianum*.

A primeira parte centra-se na análise de inventários e edições quinhentistas actualmente preservados em bibliotecas portuguesas que fornecem informações sobre a circulação de textos de Luciano em Portugal. O estudo dos *marginalia* não só revela o interesse suscitado pela sua obra – frequentemente associado ao estudo da língua – mas também indica que *instrumenta* eram usados para facilitar o acesso ao texto grego, tais como dicionários, enciclopédias ou traduções latinas. Os sinais de censura inquisitorial presentes em muitas destas espécies revelam as vicissitudes inerentes à leitura e interpretação da obra do sofista.

A análise da versão latina do *De Dea Syria* de Jorge Coelho, que constitui o núcleo da segunda parte, proporciona uma compreensão mais profunda acerca do uso pedagógico de Luciano. A existência de um manuscrito anterior à versão final permite uma comparação dos diferentes estádios do texto latino, demonstrando o desenvolvimento das competências de Coelho enquanto tradutor, ao mesmo tempo que proporciona um maior entendimento do processo de revisão e do uso de traduções intermediárias na reformulação da versão final.

Por fim, a influência de Luciano de Samósata na Literatura Portuguesa Quinhentista, mais especificamente na obra de João Rodrigues de Sá de Meneses, Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcelos, confirma que a leitura do *corpus lucianum* não se limitou a círculos académicos. Ainda que a partir de traduções latinas ou de outras formas de transmissão indirecta, nomeadamente imitações latinas ou vernáculas e representações iconográficas, estes textos mostram a utilização de temas e motivos provenientes da obra de Luciano para comentar questões contemporâneas.

Ao fornecer uma descrição geral da leitura e interpretação de Luciano, este trabalho confirma que os leitores portugueses não eram muito diferentes dos de outros países europeus e tinham, na verdade, uma abordagem semelhante relativamente aos seus textos.

**Palavras-chave:** Luciano de Samósata, Transmissão, Tradução, Jorge Coelho, *studia graeca*



## ABSTRACT

Being its main purpose to contribute towards the investigation of the study of the Greek language in 16<sup>th</sup> century Portugal, this dissertation focuses on the dissemination of the works of Lucian of Samosata, more specifically among Portuguese readers, commentators and translators of the *corpus lucianum*.

Firstly, we analyse early modern inventories and 16<sup>th</sup> century editions currently preserved in Portuguese libraries that provide information relating to the circulation of Lucian's works in Portugal. The study of the *marginalia* not only informs us of the interest aroused by his texts – often associated with the study of the language – but also the *instrumenta* used to facilitate access to the Greek text, such as dictionaries, encyclopaedias or Latin translations. Signs of Inquisitorial censorship present in many of these books reveal the vicissitudes inherent to the reading and interpretation of Lucian's classical oeuvre.

The analysis of Jorge Coelho's Latin version of *De Dea Syria*, which constitutes the core of the second part, provides a deeper understanding of the pedagogical use of Lucian's works. The existence of a manuscript prior to the final version permits a comparison of the different stages of the Latin text, demonstrating the development of Coelho's competences as a translator, while at the same time providing an insight into his revision process and the use of intermediary translations to inform the final version.

Finally, the influence of Lucian in Early Modern Portuguese Literature, more specifically on João Rodrigues de Sá de Meneses, Gil Vicente and Jorge Ferreira de Vasconcelos, confirms that the reading of the *corpus lucianum* was not limited to academic circles. Moreover, that even if dependent on Latin translations or other forms of indirect renditions such as Latin or vernacular imitations and iconographical representations, Lucianic themes and motifs were used to comment on contemporary issues.

By providing a general account of the reading and interpretation of Lucian, this dissertation confirms that Portuguese readers were no different from those in other European countries at the time, and had a similar approach to understanding his texts.

**Key words:** Lucian of Samosata, Transmission, Translation, Jorge Coelho, *stidia graeca*

## AGRADECIMENTOS

Quero, em primeiro lugar, expressar a minha profunda e sincera gratidão aos Professores Ana María Sánchez Tarrío e José María Maestre Maestre, por todo o apoio, dedicação e incentivo, sem os quais teria sido impossível terminar este projecto.

Agradeço também a todos os colegas e professores que, de alguma forma, me ajudaram ao longo deste caminho, especialmente ao Professor Arnaldo do Espírito Santo e à Professora Cristina Pimentel, por me terem incentivado, desde tão cedo, a seguir o caminho da investigação. À Mafalda Cordeiro agradeço a transcrição diplomática da documentação da Chancelaria de D. João III, ao Marcello Moscone, a ajuda na datação dos *marginalia* analisados neste trabalho, à Professora Isabel Almeida, a sua prontidão a responder às minhas dúvidas sobre Literatura Portuguesa e, finalmente, ao Professor Keith Sidwell (Univ. Calgary), o apoio na leitura das anotações do BNP Res. 5570 P.

Não posso deixar de mencionar o Centro de Estudos Clássicos e, em particular, o seu director Rodrigo Furtado, assim como a Fundação para a Ciência e Tecnologia, cujo financiamento tornou possível este trabalho.

Por fim, à minha família e aos amigos, que tanto me apoiaram nesta fase, deixo o meu profundo reconhecimento, em especial ao Frederico Tomé, ao Ricardo Nobre, ao Rui Carlos Fonseca, ao Gabriel Silva, ao Juan Carlos Jiménez, à Joana Veiga e ao Pedro Gambino.



## INTRODUÇÃO

A *Oratio* proferida por André de Resende na abertura das aulas do Estudo Geral de Lisboa, em 1534, contém aquela que é, possivelmente, a mais célebre reivindicação da importância do estudo da língua grega em Portugal<sup>1</sup>:

Illud admonere subinde, imo inculcare non desinam, eos qui serio literas tractare uelint, serio grammaticis operam dare oportere. Quod si latinis graeca coniungant, magnum literariae rei attulerint adiumentum. Nam nemo sine his etiam literis solidam sibi doctrinam adroget, quarum ignorantia clarissimos alioqui auctores, uirosque doctissimos, non semel iterumue, hallucinari coegit. Siue enim profana studia, siue sacra respiciamus, ubique graecarum literarum peritia, nos magistra comitabitur. Linguam enim latinam firmabit, edocebit poesia, dialecticen enodabit, monstrabit rhetoricen [...]<sup>2</sup>.

Apesar das palavras de Resende, não há, no entanto, indícios de que a língua grega fosse estudada na Universidade de Lisboa<sup>3</sup> e possivelmente só a partir de 1535 foi

---

<sup>1</sup> Numa epístola a D. Fernando de Meneses, também Cataldo se pronunciou acerca da importância do grego: *Et quod de Latina, idem de Graeca quoque facundia sentio* (Cataldo, *Ep.* I. 171; “E o que penso da eloquência latina vale igualmente para a grega” Tradução de Ramalho apud Cataldo, 2010: 563). Muito embora o magistério de Cataldo Parísio Sículo se tenha revelado fundamental para a introdução do latim humanístico em Portugal, é pouco provável que tenha tido o mesmo impacto relativamente ao grego, pois, não obstante registarem-se na sua obra algumas palavras em caracteres helénicos, o próprio humanista revela, numa carta a Bartolomeu Platina, ter um conhecimento limitado da língua (*Ep.* I. 91). Cf. Pinho (2006: 303-305). No entanto, a valorização do conhecimento da língua grega na corte manuelina é evidenciada pela “Pergunta de Joam Rodríguez de Saa a Dom Miguel da Silva” e pelo elogio da competência de D. Miguel “em latim, grego e linguagem” (Resende, 1990-2003, vol. 2, 475). Cf. Tarrío (2000: 311-315; 2009: 165-166).

<sup>2</sup> Resende (1956: 38-40). “Não deixarei desde já de advertir, e até inculcar, que importa que se dediquem seriamente ao estudo da gramática, quantos seriamente queiram cultivar as letras. E, se ao conhecimento da gramática latina juntarem o conhecimento da grega, grande auxílio trarão à literatura, pois ninguém se arrogue uma sólida cultura sem estas letras, cujo desconhecimento obrigou, muitas vezes, a errar até os mais ilustres autores e os mais ilustres varões. Efectivamente, quer olhemos os estudos sagrados, quer os profanos, em toda a parte o conhecimento das letras gregas nos seguirá como mestre. Consolidará a língua latina, ensinará a poesia, explicará a dialéctica, demonstrará a retórica [...]” (Tradução de Miguel Pinto de Meneses apud Resende 1956: 39-41). Sobre a *oratio*, ver Sauvage (1971: 101-106), Martins (1973: 96-111) e Pinho (2006: 305-306).

<sup>3</sup> Na verdade, na Universidade de Lisboa havia alguns mestres que tinham conhecimentos de grego, nomeadamente Martim de Figueiredo, que fora aluno de Ângelo Poliziano em Florença. A gramática de Nebrija, que seria usada pelo menos desde 1519, contém um capítulo de introdução ao grego: o opúsculo *De litteris graecis*, que a partir de 1508 começou a circular como parte integrante das *Introductiones Latinae*, poderia mesmo incentivar a abordar alguns aspectos iniciais da língua grega nas aulas de Gramática. Embora de forma mais rudimentar, também Cavaleiro inclui na *Nova Gramatices Ars* uma breve introdução às declinações gregas. Porém, contrariamente à Gramática de Nebrija, não insere caracteres

introduzida no meio académico português, em Santa Cruz de Coimbra, antecipando o plano de renovação do *studium* associado à transferência que ocorreria dois anos mais tarde<sup>4</sup>.

Contrariamente à tardia implementação na universidade, nos meios áulicos o estudo da língua parece ter surgido relativamente cedo, como consequência da política régia de subsídios para alunos portugueses estudarem em universidades estrangeiras<sup>5</sup>. O regresso dos alunos de Ângelo Poliziano, mais precisamente de Luís Teixeira, que terá substituído D. Diogo Ortiz de Vilhegas como mestre do futuro D. João III, possivelmente ainda antes de 1519<sup>6</sup>, e, mais tarde, de Aires Barbosa, que em 1523 assumia a formação do Cardeal Infante D. Afonso<sup>7</sup>, revelou-se assim essencial para o estabelecimento dos *studia graeca* em Portugal<sup>8</sup>. Igualmente relevante terá sido a presença de professores estrangeiros: em 1533, Clenardo tornava-se mestre do Infante D. Henrique<sup>9</sup>; Diogo Sigeu, ao serviço da

---

gregos, o que, embora facilitasse o acesso a estudantes de latim, também pode estar relacionado com a dificuldade de encontrar tipos gregos em Portugal na época, um problema que se encontra documentado nas epístolas de Cataldo, no *Commentum Plinii* de Martim de Figueiredo e na *Oratio pro Rostris* de André de Resende. Cf. Verdelho (1995: 70-72; 90-97) e Sánchez Salor (2002; 2006).

<sup>4</sup> Sobre a reforma dos estudos em Santa Cruz de Coimbra anteriores à transferência da universidade, ver Carvalho (1992: 82-90), Ramos (1997: 372) e Carvalho (2011: 174-178).

<sup>5</sup> Sobre a política de promover o acesso de estudantes portugueses a universidades estrangeiras, ver Matos (1988: 522-523, 526-527).

<sup>6</sup> Apesar de comumente se aceitar que as aulas com Luís Teixeira começaram em 1519, data que coincide com a morte de D. Diogo, em 1516 este já se encontrava em Viseu, sendo, portanto, provável que as aulas tivessem começado antes (Matos, 1988: 559-560, n. 18). Cf. Buescu (2012: 30-33). Francisco de Andrade (*Cronica do muyto alto e muito poderoso Rey destes Reynos de Portugal Dom Ioão o III*, Lisboa, por Jorge Rodriguez, 1613, Livro I, Cap. 3) revela que Luís Teixeira, além de ter dado continuidade ao estudo de autores latinos, também terá iniciado o futuro monarca nas letras gregas: “Como o princepe foy em mayor idade, fallecendo o Bispo que o insinava, lhe foy dado por mestre o doutor Luis teixeira, homem fidalgo, filho do doutor João teixeira, que fora chanceler mór del Rey dom João o segundo, o qual em Italia, onde estiuera, não somente alcançara muyta fama nos direitos canonico e ciuel pollo tratado que compos das cousas em direito duuidosas, mas tambem com a doutrina de Angelo policiano, varão doutissimo daquelle tempo, aproueitara muito nas letras humanas: deste ouuio o princepe epistolas de Ouuidio, alguma cousa de Plinio, e de Tito liuio, e principios de grego [...]”.

<sup>7</sup> Matos (1988: 564, n. 28), Pinho e Medeiros (2013: 31-33). Ainda que, no prefácio à *Antimoria*, Barbosa não refira explicitamente se ensinou grego ao Infante, a carreira eclesiástica pressupunha que tivesse pelo menos conhecimentos rudimentares da língua. Para Matos (1988: 514), o ensino de grego na corte terá sido ministrado apenas por Luís Teixeira e Nicolau Clenardo: “A aprendizagem do grego e do hebraico só raramente, pelo que se conhece, teve lugar: Luís Teixeira ensinou todavia a primeira destas línguas a D. João III, e o Infante D. Henrique foi iniciado em ambas por Clenardo.”

<sup>8</sup> Cf. Pinho (2006: 298-302).

<sup>9</sup> De acordo com uma tença datada de 23 de agosto de 1530 (ANTT, *Chancelaria de D. João III*, L.º 39, fol. 75vº; publicada por Pinho e Medeiros, 2013: 57), D. Henrique também terá sido aluno de Aires Barbosa. É possível, no entanto, que se trate de um lapso, principalmente quando sabemos que no ano seguinte começou a estudar com Pedro Nunes (Carvalho, 1987: 317-327; Matos, 1988: 566-567, n. 34; Polónia, 2009: 58-59) e em 1533 com Nicolau Clenardo, com quem aprendeu grego e hebraico (Cerejeira, 1975: 225-229; Matos, 1988: 514, 567, n. 35; Polónia, 2009: 59-63). Cf. Matos (1988: 566, n. 33). A informação

Casa de Bragança desde 1530, passou para a corte de D. João III em 1549 ou 1550<sup>10</sup>; também é possível que a sua filha Luísa Sigeia tenha iniciado a Infanta D. Maria no estudo da língua grega<sup>11</sup>.

A prática de instituir grupos de estudo com fidalgos sensivelmente da mesma idade implica que outros tivessem beneficiado do ensino de Luís Teixeira, Nicolau Clenardo, Aires Barbosa e, possivelmente, também de André de Resende, que esteve ao serviço do Cardeal Infante D. Afonso e, mais tarde, foi mestre de D. Duarte<sup>12</sup>. No entanto, neste aspecto, as fontes – analisadas sobretudo por Luís de Matos<sup>13</sup> – são particularmente escassas e há poucos registos dos alunos que tivessem assistido às aulas ou das matérias estudadas. Atendendo à epístola enviada por Clenardo a João Vaseu a 31 de Dezembro de 1533, este número seria, na verdade, bastante elevado<sup>14</sup>.

O estabelecimento de uma cadeira de grego no meio académico parece estar intimamente ligado à reforma dos estudos universitários que D. João III projectava para a nova universidade<sup>15</sup>. De facto, segundo Clenardo, Vicente Fabrício já estaria a dar aulas de grego em Santa Cruz desde 1535<sup>16</sup>.

---

de que terá estudado com André de Resende é dúbia e, como afirma Matos (1988: 567, n. 35), não se conhece qualquer documento comprovativo.

<sup>10</sup> Matos (1988: 535-537) e Nascimento (2012: 711-712).

<sup>11</sup> Pinho (2006: 302). Cf. Matos (1988: 568-569, n. 41). De acordo com Pinto, Luísa Sigeia apenas terá entrado ao serviço da Infanta depois de 1546. Cf. Pinto (1998: 149, n. 444): “Discordamos de Odette Sauvage, 1972, p. 534, que coloca Luísa Sigeia como “dama latina” na casa da Infanta desde 1542; na consulta documental que fizemos o nome de Luísa não aparece mencionado e a própria Luísa localiza a carta que escreve ao papa a acompanhar o poema na *cour du roi invincible du Portual, en l’année du Seigneur 1546*.” Cf. Matos (1988: 568, n. 41).

<sup>12</sup> Cf. Matos (1988: 509).

<sup>13</sup> Matos (1988: 527-539).

<sup>14</sup> Cf. Ep. 17 (Roersch, 1940, t. I: 33): *Mire mihi placet haec aula: habet enim doctos et Graece et Latine non paucos; ne Salmanticae quidem reperias, qui aut Graece aut Latine tam loquantur expedite*. Cf. Tradução de Cerejeira (1974: 244): “Confesso-te que me agrada sobremaneira esta corte. Há nela muitos varões doutos tanto na língua grega como na latina, a ponto que nem na própria Salamanca se encontrará quem as fale tão correntemente”. De acordo com Cerejeira (1974: 64-67), a data atribuída à carta está errada e a epístola terá sido escrita, na verdade, a 31 de Dezembro de 1535.

<sup>15</sup> Numa carta a Frei Brás de Barros, datada de 11 de março de 1536, D. João III menciona querer “que as artes se nam leam mais em Lixboa” (cit. ap. Carvalho, 1992: 89). Sobre a transferência da Universidade para Coimbra, ver principalmente Sá (1956: xviii-xlii), Carvalho (1989: 37-40; 1992: 75-82), Ramos (1997: 362-363; 369-371) e Carvalho (2011: 199-211).

<sup>16</sup> Cf. Santos (1996: 126) e Pinho (2006: 307-314). Há, no entanto, algumas divergências quanto à data em que terá começado a leccionar em Coimbra. Cf. Silva Dias (1969: 502) e Cerejeira (1974: 108-111, n. 2). De acordo com uma epístola de Clenardo a João Vaseu (Cerejeira, 1975: 105), já havia nesta altura uma tipografia grega em Coimbra. Frei Nicolau de Santa Maria informa que o *Lexicon Graecum et Hebraicum* de Heliodoro de Paiva terá sido publicado em Coimbra em 1532, no Mosteiro de Santa Cruz. Verdelho (1995: 380) assume, no entanto, que “deveria ser obra bastante rudimentar, muito provavelmente transcrita em alfabeto latino, o que, sem dúvida a desvalorizaria e devia contribuir para o seu rápido

Omitto reliqua, quo properemus Conimbricam, ubi Rex nouam tum moliebatur Academiam. Hic quid opus est multis laudibus, quando sese ipsa in dies magis ac magis commendat ? Erant uacationes, et in caeteris professionibus feriae. Nec iudicium ferre possum nisi de auditorio Graeco, quod me nouo miraculo reddidit attonitum. Vincentius Fabricius enarrabat Homerum, non ut Graeca uerteret Latine, sed quasi ageret in ipsis Athenis, id quod nusquam hactenus uideram: et nihilo segnius discipuli praeceptorem imitabantur, ferme in totum usi et ipsi sermone Graecanico. E quibus auspiciis si fas est diuinare, florentissima erit Conimbrica linguarum studiis<sup>17</sup>.

Independentemente do elogio de Clenardo, a falta de preparação dos estudantes que ingressavam na Universidade constituía um impedimento ao desenvolvimento do ensino coimbrão. Por esta razão, foi criado, em 1548, o Colégio das Artes que, de acordo com Pinho, teria uma função “semelhante à dos colégios de França, nomeadamente de Santa Bárbara, em Paris, e da Guiana, em Bordéus”<sup>18</sup>. A opção de entregar a direcção do colégio a André de Gouveia – que trouxe consigo vários professores da Guiana, entre os quais Jorge Buchanan, responsável pela cadeira de grego – é reveladora do intuito régio de renovar o *studium* português e de o elevar ao nível das restantes universidades europeias<sup>19</sup>.

No entanto, num clima de crescente suspeita em relação aos *studia humanitatis*, evidenciado pelos processos inquisitoriais contra Diogo de Teive, João da Costa e

---

desaparecimento”. Há ainda notícia de um *Vocabularium* manuscrito produzido em Santa Cruz (Verdelho 1995: 63).

<sup>17</sup> Ep. 63 (Roersch, t. I: 234). Cf. tradução de Cerejeira (1974: 375): “Por esse tempo andava El-Rei empenhado em levantar nessa cidade a nova Universidade. Será necessário alongar-me aqui em elogios, quando El-Rei em pessoa cada dia e cada vez mais se impõe por si próprio à nossa admiração? Era tempo de férias; portanto não havia aulas nas várias disciplinas. Não posso formar um juízo senão da aula de grego, a qual me deixou assombrado com o novo milagre: Vicente Fabrício comentava Homero, não traduzindo-o de grego para latim, mas como se o fizesse na própria Atenas! Nunca até então eu vira tal em parte alguma. E os discípulos imitavam o mestre com não menor aplicação, empregando também a língua grega quase exclusivamente. A julgar por estes presságios, se me é lícito meter a profeta, Coimbra há-de vir a ser um centro florentíssimo no estudo das línguas”.

<sup>18</sup> Pinho (2006: 314).

<sup>19</sup> Sobre a fundação do Colégio das Artes, ver Ramos (1997: 376-378), Pinho (2006: 314-317) e Carvalho (2011: 242-255). Além do Colégio das Artes, outros colégios garantiam a preparação dos alunos antes do acesso à universidade (Carvalho, 2011: 325-328). Cf. Ramos (1997: 362): “Do mesmo modo, como vinha acontecendo na Europa dessa época, proliferarão colégios, em vários pontos do país, onde o ensino de portugueses e estrangeiros atingirá alto nível. Trata-se inclusive, de centros propedêuticos de acesso à universidade. Surgem nomeadamente em Braga, em Évora, em Santa Cruz de Coimbra, em Santo Antão de Lisboa, no famoso Colégio das Artes, no também conimbricense colégio de Jesus, o qual, em unidade de direcção com o citado Colégio das Artes, servirá de paradigma a institutos secundários estabelecidos pelos jesuítas no reino”.

<sup>19</sup> Pinho (2006: 318-322).



Buchanan<sup>20</sup>, assistia-se à emergência da Companhia de Jesus, que, em 1553, fundava, em Lisboa, o Colégio de Santo Antão e em Évora o Colégio do Espírito Santo, elevado a Universidade em 1559<sup>21</sup>. Muito embora, de acordo com Pinho<sup>22</sup>, a entrega do Colégio das Artes à Companhia, em 1555, não tenha significado a decadência dos estudos em Coimbra, os jesuítas privilegiavam um tipo de ensino marcado pela sistematização do acesso aos autores antigos, que levaria ao surgimento da segunda escolástica<sup>23</sup>, e, apesar da evidente continuidade quanto às inovações filológicas das produções humanísticas, constituía uma significativa mudança em relação ao período antecedente<sup>24</sup>.

\*

À luz do reduzido número de traduções elaboradas em Portugal neste período<sup>25</sup>, as palavras de Clenardo sobre o magistério de Vicente Fabrício em Santa Cruz de Coimbra

---

<sup>20</sup> Cf. Brandão (1969), Carvalho (2011: 255-260) e Marcocci e Paiva (2016: 78-80).

<sup>21</sup> Cid (1997: 397-398). Sobre os Colégios fundados pela Companhia de Jesus no século XVI, ver Rosa (2015: 84-86). Cf. Carvalho (2011: 325-327).

<sup>22</sup> Pinho (2006: 318-322).

<sup>23</sup> Cf. Ramos (1997: 377-378) e Castro (1997a: 731-732): “Como homens impregnados de gosto renascentista, os mentores da pedagogia jesuítica continuavam a dar o primado das atenções a Cícero e aos preceitos estéticos que ele formulara, mas tanto o *De Arte Rhetorica* como as disposições da *Ratio studiorum* estavam já a criar as condições que iriam propiciar depois a eclosão e o desenvolvimento de um novo gosto literário e de toda a teoria poética que lhe havia de servir de suporte ao longo do período barroco [...]. A importância de Aristóteles e a exclusão de Rodolfo Agrícola eram a prova mais evidente dessa viragem estética.”

<sup>24</sup> A colectânea jesuítica *Aliquot Opuscula Graeca ex variis autoribus collecta*, publicada em Coimbra, em 1583, é um exemplo deste tipo de instrumentos utilizados no ensino da língua grega. De facto, ainda que nas *Constituições da Companhia de Jesus*, Inácio de Loiola defendesse o estudo do grego como parte de uma formação teológica completa e sólida, não deixava, no entanto, de advertir contra a imoralidade de alguns autores pagãos. Cf. *Constituições da Companhia de Jesus*, Quarta Parte, Cap. V, par. 359 (Loiola 1975: 138): “Nas obras literárias de autores pagãos não se leiam passagens imorais. O resto pode a Companhia utilizá-lo como despojos do Egipto. Quanto aos autores cristãos, ainda que a obra seja boa, não se leia quando o autor for mau, para que não se venha a simpatizar com ele. E é bom se determine concretamente quais os livros que se hão-de ler e quais os que se hão-de excluir quer na literatura quer nas outras matérias.”. Veja-se também Cap. VI, par. 367 “As línguas em que foi escrita ou traduzida a Escritura, estudar-se-ão antes ou depois, segundo a variedade das circunstâncias e a diversidade das pessoas, como o Superior achar melhor. Este ponto, portanto, ficará à sua discricção. Na aprendizagem das línguas, um dos fins em vista é defender a tradução aprovada pela Igreja.” Cf. Toipa (2003).

<sup>25</sup> Segundo Barbosa Machado, Diogo de Teive terá traduzido, a pedido de D. João III, a *Ciropedia* de Xenofonte, mas o objectivo específico da tradução, destinada *ad usum delphini*, terá ditado a *fortuna* do texto, cujo paradeiro hoje se desconhece. Alguns dos poemas de António Ferreira, como a Elegia VIII e os Epigramas “De Anacreonte” e “De Marte Namorado” constituem traduções livres dos *Anacreontea* (Pereira, 1972:55-58), apesar de, segundo Earle (2008: 515-517), Ferreira ter tido acesso ao texto grego por intermédio de traduções latinas. Já a Elegia VII, “Amor Fugido de Mosco”, consiste, de acordo com Rocha Pereira (1972: 53-55), numa versão livre do poema grego. Contrariamente, Rebelo (1987-1988: 245-251)

não poderiam deixar de causar alguma perplexidade. Neste sentido, é bastante revelador o comentário de Mendes de Castro e a sua denúncia dos poucos frutos de um ensino que se anunciava promissor<sup>26</sup>. A depreciação do impacto dos *studia humanitatis* em Portugal é, na verdade, um tópico presente na bibliografia específica, decorrente em parte da limitação do Humanismo à sua vertente filológica, ou seja, à produção de edições, comentários ou traduções dos *auctores*<sup>27</sup>. No caso da língua grega, a ausência de estudos monográficos que, além dos vários momentos da história do ensino, considerem igualmente a transmissão dos autores gregos, a possibilidade de acesso a edições originais ou a textos intermédios, o uso de dicionários e gramáticas, tem contribuído visivelmente para o desconhecimento desta questão.

Não obstante a qualidade dos estudos sobre este tema, nenhum se dedica de modo exaustivo à clarificação do conhecimento efectivo de autores gregos em Portugal e à análise dos *instrumenta* que terão possibilitado a difusão desse conhecimento, não facultando, portanto, uma visão de conjunto que permita sistematizar o campo em causa<sup>28</sup>.

---

considera que Ferreira partiu da tradução latina de Poliziano, publicada em 1498 (Rebelo, 1987-1988: 260). Cf. Earle (2008: 540). A tradução portuguesa dos primeiros oito cantos da *Ilíada* atribuída a D. Jerónimo Osório e preservada em estado manuscrito na BNP apresenta vários problemas relacionados com a datação e a autoria (cf. Castro, 1991: 42-46 e Resende, 2019). Quanto à obra dos trágicos gregos, apenas temos conhecimento da tradução da *Electra* de Sófocles elaborada por Aires Vitória a partir da versão castelhana de Pérez de Oliva. O interesse suscitado, em Portugal, por obras de carácter técnico e científico terá sido um pouco superior, como atestam as traduções de Aristóteles elaboradas por Nicolau de Grouchy ou de Galeno, da autoria de António Luís (Pinho, 2006: 316-317).

<sup>26</sup> Castro (1991: 12): “Se o grego foi estudado em Portugal com certo afincio, pena é que os frutos hajam sido tão escassos.”

<sup>27</sup> Cf. e. g. Buescu (2012: 248), para quem não é possível “falar-se, para o caso português, de um movimento cultural, mas sim em representantes individuais de formas culturais inovadoras” e Verdelho (1995: 62): “O ensino humanístico do grego e do hebraico, se é certo que não foi completamente ignorado em Portugal, não deixou de ter aqui uma escassa repercussão. O aparecimento surpreendente de algumas imprecisas referências a essa actividade durante o século XVI não podem ser interpretadas euforicamente como prova de um grande desenvolvimento e de uma importante solicitação lectiva para o estudo dessas línguas entre nós, como parece desejariam alguns estudiosos actuais desse património linguístico.” Relativamente à especificidade do Humanismo português, ver Tarrío (2015: 87-100).

<sup>28</sup> Depois de Frei Fortunato de Boaventura (1823), que no século XIX, procurou catalogar os autores portugueses que terão tido conhecimento da língua grega, comentado, traduzido ou estudado autores gregos, destaca-se o artigo de Sebastião Pinho (2006: 297-322), que considera especificamente o ensino da língua em Portugal no século XVI. O autor adverte, todavia, que se trata de um campo extremamente mal estudado, dependente de uma investigação mais profunda que considere as traduções existentes, a tipografia grega e os textos didácticos usados no ensino da língua. Mais focado na circulação de obras gregas em Portugal, o estudo de Albuquerque (1986: 157-164) analisa a presença de edições de Aristófanes que remontam ao século XVI em bibliotecas portuguesas. Já Aires Nascimento (2008) dá notícia de dois códices existentes na Biblioteca Nacional e de doze códices gregos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e estabelece a sua relação com a figura de D. Teotónio e o Convento da Cartuxa.

Muito embora o estudo que apresentamos tenha como principal objectivo contribuir para a investigação daquela que continua a ser uma das questões menos claras do Humanismo português, a elevada quantidade de materiais encontrados no decurso da investigação – que beneficiou grandemente do desenvolvimento, notório nos últimos anos, dos catálogos das bibliotecas e de outros instrumentos de pesquisa – não permitiu, no entanto, proceder a uma análise pormenorizada que considere a totalidade dos autores cujas obras circulavam neste período.

Na verdade, o número reduzido de traduções quinhentistas que, tanto quanto sabemos, foram elaboradas no século XVI, contrasta bastante com os testemunhos bibliográficos preservados nas bibliotecas portuguesas, que sugerem uma ampla circulação destas obras, quer em edições gregas, quer em traduções latinas, reveladoras, em muitos casos, de uma leitura atenta cuja análise se revela fundamental para o conhecimento de uma cultura que era, nas palavras de Aires Nascimento, “significativamente bifronte e viv[ia] do livro e dos textos por ele transmitidos”<sup>29</sup>.

Dada a impossibilidade de considerar todos estes testemunhos, optámos por delimitar o âmbito desta tese à obra de Luciano de Samósata, pois a adequação dos seus textos a um nível inicial do estudo da língua levou a que se tornasse um dos autores mais lidos nas classes de grego.

O facto de a transmissão do *corpus lucianum* ter dependido, em grande medida, da circulação de edições importadas justificou que, numa primeira parte, procedêssemos à análise dos *marginalia* das espécies quinhentistas que contêm vestígios da *lectio et enarratio* do autor, fundamental para perceber a transmissão da sua obra numa época em que o estudo da língua grega estava circunscrito a um pequeno círculo. Mesmo depois da transferência da universidade para Coimbra, não se verificou um aumento da produção nacional que justificasse a interrupção da importação de obras dos *auctores*.

A tradução de Jorge Coelho permite uma compreensão mais aprofundada da aproximação ao texto de Luciano no século XVI. A existência de uma versão manuscrita anterior à publicada em 1540 revelou-se fulcral para entender as principais dificuldades sentidas pelo tradutor e analisar as emendas decorrentes do processo de revisão.

Por fim, a influência do sofista na obra de João Rodrigues de Sá de Meneses, Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcelos, comprova a amplitude da difusão dos seus textos, que dependia certamente do acesso a edições latinas importadas de prelos

---

<sup>29</sup> Nascimento (2008: 349).

européus, e testemunha a aplicação de temas e motivos derivados da leitura de Luciano na produção de obras originais.

# **PARTE I**



# I

## A TRANSMISSÃO DE LUCIANO DE SAMÓSATA

### 1. LUCIANO NO RENASCIMENTO EUROPEU

A redescoberta de Luciano de Samósata no Ocidente encontra-se directamente relacionada com a chegada de Manuel Crisoloras a Florença, no final do século XIV<sup>1</sup>. Praticamente esquecido no mundo latino depois do século VI<sup>2</sup>, as primeiras traduções da obra do sofista remontam às aulas do mestre bizantino que, a convite de Coluccio Salutati, se instalou em Itália entre 1397 e 1400 para ensinar grego, e conseguiu o que, anos antes, Leôncio Pilato não lograra alcançar: criar a primeira geração de helenistas italianos e repor de forma continuada o estudo da língua grega<sup>3</sup>.

Muito embora os *Erotemata* de Crisoloras não apresentem qualquer selecção de textos e a sua prática pedagógica permaneça, de um modo geral, pouco conhecida<sup>4</sup>, alguns dados revelam que Luciano de Samósata era um dos autores estudados: além de uma

---

<sup>1</sup> Cf. Sidwell (1975: 1), Mattioli (1980: 39), Lauvergnat-Gagnière (1988: 25-26), Zappala (1990: 32) e Deligiannis (2017: 1-2).

<sup>2</sup> Entre os séculos II e VI, poucos autores referem o nome de Luciano ou apresentam indícios de terem lido a sua obra. Esta tendência altera-se a partir do século IX, pois a obra do sofista começa a ser abundantemente copiada e estudada em Bizâncio. Sobre a fortuna de Luciano antes do século XV, ver especialmente Sidwell (1975: 64-67), Robinson (1979: 68-81), Mattioli (1980: 9-38), Lauvergnat-Gagnière (1988: 10-17) Zappala (1990: 11-31) e Ligota e Panizza (2007: 5-12).

<sup>3</sup> Muito embora o conhecimento do grego nunca tenha desaparecido completamente, sobretudo em Creta ou no Sul de Itália, não houve uma tradição continuada de estudos da língua após a queda do Império Romano do Ocidente (Wilson 1992: 1-2; Saladin 2004: 28-39). Como afirma Weiss (1977: 4), os autores gregos continuaram a ser lidos, mas a motivação seria sobretudo instrumental: “What instead was lacking throughout the Middle Ages was a desire to read Greek authors for their own sake. This only began with the age of humanism and even then only gradually”. Leôncio Pilato esteve em Florença entre 1360 e 1362, mas a sua estadia não garantiu a continuação dos estudos da língua (Weiss 1977: 5-6; 229-230, Wilson 1992: 2-7). A presença de Manuel Crisoloras – primeiro em Veneza e mais tarde em Florença – tem sido, portanto, conotada com a recuperação do estudo da língua grega em Itália (Weiss 1977: 6-7; 232-239; Wilson 1992: 8-12; Saladin 2004: 50); porém, estudos recentes têm demonstrado que o ensino do grego terá surgido de forma independente noutras regiões, nomeadamente em Creta ou no Sul da Itália (Ciccollella e Silvano 2017: x-xi).

<sup>4</sup> Para Wilson (1992: 9), o sucesso do ensino de Crisoloras resulta, muito provavelmente, da simplificação do sistema bizantino, visível na redução dos paradigmas nominais, habitualmente divididos em cinquenta e seis, para os dez apresentados nos *Erotemata*. Cf. Botley (2010: 8-9). A adopção da simplificação de Crisoloras em gramáticas posteriores e a impressão dos *Erotemata* ainda no século XV comprovam a influência e a popularidade da obra (Botley 2010: 7-12; Nuti 2012).

versão quatrocentista do *Timon* atribuída a Bertoldo e de uma tradução anónima do *Charon*, ambas elaboradas no âmbito das suas aulas<sup>5</sup>, preserva-se um códice com várias obras do sofista, o Vaticanus gr. 87, que terá sido trazido de Bizâncio pelo próprio Crisoloras. O Vaticanus Urb. gr. 121, cujas notas interlineares revelam uma utilização em contexto escolar, terá sido copiado a partir do códice do mestre bizantino, sendo provável que tenha pertencido a um dos seus alunos<sup>6</sup>.

A adequação dos diálogos de Luciano à aprendizagem da língua grega levou a que este se tornasse, juntamente com Esopo e Xenofonte, um dos autores mais estudados nos níveis iniciais do ensino da língua<sup>7</sup>. Características como a eloquência, o humor ou o carácter moralizante da sua obra – a que não terão sido indiferentes nem a tradição pedagógica bizantina nem a influência de Manuel Crisoloras – revelaram-se determinantes para a disseminação do *corpus lucianum* no século XV<sup>8</sup>.

Esta tendência manteve-se, aliás, no século seguinte: considerado por Erasmo de Roterdão um dos autores mais apropriados para o estudo da língua grega<sup>9</sup>, a sua obra estava incluída em programas e colectâneas escolares e constava dos *curricula* dos

---

<sup>5</sup> Cf. Sidwell (1975: 12-16), Mattioli (1980: 39-44), Lauvergnat-Gagnière (1988: 25), Zappala (1990: 37-38) e Marsh (1998: 15-21). Apesar de não ser possível estabelecer quando foi elaborada a tradução do *Timon*, a transcrição data de 1403 (Sidwell 1975: 13). A dedicatória a Pellegrino Zambecari, que morreu em 1400, leva Botley (2010: 86) a concluir que se trata da tradução mais antiga de Luciano.

<sup>6</sup> Berti (1988: 303-304). Cf. Berti (1987: 4-13) e Marsh (1998: 13-14). O códice que pertenceu a Crisoloras revela uma organização particular, uma vez que apresenta nos primeiros fólios os diálogos de Luciano que têm como tema o mundo subterrâneo, o que reflecte, muito provavelmente, a preferência do próprio mestre bizantino. Cf. Marsh (1998: 14).

<sup>7</sup> Cf. Lauvergnat-Gagnière (1988: 27), Zappala (1990: 37-39) e Botley (2010: 85-88). Sobre a utilização da obra de Esopo e de Xenofonte no ensino da língua grega, ver, respectivamente, Botley (2010: 79-80; 91-93) e Humble (2017).

<sup>8</sup> Cf. Sidwell (1975: 85), Lauvergnat-Gagnière (1988: 62-67) e Marsh (1998: 7-10). A influência de Crisoloras em alguns dos seus alunos, nomeadamente Guarino de Verona ou Vittorino da Feltre, terá contribuído para a difusão do interesse por este autor. Cf. Thomson (1966: 75-76), Sidwell (1975: 16-19), Mattioli (1980: 44-53), Lauvergnat-Gagnière (1988: 26-28), Wilson (1992: 42-47) e Marsh (1998: 21-30).

<sup>9</sup> ASD I. 2. 115: 5-10: *Nam vera emendate loquendi facultas optime paratur, cum ex castigate loquentium colloquio conuictaque, tum ex eloquentium auctorum assidua lectione, e quibus ii primum sunt imbibendi, quorum oratio, praeterquam quod est castigatissima, argumenti quoque illecebra aliqua discentibus blandiatur. Quo quidem in genere primas tribuerim Luciano, alteras Demostheni, tertias Herodoto*. Cf. Robinson (1969: 365-366) e Rummel (2012: 50). Também Juan Luis Vives e Francisco de Vergara colocam Luciano entre os autores apropriados para o ensino do grego (López Rueda, 1973: 235, 238).



colégios jesuítas<sup>10</sup>. Além disso, vários exemplares quinhentistas conservam anotações e traduções interlineares concordantes com um uso escolar<sup>11</sup>.

Muito embora não seja possível saber ao certo quantos manuscritos se encontravam em circulação no século XV, este número seria bastante elevado: em 1425 já estariam disponíveis, em língua grega, sessenta e nove textos autênticos de Luciano; em 1459 seriam setenta e oito<sup>12</sup>. A publicação da *editio princeps* em Florença, em 1496, terá garantido a fixação do *corpus*, não obstante a limitada difusão que, aparentemente, teve<sup>13</sup>.

O principal meio de divulgação dos textos do sofista terão sido, porém, as várias traduções que circulavam em Itália e que, no final do século XV, abrangiam cinquenta e quatro das suas obras, em latim ou italiano. Estariam ainda disponíveis onze edições latinas que incluíam catorze das obras de Luciano<sup>14</sup>, entre as quais se destaca a de Simon Bevilacqua, uma compilação publicada em Veneza em 1494 que foi reimpressa sete vezes até 1520<sup>15</sup>.

---

<sup>10</sup> Segundo Hosington (2009: 194), a obra de Luciano era utilizada para ensinar grego em Winchester, Canterbury, Westminster, Eton e St. Paul; no *Libro de Reformas de la Universidad de Alcalá* aparecem, na “cátedra de menores”, os *Diálogos de los dioses* (López Rueda, 1973: 257-258); no “Mandement” que precede o Índice de Lovaina de 1546 consta como um autor adequado ao estudo da língua grega (De Bujanda II, 42-43, 401). A selecção de textos gregos publicada por Francisco de Vergara em Alcalá, em 1524, incluía o *Icaromenippus* de Luciano (López Rueda 1973: 356-357). De acordo com Jerónimo Nadal (P. Hieronymus Nadal, *De studii generalis dispositione et ordine* (1552), Lukács, vol. I, 141-142), Luciano deveria ser um dos autores lidos na classe de grego: *Duabus classibus humanitatis ac rethorices adiunguntur litterae graecae, in hanc rationem, ut in classe humanitatis primum dimidia hora detur explicandae grammaticae graecae citra dialectos, atque interpretabitur simul, statim post cognitionem primam verborum baritonorum, libellus aliquis, ut fabulae Esopi, tum aliqua oratio Isocratis, dialogus aliquis Luciani, et exercebitur grammaticae. Praeter haec nil primo anno ipsis legetur graece. At quandoquidem in ea classe biennium saltem scholastici sunt retinendi, secundo anno unam horam audient graece, ubi iam et dialectos audire, et difficiliore auctores, ut Aristophanem, Homerum et alios dialogos Luciani*. Em Portugal, os *Catalogi Lectionum Collegii Conimbricensis* e os *Catalogi Lectionum Collegii Eboensis* testemunham o recurso à obra de Luciano nas aulas de grego (Lukács, vol. 3, 580-594). Cf. Zappala (1990: 4) e Pinho (2006: 320).

<sup>11</sup> Cf. Sidwell (2017: 249-252).

<sup>12</sup> Sidwell (1975: 9). A indicação fornecida por Giovanni Aurispa que, em 1423, alegava ter trazido de Bizâncio *Luciani risus et seria omnia*, é demasiado vaga para definir o *corpus* em circulação na época (Sidwell 1975: 8). Cf. Mattioli 1980: 58. Sobre a circulação de manuscritos de Luciano em Itália no século XVI, ver especialmente Sidwell (1975: 1-10).

<sup>13</sup> Sidwell (1975: 9-10). A edição terá sido preparada por Janus Lascaris: *Luciani Samosatensis Dialogi*. [ed. Janus Lascaris]. Firenze: [Lorenzo d'Alopa], 1496. Existe um exemplar desta obra na Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP Inc. 144). Cf. Anexo I, III. 1.

<sup>14</sup> Sidwell (1975: 68). Sobre as traduções de Luciano elaboradas em Itália no século XV, ver Robinson (1969: 363-364), Sidwell (1975: 12-63), Mattioli (1980: 39-70), Lauvergnat-Gagnière (1988: 25-38), Zappala (1990: 37-45), Marsh (1998: 15-41) e Deligiannis (2017: 2-7). O estudo de Panizza (2007) aborda essencialmente as traduções vernáculas de Luciano em Itália.

<sup>15</sup> Lauvergnat-Gagnière (1988: 44-46). Além de incluir os opúsculos espúrios *Palinurus*, *Virtus Dea* e um idílio de Mosco que circulava como se fosse da autoria de Luciano, a edição de Simon Bevilacqua contém

Apesar de mostrarem claramente o interesse suscitado pelo *corpus lucianum*, estes números também revelam a necessidade que os leitores tinham de recorrer a traduções latinas para terem acesso ao texto, um facto que condicionou, em grande medida, a recepção e a leitura do autor. A preferência por um grupo de diálogos de cariz moralizante, entre os quais se encontravam os *Dialogi Mortuorum*, o *De calumnia* ou o *Charon*, e o modo de tradução que, de acordo com Mattioli, mascarava o espírito sarcástico de Luciano, favoreceram a difusão de uma imagem do sofista como filósofo moral<sup>16</sup>. Da mesma forma, ao aplicarem a sátira generalizante de Luciano a assuntos contemporâneos, as imitações quatrocentistas da autoria de Giovanni Pontano, Eneias Sívio Piccolomini ou Leon Battista Alberti e os diálogos espúrios que circulavam como parte do *corpus*, nomeadamente a *Virtus Dea* de Alberti e o *Dialogus de foelicitate et miseria* de Maffeo Vegio, também contribuíram para a propagação desta visão<sup>17</sup>.

\*

Não obstante a popularidade das versões elaboradas em Itália ao longo do século XV, a fortuna de Luciano de Samósata no Renascimento europeu é indissociável das traduções que resultaram da colaboração entre Erasmo de Roterdão e Thomas More. Publicadas pela primeira vez em 1506<sup>18</sup>, rapidamente superaram as edições precedentes em

---

ainda treze obras de Luciano, elaboradas por Poggio Bracciolini, Rinucius, Guarino de Verona, Cristoforo Persona, entre outros. Cf. Lauvergnat-Gagnière (1988: 44-46) e Deligiannis (2017: 4).

<sup>16</sup> Mattioli (1980: 46-47). Cf. Sidwell (1975: 119-139), Lauvergnat-Gagnière (1988: 64-65), Zappala (1990: 39-42), Marsh (1998: 2-5).

<sup>17</sup> Sobre esta questão, veja-se principalmente Zappala (1990: 52-81). Entre os principais imitadores de Luciano no século XV, encontram-se Leon Battista Alberti (cf. Sidwell 1975: 164-214; Mattioli 1980: 74-100; Zappala 1990: 63-71 e Marsh 1998: 55-67, 83-92, 114-129, 155-161), Giovanni Pontano (cf. Mattioli 1980: 101-112; Sidwell 1975: 247-253; Zappala 1990: 71-74 e Marsh 1998: 129-143) e Eneias Sívio Piccolomini (Zappala 1990: 56-58). Relativamente à *Virtus Dea* de Alberti e ao *Dialogus de foelicitate et miseria* ou *Palinurus* de Maffeo Vegio, ver Mattioli (1980: 148-152), Marsh (1998: 33-35; 67-71; 83-85) e Vian Herrero (2015: 170-180).

<sup>18</sup> *Luciani viri quam disertissimi compluria opuscula longe festivissima ab Erasmo Roterodamo & Thoma Moro interpretibus optimis in latinorum linguam traducta*. Paris, Josse Bade, 1506. A edição de 1514 apresenta, além das obras inicialmente presentes na edição de 1506, a tradução de *Saturnalia*, *Cronosolon*, *Epistolae Saturnales*, *De Luctu*, *Abdicatus*, *Icaromenippus*, e *De Astrologia*, elaboradas por Erasmo: *Luciani Erasmo interprete Dialogi et alia emuncta quorum quaedam recentius quaedam annos abhinc octo sunt versa, sed nuper recognita, ut indice ad finem apponendo declarabimus. Quaedam etiam a Thoma Moro latina facta et quaedam ab eodem concinnata*. [Paris]: Vaenundantur in aedibus Ascensianis [1514]. Cf. Thompson (1939: 869-877).

notoriedade e em número, tendo sido reimpressas mais de quarenta vezes até 1550, individualmente ou em conjunto<sup>19</sup>.

Se, por um lado, a valorização de Luciano como crítico da hipocrisia mostra a continuação da imagem do sofista como filósofo moral, a tradução de novos textos proporcionou que, a par desta visão, surgisse um Luciano céptico e crítico da autoridade<sup>20</sup>. De facto, os dois humanistas traduziram dois dos diálogos mais críticos da superstição e das imposturas religiosas, *Alexander seu pseudomantis* e *Philopseudes*, e os prefácios que os antecedem exploram de forma ostensível este aspecto até então pouco abordado.

A carta dedicatória de Thomas More chama a atenção para a sátira dos vícios e das superstições do *Philopseudes*:

Hunc certe fructum nobis afferet iste dialogus, ut neque magici\ s habeamus praestigiis fidem, et superstitione careamus, quae passim sub specie religionis obrepit, tum uitam ut agamus minus anxiam, minus uidelicet expauescentes tristia quae piam ac superstitiosa mendacia, quae plerunque tanta cum fide atque autoritate narrantur [...]<sup>21</sup>.

Já o prefácio de Erasmo ao *Alexander seu pseudomantis* incide, por sua vez, na crítica das *fictae religiones*:

[...] Luciani Pseudomantem misi, scelestissimum quidem illum, sed quo nemo sit utilior ad deprahendendas coarguendasque quorundam istorum imposturas, qui nunc quoque vel magicis miraculis, vel ficta religione, vel adsimulatis condonationibus aliisque id genus praestigiis, vulgo fucum facere solent<sup>22</sup>.

Muito embora predominasse a visão do sofista como um filósofo moral, e, para os primeiros helenistas italianos, Luciano fosse sobretudo um autor sério que recorria à ironia e ao humor de forma instrumental, não desaparecera, contudo, a imagem negativa herdada dos escoliastas bizantinos<sup>23</sup>. Aquele que, de acordo com a célebre descrição de

---

<sup>19</sup> Thompson (1939: 881). Sobre a importância das traduções de Erasmo e Thomas More para a difusão das obras de Luciano, cf. Robinson (1969: 365; 367-369; 1979: 95), Lauvergnat-Gagnière (1988: 46-51), Zappala (1990: 125) e Deligiannis (2017: 7-8).

<sup>20</sup> Cf. Thompson (1939: 879-881), Robinson (1969: 366-367), Lauvergnat-Gagnière (1988: 68) e Rummel (2012: 50-51).

<sup>21</sup> More (1974: 5). Veja-se ainda More (1974: 2): *Qui et superciliosis abstinentes Philosophorum praeceptis, et solutioribus Poetarum lusibus, honestissimis simul et facetissimis salibus, uitia ubique notat atque insectatur mortalium.*

<sup>22</sup> ASD I.1. 449: 6-10.

<sup>23</sup> De acordo com Zappala (1990: 3-4; 43-45), as imagens de Luciano como filósofo moral e ateu coexistiam já no século XV. Esta leitura é pouco consensual entre a crítica, pois, para Sidwell (1975: 146-153), predominava a visão de um Luciano moral e não eram comuns referências à vertente satírica da sua obra,

Lactância, não poupava nem os homens nem os deuses<sup>24</sup> era acusado de blasfêmia devido à difamação dos cristãos na *Mors Peregrini* e no *Philopatris*, uma obra que, apesar de se tratar de uma imitação bizantina, circulava como parte do *corpus*<sup>25</sup>. A inclusão da biografia retirada da *Suda*, à qual posteriormente foi acrescentada a informação de que teria renunciado à fé cristã, nas edições impressas e na *Officina* de Ravisio Textor, ajudou a consolidar esta ideia de um Luciano *atheus*, *blasphemus* e crítico da religião<sup>26</sup>.

Ao mesmo tempo, a associação que se estabeleceu com Erasmo de Roterdão, motivada não só pelo sucesso das traduções do humanista mas também pela influência dos *Dialogi* nos *Colloquia* e no *Moriae Encomium* foi determinante para a disseminação desta imagem<sup>27</sup>. De facto, a identificação entre os dois autores foi amplamente

---

nem ao seu ateísmo. Lauvergnat-Gagnière (1988: 68) e Panizza (2007: 71-76) associam a emergência da dimensão satírica das obras de Luciano à circulação das traduções de Erasmo e de Thomas More. Cf. Robinson (1979: 96): “It is difficult to establish precisely how the shift from this picture of Lucian as a second Cato to one of him as a mocking sceptic took place. In one significant respect the humanists themselves were responsible. [...] They promoted Lucian’s suitability as a school text, they pointed out the general moral instruction to be derived from his works. At the same time, however, the implicit application by More and Erasmus of certain texts to controversies involving the traditional academic and theological hierarchies put an emphasis on to Lucian’s powers of negative criticism.”

<sup>24</sup> Lactância, *Divinarum Institutionum* 1.9.8: *Lucianus, qui neque diis pepercit neque hominibus*. Cf. Ligota e Panizza (2007: 7, n. 35): “Lactantius’ remark was much quoted in fifteenth century, and gradually acquired an anti-Lucian colouring (thus losing its original point). The decisive step in that direction seems to have been taken by Galateo (Antonio de Ferraris), who associated the remark with Lucian’s (dismissive rather than derogatory) reference to Christians as naive and credulous, and to Jesus as ‘that crucified sophist’ [...] in *De morte Peregrini*, XI-XIII – ‘Lucianus, seu ille *atheos* contemptor divumque hominumque ..., quem hominum, quem deorum non laceravit? Christianam religionem spreuit...’, Epistole, XXVII, ad. Nic. Leonicensium, ed. A. Altamura, Lecce, 1959, p. 163”.

<sup>25</sup> Mattioli (1980: 21-23). Sobre a imagem de Luciano no mundo bizantino, cf. Robinson (1979: 68-81), Lauvergnat-Gagnière (1988: 12-17) e Zappala (1990: 21-31).

<sup>26</sup> Cf. *Luciani Vita, Ex Suida in Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia [...]*, Francoforti: apud Christianum Egenolphum, 1538, fl. \*6v: *Lucianus Samosatensis, cognomento blasphemus, siue maledictus, aut atheos potius appellatus, eo quod in Dialogis suis ridicula etiam illa esse proponit, quae de rebus diuinis et sacris prodita sunt. Dicitur autem uixisse temporibus Traiani Caesaris, et deinceps. Caeterum fuit ab initio causidicus, Antiochiae, quae in Syria est, sed cum ea res illi non satis ex sententia succederet, ad scribendum sese conuertit, scripsitque adeo infinita. Obiisse autem ipsum fama est a canibus laceratum, quoniam et contra ueritatem ueluti rabiem exercuisset. Nam in uita Peregrini Christianismum quoque insectatur et ipsum Christum contumeliose incessit, scelestus ille. Quare et rabiei istius poenas sufficientes in praesenti uita dedit et in futurum haeres aeterni ignis, una cum satana erit. Haec ille. Addit autem Volaterranus, nescio quo autore, cum ab initio Christianus fuisset, postea eiusdem religionis desertorem factum esse, dictitantem se nihil ex ea consecutum, quam quod nomen ipsius corruptum esset, ex Lucio Lucianus factum. Fuit autem Samosata, ut hoc quoque addamus, urbs non longe ab Euphrate sita, Comagenes metropolis, ut Plinius et Stephanus* (destaque nosso). Cf. Zappala (1990: 44).

<sup>27</sup> Sobre a influência de Luciano na obra de Erasmo, ver principalmente Robinson (1979: 168-197), Lauvergnat-Gagnière (1988: 197-234) e Marsh (1998: 146-147; 167-176). Cf. Goldhill (2002: 49-50): “[...] it was the *Praise of Folly* which made the connection between Lucian and Erasmus inevitable and scandalous, and drew Erasmus into religious battles in a blaze of publicity.” Relativamente à influência de

aproveitada pelos detractores de Erasmo, que denunciavam a excessiva admiração do humanista pelo escritor grego: Lutero acusou-o de, à semelhança de Luciano, desprezar a religião<sup>28</sup>; Sepúlveda apelidou-o de *alter Lucianus*<sup>29</sup> e Luis de Carvajal, apesar de não mencionar Luciano directamente, atribuiu-lhe a descrição que Lactâncio usara para se referir ao sofista<sup>30</sup>.

O uso do termo *lucianicus* como sinónimo de céptico, ateu ou inimigo da fé, bem como a sua utilização para qualificar outros seguidores do sofista, nomeadamente Rabelais ou Etienne Dolet<sup>31</sup>, testemunha a amplitude da condenação de um autor cuja obra não foi, todavia, objecto de censura. De facto, a maior parte do *corpus* circulava livremente e apenas a *Mors Peregrini* e o *Philopatris* foram proibidos pelo Índice de Roma de 1559<sup>32</sup>.

A disseminação desta imagem levou a que editores e tradutores de Luciano sentissem necessidade de justificar a sua preferência. Qualidades como a eloquência ou o carácter moralizante do *corpus lucianum* são assim contrapostas às acusações da biografia bizantina, revelando uma coexistência de imagens múltiplas e, por vezes, até

---

Luciano na obra de Thomas More, veja-se Thompson (1974: xxii-xxv; xlvi-lviii); Marsh (1998: 193-197) e Raisch (2016).

<sup>28</sup> Cf., e.g., *Luthers Werke*, Schriften 18. 605: *Nam hoc consilio aliud nihil facis, quam quod significas te in corde, Lucianum aut alium quendam de grege Epicuri porcum alere, qui cum ipse nihil credat esse Deum, rideat occulte omnes qui credunt et confitentur*; Schriften 18. 609: *Quid hic dicam Erasme? Totus Lucianum spiras, et inhalas mihi grandem Epicuri crapulam.*; Briefwechsel 5. 28: *Erasmus facit sese digna, quod Lutherani nomen, sub quo iam uiuit solo tutus, sic insectatur [...]* *Sed iudicet Christus hunc Atheon, Lucianumque Epicurum.*; Tischreden 3. 136-137: *Moriens prohibebo filiis meis, ne legant colloquia Erasmi. Loquitur enim sub alienis personis sententiam suam impiissimam, quae contra fidem pugnat et ecclesiam [...]. Lucianus longe melior est Erasmo, qui omnia sancta ridet sub specie sanctitatis.* Sobre esta questão, ver especialmente Lauvergnat-Gagnière (1988: 135-138), Rummel (2000: 54-60) e Rallo Gruss (2003: 134).

<sup>29</sup> Maestre Maestre (2002a: 158). Cf. Zappala (1990: 217-218) e Rummel (2000: 166, n.13).

<sup>30</sup> *Nihil enim a te prodiit quod non sit tum rixis tum detractationibus oppletus. Nam cui pepercit Erasmus: num sacrae theologiae doctoribus, quos plena bucca asinos uocat; num uiris religiosis, quos phariseos et sycophantes appellat.* (Cit. ap. Zappala 1990: 216). Cf. Rummel (2000: 52) e Coroleu (2008: 90-91).

<sup>31</sup> Rummel (2000: 51-53) e Goldhill (2002: 46-49). Sobre a crítica de Rabelais e a influência de Luciano na sua obra, ver especialmente Lauvergnat-Gagnière (1988: 235-261) e Marsh (1998: 71-75; 100-104; 176-180; 198-207).

<sup>32</sup> Apesar de o Índice de Roma de 1557 proibir, à semelhança do Índice de Veneza (De Bujanda III, 319), os *Opera Omnia* de Luciano (De Bujanda VIII, 238), em 1559 a condenação limita-se à *Mors Peregrini* e ao *Philopatris* (De Bujanda VIII, 577-578). O Índice português de 1559 (Sá, 1983a: 220) e o Índice espanhol de 1583 seguem esta proibição (De Bujanda VI, 453). Em 1581, é incluído, no Índice português, o *Lucius siue Asinus* (De Bujanda IV, 446; Sá, 1983a: 585: *Dialogus Luciani, cuius titulus Lucius siue Asinus, lasciuus quidem et obscaenus et homine christiano indignus*). Em Parma e Roma estavam ainda proibidas de circular versões em vernáculo (De Bujanda IX, 113, 383). Cf. Lauvergnat-Gagnière (1988: 184-185).

contraditórias do sofista<sup>33</sup>. O prefácio de Micilo à tradução das obras completas é, neste aspecto, particularmente ilustrativo, pois, apesar de apelidar o autor de *impius*, elogia o seu estilo, a eloquência e a *uarietas* da sua linguagem, assim como a *perfecta et solida doctrina*:

Impius Licianus est: at contra summa in eo eloquentia, summa dicendi festiuitas est, magna rerum uarietas, magna scientia, multa eaque perfecta et solida item doctrina, et seu ridendo aliorum uicia corrigit siue monendo aliquid praecipit ac docet cum summa prudentia summum quoque iudicium coniunctum<sup>34</sup>.

No final do século XVI tornavam-se cada vez mais raras as novas traduções e imitações originais de Luciano. Embora a publicação das obras completas em versão latina possa ter contribuído para o decréscimo de novas edições, as controvérsias em torno do valor do autor e da sua ortodoxia também não terão sido totalmente indiferentes.

Em última instância, a variedade de temas do *corpus lucianum* e a multiplicidade de imagens revelaram-se vitais para que a obra de Luciano continuasse a circular: ainda que a natureza satírica dos diálogos deixasse de ser valorizada como anteriormente, privilegiava-se, no entanto, a dimensão moral e a sua adequação ao ensino, mantendo-se assim o interesse pedagógico que inicialmente levava à reintrodução da obra do sofista no Ocidente<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> Cf., e. g., Juan de Aguilar Villaquirán, “Epístola dedicatoria del autor a N. su amigo, en que le declara su motivo, y el que lleva Luciano en sus diálogos” (cit. apud Grigoriadu, 2010: 170): “Pero no falta a quien le parece que pudiera esta versión excusarse, por decir que no es decente cosa sacar a luz a un autor tan impío y detestable como Luciano, y que fuera mejor para callado y escondido que para publicado, por que con su lección no se ofendan las piadosas orejas, y que no se han de sembrar males, pues ellos se vienen sin buscarlos. ¿Quién ignora -dicen- que éste fue un “burlador de los dioses y de los hombres” y, tantos siglos ha, condenado, de común voto, por apóstata y atea? [...] Impía es la persona de Luciano -yo lo confieso-, pero en su libro se hallará, con gran perfección, elocuencia, donaire, gracia, variedad de cosas, mucha y grande ciencia, maciza dotrina, prontitud y facilidad; riéndose reprehende los vicios de otros, en apodar y morder es agro y pungente, agudamente juega de los vocablos, es sin frenillo para decir lisas las verdades y, con eso, sabe mezclar burlas con veras.”

<sup>34</sup> *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia* [...], Francoforti: apud Christianum Egenolphum, 1538, fl. \*3. Sobre a edição de Micilo e a sua importância para a difusão das obras de Luciano, ver, principalmente, Lauvergnat-Gagnière (1988: 51-53), Zappala (1990: 127-132) e Redondo Pérez (2016: 89-91).

<sup>35</sup> Lauvergnat-Gagnière (1988: 56-57, 285-312) e Panizza (2007: 110-111). Cf. Zappala (1990: 164): “The result of Catholic proscription of school dialogues such as the *Colloquia* of Erasmus and the *Paedologia* of Mosellanus is to give Lucian’s works a greater importance during the second half of the sixteenth century. In the Louvain *Index* of 1546, Lucian is mentioned specifically as appropriate material for Greek students [...]. Since Greek translation was nearly always done with a good Latin ancilla, Lucian’s works provide a double model of good Greek prose in the original and good Latin prose in translation.”

## 2. O ACESSO À OBRA DE LUCIANO EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI

Além da versão latina do *De Dea Syria* de Jorge Coelho, publicada em 1540<sup>1</sup>, e da colectânea *Aliquot Opuscula Graeca ex variis autoribus collecta*, que contém uma edição dos *Dialogi Marini*<sup>2</sup>, não se conhecem outras edições ou traduções de Luciano elaboradas em Portugal no século XVI. Um número tão exíguo não significa, todavia, um desinteresse pela obra do sofista, pois a transmissão do *corpus lucianum* dependeu quase exclusivamente de livros importados. A incapacidade de competir financeiramente com a grande quantidade de livros disponibilizados pelos prelos de Itália, França ou do Norte da Europa, aliada ao bilinguismo da sociedade portuguesa de quinhentos – que tornava obsoleta a duplicação de traduções – explica, em parte, a inexistência de outros exemplares<sup>3</sup>.

Tal situação não se limita, na verdade, à obra de Luciano. Tendo em conta que a imprensa, bastante dependente da Coroa e da Igreja, pouco contribuiu para a disseminação dos autores greco-latinos, a importação de livros revelou-se essencial para possibilitar o acesso a espécies humanísticas<sup>4</sup>. A generalização, no reinado de D. Manuel I, do favor régio

---

<sup>1</sup> A tradução do *De Dea Syria* foi publicada por Jorge Coelho em 1540, na colectânea *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana Liber Vnus. Item nōnulla alia quae in fine uidebis*. [Lisboa]: apud Ludouicum Rothorigium, 1540, fls. 32v-59r. Sobre a tradução, ver Parte II, “Jorge Coelho e a Tradução do *De Dea Syria*”.

<sup>2</sup> Os *Aliquot Opuscula Graeca ex variis autoribus collecta*, publicados em Coimbra, em 1583, terão sido elaborados com o provável intuito de providenciar material de apoio ao ensino da língua grega. Além de uma edição dos *Dialogi Marini* de Luciano de Samósata (fls. c5v-d), a colectânea contém ainda obras de autores como Demóstenes, Teócrito ou Esopo, entre outros. Cf. Anexo I, I. 22.

<sup>3</sup> Cf. Fernández Sánchez e Sabio Pinilla (2003: 217-218). De acordo com Fernández Sánchez e Sabio Pinilla (2003: 217-219), o bilinguismo da sociedade portuguesa explica a reduzida quantidade de traduções publicadas nos séculos XVI e XVII, restrita, na sua maioria, a obras de carácter espiritual. De facto, a existência de traduções de Cícero em castelhano terá levado Duarte de Resende a rejeitar a publicação de versões que elaborou: “Quis somente que viessem por mim à luz estes de Amicitia, Paradoxas e Sonho de Cipião, por saber que até agora não foram em linguagem alguma trasladados; o que não fiz em os de Officiis e Senectute, porque, estando para os mandar com estes imprimir, os vi impressos tirados em linguagem Castelhana: e posto que minha trasladação para os nossos pudera ser proveitosa, contudo me temi de parecer supérflua e (o que pior fora) tomada da outra”. (Cit. apud Sabio Pinilla e Fernández Sánchez, 1998: 58). Cf. Meirinhos (2006: 21-24) e Tarrío (2015: 28-29).

<sup>4</sup> A tipografia em Portugal encontrava-se, no início, bastante dependente do mecenato real e das fortunas particulares, o que explica o desenvolvimento da tipografia judaica e também o papel da Coroa e da Igreja (Anselmo, 1987: 365-366). Cf. Norton (1978: 493-494). A análise de Wilkinson (2010: xix-xx) mostra um claro predomínio de obras de cariz religioso, que correspondem a quase metade da produção total, na tipografia ibérica do final do século XV e do século XVI. Sobre a tipografia portuguesa no século XVI, ver especialmente Anselmo (1988: 464-465), Buescu (1999), Saraiva (2000: 130-138), Curto (2001-2002: 14-17) e Tarrío (2015: 28-29).

concedido por D. Afonso V a três livreiros franceses, isentando-os do pagamento de impostos sobre a comercialização de obras importadas, testemunha a relevância destes exemplares<sup>5</sup> e, como assinalou Tarrío, explica a superioridade do número de livreiros relativamente ao número de impressores existentes no início do século<sup>6</sup>.

A presença de livros originários dos prelos europeus encontra-se profusamente atestada em epístolas, catálogos e inventários da época. É sabido que as traduções de Leonardo Bruni já eram conhecidas em Portugal no século XV – Alonso de Cartagena descobriu-as, por intermédio de Velasco Rodrigues, quando estava na corte portuguesa<sup>7</sup> – e que os autores clássicos eram a base da educação humanística na corte<sup>8</sup>. A correspondência de Cataldo Sículo é testemunho do recurso a livros importados de Itália<sup>9</sup> e a livraria do rei D. Manuel I – da qual apenas se conhece uma parte – regista a presença de algumas obras de autores greco-latinos, nomeadamente Plutarco, Ovídio e Vergílio<sup>10</sup>.

No âmbito das bibliotecas de instituições religiosas, é revelador o livro de despesas do Convento de Santa Cruz de Coimbra relativo aos anos de 1534 e 1535, que regista a

---

<sup>5</sup> Cf. Viterbo (1901: 6-7): “este privilégio, porém, não se limitou ao reinado de D. Affonso V, e vêmo-lo como que transformado em lei geral nos reinados seguintes. Em 10 de janeiro de 1511, D. Manuel assignava em Almeirim uma carta em que havia por bem que os livros de fôrma, que viessem de fóra a estes reinos, não pagassem dizima nem sisa. Em virtude d’este privilegio, D. Sebastião mandava, em 26 de janeiro de 1565, e em alvará igualmente passado em Almeirim, que os livros de que fazia menção o livreiro João de Molina, na sua petição, ficassem isentos de pagamentos de direitos.”. Cf. transcrição do documento apud Viterbo (1901: 6) e Sá (1983a: 53, doc. III). Sobre a comercialização de livros estrangeiros em Portugal, ver principalmente Matos (1988: 515-521, 525) e Tarrío (2000: 151- 165; 2005: 180-181; 2015: 21-23).

<sup>6</sup> Tarrío (2000: 164).

<sup>7</sup> Cf. Nascimento (2012: 775) e González Rolán, Moreno Hernández e Saquero Suárez-Somonte (2000: 89-90).

<sup>8</sup> Sobre a leitura dos clássicos greco-latinos na corte de D. Manuel I, ver especialmente Tarrío (2000: 41-67; 2015: 23-27).

<sup>9</sup> Cf. Cataldo Parísio Sículo, *Ep. I. 169: Nam in ea quam ex Italia nuper secum attulit bibliotheca, multas suauissimas, quibus in hac Lusitania caremus, degustauimus dapes.* (Tradução de Ramalho e Silva ap. Cataldo 2010: 543: “Com efeito, na biblioteca que há pouco trouxe consigo de Itália, saboreámos muitas iguarias dulcíssimas de que carecemos nesta Lusitânia”. Sobre esta questão, ver especialmente Ramalho (1969: 41) e Tarrío (2015: 24).

<sup>10</sup> Cf., e. g., o item 30 “Dous livros da vyda de Putraco” (Viterbo 1901: 15), que Tarrío (2015: 25) identifica com a tradução castelhana de Fernández de Palencia; item 44 “Outro liuro pequeno de Vergilio”; e o item 45 “Outro tall d’ Ouuydio” (Viterbo 1901: 17). O inventário da Livraria de D. Manuel I foi publicado por Sousa Viterbo (1901: 11-23). No entanto, apenas estão contabilizadas cerca de 107 obras de uma colecção que se pressupõe bastante superior (Buescu, 2016: 56). Para o estudioso, o exíguo número de livros deve-se às irregularidades do inventário, a possíveis doações régias e às partilhas que o rei realizara em 1517, depois da morte da rainha D. Maria (Viterbo, 1901: 10). Cf. Buescu (2016: 52-57), Crespo (2011: 628-642) e Tarrío (2015: 25-26).



importação de obras para atender às necessidades dos estudantes<sup>11</sup>, ou o inventário da Livraria da Sé de Braga, realizado em 1612<sup>12</sup>, em que constam cerca de trinta e cinco livros provenientes de tipografias estrangeiras, sobretudo de Veneza<sup>13</sup>. Mesmo as livrarias particulares, como a que terá pertencido a João Rodrigues de Sá de Meneses<sup>14</sup> ou a de D. Teodósio I, Duque de Bragança<sup>15</sup>, continham uma elevada quantidade de impressos publicados em prelos europeus.

O estudo da considerável presença de livros estrangeiros nas bibliotecas portuguesas quinhentistas revela-se, assim, essencial para compreender o processo de transmissão dos

---

<sup>11</sup> Está registada a aquisição de várias obras de Erasmo, possivelmente para uso escolar: dezanove exemplares do *De duplici copia verborum* e quatro do *De octo orationis partium constructione* (Coelho 1984: 392-393). De acordo com Santos (1996: 130-131), o livro de despesa de Tomar evidencia uma tendência semelhante: entre 1533 e 1537, está registada a aquisição de diversos livros, entre os quais “20 Artes de Nebrija, pequenas”, “4 Boécios de Lião e 4 de Veneza”, “12 Catões; 2 Virgílios; um Terêncio; umas Epístolas; um vocabulário de Nebrija”, “12 Ovídios; 2 Virgílios, 12 Cópias de Erasmo”, “um Ovídio, um Terêncio; quatro Cópias de Erasmo; quatro *De componendis epistolis* (*De conscribendis epistolis*, de Erasmo).”

<sup>12</sup> O inventário dos bens da Sé de Braga, que se encontra actualmente na Biblioteca Pública de Braga e foi transcrito por Costa (1984: 79-100), foi elaborado por ordem do arcebispo D. Frei Aleixo de Meneses, em 1602. A livraria seria constituída, na sua maioria, por espécies anteriores a 1500: além de conter cerca de noventa e oito manuscritos medievais de pergaminho, as edições impressas que possuem data foram publicadas entre 1472 e 1496 e não há indicações de doações dos sucessores de D. Diogo de Sousa, que, em 1515, terá construído uma nova livraria e terá doado quinze livros litúrgicos ao Coro e à Sacristia da Sé (Costa, 1984: 15-16).

<sup>13</sup> Nem todas as espécies mencionadas no inventário comportam um registo de data e local de edição, nomeadamente a tradução de Tucídides da autoria de Lorenzo Valla (nº. 17) ou uma obra de Filelfo (nº. 268), pelo que o número apresentado não deve ser considerado definitivo. Cf. Matos (1995: 818-831) para uma análise dos livros provenientes de Itália que se encontram inventariados no registo dos bens da Sé de Braga e que terão pertencido a D. Jorge da Costa, arcebispo de Braga.

<sup>14</sup> Segundo Tarrío (2005: 167), a biblioteca de João Rodrigues de Sá de Meneses foi, possivelmente, uma das mais notáveis bibliotecas portuguesas da época de Quinhentos, com uma grande colecção de códices provenientes de Itália. Devido à ausência de um registo das suas posses, a obra do autor é tomada como um testemunho dos livros que terá possuído ou, pelo menos, consultado e revela um vasto acesso a autores latinos, gregos – cujas obras seriam, provavelmente, lidas em traduções latinas, tendo em conta que Sá de Meneses não tinha um conhecimento muito aprofundado da língua grega – e ainda humanistas, entre os quais Erasmo e Eneias Sílvio Piccolomini (Tarrío, 2005: 168-169).

<sup>15</sup> O inventário de D. Teodósio terá sido elaborado depois da sua morte, entre 1564 e 1567, por Álvaro Baía (Nascimento, 2012: 710). A livraria foi deixada em testamento ao seu filho “para que ande em morgado, e não dará ele nem os seus sucessores da dita Livraria nenhuns livros, sem comprarem outros como eles, que metam na dita Livraria” (cit. apud Matos, 1956: 25). A riqueza e variedade da colecção está patente na própria organização do inventário, disposto segundo “livros italianos de diversas matérias”, “livros em francês”, “livros em alemão”, entre outros, e ainda 25 espécies de obras gregas (Nascimento, 2012: 722). Apesar da dificuldade de identificação da proveniência de uma grande parte dos livros elencados, Buescu aponta para uma predominância de espécies originárias dos prelos de Sevilha, Salamanca, Paris, Lyon, Lovaina, Antuérpia, Basileia, Roma e Veneza (Buescu, 2016: 207). Cf. Buescu (2016: 93-204).

*auctores* ao longo dos séculos XV e XVI<sup>16</sup>. No caso da literatura grega, esta análise afigura-se ainda mais peremptória, uma vez que seriam poucos os leitores com competências linguísticas necessárias para ler o texto grego original sem a mediação de uma tradução latina.

A identificação de possíveis leitores de Luciano em Portugal no século XVI é, assim, possível a partir da análise de fontes indirectas que comprovam a circulação de livros do autor, nomeadamente inventários, ou catálogos bibliográficos, e ainda – de forma menos fiável, na medida em que é difícil delimitar a sua circulação em termos cronológicos e geográficos – os livros quinhentistas actualmente preservados nas bibliotecas portuguesas.

### ***Edições de Luciano em espólios portugueses quinhentistas***

A reduzida quantidade de catálogos e inventários quinhentistas preservados, que, em muitos casos, carecem ainda de um estudo criterioso, aliada a uma descrição pouco exacta dos livros, impede um conhecimento preciso do património bibliográfico português do século XVI<sup>17</sup>. Além disso, como lembram Luana Giurgevich e Henrique Leitão, os inventários reportam-se a um momento particular, não providenciando, portanto, um relato fidedigno da composição da biblioteca em toda a sua existência<sup>18</sup>.

Os dados que possuímos sobre a presença de obras de Luciano de Samósata em livrarias quinhentistas não pode, portanto, ser considerado revelador da totalidade de exemplares que terá circulado em Portugal no século XVI. E, ainda que os inventários forneçam dados essenciais para tentar reconstruir uma visão geral, é necessário ter em conta que muitos dos

---

<sup>16</sup> Sobre este assunto, veja-se especialmente o livro *Leitores dos Clássicos* (Tarrío, 2015), que tem como objectivo, nas palavras da autora, “valorizar e explicar uma parte do espólio específico das edições humanísticas impressas em prelos italianos, na sua qualidade de peças chave na introdução da educação humanística em Portugal.” (Tarrío, 2015: 9).

<sup>17</sup> Muito embora, nos últimos anos, o estudo do património bibliográfico português tenha conhecido um desenvolvimento notório, devido à inventariação de livros antigos preservados em bibliotecas portuguesas (cf., e. g., o catálogo *Os Incunábulo das Bibliotecas Portuguesas* (Mendes, 1995), *Leitores dos Clássicos* (Tarrío, 2015), ou os vários catálogos publicados pela Biblioteca Nacional, nomeadamente o *Catálogo da Coleção de Códices; O Livro Científico dos Séculos XV e XVI. Ciências Físico-Matemáticas na Biblioteca Nacional*, entre outros) e a estudos sobre bibliotecas específicas, como a análise, elaborada por Buescu (2016), da livraria de D. Teodósio I, há ainda diversos inventários e catálogos que carecem de um estudo mais profundo. A publicação da *Clavis Bibliothecarum*, essencial para conhecer a constituição das bibliotecas das instituições religiosas portuguesas, constituiu um avanço notável neste campo. Contudo, a disponibilização em linha dos catálogos ainda está a decorrer, pelo que as conclusões apresentadas neste capítulo se afiguram lacunares, estando dependentes de uma investigação que se encontra em curso.

<sup>18</sup> Giurgevich e Leitão (2016: xix).

catálogos são omissos quanto ao título, data ou local de impressão dos livros elencados, não provendo, assim, mais do que meras pistas para a reconstituição de um quadro que se afigura extremamente fragmentado.

Este é o caso do inventário da biblioteca de Frei Diogo de Murça, ordenado por D. Catarina em 1561<sup>19</sup>, que contém a mais antiga informação sobre a presença de obras de Luciano de Samósata em Portugal. Entre os 268 livros que pertenceriam aos Jerónimos e se encontravam na posse do reitor da Universidade, posteriormente entregues ao Colégio de S. Jerónimo de Coimbra, encontrava-se um “item lucyanus” e um “item luceanus”<sup>20</sup>. A concisão das entradas não nos permite saber quais as obras elencadas, nem se se tratava de edições gregas ou de traduções latinas<sup>21</sup>.

O mesmo problema ocorre no inventário dos trinta e um livros que se encontravam em casa do Doutor Marcos Romeiro, que teriam pertencido ao Príncipe D. Duarte e que, tendo sido doados ao Colégio de S. Jerónimo após a sua morte, em 1543, passaram para a posse de Frei Diogo de Murça<sup>22</sup>. Há uma referência a um “item lucianus”, sem qualquer outro indício que nos permita identificar a obra. O príncipe também teria possuído uma colecção da obra

---

<sup>19</sup> A importância deste inventário é evidente, tendo em conta o relevante papel que Frei Diogo de Murça desempenhou na cultura portuguesa de quinhentos, primeiro como fundador do colégio em Penha Longa, depois como dirigente do colégio do Mosteiro de Santa Marinha da Costa e, mais tarde, como Reitor da Universidade de Coimbra (1543-1555). Os livros colacionados deixam entrever os interesses do prior, que terá frequentado a Universidade de Paris e a Faculdade de Teologia de Lovaina. Sobre o inventário, ver sobretudo Sá (1977c) e Carvalho (1982) e *CB: INV.* 128-130.

<sup>20</sup> Sá (1977c: 20). Cf. números 41, “item lucyano”, e 221, “item luceanus”. Este inventário encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e foi publicado por Moreira de Sá (1977c: 34-42). Existe uma cópia mais recente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, do séc. XVIII, publicada por Joaquim de Carvalho (1982: 601-635), em que não se faz a distinção entre as obras existentes na arca e as restantes.

<sup>21</sup> Carvalho (1982: 606) identifica o item 41 com a edição de Basileia de 1521, que contém as traduções latinas de Erasmo e de Thomas More. Existe, na Biblioteca Pública Municipal do Porto, um exemplar da *editio princeps* de Luciano com a marca de posse «Da livraria do collegio de São Hierº». A ausência de mais indicações não nos permite, todavia, estabelecer qualquer ligação com o inventário dos livros de Frei Diogo de Murça.

<sup>22</sup> Sá (1977c: 43-45). Sobre D. Duarte, filho bastardo de D. João III, veja-se Buescu (2012: 174-180). O inventário dos trinta e um livros que estavam em casa do Doutor Marcos Romeiro encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Colégio de S. Jerónimo de Coimbra*, vol. III, fls. 409-411, e foi publicado por Sá (1977c: 43-45).

de Erasmo em seis tomos, possivelmente uma parte dos *Opera Omnia* publicados em nove tomos em 1540, cujo primeiro volume contém as traduções de Luciano<sup>23</sup>.

À semelhança da livraria do Reitor da Universidade de Coimbra, o inventário da biblioteca de D. Teodósio também regista alguns volumes dos *Diálogos*. A concisão do inventário não nos permite, novamente, identificar as obras mencionadas, mas a organização do catálogo de acordo com idiomas informa-nos que possuía livros do sofista em grego e em tradução. O registo com o n.º 4131, que corresponde a uma obra de Luciano, encontra-se na secção de “Grego”; já o n.º 4867, da secção de “Liuros profanos em romance”, seria uma tradução, que Buescu identifica com a versão castelhana publicada em León em 1550<sup>24</sup>. A terceira e última referência a obras de Luciano no inventário encontra-se no n.º 4252, na secção de “Oratoria e Gramatica”, sem qualquer indicação de língua.

A utilização da obra de Luciano no ensino da língua grega pode explicar a presença destes exemplares nos catálogos referidos. De facto, a amplitude da biblioteca de D. Teodósio, que excederia a livraria régia e, provavelmente, as bibliotecas universitárias, justifica-se pela intenção de fundar em Vila Viçosa uma Universidade de Estudos Gerais, para a qual obteve autorização papal em 1560, mas que terá acabado por não se realizar devido à sua morte prematura<sup>25</sup>. De qualquer modo, Diogo Sigeu esteve ao serviço da Casa de Bragança desde 1530 e terá ensinado grego e hebraico a D. Teodósio, tendo ainda preparado D. Jaime, D. Fulgêncio e D. Teotónio para os seus estudos em Coimbra. Em 1550, quando foi convidado para ensinar moços fidalgos na Corte de D. João III, foi substituído por Juan Fernández, que fora professor em Alcalá de Henares, Salamanca e Santa Cruz de Coimbra<sup>26</sup>.

Da mesma forma, o registo de exemplares de obras do sofista nas bibliotecas de D. Duarte e de Frei Diogo de Murça – esta última pertença dos Jerónimos – também parece

---

<sup>23</sup> Cf. item 16: “Item opera erasmi em seis tomos”, que talvez seja uma parte dos *Omnia Opera Des. Erasmi Roterodami quaeunque ipse autor pro suis agnouit, noum tomis distincta, quorum elenchum sequentes Catalogi perspicue exhibebunt*. Basileae: Froben et Episcopius, 1540.

<sup>24</sup> Buescu (2012: 156). A obra seria *Dialogos de Luciano, no menos ingeniosos que provechosos, traducidos de griego en lengua castellana*. León, 1550. Muito embora esta tradução tenha sido atribuída a Francisco de Enzinas, não há certezas quanto à sua autoria. Cf. Redondo Pérez (2016: 99, n. 86).

<sup>25</sup> Nascimento (2012: 708-711). A morte do duque, em 1563, terá impedido o prosseguimento do projecto de fundação de uma universidade em Vila Viçosa, ainda que tenha deixado em testamento o desejo de que o seu filho o continuasse (Buescu, 2016: 279).

<sup>26</sup> Matos (1956: 17-18; 1988: 535-537).

apontar para a leitura deste autor no Colégio de Santa Marinha da Costa, ainda que não haja certezas quanto ao ensino da língua grega<sup>27</sup>. Os estatutos do colégio, redigidos por Frei Diogo de Murça, são hoje desconhecidos e, se, por um lado, a constituição da biblioteca sugere a possibilidade de ter havido estudos de grego, por outro, o silêncio de Clenardo, que terá visitado o colégio em 1537, parece indicar o contrário<sup>28</sup>.

Mais certa é a utilização da obra de Luciano no meio escolar conimbricense. Muito embora não se conheça a constituição da biblioteca de Vicente Fabrício, professor de grego da Universidade, a denúncia inquisitorial de 1552, da autoria de Jorge de Sá, indica que provavelmente também possuiria um exemplar dos *Dialogi*<sup>29</sup>. Não obstante o carácter pouco fidedigno da declaração, que surgiu no contexto da perseguição aos professores do Colégio das Artes, e que, tanto quanto sabemos, não resultou em nenhuma condenação, é significativo o facto de associar a obra de Luciano ao mestre de grego<sup>30</sup>.

Também na livraria de Francisco Rodrigues Fróis, professor de teologia em Coimbra, se encontram exemplares de Luciano<sup>31</sup>. A coincidência de nomes pode indicar uma repetição

---

<sup>27</sup> A funcionar, desde 1535, no São Jerónimo da Penha Longa, o colégio da Ordem dos Jerónimos foi transferido em 1537 para o Mosteiro de Santa Marinha da Costa e foi incorporado na Universidade de Coimbra em 1553. Havia estudos de Gramática, Artes e Teologia e, desde 1540, o colégio podia conceder os graus de bacharel, licenciado, mestre e doutor (Sousa, 2016: 166). Cf. Ramos (1997: 382) e Carvalho (2011: 230-232).

<sup>28</sup> Cf. Cerejeira (1974: 309): “A ceia foi ao pé de Guimarães, com o padre Diogo de Murça prior do Mosteiro da Costa, que nos fez as honras da casa [...]. Tem ele no mosteiro três lentes, todos portugueses. Conheceis já a Bordalo: este ensina ética logo depois de almoço e a física antes do meio dia; outro ensina a dialéctica; e o terceiro, sob cujas bandeiras milita um filho del-rei, de quatorze anos de idade, a retórica. Assisti às lições de todos eles, e quiseram-me parecer bastante desempoeirados no seu assunto.” Numa carta a D. João III, Frei Diogo de Murça apenas refere que o método de ensino das artes era semelhante ao dos colégios de Paris (Sá, 1982: 169-172). Sobre esta questão, ver Silva Dias (1969: 477), Brásio (1981), Rodrigues (1981: 588-589) e Sá (1981, 1982).

<sup>29</sup> Cf. Brandão (1944: 343): “m<sup>te</sup> fabricyo lemt de grego na vniversitydade de coimbra soya de leuar a vera seys annõs & mays quãdo hya ouuyr misa aos domyngos & festas os dialogos de lucyano [...]”. Para uma análise desta denúncia, ver Parte II, Cap. 5, “Os Lucianos de Jorge Coelho”.

<sup>30</sup> Pelo conselho de reitores e lentes de latinidade que se reuniu a 30 de Setembro de 1546, sabemos que Vicente Fabrício gozaria de alguma liberdade na escolha dos autores e textos usados nas suas aulas: “[...] loguo no mesmo cõselho se detriminou / q mestre fabricio lese os liuros & cousas q lhe pa/ recesẽ cõforme os ouuintes q tiuer [...]” (cit. ap. Brandão, 1941: 295). Curiosamente, no *Rol de Livros da Livraria* da Universidade de Coimbra (BNP PBA. 95; acessível a partir do microfilme F. 2041, fls. 61r-64r) não consta nenhum exemplar de Luciano e o Catálogo da Biblioteca do Real Colégio de São Pedro de Coimbra apenas refere uma edição de 1743 (item 2130: *Luciani Opera* [...]. Amstelodami: Jacobus Wetstenius, 1743). Sobre a livraria da Universidade de Coimbra, ver Castro (1997b: 884-894).

<sup>31</sup> Cf. item 154 e item 171: “Luceani Opera hum volume de octavo pasta preta”. A livraria de Francisco Rodrigues Fróis foi inventariada depois da sua morte, em 1 de Janeiro de 1605, pela Santa Casa da Misericórdia

da mesma entrada ou então uma edição das obras de Luciano em dois volumes. Ainda que se possa referir também a uma tradução latina – o idioma do livro não é especificado – a presença de um léxico greco-latino na mesma biblioteca sugere um contacto com a língua grega, possivelmente do tempo em que estudou Artes em Évora<sup>32</sup>.

Depois da sua morte, a livraria de Fróis foi incorporada na Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, o que significa que estes exemplares continuaram, provavelmente, a ser manuseados. Esta situação não é, de forma alguma, singular: como advertem Giurgevich e Leitão<sup>33</sup>, os acervos monásticos eram ampliados pela integração de livros provenientes de bibliotecas particulares, não só por meio de legados e doações mas também por morte dos seus membros ou entrada de noviços<sup>34</sup>.

O estudo dos catálogos e inventários das livrarias eclesiásticas revela-se, portanto, mais impreciso do que o das bibliotecas particulares. Não só a maior parte dos registos data do século XVIII e XIX – decorrente do esforço de inventariação ligado à expulsão da Companhia de Jesus, em 1759, e à extinção das ordens religiosas masculinas, em 1834<sup>35</sup> – como nem sempre oferece seguramente o conteúdo da biblioteca, pois, de acordo com Giurgevitch e Leitão, a amplitude das bibliotecas constituía frequentemente um obstáculo à sua inventariação completa<sup>36</sup>. Além disso, muitas vezes não oferecem uma descrição exacta

---

de Coimbra, que herdou os seus bens (Oliveira, 1964: 16-18). O inventário foi publicado por Oliveira (1964: 19-49).

<sup>32</sup> Item 56: “Lexicon graeco latino hum vollume de pasta velha atamarada”. Cf. também item 105: “Plutarcus Paralela & vita hum volume em pregaminho”; item 147: “Plutarcus Morallia em pasta de octavo dous tomos” e item 182: “Xenofonte hum volume em pasta dourada de octavo”. De acordo com Oliveira (1964: 7-9), Fróis obteve os graus de bacharel, licenciado e mestre em Évora. Frequentou ainda Teologia, antes de ser transferido para Coimbra.

<sup>33</sup> Giurgevich e Leitão (2016: xxx-xxxi).

<sup>34</sup> Cf. Giurgevich e Leitão (2016: xxx-xxxii). A incorporação de obras de particulares é visível, por exemplo, numa edição parisiense dos *Opera* de Luciano que apresenta, como primeiro possuidor, Gaspar Barreiros (*Luciani Samosatensis Opera* [...]. Parisiis: Michael Vascosanus, 1546; BNP 1617 P.; Anexo I, III. 18) ou num exemplar da *Querela pacis* que terá sido oferecido ao Mosteiro de Santa Cruz por “Petrus homo frade” (*Querela pacis undique gentium eiectae profligataeque* [...]. Basileae: apud Io. Frobenium, 1517; BNP Res. 5438 P.; Anexo I, III. 5).

<sup>35</sup> Giurgevich e Leitão (2016: xxxvi).

<sup>36</sup> Cf. Giurgevich e Leitão (2016: xxii): “A grandeza de algumas livrarias foi por vezes o primeiro obstáculo para a feitura de novos inventários [...]. O estado de conservação das livrarias era o segundo facto que podia levar ao abandono do esforço inventariante. Por vezes, o desarrumo em que se encontravam ou a inexistência de anteriores inventários foi a razão invocada para inibir o árduo trabalho de catalogação”.

dos exemplares, sendo omissos quanto ao editor, data, local de impressão<sup>37</sup>. Mesmo quando o registo é completo, não é possível estabelecer a data em que o exemplar foi adquirido, podendo ser um testemunho da circulação de Luciano posterior ao século XVI.

A referência aos *Opera* de Luciano de Samósata no *Index Librorum* do Convento de São Bento de Xabregas<sup>38</sup> é um claro exemplo desta situação. Escrito em 1763, este catálogo não oferece qualquer indicação quanto à data ou ao editor do livro. Existe, na Biblioteca Nacional, um exemplar da tradução latina do *De Veris Narrationibus* de 1493 que ostenta, na folha de rosto, uma marca de posse que o liga a este convento<sup>39</sup>, mas a concisão do catálogo não permite confirmar se se trata da mesma obra.

O catálogo do Colégio de São Paulo de Évora da Ordem de São Paulo Primeiro Eremita da Congregação da Serra de Ossa, que data de 1816, coloca a mesma dificuldade: a referência aos *Opera* de Luciano não inclui a data nem o local de publicação, não nos permitindo, portanto, situar a obra no tempo de modo a perceber se terá sido lida no século XVI<sup>40</sup>. Já o *Catalogo dos Livros da Livraria do Real Mosteiro de S. Vicente de Fora dividido em Sette Classes*, elaborado no século XVIII, indica, na secção de “Bellas Letras”, um exemplar publicado em Frankfurt em 1538, que corresponde à tradução das obras completas de Luciano editada por Micilo<sup>41</sup>. Está registada, no Inventário do Mosteiro de Nossa Senhora de

---

<sup>37</sup> Cf. Giurgevich e Leitão (2016: xxv).

<sup>38</sup> CB: INV. 241. Cf. *Index Librorum qui in Bibliotheca Canonorum Secularium Domus S. Joannis Evangelistae de Xabregas asservantur juxta Nomina* (BNP COD. 7437), fl. 63v e 260v (Disponível em: <http://purl.pt/27248/3/#/4>): “Lucianus Samosatensis”. Sobre o Convento de São Bento de Xabregas (ou São João Evangelista de Xabregas) cf. Sousa (2016: 245-246).

<sup>39</sup> *De Veris narrationibus* / [trad. lat.] Lilius Castellanus. Bibliothecae historicae libri VI/ Diodorus Siculus; [trad. lat.] Poggius Bracciolinus. Venezia: Filippo Pinzi, 1493. BNP INC. 864. Cf. Anexo I. III.1.

<sup>40</sup> CB: INV. 146. Cf. *Catalogo de todos os L.os da Livraria do Collegio do Nosso P.e S. Paulo, Primeiro Eremita, da Cidade de Evora*, pp. 95 e 414 (BPE Cód. CLXVII/2-19). Disponível em: <http://purl.pt/27277/3/#/0>. Sobre o Mosteiro de São Paulo da Serra de Ossa, da Ordem de São Paulo Primeiro Eremita, ver Sousa (2016: 137-139).

<sup>41</sup> CB: INV. 219. (BNP COD. 7405; Disponível em: <http://purl.pt/27207/3/#/4>), fl. 125: “Luciani Samosatensis Opera”. Existe um exemplar desta obra na Biblioteca Nacional de Portugal, mas sem indicação de pertença. Cf. Anexo I, III. 12: *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, e graeco sermone in latinum partim iam olim diuersis autoribus, partim nunc demum per Iacobum Micyllum quaecunque reliqua fuere translata*. Francoforti, apud Christianum Egenophum, 1538 (BNP P. 91 A). Com a nota «Da Livraria de Sam Vicente» existe, na BNP (RES 2030/1 V.), o exemplar *Luciani Samosatensis Saturnalia, Cronosolon, id est, Saturnalium legum lator, Epistolae Saturnales, De luctu, Abdicatus, Icaromenippus seu Hypernephelus... Des. Erasmo Roterod. interprete. Aliquot item ex eodem commentarij, Thoma Moro interprete, quos in calce huius libri numeratos reperies*. Basileae: apud Io. Frob., 1521. (Anexo I. III. 9). O *Catalogo dos Livros que se achão nesta primera Caza da Bibliotheca de S. Vicente* (CB: INV 220; BNP COD. 7402. Disponível em:

Belém, da Ordem dos Jerónimos, à qual pertenceu Frei Diogo de Murça<sup>42</sup>, uma outra edição desta mesma obra, datada de 1543<sup>43</sup>.

Encontram-se, ainda, quatro exemplares de Luciano na Casa Professa de São Roque de Lisboa, da Companhia de Jesus, um dos quais incorporado no *Catalogus Authorum, qui sunt in D. Rochi Bibliotheca*<sup>44</sup> e os restantes no *Catalogo da Biblioteca de S. Roque*<sup>45</sup>.

A presença de uma obra de Luciano de Samósata no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que, segundo Luana Giurgevich e Henrique Leitão, terá sido uma das maiores bibliotecas eclesiásticas portuguesas<sup>46</sup>, chega-nos pelo recibo dos livros que Alexandre Herculano terá levado para a Biblioteca Municipal do Porto, depois da extinção do convento, em 1834<sup>47</sup>.

---

<http://purl.pt/27206/3/#/0> regista ainda, no fl. 181, um exemplar *Luciani Samosatensis Opera graece et Latine cum nova versione auctore Joanne Fere....* Amsterdani, 1743 e a “Traduction de Perrot a Paris 1733”, que corresponderá à obra *Lucien, de la Traduction de N. Perrot, Sr. D' Ablancourt*, Paris, 1733.

<sup>42</sup> *Lucianus Samosatensis Opera, quo quidem extant, omnia, e graeco sermone in latinum, partim jam olim diuersis auctoribus, partim nunc demum per Jacobum Micyllum [...]*. Francoforti, 1543. Cf. CB: INV. 133 *Bibliothecae Regalis et Exempti Monasterii Sanctae Mariae de Bethlem Ex Instituto S. P. N. Hieronymi Doctoris Maximi Catalogus Secundum Auctorum Cognomina*, fl. 379 (BNP COD. 8382). Disponível em: <http://purl.pt/27265/3/#/10>. Este Inventário regista ainda uma tradução portuguesa do século XVIII: *Discursos de L. S. vertidos da Lingoa Grega, na Portuguesa, por Fr. Jacinto de S. Miguel, Monge de S. Jeronymo de Portugal, Professo do Real Mosteiro de Belem [...]* Lisboa, 1739. Além dos exemplares de Luciano, este mosteiro também possuía *lexica* greco-latinos. Cf. *Bibliothecae Regalis et Exempti Monasterii Sanctae Mariae de Bethlem [...]*, fl. 361: *Graeco-Latinum cui ad summum locupletato [...]*. Basileae: ex officina valderiana, 1541; fl. 362: *Lexicon et Thesaurus intus Lexicon Graecum et Institutiones Linguae Graeca [...]* ab Andrea Masco [...]. Antuerpia, 1572.

<sup>43</sup> *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia [...]* Francoforti: Apud Christianum Egenolphum Hadamarium, 1543.

<sup>44</sup> Cf. CB: INV. 701, *Catalogus Authorum, qui sunt in D. Rochi Bibliotheca*, fl. 41r (BNP COD. 7393; Disponível em: <http://purl.pt/27229/3/#/4>): “Lucianus Samosatensis Eius opera graece”.

<sup>45</sup> Cf. CB: INV. 705, *Catálogo da Biblioteca de S. Roque*, fl. 39r (BNP COD. 7431; Disponível em: <http://purl.pt/27232/3/#/6>): “Luciani Samosatensis Opera, Jacobo Micyllo Desid.Erasmo. Phel. Melantone Interpr. fol. francof. 1538” que claramente corresponde à tradução das obras completas de Luciano, publicada em 1538; fl. 53r: “Luciani Samosatensis opera graece tantum 8. Basileae 1555 2 tom.”, uma edição de Jacob Parcus (*Luciani [...] opera, quae quidem extant omnia in duos tomos concine digesta [...]*, Bale, Jacob Parcus, 1555) e fl. 191v: “Luciani Dialogi Deorum 8 gr. lat. sine frontispicio”. O Inventário regista ainda, no fl. 39r, um exemplar dos *Opera Omnia* de Erasmo publicada em 1540 em Basileia (“Erasmi Desiderii opera omnia fol. 9 tom. Basileae 1540. N<sup>a</sup> faltam os tom 4<sup>o</sup> e 8<sup>o</sup>”), que contém, no primeiro tomo, as traduções latinas de Luciano elaboradas pelo humanista de Roterdão.

<sup>46</sup> Giurgevich e Leitão (2016: xxi). Cf. Gomes (2000: 413).

<sup>47</sup> Cf. Madahil (1942: 511): “Lucianus opera um folio”. Sobre a livraria de Santa Cruz de Coimbra e os seus inventários, cf. CB: INV. 185-200, Carvalho (1921) e Madahil (1942). De acordo com Cabral e Meireles (1998: 14), foram levados de Santa Cruz de Coimbra para a Biblioteca do Porto “cerca de 170 volumes manuscritos e, pelo menos, uns 1800 volumes impressos”. Relativamente à fundação da biblioteca do Porto, cujos fundos iniciais foram constituídos não só a partir de livrarias das casas religiosas extintas mas também de livrarias particulares sequestradas a miguelistas, veja-se Cabral e Meireles (1998: 3-16).



Por fim, o Catálogo da Biblioteca do Liceu Normal de D. João III, em Coimbra, cujo fundo antigo terá sido constituído a partir de livros provenientes de bibliotecas de instituições religiosas<sup>48</sup>, regista dois exemplares quinhentistas de Luciano, hoje preservados na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra<sup>49</sup>.

À semelhança do que ocorria com as bibliotecas particulares, também no caso das livrarias das casas religiosas parece existir uma certa conexão entre o ensino e a existência de obras de Luciano. De facto, Vicente Fabrício começou a ensinar grego em Santa Cruz de Coimbra no ano lectivo de 1534-1535, antes da transferência da Universidade<sup>50</sup>, e sabe-se que havia estudos de gramática no Mosteiro de S. Vicente de Fora, também da Ordem dos Cónegos Regrantes de Sto. Agostinho, pelo menos desde o século XIII<sup>51</sup>.

A utilização da obra de Luciano no ensino da língua grega em colégios jesuítas – a que pertencia o Colégio de S. Roque – encontra-se bem documentada. Não só Jerónimo Nadal estipulara que os *Diálogos* de Luciano deveriam ser lidos na aula de grego – norma aliás confirmada pelos *Catalogi Lectionum Collegii Conimbricensis* e pelos *Catalogi Lectionum Collegii Eborensis*<sup>52</sup> – como a edição dos *Aliquot opuscula graeca ex uariis auctoribus collecta*, publicados em Coimbra em 1583<sup>53</sup>, ostenta o monograma da Companhia de Jesus, o que sugere que terá sido elaborada com o provável intuito de proporcionar um material de apoio para o ensino da língua grega nos colégios da Companhia.

---

<sup>48</sup> Cf. Guerra e Carvalho (1969: v): “este fundo reuniu livros e manuscritos provenientes ambos do depósito das bibliotecas pertencentes às congregações religiosas, extintas em 1834, e resultou de uma proposta que em 1863 um professor fizera no sentido de se pedir superiormente autorização para aí se irem recolher obras necessárias à biblioteca do Liceu da cidade”.

<sup>49</sup> O item 186 corresponde ao exemplar *Luciani Opuscula Erasmo Roterodamo Interprete*, Florentiae: per haeredes Philippi Iuntiae, 1519 (UC Biblioteca Geral J.F.-46-6-8; cf. Anexo I, III. 8) e o item 187 a *Λουκιανου Συμποσιον η Λαπιθαι*. Lovanii, ex officina Rutgeri Rescii, ac Ioannis Sturnii, 1530. (UC Biblioteca Geral J.F.-Gabinete-1-2; cf. Anexo I, I. 4).

<sup>50</sup> Santos (1996: 126); Pinho (2006: 307). Entre os livros elencados, constam várias edições gregas de autores como Flávio Josefo, Pausânias, Heródoto, Xenofonte, Tucídides, Aristófanes ou Homero (Madahil, 1942: 492-515).

<sup>51</sup> Gomes (2000: 404). Em 1538, o Mosteiro de São Vicente de Fora de Lisboa foi alvo de uma reforma por Frei Brás de Barros e, em 1540, passou para a Congregação de Santa Cruz de Coimbra (Sousa, 2016: 203).

<sup>52</sup> Cf. Parte I. cap. 1, n. 10.

<sup>53</sup> Cf. Anexo I, I. 22.

### *Exemplares quinhentistas de Luciano preservados em bibliotecas portuguesas*

À semelhança do estudo dos inventários e catálogos do século XVI, a análise dos exemplares quinhentistas preservados em bibliotecas portuguesas afigura-se essencial para compreender a amplitude da circulação da obra de Luciano em Portugal. Embora possa dar-se o caso de as obras inseridas no Anexo I serem coincidentes com as dos catálogos analisados no capítulo anterior, muitos dos exemplares estão ausentes de listas bibliográficas antigas, justificando-se assim um estudo complementar.

A delimitação das circunstâncias ligadas à circulação destas obras afigura-se, porém, mais dúbia: a quase inexistência total de marcas de posse contribui, em grande medida, para o desconhecimento do período em que terão circulado em Portugal e mesmo os casos que ostentam indicações de antigos possuidores não estão isentos de problemas.

Todavia, a análise das anotações marginais fornece informações valiosas sobre o modo como Luciano era lido no Renascimento e permite-nos, em muitos dos casos, recuperar os vestígios de uma leitura anónima que nem sempre a produção de obras originais revela.

Várias circunstâncias obrigam, todavia, a uma avaliação cuidada dos materiais preservados. Entre as numerosas vicissitudes que desgastaram o património português, além dos normais extravios de livros, inclusivamente durante o período da Monarquia Dual<sup>54</sup>, deve ainda registar-se a destruição de bibliotecas na sequência do terramoto de 1755 e a significativa perda bibliográfica decorrente da extinção dos conventos, em 1834<sup>55</sup>. Por fim, a existência de fundos que ainda carecem de uma catalogação criteriosa impede uma análise

---

<sup>54</sup> Cf. Viterbo (1901: 2, n.1): “D. Felipe II levou por certo livros illuminados de Portugal para Hespanha. É expressivo o seguinte trecho de uma carta que elle escrevia de Lisboa, a suas filhas, em data de 4 de junho de 1582: «decidse lo así y que tengo libros de pinturas que llebarle quando baya”. O caso mais célebre é provavelmente o da pilhagem da biblioteca de Fernão de Mascarenhas, bispo de Faro, em 1596, pelo Conde de Essex. Posteriormente doada a Sir. Thomas Bodley, foi a base da Bodleian Library, em Oxford (cf. Earle 2014: 24).

<sup>55</sup> Cf. Giurgevich e Leitão (2016: xxii-xxv). O extravio de livros das bibliotecas resultou não apenas da extinção dos conventos mas dos próprios religiosos “que consideravam a intromissão estatal um roubo puro e simples, e tentavam levar consigo o que lhes pertencia” (Giurgevich e Leitão, 2016: xxiii). Muitas destas obras foram também leiloadas em hasta pública (Giurgevich e Leitão, 2016: xxiii). No *Catálogo de livros antigos latinos pertencentes às Livrarias dos Extinctos Conventos da Provincia da Extremadura para vender em hasta Publica por Ordem do Governo Portuguez Theologia. Direito canonico e civil e outras materias* é referido um exemplar de Luciano de Samósata (“1419. Luciani Samosatensis Opera e graeco in latinum translata. Francofurti, apud Christian. Egenolphum, sine anno, in-fol.”), cuja proveniência é desconhecida.

exaustiva, dependente, em muitos dos casos, de catálogos manuscritos ou de um acesso presencial a secções restritas<sup>56</sup>.

Neste sentido, os títulos que constam do Anexo I, que se limita à análise dos fundos da Biblioteca Nacional de Portugal, da Biblioteca Pública de Évora, da Biblioteca Municipal Pública do Porto e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, não devem ser considerados reveladores da totalidade de espécies existentes no século XVI, mas apenas uma pequena parte de um património que se pressupõe bastante superior<sup>57</sup>.

\*

A análise dos fundos bibliográficos das bibliotecas portuguesas afigura-se bastante mais profícua do que o estudo dos inventários quinhentistas e o número de exemplares encontrados numa primeira fase de pesquisa indica-nos que a difusão da obra de Luciano de Samósata em Portugal não terá sido tão diminuta como poderiam sugerir os catálogos analisados<sup>58</sup>.

Em geral, as marcas de posse e as anotações marginais indicam que o *corpus lucianum* terá tido uma considerável utilização em âmbito escolar, à semelhança do que ocorria noutros países europeus. De facto, sete dos exemplares coligidos ostentam uma marca de proveniência que os liga ao *studium* coimbrão<sup>59</sup> e alguns apresentam inclusivamente a indicação do curso em que seriam lidos: é particularmente interessante o caso do exemplar da BNP 502 P., uma versão latina de Erasmo e de Thomas More em que se lê, na folha de

---

<sup>56</sup> É o caso, por exemplo, da secção dos Reservados da Biblioteca Pública de Évora, em que se encontram as obras do século XVI que ainda se encontram em processo de catalogação. Deixamos aqui o nosso agradecimento a Vicente Fino, pela reveladora visita guiada a esta secção.

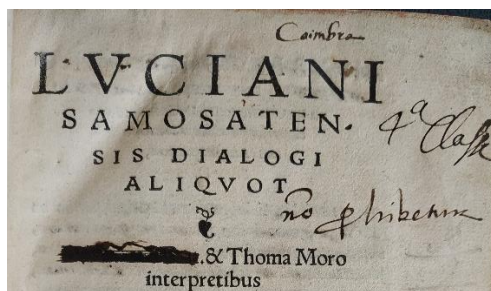
<sup>57</sup> Também foi consultado o *Catálogo das Obras Impressas nos Sécs. XV e XVI* da Biblioteca Central da Marinha, onde não consta nenhuma obra de Luciano.

<sup>58</sup> Para uma lista dos exemplares encontrados, cf. Anexo I.

<sup>59</sup> Cf. Anexo I, I. 2 (BNP RES 2592 A.); I. 3 (BNP RES 1090 P.); I. 6 e I. 16 (UC Biblioteca Geral R-9-37); III. 13 (BNP 502 P.) e III. 20 (BNP P. 90 A.). Os exemplares catalogados em I. 4 (UC Biblioteca Geral J.F.-Gabinete-1-2) e III. 5 (BNP RES 5438 P.) ostentam uma indicação de pertença ao Mosteiro de Santa Cruz.

rosto, «Coimbra 4ª classe; non prohibetur»<sup>60</sup>. Já a tradução das obras completas, publicada em 1549 (BNP P. 90 A.), ostenta a marca «Coimbra 6ª Classe; Non Prohibetur»<sup>61</sup>.

Muito embora se trate de traduções latinas, é possível que fossem usadas como apoio ao estudo da obra de Luciano em grego.



*Luciani Samosatensis Dialogi Aliquot, D. Erasmo Rot. et Thoma Moro interpretibus.*  
Lugduni: apud Seb. Gryphium, 1535. BNP 502 P.

O exemplar UC Biblioteca Geral R-9-37, que contém diversas obras de Luciano, exhibe, na folha de rosto da *Ioannis Chrisostomi Homilia* e das *Demosthenis epistolae*, a anotação “do mestre de grego”<sup>62</sup>. Apesar de a ausência de uma marca de posse mais específica não permitir saber a que professor se refere, parece apontar para o recurso à obra do sofista no ensino da língua grega<sup>63</sup>.

À semelhança das marcas de posse e de proveniência, também os *marginalia* de algumas das espécies analisadas sugerem o recurso à obra de Luciano em meios escolares. O caso

<sup>60</sup> *Luciani Samosatensis Dialogi Aliquot, D. Erasmo Rot. et Thoma Moro interpretibus.* Lugduni: apud Seb. Gryphium, 1535. BNP 502 P. Cf. Anexo I, III.13.

<sup>61</sup> *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, e graeco sermone in latinum, partim iam olim diuersis authoribus, partim nunc per Iacobum Micylum, translata.* Lugduni, Apud Ioannem Frellonium, 1549 (BNP P. 90 A.) Cf. Anexo I, III. 20.

<sup>62</sup> Cf. Anexo I, I. 5, 6, 16. Existe, na BNP, uma edição de Sófocles com a mesma anotação: *Sophoclis Tragoediae VII. In quibus praeter multa menda sublata, carminum omnium ratio hactenus obscurior, nunc apertior proditor.* Antuerpiae: ex officina Christophori Plantini, 1579 (BNP L. 4877).

<sup>63</sup> Cf. também a edição parisiense de 1538 dos *Luciani Samosatensis Dialogi sex quos sequens pagella recenset* (BNP 509//1 P.; Anexo I, I. 18), que apresenta na folha de rosto a indicação de ter pertencido ao Colégio jesuíta de Angra do Heroísmo, fundado em 1570: «Do colegio de Angra». Sobre a fundação do Colégio em Angra, veja-se o manuscrito transcrito por Carita (1987: 411-418). Cf. Rosa (2015: 86).

mais expressivo é um exemplar dos *Dialogi Mortuorum* publicado em Lovaina em 1539, que preserva, nos primeiros fólhos, uma tradução interlinear do *Diálogo de Diógenes e Pólux*<sup>64</sup>.

O carácter pouco desenvolvido da tradução e a preservação da estrutura do texto grego, derivada de uma versão literal, indica precisamente o seu uso num ambiente escolar, num nível inicial de estudo da língua grega<sup>65</sup>. Note-se como, nas primeiras linhas, o leitor procura colocar sobre as palavras gregas a sua correspondente latina, dando origem a uma disposição invulgar:

Pollux        mando        tibi  
ὦ Πόλυδευκες, ἐντέλλομαί σοι,  
  
postea quam citissime subieris tuum  
ἐπειδὴν τάχιστα ἀνέλθῃς, σὸν  
  
enim est reor        resurgere        cras        si  
γάρ ἐστι οἶμαι τὸ ἀναβιῶναι αὔριον, ἥν  
  
alibi uideris Menipum canem  
που ἴδῃς Μένιππον τὸν κύνα [...]<sup>66</sup>

Trata-se, no entanto, de uma tradução incompleta, possivelmente devido a dificuldades inerentes ao estudo da língua grega, e que contém inclusivamente algumas imprecisões, concordante com uma primeira abordagem ao texto<sup>67</sup>.

Apesar da importância deste exemplar, não é possível vinculá-lo ao estudo da língua grega em Portugal. As anotações encontram-se todas em latim e a marca de posse – rasurada

---

<sup>64</sup> *Luciani Mortuorum Dialogi*. Lovanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1539. BNP Res. 5570. Cf. Anexo I, I. 19. O exemplar ostenta uma marca de posse rasurada que se afigura posterior às anotações preservadas nos primeiros fólhos. É possível que seja contemporânea das restantes traduções marginais, cuja letra é diferente e é certamente posterior ao século XVI.

<sup>65</sup> Sobre esta prática, ver especialmente Sidwell (2017: 249-252). Veja-se também o exemplar *Luciani Samosatensis Mortuorum Dialogi XXX*. Parisiis: apud Christianum Wechelum, 1549 (Anexo I, I. 20), que ostenta várias traduções marginais, embora sejam posteriores ao século XVI. Agradecemos a Marcello Moscone a sua ajuda na análise e datação dos diferentes tipos de mãos destes exemplares.

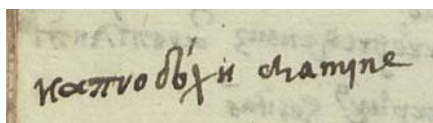
<sup>66</sup> Cf. Anexo II para uma transcrição completa.

<sup>67</sup> Note-se que, mesmo quando procura fazer uma tradução seguida, salta algumas palavras ou expressões, como o caso de ἐν ἀμφιβόλῳ (fl. 1v) ou διηγησάμενος (fl. 3r). De facto, coloca a expressão latina *equalitatem honoris* sobre o particípio grego, o que indica incompreensão do texto ou, pelo menos, falta de atenção. Também não se compreende a abreviatura *sol.* na frase *non difficile neque haec dicere ad pulchros sol. et fortibus*, tradução literal de οὐ χαλεπὸν οὐδὲ ταῦτα εἰπεῖν πρὸς τοὺς καλοὺς καὶ ἰσχυροὺς (fl. 3r). Cf. Anexo II.

– é posterior, possivelmente da época das restantes anotações que se encontram no final do volume e que se afiguram mais tardias.

### ***O reservado 2592 A. da Biblioteca Nacional***

Neste contexto, o reservado 2592 A., uma edição aldina de 1522 dos *Opera Omnia* de Luciano<sup>68</sup>, assume uma importância ímpar. Muito embora a maioria das anotações se encontre em latim e em grego, existe uma anotação em português que, em conjunto com a marca de proveniência de Coimbra que se lê no canto superior direito da folha de rosto, permite pressupor a sua circulação em Portugal:



*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 278: 30-31.*

Além da tradução do termo *καπνοδόχη* por “chamine”, outro dado que ajuda a delimitar o âmbito de circulação é a mutilação do texto *Lucius siue Asinus*, que foi proibido unicamente pelo *Index* português de 1581<sup>69</sup>.

Este exemplar não apresenta uma tradução interlinear – como o impresso mencionado anteriormente – e aparenta ter sido manuseado por um leitor com mais competências linguísticas, todavia, oferece algumas informações relevantes sobre o acesso ao texto grego e os instrumentos utilizados no estudo da língua, entre finais do século XVI e inícios do século XVII.

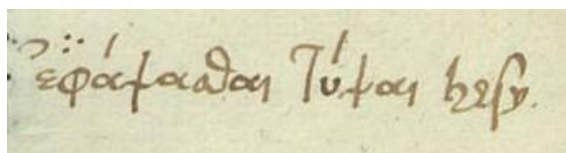
\*

---

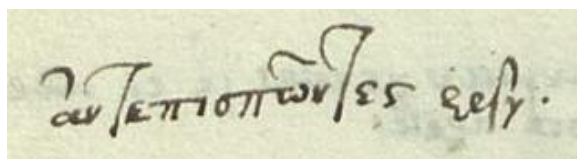
<sup>68</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera quorum index est in proximis paginis. Images Philostrati. Eiusdem Heroica. Eiusdem uitae Sophistarum. Images Iunioris Philostrati. Descriptiones Callistrati.* Venetiis: in aedibus Aldi et Andreae Saulani Soceri, 1522 (BNP RES 2592 A). Cf. Anexo I, I. 2.

<sup>69</sup> De Bujanda IV, 446; Sá (1983a: 585). Além do *Lucius uel Asinus* (pp. 242-266), também os textos *De morte Peregrini* (pp. 386-392) e *Philopatris* (pp. 436-440), proibidos desde 1559 (Sá, 1983a: 220), apresentam marcas de censura. O exemplar apresenta ainda alguns problemas na numeração das páginas.

Apesar da relativa uniformidade do *cursus*, é possível constatar algumas diferenças que sugerem a possível existência de dois anotadores do exemplar, presumivelmente do século XVI ou do início do séc. XVII<sup>70</sup>. A tinta usada, assim como a comparação da abreviatura *hesy.* (por *Hesychius*), são algumas das razões que nos levam a considerar esta hipótese:

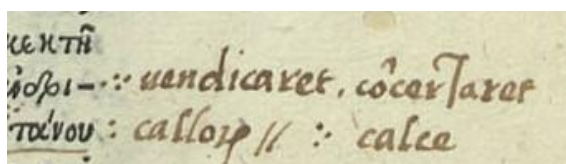


*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 1: 27*

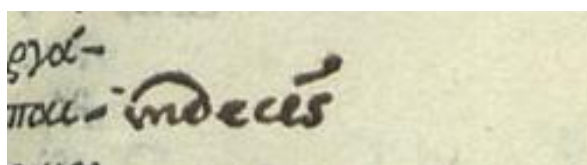


*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 410: 42*

Note-se ainda a diferença existente entre as letras ‘n’ e ‘d’:



*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 1: 45*



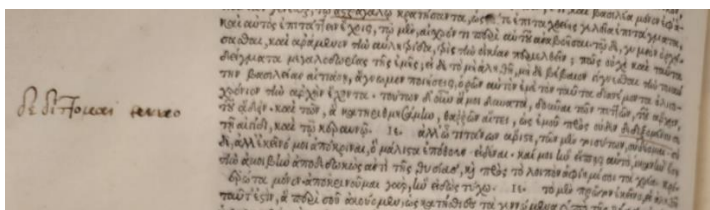
*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 415: 49*

<sup>70</sup> Agradecemos, uma vez mais, a Marcello Moscone, especialista em paleografia, a análise das mãos e a tentativa aproximada de datação. Há uma outra mão, mais tardia, responsável pela inscrição “Morra o Padre” que se lê nas páginas 353 e 499. Trata-se, porém, de comentários soltos, não relacionados com as restantes anotações à obra de Luciano.

A reduzida quantidade de notas que poderiam ser atribuídas a um leitor 1, responsável pelas anotações às primeiras páginas do exemplar, mais precisamente ao *Somnium siue Vita Luciani*<sup>71</sup>, *Halcyon*<sup>72</sup> e ao *Venerus et Cupidinis dialogus*<sup>73</sup>, impede, no entanto, uma comparação mais exaustiva, não sendo portanto possível concluir, sem uma investigação mais profunda, se realmente se trata de comentadores diferentes.

\*

À excepção da versão de *καπνοδόχη* por um termo português, todas as outras anotações se encontram em latim e em grego. Em grego verifica-se sobretudo a identificação do nominativo dos substantivos ou, no caso dos verbos, da primeira pessoa singular do Presente do Indicativo. Veja-se, por exemplo, o comentário aos *Saturnalia*, em que *δεδίττομαι* identifica a forma *δεδιζόμενον*, que se encontra sublinhada, e é traduzido por *terreo*<sup>74</sup>:



*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 398, l. 10

No caso do *De Dea Syria*, escrito em jónico, também é apresentada a forma ática, como ilustra a nota *τράχες*, aposta a *τρηχές*<sup>75</sup>:

<sup>71</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., pp. 1-2.

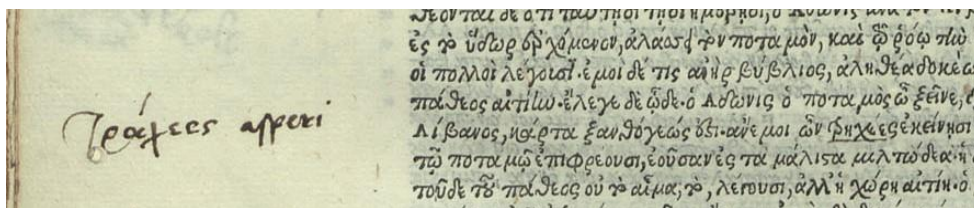
<sup>72</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 21.

<sup>73</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 31.

<sup>74</sup> Cf. *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 167: 23; 277: 1-2; 402: 33; 404: 37; 405: 18; 406: 7; 407: 6; 419: 17; 420: 22; 430: 7, 9, 11, 13, 31; 431: 23.

<sup>75</sup> Veja-se ainda a nota *σφραγίς*, aposta a *σφρηγίδι* (*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 412: 52) e *οὐν*, que explica a forma jónica *ὄν* (*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 417: 34).





*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 412, l. 37.

Ainda que em número reduzido, algumas das anotações consistem em variantes textuais que pressupõem um confronto com outras edições do texto de Luciano. Logo no início do texto grego do *Abdicatus*, lê-se a emenda de οὐκ ἔθ' ὅς para οὐκ ἔθ' ὥς<sup>76</sup> que já se encontrava na edição aldina de 1503<sup>77</sup> e também consta das edições de 1535<sup>78</sup>, 1545<sup>79</sup> e 1563<sup>80</sup>. Da

<sup>76</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 165: 13.

<sup>77</sup> Cf. Lucianus, *Tade Enestin En Tōde Tōi Bibliō. Loukianou...* = *Que hoc Volvmine Continentur Luciani opera; Icones Philostrati; Eiusdem Heroica; Eiusdem uitæ Sophistarum. Icones Iunioris Philostrati*. Venetiis: in ædib. Aldi, 1503, p. 165.

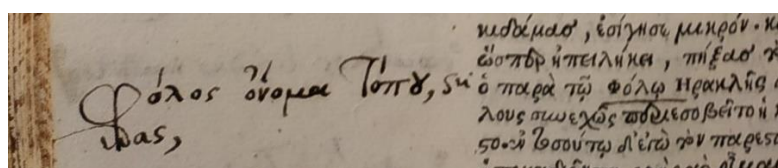
<sup>78</sup> *Luciani Samosatensis Pars Prima*. Haganoae: P. Brubach, 1535, p. 669.

<sup>79</sup> *Luciani Samosatensis opera, quae Graece extant, omnia, in duos tomos concinne digesta, quorum elenchos suo quaque loco reperies* [...]. Basileae: [Michael Isengrin], 1545, vol. 1, p. 569.

<sup>80</sup> *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, Graeca et Latine, in quatuor tomos diuisa* [...]. Basileae: per Henricum Petri, 1563, p. 465. Veja-se também a emenda de τοῖς οἰκίας para τῆς οἰκίας (*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 165: 21), como se lê na edição de 1545 (*Luciani Samosatensis opera, quae Graece extant, omnia, in duos tomos concinne digesta, quorum elenchos suo quaque loco reperies* [...]. Basileae: [Michael Isengrin], 1545, vol. 1, p. 570) e de 1563 (*Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, Graeca et Latine, in quatuor tomos diuisa* [...]. Basileae: per Henricum Petri, 1563, vol. 1, p. 466); de τῆς νόμοις (*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 169: 6) para τοῖς νόμοις, que já se lia na edição aldina de 1503 (Cf. Lucianus, *Tade Enestin En Tōde Tōi Bibliō. Loukianou...* = *Que hoc Volvmine Continentur Luciani opera; Icones Philostrati; Eiusdem Heroica; Eiusdem uitæ Sophistarum. Icones Iunioris Philostrati*. Venetiis: in ædib. Aldi, 1503, p. 169) e que é recuperada pela edição de Haguenau de 1535 (*Luciani Samosatensis Pars Prima*. Haganoae: P. Brubach, 1535, p. 685), de Basileia de 1545 (*Luciani Samosatensis opera, quae Graece extant, omnia, in duos tomos concinne digesta, quorum elenchos suo quaque loco reperies* [...]. Basileae: [Michael Isengrin], 1545, vol. 1, p. 583) e de 1563 (*Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, Graeca et Latine, in quatuor tomos diuisa* [...]. Basileae: per Henricum Petri, 1563, vol. 1, p. 489); de χύσεως para χρήσεως (*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 169: 41), concordante com a edição de 1503 (Cf. Lucianus, *Tade Enestin En Tōde Tōi Bibliō. Loukianou...* = *Que hoc Volvmine Continentur Luciani opera; Icones Philostrati; Eiusdem Heroica; Eiusdem uitæ Sophistarum. Icones Iunioris Philostrati*. Venetiis: in ædib. Aldi, 1503, p. 169) e com as edições de Haguenau (*Luciani Samosatensis Pars Prima*. Haganoae: P. Brubach, 1535, p. 688), de Basileia, de 1545 (*Luciani Samosatensis opera, quae Graece extant, omnia, in duos tomos concinne digesta, quorum elenchos suo quaque loco reperies* [...]. Basileae: [Michael Isengrin], 1545, vol. 1, p. 586) e de 1563 (*Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, Graeca et Latine, in quatuor tomos diuisa* [...]. Basileae: per Henricum Petri, 1563, vol. 1, p. 493). Já a eliminação do ν final de γράφειν (*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 169: 42) não consta de nenhuma das edições quinhentistas consultadas e resultou, possivelmente, da incompreensão do texto grego.

mesma forma, a lição *όποϊον*, que corrige *όποϊων* no texto do *De Luctu*<sup>81</sup>, é concordante com as edições de 1503<sup>82</sup>, 1526<sup>83</sup>, 1535<sup>84</sup>, 1545<sup>85</sup> e 1563<sup>86</sup>; já a nota *ώστε*, aposta a *όστε*, no *Tritonis, Amymones et Neptuni dialogus*<sup>87</sup>, recupera a lição da edição aldina de 1503<sup>88</sup>, que também se lê nas edições de 1535<sup>89</sup>, 1545<sup>90</sup> e 1563<sup>91</sup>.

As restantes anotações em grego derivam maioritariamente do confronto com a *Suda* e o *Lexicon* de Hesíquio, sendo que, na maior parte dos casos, a fonte é explicitada pelo próprio leitor<sup>92</sup>. Numa nota ao texto do *Symposium*, lê-se que a informação *Φόλος όνομα τόπου* foi retirada da *Suda*<sup>93</sup>:



*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 406: 51

<sup>81</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 309: 1.

<sup>82</sup> Lucianus, *Tade Enestin En Tōde Tōi Bibliō. Loukianou... = Que hoc Volymine Continentur Luciani opera; Icones Philostrati; Eiusdem Heroica; Eiusdem uitæ Sophistarum. Icones Iunioris Philostrati*. Venetiis: in ædib. Aldi, 1503, p. 309.

<sup>83</sup> *Luciani Samosatensis Pars secunda*. Haganoae: per Iohan Secer, 1526, p. 430.

<sup>84</sup> *Luciani Samosatensis Pars Secunda*. Haganoae: P. Brubach, 1535, p. 427.

<sup>85</sup> *Luciani Samosatensis opera, quae Graece extant, omnia, in duos tomos concinne digesta, quorum elenchos suo quenque loco reperies* [...]. Basileae: [Michael Isengrin], 1545, vol. 2, p. 328.

<sup>86</sup> *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, Graeca et Latine, in quatuor tomos diuisa* [...]. Basileae: per Henricum Petri, 1563, vol. 1, p. 766.

<sup>87</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 41: 14.

<sup>88</sup> Lucianus, *Tade Enestin En Tōde Tōi Bibliō. Loukianou... = Que hoc Volymine Continentur Luciani opera; Icones Philostrati; Eiusdem Heroica; Eiusdem uitæ Sophistarum. Icones Iunioris Philostrati*. Venetiis: in ædib. Aldi, 1503, p. 41.

<sup>89</sup> *Luciani Samosatensis Pars Prima*. Haganoae: P. Brubach, 1535, p. 160.

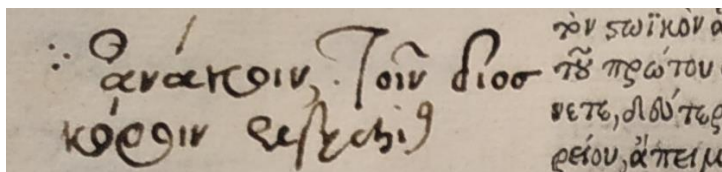
<sup>90</sup> *Luciani Samosatensis opera, quae Graece extant, omnia, in duos tomos concinne digesta, quorum elenchos suo quenque loco reperies* [...]. Basileae: [Michael Isengrin], 1545, vol. 1, p. 135.

<sup>91</sup> *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, Graeca et Latine, in quatuor tomos diuisa* [...]. Basileae: per Henricum Petri, 1563, vol. 3, p. 26.

<sup>92</sup> Sobre a leitura da *Suda* e do *Lexicon* de Hesíquio nos séculos XV e XVI, ver Botley (2010: 55-57; 61).

<sup>93</sup> Cf. *Suidas*. Basileae: apud Hieronymum Frobenium et Nicolaum Episcopium, 1544, *ad. loc.*: *Φόλος. όνομα τόπου*. Veja-se também *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 410: 15-16 e p. 411: 8.

A indicação da fonte também ocorre nas referências retiradas do *Lexicon* de Hesíquio, aliás mais frequentes tendo em conta a sua importância para a compreensão de palavras ou expressões menos comuns, como o caso de *ἀνάκοιν*<sup>94</sup>:



*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 406: 7*

A maioria das anotações marginais consiste, todavia, na versão latina de termos gregos. Muito embora seja possível identificar, nos *lexica* greco-latinos quinhentistas, a proveniência de alguns dos significados, a quantidade de dicionários disponíveis na segunda metade do século XVI e a *contaminatio* entre estas obras não nos permite perceber com clareza quais os *instrumenta* utilizados pelo leitor ou leitores da edição aldina<sup>95</sup>.

De facto, o significado apostro a *καθάρσις*, que se lê na margem do *Cronosolon* (*sacra et porcelli quibus Athenis conciones atque theatra lustrabantur*)<sup>96</sup>, encontra-se no dicionário publicado por Walder, em 1539<sup>97</sup>, assim como no *Lexicon Graeco-Latinum* de Frellon (1550)<sup>98</sup>, no *Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae* (1554)<sup>99</sup>, no *Lexicon Graecum et Institutiones Linguae Graecae* (1572)<sup>100</sup> e no dicionário publicado por Henricpetri em 1584<sup>101</sup>. O mesmo ocorre com a tradução de *ἔναυλος* por *insonans* e

<sup>94</sup> Cf. *Hesychii Dictionarium*. Florentiae: per hæredes Philippi Iuntæ, 1520, *ad. loc.*: Ἀνακας τοὺς Διοσκόρους. ἢ ἄνωθεν, ἐν ὕψει, ἄνω. Veja-se também *Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 1: 27; p. 410: 7-8, 10, 15-16, 33, 42, 46, 48, p. 412: 1, p. 417: 15, p. 420: 7 e p. 427: 36.*

<sup>95</sup> Sobre os dicionários, léxicos e vocabulários greco-latinos do século XV e do início do século XVI, veja-se sobretudo Botley (2010: 61-70).

<sup>96</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 400: 8.*

<sup>97</sup> Cf. *Lexicon Graecum*. Basileae: apud Ioannem Walder, 1539, *ad. loc.*

<sup>98</sup> Cf. *Lexicon Graeco-Latinum [...]. Lugduni: apud Ioannem Frellonium, 1550, ad. loc.*

<sup>99</sup> *Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae [...]. Geneva: Ex Officina Ioannis Crispini, 1554, ad. loc.*

<sup>100</sup> Cf. *Lexicon Graecum et Institutiones Linguae Graecae [...]. Antuerpiae: excudebat Christophorus Plantinus, 1572, ad. loc.*

<sup>101</sup> Cf. *Hellenoromaikon: Hoc est, Dictionarium Graeco-Latinum [...]. Basileae: Sebastian Henricpetri, 1584, ad. loc.*

*inhabitans*, no comentário ao *Somnium*<sup>102</sup>; de *σκληραγωγεῖ* por *dure tractat ac illiberaliter educat*, que se lê nas margens do *Tritonis, Amymones et Neptuni Dialogus*<sup>103</sup>, ou com a versão do termo *χορηγούσης* (*suppeditante expensas prebenti*), nas *Epistolae Saturnales*<sup>104</sup>.

Além do recurso a dicionários, também se verifica a utilização de versões latinas para explicitar o significado de alguns termos gregos. A tradução de *κυκέων* conjuga a leitura dos *lexica* (*potio ex multis herbis*)<sup>105</sup> com o sentido *confusio*, que se lê na versão latina do *Icaromenippus* de Erasmo de Roterdão<sup>106</sup>. Embora, neste passo, o leitor não explicita a sua

<sup>102</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 1: 40. Cf. *Lexicon Graeco-Latinum* [...]. Lugduni: apud Ioannem Frellonium, 1550, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae* [...]. Geneva: Ex Officina Ioannis Crispini, 1554, *ad. loc.* e *Hellenoromaïkon: Hoc est, Dictionarium Graeco-Latinum* [...]. Basileae: Sebastian Henricpetri, 1584, *ad. loc.*

<sup>103</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 41 [25]: 10. Cf. *Lexicon Graecum*. Basileae: apud Ioannem Walder, 1539, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum* [...]. Lugduni: apud Ioannem Frellonium, 1550, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae* [...]. Geneva: Ex Officina Ioannis Crispini, 1554, *ad. loc.*; *Lexicon Graecum et Institutiones Linguae Graecae* [...] Antuerpiae: excudebat Christophorus Plantinus, 1572, *ad. loc.* e *Hellenoromaïkon: Hoc est, Dictionarium Graeco-Latinum* [...]. Basileae: Sebastian Henricpetri, 1584, *ad. loc.*

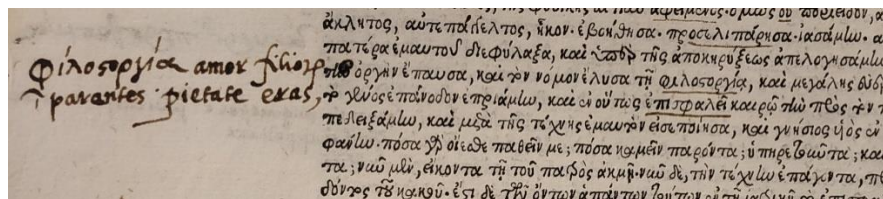
<sup>104</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 401:15; *Lexicon Graecum*. Basileae: apud Ioannem Walder, 1539, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum* [...]. Lugduni: apud Ioannem Frellonium, 1550, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae* [...]. Geneva: Ex Officina Ioannis Crispini, 1554, *ad. loc.* e *Hellenoromaïkon: Hoc est, Dictionarium Graeco-Latinum* [...]. Basileae: Sebastian Henricpetri, 1584, *ad. loc.* Veja-se ainda a versão de *ἐκπρόθεσμος* por *qui non implet quod promisit* (*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 397: 36), que se lê no *Lexicon Graeco Latinum denuo impressum* [...]. Basileae: ex Officina Hieronymi Curionis, 1548, *ad. loc.*; no *Lexicon Graeco-Latinum* [...]. Lugduni: apud Ioannem Frellonium, 1550, *ad. loc.* e no *Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae* [...]. Geneva: Ex Officina Ioannis Crispini, 1554, *ad. loc.*; a tradução de *σφαγίς* por *baltheus*, no *De Syria dea* (*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 414: 52), que se lê em *Lexicon Graecum*. Basileae: apud Ioannem Walder, 1539, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco Latinum denuo impressum* [...]. Basileae: ex Officina Hieronymi Curionis, 1548, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae* [...]. Geneva: Ex Officina Ioannis Crispini, 1554, *ad. loc.*, e *Lexicon Graecum et Institutiones Linguae Graecae* [...] Antuerpiae: excudebat Christophorus Plantinus, 1572, *ad. loc.*; ou *ἐλλόβιον* (*Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 428: 9), cuja tradução (*in auris ornamentum aurium*) poderá ter sido lida no *Lexicon Graecum*. Basileae: apud Ioannem Walder, 1539, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco Latinum denuo impressum* [...]. Basileae: ex Officina Hieronymi Curionis, 1548, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae* [...]. Geneva: Ex Officina Ioannis Crispini, 1554, *ad. loc.*

<sup>105</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera* [...]. BNP Res. 2592 A., p. 279: 23. Cf. *Lexicon Graecum*. Basileae: apud Ioannem Walder, 1539, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco Latinum denuo impressum* [...]. Basileae: ex Officina Hieronymi Curionis, 1548, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum* [...]. Lugduni: apud Ioannem Frellonium, 1550, *ad. loc.* e *Lexicon Graecum et Institutiones Linguae Graecae* [...] Antuerpiae: excudebat Christophorus Plantinus, 1572, *ad. loc.*

<sup>106</sup> Cf. ASD I-1, 416: 21.



fonte, a abreviatura *eras.* que se encontra em alguns comentários – como no caso da nota a *φιλοστοργία*<sup>107</sup> – confirma o manuseio das traduções do humanista:



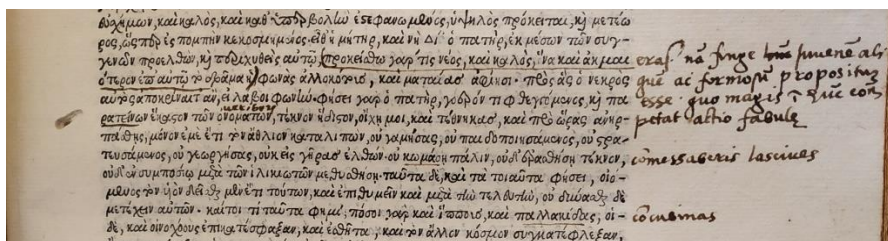
*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 168: 27*

As anotações ao *Abdicatus*, *Icaromenipus*, *De Luctu*, *Saturnalia* e *Symposium* mostram que, além do recurso a dicionários greco-latinos, as traduções erasmianas foram um importante instrumento de acesso ao texto grego, indispensável para a compreensão do sentido de termos isolados e também de frases completas, como ilustra o seguinte exemplo, no *De Luctu*:

nam finge hunc iuuenem aliquem ac formosum propositum esse · quo magis in hunc competat actio fabulae<sup>108</sup>.

<sup>107</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 168: 27.* A tradução *amor filiorum in parentes*, que provém da leitura de dicionários (cf., e. g., *Lexicon Graecum*. Basileae: apud Ioannem Walder, 1539, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco Latinum denuo impressum [...].* Basileae: ex Officina Hieronymi Curionis, 1548, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum [...].* Lugduni: apud Ioannem Frellonium, 1550, *ad. loc.*; *Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae [...].* Geneva: Ex Officina Ioannis Crispini, 1554, *ad. loc.*; *Lexicon Graecum et Institutiones Linguae Graecae [...].* Antuerpiae: excudebat Christophorus Plantinus, 1572, *ad. loc.* e *Hellenoromaikon: Hoc est, Dictionarium Graeco-Latinum [...].* Basileae: Sebastian Henricpetri, 1584, *ad. loc.*), é seguida da versão erasmiana *pietate* (ASD I-1, 404: 28). Também as notas manuscritas *uertigine affectus · ob profunditatem* (*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 277: 50*; cf. ASD I-1, 414: 3); *subjecta montibus* (*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 170: 44*; cf. ASD I-1, 408: 18); *propemodum culicum nidos* (*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 278: 18*; cf. ASD I-1, 414: 31-32); *obturtas habere aures* (*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 403: 18*; cf. ASD I-1, 392: 37), entre outras, indicam uma leitura das traduções de Erasmo.

<sup>108</sup> *Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 309: 14-15.* Cf. ASD I-1, 396: 24-25: [...] *nam finge iuuenem aliquem ac formosum propositum esse, quo magis in hunc competat actio fabulae.* Veja-se ainda a tradução de *ἐφ' ἡμῖν ἔστιν τοῖς παισὶν ὄντα τῶν τεχνῶν καὶ τῆς τούτων χρύσεως* por *innostro arbitri sunt ut ea quae pertinent ad artes et [?] usum* (*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 169: 40-41*), que recupera a leitura da versão latina do *Abdicatus* de Erasmo (Cf. ASD I-1, 406: 28: *nostri sunt arbitrii, nempe quae ad artes et artium usum pertinent*) ou a anotação a *ἀνθρακίας τις ἰδεῖν καὶ σποδοῦ πλέως καὶ κατωπημένος* (*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 278: 23*: *ἀνθρακίας*



*Luciani Dialogi et alia multa opera [...]. BNP Res. 2592 A., p. 309, ll. 14-15*

### ***Traduções de Erasmo preservadas nas bibliotecas portuguesas***

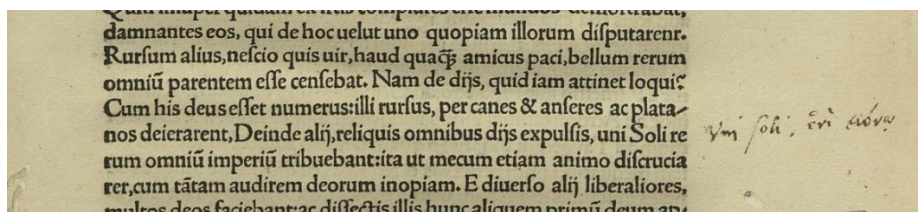
O uso complementar de traduções de Erasmo na leitura de textos gregos que o exemplar 2592 A. testemunha é indicativo da relevância das obras do humanista para a transmissão da literatura grega – e em particular de Luciano – em Portugal no século XVI. De facto, dos vinte e dois exemplares impressos de traduções preservados nas bibliotecas analisadas, dez são da autoria de Erasmo de Roterdão e de Thomas More<sup>109</sup>, um número que se revela concordante com as conclusões apresentadas por Fouto na sua análise aos fundos das bibliotecas portuguesas. Segundo a autora, o interesse suscitado pelos livros de Erasmo terá sido, maioritariamente, de cariz filológico e pedagógico, uma vez que se verifica uma superioridade numérica de traduções ou edições de autores clássicos e cristãos, seguindo-se os tratados retóricos e compilações como os *Apophthegmata* e o *De duplici copia uerborum ac rerum*, cuja utilização em contexto escolar justifica a abundância de exemplares<sup>110</sup>.

*carbonarios σπόδου cinere plenus et exustus*), decorrente da tradução erasmiana *ut carbonarium quempiam esse diceres, cinere oppletus atque exustus* (ASD I-1, 414: 38).

<sup>109</sup> Cf. Anexo I, III. 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 13 e 17. Nesta contabilização não foi incluído o res. 5444 P. da Biblioteca Nacional (*Luciano Samosatensis Opuscula quaedam, Erasmo Rote. et Thomas Moro interpretib. [...].* Lugduni: Seb. Gryphius Germ. excud., 1528. Cf. Anexo I, III. 11), uma vez que provém da Biblioteca de Pina Martins e não é certo que tenha circulado em Portugal no século XVI. Também não foram tidas em conta as traduções de Erasmo de Roterdão e de Tomas More incluídas na compilação das obras completas de Luciano organizada por Micilo, em 1538 e 1549 (Anexo I, III. 14 e 20).

<sup>110</sup> Fouto (2012: 140-141). A notícia de aquisição de dezanove exemplares do *De duplici copia uerborum* e quatro do *De octo orationis partium constructione* registada no livro de receitas e despesas do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra relativo aos anos de 1534 e 1535, que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, comprova o uso didático da obra erasmiana em Portugal (Coelho, 1984: 407-459). Sobre a circulação de livros de Erasmo em Portugal, veja-se principalmente Sá (1977a: 333-349; 1979: 175-262). A acção da Inquisição não terá sido muito eficaz, pois as obras de Erasmo continuaram a ser lidas mesmo depois da sua entrada no *Index* (Sá 1977a: 337-340, 355-374).

Ainda que estes números demonstrem a importância das traduções de Erasmo para a disseminação dos textos do sofista, a existência de traduções latinas não é sinónimo de uma falta de competência na língua grega. No Res. 1298 A. da Biblioteca Nacional, um exemplar publicado em Basileia em 1521<sup>111</sup>, há indicações que, à semelhança do Res. 2592 A., também sugerem o confronto de edições gregas com traduções latinas, como se verifica pela nota ἐνὶ μόνῳ, aposta à expressão *uni soli*, eventualmente para clarificar a ambiguidade do termo latino:



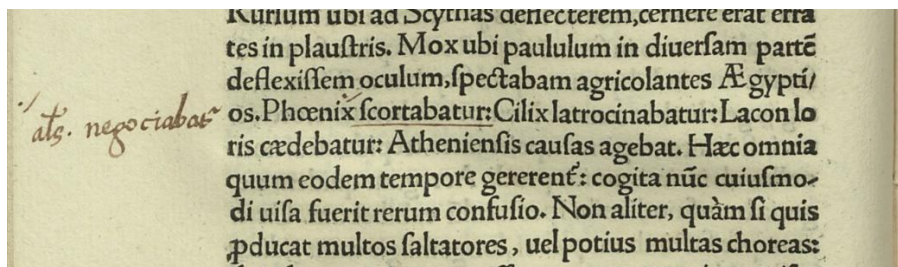
*Luciani Samosatensis Saturnalia, Cronosolon [...]. Basileae: apud Io. Frob., 1521.*  
BNP RES. 1298 A., p. 37.

A edição da *Querela Pacis* preservada na Biblioteca Nacional com a cota 5438 P. é indicativa do mesmo tipo de aproximação filológica ao texto erasmiano<sup>112</sup>. O comentário que se lê na margem do *Icaromenippus* (*atque negotiabatur*) consiste num pequeno acrescento à versão latina, pois a escolha do humanista de Roterdão, *scortabatur*, privilegia um sentido pouco usual do verbo ἐμπορεύομαι. A hipótese apresentada pelo comentador encontra-se, assim, mais próxima do termo grego, sugerindo um provável conhecimento da língua original ou, eventualmente, o confronto com outra tradução latina<sup>113</sup>.

<sup>111</sup> Cf. Anexo I, III. 10: *Luciani Samosatensis Saturnalia, Cronosolon [...]* Basileae: apud Io. Frob., 1521 (BNP RES. 1298 A).

<sup>112</sup> *Querela Pacis undique gentium eiectae profligataeque. Autore Erasmo Roterodamo.* Basileae, apud Io. Frobenium, 1517, p. 148 (BNP, RES. 5438 P.).

<sup>113</sup> Na folha de rosto deste exemplar lê-se a seguinte nota manuscrita: “Da Livraria do Mosteiro de S.<sup>ta</sup> Cruz. Dono dedit Petrus homo frade”.



*Querela pacis undique gentium eiectae profligataeque*. Basileae: apud Io. Frobenium, 1517.  
BNP RES 5438 P., p. 148

Os exemplos analisados revelam comentadores com competências linguísticas que a leitura de traduções encobre e colocam-nos perante formas de leitura de modo algum exclusivas: leitores de traduções que sabiam grego e comentadores de edições gregas que consultavam versões latinas.

Mesmo depois da integração das obras de Erasmo no *Index*, as traduções de obras gregas continuaram a circular, pois, de acordo com as directrizes do Índice de 1561, permitia-se a leitura de obras traduzidas por autores defesos, desde que se rasurasse o seu nome e os seus prefácios<sup>114</sup>. Este tipo de intervenção censória é, aliás, visível em várias espécies do espólio da Biblioteca Nacional, nomeadamente no livro da *Querela Pacis* mencionado anteriormente (Res. 5438 P.), que apresenta uma supressão total dos fólhos correspondentes ao texto do humanista<sup>115</sup>, assim como nos exemplares Res. 5439 P.<sup>116</sup> e 502 P.<sup>117</sup>, em que a censura abrange os prefácios da autoria de Erasmo e, inclusivamente, o nome do próprio autor. A tradução das obras completas de Luciano coligida por Micilo apresenta igualmente a rasura dos nomes de Erasmo, Melanchton, Pirckheimer, Vicentius Obsopoeus e de Micilo<sup>118</sup>.

<sup>114</sup> Sá (1983a: 263): [...] has trasladações de hũa lingoa ã otra, não entêdemos serẽ obras de quẽ has tresladou. Por tãto se na tradução nã à algũa ma ou falsa doctrina inda q ho author seja dos da 1. ordẽ, bastara cortar ha epistola ou prologo & apagar ho nome do ãterprete.” Cf. Révah (1960: 54).

<sup>115</sup> Como afirma Martins (1987: 14), a parte correspondente ao texto erasmiano terá desaparecido “já no século XVI, já que a encadernação do *Lucianus* é a primitiva.”

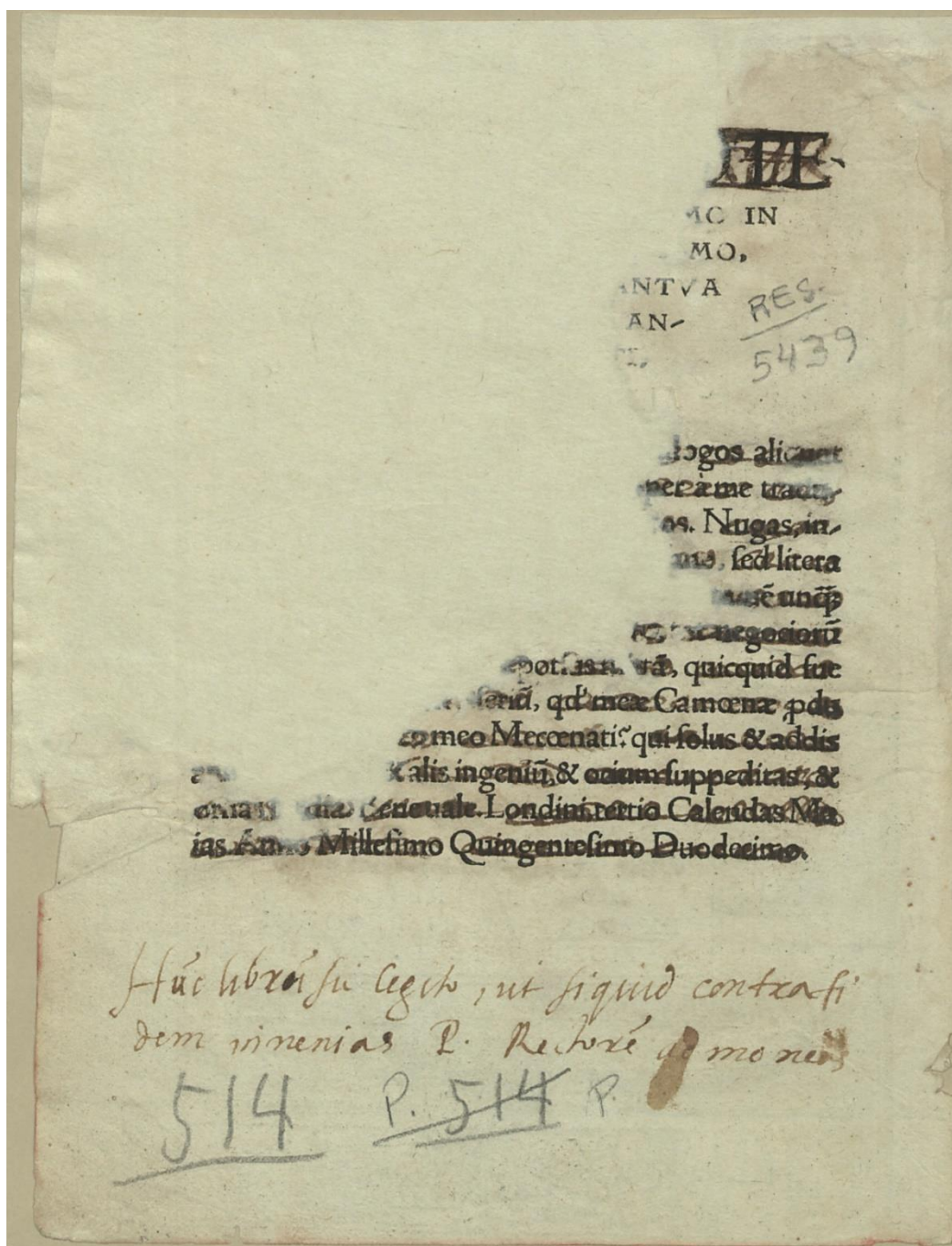
<sup>116</sup> *Querela Pacis undique gentium eiectae profligataeque*. Autore Erasmo Roterodamo. Basileae, apud Io. Frobenium, 1517 (BNP, RES 5439 P.). Cf. Anexo I, III. 5.

<sup>117</sup> *Luciani Samosatensis Dialogi Aliquot, D. Erasmo Rot. et Thoma Moro interpretibus*. Lugduni: apud Seb. Gryphium, 1535. Cf. Anexo I, III. 11.

<sup>118</sup> *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, e graeco sermone in latinum, partim iam olim diuersis authoribus, partim nunc per Iacobum Micillum, translata*. Lugduni: Apud Ioannem Frellonium, 1549 (BNP P. 90 A.).



O estado incorrupto das traduções latinas revela-nos que o principal interesse destes exemplares residia precisamente no facto de permitirem um acesso ao autor grego.



*Querela Pacis undique gentium eiectae profligataeque. Autore Erasmo Roterodamo. Basileae, apud Io. Frobenium, 1517 (BNP, RES 5439 P.)*



## **PARTE II**



## II

### JORGE COELHO E A TRADUÇÃO DO *DE DEA SYRIA*

A expressiva disseminação da obra de Luciano de Samósata em Portugal no século XVI, que os inventários de livrarias quinhentistas e os exemplares preservados nas bibliotecas actuais comprovam, não se reflectiu, todavia, numa produção equivalente de traduções, edições ou comentários pelos humanistas portugueses. Antes da edição escolar dos *Dialogi Marini* saída dos prelos jesuíticos em 1583, apenas se conhece uma versão completa de um opúsculo atribuído a Luciano, o *De Dea Syria*, publicado em versão latina de Jorge Coelho em 1540<sup>1</sup>.

Como já foi referido na primeira parte, a ampla circulação da obra do sofista e a disponibilidade de traduções latinas e castelhanas no mercado livreiro explicam a ausência quase total de obras de Luciano na tipografia portuguesa quinhentista. Não obstante o valor ímpar que assume, neste panorama, a versão latina de Jorge Coelho, essencial para compreender a transmissão dos *auctores* e o estudo da língua grega em Portugal no século XVI, esta tradução não tem despertado a atenção da crítica, tendo sido objecto de um único artigo, da autoria de Armando Senra Martins<sup>2</sup>.

Este desinteresse estende-se, em geral, a toda a obra de Jorge Coelho, possivelmente como consequência de uma desvalorização das suas composições que contrasta, em grande medida, com os elogios que lhe consagraram André de Resende, Nicolau Clenardo ou Jerónimo Cardoso<sup>3</sup>. De facto, ainda que, nos últimos anos, a análise da sua biografia

---

<sup>1</sup> Uma vez que as dúvidas relativamente à autoria do *De Dea Syria* apenas foram equacionadas em 1615, por Bourdelot (Lightfoot 2003: 184), a tradução latina de Jorge Coelho deve ser encarada como um testemunho da transmissão textual de Luciano em Portugal. Sobre a questão da autenticidade deste opúsculo, ver especialmente Bompaire (1958: 647), Dirven (1997: 153-179) e Lightfoot (2003: 184-208).

<sup>2</sup> O artigo de Armando Senra Martins (2019) foca-se especificamente no episódio de Antíoco e na tradução criativa elaborada por Jorge Coelho, que será analisado com particular atenção no capítulo 4 desta parte. Agradeço ao autor ter-me possibilitado o acesso ao seu artigo, assim como todas as valiosas indicações que me forneceu na fase inicial desta investigação. No âmbito do desenvolvimento desta dissertação, publiquei também um artigo sobre a tradução de Jorge Coelho, que constitui uma primeira versão do capítulo 5 desta parte. Cf. Resende (2017a).

<sup>3</sup> Entre os contemporâneos de Jorge Coelho que louvaram a sua obra e os seus conhecimentos da Antiguidade clássica, contam-se sobretudo Rodrigo Sanches (Martins, 1974: 48-53), André de Resende (1981: 48), Nicolau Clenardo (Roersch, 1940, t. I: 228) e Jerónimo Cardoso (Cardoso, 2009, tomo i: 139). Cf. ainda Pedro Sanches, *Epistola ad Ignatium de Moraes* (in António dos Reis, *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*, p. 16). Segundo Ramalho (1983: 224), terá sido devido a

tenha conhecido uma evolução notória – sobretudo devido ao contributo de Luís de Matos, Silva Terra, e, mais recentemente, Hugo Crespo<sup>4</sup> –, o mesmo não se pode dizer em relação à sua obra, que carece, na sua maioria, de estudos monográficos, edições modernas e traduções. Exceptuando alguns artigos sobre a controvérsia em torno da invenção da palavra “Lusíadas”, ou do poema *De Patientia Christiana*, praticamente só as suas epístolas têm recebido alguma atenção, resultante da edição da obra dos humanistas com quem manteve correspondência<sup>5</sup>.

Muito embora as páginas que se seguem pretendam contribuir para colmatar esta falha na bibliografia específica do Humanismo português, temos consciência de que a análise efectuada e as conclusões apresentadas ficam dependentes de um estudo mais alargado da obra completa de Jorge Coelho, essencial para elucidar algumas das muitas questões que ficam por responder.

---

estes elogios que Coelho “teve fama de grande poeta novilatino, entre aqueles que nunca o leram”. Cf. Ramalho (1998b: 311): “Não merece a fama de grande poeta novilatino de que tem gozado tradicionalmente, entre os que o não leram, e que ele conseguiu, por um tenaz esforço de promoção pessoal, graças às suas relações sociais. É, entretanto, um bom prosador, de estilo ciceroniano.” Esta opinião parece ter influenciado Martins (1974: 27-28), que apresenta o humanista como “um autor que [...] nada tem que o torne superior aos da sua época, até, pelo contrário, pode ser considerado inferior a muitos dos seus contemporâneos.” Destaca-se, quanto a este aspecto, a visão de Pinho e Walter de Medeiros (2013: 44), que consideram que, “apesar do exagero dos louvores com que o brindaram certos admiradores do seu tempo, era um poeta de real mérito”. Cf. Pinho (1995: 1187).

<sup>4</sup> Luís de Matos (1963: 246, n.18), Terra (1978) e Crespo (2011: 589-590, n.6; 2013:163-164). Ver também Dias (1969: 241-252). Cf. Hislampa (79, 304-305).

<sup>5</sup> Sobre a origem da palavra “Lusíadas”, que aparece na *Consecratio* de Jorge Coelho, publicada em 1536, ver Vasconcelos (1905), Ramalho (1983: 221-236) e Pinho (2007). O poema *De Patientia Christiana* deu origem a duas teses de licenciatura, elaboradas por José Gomes Braz (1942) e Isaltina Figueiredo Martins (1974) e, mais recentemente, a um artigo da autoria de Urbano (2008). A epistolografia de Jorge Coelho tem vindo a ser publicada na série *Portugaliae Monumenta Neolatina*, nomeadamente nos volumes dedicados a Damião de Góis (2009: 294-297; 328-329), Aires Barbosa (2013: 218-219) e Jerónimo Cardoso (2009, t. I: 122-127, 250-255; t. II: 200-203; 220-223).

## 1. NOTA BIOGRÁFICA

A informação difundida por Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*<sup>1</sup>, que, na esteira de D. Nicolau de Santa Maria e João Soares de Brito, apresentava Jorge Coelho como filho de “Nicolao Coelho, companheiro em o descobrimento da India Oriental do clarissimo Argonauta D. Vasco da Gama”<sup>2</sup>, foi pela primeira vez contestada por Luís de Matos, que contrapôs aos restantes biógrafos o testemunho de Gaspar Álvares de Lousada:

O abade de Covas, em terra de Ferreira, que era homem de noventa e seis anos, me disse que conhecera muito bem seis bailios e que o primeiro foi Frei João Coelho, dos Coelhos de Manteigas, e que teve entre outros filhos a Jorge Coelho que foi secretário do Cardeal Infante quando governava; o qual depois foi comendatário do mosteiro de Filques, mas que não deixou filhos<sup>3</sup>.

As dúvidas suscitadas por esta declaração, legitimadas pela vaga referência ao governo do Cardeal e ao mosteiro de Filques, levaram a que a nova proposta de filiação fosse cautelosamente abordada<sup>4</sup>. No entanto, a descoberta da atribuição de uma tença régia a um Jorge Coelho “fidalgo de minha casa, filho do bailio que Deus perdoe”, com data de 18 de Maio de 1537, veio reforçar a possibilidade inicialmente avançada por Luís de Matos<sup>5</sup>. De facto, a comparação das assinaturas preservadas na documentação régia e inquisitorial corrobora a hipótese – proposta por Silva Terra e, mais tarde, também por

---

<sup>1</sup> Barbosa Machado, *BL*, t. II, 802.

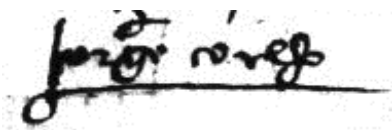
<sup>2</sup> Cf. Nicolau de Santa Maria *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, Parte II, p. 156: “Jorge Coelho, pessoa de grandes partes & qualidade, porque foi filho do Capitão Nicolao Coelho, que descobriu a India Oriental com Vasco da Gama, & teve por irmão a Francisco Coelho, Estribeiro mór da Rainha D. Catherina, mulher del Rey D. João III.”

<sup>3</sup> Cit. apud Matos (1963: 246, n.18).

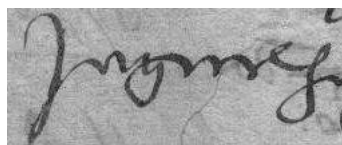
<sup>4</sup> Cf. Dias (1969: 242, n.1): “A expressão «secretário do Cardeal Infante quando governava» – governava o quê? o arcebispado de Évora? o de Lisboa? a Inquisição? o Reino? – afigura-se um tanto estranha. E mais estranho se afigura ainda que adornando Jorge Coelho com a comenda do Mosteiro de Filques, até agora desconhecida, cale a do Mosteiro de S. Jorge de Coimbra”.

<sup>5</sup> ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Livro 24, fl. 117: “A quantos esta minha carta virem faço saber que Jorge Coelho, fidalgo de minha casa, filho do bailio que Deus perdoe, tinha de mim um meu alvará per que lhe fiz mercê, havendo respeito a seus serviços, que ele tenha e haja de mim de tença em dias de sua vida os ditos trinta mil réis em cada um ano, do primeiro dia de Janeiro que passou deste ano presente de quinhentos e 37 em diante, pagos à custa de minha fazenda...” (cit. apud Terra 1978: 1135). A referência à filiação de Jorge Coelho também se encontra em ANTT, *Moradias da Casa Real*, maço 1, livro 7 (*Contos do Reino e Casa*, Núcleo Antigo, 142), fl. 95v; cf. Anexo V, Doc. 2.

Hugo Crespo<sup>6</sup> – de o fidalgo ao serviço de D. João III e o autor do *De Patientia Christiana* serem a mesma pessoa:



Pormenor da assinatura de Jorge Coelho in  
“Alvará para se dar a Jorge Coelho, fidalgo da Casa, 30.000 réis de mercê”  
ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mc. 34, n.º 36 (Doc. 1).



Pormenor da assinatura de Jorge Coelho in “Processo de Luís Dias”,  
ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 3734, fl. 6<sup>7</sup>.

Se a identificação das duas personagens valida a informação aduzida pelo abade de Covas, segundo a qual o humanista seria filho do bailio João Coelho e não de Nicolau Coelho, a menção ao obscuro Mosteiro de Filques, mais especificamente o Mosteiro de Folques dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho<sup>8</sup>, é facilmente solucionada, pois, como salientou Silva Terra, “não seria [...] de estranhar que Jorge Coelho, que [...] foi prior do mosteiro de S. Jorge de Coimbra, dos cónegos Regrantes, tivesse possuído uma comenda noutro mosteiro da mesma ordem”<sup>9</sup>.

A presença de Jorge Coelho na corte de D. João III data, pelo menos, de 1526: comprova-o o recibo assinado pelo humanista a 3 de Maio de 1526, que acompanha uma

---

<sup>6</sup> Cf. Terra (1978: 1134-1136) e Crespo (2013: 163-164). Não tendo procedido à comparação das assinaturas, Terra (1978: 1136) aborda a questão da identificação das duas personagens como uma mera possibilidade, mas tenta conciliar os dados recolhidos com as informações biográficas apresentadas por Nicolau de Santa Maria e Barbosa Machado. Uma vez que João Coelho também fora apresentado como irmão de Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama, “Jorge Coelho podia, pois, muito bem ser irmão de Francisco Coelho, [...] filho portanto de Frei João Coelho e sobrinho de Nicolau Coelho”.

<sup>7</sup> Cf. Anexo V, Doc. 4 para uma colação de outras assinaturas de Jorge Coelho.

<sup>8</sup> Sobre o Mosteiro de Folques dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, ver Sousa (2016: 201-202).

<sup>9</sup> Terra (1978: 1135-1136).



ordem régia de pagamento de trinta mil reis, datada de 24 de Abril de 1526<sup>10</sup>. Há ainda notícia de um privilégio, concedido a 27 de Abril de 1526, para andar de mula<sup>11</sup> e o registo de que receberia mil e duzentos reis por mês e um alqueire de cevada por dia<sup>12</sup>.

A documentação preservada confirma assim a proposta de Silva Terra que, a partir da análise de uma carta de Rodrigo Sanches, chegara à conclusão de que Coelho já se encontrava na corte de D. João III nesta altura.

Atque eo factum est ut cum septenium iam, aut eo plus, apud uos idque in regia fuerim uersatus, quam paucissimis tamen uel facies, uel nomen nostrum innotuerit<sup>13</sup>.

Uma vez que Terra situa a redacção desta epístola no ano de 1533, o “septénio” a que Sanches se refere indica que terá tido contacto com Coelho em 1526, precisamente no ano a seguir à sua chegada a Portugal, na comitiva da Rainha D. Catarina<sup>14</sup>. Na verdade, a presença de Jorge Coelho na corte também se encontra documentada no poema *De Vita Aulica* de André de Resende, publicado em 1533<sup>15</sup>, e está implícita na *Serenissimi et Illustrissimi Principis D. Alfonsi Consecratio*, uma obra escrita por Coelho para celebrar a sagração episcopal de D. Afonso, em 1536<sup>16</sup>.

Todos estes dados permitem fundamentar a hipótese de identificação do humanista e do cortesão<sup>17</sup>.

A partir de 1538, Jorge Coelho já se encontra no *Livro da fazenda D. Anrique* como seu secretário<sup>18</sup>. A protecção do Infante ter-lhe-á garantido diversos benefícios

---

<sup>10</sup> ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 34, n.º 36 (Anexo V, Doc. 1).

<sup>11</sup> ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Doações, Ofícios e Mercês, Livro 12, fl. 51v.

<sup>12</sup> ANTT, *Moradias da Casa Real*, maço 1, livro 7 (*Contos do Reino e Casa*, Núcleo Antigo, 142), fl. 95v (Anexo V, Doc. 2) e fl. 151 (Anexo V, Doc. 3). Cf. Crespo, 2011: 589.

<sup>13</sup> Cit. apud Martins (1974: 50). Edição e tradução da epístola em Martins (1974: 48-53). Cf. Terra (1978: 1136-1137).

<sup>14</sup> Terra (1978: 1137). Dias (1969: 242-243) oferece uma interpretação diferente da mesma carta: “Um passo não muito claro da correspondência que recebeu do humanista Rodrigo Sanches inclina-nos a admitir que já andava na Corte por cerca de 1532, senão mesmo desde uns anos atrás”. Sobre o séquito que acompanhou D. Catarina na vinda para Portugal, ver Buescu (2007: 159-160).

<sup>15</sup> André de Resende, *De Vita Aulica*, vv. 105-109: *Haec ubi barbaries, ubi monstra, ubi talia morum / Sunt portenta, quibus tantum licet, et licet ultra, / Viuere mene iuuat? Viuat heic Choelius, uni / cui uatum placet aula, decus nomenque poetae / quod cupit; amotis habeat riualibus unus*. Cit. apud Sauvage (1971: 150).

<sup>16</sup> Sobre este poema de Jorge Coelho e a cerimónia que o originou, cf. Pinho (2007: 17-33).

<sup>17</sup> Barbosa Machado (*BL*, t. II, 802) refere ainda que Jorge Coelho terá sido professor de latim de D. Afonso de Portugal, Conde do Vimioso. António Caetano de Sousa (1946-1954, vol. 6, parte II, p. 290) insere-o no rol de moradores da Casa de D. João III, com a seguinte indicação: “Jorge Coelho, que foy de D. Garcia de Noronha”. Não encontrámos, porém, qualquer registo que nos permita comprovar ou refutar estas informações.

<sup>18</sup> Polónia (2009: 33).

eclesiásticos: além do já referido Mosteiro de Folques, em 1539 foram-lhe concedidos o canonicato da Sé de Évora e a reitoria de S. Julião de Valpaços e, mais tarde, também o Mosteiro de S. Jorge de Coimbra<sup>19</sup>. De acordo com Crespo, Coelho “auferia avultados rendimentos provindos de igrejas nos bispados de Viseu e Lamego, num total de sete”<sup>20</sup>.

Acumulou ainda a função de notário do Tribunal do Santo Ofício, tendo redigido os processos movidos contra Luís Dias (1538)<sup>21</sup>, António Luís (1539)<sup>22</sup> e Duarte Gomes (1542-1544)<sup>23</sup>. A 2 de Novembro de 1540 compôs, em conjunto com Diogo Travaços, uma carta do Infante D. Henrique dirigida a Frei Aleixo e a Frei Cristóvão de Valboena, encarregando-os de examinarem todos os livros das livrarias da cidade de Lisboa<sup>24</sup> e, a 29 do mesmo mês, um documento destinado aos impressores Luís Rodrigues e Germão Galharde “para nada imprimirem sem autorização”<sup>25</sup>. Foi também responsável pela redacção das cartas de D. Henrique a Damião de Góis a respeito do impedimento da circulação de *Fides Religio Moresque Aethiopum* em Portugal<sup>26</sup>.

Segundo D. Nicolau de Santa Maria, Jorge Coelho morreu a 28 de Agosto de 1563, tendo sido enterrado no Mosteiro de S. Jorge de Coimbra<sup>27</sup>.

---

<sup>19</sup> Dias (1969: 243) e Polónia (2009: 94). Cf. Vaseu, *Chronici* fl. 10v: *Georgius Coelius Serenissimi Principis ac Domini mei secretarius et celeberrimi monasterii sancti Georgii prope Conimbricam dignissimus Antistes*. Sobre o Mosteiro de S. Jorge de Coimbra ver os estudos de Queirós (2007: 9-15) e de Sousa (2016: 187), com respectiva informação bibliográfica.

<sup>20</sup> Crespo (2013: 164).

<sup>21</sup> ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, Processo 3734. Cf. Crespo (2013: 183).

<sup>22</sup> ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, Processo 7807. Transcrição do processo ap. Ferreira (1944: 728-746). Cf. Ramalho (1998a: 81-90) e Marcocci e Paiva (2016: 52-53).

<sup>23</sup> ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, Processo 12784. Este processo foi estudado e transcrito por Crespo (2011).

<sup>24</sup> *Comissão de frey aleixo sobprior do moesteiro de sam domingos e frey christouão de valboena*, 2 de novembro de 1540. ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, liv. 103, fl. 4 (antiga cota: *Manuscritos da Livraria*, cód. 977, fl. 4). Documento transcrito por Sá (1983a: 62-63, doc. 11). Cf. Révah (1960: 21-22).

<sup>25</sup> ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, liv. 103, fl. 7 (antiga cota: *Manuscritos da Livraria*, cód. 977, fl. 7). Transcrição do documento ap. Sá (1983a: 64, doc. 12). Pereira apresenta outros três documentos elaborados por Jorge Coelho enquanto esteve ao serviço da Inquisição: uma carta *para o Padre Mestre Frei Jorge de Santiago e o doutor António de Leão despacharem as coisas leves*, datada de 1 de Fevereiro de 1543 (Pereira 1987: 18, doc. 5); um documento *para João de Melo poder despachar os feitos para que for requerido, do Santo Ofício*, com data de 12 de Julho de 1541 (Pereira 1987: 21-22, doc. 11) e a *Nomeação de Paulo da Costa para notário da Inquisição*, de 3 de Janeiro de 1545 (Pereira 1987: 76, doc. 76). Ver ainda o *Traslado da Carta do Infante D. Henrique para Pedro Dominico sobre o negócio da Inquisição*, ANTT, *Gavetas*, Gav. 2, mç. 2, n.º 54. Transcrição da carta apud CDP, vol. 5: 34-35.

<sup>26</sup> ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, proc. 17170, fls. 66 e 68-68v. Transcrição dos documentos por Sá (1983a: 65-67, docs. 13 e 14) e Soares (2000: 193-196). Cf. Rego (1971: 98-101).

<sup>27</sup> Nicolau de Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, Parte II, p. 157: “Falleceo em 28 de Agosto de 1563 & se mandou enterrar em sepultura raza no meio da Capella mòr do mesmo Mosteiro”. Esta informação foi reproduzida por Barbosa Machado, *BL*, t. II, p. 803:

### *O círculo de Jorge Coelho*

O serviço prestado na corte de D. João III e, posteriormente, do Cardeal Infante D. Henrique permitiu a Jorge Coelho um contacto privilegiado com algumas das principais figuras do Humanismo português, nomeadamente Nicolau Clenardo e André de Resende<sup>28</sup>.

Muito embora apenas subsista uma carta da autoria do mestre de Lovaina ao secretário de D. Henrique<sup>29</sup>, a relação entre os dois humanistas encontra-se documentada noutras epístolas e composições poéticas<sup>30</sup>. O lugar de destaque que lhe concede Nicolau Clenardo na *Epístola aos Cristãos* parece testemunhar uma estima sincera, uma vez que o considera um dos principais prosadores latinos do seu tempo:

Nouas ero multorum ibi lucrifeci amicitias. In primis Georgii Coelii, uiri praeter Graecarum literarum peritiam, sic et prosa et carmine celebris ut dubites utro magis polleat. Mihi semper ob id probata est oratio eius soluta, quod nesciam an hodie sint qui tam prope accedant ad ueterem illam Romanam eloquentiam. Sermo est purus, concinnus, et eleganti munditie, nec quicquam tamen prae se fert affecatum. Videorque mihi non immerito Resendium inter Poetas, Coelium inter Oratores collocasse, quod eo mihi res redacta iam iudicatur ut, in bello quod spiro contra Machometum, Coelius orare melius, Resendius canere possit sonorius<sup>31</sup>.

---

“Falleceio a 28 de Agosto de 1563 e jaz sepultado em sepultura raza no meio da Capella mór do Mosteiro de que fora digno Prior”.

<sup>28</sup> Nicolau Clenardo esteve ao serviço de D. Henrique entre 1533 e 1538.

<sup>29</sup> Ep. 37 a Jorge Coelho, datada de Janeiro de 1537 (Roersch, 1940, t. I: 112-114). Tradução portuguesa da carta ap. Cerejeira (1974: 293-296).

<sup>30</sup> Cf. Ep. 27 de Clenardo a João Vaseu, de 30 de Setembro de 1535 (Roersch, 1940, t. I: 67); Ep. 36 a Joaquim Polites, de 27 de Dezembro de 1536 (Roersch, 1940, t. I: 101); Ep. 43 a João Petit, de 8 de Setembro de 1537 (Roersch 1940, t. I: 146). A resposta de Jorge Coelho à ode que Clenardo lhe dedicou em 1537 foi publicada no *De Patientia Christiana (Ad Nicolaum Clenardum Ode monoclos*, fls. 22r-23v). Cf. edição e tradução das duas odes apud Martins (1974: 36-47). Jorge Coelho dedicou ainda um epigrama a Clenardo na edição das *Instutiones Grammaticae latinae* de 1546 e 1551: *En tibi Castalidum libro Clenardus in uno / Felici innueras arte recludit opes. / Quod nisi praecipiti fata illum morte tulissent, / In lucem nobis plura daturus erat. / Nunc iacet, heu peregre raptus florentibus annis, / Linguarum et Sophiae Pieridumque dolor. / Attamen et multum Vasa eo lector amice / Debes, hanc studiis cum patefecit opem. / Et merita insignem donauit laude libellum, / Et proprium adiecit non mediocre decus. / Qui quondam eximium coluit uiuentis honorem / Manibus aeternum praestitit officium* (Roersch, 1940, t. II, 104). Cf. Cerejeira (1975: 114). Sobre as relações entre Clenardo e Jorge Coelho, ver Cerejeira (1974: 80; 1975: 87-88).

<sup>31</sup> *Epistola Nic. Clenardi Ad Christianos, De Professione Arabica, Militiaque Constituenda Adersus Machometum*, ll. 843-853 (Ep. 63, Roersch 1940, t. I: 228). Trad. apud Cerejeira (1974: 366): “Em Portugal granjeei, porém, muitas novas amizades. Cito em primeiro lugar a Jorge Coelho, célebre tanto pela sua prosa como pelos seus versos (não falando já nas letras gregas em que é perito), que eu nem sei em qual dos dois géneros ele é mais eminente. Por mim, sempre tive preferência pela sua prosa, porque não há hoje, que eu saiba, quem se aproxime tanto como ele daquela antiga eloquência romana. A sua linguagem é pura,

A comparação estabelecida com André de Resende, que seria o primeiro dos poetas, enquanto Coelho dominaria a prosa, terá fomentado a tese de uma rivalidade entre os dois humanistas que, apesar de secundada por João Vaseu nos *Chronici Rerum Memorabilium Hispaniae*<sup>32</sup>, não terá sido mais do que um mero antagonismo literário. O demérito do secretário de D. Henrique, *non carmine tantum Resendio riualis*, e o louvor da sua faculdade oratória ecoam, na verdade, as palavras de Clenardo, pelo que o testemunho de Vaseu não deve ser entendido como uma confirmação da existência de um conflito. De facto, além da resposta irónica de Resende a um comentário que Coelho terá feito acerca da origem da sua família<sup>33</sup> ou da condenação do seu vínculo à corte na *Vita Aulica*<sup>34</sup>, não há indícios de uma séria hostilidade entre os dois humanistas, ao contrário do que, por vezes, tem sido sugerido<sup>35</sup>. Lembremos que, anos mais tarde, no poema *Vicentius Leuita et Martyr*, publicado em 1545, Resende distingue Coelho como *Lusitaniae nostrae ornament[um]*<sup>36</sup>.

Além do convívio com Nicolau Clenardo, André de Resende e João Vaseu, que menciona, na sua obra, a vasta biblioteca de Coelho, abundante em livros gregos e

---

elegante, castiça. Nada nela trai afectação. Afigura-se-me, pois, que não foi sem razão que coloquei a Resende entre os poetas e a Jorge Coelho entre os oradores. Já tenho ordenado (tanto isso está assente no meu espírito), que, na guerra que ando maquinando contra Mafamede, Coelho haja de ser antes o orador, e Resende a celebre em versos sonoros”.

<sup>32</sup> Cf. Vaseu, *Chronici Rerum Memorabilium Hispaniae*, fl. 10v: *Georgius Coelius non carmine tantum Resendio riualis, sed et oratoriis laudibus adeo bene percultus, ut paucos credam tam prope ad puritatem accedere Ciceronis. Certe Isocraticam iuncunditatem lenitatemque sic refert, ut parem non uiderim.*

<sup>33</sup> Esta carta, datada de 1534, foi incluída por Diogo Mendes de Vasconcelos na *Vita L. Andreae Resendii Auctore Iacobo Menoetio Vasconcello*, tendo sido publicada e traduzida por Sebastião Pinho (Resende, 2009: 54-65). Cf. Resende (2009: 55): *Iactabis tu forsitan Choelios tuos, aut potius Cuniculos, id enim uestrum cognomen est, quanquam tu Choelium te primum Lusitaniae linguae proprietate, deinde quasi te ipse adoptaueris, Coelium, quam Cuniculum cognominari maluisti. Opponam ego clarissimam olim, sed et nunc non obscuram nec humilis fastigii Resendiorum gentem.*

<sup>34</sup> Cf. supra n. 20.

<sup>35</sup> A tese da existência de uma rivalidade entre os dois humanistas, evocada, entre outros, por Carolina de Michaëlis Vasconcelos (1905: 242-243, n. 5) e D. Manuel II (1932: 60-61), foi associada à discussão sobre a origem da palavra “Lusíadas”, tendo levado Vasconcelos a afirmar que “[a] questão dos *Lusíadas*, se realmente existiu, talvez contribuisse a acirrar a animosidade de Resende” (Vasconcelos 1905: 243, n. 5). Mais recentemente, esta questão foi recuperada por Costa Ramalho (1998b: 310-311; 2013: 232) e por Crespo (2013: 163), que apresenta Jorge Coelho como um “poeta novilatino e ‘rival’ de Resende quanto às atenções paças (e às tenças régias e favor do cardeal)”.

<sup>36</sup> Cf. Resende (1981: 48): *Nam uideo id multis adlibuisse, presertim autem Georgio Caelio, Lusitaniae nostrae ornamento, siue poeticam facultatem, siue Ciceronianae orationis aemulationem spectes.* Apesar de apenas ter sido publicado em 1545, a composição deste poema deverá ser anterior, possivelmente de 1531 ou 1532, de acordo com Pina Martins (1981: 31). Todavia, as notas devem ser contemporâneas da publicação, o que significa que o louvor a Coelho data desta época. Cf. Pinho (2007: 8, n. 6).

latinos<sup>37</sup>, deduz-se do *De Platano*, no qual Jorge Coelho aparece como interveniente, uma amizade antiga com João Rodrigues de Sá de Meneses<sup>38</sup>. O mesmo tratado testemunha a sua relação com D. Miguel da Silva<sup>39</sup>, pelo menos durante 1526 e 1527, data em que terá decorrido o diálogo<sup>40</sup>.

Estas amizades colocam Coelho num círculo influenciado pelo humanismo cristão de cunho erasmiano. Sabe-se, inclusivamente, que terá iniciado uma breve correspondência com Erasmo de Roterdão, infelizmente perdida<sup>41</sup>, por intermédio de Damião de Góis<sup>42</sup>. É ainda possível que seja um dos intervenientes na obra *Louvres da*

---

<sup>37</sup> Além de mencionar a riqueza da biblioteca de Coelho, Vaseu também alude a uma ocasião em que o secretário de D. Henrique lhe terá indicado um exemplar na biblioteca de Alcobaça: *Georgius Coelius non solum Alcobaciensis codicis, (qui mihi fuit huius instituti prora et puppis) primus index fuit, sed etiam ex Bibliotheca sua Graecis Latinisque libris instructissima plurimos libros benigne suppeditauit, qui rebus meis non mediocriter commodauerunt* (Vaseu, *Chronici Rerum Memorabilium Hispaniae*, fl. 10). Cf. fl. 2: *Georgius Coelius, uir omnibus bonarum artium studiis ornatissimus, mihi dixit in Alcobaciensis se monasterii Bibliotheca reperisse codicem manu scriptum, in quo essent Sanctus Isidorus et Sanctus Alfonsus de uiris illustribus et alia quaedam S. Isidori monumenta de rebus Hispaniae*. Cf. Nascimento (2012: 209).

<sup>38</sup> Tarrío (2000: 135; 2009: 201-202).

<sup>39</sup> Deswarte (1989: 82). Cf. Silva Terra (1978: 1137): “Em 1527 encontramos Jorge Coelho na região de Entre-Douro-e-Minho, em Santo Tirso, de cujo convento era comendatário o Bispo de Viseu, D. Miguel da Silva. Aí discorre com este e com um amigo comum, João Rodrigues de Sá de Meneses, alcaide-mor do Porto, sobre a existência do plátano em Portugal”. Sobre o *De Platano*, ver especialmente Deswarte (1989: 13-14, 81-84) e Tarrío (2009). É possível que Angelo Colloci tenha possuído versos de Jorge Coelho, por intermédio de D. Miguel da Silva (Deswarte 1989: 57).

<sup>40</sup> A relação entre D. João Rodrigues de Sá de Meneses e D. Miguel da Silva remonta pelo menos a 1514, como testemunha a “Pergunta de Joam Rodríguez de Saa a Dom Miguel da Silva” (Resende, 1990-2003, vol. 2, 475. Cf. Tarrío 2000: 316). A amizade entre João Rodrigues de Sá de Meneses e D. Miguel da Silva seria interrompida na década de 1530, visto que, como afirma Deswarte (1989: 82), “nel 1532 il loro disaccordo era ormai noto e riportato perfino in alcuni documenti ufficiali.” Cf. Deswarte (1989: 81-84) e Tarrío (2000 136-139).

<sup>41</sup> Cf. Allen 3043 (t. XI: 206-209). Tradução da carta em Góis (2009: 220-227). De acordo com Matos (1963: 246), “embora não se tenham até hoje encontrado as cartas que trocaram entre si, pode admitir-se, pelas referências indirectas conhecidas, que durante dois anos se corresponderam com regularidade”. Cf. Silva Terra (1978: 1145-1146).

<sup>42</sup> As epístolas enviadas por Jorge Coelho a Damião de Góis foram recentemente publicadas e traduzidas por Amadeu Torres, no livro *Correspondência Latina* (Góis, 2009: 294-297; 328-329). Apesar de não se preservarem cartas de Damião de Góis a Jorge Coelho, o conteúdo das que subsistem revelam uma relação com base epistolar. Torres (1982, vol. I: 313-314) defende a possibilidade de a epístola A. XX, enviada por Damião de Góis a um amigo anónimo (*amico cuidam suo*), ser dirigida a Jorge Coelho, o que se afigura provável, tendo em conta as referências ao estilo tuliano frequentemente associado ao secretário do Cardeal Infante D. Henrique (ver edição, tradução e comentário à epístola ap. Góis, 2009: 88-91; 400-401). Hirsch (1987: 139, n. 117) discorda, porém, desta visão: “Se a carta lhe era dirigida [a Jorge Coelho], com certeza que não seguiu o conselho de Góis para abandonar a poesia, pois que alguns anos mais tarde lhe mandou poemas, pedindo-lhe desta vez o seu apoio [...]. Coelho dificilmente teria feito tal coisa, depois da crítica severa de Góis. Creio que o destinatário era uma figura menor e que Góis incluiu a carta na correspondência para mostrar a sua reputação como intelectual.”

*Parvoíce*, um tratado anónimo de teor erasmiano que Almeida atribui, com elevado grau de probabilidade, a Jorge Ferreira de Vasconcelos<sup>43</sup>.

Jorge Coelho manteve ainda relações com Jerónimo Cardoso, que lhe dedicou duas elegias<sup>44</sup>, Rodrigo Sanches<sup>45</sup>, Gaspar Barreiros, que também estaria ao serviço de D. Henrique<sup>46</sup>, e, como indica a carta que antecede a *Antimoria*, Aires Barbosa<sup>47</sup>.

Subsistem ainda epístolas trocadas com os Cardeais Bembo e Sadoletto, a quem terá enviado exemplares do livro *De Patientia Christiana*<sup>48</sup>, dois epigramas dedicados a

---

<sup>43</sup> Almeida (2004: 59). Sobre as relações de Jorge Coelho, cf. Dias (1969: 244-252) e Terra (1978: 1139-1149). Além dos humanistas referidos, Coelho terá ainda convivido com Girolamo Britonio, que esteve em Portugal entre 1543 e 1545 (Asensio, 1974: 243, 255) e, segundo Osório (1978, t. 1: 70), também com João Fernandes.

<sup>44</sup> Existem duas epístolas enviadas por Jerónimo Cardoso a Jorge Coelho (Cardoso, *Ep.* 7 e *Ep.* 58), mas apenas se preserva a resposta de Coelho à primeira (*Ep.* 8). Cf. edição e tradução das epístolas em Cardoso (2009, t. I: 122-127, 250-255). Numa carta a Francisco Pacheco (*Ep.* 14), Cardoso refere Coelho, que possivelmente faria parte das relações de ambos (Cardoso, 2009, t. I: 136-139). Das duas elegias que Jerónimo Cardoso dedicou a Jorge Coelho (*El.* 2. 5 e *El.* 2. 13), pressupõe-se que o secretário de D. Henrique lhe tenha enviado algumas composições da sua autoria. A imprecisão de Cardoso não nos permite, todavia, identificá-las. Cf. *Ep.* 2.5.39-42: [...] *si neglexi numeris rescribere doctis / quos tua iam pridem docta Thalia tulit, / obstitit ingenium, quo non incultius ullum, / desidiae causa est certior ista meae.* (“[...] se não curei de responder aos doutos versos / que a tua sábia Talia já antes me trouxera, / foi porque o meu engenho, um dos mais incultos que existe, me impediu: / esta é a causa mais certa do meu desleixo.” Tradução de Telmo Reis in Cardoso 2009, t. II: 200, 202) e *Ep.* 2.13.1-4: *Quod meam, Coeli, petis, o diserte, / ut tui uersus patiantur atque / sentiant limam, facis hoc amanter / perque benigne.* (“Porque tu, eloquente Coelho, solicitas / que os teus versos suportem e sintam / a minha lima, nisso demonstras amabilidade / e muita benevolência.” Tradução de Telmo Reis in Cardoso 2009, t. II: 220, 222). Edição e tradução das elegias in Cardoso (2009, t. II: 200-203, 220-223).

<sup>45</sup> Edição e tradução da epístola enviada por Rodrigo Sanches a Jorge Coelho ap. Martins (1974: 48-53).

<sup>46</sup> Polónia (2009: 34, 64-65). Subsiste uma carta de Gaspar Barreiros a Jorge Coelho, datada de 28 de Abril de 1553, em que narra a circunstância em que o Cardeal Sadoletto lhe oferecera a *Oratio* pronunciada por D. Garcia de Meneses ao Papa Sisto IV. Nela, Barreiros revela o elogio do Cardeal a Jorge Coelho, referindo-se, muito provavelmente, ao exemplar do *De Patientia Christiana* que o secretário de D. Henrique lhe enviara: *Qua propter Lusitanorum ingenia summe commendare coepit. In quibus tu primum Coeli doctissime occurristi, dixit enim legisse se nonnulla ingenii tui monumenta, quae literis mandaueras in utraque et oratoria et poetica facultate, praeclara illa quidem et bonum electionem, grauem et splendidam dictionis formam, denique eruditionis et doctrinae caeterarumque rerum praestantiam prae se ferrent.* (“Começou, por isso, a gabar muito o talento dos Portugueses, entre os quais foste tu, doutíssimo Coelho, o primeiro que lhe ocorreu, pois disse já haver lido algumas publicações da tua lavra do género oratório e poético, trabalhos realmente notáveis e que evidenciavam agudeza de engenho, subtil inteligência, acurada selecção vocabular, ponderada e brilhante forma de expressão, enfim, alta erudição, saber e outras qualidades.” Tradução de Miguel Augusto Pinto de Meneses ap. Barreiros, 1988: 30).

<sup>47</sup> Edição e tradução da carta de Jorge Coelho apud Barbosa (2013: 218-219).

<sup>48</sup> A correspondência foi publicada, com tradução, por Silva Terra (1978: 1153-1160) e também por Torres (Góis, 2009: 288-290; 314-315). Para Silva Dias (1969: 249-250), foi Damião de Góis o intermediário entre Jorge Coelho e os Cardeais Bembo e Sadoletto; Silva Terra (1978: 1144-1145) aceita a possibilidade desta hipótese, mas assinala a inexistência de provas que a confirmem. De facto, esta obra também terá sido oferecida a Damião de Góis. Cf. Góis (2009: 294-297).

Francisco de Holanda<sup>49</sup> e um epigrama publicado na edição póstuma das obras de Luísa Sigeia<sup>50</sup>.

### **Vtriusque linguae callentissimus: a formação humanística de Jorge Coelho**

Além do valor da obra, os elogios dos seus contemporâneos também salientam a competência de Coelho nas línguas grega e latina. A distinção que merece no *De Platano*, em que, à semelhança de D. Miguel da Silva, é considerado *utriusque linguae callentissimus*<sup>51</sup>, demonstra a relevância de uma formação humanística que contemplava, a par do latim, também a língua grega, numa época anterior à transferência da Universidade e à implementação do ensino da língua no *studium* português. O facto de os conhecimentos linguísticos de Coelho estarem, na época, limitados aos alunos da corte ou aos bolseiros que frequentavam universidades estrangeiras poderá estar na origem da tese, difundida por Nicolau de Santa Maria e Barbosa Machado, de que teria estudado em Salamanca:

Venerado por Oraculo das sciencias amenas passou à Universidade de Salamanca estudar as severas, e foraõ tão floriosos os progressos da sua applicaçõ que em premio della recebeo o grão de Doutor em Direito Pontificio<sup>52</sup>.

Este testemunho carece, todavia, de confirmação. Sendo certo que os documentos salmantinos são lacunares<sup>53</sup>, não há nos registos da Universidade qualquer referência à frequência de Coelho, nem, como afirma Silva Dias, os seus contemporâneos se lhe

---

<sup>49</sup> Estes epigramas foram publicados por Pinho (1988).

<sup>50</sup> O poema de Jorge Coelho foi publicado em 1566, juntamente com outros poemas de André de Resende, Gaspar Barreiros e Claude Monsel. Uma vez que o poema de Coelho aponta claramente para a publicação da obra póstuma de Sigeia, abre-se a possibilidade de ter sido preparado exclusivamente para este efeito. Uma carta de Diogo Sigeu a Nicot mostra que a edição já estava a ser preparada pelo menos desde 1561, o que é concordante com a data da morte de Coelho apresentada por Nicolau de Santa Maria. Sobre esta questão ver especialmente os estudos sobre Luísa Sigeia que José María Maestre Maestre tem apresentado em congressos da especialidade, assim como o artigo publicado no volume 45 da revista *Euphrosyne* (2017).

<sup>51</sup> Tarrío (2009: 254). Ver também a carta de Rodrigo Sanches (cit. ap. Martins, 1974: 48): *nemo non nouit quanta cum nominis tui gloria, extremum hunc orbem, literis et Latinis et Gracis hactenus nobilitaris*. (“Não há ninguém que não saiba quanto até agora com a glória do teu nome, não só nas letras gregas como nas latinas, tornaste famoso este extremo recanto da terra [...]”). Tradução de Isaltina Martins, 1974: 49).

<sup>52</sup> Nicolau de Santa Maria *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, Parte II, p. 156 e Barbosa Machado, *BL*, t. 2, p. 802.

<sup>53</sup> Cf. Serrão (1962: 143-144).

referiam usando um título académico<sup>54</sup>. A sua ligação ao círculo de D. Henrique e a antigos alunos da Universidade, nomeadamente André de Resende<sup>55</sup>, Gaspar Barreiros<sup>56</sup>, Jerónimo Cardoso<sup>57</sup> ou ainda Rodrigo Sanches<sup>58</sup> terão fortalecido a suposição de que teria estudado em Salamanca.

Também não há indicações de que tenha frequentado as aulas de Luís Teixeira ou de Aires Barbosa, na corte de D. João III, nem é certa a informação de que o seu conhecimento de grego proveio do contacto com Clenardo. Pelo contrário, nas odes que trocaram entre si, há referências ao papel do mestre de Lovaina no ensino da língua hebraica, não havendo qualquer alusão ao grego, que Coelho já dominava<sup>59</sup>.

Os dados mais fidedignos sobre a sua formação encontram-se, na verdade, na sua própria obra: numa carta a Lourenço de Cáceres incluída na versão manuscrita do *De Dea Syria* conservada na Biblioteca Pública de Évora, o humanista revela que se dedicou ao estudo da língua grega enquanto se encontrava em Florença:

Cum superioribus annis Florentiae, quae totius Etruriae clarissima ciuitas est, litteris Graecis operam daremus magnorumque authorum exemplo exercitationis gratia Graeca nonnulla latinis redderemus, uenit et nobis in mentem Luciani opusculum de dea Syria, ad ea tempora intactum, e graeco sermone in latinum uertere<sup>60</sup>.

Esta informação também consta da epístola manuscrita a D. Henrique:

---

<sup>54</sup> Dias (1969: 242).

<sup>55</sup> Muito embora não se preservem os registos da sua estadia na Universidade de Salamanca, Serrão (1962: 177-178) inclui-o entre os estudantes portugueses, tendo em conta a fiabilidade das informações biográficas provenientes da sua obra. Cf. Marques (2003: 97).

<sup>56</sup> Serrão (1962: 229-230). Cf. Barbosa Machado (*Bibliotheca Lusitana*, tomo II, pág. 333, 336).

<sup>57</sup> Serrão (1962: 247-249) estima que terá chegado a Salamanca depois de 1521 e terá voltado para Portugal antes de 1530.

<sup>58</sup> Cf. Serrão (1962: 270).

<sup>59</sup> Cf. Clenardo, *Ode Monoclos*, vv. 10-13: *Nuper qui facilis linquere cetera / quae carae dederant munia litterae / coepisti Solymos uoluere codices / Impigro studio, nec patiens morae*. (“Tu que, há pouco, sem dificuldade, começaste a deixar as restantes obrigações que as caras letras tinham dado, começaste a desenrolar os códices hebraicos com infatigável e impaciente estudo” Tradução de Martins, 1974: 37). Cf. Coelho, *Ode Monoclos*, vv. 7-12: *Iandudum placide me tua dextera / Reptantem facili tramite praeuia / Ad Gentis Solymae uerba recondita / Deducit cupidum, tu pius et sacro / ingens eloquio sensibus abdita / illustras niueo lumine pectoris*. (“Desde há muito que, como um guia, a tua mão me conduz, com brandura, por um caminho fácil, a mim que me arrasto, desejoso, até à língua rara do povo de Jerusalém. Tu, clemente e grande, com uma palavra sagrada, ilustras as coisas ocultas nos pensamentos por meio da luz clara da inteligência”. Tradução de Martins, 1974: 43). Cf. Cerejeira (1974: 80-81).

<sup>60</sup> Ep. II. 2. 1.



Opusculum Luciani περὶ τῆς συρίας θεοῦ, hoc est de dea Syria, Princeps illustrissime, olim in Italia e graeco in latinum uerteramus, tum quod cognitione dignissimum uidebatur – multa enim uetustatis deliramenta Lucianus, summus ironiae artifex, in eo opusculo nobis aperit – tum etiam quia eo tempore graecis litteris operam dabamus<sup>61</sup>.

Tendo em conta que, em 1526, Jorge Coelho já se encontrava ao serviço de D. João III, a sua estadia em Itália terá sido anterior a esta data, possivelmente no início da década de 20. No entanto, a intrigante exclusão desta referência da versão impressa do *De Dea Syria* e o desconhecimento da existência de um manuscrito anterior terão impedido a identificação do local da sua formação<sup>62</sup>. Efectivamente, a carta a Lourenço de Cáceres dada ao prelo apenas refere o motivo por que desenvolveu a primeira tradução do opúsculo, sem aludir aos estudos em Itália.

Sendo este um destino privilegiado para o estudo da língua grega no início do século XVI, a omissão deste dado na edição impressa é verdadeiramente peculiar, e, dado o desconhecimento de outros testemunhos, não pode, neste momento da investigação, suscitar mais do que meras conjecturas. A possibilidade avançada por Senra Martins, de que se trataria de uma “falsificação de currículo” mais tarde retirada da versão impressa<sup>63</sup>, não nos parece muito plausível, tendo em conta a provável circulação do códice na época. De facto, o esmero da cópia preservada na Biblioteca Pública de Évora introduz a hipótese de ter sido esta a cópia oferecida a D. Henrique, que não deveria desconhecer o local de formação do seu secretário.

É possível, porém, que se tratasse de um dado sensível que Coelho terá optado por retirar, como se verifica, de resto, com outro tipo de informações suprimidas em consequência da reformulação dos paratextos anterior à publicação da obra. Não se afigura inconcebível, por exemplo, que a sua ligação a Itália tenha sido D. Miguel da Silva, que introduziu Francisco de Holanda em Roma, alguns anos mais tarde, mas que, devido ao desentendimento com D. João III, não seria mencionado no tratado *Da Pintura Antigua*<sup>64</sup>. O lugar de destaque que o bispo de Viseu assume no *De Platano* é, aliás, uma

---

<sup>61</sup> Ep. I. 1.

<sup>62</sup> A versão manuscrita da tradução do *De Dea Syria* foi referida pela primeira vez por Armando Senra Martins (2019).

<sup>63</sup> Martins (2019: 73).

<sup>64</sup> Deswarte (1989: 4-5). Sobre D. Miguel da Silva, ver Dias (1969: 76-106), Deswarte (1989) e Buescu (2010; 2012: 193-194). O afastamento de D. João III e a fuga de Portugal foram estudadas por Deswarte (1989: 93-96) e Buescu (2010: 153-168).

das várias possibilidades aduzidas por Tarrío para o tratado ter ficado em estado manuscrito<sup>65</sup>.

É igualmente provável que, apenas três anos depois da transferência da Universidade, Coelho não sentisse necessidade de filiar os seus estudos de grego em Itália. À semelhança de Clenardo, também o *De Platano* testemunha o orgulho vinculado à reforma dos *studia* que D. João III projectava em Coimbra e a esperança de que as *bonae litterae* florescessem em Portugal<sup>66</sup>.

De qualquer modo, e independentemente dos motivos que o terão levado a retirar esta informação da versão impressa, a presença de vários portugueses em Itália no primeiro quartel do século XVI torna bastante provável a veracidade das afirmações de Coelho, não sendo, portanto, necessário duvidar da sua autenticidade<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> Tarrío (2009: 205). A presença de D. Miguel da Silva é apenas uma das razões que podem ter contribuído para o *De Platano* não ter sido impresso. Tarrío (2009: 204-208) também refere as denúncias inquisitoriais de que Sá de Meneses foi alvo.

<sup>66</sup> Cf. Sá de Meneses, *De Platano*, II. 146-148 (Tarrío 2009: 298): *Video namque, nec me credo coniectura fallit, bonas litteras Portugalliae regnum propediem inundaturas, cum nostratium ingenia agnoscam ad quascunque bonas artes capessendas aptissima et ea mente affectum uideam Reguem nostrum ut eas in ditionem suam quaquam patet percipiat inducere, quem abhinc quindecim annos, ex quibus summae rei sapienter praeest, semper id parturire intellexi.*” Cf. tradução de Tarrío (2009: 299): “Vejo, e não creio que me engane nesta conjectura, que as boas letras vão inundar dentro em pouco o reino de Portugal, pois conheço as qualidades intelectuais dos nossos compatriotas, aptas para avançar no estudo de todas as boas artes, e vejo o nosso rei com uma tal disposição de espírito que deseja vivamente introduzi-las por todo o lado nos seus domínios. Há quinze anos aliás, desde que preside tão sabiamente aos destinos do Estado, em todo momento percebi que acalentava isto.”

<sup>67</sup> Sobre a presença de estudantes portugueses em Itália no final do século XV e início do século XVI, ver especialmente Sá (1983b). Num estudo mais geral sobre a *perigrinatio academica* dos escolares portugueses, Norte e Leitão (2016: 72-81) destacam a importância das universidades italianas no século XV.

## 2. DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO

Além de revelar as circunstâncias e o propósito pedagógico da tradução do *De Dea Syria*, a carta manuscrita a Lourenço de Cáceres indica a existência de uma primeira versão elaborada em Itália antes de 1526, data em que se confirma a presença de Jorge Coelho na corte portuguesa. Muito embora este primeiro texto se tenha perdido, sobreviveram duas versões que correspondem a fases posteriores da tradução.

A primeira revisão terá sido efectuada quando Jorge Coelho já se encontrava em Portugal ao serviço de D. João III. Como revela a Lourenço de Cáceres, terá descoberto, perdido entre os seus papéis, o antigo trabalho juvenil num momento de descanso dos seus afazeres áulicos:

Ita plures iam anos ea nostra lucubratio cum blattis et tineis rationem habuit, periisset autem penitus ut fortasse merita erat, nisi mihi per hos dies, quibus ab aulica ambitione feriatum sumus, scriniola mea uersanti ea ipsa in manus incidisset<sup>1</sup>.

Uma das versões do *De Dea Syria*, que possivelmente resultou desta primeira reformulação, foi preservada num manuscrito da Biblioteca Pública de Évora<sup>2</sup>, tendo sido posteriormente impressa em 1540, em conjunto com outras obras de Jorge Coelho<sup>3</sup>.

A comparação do manuscrito com a versão impressa revela alterações substanciais decorrentes de uma revisão profunda, concordantes com a maturação do autor no período que mediou as duas versões e ainda com as alterações políticas e culturais que marcaram o panorama português no segundo quartel do século XVI.

### ***O manuscrito da Biblioteca Pública de Évora (Cód. 229)***

O manuscrito preservado na BPE é composto por 38 fólios, com a dimensão de 15 cm de largura por 20,8 cm de altura, sendo que os dois primeiros e os dois últimos fólios se

---

<sup>1</sup> Ep. I. 6. Cf. Praef. II. 3: *Id igitur cum mihi nuper schedia mea uersanti forte in manus incideret, non potui negligentiam meam tacito conuitio non damnare, qui eruditissimi hominis uigilias, meo Marte latinitate donatas, tandiu in tenebris delitescere passus essem.*

<sup>2</sup> Luciani *De Dea Syria Liber Vnus Georgio Coelio Lusitano Interprete*, BPE cód. 229.

<sup>3</sup> Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana Liber Vnus. Item nonnulla alia quae in fine uidebis*. [Lisboa]: apud Ludouicum Rothorigium, 1540, fls. 32v-59r.

encontram em branco. A dimensão da caixa de texto é de 14,5 cm de altura por 9 cm de largura e o texto encontra-se distribuído em cerca de 20 linhas por página numa coluna única.

Apesar da elegância do manuscrito e da escrita humanística uniforme, não há iniciais decoradas. Não há rasuras nem marcas de leitura, excepto uma marca de revisão censória no primeiro fôlio: “Non prohibitur. Tuto lege 1574, mense Augusto”. No fôlio 18 existe uma adenda supralinear e no fôlio 29v um acrescento na margem esquerda.

O esmero do manuscrito e o cuidado da mão, assim como as correcções introduzidas posteriormente à elaboração do texto, indicam que estamos perante uma cópia, possivelmente elaborada para oferecer ao Infante D. Henrique, a quem dedica a tradução.

O códice 229 contém dois textos prefaciais: o Prefácio (fls. 3-5v) e uma carta ao Infante D. Henrique (fls. 6-6v), que não se encontra na versão impressa em 1540. Segue-se a tradução do opúsculo de Luciano (fls. 7-34v) e, por fim, a carta dirigida a Lourenço de Cáceres (fls. 35-36v), que, tal como a tradução, apresenta um elevado número de variantes relativamente à versão impressa. A resposta de Lourenço de Cáceres, incluída na edição de 1540, não se encontra no manuscrito de Évora, tendo sido, muito provavelmente, elaborada posteriormente.

Devido às reduzidas informações biográficas que temos de Jorge Coelho, a datação do apógrafo não é muito clara. No entanto, algumas referências históricas presentes nos paratextos permitem-nos considerar uma data aproximada para a sua produção.

A alusão, no Prefácio, à administração de Lisboa por D. Afonso revela que o manuscrito não pode ser anterior a 1523, ano em que o Infante foi nomeado arcebispo da cidade pelo Papa Adriano VI<sup>4</sup>:

Ipsa etiam nostri partem sibi iure laboris  
uendicat Alfonsus frater, cui murice sacro  
effulget radiatus apex, quo Praesule gaudet  
urbs opulenta Tagi, et quem rerum maxima Roma,  
sanctaque Cardinei miratur turba Senatus<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Cf. CDP, vol. 2: 109. Apesar de ter sido nomeado arcebispo da cidade em 1523, só a partir dos 27 anos de idade poderia usufruir plenamente do título.

<sup>5</sup> *Praef.* 79-83.

A referência ao cardinalato nos versos seguintes permite delimitar ainda mais o período de produção do apógrafo, pois, ainda que o Infante D. Afonso tenha sido nomeado Cardeal em 1517, a bula de Leão X estipulava que apenas poderia receber formalmente as insígnias quando atingisse os dezoito anos de idade, ou seja, em 1526<sup>6</sup>. A menção, nos versos transcritos, ao barrete cardinalício e às vestes sagradas (*sacer murex; radiatus apex*) parece apontar precisamente para essa cerimónia. Não pode ser uma alusão à sagração episcopal de D. Afonso, ocorrida em 1536, pois a caracterização de D. Henrique, em ambos os textos prefaciais do manuscrito, como Sereníssimo e Ilustríssimo Infante de Portugal, quando na versão impressa em 1540 é tratado como Arcebispo de Braga e Primaz das Hispânicas, indica que o manuscrito é anterior a 1533, ano em que obteve, por bula de Clemente VII, o arcebispado de Braga<sup>7</sup>. Note-se ainda que, na versão manuscrita da carta a Lourenço de Cáceres, Coelho se refere ao Infante D. Henrique como *puer*, designação sem paralelo na versão impressa<sup>8</sup>.

Um outro dado deve ser tomado em consideração: a epístola destinada a Lourenço de Cáceres, cuja resposta foi incluída na versão impressa. Segundo Manuel Severim de Faria, em 1531 Lourenço de Cáceres já tinha morrido, o que indica que já existia, antes deste ano, uma versão revista da tradução<sup>9</sup>. Embora não seja possível identificar a cópia preservada na Biblioteca Pública de Évora com a que terá sido enviada a Lourenço de Cáceres, a hipótese de serem coetâneas é bastante elevada, pois, caso contrário, a resposta de Cáceres teria sido incluída no manuscrito. Com efeito, a ortografia que Cáceres utiliza é semelhante à do manuscrito e não à da versão impressa, o que revela que teve acesso a uma versão anterior<sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup> Pinho (2007: 17-18). Cf. Almeida (1968, vol. 2, livro III: 580-581) e Paiva (2007).

<sup>7</sup> CDP, vol. 2: 442-443. Apesar de usufruir do título, apenas se poderia tornar arcebispo de pleno direito quando completasse os 27 anos de idade, em 1539. Depois da morte de D. Afonso, em 1540, D. João III requereu a elevação de Évora a Arcebispado e a atribuição da diocese a D. Henrique. Ambos os pedidos foram concedidos por bulas de Setembro de 1540 (CDP, vol. 14, pp. 344-5, 345-6); cf. Polónia (2009: 95). O título de D. Henrique patente na edição do *De Patientia Christiana* revela que a publicação da obra é anterior a esta data.

<sup>8</sup> Ep. II. 2. 8: [...] *Enrrico illustrissimo Infanti Portugalliae summae indolis atque spei puero dicare constitui*. Cf. Ep. II. 1. 5: [...] *nunc demum in lucem aedere atque Henrico illustrissimo et humanissimo Principi dicare constitui*.

<sup>9</sup> Manuel Severim de Faria, *Discursos varios politicos*, 1624, fl. 32v. Sobre Lourenço de Cáceres, ver Serrão (1973: 353- 357) e Asensio (1974: 163-171, 177-178).

<sup>10</sup> Em vez de *Attes*, cuja preferência Coelho justifica (Adm. 3), redige *Attis*.

Estas considerações levam-nos a propor que o manuscrito tenha sido elaborado entre 1526 e 1533 ou, em última instância, considerando a morte de Lourenço de Cáceres e pressupondo a inexistência de uma cópia anterior à que possuímos, 1531.

### *A edição de 1540*

A versão impressa do *De Dea Syria* é o último texto de uma colectânea de composições da autoria de Jorge Coelho reunidas sob o título *De Patientia Christiana*<sup>11</sup>. Trata-se de uma compilação que contém obras de variados assuntos, de teor religioso, tais como o poema *De Patientia Christiana*, que dá o nome ao volume, ou a *Lamentatio Diuae Mariae Magdaleneae*, poemas laudatórios dedicados a D. João III e a D. Manuel I, e ainda composições que celebram eventos específicos, nomeadamente os epigramas *De aqua argentea* e *De eadem*<sup>12</sup>, relativos à construção do aqueduto de Évora entre 1531 e 1537<sup>13</sup>, ou o poema heróico

---

<sup>11</sup> *Georgii Coelii Lusitani De Patientia Christiana Liber unus* [...], Lisboa, 1540, fls. 1v-2v: *Epistola Excellentissimo Principi et reuerendissimo domino D. Henrico Infanti Portugalliae, Archiepiscopo Bracarensi et Hispaniarum Primati Georgius Coelius Lusitanus Salutem plurimam dicit*; fls. 3r-3v: *Georgii Coelii Lusitani in libellum de Patientia Christiana ad Henricum Infantem Principem illustrissimum Archiepiscopum Bracarensem et Hispaniarum Primatem Praefatio*; fls. 4r-16r: *Georgii Coelii Lusitani de Patientia Christiana libellus*; fls. 16v-18r: *Lamentatio Diuae Mariae Magdaleneae ad Domini nostri Iesu Christi sepulchrum Georgio Coelio auctore*; fls. 18v-20v: *Ad Ludiucum Infantem Principem serenissimum Regis Emanuelis filium de simulachro uirginis deiparae ab eodem in direptione urbis Tunetis reperto Georgii Coelii Lusitani carmen Heroicum*; fl. 20v: *De aqua Argentea ciuitatis Eborae Epigramma eiusdem*; fls. 20v-21r: *De eadem*; fl. 21r: *Ad Ioannem Regem inuictissimum*; fl. 21r: *In laudem eiusdem*; fls. 21r-21v: *De Emmanuele Rege*; fls. 21v-22r: *De equo sibi donato*; fl. 22r: *De piscatore naufragio merso*; fls. 22r-23v: *Ad Nicolaum Clenardum Ode monoclos*; fls. 24r-24v: *Reuerendissimo Domino et excellentissimo Principi Alfonso S. R.E. tituli sanctorum Ioannis et Pauli Cardinali ac Portugalliae Infanti Georgius Coelius S. P. D.*; fls. 24v-29r: *Victoria Lusitanorum aduersus Turcos per Georgium Coelium Lusitanum*; fls. 29v-31r: *Georgii Coelii Elegia in obitum excellentissimi Principis Alfonsi S. R. E. tituli sanctorum Ioannis et Pauli Cardinalis ac Portugalliae Infantis*; fls. 31r-32v: *Conquestio Virginis Deiparae cum Domini nostri Iesu Christi corpus de cruce depositum est. Georgio Coelio auctore*; fls. 32v-34v: *Georgii Coelii Lusitani in libellum Luciani de Dea Syria a se latinitate donatum ad Henricum Infantem Principem illustrissimum electum Archiepiscopum Bracarensem et Hispaniarum Primatem Praefatio*; fls. 35r-57r: *Luciani De Dea Syria Liber unus Georgio Coelio Lusitano interprete*; fls. 57v-58r: *Georgius Coelius Laurentio Caceri S. P. D.*; fls. 58v-59r: *Laurentius Caceres ad Georgium Coelium*; fl. 61r: *Admonitio*; fl. 61r: *Errata*.

<sup>12</sup> *Georgii Coelii Lusitani De Patientia Christiana Liber unus*, fls. 20v-21r. Ambos os epigramas foram transcritos por Deswarte (1989: 148).

<sup>13</sup> Sobre o aqueduto e a polémica entre André de Resende e D. Miguel da Silva acerca da sua construção por Sertório, que Resende relata na *História da Antiguidade da Cidade de Évora* (Resende 1963: 17-18), veja-se especialmente Deswarte (1989: 84-92) e Rodrigues (2012: 256-259). Curiosamente, o primeiro verso do epigrama de Joelho Coelho parece aludir veladamente a esta questão: *Quis populo tandem ductum instaurauit aquarum?* (*Georgii Coelii Lusitani De Patientia Christiana Liber unus*, fl. 20v).

dedicado a D. Luís, em memória da conquista de Tunes em 1535<sup>14</sup>. Há ainda uma elegia fúnebre à morte do Cardeal D. Afonso, o que indica que a impressão da obra é posterior a Abril de 1540.

O *De Patientia Christiana* constitui, assim, uma compilação de várias composições de Coelho elaboradas ao longo de um amplo período de tempo, sem qualquer coerência temática, e das quais a mais antiga será, justamente, o *De Dea Syria*. Tendo em conta que as obras incidem, no seu conjunto, sobre temas religiosos ou encomiásticos, a versão latina do opúsculo de Luciano destaca-se completamente, não só por se tratar de uma tradução latina de uma obra grega – e não de uma obra original – mas sobretudo pelo seu conteúdo, que, embora ligeiramente satírico, poderia revelar um interesse pelo mundo oriental perceptível na obra de outros autores quinhentistas portugueses.

Apesar de constituir uma obra da sua juventude, as diferenças existentes entre a versão impressa e o manuscrito demonstram que Jorge Coelho efectuou uma revisão profunda e que o resultado publicado não é um trabalho juvenil. Como foi referido, a carta ao Infante D. Henrique é totalmente excluída; o Prefácio apresenta algumas alterações, maioritariamente de índole ortográfica, mas as principais modificações registam-se na carta a Lourenço de Cáceres e na tradução do *De Dea Syria*, como demonstra o aparato crítico que acompanha a edição do texto latino.

A resposta de Lourenço de Cáceres, que não consta do manuscrito, é incluída na versão impressa. Muito embora se infira, da sua resposta, não ter nada a apontar, é possível que algumas das alterações efectuadas por Coelho tenham sido o resultado da leitura de Cáceres que, como foi referido anteriormente, terá tido acesso a uma versão coetânea à do manuscrito, se não ao próprio códice da BPE.

O impresso de 1540 contém ainda uma advertência ao leitor e uma Errata, que, apesar de inseridos no final do volume, se referem apenas ao texto do *De Dea Syria* e não só revelam que Jorge Coelho terá acompanhado a edição do livro como também testemunham a sua preocupação com aspectos ortográficos, nomeadamente com a transliteração de vocábulos gregos.

---

<sup>14</sup> *Georgii Coelii Lusitani De Patientia Christiana Liber unus*, fls. 18v-20v. Sobre a participação de D. Luís na conquista de Tunes, ver Buescu (2012: 166-167), Carvalhal e Jesus (2017).

### 3. A TRADUÇÃO LATINA DO *DE DEA SYRIA*

Cum superioribus annis Florentiae, quae totius Etruriae clarissima ciuitas est, litteris Graecis operam daremus magnorumque authorum exemplo exercitationis gratia Graeca nonnulla latinis redderemus, uenit et nobis in mentem Luciani opusculum de dea Syria, ad ea tempora intactum, e graeco sermone in latinum uertere. Quo opere iam finito, cum ipse rem accuratius pensitarem, **uidebar mihi in huiusmodi conuersione maiore uerborum copia quam Ionicam authoris breuitatem deceret**, quasi quodam nimio aestu redundasse atque intra alueum teneri non potuisse<sup>1</sup>.

Os elementos paratextuais que precedem, no manuscrito e no impresso, o *De Dea Syria* revelam-se essenciais para compreender a abordagem de Jorge Coelho ao texto grego, bem como os principais aspectos da revisão que se prolongou até à publicação da obra, em 1540. Ainda que o principal propósito do autor fosse expor as circunstâncias que o levaram a elaborar uma versão latina do texto de Luciano – nomeadamente o desejo de se exercitar no estudo da língua grega – e que conduziram à sua posterior divulgação, é possível deduzir, especialmente a partir das epístolas manuscritas a Lourenço de Cáceres e ao Infante D. Henrique, que a intenção pedagógica que orientou a primeira tradução não se manifestou num tipo de *conuersio ad uerbum* como a que caracteriza as versões escolares preservadas nas margens das edições quinhentistas<sup>2</sup>. Pelo contrário, a *copia uerborum* que associa ao seu espírito juvenil e a preocupação com o estilo do original que, aparentemente, a sua versão não satisfazia<sup>3</sup> pressupõem uma valorização da dimensão estética do texto que o aproxima das traduções humanísticas fundadas nos princípios de Cícero ou Horácio<sup>4</sup>.

Assim, muito embora surja identificada com os excessos da *adulescentia* à data da sua estadia em Itália, a exuberância retórica da primeira versão implica uma rejeição da *fida*

---

<sup>1</sup> Ep. II. 2. 1-2.

<sup>2</sup> Cf. Sidwell (2017: 247-251) e Botley (2014: 479). Botley divide em três os tipos de tradução praticados neste período: traduções que tinham como propósito substituir o texto grego, de forma a minimizar a necessidade de consulta do original (2004: 165-170); traduções competitivas (2004: 170-172) e traduções suplementares, que visavam facilitar o acesso ao texto grego (2004: 172-177).

<sup>3</sup> Cf. Ep. I. 4.

<sup>4</sup> Cf., e. g., Cic. *de Orat.* 1. 155; *Opt. Gen.* 5. 14-15; Hor. *Ars* 133-134. O recurso à expressão usada por Cícero (Cic. *Nat. D.* 1.8) para rejeitar a pobreza da língua grega não parece fortuito. Cf. White (2015: 72). Sobre a questão da tradução na literatura latina, ver principalmente Copeland (1991: 9-36) e Serés (1997: 26-29).



*interpretatio* que, de uma forma geral, caracterizava as traduções medievais<sup>5</sup>, e, à semelhança de Guarino de Verona, Leonardo Bruni, Lorenzo Valla, ou mesmo, numa fase inicial, Angelo Poliziano, revela um esforço de adaptar a sua tradução à estética dos textos latinos humanísticos<sup>6</sup>.

Não obstante as críticas de que foram alvo – por parte de Erasmo, Moselano ou ainda Micilo – os tradutores italianos de Luciano, precisamente devido à falta de fidelidade<sup>7</sup>, a sua influência na obra de Jorge Coelho afigura-se bastante provável, devido ao facto de o humanista português ter iniciado os estudos de grego em Florença e de a primeira versão do *De Dea Syria* ter sido elaborada em Itália.

No entanto, a consciência de que a sua tradução se afastava do estilo do original e não correspondia à *breuitas* de Luciano terá ditado a primeira revisão do opúsculo, que, de acordo com a carta ao Infante D. Henrique, visava precisamente uma simplificação do texto latino:

Itaque cursim nonnullis aut detractis aut emendatis, quae olim cum haec interpretarer, ut in illo adolescentiae feruore scripta, nimia uerborum luxurie diffluere uidebantur, tibi eam nostram lucubratiunculam, Princeps humanissime, dicare statui<sup>8</sup>.

Além disso, a caracterização do estilo do sofista como *grauis* e *maturus* – possivelmente devido à concepção de Luciano como um autor moral<sup>9</sup> – tornava mais premente a necessidade

---

<sup>5</sup> Copeland (1991: 52-53). A recuperação do método de *conuersio ad uerbum*, que S. Jerónimo limitara aos textos sagrados, por parte de Boécio e a sua aplicação a obras seculares significou uma mudança de paradigma, assente na associação entre literalidade e fidelidade ao texto original. Por outro lado, como refere Botley (2004: 4), as traduções medievais tinham como propósito permitir o acesso a textos gregos, muitos dos quais obras técnicas, o que explica a preferência por este método de tradução.

<sup>6</sup> Cf. Pade (2014: 355): “The tendency to transform not only words and phrases but also style and literary form into the idioms of the ‘host’ culture is a hallmark of humanist translation, both in theory and in practice.” Sobre as primeiras traduções de textos gregos e o seu afastamento do original de forma a corresponder à estética latina, ver especialmente Pade (2014; 2016; 2018). Embora, numa fase final, as traduções de Poliziano sejam bastante respeitadoras do original, na tradução dos livros II e III da *Ilíada* nota-se uma tendência para adaptar a versão latina de Homero ao estilo latino do período augustano (Boparai, 2014). Cf. Maier (1966: 86-98) e Rubinstein (1983: 51-67).

<sup>7</sup> Cf. Robinson (1969: 364-365) e Sidwell (2017: 247). A mesma falta de fidelidade ao original motivou a crítica de Giannozzo Manetti a Leonardo Bruni (Botley, 2004: 80) e a de Estienne à tradução de Tucídides elaborada por Lorenzo Valla (Pade, 2016: 18).

<sup>8</sup> Ep. I. 4. Cf. Ep. II. 2. 9.

<sup>9</sup> Tendo em conta a divisão dos estilos segundo Quintiliano (*Inst. Or.* 12.10.58), a classificação do estilo de Luciano como *grauis* não se afigura muito clara. Por esta razão, entendemos que poderá estar relacionada com

de uma revisão do *De Dea Syria*. Com efeito, na epístola manuscrita a Lourenço de Cáceres, Coelho admitia ter recorrido a um tipo de linguagem pouco adequada ao estilo de Luciano, por se ter deixado levar pelo seu ardor juvenil ao traduzir pela primeira vez o opúsculo, ainda em Itália:

Ego enim, tametsi non ignorabam ab eo quo ἄδρὸν, id est, graue, et maturum Graeci uocant, interpretationis nostrae stylum longe abesse, tamen eiusmodi **uerborum lasciuia** illius aetatis nostrae ardori ac iuuenili cuidam audaciae condonari posse putabam<sup>10</sup>.

Na ausência de uma cópia da primeira versão, apenas podemos pressupor que a reformulação, ainda que sumária, terá tido como objectivo a procura de um estilo mais próximo do original. Coelho terá, assim, simplificado e moderado a sua linguagem, de forma a conciliar a sua tradução com a leitura moralizante de Luciano.

De facto, ainda que a versão do *De Dea Syria* publicada em 1540 não privilegie inteiramente a fidelidade em detrimento da *claritas* ou da *elocutio*, a revisão que a precedeu revela o mesmo tipo de preocupação e sugere uma tentativa de aproximar o texto latino do original grego, quer pela simplificação de algumas passagens mais elaboradas, quer pela emenda de erros de tradução.

### ***Luciano no latim de Jorge Coelho***

A concisão linguística que, de uma forma geral, caracteriza o opúsculo atribuído a Luciano explica que algumas das opções de tradução de Jorge Coelho se encontrem visivelmente afastadas do original<sup>11</sup>. Esta questão não se prende apenas com razões estilísticas, mas também com o propósito de tornar a versão latina perceptível, e nota-se, sobretudo, na introdução de explicações mitológicas ou no desenvolvimento de expressões que, pelo seu sintetismo, se tornavam obscuras.

Assim se compreende, logo no início da tradução, o estabelecimento de uma correspondência entre a deusa Hera e a sua equivalente Juno que não se encontra no texto

---

a imagem do sofista como um autor moral, difundida a partir do século XV, e com as traduções latinas que mascaravam o aspecto satírico das suas obras. Cf. Parte I, cap. 1, n. 16.

<sup>10</sup> Ep. I. 12.

<sup>11</sup> O estilo e a linguagem da obra foram estudados por Lightfoot (2003: 86-158).

grego: *ab Hera, id est Iunone dea Assyria*<sup>12</sup>. Se, quanto às restantes divindades, o tradutor optou principalmente pela designação latina<sup>13</sup>, neste caso, a escolha do nome grego justifica-se pela relação etimológica estabelecida entre o nome de Hera e o da cidade Hierápolis – aliás mais evidente na versão latina do que no texto original<sup>14</sup>.

De facto, a preferência pelo nome grego em detrimento do latino verifica-se noutros casos em que a relação etimológica se afigura relevante. Na referência à cidade Hierápolis, mantém a denominação *Hira*<sup>15</sup>, após explicitar o seu sentido<sup>16</sup>; da mesma forma, verte *φαλλός* por *phallus*, de forma a estabelecer uma correspondência com o composto *φαλλοβάττης*<sup>17</sup>, depois de revelar o significado: *phallus graece uerenda significat*<sup>18</sup>.

Neste ponto, Jorge Coelho afasta-se visivelmente das outras duas traduções do *De Dea Syria* publicadas antes de 1540, que eventualmente terá manuseado enquanto preparava a

<sup>12</sup> Coel. DDS. 1. Cf. DDS. 259: *Nam tametsi ex omnibus quae Iunoni ascribuntur, Heram, id est Iunonem, constat esse.*

<sup>13</sup> Cf., e. g., Coel. DDS. 17: [...] *ipsam, uidelicet eximia pulchritudine, a Ioue deamatam et cupitam fuisse.* (Lucianus Syr. D. 4: *ὅτι ἐοῦσαν καλὴν, Ζεὺς ἐπόθεε*); 21: *At enim Veneris Bybliae augustum fanum Bybli uidimus* (Lucianus Syr. D. 6: *εἶδον δὲ καὶ ἐν Βύβλῳ μέγα ἱρὸν Ἀφροδίτης Βυβλίνης*); 259: [...] *aliquid tamen habet et Mineruae, aliquid Veneris, aliquid Lunae [...] et Parcarum.* (Lucianus Syr. D. 31: *ἔχει δέ τι καὶ Ἀθηναίης, καὶ Ἀφροδίτης, καὶ Σεληναίης [...] καὶ Μοιρέων*). No caso de Dioniso, verifica-se, todavia, o uso do nome grego e do romano, possivelmente para evitar repetições e garantir a *uarietas* do texto latino. Cf., e. g., Coel. DDS. 84-85: *Non ergo hic desunt qui et deam Iunonem arbitrentur et operis extructionem ad Bacchum Semeles referant, siquidem Dionysium, qua tempestate ex Aethiopia reuertebatur, ad Syriam deuenisse. Sed et multa in aede signa non alium conditorem quam Bacchum arguunt, in quibus et uestes barbarae et lapilli indici elephantorumque cornua uisuntur, quae ipse Dionysius ex Aethiopibus detulit.* (Lucianus Syr. D. 16: *τὴν μὲν θεὸν Ἥρην δοκέοντες, τὸ δ' ἔργον Διονύσου τοῦ Σεμέλης ποίημα· καὶ γὰρ δὴ Διόνυσος ἐς Συρίην ἀπύκετο κείνην ὁδὸν τὴν ἦλθε ἀπ' Αἰθιοπίνην. καὶ ἔστι πολλὰ ἐν τῷ ἱρῷ Διονύσου ποιητέω σήματα, ἐν τοῖσι καὶ ἐσθῆτες βάμβαροι καὶ λίθοι Ἰνδοὶ καὶ ἐλεφάντων κέρα, τὰ Διόνυσος ἐξ Αἰθιοπῶν ἤνεικε.*); 86-87: [...] *Hos phallos Dionysius Iunoni nouercae posui. Quanquam uero haec opinionem de Baccho sat probare atque testari uidentur, adiiciam tamen aliud quod intra templum Dionysio sacrum apparet.* (Lucianus Syr. D. 16: *τούσδε φαλλοὺς Διόνυσος Ἥρῃ μητρὶν ἀνέθηκα. ἐμοὶ μὲν ὧν καὶ τάδε ἀρκέει. ἐρέω δὲ καὶ ἄλλο, τι ἐστὶ ἐν τῷ νηῷ, Διονύσου ὄργιον*).

<sup>14</sup> Coel. DDS. 1: *appellatur autem Hira, id est, sacra, et Hira quidem ab Hera, id est, Iunone dea Assyria, quae in ea ciuitate colitur.* Cf. DDS. 146: [...] *imperabat illi Hera dea ut templum sibi in ciuitate Hira instauraret;* 172: *Vulgatum uero est in ciuitate Hira Heram deam se eius casus authorem uoluisse.*

<sup>15</sup> Cf., e. g., Coel. DDS. 41: *in Hira ciuitate spectatur;* 71: *in ciuitate Hira expressa uideatur;* 170: *Ergo in ciuitatem Hiram uenientes.*

<sup>16</sup> Coel. DDS. 1: *Hira, id est, sacra.*

<sup>17</sup> Coel. DDS. 246: *Et de phallobatis quidem ipsis haec nos tradidisse sufficiat.* Cf. Coel. DDS. 86, 88, 232, 235, 236, 237.

<sup>18</sup> Coel. DDS. 86.

versão impressa, pois Micilo traduz o nome da cidade por *sacra*<sup>19</sup> e *φαλλός* por *priapus*<sup>20</sup>, enquanto Lupano opta por *penis*<sup>21</sup>, e ambos mantêm a designação latina Juno, em vez de Hera<sup>22</sup>.

Vinculado ao mesmo intuito de clarificar o texto latino, verifica-se ainda a introdução de observações que remetem para informação tratada anteriormente<sup>23</sup> ou que esclarecem pontos relativamente obscuros. Assim, no episódio de Combabo, Coelho não só evidencia o motivo pelo qual Seleuco enviou a sua esposa para construir o templo<sup>24</sup> como também introduz a explicação da causa da *aegritudo* da rainha, que não se encontrava no original<sup>25</sup>. A *amplificatio* do texto grego é outro dos recursos utilizados: ao traduzir *ἐν τὸν ὅποια ἐπεπόνθεε*<sup>26</sup>, nas palavras de Custódio Magueijo, “o que lhe tinha acontecido”<sup>27</sup>, por *eunuchum esse omnibus probauit*<sup>28</sup>, privilegia uma tradução mais explícita em detrimento da fidelidade em relação ao texto de Luciano.

<sup>19</sup> Mic., fl. 313v: *Est in Syria ciuitas, non longe ab Euphrate flumine, uocatur autem Sacra, et est quoque sacra Iunonis Assyriae*. Cf. Lup., fl. 3r: *Est in Syria ciuitas haud procul ab Euphrate fluuiio, uocaturque Hiera, et est Iunoni Assyriae sacra*.

<sup>20</sup> Mic., fl. 315r: *Etiam Priapi stant in uestibulis, duo admodum magni, qui tali Epigrammate inscripti sunt*.

<sup>21</sup> Lup., fl. 15v: [...] *stant pro uestibulo duo uastae magnitudinis penes in quibus tale inscriptum epigrama est*.

<sup>22</sup> Cf., e. g., Mic., fl. 314v: *Iunoni sacram erexit*; fl. 316v: *Iunoni gratificantes*; fl. 317r: *simulachra deorum posita sunt, Iunonis uidelicet*; Lup. fl. 12v: *non in Iunonis [...] honorem*; fl. 21r: *afferentes Iononem Combabi gratia*; fl. 22v: *In eo sunt deorum simulachra Iuno [...]*.

<sup>23</sup> Cf., e. g., Coel. DDS. 67: *ut diximus*; Coel. DDS. 232: *de quibus supra meminimus*; Coel. DDS. 290: *quo descriptissimus ordine*.

<sup>24</sup> Coel. DDS. 148: [...] *uir, deorum metuens, uxorem in ciuitatem Hiram mittere properabat*. Cf. Lucianus Syr. D. 19: *ὁ ἀνὴρ ἐς τὴν ἱρὴν πόλιν ἔπεμπε*.

<sup>25</sup> Coel. DDS. 173: *Ea igitur, cum in amorem incidisset, primum quidem sibi moderari et aegritudinem utcunque celare [...]*. Cf. Lucianus Syr. D. 22: *ἡ δὲ τὰ μὲν πρῶτα ἐσωφρόνεεν καὶ τὴν νοῦσον ἔκρυπτε*. Veja-se também Coel. DDS. 242: *minister huic nomenclaturae destinatus*, versão de *παρεστεῶς δὲ ἄλλος* (Lucianus Syr. D. 29); Coel. DDS. 252: *Cunque ex eo loco, unde redolentissima nubes fertur, discesseris, nihilo tamen secius et uestis ipsa tua fragrantissimum odorem minime amiserit et ipse nullo tempore iocundissimi spiritus non memineris*, que insere a explicação pela qual o perfume permanece na roupa, inexistente no texto de Luciano: *καὶ ἦν αὐτὶς ἀπίης, οὐδαμῶς λείπεται, ἀλλὰ σευ τὰ τε εἴματα ἐς πολλὸν ἔχει τὴν πνοιήν, καὶ σὺ ἐς πάνταν αὐτῆς μνήσσαι* (Lucianus Syr. D. 30).

<sup>26</sup> Lucianus Syr. D. 25.

<sup>27</sup> Luciano (2013b: 185).

<sup>28</sup> Coel. DDS. 200. A caracterização de Combabo como *νηνίην κάρτα καλόν* (Lucianus Syr. D. 19) também é alvo de uma reformulação profunda, pois adquire na versão de Jorge Coelho um tom moralizante: *optimis moribus et probitate summa iuvene* (Coel. DDS. 149). Cf. ainda a tradução de *τοῦ ἀνέμου ἡ συντυχίη* (Lucianus Syr. D. 9) por *stata ipsius flatus uehementia* (Coel. DDS. 37), que pretende esclarecer os argumentos do habitante de Biblo, ou a versão da expressão *ὁδὸν ἡμέρης* (Lucianus Syr. D. 9) por *abest autem ab eo oppido unius diei iter* (Coel. DDS. 38).

A principal dificuldade do *De Dea Syria* deriva, porém, do traslado de compostos gregos sem correspondência latina, que soluciona de formas diversas: na tradução de ζανθόγεως (“de solo amarelo”)<sup>29</sup> recorre a uma construção perifrástica, com participio (*terram [...] in flauum plurimum uergentem*<sup>30</sup>); já ἀγχίθεος, literalmente “os que são próximos do deus”<sup>31</sup>, corresponde à oração relativa *qui diis maxime accepti sunt*<sup>32</sup>. No entanto, à semelhança de Cícero ou de Erasmo de Roterdão<sup>33</sup>, também se verifica a criação de termos latinos a partir dos modelos gregos, de forma a evidenciar a peculiaridade dos rituais narrados, como demonstram a versão de φαλλοβατέων [...] περί por *de phallobatis*<sup>34</sup> ou παραβώμοι por *parabomii*<sup>35</sup>.

A supressão de algumas das explicações que se encontravam no manuscrito para elucidar o sentido dos termos latinos criados directamente a partir dos vocábulos gregos, como

<sup>29</sup> Lucianus Syr. D. 8: ὁ δὲ Αἰβανὸς κάρτα ζανθόγεός ἐστι. Neste contexto, o adjectivo deverá indicar, no entanto, uma cor mais rubra, como interpreta Magueijo (Luciano 2013b: 185): “Ora, o Líbano tem um solo fortemente avermelhado”.

<sup>30</sup> Coel. DDS. 35. Cf. Mic., fl. 314r: *Libanus autem ipse terram habet admodum rubeam*; Lup., fl. 9r: *Libanus uero maxime rubentis est soli*.

<sup>31</sup> Lucianus Syr. D. 31. Custódio Magueijo (Luciano, 2013b: 199) verte o composto pela expressão “os que são mais íntimos dos deuses”.

<sup>32</sup> Coel. DDS. 254. Cf. Mic. fl. 317r: *qui diuini maxime sunt*; Lup. fl. 22v: *qui maxime diis ob religionem et integritatem proximi habeantur*. Veja-se ainda a tradução de οὐ παρὰ πολὺ τοῖς Αἰγυπτίοισιν ἰσοχρονέοντα (Lucianus Syr. D. 3) por *eiusdem fere cum Aegyptiis uetustatis* (Coel. DDS. 12); ζόανα θεοπρεπέα (Lucianus Syr. D. 10) por *numine plena idola* (Coel. DDS. 42) ou ainda *πρωθήβην* (Lucianus Syr. D. 35) por *primaque genarum pube fluorescentem* (Coel. DDS. 276).

<sup>33</sup> A latinização de termos gregos tratava-se de um procedimento comum na obra de Cícero, não apenas como forma de aumentar o vocabulário latino mas também para assinalar a não familiaridade de certos temas na língua latina (White, 2015: 118). Quanto à criação de vocábulos latinos por Erasmo, ver Rummel (2012: 58). Na tradução de Coelho, também se verifica a utilização de termos resultantes da latinização de vocábulos gregos atestados anteriormente, como *zelotypia* (Coel. DDS. 154; tradução de *ζηλοτυπία*, Lucianus, Syr. D. 19), presente na obra de Juvenal (Juv. 5. 45; 6. 278), Marcial (Mart. 1. 93. 13) e Quintiliano (Quint. Inst. 4. 2. 30), ou ainda *neurospaston* (Coel. DDS. 88; tradução de *νευρόσπαστον*, Lucianus, Syr. D. 16), que já se lia nas *Noctes Atticae* de Aulo Gélcio (Gel. 14.1.23). Também Micilo (fl. 315r) e Lupano (fl. 16v) traduzem o vocábulo grego por *neurospaston*.

<sup>34</sup> Coel. DDS. 246: *Et de phallobatis quidem ipsis haec nos tradidisse sufficiat*. Tanto Lupano como Micilo optam por traduzir o termo grego por expressões mais longas: *qui penem scandunt* (Lup., fl. 22r); *de consensoribus priapi* (Mic., fl. 317r). Embora na versão portuguesa de Custódio Magueijo (Luciano, 2013b: 198) se leia “trepador do falo”, o tradutor propõe ainda “falóbata” (Luciano, 2013b: 198, n. 503), que adoptámos na nossa versão do texto latino de Jorge Coelho.

<sup>35</sup> Lucianus, Syr. D. 42. Cf. Coel. DDS. 301: [...] *sunt et qui, ob id quod aris ministrant, Parabomii dicuntur*. Na versão de Lupano (fl. 33v) também se lê *parabomii*; já Micilo (fl. 318r) traduz o vocábulo grego por *arae ministri*. Quanto a *πύρφορος* (Lucianus, Syr. D. 42), que Coelho verte por *ignifer* (Coel. DDS. 301), é por Micilo (fl. 318r) trasladado por *flammifer* e *pyrphorus* por Lupano (fl. 33r).

*neuropasta, id est nerui statumina uel nerui thalamia*<sup>36</sup>, pressupõe a rejeição de um tipo de intervenção habitualmente conotada com a glosa medieval e a preferência por um critério de tradução humanístico, assente na valorização do texto original. Por outro lado, também pode ser o resultado da tentativa de simplificar o texto latino e de moderar a sua linguagem, afastando-se da *lasciuia uerborum* que caracterizara a versão inicial realizada em Itália. Ao optar por manter o sentido de certas palavras perceptível unicamente aos leitores de grego, o humanista evitava, assim, possíveis críticas à sua tradução.

### ***Copia uerborum***

Ainda que, à semelhança de Cícero<sup>37</sup>, o intuito de preservar o sentido de vocábulos gregos possa justificar a tradução de termos simples por expressões mais complexas, como se verifica, aliás, no traslado dos adjectivos e nomes compostos, a *amplificatio* do texto latino não se reduz a um propósito meramente utilitário. Se, por um lado, a tradução de ὕβριστης por *iniurius* e *contumeliosus* permite transmitir a noção de injustiça e desmesura contida no adjectivo grego<sup>38</sup>, por outro, a versão de ἄνεμοι τρηχέες<sup>39</sup> por *ualidi ac stati uenti*<sup>40</sup>, βοή<sup>41</sup> por *uox clamorque*<sup>42</sup>, ou θέημα ξένον<sup>43</sup> por *nouum ac peregrinum sane spectaculum*<sup>44</sup> responde a um imperativo de ordem estilística que se ajusta não tanto às características conceptuais e

<sup>36</sup> *Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 13r. Cf. *Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 26r: *Et de phallobatis quidem ipsis seu malis dicere priapambulis haec nos tradidisse sufficiat*, que consiste numa tradução literal dos dois termos gregos que compõem a palavra.

<sup>37</sup> Cf. Cic. *Fin* 3.15: [...] *equidem soleo etiam, quod uno Graeci, si aliter non possum, idem pluribus verbis exponere*.; Cic. *Tusc.* 2. 46: [...] *hisce ego pluribus nominibus unam rem declarari volo, sed utor, ut quam maxime significem, pluribus*. Sobre esta questão, ver especialmente White (2015: 95-97).

<sup>38</sup> Cf. Coel. *DDS*. 53: *cum ualde iniurii contumeliosique forent homines* [...] (Lucianus Syr. *D.* 12: “ὕβρισταὶ κάρτα ἐόντες [...]). Veja-se ainda a tradução de ἐμφανέες (Lucianus Syr. *D.* 10) por *ipsi dii ualde praesentes manifestique sentiuntur* (Coel. *DDS*. 42); de ἐπικρατέω (Lucianus Syr. *D.* 12) pelos verbos *inualeo* e *dominor* (Coel. *DDS*. 59: *Ita donec inundatio inualuit ac dominata est*) e de ἀπηνέως (Lucianus Syr. *D.* 22) por *atroci et seuero uultu* (Coel. *DDS*. 180).

<sup>39</sup> Lucianus Syr. *D.* 8.

<sup>40</sup> Coel. *DDS*. 36. Cf. Mic. fl. 14r: *uenti igitur uehementiores* e Lup. fl. 9r: *cum igitur acres per eos dies spirent uenti*.

<sup>41</sup> Lucianus Syr. *D.* 10.

<sup>42</sup> Coel. *DDS*. 43. A tradução de Coelho, propositadamente ou não, é uma junção da interpretação de Micilo (fl. 14r: *clamor*) e com a de Lupano (fl. 9v: *uox*).

<sup>43</sup> Lucianus Syr. *D.* 14.

<sup>44</sup> Coel. *DDS*. 71. Cf. Mic. fl. 314v: *spectaculum plane peregrinum* e Lup. fl. 12v: *peregrinum sane spectaculum*.

retóricas do original grego, mas à vontade de ajustar a sua tradução a um modelo retórico latino<sup>45</sup>. É igualmente comum a introdução de adjectivos inexistentes no texto original, como ilustra a versão de βλέμμα<sup>46</sup> por *diuina acies*<sup>47</sup>, ou de πνοή<sup>48</sup> por *fragrantissimus odor*<sup>49</sup>, assim como a substituição do grau normal dos adjectivos pelo superlativo<sup>50</sup>.

O intuito de demonstrar a riqueza da língua latina também terá motivado a tradução de um termo grego por diferentes vocábulos, nomeadamente ὕδωρ por *aqua*<sup>51</sup>, *diluuium*<sup>52</sup>, *inundatio*<sup>53</sup> e *unda*<sup>54</sup>; λόγος por *admiratio*<sup>55</sup>, *preces*<sup>56</sup>, *sermo*<sup>57</sup>, *fabula*<sup>58</sup>, *opinio*<sup>59</sup>; ζόανον por *statua*<sup>60</sup>, *simulacrum*<sup>61</sup> e *idolum*<sup>62</sup>. De facto, ainda que se verifique uma certa tendência para a uniformização do vocabulário, no sentido de fazer corresponder a um termo grego um único latino, o objectivo de evitar a repetição da mesma palavra parece ser predominante. O termo

---

<sup>45</sup> Veja-se ainda a tradução do verbo ποθέω (Lucianus Syr. D. 4) pelos termos latinos *deamo* e *cupio* (Coel. DDS. 17: *ipsam, uidelicet eximia pulchritudine, a Ioue deamatam et cupitam fuisse*); de ἀπολάμπω (Lucianus Syr. D. 32) pelos verbos *exilio* e *reluceo* (Coel. DDS. 264: *unde ardentissimus fulgor late exilit et relucet*) ou μέγα (Lucianus Syr. D. 13) por *maximus* e *spaciosus* (Coel. DDS. 64).

<sup>46</sup> Lucianus Syr. D. 32.

<sup>47</sup> Coel. DDS. 266.

<sup>48</sup> Lucianus Syr. D. 30.

<sup>49</sup> Coel. DDS. 252. Veja-se também a versão de πολλὸν ὕδωρ por *immensam aquarum uim* (Coel. DDS. 54) e de ποταμοὶ μέζονες por *flumina uasto undarum impetu torrentia* (Coel. DDS. 54).

<sup>50</sup> Cf., e.g., a tradução de ἀρχαῖα ἀναθήματα (Lucianus Syr. D. 10) por *uetustissima donaria* (Coel. DDS. 42); ὄμβροι μεγάλοι (Lucianus Syr. D. 12) por *densissimos enim imbres* (Coel. DDS. 54); ἀρχαῖος λόγος (Lucianus Syr. D. 14) por *uetustissima opinio* (Coel. DDS. 69); εὐτυχέα (Lucianus Syr. D. 25) por *infoelicissima ac multo miserrima* (Coel. DDS. 203); ἀεικέλιον ἔργον (Lucianus Syr. D. 25) por *facinus indignissimum* (Coel. DDS. 207); ὁδμὴ ἀμβροσίη (Lucianus Syr. D. 30) por *suauissimus [...] atque immortalis plane odor* (Coel. DDS. 251).

<sup>51</sup> Coel. DDS. 54, 65, 66, 67, 271, 312 e 318.

<sup>52</sup> Coel. DDS. 234.

<sup>53</sup> Coel. DDS. 50, 59, 61.

<sup>54</sup> Coel. DDS. 33.

<sup>55</sup> Coel. DDS. 263.

<sup>56</sup> Coel. DDS. 180.

<sup>57</sup> Coel. DDS. 9, 16, 61, 76, 177.

<sup>58</sup> Coel. DDS. 51, 187.

<sup>59</sup> Coel. DDS. 48, 69, 72.

<sup>60</sup> Coel. DDS. 10, 291, 292.

<sup>61</sup> Coel. DDS. 43, 268, 277, 290.

<sup>62</sup> Coel. DDS. 11, 42, 273, 276. Veja-se ainda a tradução de ἄγαλμα por *simulacrum* (Coel. DDS. 10), *statua* (Coel. DDS. 257, 297) e *signum* (Coel. DDS. 298), εἶδος por *species* (Coel. DDS. 17, 71, 247), *effigies* (Coel. DDS. 269, 272, 297), *forma* (Coel. DDS. 269) e *imago* (Coel. DDS. 278); μορφή por *effigies* (Coel. DDS. 73, 269), *facies* (Coel. DDS. 78, 216) *species* (Coel. DDS. 258) e *figura* (Coel. DDS. 299). O termo ἀνὴρ é maioritariamente traduzido por *uir* (Coel. DDS. 34, 76, 148, 187, 204, 232), todavia, assume, no contexto do episódio do falo de Dioniso, a acepção de *homunculus* ou *homuncio* (Coel. DDS. 88, 89, 235, 236).

πόλις, quase invariavelmente vertido por *ciuitas*<sup>63</sup> é uma única vez traduzido por *urbs*, de modo a evitar a repetição em latim:

Ἔστιν ἐν Συρίῃ πόλις, οὐ πολλὸν ἀπὸ τοῦ Εὐφρήτεω ποταμοῦ, καλεῖται δὲ ἱρή, καὶ ἔστιν ἱρὴ τῆς Ἥρης τῆς Ἀσσυρίας. δοκεῖ δέ μοι τόδε τὸ ὄνομα, οὐκ ἅμα τῇ πόλει οἰκεομένη ἐγένετο, ἀλλὰ τὸ μὲν ἀρχαῖον ἄλλο ἦν<sup>64</sup>.

Est in Syria **ciuitas** haud procul ab Euphrate flumine, appellatur autem Hira, id est, sacra, et Hira quidem ab Hera, id est, Iunone Dea Assiria, quae in ea **ciuitate** colitur. Videtur porro mihi appellationem hanc non simul cum ipsa **urbe** natam esse, sed aliam prius fuisse<sup>65</sup>.

A tradução do adjectivo ἀρχαῖος por *uetustus* parece obedecer ao mesmo propósito de uniformização, pois apenas equivale a *antiquus* no seguinte exemplo<sup>66</sup>:

ἀνέβην δὲ καὶ ἐς τὸν Λίβανον ἐκ Βύβλου, ὁδὸν ἡμέρης, πυθόμενος αὐτόθι ἀρχαῖον ἱρὸν Ἀφροδίτης ἔμμεναι, τὸ Κινύρης εἴσατο· καὶ εἶδον τὸ ἱρὸν, καὶ ἀρχαῖον ἦν. τάδε μὲν ἐστὶ τὰ ἐν τῇ Συρίῃ ἀρχαῖα καὶ μεγάλα ἱρά<sup>67</sup>.

Ad haec ad montem Libanum ascendimus, Byblo profecti (abest autem ab eo oppido unius diei iter), quod illic Veneris **uetustum templum** a Cynara quondam constructum esse audiebamus. **Ipsum** igitur uidimus et **uetustum** admodum uisum est. Atque haec quidem sunt **fana** quae in Syria tum **antiqua** tum magni nominis habentur<sup>68</sup>.

A ampla ocorrência do termo ἱερὸν ao longo do opúsculo justifica a falta de uniformização e a sua versão por *fanum*<sup>69</sup>, *templum*<sup>70</sup>, como aliás se verifica no exemplo, ou

<sup>63</sup> Cf. Coel. DDS. 1, 4, 41, 61, 71, 144, 146, 148, 170, 172, 183, 185, 191, 229, 333, 345, 350, 358.

<sup>64</sup> Lucianus Syr. D. 1.

<sup>65</sup> Coel. DDS. 1-2.

<sup>66</sup> Cf. Coel. DDS. 13, 20, 38, 39, 42, 69, 230. A tentativa de uniformizar o vocabulário latino e a sua correspondência com o texto grego explica a substituição de *antiquior* (Luciani De Dea Syria Liber Vnus [...], BPE cód. 229, fl. 7v) por *uetustior* (Coel. DDS. 13). Por seu turno, πρέσβυς (Lucianus, Syr. D. 28: “οὐ πολλὸν ἡμέων πρεσβύτερον”) é vertido por *antiquus* (Coel. DDS. 230: “non ita aetate nostra antiquior est”).

<sup>67</sup> Lucianus Syr. D. 9-10.

<sup>68</sup> Coel. DDS. 38-40.

<sup>69</sup> Coel. DDS. 6, 12, 21, 40, 229, 358.

<sup>70</sup> Coel. DDS. 8, 14, 38, 43, 48, 50, 68, 69, 76, 79, 81, 227, 231, 234, 309, 338.



ainda *sacrum*<sup>71</sup> e *aedes*<sup>72</sup>, as mesmas palavras que, sem critério aparente, são utilizadas na versão de *ναός*<sup>73</sup>.

Um dos aspectos que demonstra, de forma mais evidente, a elaboração do latim de Jorge Coelho consiste na substituição da estrutura sintáctica simples, em geral marcada por parataxe ou coordenação<sup>74</sup>, por orações subordinadas – mesmo que por vezes se verifique uma certa tendência para manter o estilo do original quando se revela particularmente expressivo<sup>75</sup>. Considere-se o seguinte exemplo, em que, apesar de preservar a tripla repetição de *οὔτε*, também introduz duas orações temporais causais – uma delas para verter o particípio – e transforma a oração principal numa infinitiva dependente de *fabulantur*:

ἐκείνων δὲ περὶ τῶν ἀνθρώπων τάδε μυθέονται· ὑβριστὰι κάρτα ἐόντες, ἀθέμιστα ἔργα ἔπρησσον, **οὔτε** γὰρ ὄρκια ἐφύλασσον **οὔτε** ξείνους ἐδέκοντο **οὔτε** ἱκετέων ἠνείχοντο, ἀντ' ὧν σφίσι ἡ μεγάλη συμφορὴ ἀπίκετο<sup>76</sup>.

Igitur de prioris aetatis gentibus talia fabulantur: **cum** ualde iniurii contumeliosique forent homines, **cum** nefaria opera perpetrarent **nec** iusiurandum seruarent, **nec** hospites exciperent, **nec** supplices etiam ferrent, magnam eis pro talibus calamitatem ingruisse<sup>77</sup>.

<sup>71</sup> Coel. DDS. 5, 10, 216, 220, 325, 337, 352.

<sup>72</sup> Coel. DDS. 85 e 90.

<sup>73</sup> À semelhança de *ἱερὸν*, o termo *ναός* é traduzido por *fanum* (Coel. DDS. 43, 89, 147, 327), *templum* (Coel. DDS. 6, 10, 11, 16, 18, 41, 46, 62, 63, 65, 66, 74, 87, 89, 91, 92, 146, 170, 172, 214, 228, 247, 250, 254, 264, 272, 290, 292, 320, 327, 359, 360) e *aedes* (Coel. DDS. 248, 253, 292). Só não se verifica a tradução por *sacrum*.

<sup>74</sup> Sobre o estilo do *De Dea Syria*, ver especialmente Lightfoot (2003: 142-158).

<sup>75</sup> Cf., e. g., a tradução de Lucianus Syr. D. 1: *περὶ ταύτης ὧν τῆς πόλιος ἔρχομαι ἐρέων, ὅκόσα ἐν αὐτῇ ἐστίν. ἐρέω δὲ καὶ νόμους τοῖσιν ἐς τὰ ἱρὰ χρέωνται, καὶ πανηγύριαι τὰς ἄγουσιν, καὶ θυσίας τὰς ἐπιτελέουσιν. ἐρέω δὲ ὅκόσα καὶ περὶ τῶν τὸ ἱρὸν εἰσαμένων μυθολογέουσι, καὶ τὸν νηὸν ὅπως ἐγένετο*. A anáfora de *ἐρέω* é mantida pela repetição do verbo *dico*; já a iterada ocorrência da copulativa *et* ecoa a repetição de *καί*: *De hac igitur ciuitate et de rebus eius, quaecunque in ipsa extant, dicere aggrediar. Dicam et instituta quibus in sacra utuntur, et solemnes conuentus quos celebrant, et sacrificia quae peragunt; dicam et quaecunque de fani huius institutoribus fabulantur, quoue pacto templum constructum fuerit*. (Coel. DDS. 4-6). No caso da tradução de Lucianus Syr. D. 10 (*ἰδρώει γὰρ δὴ ὧν παρὰ σφίσι τὰ ζόανα καὶ κινέεται καὶ χρησιμηγορεῖ, καὶ βοὴ δὲ πολλάκις ἐγένετο ἐν τῷ νηῷ κλεισθέντος τοῦ ἱεροῦ. καὶ πολλοὶ ἤκουσαν*), é igualmente visível a preservação da repetição da copulativa: *Et sudant per se ipsa simulachra, et mouentur, et edunt oracula, ac saepe numero, clauso templo, intra ipsum fanum numerosa uox clamorque exoriuntur, id quod multi audiunt*. (Coel. DDS. 43).

<sup>76</sup> Lucianus Syr. D. 12.

<sup>77</sup> Coel. DDS. 53. Veja-se ainda a descrição da mudança da cor do rio Adónis, em que a estrutura copulativa é substituída, na versão latina, por orações subordinadas: *ὁ δὲ ποταμὸς ἐκάστων ἔτεος αἰμάσσεται καὶ τὴν χροίην ὀλέσας ἐσπίπτει ἐς τὴν θάλασσαν, καὶ φοινίσσει τὸ πολλὸν τοῦ πελάγεος καὶ σημαίνει τοῖς Βυβλίοις τὰ πένθεα*. (Lucianus Syr. D. 8); *Hic porro fluuius quotannis cruentatur sanguineoque colore sic mari miscetur, ut non parum etiam ipsius aequoris rubefaciat, quae res, ubi accidit, Bybliis Adonidis orgia denunciat*. (Coel. DDS.

Ainda que, na epístola a Lourenço de Cáceres, Coelho apenas refira que ampliou o texto grego no episódio de Antíoco, mais especificamente nos discursos de Erasítrato e Seleuco<sup>78</sup>, esta prática afigura-se, porém, bastante mais generalizada, como se verifica na descrição da pedra *lícnis*, em que, além de desenvolver o sentido do texto grego, também introduz elementos que não se encontram no original:

ἐν ἡμέρῃ δὲ τὸ μὲν φέγγος ἀσθενέει· ἰδέην δὲ ἔχει κάρτα πυρώδεα<sup>79</sup>.

At interdium quamvis illam splendoris uim magna ex parte remittat **diurnaue luce fracta infirmam et uelut sub languidam claritatem euibret**, speciem tamen seruat ualde igneam intenseque flammata, **utpote plurimo ac efficaci cohibiti luminis ardore micantem ac uelut indignantem, quod propria radiorum uibratio, uel ab luce alia tenuetur, uel prorumpere et lampadem illam nitidissimam circumquaque eiaculari prohibeatur**<sup>80</sup>.

### *A revisão do manuscrito*

Não obstante a densidade retórica que se verifica na versão impressa – de facto, na epístola a Lourenço de Cáceres, Coelho indica que a reformulação do texto latino não foi

---

32); a tradução de δις ἐκάστου ἔτεος ἐκ θαλάσσης ὕδωρ ἐς τὸν νηὸν ἀπικνέεται. φέρουσι δὲ οὐκ ἰρέες μούνον [...] (Lucianus Syr. D. 13) por *bis singulis annis salsa ex aequore aqua in templum inuehitur, quam non ipsi modo sacerdotes [...] ferunt* (Coel. DDS. 65); e também de Ἀττης δὲ γένος Λυδὸς μὲν ἦν, πρῶτος δὲ τὰ ὄργια τὰ ἐς Πέην ἐδιδάξατο· καὶ τὰ Φρύγες καὶ Λυδοὶ καὶ Σαμόθρακες ἐπιτελέουσι, Ἀττεω πάντα ἔμαθον. (Lucianus Syr. D. 15) por *Hic, inquam, ille est Attes, qui et Lydus fuit, et primus omnium orgia in Rheam docuit, quibus deinde et Phryges et Lydi et Samothracae, cum ab Atte ritum accepissent, sunt usi* (Coel. DDS. 77), em que as partículas e copulativas são substituídas por orações relativas ou ainda, no caso da última oração, por uma temporal causal.

<sup>78</sup> Cf. Ep. II. 1. 7, II. 2. 13-15.

<sup>79</sup> Lucianus Syr. D. 32.

<sup>80</sup> Coel. DDS. 265. Veja-se ainda a tradução de ἄγαλμα [...] καὶ Ἀλεξάνδρου αὐτῷ ἐκείνῳ εἴκελον (Lucianus Syr. D. 40). Coelho transforma uma simples caracterização no motivo para a estátua de Alexandre se encontrar no templo (Coel. DDS. 299: *Adde Alexandrum qui tum propter caetera, tum ob id quod iconica illius sit effigies, in hoc album fuerit referendus*) ou do episódio de Combabo: ὃ βασιλεῦ, τά, δέ τοι ἐγὼ ὀρρωδέων, εὖτέ με ταύτην ὁδὸν ἔπεμπες, ἀέκων ἦϊον· καὶ ἐπεὶ με ἀναγκαίῃ μεγάλῃ ἐκ σέο κατέλαβε, τοιάδε ἐπέτελεσα, ἐσθλὰ μὲν ἐς δεσπότηα, ἐμοὶ δὲ οὐκ εὐτυχέα. τοιόσδε μέντοι ἐὼν ἀνδρὸς ἐπ' ἀδικίην ἐγκαλέομαι (Lucianus Syr. D. 25). Cf. Coel. DDS. 201-204: *Et hoc illud, hoc illud*”, inquit, “*in causa erat, o Rex, quamobrem profectionis curam abs te mihi demandatam sic inuitus atque aeger animi aggrediebar. Huius enim euentus tristissima praesagia, tacitae cogitationi meae incubantia, sensus meos alioquin ad parendum alacres a luctuoso onere deterrebant. Huius inquam extremi et impij dedecoris formido, posteaquam tuae, domine, uoluntati omnino reniti meum non erat, tam dira me ipsum perpeti coegit, pia illa quidem atque officiosa erga dominum coeterum mihi ipsi, qui pertuli, infoelicissima ac multo miserrima. Et talis adeo cum maneam, tamen eius criminis nomine apud te deferor quod ab integris modo uiris committi potest.*

profunda<sup>81</sup> –, a revisão que antecedeu a publicação da obra focou-se, em geral, numa tentativa de simplificar o texto latino, não só para o aproximar da *breuitas* que associava ao tratado de Luciano, mas também para o tornar mais claro. Assim, não só rejeitou algumas das explicações adjacentes à versão de compostos gregos, como foi referido anteriormente, mas também procedeu à substituição de expressões demasiado complexas e afastadas do original: a tradução de οἰκιστής por *institutor religionisque primus inductor*<sup>82</sup>, que se lê no manuscrito, foi preterida no impresso pela expressão *primus conditor*<sup>83</sup>; já a versão inicial de ὕδατώδης por *aliae ex aqua translucens*<sup>84</sup>, foi, possivelmente por intermédio da leitura de Micilo<sup>85</sup>, substituída na versão impressa pelo adjectivo *coeruleus* que, embora não mantenha a referência à cor da água, se revela mais simples e bastante mais elegante<sup>86</sup>. O mesmo se verifica com a tradução de εὐβουλία<sup>87</sup>, em que a leitura do manuscrito foi, posteriormente, bastante simplificada<sup>88</sup>, ou do verbo πυργοφορέω<sup>89</sup>, cuja versão por *coronam in capite turritam gestat*<sup>90</sup> sugere fortemente a leitura da versão latina de Micilo<sup>91</sup>.

<sup>81</sup> Cf. Ep. II. 1. 5 e Ep. II. 2. 9.

<sup>82</sup> *Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 13r. Cf. Lucianus, *Syr. D.* 17: τοσάδε μιν ἀμφὶ τῶν οἰκιστέων τοῦ ἱεροῦ μυθολογέουσι.

<sup>83</sup> Coel. *DDS.* 90. É possível que a alteração efectuada por Coelho tenha sido influenciada pelas traduções de Micilo (fl. 315r) e de Lupano (fl. 16v), uma vez que ambos vertem οἰκιστής por *conditor*.

<sup>84</sup> *Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 27r.

<sup>85</sup> Mic. 317v: *alii autem coerulei*. Cf. Lup. fl. 24v: *nonnulli aqueo* [...] *micant colore*.

<sup>86</sup> Coel. *DDS.* 262.

<sup>87</sup> Lucianus, *Syr. D.* 12.

<sup>88</sup> *Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 10v: *ob integram uiri tum conscientiam*. Cf. Coel. *DDS.* 55: *ob mentis integritatem*. Tanto Micilo (fl. 314v) como Lupano (fl. 11r) traduzem o termo grego por *prudentia*.

<sup>89</sup> Lucianus, *Syr. D.* 15: ἐπὶ τῇ κεφαλῇ πυργοφορεῖ. Cf. a tradução de Custódio Magueijo (Luciano 2013b: 189): “tem [...] uma torre sobre a cabeça”.

<sup>90</sup> Coel. *DDS.* 80. Inicialmente, na versão manuscrita, lia-se *turribus super caput insignita est* (BPE cod. 229, fl. 12v).

<sup>91</sup> Mic. fl. 314v: [...] *coronam in capite turritam gestat*. Veja-se ainda a versão de ὁ δὲ νηὸς ὁρέει μὲν ἐς ἥλιον ἀνιόντα (Lucianus, *Syr. D.* 30) por *porro autem templum ad exorientem superba machina elatum est* (*Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cod. 229, fl. 26r), simplificada no manuscrito para *porro autem templum ad exorientem solem spectat* (Coel. *DDS.* 247), possivelmente por influência de Micilo (Mic., fl. 317r: *Porro aedes ipsa ad solem quidem aspicit orientem*) e de Lupano (Lup., fl. 22r: *Templum ipsum uergit ad orientem solem* [...]); a tradução de λάρνακα μεγάλην, τὴν αὐτὸς ἔχε, ἐς ταύτην ἐσβιβάσας παῖδάς τε καὶ γυναῖκας ἐώντοῦ ἐσέβη (Lucianus, *Syr. D.* 12) por *arcam ingentem quam habuit, liberis et uxoribus prius impositis, ingressus est* (Coel. *DDS.* 56), quando na versão manuscrita se lia *ingenti archa pro temporis angustiis commodum habita in eam ipsam cum liberis et uxoribus ingrediebatur* (*Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 11r). Também aqui a leitura das traduções de Micilo (Mic., fl. 314r: *impositis in eam et liberis et uxore sua*) e de Lupano (Lup., fl. 11r: *impositis simul mulieribus et liberis*) se afigura bastante provável.

Como comprovam as alterações que tiveram como propósito a simplificação do texto latino, o confronto com as traduções de Micilo e de Lupano revelou-se essencial no processo de revisão que antecedeu a publicação do *De Dea Syria*. De facto, a sua influência não só é visível na declinação dos nomes próprios gregos *Adonis*<sup>92</sup>, *Semiramis*<sup>93</sup> e *Attes*<sup>94</sup>, sobre os quais incide particularmente a errata incluída no fim da edição<sup>95</sup>, como também na emenda de palavras ou expressões mal traduzidas, nomeadamente *κατ' ἡσυχίην*<sup>96</sup>, que inicialmente vertera pelo adjectivo *infoelix*<sup>97</sup> e corrige, na versão impressa, para *tacitus*<sup>98</sup>, ou de *ἀναθήματα*<sup>99</sup>, cuja tradução por *donaria*<sup>100</sup>, em vez de *statua*, como se lia na versão manuscrita<sup>101</sup>, terá resultado da leitura das versões de Micilo e de Lupano<sup>102</sup>. A comparação

<sup>92</sup> Na errata, altera o dativo de *Adoni*, como se lê não só no manuscrito (*Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 8v, 9r) mas também na versão impressa (Coel. DDS. 24, 31) para *Adonidi*, que corresponde à flexão apresentada por Micilo (fl. 313v) e Lupano (Lup. fl. 6r, 6v-7r).

<sup>93</sup> Embora, de modo geral, utilize, no genitivo, a forma *Semiramidos* (Coel. DDS. 73, 270, 298) em Coel. DDS. 292 lê-se *Semiramidis*, possivelmente por influência de Micilo (Mic. fl. 318r: *Ad sinistram aedis Semiramidis signum stat*) e de Lupano (Lup. fl. 27r: [...] *signum ilud Semiramidis prodiderit*; fl. 31v: *In leua templi parte positum est Semiramidis signum* [...]). À semelhança de *Adonide*, também na errata altera o ablativo *Semirami* (*Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 12r; Coel. DDS. 74) para *Semiramide*.

<sup>94</sup> Na errata, altera o nominativo de *Attis* para *Attes* (Coel. DDS. 77); o acusativo de *Attim* para *Atten* (Coel. DDS. 81) e o dativo e ablativo *Atti* para *Atte*. Na Admonição ao leitor, explica por que razão optou por esta flexão: *Aduertendum etiam est quod nomen proprium Attes per duplex t et eta a Luciano scribitur, nisi menda subest, cum passim ab omnibus authoribus Atys, Atyos inflectatur* (Admon. 3). De qualquer modo, é concordante com a opção de Micilo (fl. 314v: *Porro Attes genere quidem Lydus fuit* [...]; [...] *et Atten imitentur*). Lupano optou, porém, pela flexão *Attis*, *idis* (fls. 13v-14r).

<sup>95</sup> *Georgii Coelii Lusitani De Patientia Christiana Liber unus* [...], Lisboa, 1540, fl. 61. A edição do *De Patientia Christiana* preservada na Blodeian Library (BOD Vet. G1 e. 19) não possui errata.

<sup>96</sup> *Lucianus Syr. D.* 17.

<sup>97</sup> *Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 13v.

<sup>98</sup> Coel. DDS. 94. Cf. Mic. fl. 315r: [...] *silentio rem premens, morbo decumbebat*.

<sup>99</sup> *Lucianus Syr. D.* 10.

<sup>100</sup> Coel. DDS. 42.

<sup>101</sup> *Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 9v.

<sup>102</sup> Cf. Mic. fl. 314r: *donaria antiqua* e Lup. fl. 9v: *antiqua donaria*. Cf. ainda a tradução de *Lucianus Syr. D.* 6 (*ἐν μιῇ ἡμέρῃ ἐπὶ πρήσει τῆς ὥρης ἴστανται*). Embora no manuscrito não tenha percebido o sentido de *ὄρα*, a tradução final revela uma interpretação correcta (Coel. DDS. 26: *uno quidem die sic quaestum meretricium exercent*), provavelmente influenciada pelas traduções de Micilo (fl. 313v: *unum quidem diem ad quaestum corpore faciendum prostant*) e de Lupano (fl. 7v: *uno die prostantes ad quaestum peregrinis*). Também a primeira tradução de *στέφαντες τὰ ἱρήϊα ζῶα, ἐκ τῶν προπυλαίων ἀπιᾶσι· τὰ δὲ κατενειχθέντα πίπτοντα θνήσκουσι* (*Lucianus Syr. D.* 58) se revela pouco clara (*Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 34r): *cum enim pecudes quas immolaturi sunt in gyrum rotauerint, a uestibulis demittunt easque continuo caedunt*). A correcção que apresenta na versão impressa (Coel. DDS. 353: *animalia sacra quae immolaturi sunt coronata a uestibulis templi demittunt, quae decidentia ex lapsu pereunt*) decorre da leitura da tradução de Micilo (fl. 319r: *Postquam animalia imolationi destinata coronarunt, ex uestibulis templi ea demittunt, illa uero*

com estas duas traduções também terá levado Coelho a aperceber-se da existência de expressões não traduzidas, que introduz na versão final – é o caso de *τὰς κεφαλὰς ζυράμενοι*<sup>103</sup> e de *οὐ σφίσι ἐσιέναι ὅσιν*<sup>104</sup> –, mas também originou fenómenos de hiper correcção, como se vê no seguinte excerto:

τρόπος δὲ αὐτῆς τοιόσδε· εὗτ' ἂν ἐθέλῃσι χρησιμηγορέειν, ἐν τῇ ἔδρῃ πρῶτα κινέεται· οἱ δὲ μιν ἰπέες αὐτίκα ἀείρουσι· ἦν δὲ μὴ ἀείρωσι, ὁ δὲ ἰδρώει καὶ ἐς μέζον ἔτι κινέεται<sup>105</sup>.

Diuinandi porro modum hunc seruat: quoties uaticinari auet, continuo in sede propria per se moueri et agitari, sacerdotes igitur statim eum tollere, id nisi maturent idolum magis et magis **in medium** motari, sudare etiam<sup>106</sup>.

A expressão *in medium*, que não se encontrava no manuscrito<sup>107</sup>, resulta da leitura da tradução de Micilo<sup>108</sup>, que terá tido acesso a uma edição com a variante *ἐς μέσον* em vez de *ἐς μέζον*<sup>109</sup>. Tanto a *editio princeps* como as duas edições aldinas apresentam a lição *ἐς μέζον*, o que justifica a tradução de Coelho *magis et magis*. O confronto com a versão de Micilo tê-lo-á levado a acrescentar a expressão *in medium*, levando assim à tradução das duas variantes.

Já a opção de verter *ἰπέων* por *heroum* pode ter resultado da leitura de uma variante ou da própria adaptação ao conteúdo do texto, uma vez que não são referidas estátuas de sacerdotes no texto grego, mas sim de heróis como Heitor, Páris, Aquiles ou Alexandre<sup>110</sup>.

---

*praecipitata ex casu moriuntur*) e, eventualmente, também de Lupano (fl. 35v: *Posteaquam uictimas coronauerint, a uestibulis demittunt, illae in preceps corruentes interimuntur*).

<sup>103</sup> Lucianus Syr. D. 53. A tradução da expressão por *capite raso* (Coel. DDS. 339) não se encontrava no manuscrito. Cf. *Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 33r.

<sup>104</sup> Lucianus Syr. D. 53. Coel. DDS. 339: *Nec aliter id fieri fas est*. Cf. Mic. 318v: *fas illis introire non est*; Lup. fl. 34v: *ante id temporis ingredi illis religio est*.

<sup>105</sup> Lucianus Syr. D. 36.

<sup>106</sup> Coel. DDS. 284.

<sup>107</sup> *Luciani De Dea Syria Liber Vnus* [...], BPE cód. 229, fl. 29r.

<sup>108</sup> Mic., fl. 317v: *ille et sudorem emittit, et se in medium etiam emouet*.

<sup>109</sup> Ambas as edições publicadas em Hagenau em 1526 e em 1535 apresentam esta variante. Cf. *Luciani Samosatensis pars secunda*. Haganoae: per Iohan Secer, 1526, p. 859 e *Luciani Samosatensis Pars Secunda*. Haganoae: P. Brubach, 1535, p. 849.

<sup>110</sup> Esta é, na verdade, a leitura de Belin de Ballu (1789, vol. 5: 174), que na sua edição prefere a lição *ἡρώων*: “Au lieu de *ἰπέων*, des prêtres, je lis *ἡρώων*. L’auteur qui fait l’énumération de ces statues, cite plusieurs héros Grecs, et ne nomme pas un seul prêtre, d’où il est évident que le mot *ἰπέων* est une faute de copiste”. Tanto Lupano (fl. 31v) como Micilo (fl. 318r) preferem a lição *ἰπέων*, que traduzem por *sacerdotum*.

Os elementos aduzidos permitem concluir que a tradução de Jorge Coelho revela uma fidelidade considerável relativamente aos conteúdos do original. Todavia, a adequação da versão latina a um público leitor de textos humanísticos justifica dois tipos de intervenção que denotam um claro afastamento da obra de Luciano.

Por um lado, o objectivo de clarificar o conteúdo do texto e de o tornar inteligível levou o tradutor a recorrer a *amplificationes* explicativas ou a introduzir comentários inexistentes no original. Por outro, também se verificam intervenções de ordem formal que intensificam a expressividade do texto, de acordo com os modelos dos textos neolatinos.

Ainda que a maioria destes mecanismos já se encontrasse na versão manuscrita preservada na Biblioteca Pública de Évora, a tradução publicada em 1540 revela-se, todavia, superior. O uso de textos intermédios – mais concretamente as traduções de Micilo e de Lupano – levou à correcção de erros originados pela incompreensão do original, garantindo assim uma competência linguística que não se verificava na versão manuscrita.

Por fim, a simplificação decorrente do processo de revisão do texto latino implicou a supressão de alguns exageros retóricos, dando origem a um texto mais próximo do original grego.

#### 4. *NE OMNIA IN ALIENO SOLO AEDIFICASSE VIDEREMUR\**

O respeito pelo texto que, de forma geral, se verifica na tradução do *De Dea Syria* não se aplica ao episódio que narra a paixão de Antíoco pela sua madrasta. De facto, o próprio Jorge Coelho explicita, na epístola manuscrita a Lourenço de Cáceres, que ampliou os discursos de Erasístrato e Seleuco de forma a mostrar a eloquência do autor grego e aperfeiçoar um episódio que, apesar de *pulcherrimus*, considerava demasiado sintético:

In Antiochi uero amoribus orationes ipsas Seleuci et Erasistrati, quas Lucianus paucis admodum complexus fuerat, ipse eo consilio dilataui ac diduxi quod, **saluo authoris sensu**, id gratum omnibus fore existimabam, tum etiam ut homini eloquentissimo Ionicam alioqui in eo libello breuitatem affectanti suus perpetuus ferme dictionis ac facundiae usus redderetur. Id enim et locus ipse, longe pulcherrimus compressius certe ac aridius quam decebat tractatus, et omnium hominum de luculentissimo scriptore opinio praesertim in eum sermonem translato, **qui nullas linguarum differentias nouit**, quodammodo appetere ac desyderare uidebatur<sup>1</sup>.

A *amplificatio* de uma parte do *De Dea Syria* que se revelava incapaz de demonstrar a eloquência do *luculentissimus scriptor* sugere uma tentativa de adequar o texto à imagem de Luciano difundida no século XV e no início do século XVI, pois um dos aspectos mais característicos do *corpus* eram precisamente os seus diálogos, pouco desenvolvidos neste tratado<sup>2</sup>. Além disso, o argumento apresentado por Coelho, segundo o qual seria impossível reproduzir na língua latina a *ionica breuitas* devido à inexistência de dialectos, contribui para justificar a reescrita de um tema bastante popular na Literatura do Renascimento, recuperado por autores como Petrarca, Leonardo Bruni e Lope de Vega, entre outros<sup>3</sup>. Não terá sido por acaso que, na epístola manuscrita a D. Henrique, Coelho manifestou o intuito de acrescentar

---

\* Uma primeira versão deste capítulo foi publicada no volume 4 da revista *eClassica* (Resende 2018b) decorrente do encontro *IN FLORE NOVO* (Verg. G. 4.142-3) III Encontro Internacional de Jovens Investigadores em Estudos Clássicos, que se realizou em Baeza nos dias 18 e 19 de Outubro de 2018.

<sup>1</sup> Ep. II. 2. 13-15.

<sup>2</sup> A indicação de que teria substituído a *oratio obliqua* pelo discurso directo afigura-se difícil de compreender, uma vez que tal alteração não se verifica nas versões preservadas. Cf. Ep. II. 2. 16-18.

<sup>3</sup> Sobre a disseminação do tema de Seleuco na literatura europeia do Renascimento, ver especialmente Kennedy (1940). Cf. Asensio (1974: 288-295), Anastácio (2003; 2005) e Resende (2018b: 84-86).

algo de seu à tradução<sup>4</sup>, procurando apresentar-se não só como tradutor mas também como autor do texto latino, à semelhança do que fizera S. Jerónimo no *Chronicon* de Eusébio<sup>5</sup>.

A supressão da maioria das razões apresentadas no manuscrito para fundamentar a *amplificatio* dos discursos revela, porém, um esforço de legitimação da sua ingerência no texto grego. Baseando-se na distinção hieronimita entre *res* e *uerba*, que associava a fidelidade ao *sensus*<sup>6</sup>, e privilegiando o argumento de que preservava o sentido do autor, Coelho procurava assim justificar a sua intervenção no texto de Luciano:

Caeterum illud meminisse te uelim me in Antiochi amoribus orationes Seleuci et Erasistrati, quas Lucianus paucis admodum fuerat executus, idcirco pluribus uerbis dilatasse, quod, saluo authoris sensu, id non ingratum futurum existimarem<sup>7</sup>.

Na verdade, não só as alterações de S. Jerónimo ao *Chronicon* de Eusébio estabeleciam um precedente para a manipulação de textos não sagrados<sup>8</sup> como também a relativa liberdade que, de um modo geral, caracterizara as primeiras traduções de Luciano – cujo caso mais

---

<sup>4</sup> Ep. I. 2: *Atque ne omnia in alieno solo aedificasse uideremur, nonnulla in Antiochi amoribus de nostro adieceramus, quae saluo alioqui authoris sensu iocunditatem inter legendum aliquam afferre possent.*

<sup>5</sup> Helm (1956: 6): *Sciendum etenim est me et interpretis et scriptoris ex parte officio usum, quia et Graeca fidelissime expressi et nonnulla, quae mihi intermissa uidebantur, adieci, in Romana maxime historia, quam Eusebius huius conditor libri non tam ignorasse ut eruditus, sed ut Graece scribens parum suis necessariam perstrinxisse mihi uidetur.* (“Há que ter em conta que me servi tanto dos ofícios de tradutor como dos de autor, pois verti o mais fielmente que pude o texto grego, e acrescentei o que me parecia ter sido omitido no que diz respeito à história de Roma que Eusébio não desconhecia, mas na sua qualidade de erudito julgava sem interesse para os seus destinatários”. Tradução de Nascimento, in Jerónimo, 1995: 51). Como explicita Donaldson (1996: 2), além de ter traduzido o trabalho de Eusébio e de ter acrescentado algumas notas à tradução, S. Jerónimo inseriu ainda uma parte original que complementa o trabalho de Eusébio até ao ano 378.

<sup>6</sup> A noção de que a fidelidade ao original residia no *sensus* parte da célebre *Carta a Pamáquio* de S. Jerónimo. Cf. Hier. Ep. 57. 5: *Ego enim non solum fateor, sed libera uoce profiteor me interpretatione Graecorum absque scripturis sanctis, ubi et uerborum ordo mysterium est, non uerbum e uerbum, sed sensum exprimere de sensu. Habeoque huius rei magistrum Tullium, qui Protagoram Platonis et Oeconomicum Xenofontis et Aeschini et Demosthenis duas contra se orationes pulcherrimas transtulit.* (“Pela minha parte, não apenas confesso, mas proclamo a plenos pulmões que quando traduzo os textos gregos – que não sejam as Sagradas Escrituras (onde até a estrutura da frase é mistério) – não é palavra a palavra, mas o sentido que eu exprimo. Nesta questão tenho por mestre a Túlio que traduziu o *Protágoras*, de Platão, o *Económico* de Xenofonte e os dois magníficos discursos trocados entre si por Ésquines e Demóstenes”. Tradução de Nascimento, in Jerónimo, 1995: 61). Cf. Copeland (1991: 45-52) e Nascimento (1995: 51).

<sup>7</sup> Cf. Ep. II. 1. 7. Este motivo também se encontrava na epístola manuscrita ao Infante D. Henrique (Ep. I. 2).

<sup>8</sup> De acordo com Botley (2004: 164), as alterações ao original em textos profanos eram comuns. O exemplo de Eusébio, cujas obras foram traduzidas, com profundas alterações, por Rufino, S. Jerónimo e Trebizonda é paradigmático.



célebre é a versão latina do décimo segundo dos *Dialogi Mortuorum* da autoria de Giovanni Aurispa<sup>9</sup> – legitimavam a intervenção de Coelho. As imitações que circularam como obras do sofista, nomeadamente a *Virtus Dea* de Leon Battista Alberti, ou o *Palinurus*, de Maffeo Vegio, revelam a ténue distinção que existia entre tradução e recriação, autorizando, em última instância, a reformulação do episódio<sup>10</sup>.

\*

Muito embora Coelho tenha procedido a uma reescrita do original, a ressalva de que mantinha o sentido do texto não se afigura totalmente inadequada. Assim, apesar de ter recorrido a outras fontes literárias – nomeadamente Valério Máximo, Plutarco e Apiano<sup>11</sup> – para completar lacunas de Luciano, como o nome de Erasítrato ou a referência a Seleuco como herdeiro de Alexandre o Grande, a sua intervenção limitou-se, em grande medida, ao desenvolvimento de tópicos originalmente presentes no *De Dea Syria*. O recurso à paráfrase, a introdução de adjetivos e advérbios inexistentes no original ou a substituição da estrutura paratáctica por orações subordinadas são algumas das estratégias usadas para ampliar o episódio e reforçar o carácter patético dos discursos de Seleuco e Erasítrato.

O modo como descreve a situação de Antíoco é particularmente ilustrativo:

ὥς γάρ μιν ἡ συμφορὴ κατέλαβε, ἀμηχανέων τῷ κακῷ αἰσχυρῷ δοκέοντι κατ' ἡσυχίην ἐνόσσε· ἔκειτο δὲ ἀλγέων οὐδέν. καὶ οἱ ἢ τε χροὴ πᾶμπαν ἐτρέπετο καὶ τὸ σῶμα δι' ἡμέρης ἐμαραίνετο. ὁ δὲ ἱητρός ὥς εἶδε μιν ἐς οὐδὲν ἐμφανὲς ἄρρωστέοντα, ἔγνω τὴν νοῦσον ἔρωτα ἔμμεναι. ἔρωτος δὲ ἀφανέος πολλὰ σημήϊα, ὀφθαλμοὶ τε ἀσθενέες καὶ φωνὴ καὶ χροὴ καὶ δάκρυα<sup>12</sup>.

Vbi enim miseria iuuenem inuasisset **nec ille grassanti iam malo potis esset reluctari, quippe qui ingentem turpitudinem, si amorem aperiret, uerebatur**, tacitus **gravi morbo conflictabatur**. Iacebat autem nihil omnino doloris indicans, at color penitus immutatus erat

<sup>9</sup> Sobre a tradução de Giovanni Aurispa, ver Cast (1974: 157-173), Mattioli (1980: 55-58) e Sidwell (1975: 106-109). No *Tragodopodagra* de Andrés de Laguna (cf. Rodríguez Alfageme, 2015) ou nas traduções de Luciano atribuídas a Enzinas (Zappala, 1982) também se verifica uma tendência para a *amplificatio* e para a elaboração retórica.

<sup>10</sup> Sobre as imitações de Leon Battista Alberti, veja-se especialmente Zappala (1990: 63-71) e Marsh (1998: 33-35, 55-67). Relativamente ao *Palinurus* de Maffeo Vegio, ver Sidwell (1975: 222-226), Zappala (1990: 53-55) e Marsh (1998: 67-71).

<sup>11</sup> As fontes antigas do tema de Seleuco e Antíoco foram estudadas por Silva (2004).

<sup>12</sup> Lucianus *Syr. D.* 17.

corpusque **aegerrime habens** in dies magis tabescebat. Sed medicus, **cum acri ingenio** perspiceret nullius morbi causam apparere, continuo amoris perturbationem ratus est. Plura uidelicet signa occulti ignis concurrebant: oculi **imbecilli**, uox **lassa**, color **funereus** lachrymaeque affatim **intercidentes**<sup>13</sup>.

A tendência para ampliar o texto grego não só transparece no elogio do *ingenium* do médico, sem paralelo no original, mas também está patente na tradução das formas verbais *ἐνόσσε* (*gravi morbo conflictabatur*) ou *ἀλγέων οὐδέν* (*nihil doloris indicans*) e, mais expressivamente, na versão da expressão *ἀμυχανέων τῷ κακῷ αἰσχροῦ δοκέοντι*. A versão latina parece ainda destacar a vergonha de Antíoco, reforçada pelo adjectivo *ingens*, e o receio de que o seu amor fosse descoberto.

Por fim, a descrição do seu corpo como muito doente e a tradução do adjectivo *ἀσθενέες* por *imbecillus*, *lassus*, *funereus* e *intercicens* amplificam largamente os sintomas do jovem príncipe. Com efeito, ainda que o vocabulário relacionado com a doença seja bastante frequente no texto grego, a constante caracterização de Antíoco como *aeger*, *miser* e *infoelix*<sup>14</sup> contribui para acentuar a gravidade de uma doença que tem como consequência previsível a sua morte<sup>15</sup>.

O diagnóstico de Erasístrato, segundo o qual o mal de que ele sofria não se tratava de uma doença física, não diminui a gravidade da situação. Na verdade, o carácter destrutivo da paixão é evidenciado pelo próprio médico, que a qualifica como *insania* e *perturbatio*<sup>16</sup>, recuperando assim a referência à natureza maníaca do amor presente no termo grego *φρενοβλαβείη*<sup>17</sup>. A opção de verter por vários vocábulos uma única palavra grega e de inserir advérbios inexistentes no original é, mais uma vez, reveladora do método de tradução de Jorge Coelho e do seu objectivo de enfatizar a violência do sentimento de Antíoco<sup>18</sup>. A

---

<sup>13</sup> Coel. DDS. 94-97.

<sup>14</sup> Cf. Coel. DDS. 95: *corpusque aegerrime habens in dies magis tabescebat*.; 99: *aeger amore iuuenis*; 107: *aegroto Antiocho*; 112: *infoelicissimo iuueni*; 118: *miserrimus Antiochus*; 127: *Antiocho [...] periclitanti*.

<sup>15</sup> Ao contrário do que ocorre no *De Dea Syria*, na tradução de Jorge Coelho esta possibilidade também é considerada pelo médico, não apenas por Seleuco. Cf. Coel. DDS. 103: *Namque illum turpis amoris insania in ancipitem perturbationem mente externata coniecit, ex qua plurimum uereor ne extremus (quod dii prohibeant) tibi luctus impendeat*.

<sup>16</sup> Coel. DDS. 103: *Namque illum turpis amoris insania in ancipitem perturbationem mente externata coniecit* [...].

<sup>17</sup> Lucianus Syr. D. 18: [...] *ἔρωος δέ μιν καὶ φρενοβλαβείη ἔχει*.

<sup>18</sup> Cf., e. g., a tradução de *ἔρωος* (Lucianus Syr. D. 18) por *turpis amoris insania* (Coel. DDS. 103); do verbo *φιλέω* (Lucianus Syr. D. 18) pela expressão *perditissime deperit* (Coel. DDS. 106) ou ainda de *ποθέω* (Lucianus

imagem resultante corresponde à do Prefácio, em que o príncipe é apresentado como uma vítima do amor *indomitus saeuusque tyrannus*, subjugado por uma paixão que o consome completamente e que, em última instância, o isenta de qualquer responsabilidade<sup>19</sup>. Este é, aliás, um dos argumentos utilizados por Seleuco para tentar convencer o médico a ceder-lhe a sua esposa, quando ainda se encontrava ludibriado pelo logro de Erasítrato:

οὐ γὰρ ἐθέλων ταύτη συμφορῇ ἔσχετο, ἀλλὰ οἱ ἡ νοῦσος ἀεκουσίη. τῷ σὺ μηδαμᾶ ζηλοτυπέων πένθος ἔγειρε **πάση βασιληΐῃ** μὴ δὲ ἡτρὸς ἐὼν φόνον προξενέεις ἡτρικῇ<sup>20</sup>.

Sin inuitus perturbationi succubuit et tandiu repugnauit insolentiae, donec uitae aleam subierit, id nunc te oro, Erasistrate, in commune ut consulas nec praeter modum zelotypia laborans et **uniuerso regno nostro ingentem calamitatem** incutias **et dulcissimum mihi filium, senectutis nostrae solatium**, crudeliter extingui perferas summam denique in te ipsum inuidiam concites<sup>21</sup>.

A introdução de uma oração condicional implica a transformação da declaração de Seleuco num dilema cuja resolução depende do carácter involuntário do amor de Antíoco, prova da sua inocência. Ainda que não haja uma resposta da parte de Erasítrato, o médico irá mais tarde corroborar a ideia de que o príncipe tinha sido uma vítima do amor, no sentido em que fora arrebatado pela beleza de Estratonice<sup>22</sup>.

O desenvolvimento dos argumentos de Seleuco contribui, igualmente, para enfatizar as consequências políticas da situação, de certa forma presentes na acusação de que a morte do príncipe representaria uma calamidade para todo o reino:

πρὸς τε σοφίης καὶ ἡτρικῆς, μή μοι παῖδα ὀλέσῃς<sup>23</sup>.

“Per ego”, inquit, “Erasistrate, et sapientiam tuam te et artis medicinae professionem obtestor ne idem infoelicissimo iuueni dirum compares exitium, qui eius affectae deplorataeque saluti consulere ante alios deberes, neue eodem puncto temporis nati funus, patris sepulchrum, **generis nostri interitum domusque regiae occasum** spectare crudeliter ambias. Quid enim miser ultra

---

Syr. D. 18) por *efflictim et miserabiliter deperit* [...] *desyderio perdit supraque modum exardet* (Coel. DDS. 139).

<sup>19</sup> Praef. 34.

<sup>20</sup> Lucianus Syr. D. 18.

<sup>21</sup> Coel. DDS. 118-119.

<sup>22</sup> Cf. Coel. DDS. 140: *Illius forma infoelicem iuuenem inuitum rapuit, illius decor in langorem extremumque uitae discrimen adduxit*.

<sup>23</sup> Lucianus Syr. D. 18.

habeo? Quid mortem deprecari aut huius communis lucis usuram expetam, si nostri **spem sanguinis regnique subsidium**, si unicum meae senectutis requiem sub primo iuuentutis flore mihi ante oculos eripi atque extinguere perferam?”<sup>24</sup>

Mais do que *filius dulcissimus* ou *senectutis solatium* – designações que contribuem para aumentar a carga emocional do discurso de Seleuco, sobretudo quando comparadas com a sobriedade do texto de Luciano –, Antíoco é, principalmente, a *spes sanguinis*, o *regni subsidium* cuja morte representaria a destruição do povo e da casa real, por se tratar do único herdeiro. Assim, ao contrário de Erasístrato, que se refere ao suposto amor de Antíoco pela sua esposa como um *crimen*<sup>25</sup>, um *nefarium uotum* que atenta contra a sacralidade do casamento<sup>26</sup>, para Seleuco o verdadeiro crime seria permitir a sua morte.

A preocupação do rei com o filho – visível nas constantes preces e lamentos<sup>27</sup> – contribui, em grande medida, para a caracterização de Seleuco como *pater indulgentissimus*, certificada, aliás, pelas intervenções de Erasístrato. Embora o tom do discurso do médico se revele, em geral, bastante mais violento do que no original grego<sup>28</sup>, depois de revelar a Seleuco o amor de Antíoco pela madrasta, recupera ideias anteriormente proferidas pelo monarca, nomeadamente a identificação da morte de Antíoco com um *scelus*<sup>29</sup> ou a referência ao príncipe como *spes regni* e *securitas imperii*<sup>30</sup>, e procede ao elogio da *pietas* e da *clementia*

---

<sup>24</sup> Coel. DDS. 112-113.

<sup>25</sup> Antes de revelar a verdade a Seleuco, Erasístrato caracteriza a paixão de Antíoco como *turpis amoris insania* (Coel. DDS. 103); *crimen* (Coel. DDS. 106); *nefarium uotum* (Coel. DDS. 106); *scelus* (Coel. DDS. 109) e *iniquitas* (Coel. DDS. 127).

<sup>26</sup> Cf. Coel. DDS. 106: [...] *filius enim tuus Antiochus contra fas, contra pium, meam unius uxorem perditissime deperit, ut, nisi nefarii uoti compos fiat, se quam celeriter moriturum esse dicat*. Embora o motivo da sacralidade do casamento também se encontre no texto grego (Lucianus Syr. D. 18: *ἀνόσια σπείδεις γάμον ἐμὸν ἀπαιρέμενος*), adquire na versão de Jorge Coelho uma importância ímpar, visível nas constantes ameaças e promessas de vingança do médico (Coel. DDS. 109; 121-126).

<sup>27</sup> Cf. Coel. DDS. 111-119; 128-134.

<sup>28</sup> Na versão latina, o discurso de Erasístrato é marcado por um abundante recurso a questões retóricas (Coel. DDS. 121; 125) e ameaças (Coel. DDS. 109; 123).

<sup>29</sup> Coel. DDS. 141.

<sup>30</sup> Cf. Coel. DDS. 142: *Aggredere igitur ad pulcherrimum facinus, diis hominibusque plaudentibus, o Seleuce, nempe nato unico salutem tibi que spem regni, generis subsidium, securitatem imperii, tranquillam denique et beatam senectutem comparaturus*.

do rei<sup>31</sup>, reforçando a imagem de Seleuco como paradigma do amor paterno que, de certa forma, já se encontrava no texto de Luciano.

\*

O recurso à *amplificatio*, o carácter excessivo das reacções de Seleuco e de Erasítrato, que não hesita em prometer ao rei uma vingança póstuma, ou a descrição exagerada dos sintomas de um amor desmedido ampliam notoriamente a história do rei que cedeu a esposa ao seu próprio filho, dando-lhe uma importância que não tinha no texto original, mas que é, de certa forma, antecipada no Prefácio:

Attamen uxori nati praeponere uitam  
maluit et patri concessit gaudia amori.  
Tam miser Antiochi uita, quam morte futurus!  
Durus uterque labor, sed uter magis? Ipse profecto,  
Henrice, ingenii cui gloria cessit et artis,  
causam expende animo, laus haec tibi iure feratur<sup>32</sup>.

Além do claro destaque concedido, nos paratextos, aos amores de Antíoco, a apresentação desta questão como um dilema moral dirigido a D. Henrique sugere uma subtil alusão ao episódio do casamento de D. Manuel I com D. Leonor, inicialmente prometida ao seu filho.

À semelhança do que acontece com o auto *El-Rei Seleuco*, atribuído a Luís de Camões, o tratamento deste tema afasta-se muito das restantes abordagens da literatura europeia renascentista. Um estudo elaborado por Ruth Lee Kennedy demonstrou que a recuperação deste tópico em Espanha comportou, na maior parte dos casos, alterações que visavam evitar o final incestuoso, quer por meio da substituição do enlace por um final trágico, quer pela mudança da relação entre os amantes<sup>33</sup>. Referências explícitas à fábula implicaram

---

<sup>31</sup> Cf. Coel. DDS. 135-136: *Clementiamne prius laudem an pietatem tuam admirer, rex Seleuce? Etenim pari gradu ad utriusque uirtutis fastigium emicuisti, cum et audaciam meam, quae secum imperii salutem trahere uidebatur, modestissime tulisti et nati uitam, quam maximo pretio redimere non dubitasti.*

<sup>32</sup> Praef. 49-51.

<sup>33</sup> Cf. Kennedy (1940: 1029). Mais recentemente, Anastácio (2003) referiu a existência de um romance de autor anónimo cujo final truncado silencia, nas palavras da estudiosa, “a possibilidade da cedência da esposa de Seleuco a seu filho, e com ela a evocação indirecta do tabu do incesto” (Anastácio, 2003: 216). Sobre a fortuna

geralmente a condenação da conduta de Seleuco e a rejeição da imagem do monarca como um paradigma do amor paterno. É o caso do jurista salmantino Juan López de Palacio Rubio, que considera absurda a atitude do rei<sup>34</sup>, de João de Barros<sup>35</sup> ou de Jorge Ferreira de Vasconcelos<sup>36</sup>. No panorama da literatura peninsular dos séculos XVI e XVII, a importância dada por Jorge Coelho ao episódio de Antíoco e Seleuco na tradução do *De Dea Syria* e a ausência de uma crítica explícita revela-se, assim, particularmente intrigante.

Da mesma forma, e apesar da sua originalidade<sup>37</sup>, o auto atribuído a Camões também não contém qualquer alteração da intriga principal e mantém a problemática do incesto na forma do casamento de um enteado com a sua madrasta<sup>38</sup>. E se, como aduz Asensio, a história coloca no centro o poder do amor<sup>39</sup>, a imagem de Seleuco como o pai capaz “de tal amor / e de tal humanidade” perpetua a lição dos antigos, sem que pese a habitual condenação dos textos quinhentistas<sup>40</sup>, o que levou alguns críticos a interpretar o auto camoniano como uma

---

do tema de Seleuco na literatura francesa do século XVII e a liberdade no tratamento das fontes, de forma a evitar o tabu do incesto, ver especialmente Beer (2013: 257-262).

<sup>34</sup> Cf. Juan López de Palacio Rubio, *Repetitio de donatione inter uirum et uxorem*, Salamanca, 1523, fl. 56 (cit. ap. Asensio, 1974: 288, n. 10): *Nihil enim est deterius marito quam de homine fieri cervum... Absurdam igitur rem fecit Seleucus... qui uxorem suam adulterandam filio tradidit, quia ejus amore peribat*.

<sup>35</sup> Cf. Barros (1874: 4). Muito embora se possa ler no texto de Barros uma alusão à piedade de Seleuco, a inclusão da fábula entre as doze razões que “disfavorecem ho casamento” que o autor, na terceira parte do livro, refuta, permitem considerar o sacrifício do rei como um símbolo do descomedimento de um pai que antepõe à moral o amor pelo filho, pois “consintio o adultério que dizem que he mayor door que a morte dos filhos e que a morte própria”. Discordamos, portanto, de Eugenio Asensio (1974: 295), para quem Seleuco é um exemplo de heroísmo.

<sup>36</sup> Cf. Vasconcelos, *Comédia Eufrosina*, fl. 155r: “Mal fezereis vós como Seleuco que deu sua própria mulher Estratónica a Antíoco seu filho sabendo ser ele namorado dela, que era sua madrasta”.

<sup>37</sup> Sobre a questão da originalidade do tratamento do tema no auto *El Rei Seleuco*, ver especialmente Asensio (1974: 294) e Rodrigues (1987).

<sup>38</sup> A fortuna do tema no Renascimento europeu impede a identificação das fontes que estiveram na origem do auto camoniano. A disponibilidade das versões de Apiano, Plutarco e Luciano em tradução na primeira metade do século XVI, assim como a disseminação dos comentários aos *Trionfi* de Petrarca na versão castelhana de Obregón, sugerem a possibilidade de uma *contaminatio* de várias fontes. Cf. Kennedy (1940: 1017-1018), Asensio (1974: 288-295), Anastácio (2003: 213-214) e Silva (2004: 469-484).

<sup>39</sup> Asensio (1974: 294).

<sup>40</sup> Luís de Camões, *El-Rei Seleuco*, vv. 911-912. Curiosamente, n’ *Os Lusíadas* (9. 6-8) aparece como um exemplo de “amor nefando”: “Exemplos mil se vêm de amor nefando, / qual o das moças Bíbli e Cinireia, / **um mancebo de Assíria**, um de Judeia”. A particularidade do tratamento do tema no auto de *El-rei Seleuco* é evidenciada por Kennedy (1940: 1018): “In the Spanish peninsula it is the only instance that has come to my attention where the original story has been dramatized without change. Even Torres Naharro, child of the Renaissance that he was in some ways, had rejected marriage of son and stepmother.”

condenação do rei português<sup>41</sup>. Todavia, se, passados mais de trinta anos entre este caso e a provável data de elaboração da comédia<sup>42</sup>, era pouco plausível a utilização do tema como um *exemplum*<sup>43</sup>, a primeira versão da tradução de Coelho – infelizmente perdida – remonta aos primeiros anos da década de vinte e a sua reformulação, que possivelmente coincide com o manuscrito preservado na Biblioteca Pública de Évora, é anterior a 1531. Não esqueçamos que Coelho estava ao serviço da corte portuguesa desde pelo menos 1526 e, de acordo com os testemunhos dos cronistas, este foi um caso que impressionou o meio áulico: tanto Damião de Góis como Francisco de Andrada evidenciam a contrariedade do príncipe ao saber do casamento de seu pai<sup>44</sup> e os anais de Frei Luís de Sousa dão conta de um movimento generalizado de apoio ao casamento de D. João III com a rainha viúva, após a morte do monarca<sup>45</sup>.

---

<sup>41</sup> Cf., e. g., Bell (1914: 124): “[...] Camões was banished from Lisbon, probably in the beginning of the year 1549. The subject of the *Auto d’El -REI Seleuco*, with its reflections on the conduct of the late King Manoel, may have contributed to his disgrace.” Esta leitura foi contestada por Asensio (1974: 295) e Hernâni Cidade (1971: 215-216), entre outros.

<sup>42</sup> Tendo em conta que o auto permaneceu desconhecido até 1645, ignora-se a data da sua produção. Para Bell (1914: 123), data de 1549; Asensio (1974: 287-288) propõe que seja posterior a 1550, devido a uma possível influência da *Comédia de Bristo* de António Ferreira. Segundo Rodrigues (1981: 471-472), terá sido elaborada entre 1542 e 1553. Sobre os problemas de atribuição e de autoria do auto, ver especialmente Anastácio (2005: 327-342).

<sup>43</sup> Cf. Cidade (1971: 216) e Asensio (1974: 285-295). Para Anastácio (2003: 217), a estrutura do auto, organizada de forma a que a história de Seleuco se encontre dentro “do teatro” permite um distanciamento do espectador: “Ao apresentar a história do Rei Seleuco e da rainha Estratónica como *teatro*, ou seja, como um texto posto em cena pelos actores da representação a que se assiste, o dramaturgo parece procurar, de facto, distanciá-la do espectador, e o contraste entre as duas intrigas contribui para acentuar esse efeito. Duplamente encenada como *representação*, a fábula antiga de Seleuco não só passa a ser apresentada como algo que corresponde a um *outro tempo*, como está situada *fora do tempo*. É assim expressamente conotada com a *ficção*, esse lugar paralelo (ou virtual) para onde podem ser remetidas, sem consequências, todas as implicações censuráveis.” Sobre a situação de *teatro dentro do teatro* em obras portuguesas do século XVI, cf. Rodrigues (1981).

<sup>44</sup> Cf. Góis (1926, parte iv, cap. 34) e Francisco de Andrada, *Cronica do muyto alto e muito poderoso Rey destes Reynos de Portugal Dom Ioão o III*, Lisboa, por Iorge Rodriguez, 1613, fls. 4v-5.

<sup>45</sup> Cf. Sousa (1951, vol. 1, 73-75): “[...] o duque D. Gemes, como velho e muito amigo do serviço del-rei, tratando-se do casamento que melhor lhe estaria, mostrava com vivas e eficaces razões que nenhũa cousa convinha mais a el-rei e ao reino que casar com a rainha sua madrastra, visto como, pero o ponto de se esperar dela sucessão, já viam que era moça e sabiam não ser estéril. [...] Não havia na terra quem tivesse por desacertado este conselho senão só a pessoa a quem mais tocava e melhor estava, que era o mesmo rei. Não lhe sofria o ânimo haver de tratar amores, inda que santos e castos, com a mulher que o fora de seu pai. Parecia-lhe cousa fea pera seu nome, agravo pera o defunto e ajuntamento indigno de ãa rainha de Portugal [...]”. Cf. Francisco de Andrada, *Cronica do muyto alto e muito poderoso Rey destes Reynos de Portugal Dom Ioão o III*, Lisboa, por Iorge Rodriguez, 1613, fl. 18v.

Devido à inexistência de referências explícitas, qualquer tentativa de compreensão da razão pela qual um tema tratado com tanta prudência por outros autores não sofreu qualquer alteração na obra de Jorge Coelho está devotada ao insucesso. Independentemente da sua intenção, a semelhança entre a história de Antíoco e a situação portuguesa, associada à tradição de adaptar a sátira de Luciano a assuntos contemporâneos, dificilmente permitiria uma leitura inofensiva deste episódio, sobretudo quando foi alvo de tão flagrante amplificação.

Em todo o caso, a transformação da história num dilema – eventualmente dirigido ao jovem D. Henrique, levando-o a problematizar uma situação que opusera o seu pai ao seu irmão – impedia uma leitura ousada da versão de Coelho, mesmo que implicitamente houvesse uma subtil alusão à atitude de D. Manuel, desprestigiante quando comparada com a de Seleuco.



## 5. OS LUCIANOS DE JORGE COELHO\*

A análise efectuada nos capítulos precedentes mostra que a revisão do *De Dea Syria* se focou, essencialmente, em aspectos de cariz estilístico e na emenda de erros de tradução, dando origem a uma versão superior à inicialmente apresentada no manuscrito da Biblioteca de Évora. O processo de reformulação não se limitou, todavia, à obra de Luciano e estendeu-se também aos paratextos: além de ter incluído, na edição impressa, a resposta de Lourenço de Cáceres à sua epístola e uma admoção ao leitor, Jorge Coelho procedeu ainda a uma revisão dos textos da sua autoria. No Prefácio I, as alterações foram maioritariamente de índole ortográfica ou incidiram sobre vocábulos isolados; a epístola a Lourenço de Cáceres foi, por sua vez, alvo de profundas mudanças ao nível do conteúdo e a carta manuscrita a D. Henrique foi inteiramente suprimida.

Ainda que estas modificações possam ser entendidas à luz do processo de simplificação que caracterizou a reformulação do exemplar preservado na Biblioteca Pública de Évora, revelam-se, porém, mais extensas do que a simples eliminação de dados repetidos. Neste sentido, a exclusão da epístola a D. Henrique não deve ser lida como uma forma de evitar a existência de dois textos prefaciais, uma vez que o *De Patientia Christiana* é igualmente precedido de um poema e de uma carta, ambos dedicados ao Cardeal.

As alterações efectuadas revelam-se significativas na medida em que implicaram uma mudança da imagem de Luciano de Samósata e, muito embora os motivos subjacentes a esta reformulação não sejam evidentes, a análise do contexto em que foram desenvolvidas as duas versões preservadas do *De Dea Syria* poderá ajudar a clarificá-los.

### *Summus ironiae artifex*

A caracterização de Luciano como “sumo artífice da ironia” no início da epístola manuscrita ao Infante sugere uma interpretação sarcástica do *De Dea Syria* que, aliás, também se encontra patente na alusão aos rituais sírios como *uetustatis deliramenta* e *commenta mystica*<sup>1</sup>:

---

\* Uma primeira versão deste capítulo foi publicada na revista *Mediterranean Chronicle*: “From the Manuscript to the Printed Version: Investigating the Process of Self-Censorship in Jorge Coelho’s Latin Translation of *De Dea Syria*”, *Mediterranean Chronicle*, vol. 7, pp. 235-245 (Resende 2017a).

Opusculum Luciani περὶ τῆς συρίου θεοῦ, hoc est de dea Syria, Princeps illustrissime, olim in Italia e graeco in latinum uerteramus, tum quod cognitione dignissimum uidebatur – multa enim uetustatis deliramenta Lucianus, summus ironiae artifex, in eo opusculo nobis aperit – tum etiam quia eo tempore graecis litteris operam dabamus<sup>2</sup>.

Tendo em conta que a autenticidade do opúsculo ainda não tinha sido questionada, a interpretação irónica dos rituais descritos seria a única forma de conciliar a imagem de um Luciano ateu, crítico da religião e da superstição, com o narrador ingénuo do *De Dea Syria*, uma perspectiva sustentada ainda hoje por quem defende a atribuição da obra ao sofista<sup>3</sup>. De facto, o carácter excessivamente fantasioso das histórias narradas – *incredibilia* que Coelho enumera no Prefácio<sup>4</sup> – e a ausência de qualquer julgamento crítico sugeriam uma leitura paródica da obra, à semelhança do *Muscae Encomium* ou do *De Parasito*<sup>5</sup>.

O ambiente em que o humanista português desenvolveu a versão preservada em Évora – e, presumivelmente, também a de Itália – encontrava-se profundamente influenciado pelas traduções do *corpus lucianum* elaboradas por Thomas More e Erasmo de Roterdão, favorecendo assim a interpretação do *De Dea Syria* como uma sátira dos *deliramenta* da Antiguidade.

No entanto, a opção de não incluir, na edição de 1540, a carta ao Infante D. Henrique silencia esta interpretação do opúsculo. Além da caracterização dos mistérios do povo de Biblos como *commenta*<sup>6</sup>, não há, nem no prefácio impresso nem na versão reformulada da epístola a Lourenço de Cáceres, qualquer referência à dimensão irónica da obra de Luciano, pois os paratextos publicados em 1540 apenas transmitem o interesse historiográfico e documental do texto, apresentando o *De Dea Syria* como uma inócua exibição de rituais fantásticos e histórias mirabolantes.

Embora este sentido não estivesse ausente da primeira versão – de facto, o Prefácio já se encontrava no manuscrito e as diferenças existentes são pouco significativas –, a imagem de Luciano era mais complexa, na medida em que, como sintetiza Lourenço de Cáceres na

---

<sup>1</sup> Praef. 3-4: *Hic antiqua Asiae templa et commenta uidebis / mystica [...]*.

<sup>2</sup> Ep. I. 1.

<sup>3</sup> Cf. Lightfoot (2003: 184-208) e Dirven (1997: 153-179).

<sup>4</sup> Cf. Praef. 3-10; 52-70.

<sup>5</sup> Cf. Bompaire (1958: 647) e Marsh (1998: 148-155). De acordo com Robinson (1979: 22), o carácter satírico da obra reside no facto de se tratar de um pastiche de Heródoto.

<sup>6</sup> Praef. I. 3-4.

epístola publicada em 1540, corresponderia a uma união de assuntos sérios com jocosos, da qual não estavam ausentes nem a dimensão irónica nem a curiosidade pelos cultos religiosos<sup>7</sup>.

Neste sentido, a leitura de Zappala, que não teve acesso ao manuscrito da Biblioteca de Évora e só conheceu a versão impressa da tradução de Jorge Coelho é bastante reveladora, uma vez que apenas considera a vertente historiográfica do tratado:

The Latin *De Dea Syria* of the Portuguese Humanist, Jorge Coelho, while it does not communicate the parody of the original, does reflect the interest in comparative religion present in a special way in the Portuguese court of his day<sup>8</sup>.

Desconhecedor do facto de a *Fides Religio Moresque Aethiopum* de Damião de Góis ter sido proibida de circular em Portugal, Zappala associa a imagem de Luciano patente na versão impressa da tradução de Jorge Coelho a um interesse generalizado por povos e culturas “exóticas”<sup>9</sup>. Na verdade, a carta de D. Henrique a Damião de Góis em que explica as razões da proibição da *Fides* ressalta que a obra poderia circular se, em lugar de procurar legitimar os rituais, apenas os descrevesse<sup>10</sup>, o que, em última instância, se observa na versão final do *De Dea Syria*, reduzido a uma enumeração de *incredibilia* da Antiguidade.

A mudança da imagem de Luciano decorrente da reformulação dos paratextos adveio também do facto de Coelho ter optado por eliminar todos os elogios ou referências laudatórias ao autor. Se, por um lado, o desaparecimento das menções ao sofista como *eruditissimus homo*<sup>11</sup> e ao opúsculo como *cognitione dignissimus*<sup>12</sup> resultou da exclusão da

---

<sup>7</sup> Cf. Ep. III. 9-11: *Mitto quod lepide iocis libellus / miscet seria fabulasque narrat, / ut sunt omnia dicta Luciano*.

<sup>8</sup> Zappala (1990: 2).

<sup>9</sup> Cf. Zappala (1990: 138): “Coelho formed part of the Humanist circle of Prince Henrique. While Clenardus and Erasmus may be credited with awakening his interest in Lucian, his version of *De Dea Syria* reflects more than the satire of religious cults Erasmus and Cognatus saw in the work. The Portuguese Humanist had probably been influenced by contemporary interest in exotic religion. Damião de Góis’s work on the religious customs of the Ethiopians had been published the same year [...]” A mesma ideia é repetida por Redondo Pérez (2016: 98).

<sup>10</sup> Cf. Carta do Infante D. Henrique a Damião de Góis, de 13 de Dezembro de 1541: “E hũa cousa he Relatar simpremente os Ritos de hũa naçam e outra querellas corroborar com Razões falsas como faz este embaixador sem auer logo confutaçam dellas porque este he o costume dos ereges e se segue disso muitas vezes muito escandalo e dano” (Sá 1983a: 67).

<sup>11</sup> Ep. I. 3.

<sup>12</sup> Ep. I. 1. Cf. ainda Ep. I. 5: *Cui enim magis quam tibi doctorum hominum labores dicari debeant [...]*?

epístola manuscrita ao Infante D. Henrique, por outro, a supressão das referências *homo eloquentissimus*<sup>13</sup> e *luculentissimus scriptor*<sup>14</sup>, assim como alusões ao seu estilo *grauis e maturus*<sup>15</sup>, decorreu da reescrita da carta a Lourenço de Cáceres, revelando uma manipulação do conteúdo que não se coaduna unicamente com o propósito de simplificar o texto latino.

### ***Luciano, “apostata & inimigo da ffee”***

A associação de Luciano com Erasmo de Roterdão e o impacte que tiveram o *Moriae Encomium* e os *Colloquia* na percepção das obras do sofista na Península Ibérica não terão sido alheios às subtis alterações registadas nos paratextos<sup>16</sup>. De facto, a identificação entre os dois autores, favorecida não apenas pela influência do modelo satírico de Luciano na obra erasmiana mas também pelas críticas de Lutero ou de Sepúlveda, contribuiu para a mudança de perspectiva em relação ao sofista, distanciando-o da imagem moral que motivara a leitura dos humanistas do *Quattrocento*<sup>17</sup>.

A denúncia inquisitorial apresentada por Jorge de Sá contra Vicente Fabrício, mestre de grego da Universidade de Coimbra, é um eloquente testemunho do clima de suspeita que envolvia o autor, pois, por influência da *Vita Luciani*, que o apresentava como um ateu que renunciara à fé cristã, Luciano era caracterizado como um “apostata & inimigo da ffee”:

[...] m<sup>te</sup> fabricyo lemte de grego na vniversydade de coimbra soya de leuar a vera seys annõs & mays quãdo hya ouuyr misa aos domyngos & festas os dialogos de lucyano o ql lucyano he huñ apostata & inimigo da ffee seg<sup>do</sup> elle denuncyante ouuyo a huñ dõ basylio conego de santa cruz de coimbra [...]. & elle denuncyante seg<sup>do</sup> ds & sua comcyencya lhe parece que lhe vyo o dito lyu<sup>ro</sup> por vezes na Ig<sup>re</sup>ja quãodo estaua a misa [...]<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> Ep. II. 2. 14.

<sup>14</sup> Ep. II. 2. 15.

<sup>15</sup> Cf. Ep. II. 2. 2: “[...] ionicam authoris breuitatem [...]”; Ep. II. 2. 12: “Ego enim, tametsi non ignorabam ab eo quo ἁδρὸν, id est graue et maturum, Graeci uocant interpretationis nostrae stylum longe abesse.”

<sup>16</sup> Esta associação entre os dois autores é especialmente visível no *Diálogo de Mercurio y Carón*, de Alfonso de Valdés, no *El Scholástico* e no *El Crotalón*, de Cristóbal de Villalón, ou na tradução elaborada por Juan de Aguilar Villaquirán, que inclui, depois das obras de Luciano, uma versão castelhana do *Charon* de Erasmo. Cf. Zappala (1990: 174- 179), Grigoriadu (2010: 113). Sobre a presença da obra de Luciano de Samósata em Espanha no século XVI, ver especialmente Vives Coll (1959), Zappala (1990: 97-108), Rallo Gruss (2003: 131-156), Grigoriadu (2007: 330-334; 2010: 78-100) e Vian Herrero (2015: 181-182).

<sup>17</sup> Cf. Zappala (1990: 215-220).

<sup>18</sup> Cit. ap. Brandão (1944: 343). Denúncia feita a 4 de Maio de 1552.

Além da principal acusação de que o mestre de grego lia, durante a missa, um autor supostamente defeso – na verdade, o *Philopatris* e o *De Morte Peregrini* apenas seriam integrados no *Index* português sete anos mais tarde, em 1559<sup>19</sup> –, a denúncia contém ainda a informação de que comia carne à sexta-feira, bebia “como alemão” e de que teria atirado um livro de horas para um telhado, implicando-o na suspeita de luteranismo que, dois anos antes, conduziu à prisão dos professores do Colégio das Artes<sup>20</sup>.

A peculiaridade do testemunho de Sá compreende-se à luz do ambiente de desconfiança relativamente ao estudo da língua grega, especialmente depois dos trabalhos de Nebrija, Lefèvre d’Étaples ou Erasmo de Roterdão e da aplicação das ferramentas da crítica textual à Sagrada Escritura e à correcção da Vulgata de S. Jerónimo<sup>21</sup>. A célebre frase que acusava Erasmo de estar na origem da Reforma protestante (*Herasmus posuit oua et Leterus eduxit pullos*<sup>22</sup>) ilustra bem a associação estabelecida entre os *studia humanitatis* e o movimento iniciado por Lutero<sup>23</sup>, uma ideia que haveria de motivar, por toda a Península Ibérica, a perseguição a helenistas e erasmistas.

De facto, Diogo de Gouveia Sénior, uma das figuras que, segundo Diogo de Teive, terá estado implicada no processo movido contra os professores do Colégio das Artes<sup>24</sup>, “chamava luteranos a homens que sabiam grego e filosofia e estavam mal com a sofistaria”<sup>25</sup>.

---

<sup>19</sup> Cf. Sá (1983a: 220). Em 1581, é incluído também o *Lucius siue Asinus* (De Bujanda IV, 446; Sá (1983a: 585).

<sup>20</sup> Cf. Osório (1978, t. 1: 152): “A descrição podia ter fundamento, mas a verdade é que, surgindo numa denúncia de 1552 ao lado da acusação de que comia carne em dias defesos, reforçava, com a explícita alusão aos alemães, a insinuação de filo-luterano para que o denunciante pretendia sensibilizar os inquisidores”. Diogo de Teive, Buchanan e João da Costa foram presos por suspeita de protestantismo (Brandão 1948: 144; Teive, 2012: 55). Sobre o processo dos professores do Colégio das Artes, ver Brandão (1969) e Marcocci e Paiva (2016: 78-80).

<sup>21</sup> Cf. Saladin (2004: 188-202; 363-402). Sobre Lefèvre d’Étaples, ver Bedouelle (2008); sobre Nebrija, Valle Rodríguez (2008). Em Espanha, Nebrija, Juan del Castillo e Juan de Vergara contam-se entre os helenistas que tiveram problemas com a Inquisição devido aos estudos de crítica textual da Bíblia (Rueda, 1973: 416).

<sup>22</sup> Bataillon (1974: 18).

<sup>23</sup> Sobre esta questão, ver Rummel (2000: 9-29).

<sup>24</sup> Teive (2012: 52): “A fonte donde este mal nasce, suspeito ser Mestre Diogo de Gouveia, cónego da sé de Lisboa, porque tem pera si que os “franceses” e eu somos causa que ele saísse do Colégio, e com esta opinião foi fazer queixume ao Cardeal que éramos uns perdidos, e Sua Alteza, parecendo-lhe que seria assi, pois ùa tal pessoa o dizia, com um santo zelo que ele todas as cousas faz, mandou devassar de nós, e podia-lhe bem segundar nisto o Velho Doutor, tanto polo ódio que sempre teve a Mestre André e a suas cousas, como pera vingar o sobrinho.” Cf. Brandão (1969: 12-22).

<sup>25</sup> Cf. *Processo na Inquisição de Mestre Diogo de Teive* (20 de Agosto de 1550, declaração autógrafa lida por Teive ao tribunal): “[...] o Doutor velho Mestre Diogo de Gouveia, porque me criara no Colégio e era amigo de meu pai, dizem-me que dizia que o ladrão de Mestre André, herético maldito, me havia de danar. Tinha esta

Em Espanha, já Rodrigo Manrique denunciava, em 1533, a perseguição de que eram alvo os helenistas de Alcalá<sup>26</sup>. Datam deste período os processos contra Juan de Vergara (1530-1537)<sup>27</sup>, Miguel de Eguía (1531-1533)<sup>28</sup>, assim como a fuga de Juan de Valdés para Itália<sup>29</sup>. Em 1531, o *Diálogo de Mercurio y Carón* de Alfonso de Valdés, inspirado na obra de Erasmo, Luciano de Samósata e Giovanni Pontano, foi proibido de circular<sup>30</sup> e, no seguimento da condenação da Sorbonne de 1531<sup>31</sup>, também os *Colloquia* de Erasmo foram considerados defesos<sup>32</sup>.

---

opinião de Mestre André porquanto se fora pera Bordéus de Paris contra sua vontade e dizia que suas conversações eram com velhacos luteranos, e chamava luteranos homens que sabiam grego e filosofia e estavam mal com a sofistaria” (Teive 2012: 52). Brandão (1948: 33) também atribui a Gouveia Sênior a seguinte afirmação: “a alguã p<sup>as</sup> q tem comumente por sospeitos todos os homẽs bõs latinos & gregos”. Cf. Dias (1969: 67-69) e Osório (1978, t. 1: 63). A frase de Diogo de Gouveia lembra o dito jesuíta *qui graecizabant Lutheranizabant*. *Bobadilla Monumenta*, MHSI, vol. XLVI, p. 614. Cf. López Rueda (1973: 270), Zappala (1990: 116) e Saladin (2004: 395-396).

<sup>26</sup> Bataillon (1966: 490, n. 18): *Plane uerum est quod dicis inuidam atque superbam illam nostram patriam; adde et barbaram. Nam iam pro certo habetur apud illos neminem bonarum literarum mediocriter excultum quin heresibus, erroribus, Iudaismis sit refertus, ita ut doctis positum sit silentium; iis uero qui ad eruditionem properabant iniectus, ut ais, ingens terror. Sed quid tibi haec recenseo; cognatus, de quo ante dicebam, meus narrauit mihi Compluti, nam is ibidem per aliquot annos egit, moliri ut penitus literae Graecae exularent; quod hic Luteciae etiam multi commentantur id facere [...]*. Cf. Maestre Maestre (2002b: 232-233) e Rueda (1973: 416-417).

<sup>27</sup> Cf. Bataillon (1966: 438-470) e Kamen (1985: 98-99).

<sup>28</sup> Cf. Bataillon (1966: 475-476), Kamen (1985: 100) e Asensio (2000: 87-91).

<sup>29</sup> Cf. Bataillon (1966: 482-483) e Kamen (1985: 99-100). De acordo com Kamen (1985: 96), a corrente anti-erasmiana intensificou-se em Espanha sobretudo a partir de 1529: “El año de 1529 fue crucial. En agosto, el erasmista Manrique cayó en desgracia y fue confinado a su sede de Sevilla. Al mismo tiempo, se retiró la mano protectora del emperador: Carlos partió en julio hacia Italia llevándose consigo a los más importantes erasmistas. Esto hizo posible que los conservadores, que habían estado esperando su turno desde la derrota del debate de Valladolid, tomaran la ofensiva.” De facto, datam desta época não só os processos inquisitoriais contra os seguidores de Erasmo, mas também a publicação da *Antapologia* de Ginés de Sepúlveda, em 1532. Cf. Bataillon (1966: 432-493), Maestre Maestre (2002b: 225-233).

<sup>30</sup> De Bujanda (V, 342-343). Em Portugal, esta proibição aparece logo na *Prohibicam dos Liuros Defesos* de 1547 (Sá 1983a: 148; De Bujanda IV, 142). Sobre o *Diálogo de Mercurio y Carón*, ver Bataillon (1966: 387-404), Zappala (1990: 174-175) e Rallo Gruss (2003: 242-256). Rodríguez-Moranta (2012) analisa a influência da obra erasmiana no diálogo.

<sup>31</sup> Apesar de os *Colloquia* terem sido condenados pela Sorbonne em 1526, a decisão apenas foi publicada em 1531 (Farge 2008: 159). No Índice de 1544 constam diversas obras de Erasmo, entre as quais os *Colloquia* (De Bujanda I, 176-82). Cf. Lauvergnat-Gagnière (1988: 138-141).

<sup>32</sup> Segundo Rallo Gruss (2003: 51), a primeira proibição, de 1535, visava apenas traduções dos *Colloquia*, mas dois anos mais tarde estendeu-se também às obras em latim. A obra aparece proibida no Índice de 1551 (De Bujanda V, 250).

Ainda que, para Marcel Bataillon, Portugal representasse, na década de 30, um refúgio para seguidores de Erasmo<sup>33</sup>, já se verificava um crescente controlo ideológico que acabaria por visar também os leitores do humanista. Muito embora não se saiba que livros estavam impedidos de circular, é significativo o facto de, a partir de 1534, surgirem as primeiras licenças de impressão e de, em 1540, o Infante D. Henrique estabelecer uma comissão para examinar as livrarias de Lisboa<sup>34</sup>. O primeiro índice português, em que, além do *Diálogo de Mercurio y Carón* de Alfonso de Valdés, estão incluídos os *Colloquia* e o *Encomium Moriae*<sup>35</sup>, nasceu precisamente da necessidade de enumerar os livros cuja circulação tinha sido proibida<sup>36</sup>, uma vez que antes de 1547 seriam utilizadas, além de listas portuguesas, as censuras da Sorbonne e da Inquisição Espanhola<sup>37</sup>.

Apesar de André de Resende mencionar, no *Erasmi Encomium*, a admiração da família real por Erasmo<sup>38</sup>, não é certo até que ponto o monarca seria tão adepto das ideias do

---

<sup>33</sup> Cf. Bataillon (1974: 68): “Déjà, notons-le, la liberté érasmienne est condamnée en Espagne. Alonso de Valdés est mort, son frère Juan fixé en Italie sans espoir de retour. Juan de Vergara et Mateo Pascual sont dans les prisons de l’Inquisition. Tel fougueux érasmisant de naguère, comme Juan Maldonado, chante la palinodie. A Paris la Sorbonne et le Parlement font rage contre les novateurs. Or, au même moment, la capitale de l’Alentejo est pour quelques fervents disciples de la *Philosophia Christi* un point de réunion miraculeusement soustrait à ces orages.”

<sup>34</sup> Sá (1983a: 14).

<sup>35</sup> Cf. *Prohibicam dos Liuros Defesos* de 1547 (Sá 1983a: 147-148). Sobre a proibição das obras de Erasmo pelos índices portugueses, cf. Martins (1973: 149-158), Sá (1977a: 356-369; 1979: 113-174), Matos (2001). De acordo com Sá (1979: 113-174), a Inquisição portuguesa terá sido, de forma geral, mais repressiva do que a espanhola em relação às obras de Erasmo.

<sup>36</sup> Cf. Sá (1983a: 16). De acordo com Sá (1983a: 9), o documento mais antigo que se conhece sobre controlo de livros remonta ao reinado de D. Afonso V (transcrição do documento ap. Sá, 1983a: 50-51, doc. I). Sobre a censura anterior à elaboração dos primeiros índices, ver especialmente Révah (1960: 19-40), Sá (1983a: 9-16), Marcocci e Paiva (2016: 23-48).

<sup>37</sup> Sá (1977a: 356-357). Por esta razão, como afirma Sá (1977b: 175), é possível que os *Colloquia* e outras obras igualmente presentes no índice de 1547 já tivessem sido proibidas de circular anteriormente.

<sup>38</sup> Cf. *Desiderii Erasmi Roterodami Encomium*, vv. 206-216: *Inclyte Erasme, / non tibi Lusiadae infensi. Te noster adorat / diuus Ioannes fraterque Alphonsus et ipsam / effigiem certe miro uenerantur amore / et uoluunt studio libros auroque decorant: / sceptrifer ille quidem et nulli probitate secundus; / hic sacer et roseo cinctus daidemate crineis / et quem nunc prima flauum lanugine malas / una pudicitiae custos reuerentia sacri / ordinis et uitae integritas uenerandaque morum / canities studiisque simul patientia honestant.* (“Íclito Erasmo, os Portugueses não são teus inimigos. Rendem-te homenagem o nosso excelso [rei Dom] João e seu irmão Afonso: e quer o soberano, a ninguém inferior em virtude; quer o sacerdote, cingido de purpúreo diadema, a quem adornam, sem prejuízo dos seus verdes anos, o respeito da ordem sagrada (guarda inseparável da modéstia), a inteireza da vida, a maturidade veneranda dos costumes, de par com a capacidade para o estudo, – um e outro veneram com extraordinário afecto a tua imagem, e percorrem com afã os teus livros e os guarnecem de ouro.” Tradução de Walter Medeiros e José Costa in Resende, 1961: 22). Cf. Sauvage (1971: 60-61).

humanista. O facto de nunca o ter compensado pelas *Chrisostomi Lucubrationes* pode ter sido intencional, pois, como aduz Sá, não se afigura muito verosímil que não tivesse tido conhecimento da dedicatória<sup>39</sup>. Mesmo o convite para ensinar em Coimbra, que, de acordo com Damião de Góis, D. João III terá dirigido a Erasmo, suscita algumas dúvidas<sup>40</sup>.

A participação dos portugueses Pedro Margalho, Estêvão de Almeida e Diogo de Gouveia Sénior na Assembleia de Valladolid em 1527, no partido favorável à condenação de Erasmo<sup>41</sup>, mostra a existência de um grupo conservador contrário aos ideais do humanismo filológico, cuja influência junto de D. João III não seria insignificante<sup>42</sup>. Ainda que a presença de Margalho se justificasse por ser catedrático de Filosofia Moral na Universidade de Salamanca e a de Almeida, pela sua relação com a casa da Imperatriz D. Isabel<sup>43</sup>, Diogo de Gouveia Sénior terá partido para Valladolid especificamente por ordem do rei português.

---

<sup>39</sup> Sá (1977b: 143-162). Sobre esta questão, cf. Bataillon (1974: 49-61). Tradução da carta dedicatória por Sottomayor (1971) e Sá (1977b: 191-217).

<sup>40</sup> Sá (1977b: 172): “Quando D. João III pretendeu convidar Erasmo para ensinar em Coimbra, soube que este estava velho e muito doente. Daí nada mais ter feito do que aguardar, silenciosa e pacientemente, o que estava muito dentro da sua psicologia”. Cf. Bataillon (1974: 61-62), Pereira (1975: 127) e Sá (1977b: 185-186).

<sup>41</sup> Sobre a participação dos portugueses na Assembleia de Valladolid, ver especialmente Dias (1953: 24-26), Bataillon (1974: 7-34), Sá (1977b: 7-137), Soares (2000: 77-96).

<sup>42</sup> Cf. Marcocci e Paiva (2016: 28): “Na corte crescia o peso de um círculo de conselheiros de formação neoescolástica, adversos às tendências mais tolerantes, tanto de religiosos como de humanistas, sobretudo influenciados pela leitura de Erasmo de Roterdão. Entre os teólogos da corte, os mais influentes eram o doutor Diogo de Gouveia, professor de Teologia na Sorbonne de Paris, e Pedro Margalho [...]. Alguns, como o deão da capela real, Diogo Ortiz de Vilhegas, futuro bispo de São Tomé, mantinham relações apertadas com a corte de Carlos V, e favoreciam os inquisidores de Castela junto de D. João III.” No final de 1529, Pedro Margalho foi escolhido para substituir Aires Barbosa como mestre do Cardeal Infante D. Afonso e, um ano mais tarde, tornava-se professor de Teologia na Universidade de Lisboa, cargo que ocupou até 1532 (cf. Dias, 1969: 294-295, e Soares, 2000: 109-115). Além disso, numa carta datada de 1537, D. João III proíbe a impressão de obras de Baltazar Dias que não tivessem sido examinadas por Pedro Margalho, o que mostra o papel que terá desempenhado no controlo de livros (Sá, 1983a: 12, doc. 7; Marcocci e Paiva, 2016: 33). Na verdade, a carta do Infante D. Henrique dirigida a Damião de Góis mostra que Pedro Margalho também terá estado implicado na proibição da *Fides, Religio Moresque Aethiopum*: “damiam de goes por ser qua ordenado que os liuros nouos que vierem de fora primeiro que se vendam sejam vistos por hum ofiçial da santa enquisçam como a vosa obra qua veyo foy ter aa sua mão o qual achou nella muitas cousas muito boas somente algũa cousa ho ofendeo as Razões que o embaixador do preste nella daa sobre as cousas da fee contra o bispo adayam e mestre margalho hirem muy fortes e as que elles dam contra ho embayzador serem mais fracas [...]” (Sá, 1983a: 65, doc. XIII. Cf. Soares, 2000: 115-118). Já Diogo de Gouveia Sénior, não só contou com o apoio régio como Principal do Colégio de Santa Bárbara (Brandão, 1948: 103-172), como desempenhou diversas missões diplomáticas em França ao serviço dos reis de Portugal (Brandão, 1948: 41-83).

<sup>43</sup> Segundo Bataillon (1974: 22, n. 42) é possível que fosse seu capelão, título que terá em 1531.



Ora, o monarca não ignoraria, decerto, os ideais ortodoxos do seu emissário, pouco favoráveis à *philosophia Christi* e às correcções filológicas da Vulgata<sup>44</sup>.

### ***Jorge Coelho, notário da Inquisição***

Muito embora os exemplos apresentados sejam posteriores à publicação da tradução do *De Dea Syria*, o papel que Coelho desempenhou como notário da Inquisição – nomeadamente na redacção de epístolas de controlo de livros – e a proximidade de figuras como o Cardeal Infante D. Henrique proporcionavam-lhe um acesso privilegiado aos mecanismos de controlo ideológico, tornando-o consciente do perigo que começava a representar ser admirador de Erasmo e, eventualmente, leitor de Luciano.

Além da supressão das referências à dimensão irónica do tratado e de todos os elogios ao autor grego que se encontravam na versão manuscrita, Jorge Coelho efectuou outras alterações que sugerem uma tentativa de se proteger de interpretações facciosas e, ao mesmo tempo, a possibilidade de se distanciar de outros tradutores do sofista. De facto, ao mencionar, na versão manuscrita da epístola a Lourenço de Cáceres, ter seguido o exemplo de grandes autores (*magnorum authorum exemplo*) quando se dedicava à tradução para melhorar o seu conhecimento da língua grega<sup>45</sup>, Coelho lembrava não só os conselhos dos escritores latinos que defendiam a tradução como uma prática pedagógica, nomeadamente Cícero e Quintiliano<sup>46</sup>, mas também aqueles que, já no século XVI, reconheciam a adequação da obra de Luciano ao estudo da língua grega, entre os quais se encontrava precisamente Erasmo de Roterdão<sup>47</sup>. Entretanto, a edição das obras completas de Micilo associava perigosamente o nome do sofista ao de outros humanistas implicados na Reforma Protestante, nomeadamente Melancton ou Pirckheimer. A circulação destas edições num período pós-

---

<sup>44</sup> Sobre a intolerância de Diogo de Gouveia Sênior relativamente a Erasmo, vejam-se as cartas, datadas de 18 de Setembro de 1527 e 19 de Julho de 1528, que enviou a D. João III, publicadas por Brandão (1944: 299; 301-302). Cf. Bataillon (1974: 11-21) e Sá (1977b: 21).

<sup>45</sup> Ep. II. 2. 1.

<sup>46</sup> Cf. Botley (2004: 170): “The translation of Greek author had been recommended in antiquity not to make them available to Latin readers, but as part of a broader educational programme. Thus Cicero says that in his youth he would translate Greek orators; and Quintilian, too, talked of the use of translation for training young men in the rhetorical arts. For both men, one of the reasons for studying Greek was to analyse the practices of the Greek orators so that their techniques could be used in Latin productions.”

<sup>47</sup> Cf. capítulo I. 1, n. 9.

tridentino implicava a censura dos seus nomes, como tão eloquentemente testemunha o exemplar 90 A., preservado na Biblioteca Nacional<sup>48</sup>.

A reescrita da carta implicou, portanto, a supressão desta referência:

Cum adolescens superioribus annis exercendi ingenii gratia graeca nonnulla in latinum sermonem uerterem, uenit in mentem Luciani opusculum de dea Syria, ad ea tempora (quod scirem) ab interpretibus intactum, latinitate donare<sup>49</sup>.

O afastamento de Jorge Coelho em relação ao humanista de Roterdão já era visível desde 1536, como revela a carta que precede a *Antimoria* de Aires Barbosa<sup>50</sup>. Apesar de se limitar a elogios de carácter tópico sem nenhuma crítica directa ao *Encomium Moriae*, ao assumir ter sido contagiado pelo espírito de Erasmo e curado pela leitura do poema de Barbosa, Coelho denunciava já o clima de prudência que precedeu a *damnatio Erasmi*.

Nam de me quid tibi dicam, quem mirifice hoc carminis genere recreasti, denique ueluti suauiissimum poculum ac nepenthes quiddam mihi uideor hausisse? Quod si antehac prudens habebat, certe poematis huius lectio me prudentiorem reddiderit; sin ego potius stultorum unus (**quid enim me pudeat commune fateri contagium?**), pharmacum quod propinasti praesens remedium fuerit, ut aliquando resipiscam<sup>51</sup>.

Além desta carta, a inexistência de um poema em honra de Erasmo depois da sua morte – para cujas exéquias terá sido convidado por Clenardo – também tem sido interpretada como um sinal do seu afastamento<sup>52</sup>. Apesar de não ser mencionado no *Encomium* de Resende

---

<sup>48</sup> Cf. *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia* [...]. Lugduni, Apud Ioannem Frellonium, 1549. BNP P. 90 A. (encontram-se mutilados os nomes de Erasmo de Roterdão, Melanchton, Pirckheimer, Vicentius Obsopoeus e de Micilo).

<sup>49</sup> Ep. II. 1. 1.

<sup>50</sup> Edição e tradução da carta introdutória de Jorge Coelho ap. Barbosa (2013: 218-219). Sobre a *Antimoria* de Aires Barbosa, ver principalmente Dias (1969: 220-228), Martins (1973: 39-47), Torres (1982: 63-68), Pinho e Walter de Medeiros (2013: 51-54).

<sup>51</sup> Barbosa (2013: 219). Cf. tradução de Walter de Medeiros ap. Barbosa (2013: 218): “E de mim, que posso dizer-te? De mim, que deleitaste com este poema de tão requintado sabor que me julguei, ao cabo, a sorver a doçura sem-par do néctar e a quinta-essência do nepentes? Se antes era tido na conta de avisado, certo a leitura deste poema me haveria de tornar mais avisado; se, ao invés, arrebanhasse na casta dos orates (para que hei de ter vergonha de confessar a generalidade do contágio?), recorreria à poção que ministraste como remédio salutar para tornar em mim um bom pedaço”. Cf. Osório (1978, t. 1: 147).

<sup>52</sup> Cf. Ep. 36 a Joaquim Polites, de 27 de Dezembro de 1536 (Roersch, 1940, t. I: 101), ll. 74-77: *Iunge Clenardo lacrimas, Georgi; / impios mecum reuocare manes / questibus curae, mihi toto diebus / fletur Erasmus*.

como um admirador do humanista, a correspondência que terá trocado com ele, a confissão no prefácio da *Antimoria* e a possibilidade de ser uma personagem dos *Louvores da Parvoíce* de Jorge Ferreira de Vasconcelos parecem apontar para o facto de ter sido adepto dos ideais erasmianos<sup>53</sup>.

Porém, nas vésperas do Concílio de Trento, à semelhança de outros compatriotas, Coelho via-se na necessidade de se retractar da antiga admiração. Anos mais tarde, também André de Resende, o autor do *Erasmi Encomium* ou dos *In Erasmomastigas Iambi*<sup>54</sup>, se afastaria da *Philosophia Christi*<sup>55</sup>, chegando mesmo a justificar, no *Aegidius Scallabitanus*, a antiga amizade que o ligara ao humanista<sup>56</sup>. O silêncio de Jerónimo Cardoso, que, no *Dictionarium Latinolusitanicum*, não assume o débito relativamente a Erasmo<sup>57</sup>, revela-se, por seu turno, bastante eloquente; já as críticas de António Luís à tradução erasmiana de Galeno sugerem

---

Tradução portuguesa da epístola por Cerejeira (1974: 275-293); tradução inglesa por Martyn (1993). Cf. Matos (1963: 246) e Dias (1969: 249).

<sup>53</sup> Cf. Silva Dias (1969: 246-247).

<sup>54</sup> Edição e tradução ap. Sauvage (1971: 37-81). Resende escreveu, ainda, poemas em memória de Erasmo depois da sua morte, em 1536, que foram publicados por Sauvage (1971: 82-97).

<sup>55</sup> Em 1541 já André Resende apresentava, no contexto de um processo inquisitorial, uma argumentação que, de acordo com Crespo (2013: 154), demonstra “o seu pensamento teológico, a sua aderência à ortodoxia católica e o seu célere distanciamento face ao erasmismo e à *philosophia Christi*”. Como afirma Sauvage (1971: 160-161), à medida que o clima se torna mais conservador, as obras de Resende voltam-se para o elogio da casa real e para temas de cariz historiográfico. Sobre o erasmismo de André de Resende, ver principalmente Matos (1963: 242-244), Dias (1969: 365-380), Sauvage (1971) Martins (1973: 81-148) e Ramalho (1998a: 77-79).

<sup>56</sup> Resende (2000: 473): *Nam, ut ais, et uium propter eminentem hominis eruditionem (in humanioribus inquam litteris) dilexi, atque id nec obscuris significationibus, neque semel, satis, ut arbitror, ostendi, et mortui memoriam nec sine Christiana caritate usurpo, et illius me scriptis adiutum ingenue profiteor, et habiti mihi ab eo honoris non sum immemor neque in illum ingratus, et quas ais epistulas ipsius manu scriptas ut iucundum hominis μνημόσυνον apud me seruo. Verum, sicubi pugnare cum pietate uideatur, sicubi aut parum attente aut parum religiose de rebus religiosis loquatur, sicubi ecclesiae catholicae placita uideatur conuellere, non rescindit amicitiam, nec malam reddit gratiam, qui religioni se plus debere meminit quam priuatae amicitiae.* (“Estimei-o em vida realmente, como dizes, pela sua extraordinária cultura (refiro-me às belas-letras) e, segundo penso, dei disso suficiente testemunho através de sinais bem claros e mais do que uma vez. Mas também depois da sua morte não escondo a lembrança que dele tenho, no que faltaria à caridade cristã. Além disso, com toda a sinceridade o confesso, as suas obras ajudaram-me muito, e não esqueço a honra que me dispensou, nem lhe sou mal-agradecido. E as cartas a que te referes, escritas do seu próprio punho, conservo-as comigo como um agradável μνημόσυνον seu. Não obstante, se porventura nalgum passo parece entrar em conflito com a piedade, se porventura nalgum passo fala com pouco desvelo e pouca veneração de assuntos de religião, se porventura nalgum passo parece abalar as orientações da Igreja Católica, não está a violar a amizade nem é mal-agradecido quem se lembra que mais deve à religião do que à amizade pessoal.” Tradução de Virgínia Soares Pereira in Resende, 2000: 472). Sobre a data de composição do *Aegidius Scallabitanus*, cf. Pereira (2000: 56-62).

<sup>57</sup> Sobre a influência da obra de Erasmo no *Dictionarium Latinolusitanicum et uice uersa Latinolusitanicum* de Jerónimo Cardoso, ver especialmente Teyssier (1992). Cf. Ramalho (1998a: 79).

uma tentativa de se redimir, depois de ter estado preso pela posse de livros hebraicos<sup>58</sup>. Entre os humanistas portugueses, só Damião de Góis parece ter recusado arrepender-se da antiga amizade, argumentando perante os inquisidores que Erasmo não fora nunca “reputado nem condenado por hereje”<sup>59</sup>.

\*

Apesar de Jorge Coelho ter publicado o mesmo tratado que oferecera, anos antes, ao Infante D. Henrique, o Luciano mordaz, consagrado no *Moriae Encomium* como modelo da sátira<sup>60</sup>, não tinha espaço em Portugal nos anos 40. O tempo que decorreu entre as duas versões obrigou não apenas a uma revisão linguística da tradução mas, sobretudo, a uma mudança da apresentação do opúsculo e do seu autor, possível devido à ambiguidade do *corpus lucianum* e à pluralidade de imagens que marcava a leitura da sua obra.

A razão de ter publicado uma tradução que elaborara nos tempos de juventude, antes de surgirem as controvérsias em torno de Erasmo e do movimento protestante, revela-se, no entanto, pouco clara.

---

<sup>58</sup> Cf. Ramalho (1998a: 89): “Poucas são, na verdade, as [correções de António Luís] que conseguem provar o descuido de Erasmo e, ainda menos, a sua falta de competência [...]. Elas servem, todavia, para mostrar que uma dúzia de anos após a morte de Erasmo, a campanha contra o grande humanista de Roterdão não esmorecera. No caso do cristão-novo António Luís, os ataques a Erasmo foram, possivelmente, um meio de conciliar a boa vontade da Inquisição, por cujas masmorras tinha passado, embora por pouco tempo”. Cf. edição fac-similada das *Annotationes aliquorum locorum in quibus hallucinatus est Erasmus in transferendo Galeni libello qui inscribitur Exhortatio ad bonas literas*, ap. Martins (1973: 283-295). Sobre António Luís, veja-se especialmente Dias (1969: 228-239), Ramalho (1998a: 81-90), Martins (1973: 75-80) e Marcocci e Paiva (2016: 52-53).

<sup>59</sup> Cf. Rego (1971: 209): “E se porventura me querem contar por erro haver sido amigo de Erasmo Roterodamo, e seu hóspede quatro meses pouco mais ou menos, em Friburgo de Brigóvia, cidade católica e universidade célebre de Áustria, não vejo causa porque sua amizade me deva de ser prejudicial porque ele nunca foi reputado nem condenado por herege, porque se tal fora eu o não comunicara.” Sobre o processo de Damião de Góis, ver Pereira (1975) e Torres (1982: 95-101). Embora Torres apresente argumentos contra esta leitura, o facto de Damião de Góis não ter incluído, nos *Aliquot Opuscula* publicados em Lovaina em 1544, as cartas que trocou com Erasmo de Roterdão pode ser interpretado como um indício de prudência contra o crescente sentimento antierasmiano. Sobre Damião de Góis e Erasmo, ver Matos (1963: 247-251), Martins (1973: 63-73) e Torres (1982: 73-101).

<sup>60</sup> Cf., e. g., ASD IV-3, 68: 25: [...] *nosque clamitabunt veterem comoediam aut Lucianum quempiam referre atque omnia mordicus arripere*. (“[...] vão gritar bem alto que pretendo ressuscitar a Comédia Antiga e Luciano, para assim morder em toda a gente.” Tradução de Alexandra de Brito Mariano in Erasmo de Roterdão, 2014: 17).

Por um lado, em 1540 já tinham decorrido vários anos desde o casamento de D. Manuel I com D. Leonor, o que dificultava a leitura do opúsculo como uma alusão ao episódio real. Ao apresentar a situação de Seleuco como um dilema, Coelho valia-se da imagem moral de Luciano que, a par da valorização da obra como um documento sobre povos e rituais do Oriente, afastava a sombra da sátira erasmiana. Por outro, a versão latina do *De Dea Syria* era um importante testemunho do seu conhecimento da língua grega, uma capacidade que convinha destacar no contexto da transferência da Universidade para Coimbra e do esforço empreendido por D. João III para desenvolver os *studia humanitatis* em Portugal.

O facto de ter colocado a sua tradução do *De Dea Syria* nas últimas páginas de uma obra que atesta claramente a *pietas christiana* e a sua devoção à casa real garantia, por fim, que não iria ser alvo de suspeita. Com efeito, as obras posteriores de Coelho revelam um completo afastamento do espírito crítico do autor grego e uma preferência por obras de carácter religioso e encomiástico, sem espaço para a liberdade de pensamento e para o gosto pela sátira que revelara na sua juventude, enquanto leitor de Luciano.



## **PARTE III**





### III

#### LUCIANO NA LITERATURA PORTUGUESA QUINHENTISTA

Além dos registos bibliográficos e das obras preservadas em bibliotecas portuguesas, outras evidências permitem confirmar a leitura de Luciano em Portugal no século XVI. Apesar da inexistência de diálogos à maneira do sofista, como os de Leon Battista Alberti, Giovanni Pontano ou os *Colloquia* de Erasmo, subsistem, ainda assim, alguns indícios da influência do *corpus lucianum* na literatura portuguesa de Quinhentos.

Se, por um lado, a obra de Jerónimo Cardoso<sup>1</sup>, Frei Heitor Pinto<sup>2</sup> ou ainda Nicolau Clenardo<sup>3</sup> regista claramente um contacto com os textos do autor grego, patente em breves citações ou referências, a abordagem de João Rodrigues de Sá de Meneses, Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcelos pressupõe, por outro lado, a actualização de temas e motivos derivados da leitura de Luciano que, mesmo que tenham sido colhidos de forma indirecta, se reflecte na produção de obras originais.

---

<sup>1</sup> Cf. Cardoso (2009, vol. 1: 114).

<sup>2</sup> Cf. Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, cap. 2: “[...] daqui veio o antigo provérbio «Homo bulla», de que usa Varro na prefácio dos livros da *Agricultura* e Luciano no *Diálogo de Caronte*, que quer dizer que o homem é um empôla de água, que logo se desfaz.” Sobre a utilização deste provérbio por outros autores, que poderiam inclusivamente ter sido a fonte de Frei Heitor Pinto, veja-se Zappala (1990: 211-212).

<sup>3</sup> Cf. Ep. 36 a Joaquim Polites, de 27 de Dezembro de 1536 (Roersch, 1940, t. I: 101). Tradução portuguesa da epístola por Cerejeira (1974: 275-293); tradução inglesa por Martyn (1993).

## 1. João Rodrigues de Sá de Meneses

Hercules trouxe, como vós sabeis,  
as Musas consigo per onde quer qu' ia<sup>1</sup>

A imagem de Hércules presente na *pergunta* de João de Rodrigues de Sá de Meneses a Aires Teles testemunha um uso de Luciano que subverte a habitual caracterização do deus e, em conjunto com outros *exempla*, contribui para, nas palavras de Tarrío, defender “um novo modelo de aristocrata, tão hábil nos trabalhos da guerra como nos da poesia e da eloquência”<sup>2</sup>.

Ainda que a sua ligação à poesia pudesse ter origem na literatura antiga<sup>3</sup>, a referência a Hércules como símbolo da eloquência humanística deriva da leitura do diálogo *Hercules Gallicus* de Luciano de Samósata<sup>4</sup>, um breve tratado que consiste na descrição de uma representação do deus a puxar uma multidão presa, pelas orelhas, à sua língua, reveladora de que, para os celtas, seria este o símbolo da eloquência, e não Hermes<sup>5</sup>.

Os limitados conhecimentos de grego do humanista português<sup>6</sup> não o impediriam de ter acesso ao texto de Luciano, uma vez que o diálogo circulava, desde 1514, numa tradução latina de Erasmo<sup>7</sup>. Também é possível que tenha tido um conhecimento indirecto do tema a partir das numerosas representações iconográficas que circulavam desde o final do século XV, inclusivamente da autoria de Albrecht Dürer, cuja influência em Portugal não terá sido irrelevante<sup>8</sup>.

---

<sup>1</sup> João Rodrigues de Sá de Meneses, “Pergunta de Joam Rodriguez de Saa a Aires Telez, quando o duque ia a Azamor” (Resende, 1990-2003, vol. 2, 471, vv. 13-14).

<sup>2</sup> Cf. Tarrío (2002: 334-349). Cf. Tarrío (2002: 439): “Este valor de Hércules é surpreendente, se nos lembrarmos, por exemplo, do Hércules ovidiano, o qual, no combate contra Aqueloo, exclamava *Melior mihi dextera lingua* («a minha dextra é melhor do que a minha língua» Ov., *Met.* IX. 29)”.

<sup>3</sup> Tarrío (2000: 338-339; 2002: 441-442).

<sup>4</sup> Tarrío (2002: 439-441). Sobre o *Hercules Gallicus*, ver Lauvergnot-Gagnière (1988: 290-291).

<sup>5</sup> Lucianus *Herc.* 3-4.

<sup>6</sup> Cf. Tarrío (2009: 163-166).

<sup>7</sup> *Luciani Erasmo interprete dialogi et alia emuncta* [...]. Paris: Vaenundantur in aedibus Ascensianis, 1514.

<sup>8</sup> Cf. Tarrío (2002: 443-444). A obra de Dürer teve uma influência determinante em Portugal e, segundo Tarrío, “Entre os trabalhos entregues pelo artista aos feitores portugueses, falava-se de um Hércules, lamentavelmente não conservado. Tendo em conta que Dürer se inspirou no passo de Luciano para desenhar outros Hércules preservados, é muito verosímil que aquele que esteve em mãos de comerciantes portugueses tivesse as marcas do ‘Hercules Gallicus’”. Sobre a influência de Luciano nas representações de Hércules de Dürer, ver Wind (1939). Muito embora também se registem referências ao Hércules eloquente resultante da leitura de Luciano nos *Emblemata* de Alciato, a primeira edição do livro (1531) é posterior à publicação do *Cancioneiro Geral* (1516), não podendo, portanto, ser uma fonte do poema.

## 2. Gil Vicente, leitor de Luciano

A questão da influência dos *Diálogos dos Mortos* de Luciano de Samósata no *Auto da Barca do Inferno* – considerada, num primeiro momento, por Creizenach, Menéndez y Pelayo<sup>1</sup> e Paulo Quintela<sup>2</sup> – foi especialmente desenvolvida por Eugenio Asensio, que apresentou a primeira análise comparativa do auto vicentino com o *Scaphidium* e o *Cataplus* do sofista grego<sup>3</sup>. Apesar da sólida argumentação do autor, esta tese tem conhecido alguma resistência por parte da crítica, e, muito embora aceite por Luciana Stegagno Picchio ou Thomas Hart<sup>4</sup>, é ainda alvo de alguma controvérsia, possivelmente devido a uma primazia concedida a outras fontes medievais – nomeadamente à tradição francesa do *sot*, à *Stultifera Navis* de Brant<sup>5</sup>, às Danças da Morte<sup>6</sup> ou ao *Leal Conselheiro* de D. Duarte<sup>7</sup> – ou ainda ao desconhecimento do impacto da obra de Luciano em Portugal na primeira metade do século XVI.

Se, para Pociña López, os *Diálogos* podem ser considerados uma mera fonte secundária do dramaturgo português, sem a importância que lhes foi atribuída por Eugenio Asensio<sup>8</sup>, Suárez considera o cenário liminar *post mortem* o resultado de uma influência medieval com raízes no espírito carnavalesco e rejeita qualquer outra mediação como supérflua, por entender, na linha de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que os conhecimentos de Gil Vicente se reduziam à literatura medieval e peninsular<sup>9</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. Vasconcelos (1949: 466-467) Asensio (1974: 61).

<sup>2</sup> Quintela (2001: 43).

<sup>3</sup> Asensio (1974: 59-64; 1991: 284-289).

<sup>4</sup> Picchio (1992: 164-165) e Hart (2003: 221).

<sup>5</sup> Cf. Teyssier (1982: 34-35), Palla (1992: 88-90), Suárez (1993: 115-116) e Pociña López (2006: 141-170).

<sup>6</sup> Cf. Asensio (1974: 65-68), Quintela (2001: 31-42), Bernardes (2003: 138-15) e Pociña López (2006: 55-75). Martins (1969: 213-295) defende a mediação das representações iconográficas da Morte nos Livros de Horas em detrimento de uma influência directa da *Dança General de la Muerte*.

<sup>7</sup> Asensio (1974: 70-71), Picchio (1992: 165-166), Quintela (2001: 56-57) e Bernardes (2003: 137).

<sup>8</sup> Pociña López (2006: 113-119). Além de considerar que as diferenças entre as obras são “numerosas y notables” e de limitar a influência dos *Diálogos* “a la tónica general del tránsito de esta vida a la otra como paso de un río”, Pociña López (2006: 114) assume mesmo não estar “totalmente convencido por unas hipótesis a las que faltan datos positivos de referencia. Lo cierto es que las afinidades, resaltadas por el investigador español, entre los *Diálogos* y las *Barcas* son bastante convincentes, pero, creemos, no determinantes.”

<sup>9</sup> Suárez (1993: 152). Cf. Suárez (1993: 47): “It must not be inferred that Master Gil possessed a firsthand knowledge of ancient literature even though Eugenio Asensio, Stephen Reckert, and Américo da Costa Ramalho so argue. It is the author’s view that, despite their sound research, their arguments are inconclusive. He therefore supports Michaëlis de Vasconcelos’s contention that Vicente’s erudition was essentially limited to the religious literature of the Middle Ages and to Spanish and Portuguese writers of the time.”

Esta questão revela-se, na verdade, essencial, pois a possibilidade de o dramaturgo ter acesso às numerosas traduções da obra do sofista que circulavam na Europa desde o século XV dependia do seu domínio da língua latina. É certo que, nas *Notas Vicentinas*, Carolina Michaëlis Vasconcelos reduziu ao latim eclesiástico os conhecimentos linguísticos de Gil Vicente<sup>10</sup>; todavia, esta tese foi amplamente contestada por autores como António José Saraiva<sup>11</sup> ou António da Costa Ramalho, que defenderam que os erros de latim apontados pela autora como sinónimo de desconhecimento linguístico são, na verdade, parte de um processo de caracterização de personagens intimamente ligado ao cariz satírico da sua obra, na medida em que se regista uma utilização incorrecta da língua por parte de figuras cultas e também o seu inverso<sup>12</sup>. Por outro lado, o desenvolvimento do estudo das fontes literárias da obra vicentina revela que, ainda que a formação do dramaturgo possa ter sido algo deficitária, a sua cultura seria bastante vasta, possivelmente fruto de um contacto com o universo áulico<sup>13</sup>, registando-se vestígios da leitura de Mosco, Giovanni Pontano, Beroaldo ou mesmo Erasmo de Roterdão<sup>14</sup>. A ampla circulação de livros na corte manuelina indica que Gil Vicente teria um acesso facilitado a obras de autores clássicos e humanistas e as influências medievais não invalidam a possibilidade de uma leitura de Luciano de Samósata<sup>15</sup>.

### ***Auto da Barca do Inferno***

As principais semelhanças apontadas entre o auto vicentino e o décimo *Diálogo dos Mortos* (*Scaphidium*) e o *Cataplus* de Luciano relacionam-se com o ambiente da peça,

---

<sup>10</sup> Vasconcelos (1949: 152).

<sup>11</sup> Saraiva (1967: 301-306).

<sup>12</sup> Cf. Ramalho (1969: 130-131): “Em época em que o emprego do latim se tornara decerto uma forma de «snobismo», documentada claramente no *Cancioneiro Geral*, aporuguesar o latim na boca de personagens populares tinha provavelmente sabor cómico para os que conheciam o seu uso correcto e eram então bastantes. Por outro lado, pôr latim incorrecto na boca de personagens cultivados e, inversamente, latinidade correcta na fala dos incultos era uma prática que decerto divertia o próprio Gil Vicente e não só ele.” Para uma síntese desta problemática, ver Teyssier (1982: 13-15), Reckert (1983: 175-179) e Asensio (1991: 279-280).

<sup>13</sup> A possibilidade de Gil Vicente ter frequentado os estudos regulares, defendida por Joaquim Teixeira de Carvalho (1983: 125-127), foi rejeitada por Asensio (1991: 283-284): “Gil Vicente, casi con seguridad, no frecuentó ni la escuela de latinidad de la corte, ni la escuela universitaria [...]. Su verdadero aprendizaje debió consistir en la frecuentación del mundo humanístico de la corte, de los libros e impresores, de los hombres doctos.”

<sup>14</sup> Sobre as fontes da obra de Gil Vicente, ver Ramalho (1969: 133-142), Teyssier (1982: 33-38), Reckert (1983: 179-197) e Asensio (1991: 289-299).

<sup>15</sup> Relativamente à presença de espécies humanísticas na corte manuelina, cf. Tarrío (2015).

mais especificamente com o julgamento das almas, o rio infernal e a barca do Diabo, cuja identificação com o Caronte da mitologia clássica já tinha antecedentes na *Divina Comédia* de Dante ou ainda, como lembra Asensio, na literatura espanhola<sup>16</sup>. São ainda evocadas a cena inicial do auto vicentino, centrada na descrição dos preparativos da viagem, que parece ecoar o primeiro discurso de Caronte no *Cataplus*<sup>17</sup>, e, de forma mais evidente, a relação do fidalgo Dom Anrique com os tiranos Lampico e Megapentes. Além das comuns acusações de tirania e violência sobre os súbditos, que constituem o âmago da denúncia feita por Hermes e Cinisco<sup>18</sup>, também a materialização dos vícios e as características dos mortos parecem ecoar nas palavras do Anjo<sup>19</sup>. Assim, tal como Hermes obriga Carmóleo a despir-se da sua beleza, Lampico da riqueza, crueldade, insensatez ou Cráton da sua moleza e volúpia<sup>20</sup>, também o Anjo evoca o espaço que os vícios de D. Anrique ocupam e os objectos que os simbolizam como argumento para não o deixar embarcar:

Anjo            Pera vossa fantasia  
                   mui estreita é esta barca.  
                   [...]  
                   Nam vindes vós de maneira  
                   pera ir neste navio

<sup>16</sup> Asensio (1974: 62): “El marco escénico y los personajes centrales – a excepción del ángel con su barca – se asemejan bastante. En ambos vemos el río de la muerte, la barca de las almas, la llegada de los que acaban de expirar cargados con los símbolos de sus vicios, la contienda con el barquero del infierno, las lamentaciones de los difuntos. La identificación de Carón con Satanás, señor de la muerte, ya la había hecho el poeta cristiano de España Aurelio Prudencio Clemente (*Hamartigenia*, vv. 502 ss.) muchos siglos antes que Dante.” Cf. Pociña López (2006: 115). Sobre a figura do Diabo na obra de Gil Vicente e a sua complexidade como o resultado de uma *contaminatio* de várias influências, ver especialmente Picchio (1982: 144-154). Neste estudo, a autora analisa, ainda, a ideia de Inferno, que, à semelhança da figura do diabo, também se revela uma construção compósita, produto de uma “contamination évidente d’éléments païens et chrétiens” (Picchio, 1982: 160).

<sup>17</sup> Lucianus *Cat.* 1, 1-5: *Εἶεν, ὦ Κλωθοῖ, τὸ μὲν σκάφος τοῦτο ἡμῖν πάλαι εὐτρεπὲς καὶ πρὸς ἀναγωγὴν εὖ μάλα παρεσκευασμένον· ὃ τε γὰρ ἄντλος ἐκκέχυται καὶ ὁ ἰστός ὄρθωται καὶ ἡ ὀθόνη παρακέκρουσται καὶ τῶν κωπῶν ἐκάστη τετρώπεται, κωλύει τε οὐδέν, ὅσον ἐπ’ ἐμοί, τὸ ἀγκύριον ἀνασπάσαντας ἀποπλεῖν.* (“Caronte: Ora bem, Cloto, já desde há muito que temos a barca aparelhada e completamente pronta a largar. De facto, a água foi escoada, o mastro está erguido, a vela içada, e cada um dos remos está enfiado na respectiva correia. Portanto, nada nos impede, julgo eu, de levantar ferro e zarpar”. Tradução de Custódio Magueijo in Luciano (2013a: 95). Cf. Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 1-22. Para a obra de Gil Vicente, foi utilizada a edição de José Camões (Vicente, 2002). No caso específico do *Auto da Barca do Inferno*, foi preferida a versão correspondente à edição de 1517.

<sup>18</sup> Lucianus *D. Mort.* 10. 4 e Lucianus *Cat.* 26.

<sup>19</sup> Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 83-84: “Nam se embarca tirania / neste batel divinal”. Cf. Asensio (1974: 63): “Ecos de las palabras de Carón han sido puestos por Gil Vicente en boca del ángel (vv. 83-84, 94-101), cuando rehusa admitir en su barca la tiranía y la pompa, y las manda a la del diablo”.

<sup>20</sup> Lucianus *D. Mort.* 10, 2-6.

essoutro vai mais vazio  
a cadeira entrará  
e o rabo caberá  
e todo vosso senhorio.  
Vós irês mais espaçoso  
com fumosa senhoria  
cuidando na tirania  
do pobre povo queixoso<sup>21</sup>.

Lembrando a proibição imposta ao diadema de Lampico, à coroa de Damásias ou ao trofeu do soldado<sup>22</sup>, a cadeira do Fidalgo é, no final, impedida de entrar na barca do Inferno, ainda que por um motivo diferente:

Diabo    cousa qu’ esteve na igreja  
nom se há d’embarcar aqui<sup>23</sup>.

Também a ridícula tentativa de fuga do fidalgo, que pretende voltar à “outra vida” para ver a sua amante, parece evocar o Megapentes de Luciano<sup>24</sup>. Muito embora ambas as personagens se apercebam da traição da amante depois de mortos, o reconhecimento do fidalgo vicentino ocorre em cena, enfatizando assim a hipocrisia e ilusão que caracterizam toda a sua vida:

Fidalgo	Esperar-me-ês vós aqui tornarei à outra vida ver minha dama querida que se quer matar por mi.
Diabo	Que se quer matar por ti?
Fidalgo	Isto bem certo o sei eu.
Diabo	Oh namorado sandeu o maior que nunca vi.
Fidalgo	Como podrá isso ser que m’ escrivia mil dias?
Diabo	Quantas mentiras que lias

<sup>21</sup> Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 86-101.

<sup>22</sup> Lucianus *D. Mort.* 10, 4. 6-11: *ΕΡΜΗΣ απόθου ταῦτα. ΛΑΜΠΙΧΟΣ Ἰδοῦ σοι ὁ πλοῦτος ἀπέρριπται. ΕΡΜΗΣ Καὶ τὸν τῦφον ἀπόρριψον, ὦ Λάμπιχε, καὶ τὴν ὑπεροψίαν· βαρήσει γὰρ τὸ πορθμεῖον συνεμπεσόντα. ΛΑΜΠΙΧΟΣ Οὐκοῦν ἀλλὰ τὸ διάδημα ἔασόν με ἔχειν καὶ τὴν ἐφeskρίδα. ΕΡΜΗΣ Οὐδαμῶς, ἀλλὰ καὶ ταῦτα ἄφεες.* (“Hermes: [D]eita tudo isso fora. / Lampico: Pronto, lá se foi a riqueza. / Hermes: Deita fora também a vaidade, ó Lampico, e a altivez, pois estas, ao caírem no barco, torná-lo-ão mais pesado. / Lampico: Mas... deixa-me ao menos ficar com o diadema e com o manto. / Hermes: De modo nenhum! Larga também isso.” Tradução de Magueijo, 2012: 223).

<sup>23</sup> Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 170-171.

<sup>24</sup> Cf. Asensio (1974: 63-64); 1991: 288-289).

e tu morto de prazer.  
 Fidalgo Pera que é escarnecer  
 que nom havia mais no bem?  
 Diabo Assi vivas tu amém  
 como te tinha querer.  
 Fidalgo Isto quanto ao que eu conheço.  
 Diabo Pois estando tu espirando  
 se estava ela requebrando  
 com outro de menos preço<sup>25</sup>.

Ecoando a insistência de Megapentes, que, entre terminar as obras do seu palácio, indicar à esposa onde tinha escondido o seu tesouro ou erigir monumentos, aduz diversas razões para voltar à vida<sup>26</sup>, Dom Anrique invoca em seguida a sua esposa:

Fidalgo Dá-me licença te peço  
 que vá ver minha molher.  
 Diabo E ela por nam te ver  
 despenhar-s’-á dum cabeça  
 Quanto ela hoje rezou  
 antre seus gritos e gritas  
 foi dar graças infinitas  
 a quem a desassombrou.  
 Fidalgo Quanto ela bem chorou.  
 Diabo Nom há i choro d’alegria?  
 Fidalgo E as lástimas que dizia?  
 Diabo Sua mãe lhas ensinou<sup>27</sup>.

Apesar de não haver um paralelo explícito na obra de Luciano, o fingimento atribuído à esposa lembra as falsas lágrimas e a pretensa dor da concubina Glicério (vv. 148-159):

<sup>25</sup> Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 129-147. Cf. Lucianus *Cat.* 8-12: ΚΛΩΘΩ Ἐπίβαινε σύ. ΜΕΓΑΠΕΝΘΗΣ μηδαμῶς, ὃ δέσποινα Κλωθοῖ, ἀλλά με πρὸς ὀλίγον ἔασον ἀνελθεῖν. εἰτά σοι αὐτόματος ἦζω καλοῦντος μηδενός. [...] Καρίων ὁ ἐμὸς οἰκέτης ἐπεὶ τάχιστα με ἀποθανόντα εἶδε, περὶ δειλὴν ὁψίαν ἀνελθὼν εἰς τὸ οἶκμα ἔνθα ἐκείμην, σχολῆς οὔσης — οὐδεὶς γὰρ οὐδὲ ἐφύλαττε με — Γλυκέριον τὴν παλλάκιδα μου — καὶ πάλαι δέ, οἶμαι, κοινοινήκεσαν — παραγαγὼν ἐπισπασάμενος τὴν θύραν ἐσπόδει καθάπερ οὐδενὸς ἔνδον παρόντος. (“Cloto: Vamos, embarca! Megapentes: Oh não, minha Senhora Cloto, mas antes deixa-me ir lá acima por um pouquinho de tempo. Depois eu próprio virei espontaneamente, sem que ninguém me chame. [...] O meu criado Cárion, logo que me viu morto, entrou, pela tardinha, na câmara onde eu jazia e, aproveitando-se da ocasião (pois ninguém estava a guardar-me) levou para lá a minha concubina Glicério, com que já desde há muito tinha relações e, tendo fechado a porta, deu-lhe uma valente “esfrega”, como se ninguém estivesse presente”. Tradução de Magueijo, Luciano 2013a: 101-104).

<sup>26</sup> Lucianus *Cat.* 8-12.

<sup>27</sup> Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 148-159.

Megap. A malvada da rapariga, ao sentir o ruído de pessoas que se aproximavam, humedeceu os olhos com saliva, como se estivesse a chorar por mim, e retirou-se a soluçar e a pronunciar o meu nome<sup>28</sup>.

As demais semelhanças entre o auto vicentino e os diálogos gregos, não tão evidentes quanto as expostas anteriormente, podem ser consideradas puramente circunstanciais, nomeadamente o paralelo entre a ameaça de Cinisco a Megapentes e a do Anjo vicentino, apontada por Pociña López<sup>29</sup>, ou ainda a figura do Parvo que, ao permanecer no cais enquanto espera o momento de embarcar, parece tomar o lugar dos filósofos cínicos Menipo e Cinisco. Não obstante a já estudada influência do *sot* medieval e do espírito carnavalesco na personagem vicentina<sup>30</sup>, vários aspectos permitem relacionar estas figuras: além da simplicidade dos seus modos de vida e do desprezo dos bens materiais<sup>31</sup>, une-os a crítica da sociedade, evidente na denúncia dos vícios do Filósofo e do tirano Megapentes por Menipo e Cinisco e na contribuição do Parvo Joane para a acusação do Frade, do Judeu e do Corregedor<sup>32</sup>. Na verdade, a associação entre o louco e o filósofo cínico da literatura antiga já tinha antecedentes na *Stultifera Navis* de Brant – obra que tem sido apontada uma das fontes das *Barcas* vicentinas –, sendo particularmente visível na xilogravura que apresenta Diógenes, Demócrito e dois loucos a rir do globo terrestre que têm nas suas mãos<sup>33</sup>:

---

<sup>28</sup> Tradução de Magueijo (Luciano, 2013a: 105). Lucianus *Cat.* 12. 15-17: *καὶ ἡ μὲν δὲ παιδίσκη ἐπεὶ ψόφου προσιόντων τινῶν ἦσθετο, σιέλῃ χρίσασα τοὺς ὀφθαλμοὺς ὡς δακρύσασα ἐπ' ἐμοί, κωκύουσα καὶ τοῦνομα ἐπικαλουμένη ἀπηλλάττετο.*

<sup>29</sup> De acordo com Pociña López (2006: 118-119), a declaração do Anjo “Nam se embarca tirania / neste batel divinal” (Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 83-84) ecoa as seguintes palavras de Cinisco: *πικρὰν δ' οὖν τὴν τυραννίδα ἔξεις γευσάμενος τοῦ ζύλου* (Lucianus *Cat.* 13. 13-14. Tradução de Magueijo, Luciano 2013a: 105: “Pois vais ter uma tirania bem amarga, provando do meu cajado...”).

<sup>30</sup> Palla (1992: 87-94). Cf. Teles, Cruz e Pinheiro (1984: 93-95).

<sup>31</sup> Lucianus *D. Mort.* 10, 2 e Lucianus *Cat.* 7. Cf. Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 248-307.

<sup>32</sup> Cf. Ramalho (1983: 101): “Na «Barca do Inferno», desfilam perante o «Anjo-Arrais do Céu» e o «Diabo-Arrais do Inferno» e o seu Companheiro um Fidalgo, um Onzeneiro e um Parvo. Quando este entra em cena, em vez de embarcar como os outros, fica no papel de um βωμολόχος subsidiário que, depois de distribuir liberalmente insultos ao Diabo, increpa dois dos clientes da barca infernal”.

<sup>33</sup> Para a ampla disseminação do *Narrenschiff* contribuíram as várias traduções da obra, nomeadamente a versão latina publicada em 1497 por Jacob Locher. Cf. Zeydel (1944: 24-26).





Sebastian Brant, *Stultifera Navis Sebastianus Brant per Jacobum Locher cognomento Philomusum Suevum in latinum traducta*.  
Basel: Johann Bergmann, 1497, fl. 126v

Apesar dos vários paralelos apontados, a ausência quase total de referências directas e a indeterminação das fontes utilizadas impedem a confirmação das principais influências de Gil Vicente<sup>34</sup>. Além disso, as imitações humanísticas de Luciano caracterizaram-se por um aproveitamento de temas posteriormente adaptados a motivos contemporâneos, em detrimento de um tipo de imitação explícita<sup>35</sup>, o que dificulta a comprovação de uma leitura que, como afirma Eugenio Asensio, “apenas admite duda”<sup>36</sup>. De facto, parte da obra de Luciano circulava amplamente em traduções latinas desde o século XV<sup>37</sup>, e as traduções latinas do décimo diálogo de Luciano, elaboradas por

<sup>34</sup> Cf. Carvalho (1983: 49) e Reckert (1983: 179).

<sup>35</sup> Cf. Rallo Gruss (2003: 148): “El lucianismo funciona como la médula de la composición, en una superación del modelo que no consiste en parangonarse con él, en quedarse en él como haría un ciceronista, sino atraerlo a su propio mundo, revivirlo en nuevo contexto, dejando atrás las características que ya no pueden ser actuales [...]”.

<sup>36</sup> Asensio (1974: 62).

<sup>37</sup> Cf. Robinson (1969: 363-364) e Lauvergnat-Gagnière (1988: 44-46). Gil Vicente poderia ter consultado as seguintes edições: *De veris narrationibus*. Veneza: Simon Bevilacqua, 1494; *Luciani De veris narrationibus...* Milan, Ulrich Scincenzeler, 1497; *Opera Luciani philosophi luculentissimi* Veneza, 1500; *Opera Luciani philosophi luculentissimi*. Bologne, Alexandre Lippus 1502; *Opera Luciani philosophi*

Rinuccio da Castiglione<sup>38</sup>, e do *Cataplus* (ou *Tyrannus*), da autoria de Cristoforo Persona<sup>39</sup>, foram impressas num mesmo volume por Simon Bevilacqua em 1494, com sucessivas reedições até 1520, cinco das quais antes de 1517. Por outro lado, a generalização de imitações humanísticas dos *Diálogos* de Luciano, em particular do tema do julgamento *post-mortem*, e a sua adaptação a temas da actualidade impõem ainda a possibilidade de uma leitura mediada por imitações quatrocentistas, nomeadamente pelo *Charon* de Giovanni Pontano, em muitos aspectos semelhante ao auto vicentino<sup>40</sup>. Entre os motivos idênticos, registam-se a crítica aos judeus<sup>41</sup> e aos administradores da justiça<sup>42</sup>, mas, sobretudo, a sátira anticlerical, particularmente visível no desfile das almas, em que se sucedem membros do clero condenados por luxúria, avareza ou engano<sup>43</sup>, imortalizados no Frade vicentino, que chega ao cais a cantar e a dançar, trazendo na mão uma donzela e uma espada<sup>44</sup>. Ainda que, como afirma Asensio, estas semelhanças possam ser casuais ou então derivadas de um modelo comum<sup>45</sup>, as diversas reimpressões do *Charon* de Giovanni Pontano, quatro delas anteriores a 1517, testemunham a extensa difusão desta obra na primeira metade do século XVI<sup>46</sup>. A existência de exemplares conservados na Biblioteca Nacional indica que Portugal não foi excepção<sup>47</sup>. Lembremos

---

*Luculentissimi*. Milan: Angelus Scinzenzeler, 1503; *Opera Luciani philosophi luculentissimi*. Veneza: Melchior Sessa e Pierre de Ravenne, 1517; *Asinus aureus, vitarum auctio...* Paris: Jean de Gourmont, 1520.

<sup>38</sup> Sobre as traduções de Rinuccio da Castiglione, cf. Sidwell (1975 : 25-29), Lauvergnat-Gagnière (1988: 30-32), Zappala (1990: 40) e Marsh (1998: 37).

<sup>39</sup> Sobre Cristoforo Persona, ver Sidwell (1975: 35-36).

<sup>40</sup> Sobre o *Charon* de Pontano, cf. Sidwell (1975: 247-253), Zappala (1990: 71-74) e Marsh (1998: 129-143).

<sup>41</sup> Pont. *Ch.* 41. Todas as citações e referências ao *Charon* de Pontano são feitas a partir da edição de Julia H. Gaisser (Pontano, 2012).

<sup>42</sup> Pont. *Ch.* 24-25. Tal como no *Charon* de Giovanni Pontano, a principal crítica que o Diabo dirige ao Corregedor incide na ganância: cf. Pont. *Ch.* 24, 18-21 (*Verum qui eas nunc interpretantur, prudentiam in malitiam vertentes, iura venditant, leges contaminant, fas nefasque solo discernunt precio, ut nulla homini in vita maior sit pestis quam ubi eorum indiget patrocínio.*) e Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 641-664 (“Quando éreis ouvidor / nonne accepistis rapina? [...] Imbarquemini in batel / quia iudicastis malícia [...]. A largo modo adquiristis / sanguinis laboratorum / ignorantes peccatorum / ut quid eos non audistis.”).

<sup>43</sup> Pont. *Ch.* 54-57. Cf. Pont. *Ch.* 24, 1: *Sacerdotes laetius, quos etiam in funeribus cantantis audias [...]*.

<sup>44</sup> Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, vv. 368-476.

<sup>45</sup> Asensio (1974: 61): “[...] el humanista de Nápoles Pontano los imitó mucho antes, en su *Charon* (1491), cuatro veces impreso antes de 1517, y del cual Gil Vicente pudo quizá tener alguna noticia. Con todo, las concomitancias no derivadas del común modelo – por ejemplo el cardenal con su amante que recuerda al fraile con Florencia – son, probablemente, casuales.”

<sup>46</sup> Cf. Zappala (1990: 74).

<sup>47</sup> Giovanni Pontano, *Dialogi qui Charon et Antonius inscribuntur*. Napoli: Mattia Moravo, 1491 (BNP INC. 321); *Ioannes Iouiani Pontani Opera omnia soluta oratione in sex partes diuisa*. Florentiae: per haeredes Philippi Iuntae, 1520 (BNP RES. 5988 P.); *Ioannis Iouiani Pontani Opera. De fortitudine: libri*

que Costa Ramalho já tinha sugerido a influência da tradução de Pontano do *Amor Fugitivo* de Mosco na *Frágua de Amor*, o auto composto para celebrar o casamento de D. João III com D. Catarina<sup>48</sup>.

### *Auto da Feira*

Além da *Barca do Inferno*, também é possível encontrar vestígios da leitura da obra de Luciano no *Auto da Feira*, em particular do diálogo *Vitarum Auctio*. Não obstante a ausência de semelhanças textuais evidentes, a origem da personagem Mercúrio e do mercado onde se adquirem virtudes cristãs parece encontrar-se no diálogo em que o deus mercador coloca em leilão diversos filósofos, apregoando as suas principais doutrinas como valores transacionáveis. A recriação vicentina da feira de Luciano pressupõe uma transformação radical da sátira aos filósofos numa crítica social centrada na dissolução dos costumes cristãos, com particular incidência na degradação moral do clero e dos altos dirigentes. O facto de “os mais sabedores faze[rem] as compras na feira do demo” justifica que o Serafim enviado por Deus comece por chamar figuras representativas do clero e os incite a um regresso à pureza e à pobreza originais da Igreja<sup>49</sup>:

À feira à feira igrejas mosteiros  
pastores das almas, papas adormidos  
comprai aqui panos mudai os vestidos

---

*duo. De Principe: liber unus. Dialogus qui Charon inscribitur. Dialogus qui Antonius inscribitur. De liberalitate: liber unus. De beneficentia: liber unus. De magnificentia: liber unus. De splendore: liber unus. De couiuentia: liber unus. De obedientia: libri quinque.* Venetiis: Bernardinum Vercellensem, 1501 (BNP RES. 399 A.).

<sup>48</sup> Ramalho (1969: 137- 141). Cf. Vasconcelos (1949: 466). Além das traduções de Poliziano e Pontano apontadas por Costa Ramalho, Sales (1991: 7) considera ainda a influência do poema *Lamentaciones de amores* de Garci Sánchez e Asensio (1991: 280-281) não rejeita a possibilidade de ter conhecido a *Farsa di Venere che cerca il figliuolo Amore*, da autoria de Sannazarro, representada ao Duque de Calábria entre 1488 e 1490.

<sup>49</sup> Alçada (2003: 183) considera que as palavras iniciais do Serafim são “um apelo à reconciliação-equilíbrio dos poderes temporal e espiritual”. A crítica que subjaz à criação da feira é particularmente evidente na fala do Tempo: “Quem quiser feirar / venha trocar qu’ eu nam hei de vender. / Todas as virtudes que houverem mister / nesta minha tenda as podem achar / a troco de cousas que hão de trazer. / Todos remédios especialmente / contra fortunas e odversidades / e aqui se vendem na tenda presente / conselhos maduros de sãs calidades. / Aqui se acharão a mercadoria d’amor e rezão / justiça e verdade, a paz desejada / porque a cristandade é toda gastada / só em serviço da openião. / Aqui achareis o temor de Deos / que é já perdido em todos os estados / aqui achareis as chaves dos céus / mui bem guarnecidas em cordões dourados. / [...] E porque as virtudes senhor Deos que digo / se foram perdendo de dias em dias / com a vontade que deste o messias / memoria o teu anjo que ande comigo / senhor porque temo / ser esta feira de maus compradores / porque agora os mais sabedores / fazem as compras na feira do demo / e os mesmos diabos são seus corretores”. (Gil Vicente, *Auto da Feira*, vv. 186-217).

buscai as samarras dos outros primeiros  
os antecessores.  
Feirai o carão que trazeis dourado  
ó presidentes do crucificado  
lembrai-vos da vida dos santos pastores  
do tempo passado<sup>50</sup>.

A circunstância de representação do auto, depois do Saque de Roma, em 1527<sup>51</sup>, explica a violenta crítica dirigida ao clero e a caracterização de Roma como uma antiga comerciante do Diabo<sup>52</sup>. No entanto, de acordo com Alçada, o Saque é entendido como um aviso e não um castigo imposto a Roma pelo seu desvio da moral cristã, na medida em que o espelho que lhe é oferecido implica uma esperança de regeneração que a sua preferência pela banca do Serafim em detrimento da do Diabo já permitia antecipar<sup>53</sup>.

Ainda que, no final do auto, a rejeição dos pastores em comprar o que a virgem dá de graça subverta toda a ideia de feira<sup>54</sup> e a ausência de paralelos mais evidentes do que a mera semelhança temática não permita estabelecer uma relação concreta entre a *Feira* e o diálogo de Luciano, a presença da tradução latina de Cristoforo Persona na mesma colectânea em que circulavam as traduções do *Scaphicium* e do *Cataplus* permite, pelo menos, considerar a possibilidade de Gil Vicente ter lido a *Vitarum Auctio*<sup>55</sup>.

---

<sup>50</sup> Gil Vicente, *Auto da Feira*, vv. 218-226.

<sup>51</sup> De acordo com Alçada (2003: 171), o *Auto da Feira* terá sido representado a 25 de Dezembro de 1527. Cf. Teyssier (1982: 59), Tranchida (1992: 187-197) e Almeida (1989: 20-21), para quem a representação do auto teve lugar no início do ano 1527, antes do saque de Roma.

<sup>52</sup> Cf. Gil Vicente, *Auto da Feira*, vv. 422-431. “[...] a troco do amor / de Deos te comprei mentira / e a troco do temor / que tinha da sua ira / me deste o seu desamor. / E a troco da fama minha / e santas prosperidades / me deste mil torpidades / e quantas virtudes tinha / te troquei polas maldades”. Sobre a crítica a Roma, cf. Almeida (1989: 9-12).

<sup>53</sup> Contrariamente a Tranchida (1992: 192-195), que considera este auto uma violenta condenação dos costumes do Clero, personificado na personagem Roma, para Alçada (2003: 198), estamos perante um aviso, pois o espelho que é entregue a Roma simboliza o caminho para o autoconhecimento, permitindo uma regeneração posterior. Cf. Alçada (2003: 261): “Gil Vicente constata um facto histórico, muito mais violento do que qualquer crítica possível. Nesta perspectiva, e mesmo através das várias alegorias, o *Auto da Feira* é uma crónica, um documento, uma notícia da actualidade, uma *Aviso* que duplamente informa e alerta: *avisa*.”

<sup>54</sup> Cf. Almeida (1989: 19): “Não tem sentido uma Feira que vende Graças se a Virgem as dá de graça a quem as merece [...]. Com este movimento de sentido, o auto propõe um final que contesta a ordem de abertura, assente na função da Feira [...]”

<sup>55</sup> Curiosamente, nesta colectânea também se encontra uma tradução latina do *Amor Fugitivo* de Mosco, que na época circulava como obra de Luciano e que foi uma das fontes da *Frágua*, e ainda um poema da autoria de Thomasso Regazzola denominado *De morte carmen horrendum*, que, a par de outras manifestações do filão da *Dança Macabra*, pode inclusivamente ter sido uma das fontes do *Auto da Barca da Glória* de Gil Vicente. Sobre o poema de Regazzola, cf. Sidwell (1975: 138).

### 3. O Momo de Jorge Ferreira de Vasconcelos\*

Só eu soube emendar a natureza na composição do homem em que se ela esmerou, produzindo um animal perfeito sobre todos. E tendo-o o grave concílio dos deuses por acabado, aparado e perficionado sem falta alguma, lancei o rabo do olho por sobrerrola de seus juízos e à própria hora, sem mais tir-te nem tirai-vos, julguei ser-lhe necessária uma porta no peito, per que se lhe pudesse ver o coração. [...] Pressuposto que não há coisa pior de conhecer o coração do homem a que não se pode dar saca-pelouro que lhe alimpe a ferrugem que cria e conversação nele imprime, não me quiseram crer [...]. De modo [...] que esta foi a fonte dos enganos do mundo, a mina de seus ressábios e o centro dos seus escarcéus<sup>1</sup>.

A indagação das fontes do apresentador da *Comédia Aulegrafia* afigura-se uma questão bastante complexa, não só devido à variedade de instrumentos a que poderia ter tido acesso<sup>2</sup>, inclusivamente compilações e manuais de mitologia, mas também pelo tipo de aproveitamento do material clássico, que obscurece as fontes usadas.

Não obstante as numerosas referências, na literatura antiga, a Momo<sup>3</sup>, o episódio referido na *Comédia Aulegrafia*, que descreve como o deus criticou a invenção divina do Homem, do boi e da casa, apenas é narrado por Esopo e Luciano. Uma pequena diferença distingue as duas versões: na Fábula 518, Esopo atribui a Zeus a concepção do homem, enquanto Luciano a imputa a Hefesto<sup>4</sup>. A alusão pouco precisa de Vasconcelos, que menciona de forma geral a criação do homem pelo “grave concílio dos deuses”, não nos permite saber se terá partido de algum destes textos. Em nenhum dos casos a língua teria sido um obstáculo, devido à grande quantidade de traduções latinas e em vernáculo existentes na segunda metade do século XVI<sup>5</sup>.

---

\*As conclusões apresentadas neste capítulo foram publicadas no artigo “Leituras renascentistas de Luciano: o prólogo da *Comédia Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos” (Resende, 2017b).

<sup>1</sup> Vasconcelos, *Comédia Aulegrafia*, fl.1v-2. As citações da *Comédia Aulegrafia* foram feitas a partir da edição elaborada pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa, disponível a partir da base de dados “Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI”.

<sup>2</sup> De acordo com Asensio (1951: xix-xxvi) e Subirats (1982, t. 1: 61-84), ainda que Vasconcelos conhecesse bem a obra de autores latinos como Plauto e Terêncio, a abundância de *exempla*, adágios e referências clássicas presentes na sua obra indicam uma profícua utilização de compilações e manuais de mitologia, concordante com a prática escolar da época.

<sup>3</sup> Cf., e.g., a obra de Hesíodo, em que Momo aparece como filho da Noite, (Hes. *Th.* 211ss), informação recuperada por Cícero no *De Natura Deorum* (3. 17). Cf. também Call. *Epigr.* 70; *Anth. Gr.* 16. 262, 3-4; Arist. *PA* 663a-663b e Lucianus, *Deor. Conc.* e *J. Tr.* 19-53.

<sup>4</sup> Lucianus *Herm.* 20.

<sup>5</sup> A tradução latina do *Hermotimo* circulava impressa desde o início do século XVI e foi incluída na tradução das obras completas de Luciano editada por Micilo, em 1538. Igualmente possível seria o acesso às *Fábulas* de

É mais provável, no entanto, que a sua fonte tenha sido o adágio erasmiano *Momo satisfacere*, que oferece uma síntese das principais características do deus, assim como da história da criação divina<sup>6</sup>. O recurso a fontes intermédias encontra-se bastante generalizado na *Comédia Eufrosina*: muitas das *sententiae* clássicas e referências à antiguidade são mediadas por colectâneas como os *Adagia* ou os *Apophthegmata* de Erasmo, ou ainda pela *Officina* de Ravísio Textor, razão pela qual a possibilidade de o provérbio erasmiano se encontrar na origem do apresentador da *Aulegrafia* se afigura bastante elevada<sup>7</sup>.

Uma outra razão nos leva a considerar esta perspectiva: embora procedente das *Epístolas* de Filóstrato<sup>8</sup>, a crítica às sandálias de Vénus feita por Momo no prólogo da comédia também se encontra no adágio que narra o episódio da concepção do Homem<sup>9</sup>.

Além dos *Adagia* do humanista de Roterdão que, pelo seu carácter sintético, se tornaram um veículo privilegiado para a disseminação do conhecimento clássico no século XVI, outras obras poderiam ter influenciado o autor da *Aulegrafia*, nomeadamente o *Momus* de Leon Battista Alberti<sup>10</sup>. No entanto, de acordo com Sidwell, a obra latina não teve uma disseminação significativa<sup>11</sup> e também não se verificam semelhanças que permitam pressupor a possibilidade de uma influência directa da novela italiana. Muito diferente é, aliás, o desenho do Momo de Vasconcelos, pois, ao contrário do deus perturbador de Alberti, elemento de desestabilização da ordem do universo<sup>12</sup>, o seu carácter satírico enquadra-se

---

Esopo, amplamente usado no ensino e cujas primeiras traduções humanistas remontam ao início do século XV (Botley, 2010: 79-80).

<sup>6</sup> Cf. ASD II-1, 546: 643-646: *Huic deo mos est ipsum quidem nihil operis aedere, sed aliorum deorum opera curiosis oculis contemplari et, si quid est omissum aut perperam factum, id summa cum libertate carpere. Nam μῶμος Graece reprehensionem sonat.*

<sup>7</sup> Sobre a influência da obra erasmiana na *Comédia Eufrosina*, ver Asensio (1951: lxxvii-lxxxvi) e Subirats (1982, t. 2: 407-411), Ramalho (1994: 152) e Resende (2018a).

<sup>8</sup> Philostr. *Ep.* 37.

<sup>9</sup> Cf. *Comédia Aulegrafia*, fl. 3: “Vedes-me aqui que dêis que o mundo é mundo tenho corrido diversas terras, cousa não me ficou por notar, e, de ter o espírito muito sutil, neste exame em tudo achei pecha, té na fermosa Vénus, à qual fui descobrir um chapim desigual doutro, que o diabo lhe não pudera cair neste desar”. ASD II-1, 547: 663-665: *Hunc in Venere nihil alioqui quod reprehenderet inuenisse, nisi quod sandalium illius calumniabatur, ut stridulum nimisque loquax ac strepitu molestum.*

<sup>10</sup> Esta possibilidade é avançada por Almeida (2005: 206, n.48), mas, como sintetiza a autora, “ela não deixou marcas inequívocas na escrita da comédia *Aulegrafia*”.

<sup>11</sup> Cf. Sidwell (1975: 214): “*Momus* had no dissemination to speak of, and therefore no real impact, [...] The influence of Lucian via Alberti was limited [...]”. Sobre o diálogo de Alberti, ver Sidwell (1975: 198-21), Marsh (1998: 114-129).

<sup>12</sup> Marsh (1998: 129).

numa denúncia dos vícios do mundo áulico de cariz moralizante. Diversa é, também, a razão que motivou a sua queda do Olimpo: do prólogo de *Aulegrafia* pressupõe-se que estaria no seguimento da crítica à criação dos deuses, enquanto na fábula latina terá resultado de calúnias e intrigas que visavam Júpiter e o seu governo.

A tradução da novela de Alberti elaborada por Agustín Almazán, publicada em Alcalá de Henares em 1553, coloca, porém, a possibilidade de Vasconcelos lhe ter tido acesso. Apesar de Krüger defender esta hipótese<sup>13</sup>, baseando-se na crítica, comum nas duas obras, à vida cortesã, o prólogo da edição castelhana acentua a divergência existente entre o Momo de Alberti e o apresentador da comédia lusa, pois, para Almazán, o deus “no es otra cosa si no un mofador essento y libre”, sendo a fábula latina uma tentativa de demonstrar “que daños se siguen a los que le ymitan, y que provechos a los que le huyen”<sup>14</sup>.

Na verdade, os episódios herdados da tradição clássica, nomeadamente a criação divina do Homem ou a crítica às sandálias de Vénus, não garantem a recuperação do carácter greco-latino do deus. No prólogo, a personagem afirma claramente a distância em relação à matriz antiga, devido às “calidades” que o tornam “natural”<sup>15</sup>. O apresentador afasta-se bastante da imagem do deus como personificação do sarcasmo, que encontramos, por exemplo, na *Comédia Ulissipo*, em que o seu espírito ardiloso é considerado equivalente ao de Ulisses ou de Mercúrio<sup>16</sup>, ou mesmo na *Comédia Aulegrafia*, em que Germínio acusa Artur do Rego de se comportar como Momo, porque “não há coisa que o contente”<sup>17</sup>. Herança do adágio

---

<sup>13</sup> Krüger (2015: 465).

<sup>14</sup> Almazán, *La moral y muy graciosa historia del Momo compuesta en Latin por el docto varon Leon Baptista Alberto Florentin*. Traduzida em Castellano por Augustin de Almazan [...]. Alcala de Henares: Juan de Medina, 1553, fl. aii. A dedicatória e o prólogo oferecem ao leitor da tradução uma chave de interpretação que insiste no carácter moral da obra de Alberti, possível pela sua transformação num “manual de príncipes, con aprobación y censura de las buenas y malas costumbres” (Vega, 1998: 16). Cf. Rallo Gruss (2003: 132).

<sup>15</sup> Cf. Vasconcelos, *Comédia Aulegrafia*, fl. 1v: “Sou, senhores, um dos antigos deoses, que por nome não perca, o Momo. Se vos chegou, e porquanto todo o desacostumado é oscuro, para que vo-lo não seja a tenção de vir aqui apontarei minhas calidades. Quiçá por elas, donde ora me haveis por estrangeiro reconhecer-me-eis natural, porque haveis de assentar que tenho o mais vivo, delicado e sutil juízo que pudestes ver.”

<sup>16</sup> Cf. Vasconcelos, *Comédia Ulissipo*, fl. 248v-249: “Por que não vim em tempo de gentios que me fizeram um dos seus deoses, que por menos disto faziam? Pois o seu Febo nunca deu repostas de mais entenderes do que eu sei ter obras. Sou... sou... um Ulisses! Não pouco é. Sou Momo, ou Mercúrio, inda que este rapaz anda já mui corriqueiro e calabreado, e tem feito dos nobres cambiadores, e cedo os fará rindeiros, e eu não sou de tanta moginifada imprópria”.

<sup>17</sup> Vasconcelos, *Comédia Aulegrafia*, fl. 153v.

erasmiano, estas referências correspondem à representação tradicional que privilegia o espírito subversivo da divindade e o carácter excessivo das suas críticas.

A denúncia das intrigas e da perversidade da vida áulica, presente ao longo de toda a comédia, assim como o propósito de a obra servir de “aviso e exemplo” aos homens e aconselhar “onde o juízo e a diligência humana não alcança”<sup>18</sup>, obrigam a uma alteração fundamental da personagem, que se afasta indubitavelmente do retrato fornecido por Esopo, Luciano, Alberti e pelos *Adagia* de Erasmo.

Como já havia assinalado Subirats<sup>19</sup>, o Momo de Vasconcelos, que considera “melhor ser desprezado por fazer virtude que estimado por doudices”, lembra especialmente a Mória do humanista de Roterdão. Uma obra cuja ausência de castigo final permite a continuação das manipulações da alcoviteira expõe de forma ostensível os vícios e a desordem de uma sociedade hipócrita, na esteira da irracionalidade denunciada pelo *Elogio da Loucura*, em que, aliás, a Mória se apresentava como substituta de Momo<sup>20</sup>. A expulsão do Olimpo que o impedira de relatar os vícios divinos na obra de Erasmo<sup>21</sup> tê-lo-á levado a vaguear pela terra “ao som do atambor da fortuna”, até chegar à “província Lusitânia”, onde achou “bom pasto” para o seu ofício<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> Vasconcelos, *Comédia Aulegrafia*, fl. 5v.

<sup>19</sup> Subirats (1982, tomo 2: 407).

<sup>20</sup> Cf. ASD IV-3, 88: 294-298: *Verum illi sua facinora a Momo audiant malim, a quo saepius quondam audire solebant; sed hunc nuper irati una cum Ate in terras praecipitem dederunt, quod sapientia sua felicitati deorum importunus obstreperet. Neque mortalium ullus exulem dignatur hospitio, tantum abest ut illi in principum aulis sit locus, in quibus tamen mea Κολακία primas tenet, cui cum Momo non magis conuenit quam cum agno lupis.* (Cf. tradução de Mariano in Erasmo, 2014: 39: “Preferia que escutassem as suas proezas da boca de Momo, como outrora acontecia com frequência. Mas eles, zangados há pouco com ele, precipitaram-no para a terra juntamente com Ate, porque, inconveniente com o que sabia, perturbava a felicidade dos deuses. Nenhum moral se digna albergar o exilado; está muito longe de ter guarida nos palácios dos príncipes onde a minha *Adulação* tem lugar cimeiro, e dá-se com Momo como o lobo com o cordeiro.”).

<sup>21</sup> O motivo da queda do Olimpo, sem precedentes na literatura antiga além de uma breve referência na fábula de Esopo, é explorado especialmente na obra de Alberti, sendo, de acordo com Whitfield (1971: 178), a fonte provável de Erasmo. Tendo em conta a distância em relação ao *Momus* latino, afigura-se mais plausível que tenha sido o *Elogio da Loucura* o ponto de partida para o deus de Vasconcelos.

<sup>22</sup> Vasconcelos, *Comédia Aulegrafia*, fl. 3.



Além da sátira de cariz moralizante e da referência à queda divina, também a justificação de um encómio próprio parece associar a índole das duas personagens:

Iam uero non huius facio sapientes istos qui stultissimum et insolentissimum esse praedicant, si quis ipse laudibus se ferat. Sit sane quam uolent stultum, modo decorum esse fateantur. Quid enim magis quadrat quam ut ipsa Moria suarum laudum sit buccinatrix, et αὐτὴ ἐαυτὴν αὐλῆ? Quis enim me melius exprimat quam ipsa me?<sup>23</sup>

Inda que é mal dizê-lo eu, por ser vil o louvor na própria boca, mas di-lo-ei, já que começo, ca dado é ao bom cavaleiro louvar-se per natural, intrínseca, puríssima discricção mera, minha mesma [...]<sup>24</sup>.

A inscrição da “Moria Arasmi” na *Prohibiçam dos Livros Defesos*, em 1547<sup>25</sup>, impede a existência de referências directas na *Comédia Aulegrafia*, que foi, inclusivamente, objecto de intervenção censória<sup>26</sup>. Todavia, o contacto com o livro de Erasmo, que transparece na caracterização do deus Momo, é comprovado por outras obras de Vasconcelos, especialmente pelo *Diálogo da Parvoíce*<sup>27</sup>. Nunca tendo sido impresso, é possível que esta obra subsista em estado fragmentário numa miscelânea seiscentista da Biblioteca Nacional<sup>28</sup>. De acordo com Almeida<sup>29</sup>, há uma forte probabilidade de o manuscrito anónimo corresponder ao proémio da obra perdida do dramaturgo, mas, apesar de o título lembrar especialmente o *Elogio da Loucura*, a sua principal fonte temática seriam os *Colloquia*, igualmente proibidos pelo *Index* de 1547<sup>30</sup>.

A complexidade do Momo da *Aulegrafia*, possivelmente resultado de leituras e influências várias, impede-nos de identificar claramente as suas fontes. É, no entanto, notória

---

<sup>23</sup> ASD IV-3, 72: 30-34. Cf. tradução de Mariano in Erasmo (2014: 25): “Na verdade, não considero sábios os que julgam completamente louco e arrogante aquele que faz o seu próprio elogio. Se isto é ser louco, confesso que me cai bem. Que mais poderia convir à própria Mória do que ser arauto do próprio mérito e entoar o seu próprio louvor? Quem me descreve melhor que eu própria?”

<sup>24</sup> Vasconcelos, *Comédia Aulegrafia*, fl. 1v.

<sup>25</sup> Cf. Sá (1983a: 147).

<sup>26</sup> O manuscrito da *Comédia Aulegrafia*, preservado na Real Biblioteca de Madrid revela a existência de censura sobre o texto de Vasconcelos, publicado postumamente pelo genro do autor em 1619. Para uma análise das principais diferenças entre o original e a versão impressa, veja-se Camões (2008).

<sup>27</sup> Sobre as obras perdidas de Jorge Ferreira de Vasconcelos, cf. Almeida (2004: 55- 66).

<sup>28</sup> Cod. 7641, fls. 68r-68v.

<sup>29</sup> Almeida (2004: 57, n.18).

<sup>30</sup> Cf. Almeida (2004: 64) e Sá (1983a: 148).

a distância em relação à imagem tradicional, como personificação do sarcasmo e do espírito crítico excessivo. Se, por um lado, a censura do ambiente áulico e dos vícios do Homem nos coloca perante a imitação de Luciano que privilegiou a leitura moralizante do *corpus*, por outro, a influência de Erasmo na obra de Vasconcelos, não só como fonte dos numerosos *exempla* e adágios mas também como modelo literário, explica a reescrita de Momo nos moldes do *Moriae Encomium* e o consequente afastamento da matriz antiga.

## CONCLUSÃO

Embora perdidos nas “extremas plagas do Ocidente banhadas pelo Letes”<sup>1</sup>, os leitores lusitanos não permaneceram indiferentes à pluralidade de imagens de Luciano que inundava a Europa de Quinhentos. De facto, os indícios recolhidos mostram que a diversidade de leituras originada pela vastidão do *corpus lucianum* dependia fortemente do objectivo que motivava o acesso ao texto, ou seja, se resultava de um interesse pedagógico ou da valorização da sua dimensão satírica, e, em última instância, revela uma dificuldade de conciliar as várias faces de Luciano herdada dos comentadores bizantinos.

A presença de obras de Luciano em importantes centros de ensino, nomeadamente em Santa Cruz de Coimbra, na biblioteca de Frei Diogo de Murça ou na de D. Teodósio, confirma a utilização instrumental dos textos do sofista no estudo da língua grega, à semelhança do que ocorria por toda a Europa. A importância pedagógica da obra de Luciano terá motivado, além disso, a tradução latina de Jorge Coelho, sendo ainda sugerida pelos exemplares BNP Res. 5570 P. e BNP Res. 2592 A., cujos *marginalia* se revelam essenciais para compreender o acesso ao texto grego em Portugal.

Não obstante as transformações decorrentes da sistematização dos *studia*, a crescente influência da Companhia de Jesus não comportou qualquer mudança neste sentido, representando, pelo contrário, uma forma de continuidade que beneficiou dos métodos, instrumentos, comentários e edições humanísticas. Não só os inventários preservados indicam a existência de obras do autor grego nas livrarias da ordem como os *Catalogi Lectionum* confirmam a sua utilização escolar, de que a edição dos *Aliquot Opuscula Graeca ex variis autoribus collecta* é, aliás, um eloquente testemunho. A opção de incluir os *Dialogi Marini* na colectânea jesuítica é, portanto, reveladora da continuidade dada ao ensino do grego, que privilegiava os diálogos luciânicos devido ao seu carácter breve, acessível e edificante.

A leitura moralizante da obra do sofista, herdada do *Quattrocento* italiano e das primeiras traduções elaboradas no âmbito da escola de Manuel Crisoloras, também se verifica

---

<sup>1</sup> Cf. Carta de Jorge Coelho a Pietro Bembo (cit. e tradução ap. Terra, 1978: 1553-1554): [...] *ab his ultimi Occidentis oris quas Letaeus amnis perluit* [...].

nos autos de Gil Vicente. Porém, a influência dos *Dialogi Mortuorum* e da *Vitarum Auctio*, que, a par da composição de João Rodrigues de Sá de Meneses, revela a circulação de Luciano na corte manuelina, permite comprovar o impacto da liberdade de leitura dos autores clássicos numa época anterior ao estabelecimento da Inquisição, na medida em que a leitura vicentina significou a adaptação de motivos como a crítica da tirania e da riqueza à sociedade quinhentista, à semelhança de Giovanni Pontano, Leon Battista Alberti ou mesmo Erasmo.

Embora mais tardia, a *Comédia Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos evidencia a mesma concepção moralizante. A leitura de Luciano a partir da obra de Erasmo, mais concretamente do *Elogio da Loucura*, explica a reescrita de Momo nos moldes da Mória erasmiana e o consequente afastamento da matriz antiga. A obra de Vasconcelos é, na verdade, um valioso testemunho da importância que assumiram as traduções do humanista e os escritos de inspiração luciânica na transmissão do autor grego, como aliás defendeu Robinson<sup>2</sup>.

O peso das edições e versões latinas de Erasmo não se restringe, na verdade, à obra de Luciano. Além da obra pedagógica do humanista, amplamente usada nas escolas<sup>3</sup>, ou dos *Adagia* e dos *Apophthegmata*<sup>4</sup>, vários exemplares preservados nas bibliotecas portuguesas

---

<sup>2</sup> Robinson (1979: 121).

<sup>3</sup> Cf. Fouto (2012: 140-141).

<sup>4</sup> Cf. Osório, 1978, t. 1: 291: “Em 1532 João de Barros referia-se aos colóquios erasmianos como suficientemente divulgados e conhecidos para já não constituírem novidade alguma, o que testemunha a sua corrente leitura entre nós, num momento em que Erasmo não havia dado a última versão do seu *Opus Colloquiorum*.” O conhecimento da obra de Plutarco e Diógenes de Laércio revelado por Jorge Ferreira de Vasconcelos é, muito provavelmente, resultado da leitura destas obras (cf. Ramalho, 1994: 152, e Resende, 2018a). Além da circulação de livros importados, também houve publicações de obras de Erasmo neste período. Em 1549, Vaseu publicou um *Index rerum et uerborum* destinado, segundo Pina Martins (1973: 150-151), a facilitar o acesso aos *Adagia*; os *Erasmii Colloquia ad meliorem mentem reuocata* emendados por João Fernandes foram publicados em Coimbra, possivelmente entre 1545 e 1547 (sobre a questão da data da impressão, cf. Osório 1978, t. 1: 90-96) e, no Dicionário Latino-Português de 1570, Jerónimo Cardoso inclui adágios provenientes da obra de Erasmo (Teyssier 1992: 130-131). Como adverte Osório (1978, t. 1: 96), os *Colloquia* publicados em Coimbra “fazem parte mais da história da pedagogia do que da história da sensibilidade religiosa”, o que se revela concordante com as conclusões de Fouto (2012), para quem a influência de Erasmo em Portugal está mais relacionado com os escritos filológicos e pedagógicos do que com a vertente espiritual. Rallo Gruss (2003: 290) defende a mesma posição: “No se puede hablar de ‘erasmismo’ como se viene entendiendo. Erasmo continuó siendo autor leído y considerado como autoridad moderna (lo cual restringe su alcance), pero fue uno entre varios o entre muchos: leer y conocer las obras erasmianas no supone ser discípulo ni seguidor y partidario de Erasmo. Y desde luego el Erasmo que pervive es el filólogo y didacta de cuestiones retóricas y lingüísticas, de aplicación humanista, no el ideólogo religioso, cuyo alcance se restringe a unos pocos años.”

confirmam o uso de traduções e edições erasmianas como veículo de acesso aos *auctores*<sup>5</sup>. Este uso instrumental também se observa em alguns inventários e registos de livrarias particulares, nomeadamente na biblioteca de D. Catarina<sup>6</sup> ou na de D. Teotónio: a doação de livros ao Convento de Santa Maria de Scala Coeli, que o arcebispo fundou em 1598, permite identificar edições de Aristóteles<sup>7</sup>, Séneca<sup>8</sup> e Suetónio<sup>9</sup> que anteriormente compunham a sua livraria pessoal<sup>10</sup>. Também o *Diálogo da viciosa vergonha* de João de Barros revela uma forte influência da tradução de Plutarco que Erasmo publicou em Basileia em 1526<sup>11</sup>.

Se, por um lado, a relevância que assumem as suas edições e traduções é concordante com o prestígio de que o humanista gozou ao longo do século XVI, que não se desvaneceu mesmo depois da inclusão da sua obra no *Index*<sup>12</sup> – como de facto comprovam as espécies

---

<sup>5</sup> Das 335 obras que constam do catálogo *Erasmus na Biblioteca Nacional* (Martins e Lavoura, 1987), 183 correspondem a obras de autores clássicos ou patrísticos editados, traduzidos ou comentados por Erasmo. Claro que este número não pode ser tomado como exemplificativo da circulação de obras erasmianas em Portugal no século XVI sem estudos mais aprofundados, pois, como adverte Martins (1987:12), muitas das espécies foram adquiridas posteriormente.

<sup>6</sup> Em 1529, Rodrigo Sánchez, mestre dos moços da capela de D. Catarina, terá recebido, entre outros livros, alguns exemplares dos *Colóquios* de Erasmo (Matos, 1988: 516).

<sup>7</sup> *Aristotelous Hapanta. Aristotelis Summi semper philosophi, et in quem unum uim uniuersam contulisse naturarum uidetur, opera quaecunq[ue] hactenus extiterunt omnia ... / Per Des[iderium] Eras[mum] Roterodamum*; Basileae: per Io[annem] Beb[elium]. et Mich[aelem] Ising[rinum], 1550. Este exemplar encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, com a cota: S.A. 303 A.

<sup>8</sup> *Lucii Annei Senecae philosophi clarissimi Naturalium quaestionum ad Lucilium libri septem, a Matthaео Fortunato, Erasmo Roterodamo, & Lodoico Strebaeo diligentissime recogniti*; Parisiis: ex officina Michaelis Vascosani, 1540. Exemplar preservado na Biblioteca Nacional de Portugal: RES. 3390 V. Cf. Belmiro (1995: 859, item 58).

<sup>9</sup> *C. Suetonii Tranquilli XII Caesares Theod. Pulmanni Croneburgij opera & studio emendati. In eodem Annotationes... ex doctissimorum hominum scriptis ... Eiusdem C. Suetonij Tranquilli, De illustribus grammaticis, & claris rhetoribus, lib. II. Cum Achillis Statij Lusitani Commentatione. Ioan. Baptistae Egnatii, D. Erasmi Roterodami, & Henr. Loriti Glareanus in Suetonium Annotationes*. Antuerpiae: ex officina Christophori Plantini, 1574. Cota actual: BNP RES. 5435 P.

<sup>10</sup> Sobre a biblioteca de D. Teotónio, cf. Pereira (1995: 848-851) e Nascimento (2008: 358- 365).

<sup>11</sup> A análise de Ramalho (1988: 198-203) revela que esta terá sido, provavelmente, a edição utilizada pelo humanista português, que não teria conhecimentos de grego suficientes para ter acesso ao texto original. Cf. Osório (2001: 139-155).

<sup>12</sup> Na verdade, o *Index librorum prohibitorum* de 1581 revela-nos que, devido à inexistência da edição expurgada dos *Adagia*, foi temporariamente permitido o acesso a edições censuradas, uma garantia que evidencia a importância destas obras mesmo depois de Erasmo se ter tornado um autor defeso (Sá, 1977b: 314; 1979: 143-144; 1983: 393-394). Cf. Sá (1983: 607): “Quanto aas Chiliadas, e Adagios de Erasmo, atégora correrão emmendados polo sancto Officio, entre tanto que não vinhão os de Paulo Manutio: mas já se não podem ler, nem ter, por serem vindos os emmendados polo mesmo Manutio, como despoem o Catalogo Tridentino, e hum Motu proprio do sanctissimo Papa Gregorio XIII.”

censuradas preservadas na Biblioteca Nacional –, por outro, também determinou o surgimento de uma visão negativa de Luciano em Portugal.

Na verdade, ainda que a leitura de Erasmo privilegiasse a dimensão moral da obra de Luciano e a sua adaptação à crítica contemporânea, especialmente realçada pelo *Encomium Moriae* e pelos *Colloquia*, a crescente polémica em torno da ortodoxia do humanista promovia uma imagem anticlerical que a *Vita Luciani* comprovava.

A autocensura de Jorge Coelho, que, no processo de revisão do manuscrito, omitiu a interpretação satírica do *De Dea Syria* e a caracterização de Luciano como *summus ironiae artifex*, demonstra claramente o clima de suspeição que envolvia a obra do sofista, bastante mais visível, porém, na denúncia inquisitorial de que foi alvo Vicente Fabrício, acusado de ler, durante a missa, a obra de um “apostata & inimigo da ffee”.

Apesar da tensão associada à leitura de Luciano que estes testemunhos evidenciam, a continuidade do uso da obra do sofista no ensino – inclusivamente nos colégios da Companhia de Jesus – mostra que, à semelhança do que ocorria na Europa ao longo do século XVI, também em Portugal conviviam imagens contraditórias do mesmo autor. A superação desta dicotomia dependeu, em última instância, da delimitação do *corpus* aos textos edificantes do sofista, silenciando a dimensão satírica que alimentara os escritos de Giovanni Pontano, Gil Vicente ou Alfonso de Valdés.

# **ANEXOS**





## ANEXO I

Exemplares quinhentistas de obras de Luciano de Samósata  
preservadas na Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Pública Municipal do Porto,  
Biblioteca Geral de Coimbra e Biblioteca Pública de Évora

### I. Edições

1. Luciani Samosatensis Dialogi. [ed. Janus Lascaris]. Firenze: [Lorenzo d'Alopa], 1496

Nota ms. na folha de rosto: «Da livraria do collegio de São Hierº»

BPMP Inc. 144

2. Luciani Dialogi et alia multa opera quorum index est in proximis paginis. Imagines Philostrati. Eiusdem Heroica. Eiusdem uitae Sophistarum. Imagines Iunioris Philostrati. Descriptiones Callistrati. Venetiis: in aedibus Aldi et Andreae Saulani Soceri, 1522

Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra»

BNP RES 2592 A.

3. Luciani Samosatensis Icaromenippus aut Hypernepheus. Parisiis: ex officina Gerardi Morrhii Campensis apud collegium Sorbonae, 1530

Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra non prohibetur»

BNP RES 1090 P.

4. Λουκιανου Συμποσιον η Λαπιθαι. Lovanii: ex officina Rutgeri Rescii ac Ioannis Sturnii, 1530

Nota: este exemplar é referido no Catálogo da Biblioteca do Liceu Normal de D. João III, item 187

Encadernado com: *Sancti Laurentii presbiteri Nouarum* [...]. *Homiliae duae* [...]. Excusus ex Parisiis apud Michaellem Vascosanum, 1522 [Livreria De Sancta Cruz]; *Demosthenis Oratio* [...]. Parisiis, excudebat Christianus Wechelus, 1532; *M. T. Ciceronis oratio pro T. Annio Milone* [...], Parisiis, apud Fran. Gryphium, 1535; *Hermogenis Ars Rhetorica Absolutissima*. Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1530; *Libellus Rut*, *Libellus Lamentationum Libellus Hieremiae*, *Libellus De Numeris*, *Hebraica omnia*, Parrhisiis; Platonis Timaeus, siue

de natura dialogus. Parisiis, excudebat Wechelus, 1532 [Nota ms. na folha de rosto: «Livraria De Sancta Cruz»]; *Demosthenis Orationes Olynthiacae*; *Haggaeus Propheta*. Ex officina Francisci Griph. Braban. e regione Collegii Lombardorum; *De Dialectis Diuersis Declinationum Graecanicarum* [...]. Parisiis: ex officina Gerardi Morrhi Campensis, 1530; *Genesii Sepulvedae Cordubensis, pro Alberto Pio Principe Carpensi Antapologia in Erasmum Roterodamum*. Lutetiae, apud Antonium Augerellum, 1532.

UC Biblioteca Geral J.F.-Gabinete-1-2

5. Λουκιανου Σαμοσατεως Τραγοποδαγρα. Parisiis: ex officina Gerardi Morrhi Campensis, 1530

Encadernado com: D. Basilii Magni, Archiepiscopi [...] *Homilia in irascentes*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1532 [Nota ms. na folha de rosto: «Jorge [?]»]; *Ioannis Chrusostomi Homilia in dictum Apostoli modico uino utere*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra do mestre do greg[o] non prohibetur»]; *Demosthenis epistolae*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: «do mestre do grego»]; *Luciani Dialogi quinque*. Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1531; *Luciani Somnium siue Gallus*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra»].

UC Biblioteca Geral R-9-37

6. Luciani Dialogi quinque: Balneum, Bacchus, Hercules, Olores, Muscae encomium. Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1531

Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra»

Encadernado com: D. Basilii Magni, Archiepiscopi [...] *Homilia in irascentes*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1532 [Nota ms. na folha de rosto: «Jorge [?]»]; *Ioannis Chrusostomi Homilia in dictum Apostoli modico uino utere*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto «Coimbra do mestre do greg[o] non prohibetur»]; *Demosthenis epistolae*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: «do mestre do grego»]; *Λουκιανου Σαμοσατεως Τραγοποδαγρα*. [...]. Parisiis ex officina Gerardi Morrhi Campensis, 1530; *Luciani Somnium siue Gallus*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra»].

UC Biblioteca Geral R-9-37

7. Luciani Samosatensis Somnium, siue Gallus, inter reliquos eiusdem dialogos longe festiuissimus. Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1531

Encadernado com: *Luciani Libellus De non facile credendis delationibus*. Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1534; *Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi*. Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1535; *Luciani Samosatensis Marini Dialogi XV*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1535; *Luciani dialogi quinque*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1536; *Luciani Samosatensis Dialogi sex quos sequens pagella recenset*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1538 [Nota ms. na folha de rosto: «Do colegio de Angra»].

BNP 509//2 P.

8. Luciani Libellus De non facile credendis delationibus. Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1534

Encadernado com: *Luciani Samosatensis Somnium, siue Gallus, inter reliquos eiusdem dialogos longe festiuissimus*. Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1531; *Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi*. Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1535; *Luciani Samosatensis Marini Dialogi XV*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1535; *Luciani dialogi quinque*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1536; *Luciani Samosatensis Dialogi sex quos sequens pagella recenset*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1538 [Nota ms. na folha de rosto: «Do colegio de Angra»].

BNP 509//4 P.

9. Luciani Libellus De non facile credendis delationibus. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1534

Encadernado com: *Demosthenis epistolae*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: Antonio Jose Viale, 24 de Novembro de 1844]; *Epistolai Aeschinis*. Louanii ex officina Rutgeri Rescii, 1536; *Demosthenis et Aeschinis epistolae, Petro Nannio Alcmariano interprete*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1537; *Isocratis ad Demonicum oratio parenetica [...]*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535; *Isocratis Evagoras*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535; *Plutarchi Chaeronei De Tranquillitate et securitate animi*. Ex officina Rutgeri Rescii; *Plutarchi Libellus, quo pacto quis efficiat ut ex inimicis capiat utilitatem*. Ex officina Rutgeri Rescii, 1531; *Plutarchi Chaeronei de cohibenda iracundia dialogus*. Vaenundantur Louuanii a Bartholomaeo Grauiio; *D. Basilii Magni Archiepiscopi [...] Sermonis duo*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1533; *D. Basilii Magni, Archiepiscopi [...] Homilia in irascentes [...]*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1532; *Ioannis Chrysostomi Homilia [...]*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536; *Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535; *Luciani Dialogus De Parasito uel quod parasitica sit ars*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535.

UC Biblioteca Geral R-9-20

10. Luciani Libellus De non facile credendis delationibus. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1534

Encadernado com: *Ioanis Chrysostomi Homilia in dictum Apostoli, Modico uino ueter*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: «Da livr.<sup>a</sup> do Coll. do Evang.<sup>a</sup> de Coimbra»]; *Plutarchi Libellus quo pacto quis efficiat ut ex inimicis capiat utilitatem*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1531; *Basilii Magni Archiepiscopi Caesareen. Homilia in irascentes. Eiusdem homilia in dictum illud, Attende tibi ipsi*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1532; *Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535; *Epistolai Aeschinis*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536; *Demosthenis et Aeschinis epistolae, Petro Nannio Alcmariano interprete*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1537.

UC Bib. Geral (B. Joanina) 4A-14-23-11

**11** Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535

Encadernado com: *Ioanis Chrysostomi Homilia in dictum Apostoli, Modico uino ueter.* Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: «Da livr.<sup>a</sup> do Coll. do Evang.<sup>a</sup> de Coimbra»]; *Plutarchi Libellus quo pacto quis efficiat ut ex inimicis capiat utilitatem.* Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1531; *Basilii Magni Archiepiscopi Caesareen. Homilia in irascentes. Eiusdem homilia in dictum illud, Attende tibi ipsi.* Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1532; *Luciani Libellus De non facile credendis delationibus.* Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1534; *Epistolae Aeschinis.* Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536; *Demosthenis et Aeschinis epistolae, Petro Nannio Alcmariano interprete.* Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1537.

UC Bib. Geral (B. Joanina) 4A-14-23-11

**12.** Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi. Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1535

Encadernado com: *Luciani Samosatensis Somnium, siue Gallus, inter reliquos eiusdem dialogos longe festiuissimus.* Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1531; *Luciani Libellus De non facile credendis delationibus.* Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1534; *Luciani Samosatensis Marini Dialogi XV.* Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1535; *Luciani dialogi quinque.* Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1536; *Luciani Samosatensis Dialogi sex quos sequens pagella recenset.* Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1538 [Nota ms. na folha de rosto: «Do colegio de Angra»].

BNP 509//3 P.

**13.** Luciani Samosatensis Marini Dialogi XV. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1535

Encadernado com: *Luciani Samosatensis Somnium, siue Gallus, inter reliquos eiusdem dialogos longe festiuissimus.* Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1531; *Luciani Libellus De non facile credendis delationibus.* Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1534; *Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi.* Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1535; *Luciani dialogi quinque.* Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1536; *Luciani Samosatensis Dialogi sex quos sequens pagella recenset.* Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1538 [Nota ms. na folha de rosto: «Do colegio de Angra»].

BNP 509//5 P.

**14. Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535**

Encadernado com: *Demosthenis epistolae*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: Antonio Jose Viale, 24 de Novembro de 1844]; *Epistolai Aeschinis*. Louanii ex officina Rutgeri Rescii, 1536; *Demosthenis et Aeschinis epistolae*, Petro Nannio Alcmariano interprete. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1537; *Isocratis ad Demonium oratio parenetica* [...]. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535; *Isocratis Evagoras*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535; *Plutarchi Chaeronei De Tranquilidade et securitate animi*. Ex officina Rutgeri Rescii; *Plutarchi Libellus, quo pacto quis efficiat ut ex inimicis capiat utilitatem*. Ex officina Rutgeri Rescii, 1531; *Plutarchi Chaeronei de cohibenda iracundia dialogus*. Vaenundantur Louuanii a Bartholomaeo Graui; *D. Basilii Magni Archiepiscopi* [...] *Sermonis duo*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1533; *D. Basilii Magni, Archiepiscopi* [...] *Homilia in irascentes* [...]. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1532; *Ioannis Chrysostomi Homilia* [...]. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536; *Luciani Libellus De non facile credendis delationibus*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1534; *Luciani Dialogus De Parasito uel quod parasitica sit ars*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535.

UC Biblioteca Geral R-9-20

**15. Luciani Dialogus De Parasito uel quod parasitica sit ars. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535**

Encadernado com: *Demosthenis epistolae*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: Antonio Jose Viale, 24 de Novembro de 1844]; *Epistolai Aeschinis*. Louanii ex officina Rutgeri Rescii, 1536; *Demosthenis et Aeschinis epistolae*, Petro Nannio Alcmariano interprete. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1537; *Isocratis ad Demonium oratio parenetica* [...]. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535; *Isocratis Evagoras*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535; *Plutarchi Chaeronei De Tranquilidade et securitate animi*. Ex officina Rutgeri Rescii; *Plutarchi Libellus, quo pacto quis efficiat ut ex inimicis capiat utilitatem*. Ex officina Rutgeri Rescii, 1531; *Plutarchi Chaeronei de cohibenda iracundia dialogus*. Vaenundantur Louuanii a Bartholomaeo Graui; *D. Basilii Magni Archiepiscopi* [...] *Sermonis duo*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1533; *D. Basilii Magni, Archiepiscopi* [...] *Homilia in irascentes* [...]. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1532; *Ioannis Chrysostomi Homilia* [...]. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536; *Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1535; *Luciani Libellus De non facile credendis delationibus*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1534.

UC Biblioteca Geral R-9-20

**16. Luciani Somnium siue Gallus. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536**

Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra»

Encadernado com: D. Basilii Magni, Archiepiscopi [...] *Homilia in irascentes*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1532 [Nota ms. na folha de rosto: «Jorge [...]»]; *Ioannis Chrusostomi Homilia in dictum Apostoli modico uino utere*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra do mestre do greg[o] non prohibetur»]; *Demosthenis epistolae*. Louanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1536 [Nota ms. na folha de rosto: «do mestre do grego»]; *Luciani Dialogi quinque*. Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1531; *Λουκιανου Σαμοσατεως Τραγοποδαργα*. [...] Parisiis ex officina Gerardi Morrhi Campensis, 1530.

UC Biblioteca Geral R-9-37

**17. Luciani dialogi quinque. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1536**

Encadernado com: *Luciani Samosatensis Somnium, siue Gallus, inter reliquos eiusdem dialogos longe festiuissimus*. Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1531; *Luciani Libellus De non facile credendis delationibus*. Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1534; *Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi*. Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1535; *Luciani Samosatensis Marini Dialogi XV*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1535; *Luciani Samosatensis Dialogi sex quos sequens pagella recenset*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1538 [Nota ms. na folha de rosto: «Do colegio de Angra»].

BNP 509//6 P.

**18. Luciani Samosatensis Dialogi sex quos sequens pagella recenset. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1538**

Nota ms. na folha de rosto: «Do colegio de Angra»

Encadernado com: *Luciani Samosatensis Somnium, siue Gallus, inter reliquos eiusdem dialogos longe festiuissimus*. Parisiis: excudebat Christianus Wechelus, 1531; *Luciani Libellus De non facile credendis delationibus*. Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1534; *Luciani Charon siue contemplantes. Eiusdem alii diuersi dialogi*. Lovanii: ex Officina Rutgeri Rescii, 1535; *Luciani Samosatensis Marini Dialogi XV*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1535; *Luciani dialogi quinque*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1536.

BNP 509//1 P.

**19. Luciani Mortuorum Dialogi. Lovanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1539**

BNP RES. 5570 P.

20. Luciani Samosatensis Mortuorum Dialogi XXX. Parisiis: apud Christianum Wechelum, 1549

Nota ms. na folha de rosto: «non prohibetur tuto lege anno 157[?] mense septembri non prohibetur III»

Encadernado com: *Luciani Parasitus ubi artem esse parasiticam astruit*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1553; Loukianou nekrikoi dialogoi [Sem data ou local de edição. Nota ms. na folha de rosto: «da livraria [?] non prohibetur 1629»].

BNP 510// 1 P

21. Luciani Parasitus ubi artem esse parasiticam astruit. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1553.

Encadernado com: *Luciani Samosatensis Mortuorum Dialogi XXX*. Parisiis: apud Christianum Wechelum, 1549 [Nota ms. na folha de rosto: «non prohibetur tuto lege anno 157[?] mense septembri non *prohibetur* III»]; Loukianou nekrikoi dialogoi [Sem data ou local de edição. Nota ms. na folha de rosto: «da livraria [?] non prohibetur 1629»].

BNP 510//2 P.

22. Aliquot opuscula graeca ex uariis auctoribus collecta. Conimbricae: ex officina Antonii a Mariz Unisuersitatis Typograph., 1583.

BNP RES. 2742 P.

23. Loukianou nekrikoi dialogoi

Sem data ou local de edição.

Nota ms. na folha de rosto: «da livraria [?] non prohibetur 1629»

Encadernado com: *Luciani Samosatensis Mortuorum Dialogi XXX*. Parisiis: apud Christianum Wechelum, 1549 [Nota ms. na folha de rosto: «non prohibetur tuto lege anno 157[?] mense septembri non *prohibetur* III»]; *Luciani Parasitus ubi artem esse parasiticam astruit*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, 1553.

BNP 510//3 P.

24. Luciani Samosatensis Pars Secunda

Sem data ou local de edição.

BPE, séc. XVI 2497

## II. Edições e Traduções

1. Libanii Sophistae Graeci declamatiunculae aliquot eaedemque Latinae, per Des. Erasmum Rot. cum duabus orationibus Lysiae itidem uersis incerto interprete & aliis nonnullis. Basilea: ex aedibus Io. Frobenii, 1522

BNP RES. 3391 V.

2. Luciani Samosatensis Oratoris clarissimi, de ueris narrationibus commentarii duo festiuissimi, Latina interpretatione e regione adiecta, sed autoris incerti, qua tamen is qui citra magnum laborem et praeceptoris operam Graece discere uelit ad eius linguae cognitionem non parum iuuabitur. Nam quantum fieri potuit curauimus ut Graeca latinis respondeant, nempe pagina paginis. Basileae: in aedibus Valentini Curionis, 1524.

BPE, séc. XVI 1456

## III. Traduções

1. De Veris narrationibus / [trad. lat.] Lilius Castellanus. Bibliothecae historicae libri VI/ Diodorus Siculus; [trad. lat.] Poggius Bracciolinus. Venezia: Filippo Pinzi, 1493

Nota ms. na folha de rosto: «Da Livr.<sup>a</sup> de S. B. de X.<sup>as</sup>»

BNP INC. 864

2. Disceptatio super presidentia inter Alexandrum, Hanibalem et Scipionem. De greco in latinum translata. Minoe pro tribunali sedenti feliciter incipit. Sevilha [Petrus Brun. ca 1507]

BNP INC. 369

3. Luciani Erasmo interprete Dialogi et alia einuncta quorum quaedam recentius quaedam annos abhinc octo sunt versa, sed nuper recognita, ut indice ad finem apponendo declarabimus. Quaedam etiam a Thoma Moro latina facta et quaedam ab eodem concinnata. Venundantur in aedibus Ascensianis, 1514

Nota ms. na folha de rosto: «Hé de Antonio dos Stos».

BPE, séc. XVI 1479



4. Luciani Opuscula Erasmo Roterodamo interprete. Toxaris, siue de Amicitia. Alexander, qui et Pseudomantis. Gallus, siue Somnium. Timon seu Misanthropus. Tyrannicida, seu pro tyrannicida. Declamatio Erasmi contra tyrannicidam. De ijs qui mercede conducti degunt. Et quaedam eiusdem Luciani Thoma Moro interprete, Cynicus. Menippus, seu Necromantia. Philopseudes, seu incredulus. Tyrannicida: Declamatio Mori de eodem. Venetiis: in aedibus Aldi, et Andreae Soceri, 1516

Proveniência: Coleção Pina Martins

BNP RES. 5443 P.

5. Querela pacis undique gentium eiectae profligataeque. Avtore Erasmo Roterodamo. Cum quibusdam alijs, queru[m] catalogum proxima reperies pagella. Basileae: apud Io. Frobenium, 1517

Falta a obra de Erasmo. Contém: *Saturnalia*, *Cronosolon*, *id est*, *Saturnaliū legum lator*, *Epistolae Saturnales*, *De Luctu*, *Abdicatus*, *Icaromenippus*, *sive Hypernephelus*, *Toxaris sive Amicitia*, *Alexander seu Pseudomantis*, *Somnium siue Gallus*, *Timon siue Misanthropos*, *Tyrannicida*, *Erasmi Declamatio Lucianicae respondens*, *De iis qui mercede conducti in divitum familiis vivunt*, *Dialogi XVIII*, *Hercules Gallicus*, *Eunuchus seu Pamphilus*, *De Sacrificiis*, *Conuiuium seu Lapithae*, *De Astrologia* (Des. Erasmo interprete), *Cynicus*, *Menippus siue Necromantia*, *Philopseudes siue incredulus*, *Tyrannicida*, *Mori Declamatio Lucianicae respondens* (Thomas Moro interprete).

Nota ms. na folha de rosto: «Da Livraria do Mosteiro de S.<sup>ta</sup> Cruz. Dono dedit Petrus homo frade». Proveniência: Coleção Pina Martins

BNP RES 5438 P.

6. Querela pacis undique gentium eiectae profligataeque. Autore Erasmo Roterodamo. Cum quibusdam alijs, queru[m] catalogum proxima reperies pagella. Basileae: apud Io. Frobenium, 1517

Falta a obra de Erasmo. Contém: *Saturnalia*, *Cronosolon*, *id est*, *Saturnaliū legum lator*, *Epistolae Saturnales*, *De Luctu*, *Abdicatus*, *Icaromenippus*, *sive Hypernephelus*, *Toxaris sive Amicitia*, *Alexander seu Pseudomantis*, *Somnium siue Gallus*, *Timon siue Misanthropos*, *Tyrannicida*, *Erasmi Declamatio Lucianicae respondens*, *De iis qui mercede conducti in divitum familiis vivunt*, *Dialogi XVIII*, *Hercules Gallicus*, *Eunuchus seu Pamphilus*, *De Sacrificiis*, *Conuiuium seu Lapithae*, *De Astrologia* (Des. Erasmo interprete), *Cynicus*, *Menippus siue Necromantia*, *Philopseudes siue incredulus*, *Tyrannicida*, *Mori Declamatio Lucianicae respondens* (Thomas Moro interprete).

BNP RES 5439 P.

7. Opera Luciani philosophi luculentissimi. Luciani De veris narrationibus. Luciani Diogenes. Luciani de asino. Luciani Tersion. Luciani Philosophoru[m]vite. Luciani Hercules. Luciani Scipio. Luciani Virtus dea. Luciani Tyranus. Luciani In amorem. Luciani Schaphidium. Luciani Timon. Luciani Palinurus. Luciani De callumnia. Luciani Charon. Luciani Laus muscae. Lugduñ.: impressit Guilhelmus huyon, 1519  
BNP RES. 5555 P.
  
8. Luciani Opuscula Erasmo Roterodamo Interprete, Florentiae: per haeredes Philippi Iuntiae, 1519  
  
Nota: este exemplar é referido no Catálogo da Biblioteca do Liceu Normal de D. João III, item 186  
  
Encadernado com: *Hecuba & Iphigenia in Aulide Euripidis tragoediae in latinum tralatae Erasmo Roterodamo interprete*. Florentiae: per haeredes Philippi Iuntiae, 1518.  
  
UC Biblioteca Geral J.F.-46-6-8
  
9. Luciani Samosatensis Saturnalia, Cronosolon, id est, Saturnalium legum lator, Epistolae Saturnales, De luctu, Abdicatus, Icaromenippus seu Hypernephelus... Des. Erasmo Roterod. interprete. Aliquot item ex eodem commentarij, Thoma Moro interprete, quos in calce huius libri numeratos reperies. Basileae: apud Io. Frobenium, 1521  
  
Nota ms. na folha de rosto: «Da Livraria de Sam Vicente»  
  
BNP RES 2030//1 V.
  
10. Luciani Samosatensis Saturnalia, Cronosolon, id est, Saturnalium legum lator, Epistolae Saturnales, De luctu, Abdicatus, Icaromenippus seu Hypernephelus... Des[iderio] Erasmo Roterod[amo] interprete. Aliquot item ex eode[m] commentarij, Thoma Moro interprete, quos in calce huius libri numeratos reperies. Basileae: apud Io. Frobenium, 1521  
  
BNP RES. 1298 A.
  
11. Luciano Samosatensis Opuscula quaedam, Erasmo Rote. et Thomas Moro interpretib. Quorum elenchum sequens pagella complectitur. Lugduni: Seb. Gryphius Germ. excud., 1528  
  
Proveniência: Colecção Pina Martins  
  
BNP RES. 5444 P.

12. Palaephati De non credendis historiis, libellus utilissimus; Phornuti De natura deorum libellus, Jodoco Velareo interprete. Epitaphium Isabellae [...] Danorum reginae, Cornelio Sceppero autore. Luciani De astrologia oratio. Antuerpiae: Gregorio Bontio, 1528  
UC Bib. Geral (B. Joanina) 1-14-1-2
13. Luciani Samosatensis Dialogi Aliquot, D. Erasmo Rot. et Thoma Moro interpretibus Lugduni: apud Seb. Gryphium, 1535  
Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra 4ª classe; non prohibetur»  
BNP 502 P.
14. Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, e graeco sermone in latinum partim iam olim diuersis autoribus, partim nunc demum per Iacobum Micyllum quaecunque reliqua fuere translata. Francoforti: apud Christianum Egenophum, 1538  
BNP P. 91 A.
15. Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana Liber Vnus. Item nõnulla alia quae in fine uidebis. [Lisboa]: apud Ludouicum Rothorigium, 1540  
Contém: *Luciani De Dea Syria Liber unus Georgio Coelio Lusitano interprete*  
BNP RES 172 V.
16. Dialogi di Luciano. Venetia: per Giovanni de Farri & fratelli, 1541  
BNP P. 2880 P.
17. Luciani Samosatensis Dialogi Aliquot, D. Erasmo Rot. et Thoma Moro Interprete. Eiusdem Oratio, Calumniae non esse temere credendum et Encomnium Demosthenis ex Pilippi Melanchthonis uersione. Lugduni: apud Seb. Gryphium, 1541  
Nota ms. rasurada na folha de rosto: «[?] Amorim Medella»  
UC Bib. Geral (B. Joanina) 1-2-1-12

18. Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, a graeco sermone in Latinum conuersa, nunc postremum multo diligentius & melius quam ante ad Graecum exemplar correctae & emendatae. Parisiis: Michael Vascosanus, 1546
- Nota ms. na folha de rosto: «gaspar barreiros; Do Cub<sup>o</sup> do P,<sup>e</sup> M<sup>e</sup> da Prim,<sup>ra</sup>; non prohibetur tuto lege 1574 mense september iam enim correctae et emendatae sunt omnia. Primi gymnasii».
- BNP 1617 P.
19. Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia a graeco sermone in latinum conuersa nunc postremum multo diligentius et melius quam ante ad Graecum exemplar correctae et emendatae. Parisiis, ex Officina Michaelis Vascosani. 1546
- Nota ms. na folha de rosto: «De Estevão Fragozo Ribeyra; Ex Bibliotheca congregatinis oratorii Etremotii»
- BPE, séc. XVI 3971
20. Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, e graeco sermone in latinum, partim iam olim diuersis authoribus, partim nunc per Iacobum Micyllum, translata. Lugduni: Apud Ioannem Frellonium, 1549
- Nota ms. na folha de rosto: «Coimbra 6<sup>a</sup> Classe; Non Prohibetur»
- BNP P. 90 A.
21. De Articulari Morbo Commentarius Ad. S. D. N. Iulium III Pont. Max. Authore Andrea Lacuna Segobiensi, Medico Pontificio, cui accessit Tragopodagra Luciani, iuxta fidem exemplarium Graecorum per eundem Andream Lacunam in Latinam linguam conuersa. Romae: excusum apud Valeirum et Aloysium Doricos fratres Brixenses, 1551
- Encadernado com: *De Conservanda Valetudine; Methodus Cognoscendi extirpandique excrescentes in uesticae collo carunculas, Andrea Lacuna Segobiensi authore.*
- BPMP RES-XVI-a-253(2)
22. Artis historicae penus octodecim scriptorum tam veterum quàm recentiorum monumentis & inter eos Jo. praecipuè Bodini libris Methodi historicae sex instructa / Auctores sequens pagina indicabit. Basileae: ex Officina Petri Pernae, 1579
- Contém: *Lucianus De Scribenda Historia*
- UC Bib. Geral (B. Joanina) 1-24-7-88

**23.** Luciani De Dea Syria Liber Vnus Georgio Coelio Lusitano Interprete

BPE cód. 229.

**24.** Luciani Samosatensis Dialogi

UC Biblioteca Geral MS. 40 (fls. 56v-111v)

Contém: *Deorum Dialogi* (*Apollinis et Vulcani*: fl. 56v-57r; *Vulcanum et Iupiter*: fl. 57v-58r; *Jovis Aesculapii et Herculis*: fl. 58r-58v; *Martis et Mercurii*: fl. 59r-59v; *Jovis et Apollinis*: fl. 59v-60v) *Deorum Maritimorum Dialogi* (*Cyclopis et Neptuni*: fl. 61r-61v; *Menelai et Protei*: fl. 61v-62r; *Neptuni et Delphinum*: fl. 62v-63r; *Xanthi et Maris*: fl. 63r-63v); *Mortuorum Dialogi* (*Diogenis et Pollucis*: fl. 63v-64v; *Menippi Amphiloci et Trophonii*: fl. 64v-65r; *Mercurii et Charontis*: fl. 65r-65v; *Terpsionis et Plutonis*: fl. 65v-66v; *Zenophante et Callidamidae*: fl. 66v -67r; *Charontis et Mercurii*: fl. 67v-69v; *Cratetis et Diogenis*: fl. 69v-70v; *Alexandri Anibalis Minoris et Scipionis*: fl. 70v-72v; *Achillis at Antilochi*: fl. 72v-73r; *Diogenis et Herculis*: fl. 73r-74v; *Charontis et Menippi*: fl. 74v-75r; *Menippus seu Necyomantia*: fl. 75v-82v; *Charon siue speculantes*: fl. 82v-91v; *Piscatores seu Reviviscentes*: fl. 92r-109r; *Timon seu Misanthropus* (incompleto): fls. 110v-111v).



## ANEXO II

Transcrição do BNP Res. 5570 P (fls. 1v-3r)

Pollux	mando	tibi	[fl. 1v]
 ὦ Πολύδευκες, ἐντέλλομαί σοι,			
postea quam citissime subieris tuum			
ἐπειδὰν τάχιστα ἀνέλθῃς, σὸν			
enim est	reor	resurgere	cras si
γάρ ἐστι οἶμαι τὸ ἀναβιῶναι αὔριον, ἣν			
alibi uideris Menipum canem			
που ἴδης Μένιππον τὸν κύνא [...]			
 [...]			

tibi satis quae super terram  
εἴ σοι ἰκανῶς τὰ ὑπὲρ γῆς κα=  
risisti ueni huc multo magis  
ταγεγέλασαι, ἥκειν ἐνθάδε πολλῷ πλείω  
risurus ubi certe enim  
ἐπιγελασόμενον ἐκεῖ μὲν γὰρ ἐν ἁμφι=  
tibi adhuc risus multo magis quis  
βόλῳ σοὶ ἔτι ὁ γέλως ἦν, καὶ πολὺ τὸ τίς  
enim omnino noscit quae post uitam hic uero  
γὰρ ὅλως οἶδε τὰ μετὰ τὸν βίον; ἐνταῦθα

fortiter

non ces<s>abis        ~~ridens~~ ridens    sicut ego

[fl. 2r]

δὲ, οὐ παύσῃ βεβαίως γελῶν καθάπερ ἐγὼ

nunc et maxime pos<t>quam uideris    diuites

νῦν, καὶ μάλιστα ἐπειδὴν ὀρθῶς τοὺς πλου

et principes            et reges            sic

σίους καὶ σατράπας, καὶ τυράννους οὕτω

humiles    et    ignobiles ex solo    labore

ταπεινοὺς, καὶ ἀσήμους, ἐκ μόνης οἰμωγῆς

notos            et            mo<l>les    et

διαγινωσκομένους, καὶ ὅτι μαλθακοὶ καὶ

degeneres sunt memores    eorumque    sursum haec

ἀγενεῖς εἰσι, μεμνημένοι τῶν ἄνω. ταῦτα

dic    ei            et    praeterea ut impleat

λέγε αὐτῷ, καὶ προσέτι, ἐμπλησάμενον τὴν

peram uenire                                    et    alicubi

πήραν ἥκειν θέρμων τε πολλῶν καὶ εἴ που

inuenerit in <triuio>    <H>Ecates cibum    iacentem

εὔροι ἐν τῇ τριόδῳ Ἑκάντης δεῖπνον κείμε

uel ovum ex mundatione aut aliquid tale

νον, ἢ ὠδὸν ἐκ καθαρσίου, ἢ τι τοιοῦτον. Π.

sed    nunciabo    haec    o diogenes ut

ἀλλ' ἀπαγγελῶ ταῦτα ὧ Διόγενης, ὅπως

autem sciam optime qualis ille    est secundum uultum

δὲ εἰδῶ μάλιστα, ὅποῖός τις ἐστὶ τὴν ὄψιν;

senes    caluus            laceram uestem habens

Δ. γέρων, φαλακρός, τριβώνιον ἔχων πο



multip<li>citer foraminatam sursum uolantem quocunque uento

λύθυρον, ἅπαντι ἀνέμῳ ἀναπεπταμένον,

[?] [?]arum uestium

καὶ ταῖς ἐπιπτυχαῖς τῶν ῥακίων ποικίλον,

ridet autem

γελᾷ δ' αἰεὶ καὶ τὰ πολλὰ τοὺς ἀλαζό [...]

[...]

dic difficile

τι τοὺς φιλοσόφους. Π. λέγε, οὐ βαρὺ

enim hoc hoc quidem totum ces<s>are

[fl. 2v]

γὰρ οὐδὲ τοῦτο. Δ. τὸ μὲν ὅλον παύσασθαι

ipsis nuntia d<e>lirent et de uniuersis

αὐτοῖς παρεγγύα ληροῦσι, καὶ περὶ τῶν ὅλων ἐ

contendant et et

ρίζουσι, καὶ κέρατα φύουσιν ἀλλήλοις, καὶ

crocodillos faciunt

κροκοδείλους ποιοῦσι, καὶ τὰ τοιαῦτα ἄπορα [...]

[...]

et

[...] καὶ

haec o Diog. nuntiabo Diog.

ταῦτα ὃ Διόγενης, ἀπαγγελῶ. Δ. τοῖς

diuitibus autem o carissime Pollux

πλουσίοις δ', ὃ φίλτατον Πολυδεύκιον,

nuntia haec ex nobis quid o ua=

ἀπάγγελλε ταῦτα παρ' ἡμῶν: τί, ὦ μάται

ni aurum seruatis

οἱ τὸν χρυσὸν φυλάττετε· τί δὲ τιμωρεῖ=

ratiocinantes usuras

σθε ἑαυτοὺς λογιζόμενοι τοὺς τόκους,

et talentum super talenta imponentes

καὶ τάλαντα ἐπὶ ταλάντοις συντιθέν

quos oportet unum [?]um habentes uenire

τες, οὓς χρή ἓνα ὀβολὸν ἔχοντας ἥκειν

parum temporis Polux dicentur etiam haec

μετ' ὀλίγον; Π. εἰρήσεται καὶ ταῦ

ad illos sed etiam pul-

τα πρὸς ἐκείνους. Δ. ἀλλὰ καὶ τοῖς

chris et fortibus nuntia a Migilo

καλοῖς τε καὶ ἰσχυροῖς λέγε, Μεγίλλω τε

illi corintio et Damoxeno palistri-

τῷ κορινθίῳ καὶ Δαμοξένῳ τῷ παλαις

ta quod apud nos neque flaua coma ne-

τῇ, ὅτι παρ' ἡμῖν οὔτε ἡ ξανθὴ κόμη οὔ

que cerulei aut nigri oculi aut

[fl. 3r]

τε τὰ χαροπὰ ἢ μέλανα ὄμματα, ἢ ἐ=

rubor in facie amplius est aut

ρύθημα ἐπὶ τοῦ προσώπου ἔτι ἔστιν ἢ

nerui bene ualentia aut humeri fortes sed

νεῦρα εὖτονα, ἢ ὅμοι καρτεροί, ἀλλὰ

omnia unus nobis cinis dicunt caluaria

πάντα μία ἡμῖν κόνις, φασὶ, κρανία,

nudata pulchritudine non difficile

γυμνὰ τοῦ κάλλους. Π. οὐ χαλεπὸν

neque haec dicere ad pulchros sol. et

οὐδὲ ταῦτα εἰπεῖν πρὸς τοὺς καλοὺς καὶ

fortibus D. et pauperibus

ἰσχυροῦς. Διογέ. καὶ τοῖς πένη=

o Polux Lacede<monie> dic multi uero sunt et grauati

σιν, ὃ Λάκων, πολλοὶ δ' εἰσὶ, καὶ ἀχθό

negotiis et lugentes

μενοι τῷ πράγματι, καὶ οἰκτεῖρον=

paupertatem dic neque lacrimantur

τες τὴν ἀπορίαν, λέγε μήτε δακρύ=

neque lugeantur equalitatem honoris

εἰν μήτε οἰμώζειν, διηγησάμενος τὴν ἐν=

hic

ταῦθα ἰσοτιμίαν [...]

ΙΑ  
 ΙΚΟΙ  
 ΟΓΟΙ.  
 Πολύς  
 Πολυδένκους.  
 Διογένης.  
 Πολύς  
 πολυδένκους, ἐντέλλομαι σοι  
 ἔωσθαι τὰ χίσα ἀνέλθης, σὸν  
 γὰρ ὄσιν οἶμας τὸ ἀναβίωναι αὐρίον, ἢ  
 που ἴδης Μένιππον τὸν κῶνα, εὐροῖς δ'  
 ἂν αὐτὸν ἐν κορίνθῳ κατὰ τὸ κράνεον, ἢ  
 ἐν λυκείῳ, τῶν ἐριζόντων πρὸς ἀλλήλους  
 φιλοσόφων καταγελῶντα, εἰπὼν πρὸς  
 αὐτὸν, ὅτι σοὶ Μένιππε, κελεύει ὁ Διὸς  
 γένεσθαι, εἰ σοι ἱκανῶς τὰ ὑπερβύς καὶ  
 τασιέλασαι, ἢ καὶ ἐνθάδε πολλῶν πλείων  
 ὑπεγελάσθῃς. καὶ μὴ γὰρ ἐν ἀμφι-  
 βόλῳ σοι ἔστι ὃ γέλωσιν, εἰ πολὺ τὸ τίς  
 ὁ ὄψας οἶδε τὰ μετὰ τὸν βίον, ἐνταῦθα

25

Luciani Mortuorum Dialogi. Lovanii: ex officina Rutgeri Rescii, 1539, fl. 1v  
 BNP RES. 5570 P., fl. 1v

## ANEXO III

*Marginalia* do BNP Res. 2592 A

### Somnium siue Vita Luciani

**1:** 27 καθικέσθαι] ἐφάψασθαι τύψαι hesy. || 32 μώλωπας] uibices cicatrices || 40 ἑναυλος] insonans inhabitans || 45 ἀντιποιοῖτο] uendicaret, concertaret || 46 τύλων] callorum || τιτάνον] calce || 48 ἀναβολήν] nunc amictum pallium || **2:** 1 πάππος] auus

### Halcyon

**21:** 22 αἰγιαλῶν] littoribus || 29 περιπέτεσθαι] uolare || 31 γοώδη] lugubrem || 31-32 πηλίκον] quantum || 33 νεοττεῖα] nido || 40 ἀμβλυωποί] obtuse uidentes

### Dialogi Deorum

Veneris et Cupidinis dialogus

**31:** 18 ἀλλάττων] mutans || 19 βραδύνειν] morari || 24 ὀλολύζουσα] ululans

### Dialogi Marini

Tritonis, Amymones et Neptuni dialogus

**41:** 10 σκληραγωγεῖ] dure tractat ac illiberaliter educat || 11 ἀρυσομένας] hausturas || 14 ὅστε] ὥστε || 19 παρανήχου] adnata

## Neptuni et delphinnorum dialogus

**41:** 48 περιεῖδες] despexisti || 42: 1 χειρώσασθαι] captiuare, subiicere || 3 μετεπέμπετο] arcessebat || 5 πορθμείου] cymbae || 11 φιλοτιμίας] magnificentiae

## Neptuni et Nereidum

**42:** 19 ἔφη] ἔφην || 23 τηθίς] amita

## Abdicatus

**165:** 13 ἐκ προστάγματος] ex pr<a>escripto | ὅς] ὡς || 21 τοῖς] τῆς || 22 περιμένω] exspecto | πρῶην] πρῶην pridem || 32 δυσάγωγος] intractabilis eras. || 37 ἐπιτηδευμάτων] studiorum eras.] || 42 δικαστήριον σκυθρωπὸν] seueram censuram eras. || 52 ἀνήκεστον] insanabilis ἀνήκεστον νόσημα || **166:** 3 προπατόρων τῆς τέχνης] προπάτωρος τέχνης qui primus produxit artem || 6 ὑπόπτειον] suspectam habebant || 29 ἡμερωτέρα] placatior || 35 τὰρρώστημα] <a>egrotationem || 37 ἡττᾶσθαι] scilicet [?] || 50 οὐδ' ἐξ ἐρήμης] ἐξ ἐρήμης indefensa causa erasmo || **167:** 3 καταδίκας] καταθήκη condemnatio | αἰδίων] αἰδίων perpetuus || 23 ἀκυρώσαντι τὴν ὀργήν] ἀκυρώ<sup>ω</sup> abrogo irritum facio / damnarit eras. || 25 ἄκυρος] uanum priuilegium scilicet ἄκυρος προθεσμία || 29 διαιτᾶν] acquiescere iudicatum et nolle appellare || 34 παρητήσω] abdicasti || 50 ἔναγχος] nuper || 55 οὐδὲ τὸ τυχόν] id est nec uulgariter || **168:** 10-11 ὅπερ ἀγνωμονέστατον] ingratissimum eras. || 13 ἐπὶ contra || 15 ἀναστήσαντα] restituentem || 24 ἀφειμένος] οὐ / solutus || 25 προσελιπάρησα] adnissus sum / conatus sum || 27 φιλοστοργία] φιλοστοργία amor filiorum in parentes · pietate eras. || 28 ἐπισφαλεῖ] periculoso || 41 δυσάγωγοι] intractabiles || **169:** 6 μεταχειρίζεται] tractat || τῆς] τοῖς || 29 αἴτια] αἰτιᾶ || 30 ἀπόκοιτος] [?] domum | κώμους] comessationes | ἀσωτεία] ἀσωτεία luxus eras. || 31 πορνοβοσκὸς] leno || 37 ἀνεύθυνά] sine poena crimine carentia || 40-41 ἐφ' ἡμῖν ἐστὶν τοῖς παισὶν ὄντα τῶν τεχνῶν καὶ τῆς τούτων χρύσεως] in nostro arbitri sunt ut ea quae pertinent ad artes et [?] usum || 41 χρύσεως] χρήσεως || 42 γράφειν] γράφει || 46-47 προνομείαν] priuilegium || 50 διαρρήδην] palam || 54 ὑπάγειν] elicere || **170:** 1 ἀτελῆς] immunis | ὅπουγε] quando quidem | δημοσίᾳ] publicitus || 5 ἄγνωμον] insulsam absurdam

rem || 11 ἐφόδια] ἐφόδιον uiaticum ἄλλοτε ἀμορφῇ || 18 κεχειροτονηκότες] creantes  
constituentes· eligentes | καὶ μισθὸν] mercedis loco || 30 μὴ ἀπειρόκαλον] inelegantem || 32  
κράσεις] κράσεις temperaturae || 41 πυρὸν] triticum || 41-42 πεδινῇ] plano scilicet campo ||  
44 ἐν ὑπωρείᾳ] subjecta montibus eras. || 50 εὖτονα] neruosa

### Icaromenippus

**276:** 55 τετυφωμένον] arrogans || **277:** 1-2 ὑπερδιατείνεσθαι] ὑπερδιατείνομαι supra modum  
contendo || 3 μύδρον] μύδρον massam candefactam || 4 ἰμονία] ἰμονία funis qua aqua  
ex<h>aurit | τὴν ἰκμάδα] humorem aqua || 18 χηνῶν] per anseres || 19 ἀπελάσαντες]  
expellantes || 25 τῶν λειτουργῶν] ministeriis || 29 ὅπη] quo || 30 ἀνεπίληπτόν] irreprehensum  
ἀνεπίληπτον || 32 ἀμηχανῶν] perplexus h<a>esitans || 35 κανθάροις] κάνθαρος scarabeus ||  
36 πτεροφυῆσαι] πτεροφυῆσαι nancisci alas || 38 πεῖραν προχωρῆσαι] experientiam succedere  
|| 50 ἰλιγγιῶν ὑπὸ τοῦ βάθους] uertigine affectus · ob profunditatem || **278:** 7-8 κατακύψας]  
declinans id est frigans oculos || 10 ὑπερανεστηκότη] eminentia || 11-12 ὄψιν ἐς τὸ ἀτενὲς  
ἀπηρεισάμην] εἰς τὸ ἀτενὲς inten[?] oculis /// ἀπερείδω affix[?] / intenderem eras. || 18 μικροῦ  
δεῖν τὰς τῶν ἐμπίδων νεοττίας] μικροῦ δεῖν id est propemodum culicum nidos || 22 κατηφεῖ]  
sollicito || 23 ἀνθρακίας τις ἰδεῖν καὶ σποδοῦ πλέως καὶ κατωπτημένος] ἀνθρακίας  
carbonarios σπόδου cinere plenus et exustus || 25 οὔτος] ille || 30-31 καπνοδόχης] καπνοδόχη  
chamine || 31 ἐγχανῶν] hians || 34 τὴν ἀγλύν] ἀγλύν caliginem || 39 ἀσκαρδαμυκτὶ]  
inconniuentibus oculis || **279:** 9-10 ἐκ τοῦ Ἀσκληπείου] Asculapi fano || 10 χαμαιτυπείῳ]  
fornice || 12 ἡ θεά] spectaculum || 13 τυχοῦσαν τερπωλὴν] τυχοῦσαν τερπωλὴν id est  
uulgarem uoluptatem || 16 εἰλαπίναι] εἰλαπίναι conuiuia || 21 ἐνεπορεύετο] scortabatur || 23  
κυκεῶν] κυκεῶν potio ex multis herbis hic confusio || 25 ἴδιον περαίνοντος] absolvente  
perficiente || 35 πλέθρα] jugera || 38 μέγα φρονεῖν] μέγα φρονεῖν a[n]imos tollere super[?]re  
|| 43 κεγχριαῖον] milium / mica / minutulum || 46 εἰλουμένους] / s. [?]νεκα || 48 λέπος]  
tunicam || **280:** 7 κλοπιμαῖόν] furtium

## De Luctu

**308:** 30 κάρχαρος] asper s<a>euus || 41 συναλισθῶσι] collecti fuerint eras. || 45 στρεβλούμενοί] torti | γυπῶν] uulturibus || 46 ἀνακυλίοντες] sursum uoluentes || **309:** 1 ὀποῖων] ὀποῖον | διαχωρεῖ] ambulet || 2 ἔχειν] posse || 3 πορθμία καταβαλεῖν] πορθμίων καταβαλεῖν nulum reddere || 14-15 προκείσθω γάρ τις νέος καὶ καλός, ἵνα καὶ ἀκμαιότερον τὸ ἐπ' αὐτῷ δρᾶμα ᾦ] eras. nam finge hunc iuuenem aliquem ac formosum propositum esse · quo magis in hunc competat actio fabulae || 17 ὀνομάτων] uerborum || 20 κωμάση] commessaberis lasciuus || 23 παλλακίδας] concubinas || 28 αὐτοῦ] ἔνεκα || 35 ἐξ ἐπιπολῆς ἀμύσσω] ex superficie id est ex cute || 37 φαλακρὸς] caluus

## Saturnalia

### Sacerdos et Saturnus

**397:** 24 τό γε νῦν] κατὰ τό γε νῦν || 24-25 κεκαλλιέρηται] litatum est || 36 ἐκπρόθεσμος] qui non implet quod promisit || 39 κροτεῖν ὑποτρέμοντα] plaudere tremulis membris || **398:** 4 ἀστραγάλῳ] talo || 10 δεδιζομένου] δεδίττομαι terreo || 31 εἵκασαν] [?]gerunt || 34 τὰ πολλὰ] pleramque uitam eras. || 34-35 χρηματίζοντα] operam dante uota facientibus || 35 ἐνοχλούμενον] ἐνοχλούμενον turbatum · molestia affectum || 40 ἀνήροτα] inarata || 43 ἀπανταχοῦ] undique || **399:** 7 κρύους] gelu

### Cronosolon

**399:** 29 ἄρτην] falcem || 30 φαιδρός] hilaris || 31 καὶ ταῦτα προειρησθαι ὑμῖν ἄξια] id est et inter alia haec digna sunt uobis prodici | σκυθρωπόν] m<o>estum || 34 ἐπεφράγμην] aduersus ipsa non eram munitus || 40 συχνοί] multi frequentes || 43 ἐπανορθώσομαι] corrigam || 45 ἦ δ' ] ἔφη || 48 εὐνουχίζων] castrans βᾶκηλος || 49 αὐλοῖς] tibiis | τυμπάνοις] scabeli || 51 ἦ ὅσα] ἦ μὴ ὅσα || 52 πεμματουργοῖ] bellariorum artifices || **400:** 1 ἀγανακτεῖν] indignari || 2 λογισμοὺς] rationes || 5 γραφόντων] ἡγουν γραφέτωσαν || 6 τῆς οὔσης] τῇν οὔσῃν || 8 καθάρσιον] καθάρσια sacra et porcelli quibus athenis conciones et theatra lustrabantur || 18



ἀπαχθὲς] graue || 21 πέρυσιν] πέρυσι anno praeterito nuper | ἀποδημῶν perigrinans || 24 μεμψιμοιρία] μεμψίμοιρος querulus qui putat se deteriore partem accepisse || 37 ἐς προνομὴν] [?] ei distribuatur || 38 τοῦ κρείττονος] ἐκ τοῦ κρείττονος || 41 γνάθος] maxilla || 43 φιλοτησίαν] φιλοτησίαν inuitatio ad potandum / pota[?]tio || 50 ἐν μεσαιτάτῳ τῆς αὐλῆς] ἐν μεσαιτάτῃ τῆς αὐλῆς in aulae meditullio

## Epistolae Saturnales

**401:** 7 Κρονίων ἐνεστώτων] saturnalibus instantibus || 14 προβαίνει] promoueat || 15 χορηγούσης] suppeditante expensas prebenti || 21 μόλιβδος] plumbum uideamur || 23 ἀμηχανία] desperatio sum<m>a rerum indigentia || 27 συνοικίας] familias || 29 ἐφ' ἀλουργίδων] in uestibus purpureis || 30 ἐρυγάνοντα] ructantem || 32 κάρδαμον ἢ θύμον ἢ κρόμμυον] nasturcium / porrum, cepas, || 33 ἀλλάττειν] scilicet necesse est || 33-34 τὸ ὕστατον] id est quod postremum est || 35 χοϊνικά] semodium || 37-38 κοιτίσι] cubilibus || 40 ἐπίσης] ἐπίσης id est <a>equaliter || 43 λοπάδα] patinam || 48 ἢ ποῦ γὰρ γεγράφθαι τοῦτον τὸν νόμον] ἢ ποῦ eras., alioqui ubinam etc. || 48-49 τὸν μὲν ἀνθοσμίου] ἀνθοσμίας odoratum uinum || 49 γλεύκους] musto || 50 μετακοσμήσης] nouaris || 53 ζωμὸν κνισῶσαι] ius adurare | τὸ τάριχος] τάριχος τῶν ἰχθύων muriam piscium || 54 ἀλλᾶντα] exta eras. || **402:** 1 ὅν] suem || 2 δελφάκια] δελφάκιον catulus suis porcellus || 8 κοσκινηδὸν] instar cribri | διατερυπῆσθαι] τρυπᾶω perforo | σαγήνης θυννευτικῆς] a casse uenatorio || 10 φαλακροῦς] caluos || 11 σφηνοπώγωνες] σφηνοπώγωνες cuneatas habentes barbas σφὴν p[?]us || 12 κροτάφοις] temporibus | τὸ μεταξύ δὲ] id est intermedio ~~eetera~~ reliqui capitis parte | λεῖον] planum politum || 17-18 ἀναδασμὸν] partitionem de integro || 28 τὸ δὲ ὅλον] τὸ δε ὅλον id est in sum<m>a || 33 ἐπαγρυπνεῖν] uigilare | βλακεύσας] βλακεύω torpeo || 35 τὸ πολλοστὸν] unus ex multis quasi multessimus / quota pars eras. || 36 ἠπίστασθε] sciretis || 37 ἐπείτοι] alioqui || 37-38 κορυβαντιάσαι] insanire || 39 καὶ ἀνέχεσθαι] substinere || 41 ἐποτνιῶ] obtestans deos dicebas ποτνιάω || 41-42 ἐμφορουμένους] satiatus impletus || 47 συναναφυρέντες] commisti | φθόην] tabem || 48 περιπνευμονίαν] tussim | ὕδερρον] ὕδερρον morbus intercutis / φθόη / περιπνευμονία || 49 νεκρῶδες] cadauerosum || **403:** 1 καίτοι οὐδ' αὐτοῖς ἐκείνοις ἔτι ἐστὶν αὐτὸ καθ' ἡμέραν καὶ πέρα τοῦ κόρου ἐσθίειν τούτων] eras. quanquam nec ipsis illis <a>equae dulce est, quotidie supraque satietatem istis vesci || 9 παραπτόμενοι] pertractantes || 18 ἔναγχος] nuper || 21 πλέον] scilicet decere || 37 βεβύσθαι] obturatas habere aures || 41

ισοδιαίτης] <a>equus partitor || **404:** 4 φιλοφροσύναις] affabilitatibus || 7 ἐπεὶ] nam | μύοντες] μύοντες, occultantes || 8 ἀλουργεῖς ἐσθῆτας] ἀλουργεῖς ἐσθῆτας || 11 ἀποτρόπαια] ἀποτρόπαια || 13 σαπέρδην] σαπέρδης piscis saperda ponticum orpsonium || 18 τελέσματος] uectigali τέλεσμα || 25 ἀπολογησόμεθα] [?]debimus || 26 ὥς quam || 27 ἐπικουρεῖν] opitulari || 37 εἴτα κατεμέσαντες] ἐμέω uomito || 39 καταψεύδεσθαι αὐτῶν] κατὰ αὐτῶν || 40 τὸν Ιξίονα] Ιξίων

## Symposium

**405:** 15-16 παρέργως] negligenter || 17 νήφοντες] sobrii exist\entes || 18 ἐπαρώνησάν] παροινέομαι deba<c>chor || 22-23 ἀτέλεστον] non initiatum, afflatum numine || 26 πολλήν τὴν ἐωλοκρασίαν] pridianam tumultentiam / hesterna repletionis grauedo || 28-29 θρύπτῃ] nug<a>s agis || 30 εἰ ἀπορήσειας] si carueris || 31 ἀνδριάντα] ἀνδριάς statua uiri || 46 ὁ λαβύρινθος ἐπὶ κλῆν] λαβύρινθος ἐπὶ κλῆν || 47 τὸν στωμύλον] στωμύλος lepidus multiloquus || 48 κοπίδα] κοπίδα falcem mu[?]onem || 49 ὑπεβλέποντο] ὑποβλέποντο humis aspiciabant ac torue || 50 ἐναγῇ] se<e>lestum execrabilem | μησαττόμενοι] μησαττόμενοι || **406:** 2 θεοῦ ἐπιδημία τὸ πρᾶγμα ἦν] ἐπιδημία scilicet ὥς aduentus praesentia || 6 τὸ ἀντίθυρον] εἰς τὸ ἀντίθυρον ex aduerso januae e regione januae || 7 ἐνεδοιάζετο] ἐνδιάζω dubito || ἀνάκοιν] ἀνάκοιν · τοῖν διοςκόροιν hesychius || 12 ὕπεξίσασθαι] cedere uia || 13 ἦδ' ὅς] ἦδη ὅς loquendi modus in dialogis latinis inquit aiebat usurpant || 23 χυμοὺς] condimenta, saporos | πέμματα] bellaria | καρυκείας] cibus cum aromatibus conditis / jucundas comestiones | χυμὸς πέμματα καρυκεία || 28 ἐκ περιωπῆς ἐωρακῶς] ἐκ περιωπῆς ἐωρακῶς [?] modum dicendi id est limis oculis uidens περιωπῇ atque specula est || 29 ἐπιχαριεντισάμενος] jocat[?] lepida [?] || 32 εὖστοχα] εὖστοχα perite jaculata | ὑποτονθορύζοντες] sub[?]rantes || 37 σκίμποδος] scabellum | ὕπτιοι] supini || 40 ἐπ' ἀγκῶνος] ἀγκῶν cubitus || 47 ζωρότερον] meraci<ssim>us || 51 Φόλω] Φόλος ὄνομα τόπου, Suidas || **407:** 6 ἡρυθρίασαν] ἐρυθιάω rubore suffundor erubesco || 11 ἐξώρων] natu grandiose et quam ut amari sunt idoneos | ὀρεωκόμον] multi habentam comam ὀρεώκομος, ὀρεῦς ἵπποκομος || 13 παροινίαν] παροινίαν debacchationem temulentiam || 16 ἀρχηγέτου duc[?] || 21 παράφορον βλέπων] παράφορον βλέπων no quasi limis aspiciet et distort[?] || 23 ἡμερώτερος] mansuetior || 24 ἐξυρημένος] rasmus caput ξυρέω

|| 25 κατακλῶν] *distorquens* || 50 σκῦτος] *corjum* || 51 προκαλέσασθαι προ, scilicet r[?]iis | ἐπὶ ῥητῷ ἀριθμῷ] *ordinato certo* || 53 φωταγωγοῦ] *fenestram* || 53-54 ὑπαιθρον] *ὑπαιθρον* *locus subdiuo lusi patin[?]* || **408**: 1 καὶ ἀμυχάς] *tubercula li<u>entia* || 2 παραβύσας] *reclinans* || 4 οἰκέτης] *scilicet seruus* || 10-11 ὁσημέραι] *quotidie* || 20 καταληπτικὴν φαντασίαν ἔχεις] *id est opinionem cum asseueratione et fiducia* || 24 κερατίναν ἢ σωρείτην] *κερατίνα syllogismi genus σωρείτη syllogismus [?] acerualis* || 28 ἀνακείῳ] *ἀνάκειον templum castoris et pollucis* || 34 ἀντιπόρθμοις] *πορθμός fretum quod facile trafi[?]i pot[?]* || 54 ἐπαληθεύοντας] *agnoscentes* || **409**: 5 τὸ ἐνδόσιμον] *ansam* | παρασχούσης] *παρασχούσης* || 11 ὡς τάχιστα τῶν ἀπαρχῶν] *primitarum / ἀπαρχαὶ primi fructus qui diis consecrantur* || 12 ἀπομαρανθείς] *tabefactus* || 15 τοῦ γόητος] *γόης uersutus subdolus* || 20 μαστροπὸς] *leno* || 21 τοῦφόδιον παρακαταθήκας] *uiaticum ad depositum* || 26 ὑπεξέυετο] *radabatur* || 29 κόρρης] *maxillam al[?] caput cum collo* || 31 ὑπὸ διατειχίσματι αὐτῷ] *cum diuisione* || 39 ἀναφέρειν] *conferre* || 41 ἀσχημονοῦντες] *turpiter gerentes [?] et indecore agentes* || 42 σχημάτων] *id est saltandi artibus* || 44 ἐνούρει] *mingebat* || **410**: 7-8 οὔμενον] *οὐδαμῶς hesy.* || 10 ἀμέλει] *ἀμέλει ἀπλῶς hesy. dic tu ut denique [?]rte* || 12 τῆς ἀηδίας] *molestiae tristitiae* || 15 ἐκ ταγήνου] *sartagane* | σησαμοῦντες] *σησαμοῦντες placente ex s<e>samo et melle* || 15-16 ἐντραγεῖν] *ψωμίσαι ψωμισασθαι hesy. τραγεῖν φαγεῖν suidas* || 33 ἐνδυκέως φιλοφρόνως ἐπιμελῶς hesy. || 42 ἀνθέλκοντες] *ἀντεπισπῶντες hesy.<sup>1</sup>* || 43-45 οἱ δὲ ἀμφὶ τὸν Ἑρμῶνα, καὶ Ζηνόθεμιν, ἅμα κατέκειντο, ὥσπερ εἴρηται. ὁ μὲν ὑπεράνω, ὁ Ζηνόθεμις · ὁ δ' ὑπ' αὐτόν · παρέκοιτο δ' αὐτοῖς τὰ μὲν ἄλλα πάντα, ἴσα] οἱ δὲ ἀμφὶ τὸν ἔρμωνα · [?] *loquendi modus, pro οἱ δε ὁ ἔρμων κ<a>ὶ ζηνόθεμις ἅμα κατέκειντο sic et hesiodus / καινέατε ἀμφὶ ἄνακτα · δρύαντα τε, περί θοόντε, [?]πλέατε ἐξάδιον τε, φάλκρόντε προλόχόντε etc. [?] segui[?] in [?]nto ἀργέυραιο χρύσεια · περὶ χροὶ τεύχεα ἔχοντες* || 46 τυχὸν] *τυχὸν ὡς φθάσει ὡς λάχοι hesy.* || 48 ὁμοῦ γάρ ἐσμεν] *ὁμοῦ ἐσμεν σχεδὸν ἐγγὺς ἐσμεν hesy.<sup>2</sup>* || 48-49 φημι] *puto* || 50 πλεονεκτεῖν] *plus possidere· superiora habere* || **411**: 5 σιαγόνα] *maxillam* || 8 προσφὺς] *adh<a>erens* | ἀπέτραγεν] *for[?]e momordis et abs[?]cindis nam τραγεῖν φαγεῖν suidas interpretat* || 25 κηδεμονικῶς] *[?]iose salutariter* || 31 ἀκεσαμένου] *[?]edente*

<sup>1</sup> Cf. Hsch, *ad loc.*: ἀνθέλκει · ἀντεπισπα

<sup>2</sup> Cf. Hsch, *ad loc.*: ὁμοῦ'στιν· σχεδὸν ἐγγὺς ἐστί.

## De Syria dea

**412:** 1 ξόανα] ξόανα ἀγάλματα εἶδωλα ξώδια κυρίως δὲ τα ἐκ ξύλων ἐξεσμένα ἢ λίθων hesy. || 37 τρηχέες] τράχες asperi || **414:** 40 χρεῖω] χρεα χρεία hesy. || 42 λιπαρέων] obsecrans || 51 ἐς ἀγγήιον] ἀγγεῖον uas || 52 θυώμασι] odoramentis | σφρηγίδι] σφραγίς baltheus || **415:** 10 ἐτρύχετο] uexabat || 21-22 παραμυθίην] consolationem || 28 πείρην] dolum || 29 κνωσσίης] gnosis cretensis || 35 ἀκολασίην] intemperantiam proteruitatem || 49 ἀεικέλιον] indecens || **416:** 17-18 διειργάσατο] διειργάσατο ἐφόνευσε || 23 ἱδρυται] paratum edificatum est || 42 ἰζάνει] sedet || 47 ἀεικέα] ἀεικῆς insu[?]tabilis indecens || 54 ὀροφῇ] tectum fastigium || **417:** 8 εἵεται] κάθηνται || 14 ἄτρακτον] fusum || 15 κεστὸν] κεστὸν ἵμαντα ποικίλον ἵμαντα ἢ χιτῶνα ποικίλον hesy.<sup>3</sup> || 19 λυχνὶς καλέεται] λυχνὶς λίθος ἐστὶ ὁ μέγα λάμπει ἐν [?] νυκτὶ || 34 ὦν] οὖν || 50 ἐς τὸ πρόσω] in ante; in ulterius || 53 ἀποδημέειν] perigrinari || **418:** 17 ἄφετοι] ἄφετος dimissus. .i. deo sacer || 23 τάρῃ] τάρρα ornamentum capite || 26-27 κατάρχωνται] sacrificent hostia feriant || 36 νηχόμενοι] natantes || 44 σεσαγμένον] impletus

## Demosthenis Encomium

**420:** 7 ἀπάρξασθαι] ἀπάρχεσθαι μεταδιδόναι hesy. dicare inter || 8 τροφεῖα] τροφεῖον mers education<is> || 10 προσειπεῖν τουτονὶ] scilicet homerum || 11-12 προσερῶν] salutare [?] salutaturibus ἔρω || 13 ἐνοχλεῖν] obs[?] per[?] et molestum esse || 15 ἔρμαιον] refugium · puto · interpretandum [?] at[?] interpres || 20 δόλιχον] δόλιχος spacium continens i<n> stadia || 22 βαλβίδος] βαλβὶς carceres / τέρμα meta

---

<sup>3</sup> Cf. Hsch, *ad loc.*: τὸν ποικίλον ἵμαντα. ἢ χιτῶνα ποικίλον. ἢ τὸν τῆς Ἀφροδίτης ἵμαντα. καὶ ὁ διακεκεντημένος χιτῶν.

## Deorum Concilium

**427:** 26 θιασώτας] socios conuiuas || 36 φατρίαν] φατρία σύνταγμα συστημα · hesy || **428:** 4 suppositum || 5-6 παρανομημάτων] iniquitatum || 9 ἡ ὄρμος ἢ ψέλιον ἢ ἐλλόβιον ἡμῖν γένῃ] ὄρμος monile ψέλλιον armilla · freni qui sub labrum juxta est ἐλλόβιον in auris ornamentum aurium || 21 μονονουχὶ fere || 24 κάνδυν] κάνδυσ indumentum persicum || 40 ἀνδριάς] ἀνδριάς statua || 45 ἡ ποῦ γάρ ἐστιν ἡ πολυθρύλλητος] diuulgatae fama || 46 ἀνυπόστατα] intolerabilia || 47 αὐτοσχέδια] αὐτοσχέδια [?]dia fur[?] || **429:** 1 συρίττοντας] ex<s>ibilantes || 11 ξυγκλύδων] confusorum || 13 αὐθαδείας] [?] contumacia procacitate || 16 ἐπιγνώμονας] ἐπιγνώμων || 30-31 ἐρήμην αὐτοῦ καταδικοιτησάντων] condemnent / αὐτοῦ [?] ἐρήμην καταδικοιτησάντων id est indicta causa et propter contumaciam condemnent

## Dialogi Deorum

**429:** 40 πρόσγειος ἐνεχθείς] contiguus humilis addictus || 46 οἴχεται πάντα] pereunt || **430:** 4 ἀχανές] immensam, uastam, [?] <h>ians || 7 ἄντυγος] ἄντυξ summa curuatura rotarum || 9 διάδοχον] διάδοχος || 11 αἴγειροι [?] ἄγειρος populus nigra || 12 ὁ ῥυμὸς ρυμὸς temo currus || 13 ἄτερος] ὁ ἕτερος || 31 μαιεύεται] μαιεύομαι obstetricor

## Cynicus

**430:** 38 ἀλήτην uagam || 40 ἀλλαχοῦ] alibi || 40-41 ἄσῃ] sordes || 43 ἀνθηρόν] florendum ex[?] || 49 ἐφήμερον τροφήν] ἐφήμερος τροφή || **431:** 2 σκέτης] tegminis protectionis || 15 λυμαίνονται] corru<m>punt || 23 ἀκλήρου] ἄκληρος || 31-32 φιλανθρώπως] humane · [?] qui homines amat || 45-46 ἀκρασίαν] incontinentiam intemperantiam || 48 ἐμπορευόμενοι] mercantes negociantes || 49 δυσπόριστα] difficilia in[?]tu; seu [?] δυσπόριστα || 52 πολύευκτον χρυσόν] τὸν πολύευκτον χρυσόν || **432** χάριν [?] || 10 τῶν ἀφροδισίων] ἀφροδίσιον res uenerea || κατὰ || 18 οἶδε] κρεῶν / οἱ δε || || 25 εὐτελεστάτοις] frugalissimis uillissimis || 29 παῖδες τῶν τελείων] παῖδες τῶν τελείων δεονται || 41 ὑμῶν] ἡμῶν || 42

ὑγρότητα] [?] || 42-43 λειότητα] λειότητα leuitatem politiam [?] || 48 extenuantes, [?]   
 potr[?]tes et leui[?] singulas corporis [?] ac nec secretiorum ullam ut instituit [?] || 52 κόσμον]   
 mundum || 55 τὴν ἐπιθυμίαν τοῦ πλείονος] ἐπιθυμία τοῦ πλείονος πηγὴ ἐστὶ πάντων κακῶν   
 || **433:** 7 ἀναιδέστατον] prudentissimus || 9 τρίβωνα] τρίβων ter[?] pallium || 10-11   
 χιτωνίσκον] [?] χιτώνισκον camisa || 11 ἀμφιάσμασιν] ἀμφίασμα lacerna / interpretes || 12   
 κτηνῶν] [?]mentis || 17 δυσάρεστοι] δυσάρεστος morosus | μεμψίμοιροι] μεμψίμοιρος   
 querulus || 18 μετατίθεσθαι] [?]ducere || 21 τοιγαροῦν] quamobrem | χειμάρρου] torrente ||   
 26 ἀπλῶς] sigillarium [?] ἀπλῶς [?] nullo mem[?] facto || 27 κατὰ μέρος] ambitionis || 35   
 κομψότατοι καὶ ἐπιεικέστατοι] scitissimi et modestissimi || 38 τύφον] τύφος superbia elatio   
 fastus

### Soloecista

**434:** 6 φωράσαι] deprehendere || 7 παντάπασί] παντάπασί omnino || 12 ὄφελον] utinam

**ANEXO IV**

**JORGE COELHO**

**DE DEA SYRIA**

**EDIÇÃO CRÍTICA E TRADUÇÃO**





## CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Para a edição do texto latino, foi utilizado o exemplar *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana Liber Vnus*, preservado na Biblioteca Nacional com a cota RES 172 V<sup>1</sup>. Como não foi possível, até agora, determinar que edição do *De Dea Syria* foi utilizada por Jorge Coelho para elaborar a sua tradução, o texto grego apresentado corresponde ao da primeira edição aldina, publicada em 1503<sup>2</sup>.

No aparato crítico, foram registadas as lições do manuscrito BPE cod. 229, que contém variantes cuja análise se afigura significativa para compreender a evolução do texto latino. No entanto, no caso da Epístola de Jorge Coelho a Lourenço de Cáceres, as diferenças existentes são demasiado extensas para colocar em aparato e exigiam uma tradução autónoma, razão pela qual a versão manuscrita foi colocada depois do texto impresso em 1540. Quanto à Epístola a D. Henrique, que Coelho optou por retirar da versão impressa, foi incluída nesta edição devido à sua importância para o estudo da evolução da tradução de Coelho.

Na transcrição do texto latino, adoptámos um critério conservador, intervindo apenas onde estritamente necessário, de forma a respeitar o *usus scribendi* do autor, de acordo com a metologia proposta por Maestre Maestre<sup>3</sup>. A intervenção limitou-se à actualização da pontuação, sobretudo à supressão de pontuação supérflua, à uniformização das letras maiúsculas e minúsculas, nomeadamente em títulos protocolares. As enclíticas, que na edição latina aparecem separadas, foram unificadas.

---

<sup>1</sup> Também foram analisados os exemplares BOD Vet. G1 e. 19, preservado na Biblioteca Bodleiana de Oxford, e o BH DER 710(1) da Universidad Complutense de Madrid, mas, além da inexistência de uma errata no exemplar oxoniano, não se encontraram variantes significativas.

<sup>2</sup> *Tade Enestin En Tōde Tōi Bibliō. Loukianou ... = : Que hoc Volymine Continentur Luciani opera [...]. Venetiis : in ædib. Aldi, 1503*, preservado na Zentralbibliothek Zürich, V F 20 | G.

<sup>3</sup> Maestre Maestre (1997: 1088).



## SIGLA

<i>O</i>	Biblioteca Nacional de Portugal RES. 172V L
<i>err.</i>	“Errata” de O
<i>E</i>	Biblioteca Pública de Évora Cod. 229

## <PREFÁCIO>

Prefácio de Jorge Coelho Lusitano à versão latina do pequeno livro de Luciano  
*De Dea Syria*, dedicada ao Infante D. Henrique, Príncipe Ilustríssimo,  
Arcebispo eleito de Braga e Primaz das Hispânicas.

Eis para ti, Henrique, digníssima prole dos reis 1  
da Hespéria, Luciano em língua latina.  
Aqui verás os antigos templos da Ásia e os mistérios imaginados  
que o povo de Biblo cultivou com um culto admirável,  
quando, abandonadas a cidade e as casas, 5  
pelos campos lamentava Adónis, amado por Vénus em demasia.  
Verás ainda os cultos que, segundo contam, Ápis, o Egípcio, levou  
do assombroso rio Nilo para as terras tórias.  
Aparecer-te-ão, em seguida, os ritos sagrados da Deusa Síria,  
os delirantes furores e os templos em Canopo que por ela rivalizam. 10  
Compreenderás por que razão foram inicialmente erigidos, qual o seu autor,  
quem terá levantado um templo que, por fim, com os anos, haveria de ruir.  
Ser-te-ão narrados os amores famosos dos antigos,  
como ardeu o mísero Antíoco, arrebatado pelo amor da madrasta,  
como sugou o fogo insano até ao fundo dos seus ossos. 15  
Ah, quão ignorante era ele do mundo, pois julgava  
poder dissimular o fogo e o ardor do fero Cupido.  
Então, enquanto insistes em vencer um duro amor,  
Antíoco, e, maltratado, lutas contra um poderoso inimigo,  
és tu quem sucumbe (já a esqualidez tinha devorado os teus ténues membros 20

## <PRAEFATIO>

GEORGII COELII LVSITANI IN LIBELLVM LVCIANI DE DEA SYRIA A SE LATINITATE  
DONATVM AD HENRICVM INFANTEM PRINCIPEM ILLVSTRISSIMVM ELECTVM  
ARCHIEPISCOPVM BRACARENSEM ET HISPANIARVM PRIMATEM PRAEFATIO

1           En tibi Lucianum expressum sermone latino,  
              Henrice, Hesperiae regum dignissima proles.  
              Hic antiqua Asiae templa et commenta uidebis  
              mystica, quae miro coluit gens Byblia cultu,  
5           cum per agros passim tectis atque urbe relictis  
              dilectum Veneri nimium ploraret Adonim.  
              Atque haec (ut perhibent) monstroso e flumine Nili  
              transtulit in Tyrios fines Aegyptius Apis.  
              Mox Syriae tibi sacra deae insanique furores  
10           atque ipsi occurrent certantia templa Canopo.  
              Accipies causam cur primum extracta, quis author,  
              quis labentem annis demum instaurauerit aedem.  
              Hic tibi uulgati ueterum referentur amores,  
              cum miser Antiochus, correptus amore nouercae,  
15           arsit et insanum totis bibit ossibus ignem.  
              Ah nimium rerum ignarus, qui posse putabat  
              dissimulare ignem saeuique cupidinis aestum.  
              Ergo, difficilem dum uincere pergis amorem,  
              Antioche, et ualido luctaris saucius hosti,  
20           ipse iaces, tenues macies exederat artus,

---

*tit.* Georgius Coelius ad Enrricum Infansem Portugalliae Serenissimum Illustrissimumque *E* || 2  
Henrice] Enrrice *E* || 4 Byblia] Biblia *E* || 17 aestum] iram *E* || 20 tenues] teneros *E* | exederat]  
adduxerat *E*

e uma lúgubre palidez tinha oprimido o teu débil rosto)  
 e, entretanto, não menos te consome, por dentro, um fogo violento,  
 e te devora os ossos, tal como, impelida pelo vento,  
 avança a chama na seara, movendo-se pouco a pouco  
 e, mal se apodera do colmo, se espalha em vastos incêndios; 25  
 quando Vulcano vencedor se eleva, ruidoso, até aos astros,  
 e aglomera negras nuvens no céu obscuro,  
 em vão chora o colono, vendo o seu dano.  
 Infeliz Antíoco, que insânia tão grande possuiu a tua mente,  
 que preferes lutar contra um amor cego? 30  
 Ai, quanto te enganas! O amor não conhece a derrota,  
 ele mesmo vence até os deuses. Quanto mais foges e o negas,  
 mais ele cresce e ganha forças, oprimindo mais gravemente.  
 Apodera-se do que é vedado, o indomável e cruel tirano:  
 não existe, para ele, a nossa razão, não há cuidado com o sofrimento, 35  
 nem lágrimas dos homens, nem preces algumas o comovem.  
 Assim, trespassado por uma ferida atroz, terias levado contigo,  
 até aos profundos bosques do Elísio, onde se lamenta o povo dos amantes,  
 as tuas preocupações e o vão desejo,  
 se o próprio Erasítrato não te tivesse prestado socorro, 40  
 quando já resvalavas para a morte, e não tivesse revelado ao pai a infeliz paixão.  
 Que haveria o pai de fazer, a quem perturbavam, com uma ferida imensa  
 da sua alma, os terríveis perigos e a dor do seu filho,  
 a quem de novo esperavam um tálamo que haveria de sentir a falta de uma esposa digna,  
 o solitário himeneu e a noite ingrata? 45  
 Porém, preferiu antepor à esposa a vida do filho  
 e cedeu à satisfação do amor próprio de um pai.  
 Tão miserável pela vida de Antíoco como haveria de ser pela sua morte!

funereus pallor languentia presserat ora,  
 nec minus interea uehemens exaestuat intus  
 ignis et ossa uorat. Sic cum se concita uento  
 dispulit in segetem paulatim exercita flamma,  
**25** mox furit in stipulas spargensque incendia late;  
 uictor cum sonitu exuperat Vulcanus ad astra  
 et coelo agglomerat piceam caligine nubem,  
 nequicquam aspiciens deflet sua damna colonus.  
 Antioche infoelix, quae tanta insania mentem  
**30** impulit, ut caeco malles contendere amor?  
 Falleris heu nimium! Nescit succumbere et ipse  
 uincit Amor superos. Dum tu refugisque negasque  
 ille alitur uiresque capit grauiusque premendo.  
 Nititur in uetitum indomitus saeuusque tyrannus,  
**35** non illi est nostri ratio, non cura laboris,  
 nec lachrymis hominum precibus nec flectitur ullis.  
 Ergo idem immitti transfixus uulnere ad imos  
 Elysii lucos, populus qua luget amantum,  
 et tecum curas atque irrita uota tulisses,  
**40** ni tibi iam in mortem labenti Erasistratus ipse  
 ferret opem et miseros genitori proderet ignes.  
 Quid genitor faceret, quem dira pericula nati  
 et dolor immani turbarent uulnere mentis  
 et rursum thalami carituri coniuge pulchra  
**45** et desertus hymen et nox ingrata manerent?  
 Attamen uxori nati praeponere uitam  
 maluit et patrio concessit gaudia amor.  
 Tam miser Antiochi uita, quam morte futurus!

---

**23** uorat] premit *E* || **24** dispulit] impulit *E* || **38** Elysii] Elisii *E*

Terrível o sofrimento em ambos os casos; mas qual dos dois pior?  
 Tu, Henrique, perante quem cede a glória do engenho e da arte, 50  
 julga a causa com bom ânimo e este louvor te corresponderá, em justiça.  
 Em breve te maravilharás com os rituais do templo, as cerimónias sagradas,  
 o altar colocado sobre a água, os Galos enfurecidos,  
 os clamores dos deuses e várias outras vozes.  
 Acrescenta por que via os estrangeiros, 55  
 Capadócius, Cilícios, homens do Indo, Árabes, Citas,  
 ou os que bebem a água do Nilo e do Nifata que revolve as pedras,  
 se dirigem aos lugares sagrados de forma suplicante e dedicam oferendas  
 para que Febo esvoace pelo ar, no meio do templo,  
 e enuncie, com vários gestos, os seus oráculos assombrosos. 60  
 E o que posso recordar acerca da pedra que,  
 colocada no cimo sagrado da deusa,  
 émula dos raios celestes e inimiga das trevas, difundia amplamente  
 um intenso brilho e contendia por vencer a noite relutante, com luminoso fogo,  
 para que os templos exalassem os densos vapores dos Árabes 65  
 e a brisa agradável avançasse pelos pórticos?  
 Admirarás, além disso, a própria beleza da deusa,  
 Júpiter hostil e, no lago, no meio dos dois,  
 uma estátua sem nome, desconhecida para o povo da Assíria,  
 em cujo venerável cume repousa uma pomba sagrada. 70  
 Luciano te narrará num único livro, Henrique,  
 tudo o que te disse na língua do Lácio:  
 tu, recebe este pequeno presente do nosso espírito,  
 com a mesma fronte com que afastas as preocupações dos homens e as suas nuvens.  
 Se eu alguma vez alcançar um fado propício, 75



50           Durus uterque labor, sed uter magis? Ipse profecto,  
               Henrice, ingenii cui gloria cessit et artis,  
               causam expende animo, laus haec tibi iure feratur.  
               Mox etiam ritus templi et solemnia sacra  
               aramque impositam stagno Gallosque furentes  
               clamoresque deum ac uarias mirabere uoces.  
 55           Adde peregrini quo curso ad limina sacra  
               Cappadoces Cilicesque Indique Arabesque Scythaeque  
               quique bibunt Nilum et uoluentem saxa Niphaten,  
               suppliciter sese ferrent ac dona dicarent,  
               ut medio templi uolitaret in aere Phoebus  
 60           aederet et uario miranda oracula motu.  
               Quid memorem gemmam, diuae quae uertice sacro  
               aemula coelesti radio tenebrasque perosa  
               fundebat rutilum late iubar atque corusco  
               igne reluctantem certabat uincere noctem,  
 65           ut densos Arabum spirarent templa uapores  
               et iocunda procul foribus se proderet aura?  
               Quinetiam formam diuae miraberis ipsam  
               infestumque Iouem stagno medioque duorum  
               ignotum Assyriae genti et sine nomine signum,  
 70           uertice cui sancto residet sacrata columba.  
               Omnia quae Latio per me sermone locutus  
               nunc, Henrice, tibi libro narrabit in uno  
               Lucianus; tu parua animi munuscula nostri,  
               qua curas hominum pellis, qua nubila fronte  
 75           excipe. Si quando aduenient mihi candida fata,

---

50 Henrice] Enrice *E* || 51 *post* animo *uerba* nec te decidere coram / sit mihi fas litem *habet E* || 58  
 ac] et *E* || 62 coelesti] solari *E* || 63 atque *correx.* utque *O E* 66 proderet] funderet *E* || 72 Henrice]  
 Enrice *E*

a ti, jovem venerável, glória ímpar do nosso povo,  
 parte honrosa, ao mesmo tempo, das Musas Grega e Latina,  
 a ti te cantarei e erguerei aos astros com uma trombeta grandiosa.  
 O teu próprio irmão Afonso reivindica para si,  
 com justiça, uma parte do nosso labor; ele cuja mitra refulgente **80**  
 brilha, sobre a sagrada púrpura, com quem se deleita,  
 sendo ele prelado, a opulenta cidade do Tejo, a quem admiram  
 a magnífica Roma e o sagrado colégio dos Cardeais.  
 Exulta, Tibre, no teu leito. Se o peito dos vates  
 prevê o futuro, se não postulo coisas indevidas, verás que ele, **85**  
 no futuro, graças à ajuda das divindades, será chamado  
 para o assento de Pedro, em Itália, enquanto tu o aplaudes.  
 Excelso, ele restituirá a presença divina dos deuses na terra  
 e conduzirá o vasto orbe dos homens.  
 Que tema me poderia ser mais agradável? Acaso se apresentará, alguma vez, **90**  
 esse dia que será o culminar dos meus desejos?  
 Acrescentarei ainda os grandiosos feitos de El-rei D. João e  
 a glória da sua justiça. A mais bela linhagem dos irmãos  
 tecer-me-á, um dia, uma formosa coroa de variadas flores.  
 Mas importunamos, talvez, os teus ouvidos, Henrique: **95**  
 é tempo de conheceres também os rituais do povo assírio.

te, uenerande puer, nostrae laus unica gentis,  
 te, Graiae Latiaeque simul decus addite Musae,  
 dicemus grandique tuba tollemus ad astra.  
 Ipse etiam nostri partem sibi iure laboris  
**80** uendicat Alfonsus frater, cui murice sacro  
 effulget radiatus apex, quo praesule gaudet  
 urbs opulenta Tagi et quem rerum maxima Roma,  
 sanctaque Cardinei miratur turba Senatus.  
 Exulta, Tyberine, uadis, si praescia uatum  
**85** pectora uenturi, si non indebita posco,  
 hunc Petri ad solium superis authoribus olim  
 acciri Italia, tecum plaudente, uidebis.  
 Ille deum in terris praesentia numina reddet,  
 celsior, humano et late moderabitur orbi.  
**90** Nam quae materies mihi gratior? An dabit unquam  
 illa dies sese uotorum summa meorum?  
 Addam et Ioannis regis quoque maxima facta  
 iustitiaeque decus. Soboles pulcherrima fratrum  
 formosam uario nectet mihi flore coronam.  
**95** Sed nos forte tuas, Henrice, obtundimus aures:  
 tempus et Assyriae ritus cognoscere gentis.

---

**84** Tyberine] Tyberinae *E* || **87** acciri] asciri *E* || **93** iustitiaeque] iusticiaeque *E* || **95** Henrice] Enrrice  
*E*

## <EPÍSTOLA I>

Jorge Coelho saúda muito afectuosamente Henrique,  
Ilustríssimo e Sereníssimo Infante de Portugal

**1** Traduzimos outrora em Itália, Príncipe ilustríssimo, de grego para latim, o opúsculo de Luciano *περὶ τῆς σαρπίον θεοῦ*, isto é, acerca da Deusa Sírria, tanto por nos parecer muito digno de estudo – com efeito Luciano, sumo artífice da ironia, dá-nos a conhecer neste opúsculo muitos delírios da Antiguidade – como também porque naquele tempo nos dedicávamos às letras gregas. **2** E para que não parecesse que tudo tínhamos edificado em solo alheio, tínhamos incorporado algumas coisas da nossa autoria na parte dos amores de Antíoco, que pudessem proporcionar algum prazer de leitura, tendo sido preservado, de resto, o sentido do autor.

**3** Como recentemente este opúsculo me caiu nas mãos por acaso, enquanto revolia alguns versos meus, não pude deixar de condenar a minha negligência de o ter deixado num convívio silencioso e de ter consentido que durante tanto tempo permanecessem nas trevas as vigílias de um homem tão sábio, entregues à latinidade com o meu árduo combate. **4** Tendo assim rapidamente retirado ou emendado o excesso de palavras que me parecia afluír em demasia, porque escritas naquele fervor da adolescência, decidi dedicar-te, Príncipe humaníssimo, esta nossa pequena lucubração.

**5** A quem, mais do que a ti, se deveriam dedicar os labores dos homens sábios, tu, de índole quase divina, digna de ser admirada, a quem nada se apresenta obscuro ou não evidente, que não sei bem se terás bebido ou aprendido, num brevíssimo espaço de tempo, tanto as letras gregas como as latinas? **6** Recebe, portanto, este pequeno presente: se não é digno da tua grandeza, pelo menos proveio de uma boa vontade para contigo e do nosso sumo respeito. **7** Porque se tiver sabido que te agradou, Príncipe ilustríssimo, em breve empreenderei, protegido pelo teu favor como pelo escudo de Ájax, obras maiores e mais dignas de ti.

Adeus

## <EPISTVLA I>

GEORGIVS COELIVS ENRRICO PORTVGALLIAE INFANTI ILLVSTRISIMO  
SERENISSIMOQUE S. P. D.

**1** Opusculum Luciani περὶ τῆς συρίου θεοῦ, hoc est de dea Syria, Princeps illustrissime, olim in Italia e graeco in latinum uerteramus, tum quod cognitione dignissimum uidebatur – multa enim uetustatis deliramenta Lucianus, summus ironiae artifex, in eo opusculo nobis aperit – tum etiam quia eo tempore graecis litteris operam dabamus. **2** Atque ne omnia in alieno solo aedificasse uideremur, nonnulla in Antiochi amoribus de nostro adieceramus, quae saluo alioqui authoris sensu iocunditatem inter legendum aliquam afferre possent.

**3** Id igitur cum mihi nuper schedia mea uersanti forte in manus incideret, non potui negligentiam meam tacito conuitio non damnare, qui eruditissimi hominis uigilias, meo Marte latinitate donatas, tandiu in tenebris delitescere passus essem. **4** Itaque cursim nonnullis aut detractis aut emendatis, quae olim cum haec interpretarer, ut in illo adolescentiae feruore scripta, nimia uerborum luxurie diffluere uidebantur, tibi eam nostram lucubrationculam, Princeps humanissime, dicare statui.

**5** Cui enim magis quam tibi doctorum hominum labores dicari debeant, qui admiranda ista tua ac prope diuina indole, cui nihil non peruium ac expositum esse possit, intra breuissimum tempus tum graecas, tum latinas litteras hauserisne an didiceris haud satis scio? **6** Accipe igitur munusculum hoc nostrum, si non tua dignum amplitudine, at certe ab optima erga te uoluntate summaque obseruantia nostra profectum. **7** Quod, si id tibi placuisse intellexero, mox sub tuo fauore, ueluti sub Aiakis clypeo tectus, longe maiora ac te digniora opera, Princeps illustrissime, aggrediar.

Vale

**LIVRO *DE DEA SYRIA* DE LUCIANO**  
**TRADUZIDO POR JORGE COELHO LUSITANO**

**1** Existe na Síria uma cidade, não muito distante do rio Eufrates, que se chama Hira, isto é, sagrada. Na verdade, Hira provém de Hera, isto é, a deusa assíria Juno, que é cultuada nesta cidade. **2** Ora, parece-me que este nome não nasceu juntamente com a própria urbe, mas era diferente outrora. **3** Mais tarde, uma vez que os habitantes da cidade de Hira se tornaram grandes e célebres, alteraram, então, para este nome a antiga denominação. **4** Começarei por falar, portanto, desta cidade e de todas as coisas que nela existem. **5** Falarei também dos ritos de que se servem nas cerimónias sagradas, das assembleias solenes que celebram e dos sacrifícios que realizam. **6** Falarei ainda de todas as coisas que se contam acerca dos fundadores deste santuário, e de que modo terá sido o templo construído. **7** Escrevo na qualidade de assírio e, daquilo que conto, algumas coisas vi-as com os meus próprios olhos, outras ouvi-as de sacerdotes. Ora, será a partir das que precederam a nossa era que começarei a história.

---

[1] **1** Ἐστὶν ἐν Συρίῃ πόλις, οὐ πολλὸν ἀπὸ τοῦ Εὐφρήτεω ποταμοῦ, καλεῖται δὲ ἱρή, καὶ ἔστιν ἱρὴ τῆς Ἥρης τῆς Ἀσσυρίης. **2** δοκέει δέ μοι τόδε τὸ ὄνομα, οὐκ ἅμα τῇ πόλει οἰκεομένη ἐγένετο, ἀλλὰ τὸ μὲν ἀρχαῖον ἄλλο ἦν. **3** μετὰ δὲ σφισι τῶν ἱρῶν μεγάλων γιγνομένων ἐς τόδε ἡ ἐπωνυμία ἀπίκετο. **4** περὶ ταύτης ὧν τῆς πόλιος ἔρχομαι ἐρέων, ὁκόσα ἐν αὐτῇ ἐστίν. **5** ἐρέω δὲ καὶ νόμους τοῖσιν ἐς τὰ ἱρὰ χρέωνται, καὶ πανηγύριαι τὰς ἄγουσιν, καὶ θυσίας τὰς ἐπιτελέουσιν. **6** ἐρέω δὲ ὁκόσα καὶ περὶ τῶν τὸ ἱρὸν εἰσαμένων μυθολογέουσι, καὶ τὸν νηὸν ὅπως ἐγένετο. **7** γράφω δὲ Ἀσσύριος ἐὼν, καὶ τῶν ἀπηγέομαι τὰ μὲν αὐτοψίῃ μαθὼν, τὰ δὲ παρὰ τῶν ἱρέων ἐδάην, ὁκόσα ἐόντα ἐμεῦ πρεσβύτερα ἐγὼ ἱστορέω.

**LVCIANI DE DEA SYRIA LIBER VNVS**  
**GEORGIO COELIO LVSITANO INTERPRETE**

**1** Est in Syria ciuitas haud procul ab Euphrate flumine, appellatur autem Hira, id est, sacra et Hira quidem ab Hera, id est, Iunone dea Assyria, quae in ea ciuitate colitur. **2** Videtur porro mihi appellationem hanc non simul cum ipsa urbe natam esse, sed aliam prius fuisse. **3** At postea, cum Hiri magni ac celebres facti essent, in hoc posterius nomen uetus cognomentum uerterunt. **4** De hac igitur ciuitate et de rebus eius, quaecunque in ipsa extant, dicere aggrediar. **5** Dicam et instituta quibus in sacra utuntur et solemnes conuentus quos celebrant et sacrificia quae peragunt; **6** dicam et quaecunque de fani huius institutoribus fabulantur, quoue pacto templum constructum fuerit. **7** Scribo autem cum sim Assyrius atque ex his alia nos quidem referemus quae oculis perlegimus, alia uero a sacerdotibus percepimus, sed quae aetatem nostram antecesserunt, ab his historiam auspicabimur.

---

**1** Lup. 3r Est in Syria ciuitas haud procul ab Euphrate fluuiio || **5** Mic. 313v Dicam autem et leges, quibus in sacris utuntur, et solemnes conuentus, quos celebrant, et sacrificia quae peragunt.

---

**1** Assyria *E*: Assiria *O* || **3** uetus cognomentum] ueterem denominationem *E* || **5** solemnes *om. E* || **6** fani] sacri *E* | institutoribus] inductoribus *E* || **7** post uero uerbum quaecumque habet *E* | a sacerdotibus] ab Hiris *E* | sed] et *E* | ab his historiam auspicabimur] uelutti ex historia recensebimus

**8** Conta-se que foram os Egípcios (tanto quanto sabemos) os primeiros dos mortais a tomar conhecimento dos deuses, a fundar templos e a consagrar bosques e celebrações festivas. **9** Além disso, foram eles os primeiros a conhecer os nomes sagrados e a narrar histórias sagradas. **10** Não muito tempo depois, os Assírios, que receberam dos Egípcios o que se dizia dos deuses, edificaram, também eles, santuários e templos, onde colocaram simulacros e consagraram estátuas. **11** Porém, em tempos muito antigos não havia ídolos nos templos egípcios.

**12** Ainda hoje existem na Síria santuários – muitos dos quais nós vimos – quase da mesma antiguidade que os egípcios; **13** um é o de Hércules que se vê em Tiro, não aquele Hércules celebrizado pelos Gregos, pois este outro que refiro é bastante mais vetusto e é um herói Tírio.

---

[2] **8** πρῶτοι μὲν ὧν ἀνθρώπων τῶν ἡμεῖς ἴδμεν Αἰγύπτιοι λέγονται θεῶν τε ἐννοίην λαβεῖν, καὶ ἱρὰ εἴσασθαι, καὶ τεμένεα, καὶ πανηγύριος ἀποδέξαι· **9** πρῶτοι δὲ καὶ ὀνόματα ἱρὰ ἔγνωσαν, καὶ λόγους ἱροὺς ἔλεξαν. **10** μετὰ δὲ οὐ πολλοστῷ χρόνῳ, παρ' Αἰγυπτίων λόγον Ἀσσύριοι ἐς θεοὺς ἤκουσαν, καὶ ἱρὰ, καὶ νηοὺς ἤγειραν· ἐν τοῖσι, καὶ ἀγάλματα ἔθεντο, καὶ ξόανα ἐστήσαντο· **11** τὸ δὲ παλαιὸν καὶ παρ' Αἰγυπτίοισιν ἀξόανοι νηοὶ ἔσαν. [3] **12** καὶ ἔστι ἱρὰ καὶ ἐν Συρίῃ οὐ παρὰ πολὺ τοῖς Αἰγυπτίοισιν ἰσοχρονέοντα· τῶν ἐγὼ πλεῖστα ὅπωπα· **13** τό γε τοῦ Ἡρακλέος τὸ ἐν Τύρῳ, οὐ τούτου τοῦ Ἡρακλέος τὸν Ἑλλήνες αἰεῖδουσι, ἀλλὰ τὸν ἐγὼ λέγω πολλὸν ἀρχαιότερος, καὶ Τύριος ἥρως ἐστί.



**8** Primi itaque mortalium Aegyptii, quantum nos sciamus, et in deorum cognitionem uenisse et templa constituisse lucosque et festas celebritates exhibuisse perhibentur. **9** Primi quinetiam nomina sacra nouerunt, sacros sermones protulerunt. **10** Haud longo post tempore, Assyrii ab Aegyptiis ea quae de diis tradita erant accipientes et ipsi sacra et templa aedificarunt, in quibus simulacra posuerunt statuas dedicarunt. **11** Vetustissimis autem temporibus ne apud Aegyptios quidem in templis idola fuerant.

**12** Et extant hodie fana in Syria, quorum nos pleraque uidimus, eiusdem fere cum Aegyptiis uetustatis; **13** uidelicet unum est Herculis quod Tyri uisitur, non illius quidem Herculis quem Graeci decantant, quippe hic alter quem refero et multo uetustior et heros Tyrius est.

---

**8** Mic. 313v lucosque et conuentus solemnes aedidisse : Lup. 3v lucosque et sacros coetus instituisse || **9** Mic. 313v primi autem et nomina sacra intellexerunt et sermones sacros docuerunt : Lup. 3v-4r primi sacra nomina cognouerunt et sacros sermones sunt elocuti || **10** Mic. 313v deinde uero non multo tempore post ab Aegyptiis Assyrii doctrinam de diis acceperunt et sacra templaque erexerunt in quibus et simulachra posuerunt et statuas dedicarunt || **13** Mic. 313v sed quem ego dico multo uetustior est et Tyrius heros

---

**8** *post uenisse uerbum sacra habet E* | lucosque et festas] festasque *E* | exhibuisse] demonstrasse *E* || **9** sacros sermones protulerunt] sacras fabulas prodiderunt *E* || **10** post] deinde *E* | ea quae de diis tradita erant accipientes] de diis manifestata audientes *E* | aedificarunt] excitarunt *E* | simulacra] statuas *E* | statuas dedicarunt] simulacra statuerunt *E* || **11** uetustissimis autem temporibus ne] atque pridem nulla *E* | quidem *om. E* || **12** fana] sacra *E* || **13** uidelicet] in quibus *E* | Tyri] apud Tyrum *E* | illius] eius *E* | uetustior] antiquior *E*

**14** Existe ainda, na Fenícia, outro grande templo, que é venerado também pelos Sidónios e, de acordo com o que eles afirmam, a deusa Astarte reivindicava-o para si (nós consideramos que Astarte é a Lua). **15** No entanto, como um certo sacerdote me relatou, foi dedicado a Europa, irmã de Cadmo. **16** Tendo esta filha do rei Agenor desaparecido da sua vista, os Fenícios honraram-na com um templo e transmitiram uma história sagrada acerca dela: **17** contam que ela, certamente devido à sua notável beleza, foi amada e desejada por Júpiter; este, depois de tomar a aparência de um touro, raptou a rapariga e levou-a para Creta. **18** Ora, não só o que ouvi de outros Fenícios está de acordo com esta opinião, como também a própria moeda que os Sidónios usam tem Europa sentada sobre Júpiter transformado em touro. Ainda que isto seja assim, muitos não admitem que o templo seja de Europa.

**19** Os Fenícios têm ainda outro que não é assírio, mas egípcio, uma vez que foi transferido de Heliópolis para a Fenícia. **20** Não o vimos, mas consta que é amplo e vetusto.

---

[4] **14** ἔνι δὲ καὶ ἄλλο ἱρὸν ἐν Φοινίκη μέγα, τὸ Σιδώνιοι ἔχουσι. ὥς μὲν αὐτοὶ λέγουσι, Ἀστάρτης ἐστὶ. Ἀστάρτην δ' ἐγὼ δοκέω Σεληναίην ἔμμεναι. **15** ὥς δὲ μοί τις τῶν ἱρέων ἀπηγέετο, Εὐρώπης ἐστὶ τῆς Κάδμου ἀδελφεῆς. **16** ταύτην δὲ ἐοῦσαν Ἀγήνορος τοῦ βασιλῆος θυγατέρα, ἐπειδὴ τε ἀφανῆς ἐγεγόνεε, οἱ Φοίνικες τῷ νηῷ ἐτιμήσαντο, καὶ λόγον ἱρὸν ἐπ' αὐτῇ ἔλεξαν, **17** ὅτι ἐοῦσαν καλὴν, Ζεὺς ἐπόθεε· καὶ τὸ εἶδος ἐς ταῦρον ἀμειψάμενος, ἥρπασε, καὶ μιν ἐς Κρήτην φέρων, ἀπύκετο. **18** τάδε μὲν καὶ τῶν ἄλλων Φοινίκων ἤκουον, καὶ τὸ νόμισμα, τῷ Σιδώνιοι χρέωνται, τὴν Εὐρώπην ἐφεζομένην ἔχει τῷ ταύρῳ τῷ Δίι· τὸν δὲ νηὸν οὐκ ὁμολογέουσι Εὐρώπης ἔμμεναι.

[5] **19** ἔχουσι καὶ ἄλλο Φοίνικες ἱρὸν, οὐκ Ἀσσύριον, ἀλλ' Αἰγύπτιον· τὸ ἐξ Ἡλιουπόλιος ἐς τὴν Φοινίκην ἀπύκετο. **20** ἐγὼ μὲν μιν οὐκ ὤπωπα· μέγα δὲ καὶ τότε καὶ ἀρχαῖόν ἐστι.

**14** Est et aliud in Phoenicia templum magnum, illud quidem et a Sidoniis cultum, quod, ut ipsi asseuerant, Astarte sibi uendicat (Astarten nos lunam esse arbitramur). **15** Verum, ut mihi quidam ex sacerdotibus rettulit, Europae Cadmi sorori dicatum est. **16** Siquidem hanc Agenoris regis filiam cum ab oculis euanuisset et templo prosecuti sunt Phoenices et sacrum sermonem de ea tradiderunt: **17** ipsam, uidelicet eximia pulchritudine, a Ioue deamatam et cupitam fuisse; mox illum in tauri speciem transformatum et puellam rapuissem et in Cretam abduxisse. **18** Huic uero opinioni tum haec eadem ab aliis mihi Phoenicibus audita astipulantur, tum etiam numisma ipsum, quo Sidonii utuntur, habet enim Europam insidentem tauro Ioui, quae res, cum ita se habeat, templum tamen Europae esse multi non admittunt.

**19** Habent et aliud Phoenices ne illud quidem Assyrium, sed Aegyptium, quippe quod ex Heliopoli in Phoeniciam translatum est. **20** Hoc uero ipsi non uidimus, coeterum ingens uetustumque esse constat.

---

**15** Mic. 313v Caeterum ut mihi ex sacerdotibus quidam narrauit [...] : Lup. 5r: ut uero quidam ex sacerdotibus rettulit [...] || **16** Mic. 313v sermonem de ea sacrum euulgarunt

---

**14** templum] sacrum *E* | Sidoniis cultum] Sydoniis habitum *E* | Astarten] Astartem *E* || **15** sacerdotibus *err.* : Hiris *O E* | est] fuit *E* || **16** sacrum sermonem] sacram fabulam *E* | tradiderunt] prodiderunt *E* || **17** ipsam] eandem *E* || **18** mihi *om E* | multi non admittunt] nullo pacto recipiunt *E* || **19** ex Heliopoli] ab urbe Heliopoli *E* | translatum] deductum *E* || **20** uero] adeo *E*

**21** Vimos, contudo, em Biblo, o venerável santuário de Vénus de Biblo, onde também realizam cerimónias em honra de Adónis, das quais tivemos conhecimento. **22** Dizem que aquele crime, o que foi perpetrado contra Adónis por um javali, ocorreu na sua própria região. **23** Portanto, para que permaneça a lembrança de tão deplorável acontecimento, todos os anos se golpeiam, lamentam-se, realizam cerimónias e entregam-se, com rivalidade, à máxima expressão de luto, por toda a região. **24** Logo que deixam de se fustigar e de chorar, enviam, em primeiro lugar, sacrifícios a Adónis, como morto. **25** No dia seguinte, proclamam as notícias de que está vivo, invocando-o para cima, para os céus, mas também rapam a cabeça, do mesmo modo que os Egípcios quando Ápis morre. **26** Todas as mulheres que não querem rapar o cabelo pagam a seguinte compensação: durante um dia, exercem o ofício de meretrizes, de forma a que se entregam unicamente aos peregrinos, e todas oferecem a Vénus a retribuição recebida em lugar de um sacrifício.

---

[6] **21** εἶδον δὲ καὶ ἐν Βύβλῳ μέγα ἱρὸν Ἀφροδίτης Βυβλίας· ἐν τῷ καὶ τὰ ὄργια ἐς Ἄδωνιν ἐπιτελέουσι· ἐδάην δὲ καὶ τὰ ὄργια. **22** λέγουσι γὰρ δὴ ὢν τὸ ἔργον τὸ ἐς Ἄδωνιν ὑπὸ τοῦ συὸς ἐν τῇ χώρῃ τῇ σφετέρῃ γενέσθαι, **23** καὶ μνήμην τοῦ πάθεος τύπονται τε ἐκάστου ἔτεος καὶ θρηνέουσι καὶ τὰ ὄργια ἐπιτελέουσι καὶ σφίσι μεγάλα πένθεα ἀνὰ τὴν χώραν ἴσταται. **24** ἐπεὰν δὲ ἀποτύψωνται τε καὶ ἀποκλαύσωνται, πρῶτα μὲν καταγίζουσι τῷ Ἀδώνιδι ὅπως ἐόντι νέκυϊ. **25** μετὰ δὲ τῇ ἐτέρῃ ἡμέρῃ ζῶειν τέ μιν μυθολογέουσι καὶ ἐς τὸν ἡέρα πέμπουσι καὶ τὰς κεφαλὰς ξυρέονται, ὅπως Αἰγύπτιοι ἀποθανόντος Ἄπιος. **26** γυναικῶν δὲ ὁκόσαι οὐκ ἐθέλουσι ξυρέεσθαι, τοιήνδε ζημίην ἐκτελέουσι· ἐν μιῇ ἡμέρῃ ἐπὶ πρήσει τῆς ὥρης ἴστανται· ἡ δὲ ἀγορὴ μούνοισι ξείνοισι παρακέαται, καὶ ὁ μισθὸς ἐς τὴν Ἀφροδίτην θυσίῃ γίγνεται.

**21** At enim Veneris Bybliae augustum fanum Bybli uidimus, ubi et orgia in Adonim peragunt, quorum nos rationem percepimus. **22** Ferunt enim facinus, illud a sue in Adonim perpetratum, in sua ipsorum regione accidisse. **23** Propterea, ut tam miserabilis casus extet monumentum, singulis annis plangunt se, lamentantur atque orgia peragunt maximisque certatim luctibus per regionem operantur. **24** Mox ubi percuti et deflere desierint, primum quidem Adonidi ut mortuo inferias mittunt. **25** Postero autem die et uiuere sermonibus iactitant et in aera sursum reuocant, sed et capita radunt, quemadmodum Aegyptii cum Apis moritur. **26** At uero mulieres quaecunque radi nolunt huiusmodi multa satisfaciunt: uno quidem die sic quaestum meretricium exercent, ut solis peregrinis copiam sui faciant susceptamque omnes mercedem sacrificii loco Veneri offerunt.

---

**21** Lup. 6r ibi Adonidi orgia peraguntur || **24** Mic. 313v principio quidem inferias Adonidi peragunt || **25** Mic. 313v in aerem sursum mittunt : Lup. fl. 7r in aerem mittunt || **26** Mic. 313v unum quidem diem ad quaestum corpore faciendum prostant : Lup. 7v uno die prostantes ad quaestum peregrinis

---

**21** Bybliae] Bibliae *E* | fanum] sacrum *E* | Bybli] in oppido Biblo *E* || **23** ut] in *E* | extet *om.* *E* | monumentum] monimentum *E* | plangunt se] se ipsos pugnus plangunt *E* | peragunt] faciunt *E* | maximisque] seque maximis *E* | operantur] afficiunt *E* || **24** *post* deflere *uerbum* iam *habet* *E* | Adonidi *err.* : Adoni *O E* || **25** in aera sursum reuocant] in deos referunt *E* | cum Apis moritur] necato Api *E* // **26** multa satisfaciunt] rem diuinam faciunt *E* / uno quidem... offerunt] eodem enim die cum extra oppidum conuenerint uictimas immolant solique aduenae id temporis in ciuitatem relinquuntur ac sacrificium hoc muliebre uelut quoddam pro intacta coma pretium Veneri soluitur *E* | quaestum *correx.* questum *O*

**27** Existem também alguns habitantes de Biblo que dizem que o egípcio Osíris foi inumado no seu país e, do mesmo modo, que os rituais fúnebres e as cerimónias foram realizadas, não para Adónis, mas para Osíris. **28** E não me repugna dizer por que motivo eles crêem que isto é verdadeiro: todos os anos se dirige para Biblo, desde o Egipto, uma cabeça que percorre a nado uma travessia de sete dias, levada pelos ventos, numa como que propícia e divina navegação. **29** Na verdade, nunca se desvia para outro lado, mas é levada unicamente para Biblo. **30** Isto é verdadeiramente admirável, mais ainda pelo facto de acontecer a mesma coisa a cada ano; tal ocorreu até na minha presença, enquanto me encontrava em Biblo, e eu próprio contemplei esta cabeça fabricada em papiro.

**31** Há ainda aquela outra maravilha na região dos habitantes de Biblo: um rio que se precipita do monte do Líbano para o mar, que tem como nome Adónis. **32** Todos os anos, este rio fica manchado com a cor do sangue e assim se mistura com o mar, de modo que uma parte não pequena das suas águas se torna vermelha. Quando isto acontece, assinala as cerimónias em honra de Adónis para os Bíblios. **33** Conta-se que, nestes dias, o próprio Adónis é ferido no monte do Líbano, que a queda do seu sangue nas ondas altera o aspecto ao rio e que esta é a causa de onde procede o nome.

---

[7] **27** εἰσὶ δὲ ἔνιοι Βυβλίων οἱ λέγουσι παρὰ σφίσι τεθάφθαι τὸν Ὅσιριν τὸν Αἰγύπτιον, καὶ τὰ πένθεα καὶ τὰ ὄργια οὐκ ἐς τὸν Ἄδωνιν ἀλλ' ἐς τὸν Ὅσιριν πάντα πρήσσεσθαι. **28** ἐρέω δὲ ὁκόθεν καὶ τάδε πιστὰ δοκεῖν. κεφαλὴ ἐκάστου ἔτεος ἐξ Αἰγύπτου ἐς τὴν Βύβλον ἀπικνέεται πλώουσα τὸν μεταξὺ πλόον ἐπτὰ ἡμερέων, καὶ μιν οἱ ἄνεμοι φορέουσι θεῖη ναυτιλίῃ· **29** τρέπεται δὲ οὐδαμᾶ, ἀλλ' ἐς μούνην τὴν Βύβλον ἀπικνέεται. **30** καὶ ἔστι τὸ σύμπαν θωῦμα. καὶ τοῦτο ἐκάστου ἔτεος γίγνεται, τὸ καὶ ἐμεῦ παρεόντος ἐν Βύβλῳ ἐγένετο· καὶ τὴν κεφαλὴν ἐθηησάμην Βυβλίνην. [8] **31** ἐνὶ δὲ καὶ ἄλλο θωῦμα ἐν τῇ χώρῃ τῇ Βυβλίῃ, ποταμὸς ἐκ τοῦ Λιβάνου τοῦ οὖρεος ἐς τὴν ἄλα ἐκδιδοῖ· οὕνομα τῷ ποταμῷ Ἄδωνις ἐπικέεται. **32** ὁ δὲ ποταμὸς ἐκάστου ἔτεος αἰμάσσεται καὶ τὴν χροίην ὀλέσας ἐσπίπτει ἐς τὴν θάλασσαν, καὶ φοινίσσει τὸ πολλὸν τοῦ πελάγεος καὶ σημαίνει τοῖς Βυβλίοις τὰ πένθεα. **33** μυθέονται δὲ ὅτι ταύτησι τῇσι ἡμέρησι, ὃ Ἄδωνις ἀνὰ τὸν Λίβανον τιτρώσκεται, καὶ τὸ αἷμα ἐς τὸ ὕδωρ ἐρχόμενον ἀλλάσσει τὸν ποταμὸν καὶ τῷ ρόφῳ τὴν ἐπωνυμίην διδοῖ.

**27** Sunt et quidam ex Bybliis qui dicant apud ipsos Osirim Aegyptium humatum fuisse luctusque huiusmodi et orgia non illa quidem in Adonim, uerum in Osirim cuncta peragi. **28** Nec uero grauabor dicere unde haec uera existiment: etenim singulis annis caput ab Aegypto usque Byblon appellitur cursum septem dierum enatans feruntque illud uenti secunda quadam ac diuina nauigatione. **29** Nec uero alio unquam uertit, sed ad unam Byblon defertur. **30** Est itaque hoc omnino admirabile, sed illud etiam quod uno quoque anno ea res accidit, id quod me praesente, dum Bybli agerem, factum est ipsumque ego caput e papyro compactum spectauī.

**31** Est et illud mirum in Bybliorum regione: ex Libano monte fluuius in mare exit, cui nomen Adonidi. **32** Hic porro fluuius quotannis cruentatur sanguineoque colore sic mari miscetur, ut non parum etiam ipsius aequoris rubefaciat, quae res, ubi accidit, Bybliis Adonidis orgia denunciat. **33** Iisdem enim diebus Adonim ipsum in Libano monte uulnerari cruoremque in undas decidentem amni speciem immutare atque ex hoc causam quoque nominis traxisse fabulantur.

---

**27** Mic. 313v apud sese humatum esse Osirim Aegyptium luctusque et ritus hosce non Adonidi sed Osyri omnes fieri : Lup. 7v-8r sunt ex bybliis qui contendunt Aegyptium Osirim apud se humatum || **28** Mic. 313v enatans || **30** Mic. 314r caput ipsum spectauī e papyro effigiatum

---

**27** Bybliis] Bibliis *E* | humatum] sepultum *E* | luctusque] quocirca et luctus *E* | et<sup>2</sup>] ac *E* || **28** *post* uero *uerbum* ipse *habet E* | uera existiment] uerisimilia esse uideantur *E* | singulis annis] unoquoque anno *E* | Byblon] Biblon *E* | appelitur] appellit *E* | *post* cursum *uerbum* interim *habet E* | enatans] conficiens *E* || **29** ad unam Byblon] ad solam semper Biblon *E* || **30** omnino *om. E* | Bybli] Bibli *E* | ego caput e papyro compactum spectauī] ego biblium caput uidi *E* || **31** illud mirum] aliud miraculum *E* | Bybliorum] Bibliorum *E* | fluuius] flumen *E* | exit] excurrit *E* | Adonidi *err. : Adoni O E* || **32** quotannis] uno quoque anno *E* | mari miscetur] in mare effunditur *E* | Bybliis] Bibli *E* | orgia] luctus *E* || **33** iisdem] hisdem *E* | uulnerari] uulneratum fuisse *E* | immutare] immutasse *E* | *post* hoc *uerbum* defluuio *habet E*

**34** Isto é, na verdade, o que muitos transmitem, mas um certo homem de Biblo, que parecia ser sério e fidedigno, apresentou-me uma outra razão para esta mudança: **35** “O rio Adónis, ó estrangeiro”, disse ele, “precipita-se pelo monte do Líbano; ora, o próprio Líbano tem uma terra que tende muito para o amarelo. **36** Então, os fortes e constantes ventos que sopram nesses dias arrastam para o rio uma terra não pouco misturada com mínio, tornando-o sanguíneo, de modo que não é o sangue a causa desta conversão, ainda que muitos, porém, assim o entendam, mas sim a própria natureza do solo”. **37** E assim terminou de falar o homem de Biblo. Embora parecesse que falava com veracidade, julgo, todavia, que a firme veemência de tal sopro se apresenta como algo de extraordinariamente divino.

**38** Subi ainda ao monte do Líbano, provindo de Biblo (distava daquela cidade um dia de caminho), por ouvir que, outrora, ali tinha sido construído por Ciniras um vetusto templo dedicado a Vénus. **39** Cheguei mesmo a vê-lo e, na verdade, pareceu-me bastante vetusto. **40** São estes, pois, os santuários que existem na Síria, considerados não só antigos mas também de grande nome.

---

**34** ταῦτα μὲν οἱ πολλοὶ λέγουσιν. ἐμοὶ δὲ τις ἀνὴρ Βύβλιος ἀληθέα δοκέων λέγειν ἐτέραν ἀπηγέετο τοῦ πάθεος αἰτίην. **35** ἔλεγε δὲ ὧδε· ὁ Ἄδωνις ὁ ποταμὸς ὃ ξεῖνε, διὰ τοῦ Λιβάνου ἔρχεται· ὁ δὲ Λίβανος κάρτα ξανθόγεός ἐστι· **36** ἄνεμοι ὧν τρηχέες ἐκείνησι τῆς ἡμέρησι ἰστάμενοι, τὴν γῆν τῷ ποταμῷ ἐπιφέρουσι, ἐοῦσαν ἐς τὰ μάλιστα μιλωδέα· ἡ δὲ γῆ μιν αἰμώδεα τίθησιν καὶ τοῦδε τοῦ πάθεος οὐ τὸ αἷμα, τὸ λέγουσιν, ἀλλ’ ἡ χώρα αἰτίη· **37** ὁ μὲν μοι Βύβλιος, τοσαῦτα ἀπηγέετο· εἰ δὲ ἀτρεκέως ταῦτα ἔλεγε, ἐμοὶ μὲν δοκεῖ κάρτα θεῖη καὶ τοῦ ἀνέμου ἡ συντυχίη. [9] **38** ἀνέβην δὲ καὶ ἐς τὸν Λίβανον ἐκ Βύβλου, ὁδὸν ἡμέρης, πυθόμενος αὐτόθι ἀρχαῖον ἱρὸν Ἀφροδίτης ἔμμεναι, τὸ Κινύρης εἴσατο· **39** καὶ εἶδον τὸ ἱρὸν, καὶ ἀρχαῖον ἦν. [10] **40** τὰδε μὲν ἐστὶ τὰ ἐν τῇ Συρίῃ ἀρχαῖα καὶ μεγάλα ἱρά·



**34** Et haec quidem plerique inuulgant, at mihi uir quidam ex Byblo, qui grauis esse et ueridicus uideretur, aliam mutationis huius causam sic exposuit: **35** “Adonis”, inquit, “fluuius, o hospes, per Libanum montem deuoluitur, ipse autem Libanus terram habet in flauum plurimum uergentem. **36** Validi igitur ac statim ueni per eos dies efflantes terram haud modice minio commixtam in flumen deferunt, ea sanguineum reddit, quamobrem huiusmodi quidem conuersionis sanguis in causa non est, tametsi plerique id autumant, uerum ipsa soli natura”. **37** Et hactenus quidem Byblius. Quae quamuis uere dicere uisus sit, mihi tamen stata ipsius flatus uehementia quiddam maxime diuinum prae se ferre uidetur.

**38** Ad haec ad montem Libanum ascendimus, Byblo profecti (abest autem ab eo oppido unius diei iter), quod illic Veneris uetustum templum a Cynara quondam constructum esse audiebamus. **39** Ipsum igitur uidimus et uetustum admodum uisum est. **40** Atque haec quidem sunt fana quae in Syria tum antiqua tum magni nominis habentur.

---

**36** Lup. 9r natura sua ad minii proxime colorem accedit || **37** Mic. 314r uera ista dixit : Lup. 9r uera sunt

---

**34** Byblo] Biblo *E* | aliam] alteram *E* || **36** minio... reddit] miniosam flumini commiscunt ea uero sanguineum efficit *E* | quidem *om. E* || **37** Byblius] Biblius *E* | uere dicere uisus sit] ex fide dixerit *E* | post ipsius uerbum animi habet *E* | prae se ferre] habere *E* || **38** ad<sup>2</sup> *om. E* | Byblo] Biblo *E* | iter] itinere *E* || **39** uetustum] antiquum *E* | uisum *om. E* || **40** fana *om. E* | antiqua] uetusta *E* | habentur] sacra uisuntur *E*

**41** Ainda que os tenham semelhantes, todavia, nenhum me pareceu mais venerável do que aquele que se contempla na cidade de Hira, nenhum outro templo mais santo, ou alguma região mais sagrada. **42** Existem nele obras sumptuosas, vestustíssimas oferendas e ainda inúmeros prodígios e ídolos repletos de inspiração divina nos quais verdadeiramente se sente a presença e a manifestação dos próprios deuses. **43** Os próprios simulacros suam espontaneamente, movem-se e proferem oráculos. E muitas vezes, fechado o templo, surgem, no interior do próprio santuário, uma voz ressoante e um clamor, que muitos ouvem.

**44** Além disso, daqueles que conheço, é certamente o principal quanto à opulência. **45** Com efeito, enviam-lhe como presente numerosas riquezas providas da Arábia, dos Fenícios e dos Babilônios; muitas são trazidas da Capadócia, muitas trazem-nas os Cilícios, muitas também os Assírios. **46** Também me foi permitido ver as coisas guardadas no próprio templo, num local retirado, tais como várias vestes, e outros objectos de ouro e prata. **47** Dificilmente encontrarias, de modo algum, entre quaisquer outros mortais, tantos dias festivos e tantas celebrações solenes num único templo.

---

**41** τοσούτων δὲ ἐόντων ἐμοὶ δοκέειν, οὐδὲν τῶν ἐν τῇ ἱρῇ πόλει μείζον ἔμμεναι, οὐδὲ νηὶς ἄλλος ἀγιώτερος, οὐδὲ χώρα ἄλλη ἰοιότερη. **42** ἐνὶ δὲ καὶ ἔργα ἐν αὐτῷ πολυτελέα καὶ ἀρχαῖα ἀναθήματα καὶ πολλὰ θωύματα καὶ ξόανα θεοπρεπέα. καὶ θεοὶ δὲ κάρτα αὐτοῖσιν ἐμφανέες· **43** ἰδρώει γὰρ δὴ ὦν παρὰ σφίσι τὰ ξόανα καὶ κινέεται καὶ χρησιμηγορεῖ, καὶ βοή δὲ πολλάκις ἐγένετο ἐν τῷ νηῷ κλεισθέντος τοῦ ἱεροῦ· καὶ πολλοὶ ἤκουσαν. **44** ναὶ μὴν καὶ ὄλβου περὶ ἐν τοῖσιν ἐγὼ οἶδα πρῶτόν ἐστι· **45** πολλὰ γὰρ αὐτοῖσι ἀπικνέεται χρήματα ἔκ τε Ἀραβίης καὶ Φοινίκων καὶ Βαβυλωνίων· καὶ ἄλλα ἐκ Καππαδοκίης· τὰ δὲ καὶ Κίλικες φέρουσι, τὰ δὲ καὶ Ἀσσύριοι. **46** εἶδον δὲ ἐγὼ καὶ τὰ ἐν τῷ νηῷ λάθρη ἀποκέαται, ἐσθῆτα πολλὴν καὶ ἄλλα ὀκόσα ἐς ἄργυρον ἢ ἐς χρυσὸν ἀποκέκритαι. **47** ἑορταὶ μὲν γὰρ καὶ πανηγύριες οὐδαμοῖσιν ἄλλοισιν ἀνθρώπων τοσαῖδε ἀποδεδέχεται.

**41** Enimuero quanquam non aliter haec habeant, nullum tamen mihi eo quod in Hira ciuitate spectatur augustius uidetur, nec enim templum aliud sanctius, regio sacratio. **42** Sunt autem in ipso et opera sumptuosa et uetustissima donaria plurimaeque etiam miracula ac numine plena idola in quibus ipsi dii ualde praesentes manifestique sentiuntur. **43** Et sudant per se ipsa simulachra et mouentur et edunt oracula, ac saepe numero, clauso templo, intra ipsum fanum numerosa uox clamorque exoriuntur, id quod multi audiunt.

**44** Insuper quod attinet ad opulentiam eorum quae nos scimus, facile princeps est. **45** Etenim quam plurimae ex Arabia, Phoenicibus et Babyloniis opes eidem dono mittuntur, multa ex Cappadocia afferuntur, multa Cilices ferunt, multa et Assyrii. **46** Videre etiam mihi licuit quae in ipso templo in abdito seruantur, uestem uidelicet plurimam caeteraque ex auro et argento. **47** Iam tot dies festos totque solemnes uno in templo celebritates haud usquam apud caeteros mortales inuenias.

---

**42** Mic. 314r donaria antiqua : Lup. 9v | antiqua donaria || **43** Mic. 314r oracula edunt

---

**41** quanquam] tametsi *E* | spectatur] uisitur *E* | *post* augustius *uerbum* esse *habet* *E* | regio] ciuitas alia *E* || **42** uetustissima donaria] uetustissimae statuae *E* | ac numine] numine uidelicet *E* || **43** simulachra] simulacra *E* | edunt] dant *E* | id quod] idque *E* || **45** *post* plurimae *uerbum* huc *habet* *E* | eidem dono mittuntur] accumulatur *E* | multa] sed et alia *E* | *post* Cappadocia *uerbum* dona *habet* *E* | multa<sup>1</sup>] plura et *E* | multa<sup>2</sup>] plura *E* | Assyrii] Assirii *E* || **46** uidere etiam mihi licuit] quinetiam mihi uidere licuit *E* | seruantur] seruabantur *E* | ex auro et argento] aurum argentumue arguentia *E* || **47** dies festos *err.* : dies festi *O* : statae festiuitates *E* | uno in templo *om.* *E* | inuenias] fiunt *E*

**48** E a mim, que comecei a história deste modo, apresentaram-se-me não poucas opiniões, não só acerca da antiguidade do próprio templo e da sua primeira construção, como também a propósito da própria deusa, seja quem for que pensem que é. Destas opiniões, algumas são sagradas, outras evidentes, não poucas são fabulosas, algumas bárbaras, há ainda algumas que concordam com as dos gregos. **49** Vou contar cada uma delas, ainda que não ouse, de modo algum, confirmar nenhuma.

**50** Muitos dizem que foi Deucalião, o cita, quem edificou o templo, aquele Deucalião no tempo do qual ocorreu a grande inundação. **51** Sobre ele, ouvimos dos gregos a seguinte fábula: esta estirpe de homens não é aquela que existia antigamente, mas os que existiram antes pereceram todos. **52** Os que agora existem pertencem à segunda geração, que de novo se propagou a partir do tempo de Deucalião.

**53** Acerca dos povos daquela época anterior narram o seguinte: como eram homens iníquos e insolentes, como perpetravam obras nefandas, não preservavam os juramentos, nem recebiam os estrangeiros nem acolhiam os suplicantes, por tudo isto abateu-se sobre eles uma grande calamidade. **54** De repente surgiu da terra uma imensa força de água, caíram chuvas densíssimas, começaram a fluir, com um imenso ímpeto de ondas, rios torrenciais, o próprio mar se elevou a uma grande altura, até que tudo ficou coberto de água e quase todos os mortais pereceram.

---

[11] **48** ιστορέοντι δέ μοι ἐτέων περί ὁκόσα τῇ ἱρῇ ἐστι, καὶ τὴν θεὸν αὐτοὶ ἦντινα δοκέουσιν, πολλοὶ λόγοι ἐλέγοντο, τῶν οἱ μὲν ἱοί, οἱ δὲ ἐμφανέες· οἱ δὲ κάρτα μυθώδεις, καὶ ἄλλοι βάρβαροι. οἱ μὲν τοῖσιν Ἑλλήσι ὁμολογέοντες· **49** τοὺς ἐγὼ πάντας μὲν ἐρέω, δέκομαι δὲ οὐδαμᾶ. [12] **50** οἱ μὲν ὧν πολλοὶ Δευκαλίωνα τὸν Σκύθεα τὸ ἱρὸν εἴσασθαι λέγουσιν· τοῦτον Δευκαλίωνα ἐπὶ τοῦ τὸ πολλὸν ὕδωρ ἐγένετο. **51** Δευκαλίωνος δὲ περί, λόγον ἐν Ἑλλήσιν ἤκουσα, τὸν Ἑλλήνες ἐπ' αὐτῷ λέγουσιν. ὁ δὲ μῦθος ὧδε ἔχει. ἦδε ἡ γενεή, οἱ νῦν ἄνθρωποι, οὐ πρῶτοι ἐγένοντο, ἀλλ' ἐκείνη μὲν ἡ γενεὴ πάντες ὤλοντο· **52** οὗτοι δὲ γένεος τοῦ δευτέρου εἰσὶ, τὸ αὖτις ἐκ Δευκαλίωνος ἐς πληθὺν ἀπίκητο. **53** ἐκείνων δὲ περί τῶν ἀνθρώπων τάδε μυθεόνται· ὕβρισται κάρτα ἐόντες, ἀθέμιστα ἔργα ἔπρησσαν, οὔτε γὰρ ὅρκια ἐφύλασσαν οὔτε ξείνους ἐδέκοντο οὔτε ἰκετέων ἠνείχοντο, ἀντ' ὧν σφίσι ἡ μεγάλη συμφορὴ ἀπίκητο. **54** αὐτίκα ἡ γῆ πολλὸν ὕδωρ ἐκδιδοῖ καὶ ὄμβροι μεγάλοι ἐγένοντο καὶ οἱ ποταμοὶ κατέβησαν μέζονες καὶ ἡ θάλασσα ἐπὶ πολλὸν ἀνέβη, ἐς ὃ πάντα ὕδωρ ἐγένοντο καὶ πάντες ὤλοντο.

**48** Atque mihi huiusmodi historiam exorso et de templi ipsius uetustate deque prima eiusdem extructione, tum de ipsa diua quaecumque demum ab his esse putetur, haud paucae se offerunt opiniones, quarum aliae sacrae, aliae euidenter, nonnullae fabulosae, quaedam barbarae sunt et quae cum Graecis consentiant. **49** Quas ego, ut singulas quidem recensebo, sic nequaquam ausim affirmare.

**50** Plerique igitur Deucalionem scytham templum posuisse dicunt, illum inquam Deucalionem sub quo ingens inundatio extitit. **51** Nos uero de ipso huiusmodi fabulam a Graecis accepimus: hanc hominum stirpem non antea fuisse, sed qui ex priore quidem fuerant omnes periisse. **52** Eos autem, qui nunc sunt, secundi generis esse, quod a Deucalionis temporibus rursum propagatum est.

**53** Igitur de prioris aetatis gentibus talia fabulantur: cum ualde iniurii contumeliosique forent homines, cum nefaria opera perpetrarent nec iusiurandum seruarent, nec hospites exciperent, nec supplices etiam ferrent, magnam eis pro talibus calamitatem ingruisse. **54** Repente immensam aquarum uim e terra extitisse, densissimos enim imbres descendisse, flumina uasto undarum impetu torrentia profluxisse, mare ipsum altissime intumuisse donec et omnia obruta sunt aqua et mortales ferme omnes interierunt.

---

**52** Mic. 314r hos autem homines qui nunc sunt secundi generis esse eius quod rursus a Deucalione in tantam multitudinem excreuit : Lup. 10v qui nunc sunt mortales secundi generis sunt quod rursus a Deucalione in multitudinem excreuit || **53** Mic. 314r Cum contumeliosi admodum essent nefaria opera eos perpetrasse neque enim iusiurandum obseruasse

---

**48** huiusmodi *om. E* | deque prima eiusdem extructione] quotque anni a prima illius extructione fluxerint *E* | euidenter] probabiles *E* | post nonnullae uerbum etiam habet *E* || **49** ut *om. E* | recensebo sic nequaquam ausim affirmare] repetam nullo tamen recipiendi redendiue periculo *E* || **51** ipso] Deucalione *E* | post hanc uerbum enim habet *E* | post stirpem uerba quae nunc sumus habet *E* | priore] illa *E* | periisse] interisse *E* || **52** autem] adeo *E* | sunt] sint *E* | a Deucalionis... est] a Deucalione in multitudinem rursus excreuerit *E* || **53** iusiurandum *err.* : iusiuranda *O* | nec iusiurandum seruarent] cumque *E* | ingruisse] superuenisse *E* || **54** repente... extitisse] repente enim incredibili aquarum diluio terram inundatam fuisse *E* | enim] quippe *E* | descendisse] perpluisse *E* | post mare uerbum porro habet *E* | obruta sunt] fierent *E* | interierunt] interirent *E*

**55** De todos os homens, Deucalião foi o único a ser poupado para constituir uma segunda geração de homens, devido à integridade do seu carácter e, não menos, devido à sua piedade para com os deuses. **56** Por tais motivos, obteve a salvação da seguinte maneira: entrou numa imensa arca que possuía, depois de terem embarcado os seus filhos e as esposas. **57** Eis que, enquanto entrava, se aproximaram porcos, cavalos, espécies de leões e serpentes, em pouco tempo, todos aqueles seres vivos que a terra cria e alimenta, todos aos pares e cada par distribuído por espécie. **58** Ele recebeu-os a todos e nenhum magoou o seu anfitrião, nem sequer um pouco; devotavam-lhe, pelo contrário, um certo afecto admirável. **59** Enquanto a inundação prevaleceu e dominou, todos navegaram na mesma arca. **60** Assim termina a história grega acerca de Deucalião.

**61** Ora, a história que daqui deriva e que se divulga entre os habitantes da cidade de Hira é digna da maior admiração: dizem que, na sua região, a terra cedeu, dando origem a um imenso abismo que absorveu toda aquela inundação. **62** Dizem ainda que Deucalião erigiu altares nesse local e que, sobre a própria cratera, edificou um templo consagrado à deusa Hera. **63** Efectivamente, nós vimos esta cratera, que está debaixo do templo, e é bastante pequena. **64** Não me parece claro como, de tão grande e espaçosa como era outrora, se terá tornado, pouco a pouco, tão estreita como a que agora se vê. A que eu vi é de certeza muito exígua.

---

**55** Δευκαλίων δὲ μόνος ἀνθρώπων ἐλίπετο ἐς γενεὴν δευτέραν εὐβουλίας τε καὶ τοῦ εὐσεβέος εἵνεκα. **56** ἡ δὲ οἱ σωτηρίῃ ἦδε ἐγένετο· λάρνακα μεγάλην, τὴν αὐτὸς ἔχε, ἐς ταύτην ἐσβιβάσας παῖδας τε καὶ γυναῖκας ἑωυτοῦ ἐσέβη. **57** ἐσβαίνοντι δὲ οἱ ἀπίκοντο σύες καὶ ἵπποι καὶ λεόντων γένεα καὶ ὄφεις καὶ ἄλλα ὁκόσα ἐν γῇ νέμονται, πάντα ἐς ζεύγεα. **58** ὁ δὲ πάντα ἐδέκετο, καὶ μιν οὐκ ἐσίνοντο, ἀλλὰ σφισι μεγάλη διόθεν φιλίῃ ἐγένετο. **59** καὶ ἐν μιῇ λάρνακι πάντες ἔπλευσαν ἔστε τὸ ὕδωρ ἐπεκράτεε. **60** τὰ μὲν Δευκαλίωνος περὶ Ἑλληνες ἱστοροῦσι. [13] **61** τὰ δὲ ἀπὸ τούτου λέγεται λόγος ὑπὸ τῶν ἐν τῇ ἱρῇ πόλει μεγάλως ἄξιος θωυμάσαι, ὅτι ἐν τῇ σφετέρῃ χώρῃ χάσμα μέγα ἐγένετο καὶ τὸ σύμπαν ὕδωρ κατεδέξατο. **62** Δευκαλίων δὲ, ἐπεὶ τάδε ἐγένετο, βομούς τε ἔθετο καὶ νηὸν ἐπὶ τῷ χάσματι Ἥρης ἅγιον ἐστήσατο. **63** ἐγὼ δὲ, καὶ τὸ χάσμα εἶδον, καὶ ἔστιν ὑπὸ τῷ νηῷ κάρτα μικρόν. **64** εἰ μὲν ὧν πάλαι καὶ μέγα ἐὼν, νῦν τοιόνδε ἐγένετο, οὐκ οἶδα. τὸ δὲ ἐγὼ εἶδον μικρόν ἐστι.

**55** Vnicum autem ex omnibus hominibus Deucalionem ob mentis integritatem nec minus erga deos pietatem in secundum hominum genus relictum fuisse. **56** Hunc adeo salutem tali sibi ratione nactum esse: arcam ingentem quam habuit, liberis et uxoribus prius impositis, ingressus est. **57** Ecce autem illi ingredienti occurrisse sues et equos leonumque genera et serpentes breuiter quaecunque animantia tellus gignit atque alit, bina omnia et in paria generatim distincta. **58** At illum et cuncta excepisse eaque ne minimum quidem hospiti suo nocuisse, sed et miro quodam amore eum obseruasse. **59** Ita donec inundatio inualuit ac dominata est, omnes in eadem arca enauigasse. **60** Et hactenus de Deucalione graeca tradit historia.

**61** Porro qui ab his dependet sermo et ab ipsis Hirae ciuitatis hominibus uulgatur maxime admiratione dignus est: sua quippe in regione terram in ingentem uoraginem consedissee, quae uniuersam inundationem in se receperit. **62** At Deucalionem eo in loco et aras posuisse et templum supra ipsum hiatum deae Herae sacrum excitasse. **63** Et nos quidem hiatum uidimus; subest ille templo exiguus ualde. **64** An uero ex maximo olim et spacio paulatim in angustum, qualis nunc uisitur, coiuerit, mihi id quidem non liquet. Quem ego certe uidi modicus admodum est.

---

**56** Mic. 314r impositis in eam et liberis et uxore sua : Lup. 11r impositis simul mulieribus et liberis || **64** Lup. 11v quod si priscis temporibus ingens fuit nostra uero memoria ad id coiuerit angustiae non satis scio

---

**55** ob mentis integritatem] ob integram uiri tum conscientiam *E* | nec minus] tum *E* | hominum *om. E* || **56** arcam... ingressus est] ingenti archa pro temporis angustiis commodum habita in eam ipsam cum liberis et uxoribus ingrediebatur *E* || **57** occurrisse] occurrunt *E* | equos] equi *E* || **58** at ille cuncta excipit et ea ne minimum quidem hospiti suo nocuerunt sed et affectione mira obseruabant *E* || **59** inualuit] praeualuit *E* | ac] et *E* | arca] archa *E* | enauigasse] enauigarunt *E* || **61** receperit] absorbuert *E* || **62** in *om E* || **63** subest] subiacet enim *E* || **64** an] utrum *E*

**65** Αfirmam que é um sinal desta história o facto de duas vezes por ano transportarem água salgada do mar para o templo; e fazem-no não apenas os próprios sacerdotes, mas também toda a Síria e toda a Arábia. **66** Além disso, muitos mortais, entre eles os que vivem além do Eufrates, se dirigem até ao mar e cada um deles derrama no templo a água que de lá retirou. **67** Ela cai no buraco, mas, uma vez que é exíguo (como dissemos), parece realmente admirável que seja capaz de conter tanta água. **68** Realizam tudo isto porque Deucalião tinha instituído o ritual no próprio templo deste modo, como se quisesse que isto fosse considerado uma lembrança, ou da calamidade, ou da sua beneficência.

**69** É esta, portanto, a mais antiga interpretação acerca deste templo que entre eles prevalece, e não outra. **70** Outros pensam que foi a babilónia Semíramis, cujas abundantes obras se contemplam na Ásia, quem construiu este templo, e não o fez em honra de Hera, mas de sua própria mãe, cujo nome é Dérceto. **71** Lembro-me de ter contemplado, na Fenícia, uma imagem de Dérceto, um espectáculo novo e exótico, por certo: metade mulher, mas da cintura para baixo termina em peixe, se bem que na cidade de Hira se represente esta mesma Dérceto de maneira diferente, com a forma de uma mulher.

---

**65** σῆμα δὲ τῆς ἱστορίας τόδε πρήσσουσι δις ἐκάστου ἔτεος ἐκ θαλάσσης ὕδωρ ἐς τὸν νηὸν ἀπικνέεται. φέρουσι δὲ οὐκ ἰρέες μόνον, ἀλλὰ πᾶσα Συρία καὶ Ἀραβία **66** καὶ πέρηθεν τοῦ Εὐφρήτεω πολλοὶ ἄνθρωποι ἐς θάλασσαν ἔρχονται καὶ πάντες ὕδωρ φέρουσι, τὸ πρῶτα μὲν ἐν τῷ νηῷ ἐκχέουσι· **67** μετὰ δὲ ἐς τὸ χάσμα κατέρχεται, καὶ δέκεται τὸ χάσμα μικρὸν ἐὼν ὕδατος χρῆμα πολλόν. **68** τὰ δὲ ποιέοντες Δευκαλίωνα ἐν τῷ ἱερῷ τόνδε νόμον θέσθαι λέγουσι συμφορῆς τε καὶ εὐεργεσίας μνῆμα ἔμμεναι. [14] **69** Ὁ μὲν ὢν ἀρχαῖος αὐτοῖς λόγος ἀμφὶ τοῦ ἱεροῦ τοιόσδε ἐστὶ. **70** ἄλλοι δὲ Σεμίραμιν τὴν Βαβυλωνίην, τῆς δὴ πολλὰ ἔργα ἐν τῇ Ἀσίῃ ἐστί, ταύτην καὶ τόδε τὸ ἔδος εἴσασθαι νομίζουσι. οὐκ Ἦρη δὲ εἴσασθαι, ἀλλὰ μητρὶ ἐωυτῆς, τῆς Δερκετῶ οὖνομα. **71** Δερκετοῦς δὲ εἶδος ἐν Φοινίκῃ ἐθηησάμην, θέημα ξένον· ἡμισέη μὲν γυνή, τὸ δὲ ὀκόσον ἐκ μηρῶν ἐς ἄκρους πόδας ἰχθύος οὐρὴ ἀποτείνεται. ἢ δὲ ἐν τῇ ἱερῇ πόλει πᾶσα γυνή ἐστι.



**65** Atque huiusce historiae illud signum esse aiunt quod bis singulis annis salsa ex aequore aqua in templum inuehitur, quam non ipsi modo sacerdotes, sed omnis quoque Syria, omnis Arabia ferunt. **66** Quinetiam plurimi mortales, ex his qui trans Euphraten agunt, in mare ueniunt et haustam quisque aquam in templum inuergunt. **67** Illa uero in hiatum defluit, qui, cum exiguus (ut diximus) sit, mirum profecto uidetur eum tantarum aquarum capacem esse. **68** Caeterum propterea id eos exequi quod Deucalion huiusmodi ritum in ipso templo instituerit, quasi id haberi uoluerit uel calamitatis uel beneficentiae suae monumentum.

**69** Vetustissima igitur de hoc templo opinio non aliter apud illos habet. **70** Alii Semiramim Babyloniam, cuius plurima opera in Asia spectantur, hanc aedem extruxisse putant, nec tamen Herae, uerum suae ipsius matri posuisse, cui nomen Derceto. **71** Dercetus porro speciem me in Phoenicia spectare memini, nouum ac peregrinum sane spectaculum, nempe dimidia parte mulier est ab inguinibus uero in piscem desinit, cum alioqui haec ipsa Derceto sub muliebri imagine in ciuitate Hira expressa uideatur.

---

**71** Mic. 314v spectaculum plane peregrinum : Lup. 12v peregrinum sane spectaculum

---

**65** singulis annis] unno quoque anno *E* | inuehitur] istud inuehatur *E* | sacerdotes] Hiri *E* || **66** Euphraten] Euphratem *E* | haustam quisque] illatam omnes *E* || **67** eum tantarum aquarum capacem esse] tantam aquarum copiam posse capere *E* || **68** quasi id] idque *E* | monumentum] monimentum *E* || **71** spectare] spectasse *E* | sane *om.* *E* | nempe] quippe *E* | est *om.* *E*

**72** Tentam assegurar a fiabilidade desta interpretação (o que não parece muito provável) com o facto de considerarem os peixes sagrados, e jamais lhes tocarem; alimentam-se ainda de todas as aves, e só se abstêm da pomba, que também é sagrada para eles. **73** Em suma, consideram que isto foi instituído em honra de Semíramis e Dérceto, e por nenhuma outra razão, e que poupam os peixes porque Dérceto apresenta a forma de um peixe, e a pomba, porque a própria Semíramis foi, no fim, transformada em pomba. **74** Ainda que admitamos que este templo talvez tenha sido edificado por Semíramis, porém, de nenhum modo somos levados a crer que tenha sido dedicado a Dérceto. **75** Com efeito, também é ilícito comer peixe entre certos egípcios, se bem que não o façam certamente em honra de Dérceto.

---

**72** πίστιες δὲ τοῦ λόγου αὐτοῖσιν οὐ κάρτα ἐμφανέες. ἰχθύας χρῆμα ἱρὸν νομίζουσι καὶ οὐκοτε ἰχθύων ψαύουσι· καὶ ὄρνιθας τοὺς μὲν ἄλλους σιτέονται, περιστερὴν δὲ μούνην οὐ σιτέονται, ἀλλὰ σφίσι ἦδε ἱρή. **73** τὰ δὲ γιγνόμενα δοκέει αὐτοῖς ποιέεσθαι Δερκετοῦς καὶ Σεμιράμιος εἵνεκα, τὸ μὲν ὅτι Δερκετὼ μορφὴν ἰχθύος ἔχει, τὸ δὲ ὅτι τὸ Σεμιράμιος τέλος ἐς περιστερὴν ἀπίκητο. **74** ἀλλ' ἐγὼ τὸν μὲν νηὸν ὅτι Σεμιράμιος ἔργον ἐστι, τάχα κου δέχομαι. Δερκετοῦς δὲ τὸ ἱρὸν ἔμμεναι οὐδαμᾶ πείθομαι, **75** ἐπεὶ καὶ παρ' Αἰγυπτίων ἔνιοι εἰσι, οἱ ἰχθύας οὐ σιτέονται, καὶ τάδε οὐ Δερκετοῖ χαρίζονται.

**72** Atque opinioni huiusmodi fidem (non id sane probabiliter) inde astruere conantur, quod pisces rem sacram existiment nec ullo tempore attingant, ad haec coeteris quidem auibis uescantur unica uero columba abstineant, quae etiam illis sacra est. **73** Quocirca sic statuunt non alia quam Dercetus et Semiramidos gratia haec instituta fuisse; et parcere quidem piscibus quod Derceto piscis effigiem praeferat, at columbae quod ipsa Semiramis postremo in columbam fuerit uersa. **74** Nos autem templum ipsum aedificatum a Semiramide fuisse admittamus fortasse, dictum uero Dercetoni fuisse nequaquam ut id credamus adducimur. **75** Etenim et apud quosdam Aegyptios uesci piscibus nefas est, cum uidelicet id ipsum in gratiam Dercetus non faciant.

---

**72** Mic. 314v pisces rem sacram existimant neque unquam pisces attingunt

---

**72** atque... attingant] atque opinionis huiusce fidem inde sibi constare arbitrantur quod pisces quasi rem sacram colant necunquam attingant | quae etiam illis sacra est] quippe quam ipsam et sacram in primis ducant *E* || **73** et] ac *E* | *post* haec *uerbum* olim *habet* *E* | fuerit uersa] uersa fuerit *E* | **74** Semiramide *err.* : Semirami *O E* | fuisse] esse *E* | admittamus] recipiamus *E* | Dercetoni] Derceto *E* | id *om.* *E*

**76** Narram ainda uma outra história sagrada, que nós ouvimos de um homem sábio: que na verdade se trata da deusa Reia e que a construção do templo se deve atribuir a Átis. **77** Este, digo, é aquele Átis que era lídio e foi o primeiro de todos a ensinar as cerimónias em honra de Reia; depois, como tivessem recebido de Átis o ritual, também Frígios, Lídios e Samotrácios o praticaram. **78** Tudo o que contam acerca de Átis também o ouvi nesta cidade: como se absteve da vida viril depois de castrado por Reia, e, tomando uma forma feminina, percorreu todas as terras com uma veste de mulher e realizou cerimónias, umas vezes explicando o que tinha padecido, outra vezes louvando Reia. **79** Entretanto, chegou à Síria e, ao verificar que os habitantes que vivem além do Eufrates não o tinham aceitado, nem a si, nem às suas cerimónias, edificou um templo nesse mesmo lugar.

**80** No entanto, não são poucos os sinais que indicam que a deusa não é outra a não ser Reia, pois é transportada por leões, tem um tambor e, além disso, usa na cabeça uma coroa com uma torre, semelhante àquela com que os Lídios representam Reia. **81** Aquele homem falou-me ainda dos Galos que estão no templo (efectivamente, não se esqueceu): não apenas me disse que os Galos nunca se mutilam em honra de Juno, mas sim de Reia, e que imitam Átis. **82** Tudo isto me parece bastante conveniente, mas de nenhuma maneira verdadeiro, tendo em conta que ouvi uma outra razão para a mutilação, de longe bastante mais provável.

---

[15] **76** ἔστι δὲ καὶ ἄλλος λόγος ἱρός, τὸν ἐγὼ σοφοῦ ἀνδρὸς ἤκουσα, ὅτι ἡ μὲν θεὴ Πέη ἐστὶ, τὸ δὲ ἱρὸν Ἄττει ποίημα. **77** Ἀττῆς δὲ γένος Λυδὸς μὲν ἦν, πρῶτος δὲ τὰ ὄργια τὰ ἐς Πέην ἐδιδάξατο· καὶ τὰ Φρύγες καὶ Λυδοὶ καὶ Σαμόθρακες ἐπιτελέουσι, Ἄττει πάντα ἔμαθον. **78** ὥς γάρ μιν ἡ Πέη ἔτεμε, βίου μὲν ἀνδρηίου ἀπεπαύσατο, μορφὴν δὲ θηλέην ἡμείψατο καὶ ἐσθῆτα γυναικίην ἐνεδύσατο καὶ ἐς πᾶσαν γῆν φοιτέων ὄργια τε ἐπετέλεε καὶ τὰ ἔπαθε ἀπηγγέτο καὶ Πέην ἤειδε. **79** ἐν τοῖσιν καὶ ἐς Συρίην ἀπικέτο. ὥς δὲ οἱ Πέην Εὐφρήτew ἄνθρωποι οὔτε αὐτὸν οὔτε ὄργια ἐδέκοντο, ἐν τῷδε τῷ χώρῳ τὸ ἱρὸν ἐποιήσατο. **80** σημήϊα δὲ ἡ θεὸς τὰ πολλὰ ἐς Πέην ἀπικέται. λέοντες γάρ μιν φέρουσι καὶ τύμπανον ἔχει καὶ ἐπὶ τῇ κεφαλῇ πυργοφορεῖ, ὁκοῖν Πέην Λυδοὶ ποιέουσιν. **81** ἔλεγε δὲ καὶ Γάλλων πέρι, οἱ εἰσι ἐν τῷ ἱρῷ, ὅτι Γάλλοι Ἦρη μὲν οὐδαμᾶ, Πέη δὲ τέμνονται καὶ Ἄττει μιμνέονται. [16] **82** τὰ δέ μοι εὐπρεπέα μὲν δοκέει ἔμμεναι, ἀληθέα δὲ οὐ. ἐπεὶ καὶ τῆς τομῆς ἄλλην αἰτίην ἤκουσα πολλὸν πιστοτέραν.

**76** Traditur et alius sacer sermo, quem nos alioqui a prudenti uiro accepimus: ipsam quidem deam Rheam esse, coeterum templi opus Atte debere ascribi. **77** Hic, inquam, ille est Attes qui et Lydus fuit et primus omnium orgia in Rheam docuit, quibus deinde et Phryges et Lydi et Samothraces, cum ab Atte ritum accepissent, sunt usi. **78** Porro quaecunque de Atte traduntur ea etiam hac in ciuitate accepi, quemadmodum ab Rhea sectus a uirili uita abstinuerit eumque in foemineam faciem transformatum habitu muliebri omnem terram peragrasse atque orgia fecisse, simul quae passus foret prodendo, simul Rheam laudando. **79** Inter haec in Syriam uenisse, ubi, cum ab his qui trans Euphraten agunt nec se nec sua orgia recipi uideret, in hoc ipso loco templum condidisse.

**80** Sed et non pauca signa diuam non aliam quam Rheam esse arguunt et leonibus enim uehitur et tympanum habet, ad haec coronam in capite turritam gestat, qualem admodum Rheam Lydi effingunt. **81** Qui uero me horum admonuit, (ne ille quidem Gallorum oblitus est) qui in hoc templo sunt: nec enim unquam Gallos Iunoni sed Rhae incidi et Atten imitari; **82** quae sane mihi conuenientia uidentur, coeterum nequaquam illa uera, utpote qui aliam sectionis rationem longe probabiliorem acceperim.

---

**76** Mic. 314v ferunt autem et alius sermo sacer || **77** Mic. 314v ac quibus Phryges et Lydi et Samothraces in sacris utuntur ea omnia ab Atte acceperunt || **80** Mic. 314v coronam in capite turritam gestat || **81** Mic. 314v Atten || **82** Mic. 314v caeterum haec mihi conuenientia quidem uidentur esse uera autem non

---

**76** alius sacer sermo quem] alia sacra fabulam quam *E* | Atte *err.* : Atti *O E* || **77** Attes *err.* : Attis *O E* | docuit] tradidit *E* | Atte *err.* : Atti *O E* | sunt usi] initiati sunt *E* || **78** porro... abstinuerit] etenim Atti ab Rhea euirato illum a uirili uita abstinuisse *E* | Atte *err.* : Atti *O E* | eumque] itaque *E* | habitu muliebri] cultuque muliebri indutum *E* / peragrasse] peragrarare *E* | fecisse] facere solitum *E* || **79** uideret] intelligeret *E* | condidisse] statuisse *E* || **80** uehitur] uehit *E* | tympanum] timpanum *E* | coronam in capite turritam gestat] turribus super caput insignita est *E* | effingunt] fingunt *E* || **81** Atten *err.* : Attim *O E* || **82** conuenientia] probabilia *E* | nequaquam] minime *E* | *post* uera *uerba* aut necessaria *habet E* / acceperim] intellexerim *E*

**83** Entre todas as razões, a que mais me persuadiu foi aquela que, em grande medida, coincide com a história grega. **84** Não faltam os que não só consideram que a deusa é Juno como também atribuem a construção da obra a Baco, filho de Sémele, e que Dioniso, no tempo em que regressava da Etiópia, chegou de facto à Síria. **85** No entanto, muitos sinais no templo indicam que o fundador não foi outro a não ser Baco, entre os quais se vêem vestes bárbaras, pedrinhas índicas e presas de elefantes, que o próprio Dioniso trouxe da Etiópia. **86** Observam-se ainda, no próprio vestíbulo do templo, dois falos (em grego, falo significa partes pudendas) de uma imensa e incrível altura, em que está gravado o seguinte epigrama: “Eu, Dioniso, construí estes falos para a minha madrasta Juno”. **87** Ainda que tudo isto pareça provar e demonstrar suficientemente a interpretação de que Baco é o fundador, queria ainda acrescentar, porém, um outro elemento sagrado em honra de Dioniso que é visível no interior do templo. **88** Os Gregos erigem falos em honra de Baco e por este motivo adicionam o seguinte: homúnculos de madeira que exibem enormes partes pudibundas, que se chamam *neurospasta*. **89** É ainda visível no mesmo santuário, na parte direita do templo, um homúnculo de bronze sentado que exhibe da mesma maneira impúdica os seus genitais.

---

**83** ἀνδάνει δέ μοι τὰ λέγουσὶ τοῦ ἱεροῦ περὶ τοῖσι Ἑλλήσι τὰ πολλὰ ὁμολογέοντες. **84** τὴν μὲν θεὸν Ἥρην δοκέοντες, τὸ δ' ἔργον Διονύσου τοῦ Σεμέλης ποίημα· καὶ γὰρ δὴ Διόνυσος ἐς Συρίην ἀπύκετο κείνην ὁδὸν τὴν ἦλθε ἀπ' Αἰθιοπίνην. **85** καὶ ἔστι πολλὰ ἐν τῷ ἱερῷ Διονύσου ποιητέω σήματα, ἐν τοῖσι καὶ ἐσθῆτες βάρβαροι καὶ λίθοι Ἰνδοὶ καὶ ἐλεφάντων κέρα, τὰ Διόνυσος ἐξ Αἰθιοπῶν ἤνευκε. **86** καὶ φαλλοὶ δὲ ἐστᾶσι ἐν τοῖσι προφυλαίοισι δύο κάρτα μεγάλοι. ἐπὶ τῶν ἐπίγραμμα τοιόνδε ἐπιγράφεται, ‘τούσδε φαλλοὺς Διόνυσος Ἥρῃ μητριῇ ἀνέθηκα.’ **87** ἐμοὶ μὲν ὧν καὶ τάδε ἀρκέει. ἐρέω δὲ καὶ ἄλλο, τι ἐστὶ ἐν τῷ νηῷ, Διονύσου ὄργιον. **88** φαλλοὺς Ἕλληνες Διονύσῳ ἐγείρουσιν, ἐπὶ τῶν καὶ τοιόνδε τι φέρουσιν, ἄνδρας μικροὺς ἐκ ξύλου πεποιημένους, μεγάλα αἰδοῖα ἔχοντας. καλέονται δὲ τάδε νευρόσπαστα. ἔστι δὲ καὶ τόδε ἐν τῷ ἱερῷ. **89** ἐν δεξιᾷ τοῦ νηοῦ κάθηται σμικρὸς ἀνὴρ χάλκεος ἔχων αἰδοῖον μέγα.

**83** Etenim praeter coeteras illa me ratio mouet quae cum graeca historia in plerisque consentit. **84** Non ergo hic desunt qui et deam Iunonem arbitrentur et operis extructionem ad Bacchum Semeles referant, siquidem Dionysium, qua tempestate ex Aethiopia reuertebatur, ad Syriam deuenisse. **85** Sed et multa in aede signa non alium conditorem quam Bacchum arguunt, in quibus et uestes barbarae et lapilli indici elephantorumque cornua uisuntur, quae ipse Dionysius ex Aethiopibus detulit. **86** Quin et phalli duo (phallus graece uerenda significat) immani quadam et incredibili altitudine in ipsis templi uestibulis spectantur, quibus tale epigramma insculptum est: “Hos phallos Dionysius Iunoni nouercae posui”. **87** Quanquam uero haec opinionem de Baccho sat probare atque testari uidentur, adiiciam tamen aliud quod intra templum Dionysio sacrum apparet. **88** Phallos Graeci Baccho erigunt, cuius rei causa illud astruunt: ligneos homunculos immania uerenda praeferentes, quae neurospasta uocant. **89** Cernitur igitur et hoc in eodem fano, ad dextram templi partem, ubi aeneus eiusmodi homuncio sedens immodica genitalia ostentat.

---

**83** Mic. 315r in quibus cum Graecis consentiunt || **84** Lup. 14v quo tempore ex Aethiopia reuertebatur | Mic. 315r lapilli Indici || **88** Mic. 315r in quibus et tale quiddam portant uiros puta exiguos ex ligno affigatos magna uirilia habentes. Vocantur autem neurospasta haec : Lup. 16v appellanturque huiusce modi neurospasta

---

**83** ratio mouet] impellit opinio *E* | historia] hystoria *E* | consentit] conuenit *E* || **84** arbitrentur] dicant *E* | ad Bacchum] Baccho *E* | referant] attribuant *E* || **85** multa *om. E* | *post* Bacchum *uerbum* aperte *habet E* || lapilli] lapides *E* | uisuntur] numerantur *E* | detulit] intulit *E* || **86** graece] grece *E* | *post* uerenda *uerbum* hominis *habet E* | altitudine] proceritate *E* | spectantur] uisuntur *E* | tale] huiusmodi *E* | phallos] phallus *E* || **87** atque testari] ac arguere *E* | apparet] est *E* || **88** astruunt... uocant] et super astruunt homunculos uidelicet ex ligno concinnatos immania quaedam uirilia praeferentes quae ipsa neuropasta id est nerui statumina uel nerui thalamia uocant *E* || **89** fano] sacro *E* | dextram] dexteram *E*

**90** É isto o que contam acerca dos primeiros fundadores do templo. **91** Este é o momento propício para começarmos a falar acerca da edificação do templo que ainda hoje existe, por que razão terá sido levantado e quem o terá fundado. **92** Dizem que o templo que foi edificado nos primórdios de forma alguma se conserva na nossa época, mas desabou, corroído pela passagem do tempo, e que, na verdade, o que hoje se vê é obra de Estratonice, a esposa do rei dos Assírios.

**93** Ora, parece-me que esta é aquela Estratonice por quem o seu enteado Antíoco se apaixonou, caso que foi notado e descoberto pela prudência do notável médico Erasítrato. **94** Quando a tristeza se apoderou do jovem e ele já nem era capaz de combater o avanço do mal, pois temia uma grande infâmia, caso descobrissem o seu amor, era atormentado, em silêncio, pela grave doença. **95** Jazia, assim, sem revelar absolutamente nenhum sofrimento, mas a sua cor mudava completamente e o seu corpo debilitava-se, ficando cada dia mais enfermo. **96** Contudo, o médico, ao perceber, com uma aguçada perspicácia, que não existia causa visível de nenhuma doença, imediatamente entendeu que se tratava de uma perturbação de amor. **97** Muitos sinais confluíam, efectivamente, para indicar um fogo oculto: olhos fracos, voz abatida, cor fúnebre e lágrimas que caíam abundantemente.

---

[17] **90** τοσάδε μιν ἀμφὶ τῶν οἰκιστέων τοῦ ἱεροῦ μυθολογέουσιν. **91** ἤδη δὲ ἐρέω καὶ τοῦ νηοῦ περί, θέσιός τε ὅπως ἐγένετο καὶ ὅστις μιν ἐποίησατο. **92** λέγουσιν τὸν νηὸν τὸν πρὶν ἔοντα μὴ ἔμμεναι τὸν τὴν ἀρχὴν γεγενημένον, ἀλλ' ἐκεῖνον μὲν κατενεχθῆναι χρόνῳ ὕστερον· τὸν δὲ νῦν ἔοντα Στρατονίκης ἔμμεναι ποίημα, γυναικὸς τοῦ Ἀσσυρίων βασιλέως. **93** δοκεῖ δέ μοι ἡ Στρατονίκη ἐκείνη ἔμμεναι, τῆς ὁ πρόγονος ἠρήσατο· τὸν ἥλεγξε τοῦ ἱητροῦ ἐπινοίη· **94** ὥς γάρ μιν ἡ συμφορὴ κατέλαβε, ἀμηχανέων τῷ κακῷ αἰσχυρῷ δοκέοντι κατ' ἡσυχίην ἐνόσσεε· **95** ἔκειτο δὲ ἀλγέων οὐδέν. καὶ οἱ ἢ τε χροὶ πάμπαν ἐτρέπετο καὶ τὸ σῶμα δι' ἡμέρης ἐμαραίνετο. **96** ὁ δὲ ἱητρὸς ὥς εἶδε μιν ἐς οὐδὲν ἐμφανὲς ἀρρωστέοντα, ἔγνω τὴν νοῦσον ἔρωτα ἔμμεναι. **97** ἔρωτος δὲ ἀφανέος πολλὰ σημήϊα, ὀφθαλμοὶ τε ἀσθενέες καὶ φωνὴ καὶ χροὶ καὶ δάκρυα.



**90** Et haec quidem sunt quae de aedis primis conditoribus fabulantur. **91** Nunc iam tempus appetit ut de templi quod nunc extat aedificatione, quae de causa positum fuerit, quisue ipsum condiderit, dicere aggrediamur. **92** Tradunt igitur templum, quod a primordio aedificatum fuerat, neutiquam aetate nostra superesse, sed illud quidem temporis uetustate labefactum corruisse, quod uero nunc uisitur Stratonices, Assyriorum regis uxoris, opus esse.

**93** Videtur autem mihi haec esse illa Stratonice quam suus priuignus Antiochus admauit, id quod singulari medici Erasistrati prudentia animaduersum fuit ac depraesensum. **94** Vbi enim miseria iuuenem inuasisset nec ille grassanti iam malo potius esset reluctari, quippe qui ingentem turpitudinem, si amorem aperiret, uerebatur, tacitus graui morbo conflictabatur. **95** Iacebat autem nihil omnino doloris indicans, at color penitus immutatus erat corpusque aegerrime habens in dies magis tabescebat. **96** Sed medicus, cum acri ingenio perspiceret nullius morbi causam apparere, continuo amoris perturbationem ratus est. **97** Plura uidelicet signa occulti ignis concurrebant: oculi imbecilli, uox lassa, color funereus lachrymaeque affatim intercidentes.

---

**90** Mic. 315r Ac tantum de illo quod ad conditores templi attinet tradunt : Lup. 16v quae de templi conditoribus narrant || **93** Mic. 315r uidetur autem mihi Stratonice illa esse quae a priuigno amata fuit cuius amorem medici industria deprehendit || **95** Mic. 315r Iacebat autem nullo quidem certo dolore affectus

---

**90** aedis... fabulantur] sacri institutoribus religionisque primis inductoribus fabulantur *E* || **91** aedificatione] positione *E* | quae de causa positum fuerit] causaque positionis *E* || **92** quod a primordio] id quod principio *E* | post labefactum uerbum demum habet *E* | Assyriorum regis uxoris *om. E* || **93** Videtur... Stratonice] Haec est illa Stratonice Demetrii filia et Seleuci Assiriorum regis uxor *E* | prudentia] ingenio *E* | fuit *om. E* | post depraesensum uerbum est habet *E* || **94** aperiret uerebatur] manifestasset uereretur *E* | tacitus] infoelix *E* || **96** cum] ubi *E* | perspiceret] perspexisset *E* | nullius morbi causam] nullam eiusmodi ualitudinis causam liquido *E* | ratus] suspicatus *E* || **97** post oculi uerba fracti et habet *E*

**98** Então, ao aperceber-se disto, o hábil Erasítrato fez o seguinte: tendo colocado a mão direita sobre o coração do adolescente, manteve-a no mesmo sítio enquanto todos os moradores do palácio, chamados um a um, se aproximavam. **99** À medida que entravam, o jovem enfermo de amor permanecia igual, numa grande quietude, mas, mal a madrastra entrou, a sua cor mudou de repente, foi inundado pelo suor, um tremor percorreu-lhe o corpo todo e o seu coração começou a palpar violentamente, o que proporcionava ao médico a maior das provas de amor. **100** Assim, elabora um remédio para tão grande sofrimento.

---

**98** μαθὼν δὲ ταῦτα ἐποίηε· χειρὶ μὲν τῇ δεξιῇ ἔχε τοῦ νεηνίσκου τὴν καρδίην, ἐκάλεε δὲ τοὺς ἀνὰ τὴν οἰκίην πάντας· **99** ὁ δὲ τῶν μὲν ἄλλων ἐσιόντων πάντων ἐν ἡρεμίῃ μεγάλη ἦν, ὥς δὲ ἡ μητρὺ ἀπίκετο, τὴν τε χροίην ἡλλάξατο καὶ ἰδρώειν ἄρξατο καὶ τρόμῳ ἔχετο καὶ ἡ καρδίη ἀνεπάλλετο. τὰ δὲ γιγνόμενα ἐμφανέα τῷ ἱητρῷ τὸν ἔρωτα ἐποίηε. **100** καὶ μιν ὥδε ἰήσατο.

**98** Itaque cum haec perspexisset, tale quiddam artifex Erasistratus exequitur: manu dextra ad cor adolescentis admota, tantisper ibidem tenuit dum omnes qui e regia erant, singulatim accersiti, adessent. **99** Et uero, coeteris ingredientibus, aeger amore iuuenis aequae in magna quiete perdurare, uerum enimuero uix dum nouerca ingrediente color repente immutari, sudor diffluere, tremor totum corripere, cor ipsum acriter subsultare, quae ipsi tandem medico testatissimum amorem reddiderunt. **100** Sic adeo tantae sollicitudini maturat auxilium.

---

**99** Mic. 315r tum demum et colorem mutare et sudorem emittere incipiebat tremoreque corripiebatur et ei cor subsultabat

---

**98** cum haec perspexisset] simul atque morbi causam sibi constare uisus est *E* | ibidem] eo in loco *E* | omnes qui e regia erant] quicumque in regia uersarentur *E* || **99** in magna quiete perdurare] in eodem statu perdurabat *E* | dum nouerca] nouerca ipsa *E* | color repente] de repente et color *E* | diffluere] effluere *E* | corripere] inuadere *E* | acriter subsultare] dispariliter exultare *E* | *post* quae *uerba* cum ad hunc modum eueniret *habet E*

**101** Tendo chamado à parte o pai, Seleuco, que se encontrava extremamente ansioso por causa do seu único filho, disse-lhe: **102** “A doença que atingiu o teu filho, rei, daqui em diante evita denominá-la doença, porque ele não sofre de nada (como costumam sofrer os outros enfermos), nem de nada lhe serviria a minha perícia. **103** Na verdade, a loucura de um amor infame lançou-o para uma dúbia perturbação, deixando a sua mente alienada, devido à qual muito receio – proibam-no os Deuses – que se abata sobre ti o extremo luto. **104** Aflijome, contudo, e tortura-me o espírito o facto de a cura para tão amargo mal supor a minha desonra e não necessitar dos meus cuidados médicos. Oxalá deles necessitasse! **105** De facto, quanto mais o desejo, e mais glorioso se revela para mim, tanto mais infame e pernicioso se mostra. **106** Mas, para que não pareça que em vão exagero, com as minhas palavras, um crime já em si grave, nem que te constituo como um juiz a meu favor, fica a saber que o teu filho Antíoco, contra o que é lícito, contra o que é pio, se apaixonou perdidamente pela minha esposa, minha unicamente, de tal forma que diz que morrerá em breve se não realizar o seu sacrílego desejo. **107** E assim, infeliz, fui compelido para esta aflição em que, embora me declare médico, não posso curar a enfermidade de Antíoco? **108** Por isso queria rogar-te, uma e outra vez, que não queiras exercer contra mim uma violência sacrílega por causa desta grande injúria, e que não predomine em ti a indulgência paterna, mais do que a virtude ou a

---

[18] **101-106** καλέσας τοῦ νεηνίσκου τὸν πατέρα κάρτα ὀρρωδέοντα, ‘ἦδε ἡ νοῦσος,’ ἔφη, ‘τὴν ὁ παῖς ὅδε ἀρρωστέει, οὐ νοῦσός ἐστι, ἀλλὰ ἀδικίη· ὅδε γάρ τοι ἀλγέει μὲν οὐδέν, ἔρως δέ μιν καὶ φρενοβλαβείη ἔχει. ἐπιθυμέει δὲ τῶν οὐδαμᾶ τεύξεται, φιλέων γυναῖκα ἐμήν, τὴν ἐγὼ οὔτι μετήσομαι.’

**101** Cum enim Seleucum patrem uehementer de unico filio anxium seduxisset, **102** “Nempe”, inquit, “ualetudinem in quam filius tuus, o rex, incidit, caue ne posthac ualetudinem dixeris, quando neque quicquam (ut coeteri aegroti assolent) patitur neque nostrae artis uel minimum eget. **103** Nanque illum turpis amoris insania in ancipitem perturbationem mente externata coniecit, ex qua plurimum uereor ne extremus (quod dii prohibeant) tibi luctus impendeat. **104** Doleo tamen animique discrutior quod huius tam acerbi mali curatio infamiam meam petat, non opem medicam desyderet. Atque utinam desyderaret modo. **105** Etenim quam hoc mihi expetendum et cum primis gloriosum, tam illud scilicet turpe et calamitosum. **106** Sed ne uerbis crimen per se graue frustra exaggerare uidear uel te iudicem mihi constituam, filius enim tuus Antiochus contra fas, contra pium, meam unius uxorem perditissime deperit, ut, nisi nefarii uoti compos fiat, se quam celeriter morituum esse dicat. **107** Ergo in eas angustias infoelix coniectus sum, ut, cum me medicum profitear, aegroto Antiocho mederi nequeam? **108** Quod te, etiam atque etiam oratum, uelim ne uim nefariam per summam iniuriam in me exercere uelis, neue apud te magis paterna

---

**101** *post* anxium *uerba* lachrymisque et maerore confectum *habet E* || **102** *ualetudinem*] *ualitudinem E* | *post* assolent *uerba* in corpore *habet E* || **103** coniecit] praecipitauit *E* || **104** *post* tamen *uerba* o rex *habet E* | discrutior] discrucior *E* | desyderaret] desideraret *E* || **105** turpe et] infoelix ac *E* | *post* calamitosum *uerba* si id patiar perpetuo dedecore nomen nostrum afficiet *habet E* || **106** crimen per se graue frustra *om. E* | uel... constituam] quod per se maximum est te etiam mihi iudicem qui aequissimus regum sis constituo ne forte me inique facere et immerito commoueri putes *E* | *post* pium *uerba* contra omnium iura gentium et leges *habet E* | *post* deperit *uerba* atque ita deperit *habet E* | *post* dicat *uerba* me miserum aliam ne a me praeterquam ab arte mea medicinam quaeri oportere *habet E* || **107** aegroto Antiocho mederi nequeam] aegrotis tamen ferre opem non possim *E* || **108** *post* atque etiam *uerba* rex optime *habet E* | uim nefariam] qui caeteris de te iustitiae exemplum praebes nunc in me hominem non malum tibi addicissimum quem hactenus seruatum uoluisti tyrannicam uim *E* | in me exercere uelis] exerceas *E*

razão da justiça. **109** Porque se sentir que tu, para minha desonra, não tens nenhuma consideração nem pelos juramentos divinos nem pelos humanos, ninguém me arrebatará, de forma alguma, observando-o eu, tranquilo, antes que profane e manche com o meu sangue os deuses penates, testemunhas do nosso casamento, de forma a que, ao acumular um crime tão grave com outro crime, os deuses imortais atendam a tão grande impiedade”.

**110** E foi com estas palavras que o sábio e prudente Erasítrato se dirigiu ao rei. **111** Mas Seleuco, ao ouvi-lo, imediatamente lhe suplicou com inúmeras preces que não o lançasse para o luto supremo, privando-o de um filho: **112** “Imploro-te, Erasítrato, pela tua sapiência e pela arte da medicina, que não causes a morte terrível do jovem infeliz, tu que deverias, antes de qualquer outro, atender à sua saúde afectada e digna de lamento, nem procures, cruelmente, assistir em simultâneo ao funeral do filho, ao sepulcro do pai, à ruína do nosso povo e à destruição da casa real. **113** Que outra coisa possuo eu, desgraçado? Porque hei-de afastar a morte ou desejar desfrutar desta luz comum, se suporto que a esperança do nosso sangue, o sustento do reino, a única tranquilidade da minha velhice seja arrebatada e destruída perante os meus olhos, ainda na flor da juventude? **114** Que crime não lhe imputará a presente e toda a futura geração àquele que não evitar, com leve prejuízo, uma perda ineluctável e aquilo que poderia ser facilmente compensado?

---

**110-112** ὁ μὲν ὧν τοιαῦδε σοφίῃ ἐψεύδετο. ὁ δὲ αὐτίκα ἐλίσσετο, ‘πρὸς τε σοφίης καὶ ἱητρικῆς, μή μοι παῖδα ὀλέσης.

indulgentia quam uirtus et iustitiae ratio dominantur. **109** Quod si te nihil nec diuina nec humana iura in meum dedecus curare sensero, ne illam quidem me ociose spectante quispiam auferet priusquam deos penates, coniugii nostri testes, cruore meo polluat contemeretque ut, cum scelus sceleri accumulatum fuerit grauius, dii immortales in tantam impietatem animaduertant”.

**110** Et his quidem uerbis sapienti quodam astu aggressus Erasistratus regem est. **111** At enim Seleucus his auditis multis continuo precibus obsecrare ne se in supremum orbitatis luctum coniiciat. **112** “Per ego”, inquit, “Erasistrate, et sapientiam tuam te et artis medicinae professionem obtestor ne idem infoelicissimo iuueni dirum compares exitium, qui eius affectae deplorataeque saluti consulere ante alios deberes, neue eodem puncto temporis nati funus, patris sepulchrum, generis nostri interitum domusque regiae occasum spectare crudeliter ambias. **113** Quid enim miser ultra habeo? Quid mortem deprecere aut huius communis lucis usuram expetam, si nostri spem sanguinis regnique subsidium, si unicam meae senectutis requiem sub primo iuuentutis flore mihi ante oculos eripi atque extinguere perferam? **114** Quid porro sceleris et praesens et omnis futura aetas ei non imputet, qui iacturam ineluctabilem leui damno et quod facile pensari queat non redimat?

---

**112** Mic. 315r per prudentiam ego te tuam perque ipsam medicinam obtestor : Lup. 17r per sapientiam orare et medicinam

---

**108** uirtus et iustitiae ratio] decus et regia seueritas *E* | *post* dominantur *uerba* id quod demum perficies si et mihi dulcissimam pudicissimamque uxorem intactam seruabis nec a legitimi coniugis amplexu diripi patieris habet *E* || **109** quod... contemeretque] attamen si te nichil uel diuina uel humana iura curare sensero ne illam quidem me ociose spectante a nobis quispiam auferet priusquam cruore meo ipsum naturae genium deosque penates coniugii nostri testes polluat contemeretque *E* || **110** *om.* *E* || **112** sapientiam] pietatem *E* | infoelicissimo... compares] infoelicissimum iuuenem in dirum adigas *E* | deberes] debeas *E* | spectare] uidere *E* || **113** quid *E* : quod *A* | mortem deprecere] uitam demorer *E* | mihi ante oculos] ex oculis mihi *E* | perferam] uideo *E*

**115** Ó infausta velhice a minha, ó amarga e célere senectude! Acaso prolonguei eu, filho amado, o meu império tão extensamente, para suportar que tu, o único herdeiro que me concederam, por fim, os deuses, depois de muitas súplicas, fosses despojado da vida, sobrevivendo-te eu mesmo? **116** Não deveria eu evitar e prevenir, logo que possível, o deplorável luto, a cruel senectude e a morte infelicíssima, inúmeros males que sobre mim pendem? **117** Reflecte, pelos deuses, Erasítrato, para qual de nós se seguiu um mal mais amargo, a partir desta situação. **118** Pois se o desgraçado Antíoco, não estando constrangido por amor algum, mas, degenerado da virtude paterna, se preparou para causar alguma injúria, imediatamente deterei as lágrimas, como puder, e não afastarei, no auge da minha dor, o perigo do meu filho. **119** Se, pelo contrário, sucumbiu à perturbação contra a sua vontade e durante muito tempo resistiu à insolência, enquanto sofria a sorte da vida, então suplico-te, Erasítrato, que ponderes no bem comum, e não provoques, cedendo aos ciúmes de forma excessiva, tamanha calamidade em todo o nosso reino, não causes a cruel morte do meu dulcíssimo filho, conforto da minha velhice, nem incites contra ti mesmo a suma inveja”.

---

**118-119** οὐ γὰρ ἐθέλων ταύτη συμφορῇ ἔσχετο, ἀλλὰ οἱ ἡ νοῦσος ἀεκουσίη. τῷ σὺ μηδαμᾶ ζηλοτυπέων πένθος ἔγειρε πάση βασιληΐῃ μὴ δὲ ἡτρὸς ἐὼν φόνον προξενέεις ἡτρικῇ.’



**115** O infaustam meam caniciem, o acerbam et praecipitem senectutem, mene, fili charissime, longe lateque propagasse imperium, ut te haeredem unicum, quem deorum exorata numina mihi tandem concesserant, superstes ipse uita spoliari paterer? **116** Ergo ego luctuosam orbitatem, crudelem senectutem, mortem infoelicissimam, quae mala plurima mihi impendent, quam primum declinare et prouidere non debeam? **117** Et reputa per deos, Erasistrate, utri ex nobis malum acerbius ex ea re consequatur. **118** Nam si miserrimus Antiochus, nullo cogente amore, degener modo patriae uirtutis ad inferendam iniuriam se parauit, iam lachrymas, ut potero, cohibebo, nec in summo meo dolore filii periculum deprecabor. **119** Sin inuitus perturbationi succubuit et tandiu repugnauit insolentiae, donec uitae aleam subierit, id nunc te oro, Erasistrate, in commune ut consulas nec praeter modum zelotypia laborans et uniuerso regno nostro ingentem calamitatem incutias et dulcissimum mihi filium, senectutis nostrae solatium, crudeliter extinguere perferas summam denique in te ipsum inuidiam concites”.

---

**115** paterer] patiar *E* || **116** infoelicissimam] inquietissimam *E* | *post* plurima *uerbum* misero *habet* *E* || **117** consequatur] sit uenturum *E* | nec] neue *E* | et *om.* *E* | et<sup>3</sup> *om.* *E* | crudeliter extinguere perferas] eripias *E*

**120** Como o rei, que evidentemente ignorava toda a situação, lhe implorava deste modo, Erasítrato não hesitou, mas, dissimulando ao mesmo tempo o rosto e a disposição, respondeu-lhe, por sua vez, com as seguintes palavras: **121** “Nada, portanto, te demove, Seleuco, nem o respeito pela justiça, nem as santíssimas juras do matrimónio ou a razão da minha reputação ou da minha arte. Porque não quebras as portas do tálamo, diriges a tua força contra o leito conjugal e os Penates e me afastas, a mim da minha esposa, a cônjuge do marido, contra a vontade dos deuses e dos homens? **122** Mas, visto que a minha justíssima súplica em nada coíbe, reconheço, a tua força, e eu, desgraçado, nada obterei com as minhas palavras, ceder-te-ei, Seleuco. **123** Na verdade, é necessário ceder, mas eu jamais deixarei de invocar os deuses vingadores e aqueles que tu, devido à tua impiedade, certamente tornaste teus inimigos, e, assim que tiver descido àquela eterna morada das sombras, levarei comigo, intacto, o amargo sentimento da minha dor e incitarei todo o tipo de expiações para vingar o ultraje que recebi.

**124** Tu, desonrando a religião, profanas os sacramentos conjugais; tu abres aos reis da Assíria uma via para a terrível imoderação; com este crime funesto, tu incitas, contra ti e contra o teu sangue, o ódio de todas as nações e de todos os povos. **125** Na verdade, o que poderia ser mais indigno do soberano que se vangloria de ser o sucessor do magno Alexandre? **126** É dever do bom rei não se mostrar injusto para com os inocentes, nem se dominar menos a si do que aos outros. **127** E para que percebas mais claramente, Seleuco, a iniquidade desta situação, imagina, peço-te, que, sendo eu o intermediário, te é exigida a tua esposa, pois certamente – embora me incites de forma tão desagradável a fazê-lo – nunca terias suposto que isto pudesse acontecer: renunciasses à tua Estratonice em prol de Antíoco, mesmo estando ele a definhar.”

---

**120-127** ὁ μὲν ὧδε ἀγνώως ἐὼν ἐδέετο. ὁ δὲ μιν αὖτις ἀμείβετο, ‘ἀνόσια σπεύδεις γάμον ἐμὸν ἀπαιρούμενος ἢ δὲ ἡτρὸν ἄνδρα βιώμενος. σὺ δὲ κῶς ἂν αὐτὸς ἐπρηξας, εἴ τοι σὴν γυναῖκα ἐπόθει, ἐμεῦ τὰδε δεόμενος;’

**120** Cum ad hunc modum rex deprecatus esset, ignarus uidelicet omnium, haud cunctatus est Erasistratus, sed eadem uultus affectusque simulatione huiusmodi uerba uicissim habuit: **121** “Nihil ergo nec iustitiae decus nec nuptiarum ius sanctissimum nec existimationis artisue meae ratio te, Seleuce, mouent; quin thalami postes perfringas, uim geniali lecto et penatibus inferas meque ab uxore, coniugem a marito, diis hominibusque inuitis abiungas? **122** Sed quando aequissima mea postulatio nihil, ut sentio, uim tuam cohibet et ego miser nihil uerbis proficerem, cedam tibi, Seleuce. **123** Cedere enim necessum est; deos tamen ultores et quos tu, scilicet impietate tua, infestos tibi reddidisti nunquam obtestari desinam cumque in illam umbrarum aeternam domum descendero, acerbissimum mei doloris sensum integrum illuc perferam omniumque paenarum genera in acceptae calamitatis ultionem prouocabo.

**124** Tu enim sacra connubialia temerata religione polluis, tu ad diram impotentiam Assyriae regibus aditum aperis, tu omnium gentium populorumque inuidiam in te ac sanguinem tuum graui piaculo contrahis. **125** Quid autem eo principe qui se magni illius Alexandri successorem iactat magis indignum? **126** Enimuero optimi regis officium est nec se insontibus iniurium praebere nec sibi minus quam coeteris imperare. **127** Atque ut apertius, Seleuce, iniquitatem rei introspicias, finge, obsecro, uxorem tuam me internuncio abs te flagitari, profecto nunquam id committendum putares, tametsi me adeo moleste urges, ut Stratonicen tuam Antiocho quamuis periclitanti concederes”.

---

**120** uidelicet] scilicet *E* || **121** artisue *om.* *E* || **124** *post* tu<sup>2</sup> *uerba* regum primus *habet* *E* | Assyriae] Assiriae *E* | populorumque] omniumque saeculorum *E* || **125** qui se... iactat] qui ad authorem Alexandrum uitae suae rationes referat *E* || **126** iniurium] iniuriosum *E* | *post* coeteris *uerba* ditioni suae subiectis *habet* *E* || **127** atque] ac *E* | iniquitatem rei introspicias] ipsius rei iniquitatem percipias *E* | uxorem... internuncio] id ipsum infoelicem iuuenem *E* | flagitari] flagitare *E* | putares] tibi putasses *E* | ut Stratonicen... concederes] ut coniugem tuam Stratonicem pro nati salute exponeres *E*

**128** Então, Seleuco afirmava e jurava solenemente que de boa vontade cederia até a sua própria esposa, na medida em que pensava que iria, assim, aliviar a desgraça do filho, e que nem lhe seria odioso entregar-lhe a sua mulher, pois ele era o único, de entre tudo, que de longe mais amava. **129** Afastaria, portanto, a falsa suspeita do seu espírito para não transformar em impiedade a piedade paterna. **130** E oxalá quisessem os deuses imortais coroar o derradeiro acto da sua idade com a tamanha dádiva de que o filho apenas estivesse perturbado pelo desejo da sua madrasta. **131** Não seria, certamente, nocivo para ninguém e reivindicaria, o mais rapidamente possível, a vida de Antíoco do misérrimo jugo do amor, pois seria muito mais amarga a perda do filho do que da esposa. **132** Encontrarias com certeza um cônjuge entre a multidão, ou então obtê-la-ias, decerto, com pouco labor. **133** A um filho, porém, não te será permitido procurá-lo noutro lado por tua vontade e não poderás recebê-lo a não ser pelo acaso da fortuna e num momento incerto do tempo.

**134** Uma vez que o desgraçado ancião alegava estas coisas com uma voz lastimosa, entre gemidos e soluços, Erasítrato não suportou mais as lágrimas de tão bom rei e de um pai indulgentíssimo, mas, depois de ter, finalmente, examinado o seu espírito, interrompeu o discurso a meio com as seguintes palavras:

---

**128-134** ὁ δὲ πρὸς τὰδε ἔλεγε ὡς οὐδ' αὐτὸς ἂν κοτε γυναικὸς ἐφείσατο οὐδὲ παιδὶ σωτηρίας ἐφθόνει, εἰ καὶ τι μητρυιῆς ἐπεθύμει οὐ γὰρ ὁμοίην συμφορὴν ἔμμεναι γαμετὴν ἢ παῖδα ὀλέσαι.

**128** Hic Seleucus asserere persanctaque iurare uel sua ipsius coniuge lubenter cessurum, modo ab ea re nati miseriam releuatam iri consideret, nec uero se ei uxorem inuisurum, quem unum rerum omnium longe charissimum haberet. **129** Proinde falsam ex animo suspicionem deponeret pietatemque paternam impietati ne uerteret. **130** Atque utinam tanto munere extremum aetatis suae actum dii immortales cumlarent uti nouercae modo desyderio filius affligeretur. **131** Nec enim molestum cuipiam futurum et uitam Antiochi quam primum a miserrimo amoris iugo assertum iri, siquidem acerbiorum multo filii quam uxoris iacturam esse. **132** Coniugem enim uulgo inuenias aut modico certe labore compares. **133** Filium nec aliunde quaerere tuo arbitratu liceat et nisi fortunae casu incertoque temporum momento suscipere nequeas.

**134** Cum haec queribunda uoce inter gemitus singultusque miser senex excusaret, non ultra tulit Erasistratus optimi regis patrisque indulgentissimi lachrymas, sed ita demum eius animo explorato sermonem medium hisce uerbis interrupit:

---

**128** *post* Seleucus *uerba* occasionem de industria obiectam arripiens *habet* *E* | uxorem inuisurum] salutem inuisurum esse *E* | haberet] habeat *E* || **129** deponeret] deponat *E* | uerteret] uertat *E* || **133** tuo arbitratu *om.* *E* | nisi fortunae casu] et nisi fortunae arbitratu *E* || **134** lachrymas] lacrymas *E*

**135** “Hei-de primeiro louvar a tua clemência, ou admirar a tua piedade, rei Seleuco? **136** Com efeito, elevaste-te, em igual medida, ao cume de ambas as virtudes, ao suportares, com tamanha moderação, a minha audácia, que parecia comprometer a salvação do império, e também a vida do teu filho, que não hesitaste salvar pelo maior preço. **137** Ai de mim, homem imprudente que, mesmo depois de me aperceber da glória das tuas acções e da inabalável firmeza do teu espírito, mesmo assim ainda receava não conseguir inspirar em ti um feito tão glorioso, a não ser por longos enigmas. **138** Porém, não mais me dedicarei a manter-te na expectativa durante mais tempo, mas libertar-te-ei de todo o medo e preocupação. **139** Na verdade o teu Antíoco, Seleuco, que tu lamentas como se estivesse morto, e por quem te consomes com tanta tristeza, parece violentamente, de modo digno de compaixão, pela tua Estratonice, e por ela apenas arde de desejo, perdidamente e sem limites. **140** A beleza dela arrebatou o jovem infeliz contra a sua vontade, a formosura dela conduziu-o à debilidade e ao perigo extremo de vida. **141** De facto, Antíoco nunca desejou a minha esposa; se, todavia, tal tivesse acontecido, teria eu sido tão insolente, tão alheio ao sentimento comum que recusasse uma coisa da qual dependia a salvação da pátria e que prometia uma segura imortalidade ao meu nome, quando poderia ser culpado de um grande crime por isso? **142** Preparas-te para alcançar, Seleuco, o mais belo dos feitos, aplaudido por deuses e homens, ao providenciares a salvação para o teu único filho e, para ti, a esperança de um reino, sustento da linhagem, segurança do império, em suma, uma tranquila e bem-aventurada velhice.”

---

**135-142** ὥς δὲ τάδε ὁ ἱητρὸς ἤκουσε, ‘τί τοι,’ ἔφη, ‘ἐμὲ λίσσεται; καὶ γάρ τοι σὴν γυναῖκα ποθέει· τὰ δὲ ἔλεγον ἐγὼ πάντα ἔην ψεύδεα.’

**135** “Clementiamne prius laudem an pietatem tuam admirer, rex Seleuce? **136** Etenim pari gradu ad utriusque uirtutis fastigium emicuisti, cum et audaciam meam, quae secum imperii salutem trahere uidebatur, modestissime tulisti et nati uitam, quam maximo pretio redimere non dubitasti. **137** Me hominem inconsultum qui, cum actionum tuarum gloriam animique inuictam fortitudinem perspectam haberem, ueritus tamen fuerim ne te nisi longis ambagibus ad tam gloriosum facinus possem animare. **138** Sed iam non ultra committam ut te diutius suspensum teneam, sed te metu omni et solitudine liberabo. **139** Nam Antiochus tuus, Seleuce, quem uelut mortuum defles, de quo adeo moerore conficeris, Stratonicen tuam efflictim et miserabiliter deperit eiusque unius desyderio perditae supraque modum exardet. **140** Illius forma infoelicem iuuenem inuitum rapuit, illius decor in langorem extremumque uitae discrimen adduxit. **141** Neque enim Antiochus uxorem meam concupiit unquam, quod tamen si accidisset, an ego tam insolens, tam a sensu communi alienus futurus fuisset uti eam rem, in qua salus patriae uerteretur, quae certam nomini meo immortalitatem promitteret, summi ob id sceleris conuincendus recusarem? **142** Aggredere igitur ad pulcherrimum facinus, diis hominibusque plaudentibus, o Seleuce, nempe nato unico salutem tibi que spem regni, generis subsidium, securitatem imperii, tranquillam denique et beatam senectutem comparaturus”.

---

**136** cum et] dum *E* | uidebatur] uideretur *E* | post nati uerbum tui habet *E* || **137** post animique uerba ac corporis habet *E* | post fortitudinem uerba iam pridem habet *E* | ad tam gloriosum facinus] ad gloriosissimum factum *E* || **138** cuius consilii quia me iam penitet non ultra committam ut tempus inani mora extraham sed te iam metu omni et solitudine ista libero *E* || **139** uelut mortuum] tu adeo *E* | et] ac | supraque] ac supra *E* || **140** Illius enim forma infoelicem iuuenem rapuit, illius decor eundem in langorem extremumque uitae discrimen adduxit, quam miseram inualitudinis causam, cum cognitam ipse haberem sane sum ueritus rem longe ab opinione tua remotam, ad te nudis uerbis afferre. Non quod pietatis tuae ratio suspecta mihi esset, uerum ne mea subita properatio animum forte tuum paulo exulceraret. Quam quidem commotionem tametsi pro tua sapientia facile compressum iri sciebam, attamen breuis quantum remediis dilatio iuueni prope iam deposito, aegerrimeque affecto exitiabilis futura erat. Magnum equidem te putabam, non tamen ita magnum uti coniugem amantissimam imperturbate Antiochi saluti cederes. Illa etiam cautio nostra fuit si te asperiores, ac molestius id ferentem, quod alioqui uix accidere posse credebam, quoquo modo coniicerem, ut meo tamen capiti indignationis huius odium uerteret, nec in tantis malis turpitudinis in super ignomia calamitoso iuueni post mortem accederet, atque ita me in pectoris tui archanum insinuari *E* || **141** insolens] efferus *E* | recusarem] recusassem *E* || **142** plaudentibus] iuuantibus *E* | nempe nato unico salutem tibi que spem regni] nempe in eo spem regni nati unici salutem *E* | post senectutem uerbum tibi habet *E*

**143** O rei foi, então, persuadido e deixou ao filho a esposa e o reino. **144** Ele, porém, tendo partido para a região da Babilônia, fundou junto do Eufrates uma cidade com o seu nome, onde terminou os seus dias. **145** E foi assim, deste modo, que Erasístrato compreendeu a loucura do amor e a curou.

**146** Outrora, quando ainda estava casada com o primeiro marido, Estratonice tinha tido o seguinte sonho: a deusa Hera ordenava-lhe que lhe construísse um templo na cidade de Hira e, caso se recusasse, seria submetida a castigos tão numerosos, como terríveis. **147** Inicialmente, Estratonice em nenhum momento lhe deu importância, mas depois, quando dela se apoderou uma forte doença, então narra, finalmente, a Seleuco a sua visão, esforça-se por aplacar Hera construindo um santuário e faz-se ré do voto. **148** Em breve, depois de recuperada a antiga saúde, o marido, que temia os deuses, apressava-se a enviar a esposa para a cidade de Hira, fazia os preparativos e reunia as hostes: uma parte para construir o edifício, outra para guardar a rainha e para a escoltar de forma honrosa.

---

**143** πείθεται μὲν τούτοις, καὶ τῷ μὲν παιδί λείπει καὶ γυναῖκα καὶ βασιληίην. **144** αὐτὸς δὲ ἐς τὴν Βαβυλωνίην χώραν ἀπύκετο καὶ πόλιν ἐπὶ τῷ Εὐφρήτῃ ἐπώνυμον ἑωυτοῦ ἐποίησατο, ἔνθα οἱ καὶ ἡ τελευτὴ ἐγένετο. **145** ὧδε μὲν ὁ ἱετὴρ ἔρωτα ἔγνω τε καὶ ἰήσατο. [19] **146** ἥδε δὲ ὧν ἡ Στρατονίκη ἔτι τῷ προτέρῳ ἀνδρὶ συνοικέουσα, ὄναρ τοιόνδε ἐθήησατο, ὥς μιν ἡ Ἥρη ἐκέλευε ἐγεῖραί οἱ τὸν ἐν τῇ ἰρῇ πόλει νηόν· εἰ δὲ ἀπειθέοι, πολλὰ οἱ καὶ κακὰ ἀπείλει. **147** ἡ δὲ τὰ μὲν πρῶτα οὐδεμίην ὥρην ἐποίετο· μετὰ δέ, ὥς μιν μεγάλη νοῦσος ἔλαβε, τῷ τε ἀνδρὶ τὴν ὄψιν ἀπηγήσατο καὶ τὴν Ἥρην ἰλάσκετο καὶ στήσιν τὸν νηὸν ὑπεδέξατο. **148** καὶ αὐτίκα ὑγίεια γενομένην ὁ ἀνὴρ ἐς τὴν ἰρὴν πόλιν ἔπεμπε. σὺν δὲ οἱ καὶ χρήματα καὶ στρατιὴν πολλήν· τοὺς μὲν οἰκοδομεῖν. τοὺς δὲ καὶ τοῦ ἀσφαλῆος εἵνεκα.



**143** Persuasus igitur est rex et filio quidem uxorem et regnum reliquit. **144** At ipse, in Babyloniae regionem profectus, ciuitatem sibi cognominem ad Euphraten condidit, ubi et diem suum obiit. **145** Ad hunc itaque modum amoris insaniam et perspexit et medicatus est Erasistratus.

**146** Porro Stratonice sub priore etiamnum marito huiusmodi insomnium uiderat: imperabat illi Hera dea ut templum sibi in ciuitate Hira instauraret, id si contemneret, tum plurima illi eademque pessima interminari. **147** Et primum quidem Stratonice nullius momenti eam rem habuit. Postea, cum ualido morbo corriperetur, tum denique uisum Seleuco narrat, Heram placare nititur, fano aedificando, se uoti ream facit. **148** Mox igitur pristina reddita ualetudine uir, deorum metuens, uxorem in ciuitatem Hiram mittere properabat, opes parabat, exercitum cogebat, partim qui aedem aedificarent, partim qui reginam custodirent et honorifice deducerent.

---

**148** Mic. 315v partim aedificandi causa partim etiam securitatis gratia

---

**143** *post* rex *uerba* his *uerbis* *habet* *E* | *post* quidem *uerbum* et *habet* *E* || **144** ubi] in qua *E* || **146** porro] iam uero *E* | sub priore] priori *E* | *post* marito *uerbum* coniuncta *habet* *E* | *post* illi *uerba* in somnis *habet* *E* | instauraret id si contemneret] excitaret quod si flocci penderet *E* || **147** nullius momenti] nihil pensi ad *E* | *post* postea *uerbum* uero *habet* *E* | fano aedificando] templo extruendo *E* || **148** mox] statim *E* | reddita] recepta *E* | partim qui aedem aedificarent] partim quidem qui aedem instaurarent *E* | custodirent] tuto *E*

**149** Entretanto, tendo chamado à sua presença um daqueles que tinha por mais amado, um jovem de óptimos costumes e suma integridade (o seu nome era Combabo), disse-lhe: **150** “A ti, Combabo, que certamente te distingues pela tua virtude, te estimo muito mais do que aos restantes amigos, e reconheço, no mais alto grau e de todas as maneiras, tanto a tua prudência como a tua devoção para comigo, da qual, se de verdade me amas, muito em breve me darás a mais bela das provas. **151** E dado que, até este momento, nunca tenho sentido a falta da tua fidelidade, comprovada noutras ocasiões, por isso mesmo decidi que tu, acompanhando a minha esposa Estratonice, te ocuparás da construção da obra e de a conduzir até ao fim, cumprirás os rituais sagrados e, além disso, conduzirás o exército. **152** Se tratares disto com fidelidade, como deves, então, quando regressares, dar-te-ei uma enorme recompensa pelo teu labor.”

**153** Mal terminara de falar, já Combabo suplicava, com efusivas preces, que não o enviasse nem ousasse confiar-lhe o que era, de longe, maior do que ele, sobretudo a esposa e a obra sagrada. **154** Ora, o jovem temia que a sua longa e futura intimidade com Estratonice o levasse, com o passar do tempo, a ser objecto dos ciúmes de Seleuco e, sobretudo, também porque ele iria ser o único com máximo poder.

---

**149** καλέσας δέ τινα τῶν ἐωυτοῦ φίλων, νεηνίην κάρτα καλόν, τῷ οὔνομα ἦν Κομβάβος, **150** ‘ἐγώ τοι,’ ἔφη, ‘ὦ Κομβάβε, ἐσθλὸν ἔοντα φιλέω τε μάλιστα φίλων ἐμῶν καὶ πάμπαν ἐπαινέω σοφίης τε καὶ εὐνοίης τῆς ἐς ἡμέας, τὴν δὴ ἐπεδέξαιο. **151** νῦν δέ μοι χρειῶ μεγάλης πίστιος. τῷ σε θέλω γυναικὶ ἐμῇ ἐσπόμενον ἔργον τέ μοι ἐπιτελέσαι καὶ ἰρὰ τελέσαι καὶ στρατιῆς ἐπικρατέειν· **152** σοὶ δὲ ἀπικομένῳ ἐξ ἡμέων τιμὴ μεγάλη ἔσεται.’ **153** Πρὸς δὲ τάδε, ὁ Κομβάβος αὐτίκα λίσσετο πολλὰ λιπαρέων μὴ μιν ἐκπέμπειν μηδὲ πιστεύειν οἱ τὰ πολλὸν ἐωυτοῦ μέζονα χρήματα, καὶ γυναῖκα, καὶ ἔργον ἰρόν· **154** τὰ δὲ ὀρρώδεε, μὴ κοτέ οἱ ζηλοτυπίῃ χρόνῳ ὑστέρω ἐς τὴν Στρατονίκην γένοιτο, τὴν μούνος ἀπάξειν ἔμελλε.

**149** Inter haec uno ex his quos maxime charos haberet, optimis moribus et probitate summa iuvene (erat autem huic nomen Combabo), ad se uocato, **150** “Ego te”, inquit, “o Combabe, longe ante caeteros amicos quippe uirtute praestantem diligo tuamque uel prudentiam uel erga me pietatem apprime ac modis omnibus probo, cuius uidelicet, si uere me amas, iam pulcherrimum mihi documentum praestiteris. **151** Etenim si unquam alias probatissima quadam fide in praesentia indigeo, propterea decretum est mihi ut tu, Stratonicen meam sequens, opus faciendum atque ad exitum perducendum cures, sacra rite absoluas, insuper exercitum ducas. **152** Quae si cum fide, uti par est, procuraueris, tibi deinde reuerso multo maximum laboris praemium a nobis erit”.

**153** Vix haec finierat et Combabus effusis praecibus obsecrare ne se mitteret neue quae se ipso longe maiora essent sibi auderet committere utique uxorem sacrumque opus. **154** Verebatur autem adolescens ne ipsi diutina cum Stratonice consuetudo futura lapsu temporis in zelotypiam apud Seleucum uerteret, uel eo quidem magis quod unus cum potestate summa deducturus esset.

---

**150** Mic. 315v Ego te, inquit, Combabe, utpote probum ex omnibus amicis diligo maxime et cum ob prudentiam, tum ob beneuolentiam erga me tuam, quam et praestitisti, laudo inprimis.

---

**150** ego] ergo *E* | me pietatem] nos amorem *E* | mihi] nobis *E* || **151** indigeo] indigemus *E* | opus faciendum] operi faciundo *E* | perducendum cures] perducendo praesis *E* | *post* sacra *uerbum* omnia habet *E* || **153** *post* Combabus *uerbum* iam habet *E* || **154** uerebatur] metuebat *E* | unus] solus *E*

**155** Como, na verdade, não conseguia demover o soberano da sua decisão, o jovem recorre, de forma suplicante, a um novo discurso: pede que lhe seja concedido, pelo menos, um intervalo de sete dias, dizendo que, depois desse breve espaço de tempo, em que trataria de certos assuntos de máxima urgência, então ficaria disponível e pronto para cumprir a sua obrigação. **156** Como facilmente conseguiu isto, regressou a casa o mais rapidamente possível e, prostrado no chão, deste modo se lamentava, miseravelmente:

**157** “Oh, infeliz de mim, de que me serve ter sido louvado pela minha fidelidade, ou ter sido escolhido, entre todos, para tamanha tarefa, cujo fim tão amargo já se apresenta diante dos meus olhos? **158** Acaso deverei eu, tão jovem, acompanhar uma mulher formosa? **159** Oh, desgraçado de mim, quão grande é a calamidade que, por isto, sobre mim pende, a não ser que eu próprio arranque toda a causa deste mal, o mais rapidamente possível. **160** É, pois, necessário ousar uma acção nova e desmedida, mas a única de tal valor que me deixará livre de qualquer receio no futuro.”

**161** Tendo dito isto, e sem demorar mais, mutila-se a si mesmo e torna-se eunuco. **162** Então, depois de guardar num pequeno vaso as partes pudibundas que tinha cortado, colocando mel, mirra e outros odores, sela o próprio vaso com um anel seu e, em seguida, socorreu a ferida deplorável com cuidados médicos. **163** Depois, quando chegou o tempo de partir, dirigiu-se a Seleuco e então, diante de uma numerosa assistência, ao mesmo tempo que estendia o pequeno vaso ao rei, dizia as seguintes palavras:

---

[20] **155** ὥς δὲ οὐδαμᾶ ἐπείθετο, ὁδὲ ἱκεσίης δευτέρης ἄπτεται δοῦναί οἱ χρόνον ἑπτὰ ἡμερέων· μετὰ δὲ ἀποστεῖλαί μιν τελέσαντά τι τῶν μάλιστα ἐδέετο. **156** τυχὼν δὲ ῥηιδίως, ἐς τὸν ἐωυτοῦ οἶκον ἀπικνέεται· καὶ πεσὼν χαμάζε, τοιάδε ὠδύρετο. **157** ‘ὦ δειλαιο, τί μοι ταύτης τῆς πίστιος; τί δέ μοι ὁδοῦ τῆς τέλος ἦδη δέρκομαι; **158** νέος μὲν ἐγὼ καὶ γυναικὶ καλῇ ἔψομαι. **159** τὸ δέ μοι μεγάλη συμφορὴ ἔσσεται, εἰ μὴ ἔγωγε πᾶσαν αἰτίην κακοῦ ἀποθήσομαι· **160** τῷ με χρῆν μέγα ἔργον ἀποτελέσαι, τό μοι πάντα φόβον ἰήσεται.’ **161** Τάδε εἰπὼν ἀτελέα ἐωυτὸν ἐποίηε· **162** καὶ ταμῶν τὰ αἰδοῖα ἐς ἀγγήϊον μικρὸν κατέθετο. σμύρνην τε ἅμα καὶ μέλιτι καὶ ἄλλοισι θυώμασι, καὶ ἔπειτα σφρηγίδι τὴν ἐφόρει σημενόμενος τὸ τρῶμα ἰῆτο· **163** μετὰ δέ, ὥς μιν ὁδοιπορεῖν ἐδόκεε, ἀπικόμενος ἐς τὸν βασιλῆα πολλῶν παρεόντων διδοῖ τε ἅμα τὸ ἀγγήϊον καὶ λέγει ὧδε.

**155** Verum cum dominum sententia mouere non posset, ad aliam orationem suppliciter confugit iuuenis: concedi sibi saltem dierum septem interuallum postulat, qua modica temporis mora ubi nonnulla curasset quae cum primis opus haberet, tum ad imperata se presto et accinctum fore. **156** Quod ipsum cum facile impetrasset, domum quam primum regreditur atque, humi proiectus, ad hunc modum secum misere lamentabatur:

**157** “O me infoelicem, quid enim me iuuat uel fidei probatum haberi uel unum ex omnibus ad tantum munus deligi, cuius tam acerbus finis iam nunc mihi oculis obuersatur?

**158** Egone tam iuuenis formosam mulierem sequar? **159** Veh misero mihi, quam magna mihi inde calamitas impendet, nisi ipse omnem eius mali causam quam primum amoueo. **160** Ergo necesse est me nouum atque ingens facinus audere, sed quod unicum tanti est ut me in posterum ab omni formidine securum reddat”.

**161** His dictis, haud ultra moratus se ipsum mutilat eunuchumque facit. **162** Porro uerendis quae exciderat conditis in uasculum et melle, myrrha odoribusque inditis id ipsum uasculum annulo proprio obsignat, tum denique miserando uulneri medica ope auxiliatus est.

**163** Post haec, ubi profectionis tempus aderat, ad Seleucum se contulit, ibi coram frequenti coetu, simul ipsum uasculum regi porrigit, simul haec uerba loquitur:

---

**155** Lup. 18r ad alteram aggreditur petitionem || **156** Mic. 315v quod cum facile impetrasset || **159** Mic. 315v haec mihi magna uero calamitas erit nisi omnem mali causam a me amoueam || **160** Mic. 315v quare necesse est magnum peragere me facinus : Lup. 18v itaque rarum me facinus obire necesse est quod omnis me formidinis immunem reddet

---

**155** orationem] petitionem *E* | postulat *om. E* // **156** cum] ubi *E* | secum *om. E* // **157** iuuat] iuuat *E* | uel unum... deligi] uel ad imperatae profectionis honorem accingi *E* | iam nunc... obuersatur] iam mihi hinc animo atque oculis obuersetur *E* // **159** omnem... amoueo] quam primum omnium malorum causam resco *E* // **160** ergo necesse est] proinde oportet *E* | audere] et audere et perpetrare *E* | sed] quippe *E* | in posterum *om. E* | reddat] efficiat *E* // **161** mutilat] euirauit *E* | facit] fecit *E* // **162** uerendis quae exciderat conditis] genitalia quae sibi amputauerat immittens *E* | et] insuper *E* | id ipsum... obsignat] sigillo proprio obsignauit *E* // **163** profectionis tempus aderat] proficisci uisum est *E* | porrigit] porrexit *E* | loquitur] locutus est *E*

**164** “Este preciosíssimo vaso, soberano, estava guardado na parte mais escondida da minha casa, sobretudo porque o considere o mais precioso dos meus bens e, portanto, o tenho na máxima consideração. **165** Mas agora, como vou, certamente, começar um longo caminho, submetendo-me às tuas ordens, desejo que fique depositado junto de ti. **166** Seria, portanto, próprio da tua grande virtude e benevolência que tivesses o cuidado de o guardar em segurança para mim, livre de injúria, uma vez que não possuo nenhum outro tesouro tão grande que lhe seja comparável e o estimo de modo semelhante, não diferente, da minha própria vida, **167** de forma a que, quando tiver cumprido o encargo que me foi imposto por ti e tiver regressado a este lugar, possa recebê-lo de ti, igualmente incólume e intacto, e possa levá-lo para minha casa.”

**168** Tendo ouvido estas palavras, Seleuco recebeu o pequeno vaso com toda a benevolência e munuiu-o de um outro selo. Então, confiou-o a alguns serviçais privados e ordenou que o guardassem com o máximo cuidado. **169** E foi assim que, a partir daquele momento, Combabo tornou seguro o caminho que lhe tinha sido ordenado.

---

**164** ὃ δέσποτα, τό δέ μοι μέγα κειμήλιον ἐν τοῖσι οἰκίοισι ἀπεκέατο, τὸ ἐγὼ κάρτα ἐπόθεον **165** νῦν δὲ ἐπεὶ μεγάλην ὁδὸν ἔρχομαι, παρὰ σοὶ τόδε θήσομαι. **166** σὺ δέ μοι ἀσφαλῶς ἔχειν τόδε γάρ μοι χρυσοῦ βέλτερον· τόδε μοι ψυχῆς ἐμῆς ἀντάξιον. **167** εὔτ’ ἂν δὲ ἀπίκωμαι, σῶον αὐτὶς ἀποίσομαι.’ **168** ὁ δὲ δεξάμενος ἐτέρῃ σφρηγίδι ἐσημαίνετο καὶ τοῖσι ταμίησι φρουρέειν ἐνετείλατο. [21] **169** Κομβάβος μὲν ὢν τὸ ἀπὸ τοῦδε ἀσφαλέα ὁδὸν ἦννε.

**164** “Pretiosissimum uas hoc, o domine, domi meae in parte penitissima seruabatur, quippe quod eximium meae conditionis bonum statuerem et perinde maximi ducerem. **165** Nunc quando quidem longum iter imperio tuo obsequens aggredior, apud te depositum cupio. **166** Proinde tuae summae uirtutis benignitatisque fuerit ipsum mihi in tuto diligenter asseruari praecipere nec enim id iniuria, cum huic nullum uel maximum thesaurum comparandum habeam idemque non secus ac propriam animam diligam, **167** ita ut, cum imposito abs te onere defunctus huc regressus fuero, hoc ipsum aequae integrum, aequae illibatum, abs te recipere domumque meam possim reducere.”

**168** Haec cum audisset Seleucus, omni cum benignitate uasculum accipiens alteroque sigillo muniens, certis deinde a cubiculo tradidit diligentissimeque custodiendum edixit. **169** Et uero Combabus ab illo tempore tutum sibi imperatum iter reddidit.

---

**164** Lup. 18v o domine hic mihi thesaurus preciosissimus domi seruabatur

---

**164** hoc] istud *E* | seruabatur] seclusum erat *E* | post bonum uerbum esse habet *E* | ducerem] facerem *E* || **165** post nunc uerbum autem habet *E* | imperio... cupio] nutui tuo obsequentes facturi sumus apud te depositum uolumus || **166** uirtutis benignitatisque] clementiae et integritatis | post fuerit uerbum si habet *E* | praecipere] praeceperis *E* | id om. *E* | cum huic] quippe cui *E* | idemque non secus] quodue perinde *E* || **167** regressus] reuersus *E* | illibatum... reducere] intactum abs te repetam domumque meam referre ualeam *E* || **168** accipiens] suscipiens *E* | sigillo muniens] signaculo imprimens *E* || **169** post ab illo uerbum usque habet *E* | reddidit] praestitit *E*

**170** Então, ao chegarem à cidade de Hira, construíram o templo, com grande dedicação, durante um período de três anos; entretanto, nessa altura aconteceu por acaso aquilo que, muito antes, Combabo temera e pressentira. **171** De facto, tendo nascido entre si e Combabo uma longa intimidade, Estratonice começou, por fim, a amá-lo e já se consumia ardentemente, não estando muito longe da loucura. **172** Divulgou-se, então, na cidade de Hira, que a deusa Hera tinha querido ser ela a promotora deste acontecimento, não só para que a rara e admirável integridade de Combabo se tornasse célebre entre os mortais, mas também que Estratonice fosse castigada pela sua impiedade, pois, tendo negligenciado a deusa e desprezado a religião, só se arrependeu e iniciou a construção do templo ao fim de um longo intervalo de tempo, depois de coagida pela doença.

**173** Então, ela, quando se apaixonou, primeiramente dominava-se e ocultava a sua aflição como podia; mas depois, no momento em que o mal se expandia tanto que já não era possível contê-lo silenciosamente, atormentava-se em público, desgraçada, em público e durante o dia rompia em lágrimas, e diversas vezes chamava pelo próprio Combabo. **174** Combabo era tudo para ela. **175** Por fim, desvairada no seu espírito e esgotada por um mal tão poderoso, revolvía ansiosamente, consigo mesma, uma maneira menos torpe de se lhe dirigir em súplica. **176** Efectivamente, nem ousava mostrar a ninguém aquele secreto desvario, nem, por outro lado, era capaz do esforço de revelar a Combabo o seu espírito.

---

**170** ἀπικόμενοι δὲ ἐς τὴν ἱρὴν πόλιν σπουδῇ τὸν νηὸν οἰκοδόμεον καὶ σφισι τρία ἔτεα ἐν τῷ ἔργῳ ἐξεγένετο, ἐν τοῖσι ἀπέβαινε τὰ περ ὁ Κομβάβος ὀρρώδεε. **171** ἡ Στρατονίκη γὰρ χρόνον ἐπὶ πολλὸν συνόντα μιν ποθέειν ἄρχετο· μετὰ δὲ οἱ καὶ κάρτα ἐπεμήνατο. **172** καὶ λέγουσὶ οἱ ἐν τῇ ἱρῇ πόλει τὴν Ἥρην τουτέων αἰτίην ἐθέλουσαν γενέσθαι Κομβάβον ἐσθλὸν μὲν ἐόντα λαθέειν μηδαμᾶ· Στρατονίκην δὲ τίσασθαι, ὅτι οὐ ῥηϊδίως τὸν νηὸν ὑπέσχετο. [22] **173** ἡ δὲ τὰ μὲν πρῶτα ἐσωφρόνεεν καὶ τὴν νοῦσον ἔκρυπτε· ὥς δὲ οἱ τὸ κακὸν μέζον ἡσυχίης ἐγένετο, ἐς ἐμφανὲς ἐτρύχετο κλαίεσκε τε δι' ἡμέρης καὶ Κομβάβον ἀνεκαλέετο **174** καὶ οἱ πάντα Κομβάβος ἦν. **175** τέλος δὲ ἀμηχανέουσα τῇ συμφορῇ, εὐπρεπέα ἱκεσίην ἐδίζετο. **176** ἄλλω μὲν ὧν τὸν ἔρωτα ὁμολογέειν ἐφυλάσσετο, αὐτὴ δὲ ἐπιχειρεῖν ἠδέετο.



**170** Ergo in ciuitatem Hiram uenientes, magno studio templum triennii spacio fabricati sunt, quo interim tempore accidit forte id quod multo antea et metuerat Combabus et prouiderat. **171** Nam Stratonice, cum longa iam illi cum Combabo familiaritas intercessisset, ipsum demum amare occipit neque ita multo post insane iam flagranterque deperibat. **172** Vulgatum uero est in ciuitate Hira Heram deam se eius casus authorem uoluisse tum ut rara et admiranda Combabi probitas mortalibus innotesceret, tum uero ut supplicium pro impietate Stratonice lueret, quae, numinis negligens religionisque secura, longo demum interuallo coacta malo resipuerit templumque aedificandum suscepit.

**173** Ea igitur, cum in amorem incidisset, primum quidem sibi moderari et aegritudinem utcunque celare, post ubi malum latius serpere quam ut silentio inuolui posset, palam misera conflictari, palam et interdiu in lachrymas prosilire ipsumque Combabum identidem nominare. **174** Atque omnia illi erat Combabus. **175** In summa, furens animi impotentique malo fracta, uiam precandi aliquam minus turpem secum anxie uolebat. **176** Etenim nec arcanum illum furorem cuipiam aperire audebat nec rursum illa tanto conatui par erat ut Combabo animum suum proderet.

---

**174** Mic. 315v Atque illi tum omnia Combabus erat.

---

**172** *post authorem uerbum esse habet E | tum<sup>1</sup>] cum E | post Combabi uerbum ipsius habet E | supplicium pro impietate] impietatis supplitium E | post numinis uerbum utiquam habet E | demum interuallo] post tempore E | aedificandum suscepit] faciundum curauerit E ||* **173** *celare correx. : caelare O E | prosilire] exilire E | identidem] etiam atque etiam E ||* **175** *fracta] euicta E ||* **176** *nec<sup>1</sup> om. E | cuipiam aperire] nemini credere E | nec rursum... proderet] quo uero Combabo sese ipsam proderet haud illa tanto conatui par erat E*

**177** Então, uma vez que flutuava para aqui e para ali, numa contínua agitação, humilhou-se ao ponto extremo de se embriagar bastante com vinho e se dirigir, ébria, a Combabo, para com ele estabelecer um diálogo. **178** À medida que o vinho penetrava, penetrava também a audácia, ao ponto de considerar que a recusa do seu desejo não seria excessivamente vergonhosa, porque cada uma das acções dos ébrios costuma ser desculpada devido ao estado de ignorância das suas mentes.

**179** Apaixonada, nem adiou a execução do que tinha pensado, mas, relaxando progressivamente pelo poder do vinho, entrou, logo depois da ceia, nos aposentos onde Combabo se encontrava e, abraçando-lhe os joelhos, começou a suplicar-lhe, até, por fim, lhe confessar todo o seu amor. **180** Mas ele, recebendo as preces da rainha com um semblante atroz e severo, ora rejeitava tal proposta, ora repreendia gravemente a sua embriaguez. **181** Então, como Estratonice ameaçava violentamente que iria cometer algum crime infame, Combabo, amedrontado, revelou toda a situação: declara tudo o que tinha padecido e, por fim, expõe o que tinha feito, para ela ver com os seus próprios olhos.

**182** Então, quando ela viu o que jamais temeria ver, abandonou a insânia do seu desejo, mas nunca se esqueceu do seu amor, além disso, não deixou nunca de desejar Combabo e procurava sempre estar com ele, sem qualquer outra consolação para o seu amor frustrado. **183** E até hoje se manifesta este tipo de amor na cidade de Hira: as mulheres casadas desejam ardentemente os Galos e estes, por sua vez, endoidecem. **184** Os cidadãos de Hira estão tão longe de sentir ciúmes que até consideram que se trata de um assunto de carácter extremamente sagrado.

---

**177** ἐπινοέει ὧν τοιάδε· οἶνω ἐωυτὴν μεθύσασα ἐς λόγους οἱ ἐλθεῖν. **178** ἅμα δὲ οἶνω ἐσιόντι παρρησίῃ τε ἐσέρχεται καὶ ἡ ἀποτυχίῃ οὐ κάρτα αἰσχυρή, ἀλλὰ τῶν πρησσομένων ἕκαστα ἐς ἀγνοίην ἀναχωρεῖ. **179** ὥς δέ οἱ ἐδόκεε καὶ ἐποίεε ταῦτα· καὶ ἐπεὶ ἐκ δείπνου ἐγένοντο, ἀπικνεομένη ἐς τὰ οἰκίῃα ἐν τοῖσι Κομβάβος αὐλίζετο, λίσσετό τε καὶ γούνων ἄπτετο καὶ τὸν ἔρωτα ὁμολόγεε. **180** ὁ δὲ τὸν τε λόγον ἀπηνέως ἀπεδέκετο καὶ τὸ ἔργον ἀναίνετο καὶ οἱ τὴν μέθην ἐνεκάλει. **181** ἀπειλούσης δὲ μέγα τι κακὸν ἐωυτὴν ἐργάσασθαι, δείσας, πάντα οἱ λόγον ἐξέφηνε καὶ πᾶσαν τὴν ἐωυτοῦ πάθην ἀπηγήσατο καὶ τὸ ἔργον ἐς ἐμφανὲς ἔνεικε. **182** ἰδοῦσα δὲ ἡ Στρατονίκη τὰ οὐποτε ἔλπετο, μανίης μὲν οὕτω ἐκείνης ἔσχετο, ἔρωτος δὲ οὐδαμᾶ ἐλήθετο, ἀλλὰ πάντα οἱ συνεοῦσα ταύτην παραμυθίην ἐποίεετο ἔρωτος ἀπρήκτοιο. **183** ἔστι ὁ ἔρως οὗτος ἐν τῇ ἱρῇ πόλει καὶ ἔτι νῦν γίγνεται. γυναῖκες Γάλλων ἐπιθυμέουσι καὶ γυναῖξί Γάλλοι ἐπιμαίνονται. **184** ζηλοτυπεί δὲ οὐδεὶς, ἀλλὰ σφισι τὸ χρῆμα κάρτα ἱρὸν νομίζεται.

**177** Itaque cum huc illuc uariis aestibus fluctuaret ad illud postremo descendit ut, cum sese large uino inebriasset, ad Combabum sic madens accederet sermonemque cum eo connecteret. **178** Simul enim ingrediente uino, ingreditur et impudentia, ad haec putabat repulsam uoti non ualde turpem futuram, quod singula ebriorum facta ignorance propriae mentis excusantur.

**179** Nec uero talia cogitata exequi amans distulit, sed graui aequae se uino distendens statim a coena cubiculum ubi Combabus manebat ingreditur ipsumque adeo deprecari, amplecti genua denique amorem omnem fateri. **180** At ille, reginae preces atroci et seuero uultu excipiens, tum rem ipsam detestatus est, tum ebrietatem grauiter improperauit. **181** Hic Stratonice furibunde minante aliquod se indignum facinus ausuram metuens Combabus uniuersam rem aperit: quicquid perpessus fuerat declarat, postremo rem ipsam oculis uidendam subiicit.

**182** Quod cum illa nihil scilicet tale uerita aspiceret, ab libidinis quidem insania destitit, sed enim amoris nunquam oblita est, quinimmo semper Combabum appetere, semper se illi coniungere, non alio solatio irriti amoris usa. **183** Et exprimitur adhuc hic amor in ciuitate Hira: nuptae mulieres Gallos efflictim ardent, Galli uicissim insaniunt. **184** Tantum uero abest ut Hirorum quispiam in eos zelotypia labore, ut rem quoque huiusmodi maxime sacram censeant.

---

**182** Mic. 316r amoris autem haudquaquam oblita est : Lup. 19r id unum irriti amoris percipiebat solatium || **184** Lup. 19r tantumque abest ut quispiam zelotypia moueatur ut rem ipsam longe sacram opinentur

---

**178** repulsam] frustrationem *E* || **179** sed] quin immo *E* | a coena] post caenam *E* | cubiculum... ingreditur] domum in qua Combabus moraretur aduenit *E* || **181** uniuersam rem aperit] totam de se orationem narrat *E* | subiicit] aperit *E* || **182** tale] minus *E* | insania] iniuria *E* || **183** post nuptae uerbum enim *habet* *E* | efflictim] efflictim *E*

**185** Porém, nenhum dos comportamentos indulgentes de Estratonice na cidade de Hira escapava ao rei Seleuco, pois muitos, vindo ter com ele, denunciavam aquele amor e enchiam os ouvidos do crédulo ancião com as mais falsas acusações. **186** O rei, profundamente irritado com tudo aquilo, chama Combabo de volta, sem terminar a obra.

**187** Não faltam os que afirmam que a fábula não é, de modo algum, verdadeira neste ponto: dizem que, a partir do momento em que a sua grande paixão se vira malograda, a própria Estratonice enviou cartas ao marido em que falsamente acusava o próprio Combabo, como se ele tivesse procurado estuprá-la. **188** Efectivamente, aquilo que os Gregos narram acerca de Estenobeia e de Fedra de Cnossos é idêntico ao que narram os Assírios acerca de Estratonice. **189** Contudo, eu não estou de todo convencido de que tanto Estenobeia como Fedra tenham executado tais coisas, ainda que seja evidente que Hipólito foi amado por Fedra.

**190** Entretanto, uma vez que deixámos a história a meio, regressemos ao ponto onde nos dispersámos. **191** Quando a ordem de regresso chegou à cidade de Hira e Combabo entendeu perfeitamente a razão por que tinha sido chamado, preparou-se para regressar com uma admirável confiança de espírito, própria de quem tinha deixado em casa a sua defesa contra a acusação.

---

[23] **185** τὰ δ' ὧν ἐν τῇ ἱρῇ πόλει ἀμφὶ τὴν Στρατονίκην οὐδαμᾶ τὸν βασιλῆα λέληθε, ἀλλὰ πολλοὶ ἀπικνεόμενοι κατηγορεῖον καὶ τὰ γινόμενα ἀπηγγέοντο. **186** ἐπὶ τοῖσι περιαιγέων ἐξ ἀτελέος τοῦ ἔργου Κομβάβον μετεκάλεε. **187** ἄλλοι δὲ λέγουσι λόγον οὔτι ἀληθέα· τὴν Στρατονίκην, ἐπειδὴ ἀπέτυχε τῶν ἐδέετο, αὐτὴν γράψασαν ἐς τὸν ἄνδρα τοῦ Κομβάβου κατηγορεῖν πείρην οἱ ἐπικαλέουσιν. **188** καὶ τὸ Ἑλλήνες Σθενεβοίης περὶ λέγουσι καὶ Φαίδρης τῆς Κνωσσίας, ταυτὶ καὶ Ἀσσύριοι ἐς Στρατονίκην μυθολογέουσιν. **189** ἐγὼ μὲν ὧν οὐδὲ Σθενεβοίην πείθομαι οὐδὲ Φαίδρην τοιάδε ἐπιτελέσαι, εἰ τὸν Ἰππόλυτον ἀτρεκέως ἐπόθεε Φαίδρη. **190** ἀλλὰ τὰ μὲν ἐχέτω ὅπως καὶ ἐγένετο. [24] **191** ὥς δὲ ἡ ἀγγελίη ἐς τὴν ἱρὴν πόλιν ἀπῆκετο ἔγνω τὸ ὁ Κομβάβος τὴν αἰτίην, θαρσέων τὲ ἦε, ὅτι οἱ ἡ ἀπολογία οἶκοι ἐλίπετο·

**185** At non quicquam earum rerum quibus in ciuitate Hira Stratonice indulgebat regem Seleucum latebat, uerum plures ad eum uenientes et amorem arguebant et falsissimis delationibus aures creduli senis implebant. **186** Quibus de rebus uehementer rex ira percitus, ab opere nec dum absoluto Combabum reuocat.

**187** Nec uero desunt qui fabulam hoc loco minime ueram astruant: ipsam aiunt Stratonicen, postea quam ingens ipsius ardor in irritum cesserat, litteras ad uirum dedisse quibus ipsum Combabum insimularet, quasi is de stupro se interpellasset. **188** Ita quod de Sthenobaea et Phaedra Cnosia Graeci idem et Assyrii de Stratonice fabulantur. **189** Atqui ego nullo pacto adducar uel Sthenobaeam uel Phaedram talia perpetrasse, tametsi Hippolytum a Phaedra amatum fuisse constat.

**190** Veruntamen nos haec in medio relinquentes eo unde diuertimus regrediamur. **191** Vbi igitur reuocationis mandatum ad ciuitatem Hiram perlatum est probeque intellexit Combabus quamobrem accersitus foret, praeclara animi fiducia ad reuersionem se comparat, utpote qui domi criminis defensionem reliquisset.

---

**191** Lup. 19v ut qui defensionem domi reliquisset

---

**187** is] se *E* | se *om.* *E* || **189** Sthenobaeam] Sthenobeam *E* | Hippolytum] Hippolitum *E* | amatum fuisse] fuisse amatum *E* || **191** perlatum] delatum *E* | defensionem] depulsionem *E*

**192** Assim que ele chegou, o rei ordenou imediatamente que fosse preso e mantido em custódia. **193** Depois disto, na presença dos mesmos amigos que já tinham comparecido antes, quando Combabo fora enviado para a cidade de Hira, e como se encontrava rodeado por guardas (tal como tinha sido ordenado), no princípio, Seleuco acusava Combabo, reprovando-o não só pelo adultério mas também pela incontinência; **194** logo depois, cada vez mais perturbado, invocou a fidelidade, apelou aos juramentos da amizade e queixou-se de Combabo o ter injuriado de três formas diferentes: de ter cometido estupro, de ter violado a sua confiança e de ter poluído e profanado com máxima impiedade os votos sagrados e o culto da própria deusa, cuja obra lhe tinha sido confiada até à presente data.

**195** Entretanto, perante a queixa do rei, não poucos dos que estavam presentes intervieram proferindo calúnias, dando público testemunho de que tinham visto, à vez, Combabo e Estratonice juntos. **196** Em breve, perante tão grandes crimes puníveis com o mais cruel suplício, todos declaravam que o próprio Combabo deveria ser castigado com a pena máxima o mais rapidamente possível.

---

**192** καὶ μιν ἐλθόντα, ὁ βασιλεὺς αὐτίκα μὲν ἔδησέ τε καὶ ἐν φρουρᾷ ἔχε. **193** μετὰ δέ, παρεόντων οἱ τῶν φίλων τοὶ καὶ τότε πεμπομένῳ τῷ Κομβάβῳ παρεγένοντο, παραγαγὼν ἐς μέσον κατηγορεῖν ἄρχετο καὶ οἱ μοιχείην τὲ καὶ ἀκολασίην προὔφερε. **194** κάρτα δὲ δεινοπαθέων, πίστιν τὲ καὶ φιλίην ἀνεκαλέετο, λέγων τρισσὰ Κομβάβον ἀδικεῖν, μοιχὸν τε ἐόντα, καὶ ἐς πίστιν ὑβρίσαντα, καὶ ἐς θεὸν ἀσεβέοντα· τῆς ἐν τῷ ἔργῳ τοιάδε ἔπρηξε. **195** πολλοὶ δὲ παρεστεῶτες ἤλεγχον ὅτι ἀναφανδὸν σφέας ἀλλήλοισι συνεόντας εἶδον. **196** πᾶσιν δὲ τέλος ἐδόκεε αὐτίκα θνήσκειν Κομβάβον θανάτου ἄξια ἐργασμένον.

**192** Ipsum adeo ubi primum uenit statim rex uinciri atque in custodia contineri imperauit. **193** Post haec iisdem praesentibus amicis qui et olim cum Combabus in ciuitatem Hiram dimitteretur affuerant, cum eum in medium custodes (uti iussum erat) deduxissent, primum Seleucus Combabum accusare tum adulterium tum incontinentiam opprobrando, **194** mox uehementius concitus fidem inuocare, amicitiae iura obtestari atque in se trifariam Combabum iniuriosum fuisse queri, quod stuprum patrauerit, quod fidem uiolauerit, quod sacra religionemque ipsius deae, cuius operi ad praesens addictus foret, summa cum impietate polluerit ac temerauerit.

**195** Porro ad huiusmodi regiam conquestionem non pauci ex astantibus succlamantes calumniam ingerebant testato palam Combabum et Stratonicem inuicem commistos sese uidisse. **196** Breuiter omnes pro tantis sceleribus utpote acerbissimo piandis supplicio quam primum Combabum ipsum poena ultima afficiendum censebant.

---

**192** uenit] uenisset *E* || **193** Combabum accusare] accusare incipit *E* || **194** concitus] commotus *E* | inuocare] inuocabat *E* | obtestari] obtestabatur *E* | atque] et *E* | queri] querebatur *E* | *post* stuprum *uerbum* scilicet *habet* *E* | quod<sup>3</sup>] ad haec *E* | cum *om.* *E*

**197** Enquanto permaneceu no meio, Combabo nada refutou com as suas palavras, nada declinou. **198** Porém, quando já o levavam para o suplício, tomou, finalmente, a palavra para pedir, por diversas vezes, aquele seu pequeno vaso, afirmando que iria morrer, não por causa de Estratonice ou por alguma ignomínia, mas porque o rei desejava obter para si o que estava no vaso que lhe tinha confiado quando estava para partir. **199** Então, Seleuco, pensando que Combabo se queixava de si falsamente, chamou logo um daqueles a quem entregara o vaso para que o guardasse, ordenando que o apresentasse sem demora. **200** Ao mesmo tempo que arrebatava o que lhe tinha sido trazido, Combabo retira-lhe o selo, mostra o que estava escondido, enquanto se desnuda e comprova, perante todos, a sua condição de eunuco.

**201** “Era isto, era isto o que estava em causa, rei, por que razão eu empreendia a tarefa da partida, por ti ordenada, assim, constrangido e de espírito inquieto. **202** Tristíssimos presságios deste acontecimento infiltravam-se tacitamente no meu pensamento e atemorizavam os meus sentidos, de outro modo prontos a obedecer, afastando-me deste lastimoso encargo.

**203** Como já não me era possível resistir, de forma alguma, à tua vontade, Senhor, o medo desta extrema e infame desonra levou-me a suportar algo tão cruel, que, embora fosse uma solução virtuosa e solícita para com o soberano, para mim próprio, que a sofri, revelou-se infelicíssima e deplorável. **204** E embora me encontre neste estado, ainda assim sou denunciado, junto de ti, por um crime que apenas poderia ter sido cometido por homens inteiros.”

---

[25] **197** ὁ δὲ τέως μὲν ἐστήκεε, λέγων οὐδέν · **198** ἐπεὶ δὲ ἤδη ἐς τὸν φόνον ἤγετο, φθέγγατό τε καὶ τὸ κειμήλιον ἦτεε, λέγων ὥς, ἀναιρέει μιν οὐχ ὕβριος, οὐδὲ γάμων εἵνεκα, ἀλλὰ ἐκείνων ἐπιθυμέων τὰ οἱ ἀπὼν παρεθήκατο. **199** πρὸς τὰδε ὁ βασιλεὺς καλέσας τὸν ταμῖν ἐκέλευε ἐνεῖκαι τὰ οἱ φρουρέειν ἔδωκε. **200** ὥς δὲ ἔνεικε, λύσας τὴν σφρηγῖδα ὁ Κομβάβος τὰ τε ἐνεόντα ἐπέδειξε καὶ ἐωυτὸν ὅποια ἐπεπόνθεε· ἔλεξέ τε, **201-202** ‘ὦ βασιλεῦ, τά, δέ τοι ἐγὼ ὀρρωδέων, εὗτέ με ταύτην ὁδὸν ἔπεμπες, ἀέκων ἦϊον · **203** καὶ ἐπεὶ με ἀναγκαίη μεγάλη ἐκ σέο κατέλαβε, τοιάδε ἐπετέλεσα, ἐσθλὰ μὲν ἐς δεσπότεα, ἐμοὶ δὲ οὐκ εὐτυχέα. **204** τοιόσδε μέντοι ἐὼν ἀνδρὸς ἐπ’ ἀδικίην ἐγκαλέομαι.’



**197** At non Combabus, donec in medio stetit, quicquam uerbis refellere, quicquam declinare. **198** Vbi uero ad supplitium iam traheretur, tum denique locutus illud suum uasculum identidem efflagitare, asserens nec Stratonices nec flagitii ullius causa se interim, uerum quod ea rex sibi auferre cuperet quae apud eum iter facturus in uasculo deposuisset. **199** Hic Seleucus animaduertans Combabum de se falso queri continuo ex illis quempiam quibus asseruandum id dederat uocat utique statim promatur imperat. **200** Quod simul atque prolatum est arripiens Combabus et resignans simul quae inclusa erant ostendit, simul se ipsum denudans, eunuchum esse omnibus probauit.

**201** “Et hoc illud, hoc illud”, inquit, “in causa erat, o rex, quamobrem profectionis curam abs te mihi demandatam sic inuitus atque aeger animi aggrediebar. **202** Huius enim euentus tristissima praesagia, tacitae cogitationi meae incubantia, sensus meos alioquin ad parendum alacres a luctuoso onere deterrebant.

**203** Huius, inquam, extremi et impii dedecoris formido, posteaquam tuae, domine, uoluntati omnino reniti meum non erat, tam dira me ipsum perpeti coegit, pia illa quidem atque officiosa erga dominum coeterum mihi ipsi, qui pertuli, infoelicissima ac multo miserrima. **204** Et talis adeo cum maneam, tamen eius criminis nomine apud te deferor quod ab integris modo uiris committi potest.”

---

**197** uerbis refellere] diluere *E* || **198** ad supplitium] in mortem *E* | efflagitare] eflagitauit *E* | ullius] nullius *E* || **199** animaduertans *correx.* : animaduerso *O E* || **200** denudans] nudans *E* || **201** aggrediebar] inuadebam *E* || **202** alioquin] omneis alioqui *E* || **203** et] ac *E* | officiosa] quam optima *E*

**205** Ao ouvir e ao ver isto, o rei admirou-se e, fortemente perturbado no seu espírito, com lágrimas nos olhos, abraça Combabo. Em seguida, começou a falar profusamente, dizendo: **206** “Oh, quão cruel te mostraste, Combabo, ao infligires em ti uma ferida tão grande e inusual. **207** Não foste tu o único, de todo o número dos mortais, que se atreveu a perpetrar um crime tão indigno, de tal forma agressivo contra ti mesmo? **208** Nunca hei-de louvar um espectáculo tão atroz, tão horrível e tão cruel. **209** Oh desgraçado de ti, Combabo, o mais infeliz dos mortais, pois suportaste tormentos tão terríveis e cruéis que, por Hércules, não deverias ter sofrido, nem eu contemplado.

**210** Nem a tua integridade, amplamente comprovada e testemunhada, nem a tua reconhecida fidelidade deveriam ter, Combabo, qualquer necessidade desta defesa, mas, já que assim o provocou uma infausta divindade, em primeiro lugar vingaremos as tuas lágrimas com a morte dos mais ímpios caluniadores, que te denunciaram falsamente; então, a nossa grande generosidade compensar-te-á pela tua desgraça, com uma grande quantidade de ouro, vestes da Assíria e cavalos reais. **211** Além disso, no futuro não terás necessidade de nenhum mensageiro para seres admitido à nossa presença e ninguém te afastará, por tempo algum, de nós, mesmo que esteja deitado com a minha esposa.”

---

**205** ὁ δὲ πρὸς τὰδε θαμβώσας, περιέβαλέ τέ μιν καὶ δακρύων ἅμα ἔλεγε, **206** ὧ Κομβάβε, τί μέγα κακὸν εἰργάσαιο; **207** τί δὲ σεωντὸν οὕτω ἀεικέλιον ἔργον μούνος ἀνδρῶν ἔπρηξας; **208** τὰ οὐ πάμπαν ἐπαινέω. **209** ὦ σχέτλιε, ὅς τοιάδε ἔτλης, οἷα μήτε σὲ παθεῖν μήτε ἐμὲ ιδέσθαι ὠφελε· **210** οὐ γάρ μοι ταύτης ἀπολογίης ἔδεεν. ἀλλ' ἐπεὶ δαίμων τοιάδε ἤθελε, πρῶτα μὲν σοι τίσις ἐξ ἡμέων ἔσεται, αὐτέων συκοφαντέων ὁ θάνατος, μετὰ δὲ μεγάλη δωρεὴ ἀπίξεται, χρυσός τε πολλὸς, καὶ ἄργυρος ἄπλετος, καὶ ἐσθῆτες Ἀσσύριαι, καὶ ἵπποι βασιλῆϊοι. **211** ἀπίξεται δὲ παρ' ἡμέας ἄνευ ἐσαγγελέος· οὐδέ τις ἀπέρξει σε ἡμετέρης ὄψιος, οὐδ' ἦν γυναικὶ ἅμα εὐνάζωμαι.'

**205** Admiratus rex est cum haec et audisset et uidisset uehementerque animum perculsus, lachrymis obortis, Combabum amplexatur et in uerba deinde prorumpens, **206** “Heu quam”, inquit, “ingenti et inusitato uulnere in temet ipsum, Combabe, crudelis extitisti. **207** Tune facinus indignissimum unus ex omni mortalium numero tibi usque adeo infestus patrauisti? **208** Nec enim tam dirum tam horridum tamque crudele spectaculum laudauerim unquam. **209** O miserum te, mi Combabe, et mortalium infoelicissimum, quando quidem tam saeua tam immania tormenta sustinuisti, sed qualia, me hercule, nec te pati nec me aspicere par erat.

**210** Tua nanque mihi documentis omnibus diu perspecta integritas, tua cognita fides, o Combabe, ne defensione quidem ista egere omnino debuerant, sed quando ita daemon infestus tulit, primum quidem lachrymas tuas ulciscemur scelestissimorum calumniatorum morte, qui te scilicet falso detulerunt, tum calamitatem istam tuam ingens in te nostra munificentia pensabit, uidelicet auri magnum pondus, uestes Assyriae atque equi regii. **211** Praeterea nullo in posterum tibi opus nuncio fuerit ut ad nos admittare nec quisquam ullo tempore te a nostro conspectu arcebit, uel si cum coniuge simul cubem”.

---

**209** Lup. 20r-20v Heu mise, qui talia sustinuisti, qualia neque te pati, neque me spectare par fuerat  
**211** Mic. 316v ne si cum uxore quidem una concumbam

---

**205** animum] in animo *E* || **209** par erat] decuit *E* || **210** omnibus] pluribus *E* | debuerant] debuerunt *E*  
|| **233** pensabit] rependet *E* || **211** in posterum *om. E* | *post nos uerba post hac habet E* | nec] neue *E*

**212** Depois de dizer isto, Seleuco nada fez com menor empenho. De facto, não só os próprios impostores foram imediatamente levados para o suplício, como entregou a Combabo, de forma generosa, todos os presentes que lhe tinham sido prometidos. **213** Além disso, foi restaurada a sua amizade, que se tornou, de longe, mais forte do que antes, de tal modo que se considerava que ninguém, em toda a Assíria, igualava Combabo em sabedoria ou felicidade.

**214** Depois disto, Combabo é de novo enviado pelo rei para a cidade sagrada, a seu próprio pedido, para terminar o templo de Hera, que deixara suspenso e interrompido. **215** Tendo então chegado, conduziu a obra até ao fim e aí passou o resto da sua vida. **216** Entretanto, Seleuco quis colocar naquele templo uma estátua de bronze, em nome da sua virtude e integridade. Foi então erguido no templo um Combabo de bronze, para grande honra do que ainda vivia, uma obra de Hércules de Rodas com rosto de mulher, mas vestes e trajos viris.

---

**212** τάδε εἶπέ τε ἄμα, καὶ ἐποίηε· καὶ οἱ μὲν αὐτίκα ἐς φόνον ἤγοντο· τῷ δὲ τὰ δῶρα ἐδέδοτο, **213** καὶ ἡ φιλή μέζων ἐγεγόνεε. ἐδόκεε δὲ οὐδεὶς ἔτι Ἀσσυρίων, Κομβάβῳ σοφίην καὶ εὐδαιμονίην εἵκελος. [26] **214** μετὰ δὲ αἰτησάμενος ἐκτελέσαι τὰ λείποντα τῷ νηῷ, ἀτελέα γάρ μιν ἀπολέλοιπε, αὐτὶς ἐπέμπετο· **215** καὶ τὸν τε νηὸν ἐξετέλεσε, καὶ τὸ λοιπὸν αὐτοῦ ἔμενε. **216** ἔδωκε δὲ οἱ βασιλεὺς ἀρετῆς τε, καὶ εὐεργεσίης ἕνεκα, ἐν τῷ ἱρῷ ἐστάναι χάλκεον. καὶ ἔτι ἐς τιμὴν ἐν τῷ ἱρῷ Κομβάβος χάλκεος, Ἑρμοκλέους τοῦ Ῥοδίου ποίημα· μορφὴν μὲν ὁκοίη γυνή· ἐσθῆτα δὲ, ἀνδρικήν ἔχει.

**212** Haec cum dixisset Seleucus nihilo secius executus est. Siquidem et sycophantae ipsi continuo in supplitium protracti et Combabo cuncta promissa munera large donata sunt. **213** Porro amicitia longe priore coniunctior inter eos redintegrata est, ita ut nemo alius per uniuersam Assyriam uel sapientia uel foelicitate Combabum aequare censeretur.

**214** Post haec Combabus ab rege iterum in ciuitatem sacram ipso Combabo postulante dimittitur, uti Herae templo, quod pendens interruptumque reliquerat, extremam manum imponeret. **215** Eo igitur ueniens et opus ad finem perduxit et reliquam aetatem ibidem egit. **216** Voluit autem Seleucus tum uirtutis tum beneficentiae nomine illi in sacro statuam poni ex aere erectusque adeo est in sacro in summum etiamnum uiuentis honorem aeneus Combabus, Ermoclis Rhodii opus, facie quidem muliebri at cultu et habitu uirili.

---

**215** Mic. 316v et reliquam aetatem ibi peregit

---

**212** secius] secus quam dixerat || **214** ipso Combabo postulante *om. E* | dimittitur] mittitur *E* | extremam] summam *E* || **215** atque ibi reliquum temporis uersatus est donec ad extremum operis peruentum est *E* || **216** in sacro<sup>1</sup>] in templo *E* | in sacro<sup>2</sup> *om. E*

**217** A partir dos amigos de Combabo, diz-se também que, na medida em que cada um o amava muito, tinham aceitado de bom grado tomar parte da mesma desgraça que se tinha infligido, pois consideravam que isso seria um conforto para a privação e para a dor de Combabo. **218** Assim, tornaram-se, eles próprios, eunucos e levaram com ele uma vida semelhante. **219** Também não faltam os que remetem tudo isto para a fábula sagrada, como se a própria Hera, que estimava Combabo, tivesse introduzido no espírito de muitos a ideia desta castração, para que ele não se atormentasse no seu espírito quando se apercebesse que era o único, entre todos, que se encontrava privado do próprio sexo e mutilado.

**220** Ora, este costume permanece até hoje e não são poucos os que, todos os anos, abdicam do seu membro viril no templo; quer o façam para confortar Combabo, quer para agradar a Hera e, para que isto seja considerado por nós, será bastante referir que eles se castram. **221** Na verdade, eles nunca envergam um trajo viril, mas usam vestes de mulher e insistem em comportar-se como mulheres. **222** Também se diz que o autor disto é Combabo (de facto, assim o ouvi), uma vez que ele próprio usou vestes femininas. **223** Dizem que uma certa mulher estrangeira, que viera para a celebração de uma festa, ao vê-lo tão formoso, e ainda numa veste viril, se apaixonou perdidamente. **224** Em breve, quando percebeu que ele não era apto para a libido, foi tomada por um grande desespero e causou, de modo infeliz, a sua própria morte. **225** Mas Combabo, que dificilmente suportava que, por sua causa, se malograssem as artes de Vénus e se frustrasse o desejo dos amantes, imediatamente considerou ser preferível usar ornamentos femininos, para não induzir nenhuma mulher num erro previsível. **226** Dizem que esta é a razão pela qual os Galos adoptaram vestidos femininos.

---

**217** λέγεται δὲ τῶν φίλων τοὺς μάλιστα οἱ εὐνοέοντας ἐς παραμυθίην τοῦ πάθεος κοινωνίην ἐλέσθαι τῆς συμφορῆς. **218** ἔτεμον γὰρ ἑωυτοὺς καὶ δίαιταν τὴν αὐτὴν ἐκείνῳ διαιτέοντο. **219** ἄλλοι δὲ ἱερολογέουσι ἐπὶ τῷ πρήγματι, λέγοντες ὡς ἡ Ἥρη φιλέουσα Κομβάβον πολλοῖσι τὴν τομὴν ἐπὶ νόον ἔβαλλε, ὅπως μὴ μοῦνος ἐπὶ τῇ ἀνανδρηίᾳ λυπέοιτο. [27] **220** τὸ δὲ ἔθος τοῦτο ἐπειδὴ ἅπαζ ἐγένετο, ἔτι νῦν μένει· καὶ πολλοὶ ἐκάστου ἔτεος ἐν τῷ ἱρῷ τάμνονται καὶ θηλύνονται, εἴτε Κομβάβον παραμηθεόμενοι εἴτε καὶ Ἥρῃ χαριζόμενοι· τάμνονται δ' ὦν. **221** ἐσθῆτα δὲ οἶδε οὐκ ἔτι ἀνδρηίην ἔχουσι, ἀλλὰ εἵματά τε γυναικίᾳ φορέουσι, καὶ ἔργα γυναικῶν ἐπιτελέουσι. **222** ὡς δὲ ἐγὼ ἤκουον, ἀνακέαται καὶ τουτέων ἐς Κομβάβον ἡ αἰτίη· συνενείχθη γάρ οἱ καὶ τάδε. **223** ξείνη γυνὴ ἐς πανήγυριν ἀπικομένη, ἰδοῦσα καλὸν τε ὄντα, καὶ ἐσθῆτα ἔτι ἀνδρηίην ἔχοντα, ἔρωτι μεγάλῳ ἔσχετο· **224** μετὰ δὲ μαθοῦσα ἀτελέα ἐόντα ἑωυτὴν διειργάσατο. **225** ἐπὶ τοῖσι Κομβάβος, ἀθυμέων ὅτι οἱ ἀτυχέως τὰ ἐς Ἀφροδίτην ἔχει, ἐσθῆτα γυναικίην ἐνεδήσατο, ὅπως μηκέτι ἐτέρῃ γυνὴ ἴσα ἐξαπατέοιτο· **226** ἦδε αἰτίη Γάλλοις στολῆς θηλείης.

**217** Illud etiam fertur ex Combabi amicis, ut quisque illum maxime diligeret, sic in calamitatis acceptae communionem libentissimo animo se tulisse, quod id existimarent iacturae et doloris Combabi esse solatium. **218** Etenim sese ipsi eunucharunt paremque uitam cum illo degerunt. **219** Nec tamen desunt qui totum hoc ad sacram fabulam reiiciant, quasi Hera ipsa, quod Combabum diligeret, plurimis in animum sectionem eam induxerit ne, cum se is unum ex omnibus proprii sexus inopem truncumque uideret, animi angeretur.

**220** Porro istec consuetudo manet adhuc et non pauci quoque anno in sacro uirilitate se abdicant, siue id in Combabi solatium, siue in Herae gratiam faciant, ut cunque enim res habeat nobis eos excidi referre sat fuerit. **221** Iidem uero uirili habitu nunquam incedunt, sed et muliebri utuntur et opera insistunt muliebria. **222** Id quod et in Combabum (sic etenim accepimus) authorem refertur, cum et ipse foeminea ueste usus fuerit. **223** Nam ferunt peregrinam quandam mulierem, quae ad festam celebritatem conuenerat, cum adeo speciosum eumque in ueste adhuc uirili conspiceret, uehementer ipsius amore correptam fuisse. **224** Mox cum non bonum esse libidini intelligeret, summa desperatione adactam misere mortem sibi consciuisse. **225** At Combabum, aegre ferentem sua causa infoeliciter Veneris exerceri artes desyderiumque amantium irritum esse, ornatum deinceps muliebrem potioem duxisse, ne ulla itidem mulier procliui errore laberetur. **226** Igitur hanc causam esse aiunt quamobrem Galli foemineam stolam sumpserunt.

---

**226** Lup. 21r idque est in causa quamobrem Galli muliebri incedant amictu

---

**217** libentissimo animo] ultroneum *E* | esse] fore *E* || **218** eunucharunt] eunuchabant *E* | degerunt] degebant *E* || **219** eam] hanc *E* || **220** manet adhuc] cum semel recepta est etiam nunc perdurat *E* | excidi referre sat fuerit] incidi sat retulisse fuerit *E* || **223** conspiceret] conspexisset *E* | fuisse] esse *E* || **225** sua causa infoeliciter Veneris exerceri artes] quod Veneris in se artes male cederent *E* | esse] et infoelix fieret *E* | deinceps] posthac *E* | itidem] praeterea *E* || **226** causam] originem *E* | quamobrem] unde *E* | sumpserunt] assumpserint *E*

**227** Assim termina a história de Combabo. Quanto aos Galos, lembraremos, um pouco depois, perto do fim, quer a sua excisão, quer o ritual da sepultura, e acrescentaremos ainda a razão que os impede de entrar no templo. **228** Mas, antes de o fazermos, pretendo dizer algumas coisas acerca do local e da magnitude do próprio templo, por onde começaremos, de preferência.

**229** O local em que o santuário está edificado é bastante elevado e íngreme; está mesmo no meio e é como que o umbigo da cidade. **230** Está rodeado por um muro duplo, um dos quais é, sem dúvida, vetusto, mas o outro não é anterior à nossa época. **231** Além disso, os vestíbulos do templo estão voltados para o Aquilão, com uma altitude de quase cem passos. **232** Observam-se, nestes mesmos vestíbulos, aqueles falos que mencionámos anteriormente, que Dioniso erigiu e que atingem a altura de trezentos passos. Duas vezes por ano, um homem sobe e habita, durante sete dias, mesmo no cimo de um deles.

**233** Muitos dizem que o motivo desta subida é o facto de julgarem que aquele que, deste modo, alcança o cume, fala com os deuses imortais e implora por toda a Síria. Pensam que, por estar mais próximo, os próprios deuses ouvem os seus votos e preces. **234** Todavia, alguns consideram que este mesmo rito remete para o tempo de Deucalião e é uma lembrança daquela calamidade, uma vez que, depois de o dilúvio ter inundado toda a terra, os mortais, atónitos e desfalecidos, se apressaram a alcançar, precipitadamente, por uma parte, o cimo das montanhas, por outra, o topo das árvores mais elevadas.

---

**227** Κομβάβου μὲν μοι πέρι, τοσάδε εἰρήσθω. Γάλλων δὲ αὖτις ἐγὼ λόγῳ ὑστέρω μεμνήσομαι, τομῆς τε αὐτέων, ὅκως τάμνονται, καὶ ταφῆς, ὁκοίην θάπτονται, καὶ ὅτεν εἵνεκα ἐς τὸ ἱρὸν οὐκ ἐσέρχονται· **228** πρότερον δέ μοι θυμὸς εἰπεῖν θέσιός τε πέρι τοῦ νηοῦ, καὶ μεγάλθεος, καὶ δῆτα ἐρέω. [28] **229** ὁ μὲν χῶρος αὐτός, ἐν τῇ τὸ ἱρὸν ἴδρυται, λόφος ἐστί· κέαται δὲ κατὰ μέσον μάλιστα τῆς πόλιος· **230** καὶ οἱ τείχεα δοιὰ περικέαται. τῶν δὲ τειχέων τὸ μὲν ἀρχαῖον, τὸ δὲ οὐ πολλὸν ἡμέων πρεσβύτερον. **231** τὰ δὲ προπύλαια τοῦ ἱροῦ ἐς ἄνεμον βορέην ἀποκέκρινται, μέγαθος ὅσον τέ ἐκατὸν ὀργυιέων. **232** ἐν τούτοισι τοῖσι προπυλαίοισι καὶ οἱ φαλλοὶ ἐστᾶσι τοὺς Διόνυσος ἐστήσατο· ἡλικίην καὶ οἶδε τριηκοσίων ὀργυιέων. ἐς τουτέων τὸν ἕνα φαλλὸν ἀνὴρ ἐκάστου ἔτεος δις ἀνέρχεται οἰκέει τὲ ἐν ἄκρῳ τῇ φαλλῷ χρόνον ἑπτὰ ἡμερέων. **233** αἰτήν δέ οἱ τῆς ἀνόδου ἦδε λέγεται. οἱ μὲν πολλοὶ νομίζουσιν ὅτι ὑψοῦ τοῖσι θεοῖσι ὁμιλεῖ, καὶ ἀγαθὰ πάσῃ Συρίῃ αἰτέει· οἱ δὲ τῶν εὐχολέων ἀγχόθεν ἐπαῖουσι. **234** ἄλλοισιν δὲ δοκέει καὶ τάδε Δευκαλίωνος εἵνεκα ποιέεσθαι, ἐκείνης ξυμφορῆς μνήματα, ὁκότε οἱ ἄνθρωποι ἐς τὰ οὖρεα καὶ ἐς τὰ περιμήκεα τῶν δενδρέων ῥηισαν τὸ πολλὸν ὕδωρ ὀρρωδέοντες.



**227** Ac de Combabo quidem hactenus, sed et de Gallis paulopost iuxta finem meminerimus tum de excisione ipsorum, tum sepulturae ritu huc addemus et rationem quae eos in templum ingredi uetat. **228** Sed antequam ad haec uenimus est animus de situ et magnitudine ipsius templi nonnulla dicere, quae uel hinc potissimum aggrediamur.

**229** Locus itaque in quo fanum positum est aeditus admodum et accliuis ad medium maxime et uelut umbilicum ciuitatis est. **230** Duplici uero muro cingitur, quorum alter uetustus sane, alter non ita aetate nostra antiquior est. **231** Porro templi uestibula ad aquilonem uergunt altitudine centum prope passuum. **232** Atque uestibulis in iisdem illi phalli, de quibus supra meminimus, spectantur, quos Dionysius statuit tercentum passuum altitudinem aequantes, in quorum alterum bis singulis annis uir quidam ascendit habitatque in summo phalli uertice dierum septem spacium.

**233** Porro ascensionis causa illa a plerisque redditur quod qui ad eiusmodi fastigium peruadat, eum colloqui cum diis immortalibus et pro omni Syria precari arbitrantur deos uero ipsos ex propinquo uota precesque exaudire. **234** Contra nonnullis uidetur hunc ipsum ritum ad tempora Deucalionis respicere, uidelicet illius calamitatis monumentum, cum omnia late diluuiο inundante attoniti et exanimati mortales qua iuga montium, qua celsarum arborum cacumina praehendere raptim festinarent.

---

**228** Lup. 21v prius de templi situ et magnitudine dicere est animus

---

**227** paulopost] iterum *E* | uetat] uetet *E* || **229** fanum] templum *E* | est<sup>1</sup>] fuit *E* || **230** cingitur] circundatur *E* | uetustus] uetustior *E* || **231** templi] sacri *E* | altitudine centum prope passuum] quae ipsa in centum ulnarum magnitudinem patent *E* || **232** iisem] hisdem *E* | spectantur] haerent *E* | statuit] constituit *E* | passuum] et hi ulnarum *E* | singulis annis] unoquoque anno *E* || **233** arbitrantur] dicant *E* || **234** monumentum] monimentum *E* | attoniti] stupidi *E*

**235** Porém, não aceito esta explicação, pois eu, para que isto não se afaste da origem, considero que a subida também se deve referir a Baco, o que creio que será comprovado por todos, se o tiverem compreendido antes e tiverem confirmado aqui que é costume colocar homúnculos de madeira junto a todos os falos que tiverem sido erigidos em honra de Baco. Todavia, dificilmente me atreveria a dizer por que razão isto foi instituído. **236** Portanto, de acordo com o meu juízo, aquele que trepa ao cimo do falo consagrado a Dioniso parece fazê-lo para imitar aquele homúnculo de madeira.

**237** A própria subida realiza-se deste modo: aquele que se dispõe a subir envolve-se, ao mesmo tempo a si e ao falo, com uma longa cadeia e, então, apoiando-se em estacas adaptadas ao tamanho do pé que estão presas ao mesmo falo, sobe, enquanto puxa a cadeia com as mãos, ininterruptamente e com um passo acelerado, e se balança para ambos os lados, como um auriga. **238** Se alguém nunca tiver visto fazerem isto, terá certamente visto, quer na Arábia, quer no Egípto, ou, por fim, junto de algum outro povo, alguém a trepar palmeiras, e então saberá aquilo que refiro.

---

**235** ἐμοὶ μὲν ὦν καὶ τάδε ἀπίθανα · δοκέω γε μὲν Διονύσῳ σφέας καὶ τάδε ποιέειν. συμβάλλομαι δὲ τουτέοισι φαλλοὺς, ὅσοι Διονύσῳ ἐγείρουσι· ἐν τοῖσι φαλλοῖσι, καὶ ἄνδρας ξυλίνους κατίζουσι· ὅτε μὲν εἵνεκα, ἐγὼ οὐκ ἐρέω · **236** δοκέει δ' ὦν μοι καὶ ὅδε ἐς ἐκείνου μίμησιν τοῦ ξυλίνου ἀνδρὸς ἀνέρχεσθαι. [29] **237** ἡ δέ οἱ ἄνοδος τοιήδε· σειρῇ μακρῇ ἐωυτόν τε ἅμα, καὶ τὸν φαλλὸν περιβάλλει· μετὰ δὲ, ἐπιβαίνει ξύλων προσφυῶν τῷ φαλλῷ, ὁκόσον ἐς χώραν ἄκρου ποδός· ἀνιὼν δὲ ἅμα, ἀναβάλλει τὴν σειρὴν ἀμφοτέρωθεν, ὅκωσπερ ἡνιοχέων· **238** εἰ δέ τις τόδε μὲν οὐκ ὅπωπε, ὅπωπε δὲ φοινικοβατέοντας, ἢ ἐν Ἀραβίῃ, ἢ ἐν Αἰγύπτῳ ἢ ἄλλοθί κου, οἶδε τὸ, λέγω.

**235** Coeterum nec mihi haec quidem recipiuntur qui, ne ab origine discedatur, ad Bacchum etiamnum ascensum huiusmodi referendum existimem, quod ita demum omnibus probatum iri confido, si illud prius intellexerint atque huc contulerint solere ad omnes phallos qui Baccho erigantur, ligneos homunculos apponi; quod tamen ipsum qua ratione institutum fuerit, haud temere ausim dicere. **236** Igitur meo quidem iudicio, qui ad phalli Dionysio sacri uerticem euadit, is in imitationem illius homunculi lignei facere id uidetur.

**237** Ascensus adeo ipse ad hunc modum perficitur: qui enim ascensurus est proluxa cathena se ipsum pariter et phallum complectitur, tum paxillis protenti pedis capacibus eidemque phallo affixis innitens simul ipse ascendit, simul cathenam manibus protenus tolutimque trahit et uelut auriga quidam utrinque prouoluit. **238** Quod si quis haec unquam fieri non uidit, aliquos uero uel in Arabia, uel in Aegypto, uel postremo alicubi gentium palmas scandere uidit, uidelicet ipsum quod refero nouerit.

---

**237** Mic. 317r Cathena longa se ipsum pariter et Priapum circundat

---

**235** coeterum] caeterum *E* | nec] ne *E* | num *om. E* || **237** se ipsum pariter et] quam utraque manu continet *E* | affixis] apte coniunctis *E*

**239** Então, ao chegar ao fim da subida, lança do alto outra longa cadeia e puxa para junto de si o que considera ser necessário, tal como madeira, roupa, vasilhas, que entrelaça e com os quais constrói um assento com a forma de um ninho, onde reside. **240** Permanece no alto, como dissemos, durante um período contínuo de sete dias. **241** A esta espécie de lugar sagrado confluem muitos mortais. Quando lhe levam, ao que está sentado no alto, ouro e prata, alguns também bronze, de acordo com o que parecer bem a cada um, então partem, depois de cada um ter declarado, um a um, o seu nome.

**242** Imediatamente o sacerdote designado para esta função, ao escutar o nome, repete-o para o alto. Ele, tendo-o ouvido, pede por cada um deles, enquanto percute um instrumento que, ao ser agitado, produz um som agudo e penetrante. **243** De forma alguma lhe é permitido adormecer, mas dizem que, quando isto acontece, arrastando-se até ao cimo, um escorpião o desperta do seu sono e o trata muito mal. Assim se castiga a indolência do que adormece, com esta pena e não outra.

**244** Isto que se conta acerca do escorpião é certamente sagrado e digno da grandeza dos deuses. Se, porém, isto assim se passa, não me atrevo a dizer. **245** Por outro lado, creio que, por si só, o medo de cair de cabeça do alto seria suficiente para o deixar extremamente vigilante durante todo aquele tempo. **246** Mas basta o que já dissemos acerca dos “falobatas”.

---

**239** Ἐπεὰν δὲ ἐς τέλος ἵκηται τῆς ὁδοῦ, σειρὴν ἐτέρην ἀφείς τὴν αὐτὸς ἔχει, μακρὴν ταύτην, ἀνέλκει τῶν οἱ θυμός, ξύλα καὶ εἴματα καὶ σκεύεα, ἀπὸ τῶν ἔδρην συνδέων ὁκοίην καλιὴν ἰζάνει· **240** μίμνει τὲ χρόνον τὸν εἶπον ἡμερέων. **241** πολλοὶ δὲ ἀπικνεόμενοι, χρυσόν τε, καὶ ἄργυρον, οἱ δὲ, χαλκόν, κομίζουσιν, εἴτ’ ἀφέντες ἐκείνου πρόσθε κείμενα ἀπιᾶσι, λέγοντες τὰ οὐνόματα ἕκαστος. **242** παρεστὲώς δὲ ἄλλος, ἄνω ἀγγέλλει· ὁ δὲ, δεξάμενος τοῦνομα, εὐχολὴν ἐς ἕκαστον ποιέεται· ἅμα δὲ εὐχόμενος, κροτέει ποίημα χάλκεον, τὸ αἰίδει μέγα, καὶ τρηχὺ κινεόμενον. **243** εὐδὲι δὲ οὐδαμᾶ· ἦν γάρ μιν ὕπνος ἔλη ποτέ, σκορπίος ἀνιὼν ἀνεγείρει τε καὶ ἀεικέα ἐργάζεται. καὶ οἱ ἥδε ἡ ζημὴ τοῦ ὕπνου ἐπικέαται. **244** τὰ μὲν ὧν ἐς τὸν σκορπίον μυθέονται, ἰρά τε, καὶ θεοπρεπέα· εἰ δὲ ἀτρεκέα ἐστὶ, οὐκ ἔχω ἐρέειν. **245** δοκέει δέ μοι, μέγα ἐς ἀγρυπνίην συμβάλλεται καὶ τῆς πτώσιος ἡ ὀρρωδία. [30] **246** Φαλλοβατέων μὲν δὴ περί, τοσαῦτα ἀρκέει.

**239** Cum uero ad ascensionis extremum peruenerit, aliam deinde oblongam cathenam ex alto demittens quaecumque sibi opus esse ducit, ut sunt ligna, uestimenta, uasa, ad sese attollit, ex quibus inter se connexis sellam nidi cuiuspiam forma componens in ea residet. **240** Manet autem eodem in loco iugo, ut diximus, dierum septem spacium. **241** Ad hoc igitur sacri genus plurimi mortales confluunt. Et aurum et argentum, partim uero et aes, quemadmodum cuique uidetur, ubi illi desuper sedenti obtulerint, tum pro se quisque nomina sua protulerint, abeunt.

**242** Quae continuo minister huic nomenclaturae destinatus excipiens sursum renunciat, at ille cuiusque nomine audito pro singulis precatur aeneum interim complodens crepitaculum, quo quidem concusso asper argutusque sonus excitatur. **243** Nec uero ullo pacto fas ei obdormiscere, quod si quando id acciderit scorpium aiunt ad summum obrepentem e somno excitare pessimeque habere ac dormitantis quidem ignauiam non alia poena lustrari.

**244** Sunt autem haec quae de scorpio fabulantur sacra nimirum et deorum maiestate digna. Vtrum uero sic se habeant equidem dicere non habeo. **245** Alioqui, uti ego arbitror, uel una praecipitis ab alto casus formido eo omni tempore apprime uigilantem reddere sufficiat. **246** Et de phallobatis quidem ipsis haec nos tradidisse sufficiat.

---

**239** Mic. 317r Caeterum postquam ad summum peruenit aliam quandam cathenam quam ipse secum habet demittens longam quidem illam attrahit sursum quaecumque libet ligna uidelicet et uestes et uasa ex quibus sedem componens per inde ac nidum aliquem in illa se collocat manetque ad id tempus dierum quod dixi

---

**239** esse] fore *E* | ligna] signa *E* | sese attollit] se eleuat *E* | ex quibus inter se connexis] post haec *E* | post sellam uerbum quoque habet *E* | componens] subducens *E* || **241** confluunt] conueniunt *E* | ubi illi desuper sedenti obtulerint] illi ex aduerso insidenti offerentes *E* | protulerint abeunt] proferentes discedunt *E* || **242** post huic uerbum uelut habet *E* | sursum] supra *E* | audito] intellecto *E* | complodens] feriens *E* | quo quidem concusso asper argutusque sonus excitatur] quod quidem commotum asperum argutumque sonum excitat *E* || **244** deorum maiestate] diis maxime *E* || **245** apprime] imprimis *E* || **246** post ipsis uerba seu malis dicere priapambulis habet *E*

**247** O templo está voltado para o sol nascente e não se distingue nem no aspecto, nem na medida, dos outros templos, nem mesmo dos que se costumam construir na Jónia. **248** Em primeiro lugar, uma enorme base de dois passos de altura, na qual assenta o edifício sagrado, expande-se de uma forma notável, a que dá acesso uma pequena subida a partir da rocha. **249** A própria entrada do templo imediatamente causa, a quem quer que suba, uma grande admiração, pois está ornamentada com portas de ouro.

**250** No interior, não só o próprio templo, mas também os tectos do templo, completamente dourados, cintilam por toda a parte, devido à abundância de ouro, e ofuscam e deslumbram os olhos com o seu brilho e esplêndido fulgor. **251** De lá provém um suavíssimo odor, nitidamente divino. Quando se alastra, dizem que é semelhante ao que existe na região da Arábia. Aproximando-te daqui, ao subires a escada, invadir-te-á, mesmo de longe, uma agradável brisa aromática. **252** Quando te afastares do local de onde emana a nuvem odorífera, nem as tuas vestes perderão, de forma alguma, essa perfumadíssima fragrância, nem tu próprio deixarás de recordar, em nenhum momento, o agradabilíssimo sopro.

---

**247** ὁ δὲ νηὸς ὁρέει μὲν ἐς ἡέλιον ἀνιόντα. εἶδος δὲ, καὶ ἐργασίην ἐστὶ, ὁκοίους νηοὺς ἐν Ἰωνίῃ ποιέουσι. **248** ἔδρη μεγάλη ἀνέχει, ἐκ τῆς, μέγαθος ὀργυιέων δυοῖν· ἐπὶ τῆς ὁ νηὸς ἐπικέεται. ἄνοδος ἐς αὐτὴν λίθου πεποιήται, οὐ κάρτα μακρὴ. **249** ἀνελθόντι δὲ θωῦμα μὲν καὶ ὁ πρόνηος μέγα παρέχεται θύρησί τε ἥσκηται χρυσέοισι. **250** ἔνδοθε δὲ, ὁ νηὸς χρυσοῦ τε πολλοῦ ἀπολάμπεται καὶ ἡ ὀροφὴ πᾶσα χρυσέη. **251** ἀπόζει δὲ αὐτοῦ ὁδμὴ ἀμβροσίη, ὁκοίη λέγεται τῆς χώρας τῆς Ἀραβίης· καὶ σοι τηλόθεν ἀνιόντι, προσβάλλει πνοιὴν κάρτα ἀγαθὴν. **252** καὶ ἦν αὗτις ἀπίης, οὐδαμᾶ λείπεται, ἀλλὰ σευ τά τε εἴματα ἐς πολλὸν ἔχει τὴν πνοιὴν, καὶ σὺ ἐς πάμπαν αὐτῆς μνήσεαι.

**247** Porro autem templum ad exorientem solem spectat, speciem uero ac modulum non alia praefert atque templa quae in Ionia fieri solent. **248** Primum itaque ingens quaedam basis duorum passuum altitudine, cui aedes sacra innititur, in latitudinem eximiam tenditur, ad quam ascensus brevis ex lapide patet. **249** Atque cuilibet ascendenti magnam continuo admirationem aditus ipse templi praeberit, quippe foribus aureis exornatus est.

**250** At uero intus et templum ipsum et templi tecta, quae tota aurea sunt, plurimo undequaque auro scintillant splendentique fulgore renidentia oculorum aciem fallunt perstringuntque. **251** Suauissimus quinetiam indidem atque immortalis plane odor exaestuat et exundans fertur qualem admodum existere dicunt in regione Arabia. Atque adeo tibi appropinquanti ascensumque aggredienti aura illa foelicissime odora uel procul occurrerit. **252** Cunque ex eo loco, unde redolentissima nubes fertur, discesseris, nihilo tamen secius et uestis ipsa tua fragrantissimum odorem minime amiserit et ipse nullo tempore iocundissimi spiritus non memineris.

---

**247** Mic. 317r Porro aedes ipsa ad solem quidem aspicit orientem

---

**247** spectat] superba machina elatum est *E* || **248** duorum passuum altitudine] lapidea *E* | innititur] immittitur *E* | ad quam] per quam *E* | brevis ex lapide patet] ad duarum ulnarum altitudinem non admodum magnus fit *E* || **249** templi *om.* *E* | *post* quippe uerbum qui habet *E* | est] sit *E* || **250** tecta *err.* *E* : testa *O* || **251** exaestuat] existit *E* | existere] halare *E* | apropinquanti] aduentanti *E* || **252** cunque] cumque *E* | unde] quo *E* | fertur] euaporat *E* | uestis] indumenta *E* | minime amiserit] non amittent *E* | ipse] tu *E* | *post* nullo uerbum unquam habet *E*

**253** No entanto, o próprio edifício não é uno nem simples no interior, pois tem um quarto distinto, que se alcança por uma pequena escada. Ele não está fechado nem ornamentado com nenhuma espécie de porta, mas, pelo contrário, permanece sempre completamente aberto. **254** Todos podem entrar no grande templo, mas no quarto apenas é permitido o acesso aos sacerdotes, ainda que não a todos e não sem serem escolhidos: sobre os preferidos dos deuses, recai o cuidado de todo o templo. **255** Naquele quarto encontram-se as seguintes esculturas: a própria Hera e um deus a que atribuem um outro nome, mas que não é outro a não ser Júpiter. **256** Ambos são de ouro, ambos estão sentados, mas Hera é transportada por leões e Júpiter está sentado sobre touros.

**257** Ora, a estátua de Júpiter detém todas as características daquela imagem que habitualmente o representa, quer a cabeça, quer os olhos e, sem dúvida, o pedestal do deus, como se fosse necessário que tu, mesmo sem querer, a identificasses com a de Júpiter. **258** Quanto a Hera, sugere, de facto, uma certa aparência multiforme a quem a contempla. **259** Embora conste que é Hera, ou seja Juno, por ter todas as características que se atribuem a Juno, também tem, no entanto, algo de Minerva, algo de Vénus, algo de Lua, e ainda de Reia, de Ártemis, de Némesis e das Parcas.

---

[31] **253** ἔνδοθεν δὲ ὁ νηὸς οὐκ ἀπλὸς ἐστί, ἀλλὰ ἐν αὐτῷ θάλαμος ἄλλος πεποιήται. ἄνοδος καὶ ἐς τοῦτον ὀλίγη· θύρῃσι δὲ οὐκ ἤσκηται, ἀλλ' ἐς ἀντίον ἅπας ἀναπέπταται. **254** ἐς μὲν ὧν τὸν μέγαν νηὸν, πάντες εἰσέρχονται· ἐς δὲ τὸν θάλαμον, οἱ ἱερεῖς μόνον· οὐ μέντοι πάντες ἱερεῖς, ἀλλὰ τοὶ μάλιστα ἀγχίθεοί τε εἰσι, καὶ τοῖσι πᾶσα ἐς τὸ ἱρὸν μέλεται θεραπείη. **255** ἐν δὲ τῷδε εἴεται τὰ ἔδεα, ἧ τε Ἥρῃ καὶ τὸν αὐτοὶ Δία ἔόντα, ἐτέρῳ οὐνόματι κληΐζουσι. **256** ἄμφω δὲ χρύσειοί τε εἰσι, καὶ ἄμφω ἕζονται· ἀλλὰ τὴν μὲν Ἥρην λέοντες φορέουσι· ὁ δὲ ταύροις ἐφέζεται. [32] **257** Καὶ δῆτα τὸ μὲν τοῦ Διὸς ἄγαλμα, ἐς Δία πάντα ὀρήν καὶ κεφαλὴν, καὶ ὄμματα, καὶ ἔδρην· καὶ μιν οὐδὲ ἐθέλων ἄλλως εἰκάσεις. **258** ἧ δὲ Ἥρῃ σκοπέοντί τοι πολυειδέα μορφήν ἐκφανέει. **259** καὶ τὰ μὲν ζῦμπαντα ἀτρεκέει λόγῳ Ἥρῃ ἐστί· ἔχει δέ τι καὶ Ἀθηναίης, καὶ Ἀφροδίτης, καὶ Σεληναίης, καὶ Ῥέης, καὶ Ἀρτέμιδος, καὶ Νεμέσιος, καὶ Μοιρέων.



**253** Sed aedes ipsa non una intus aut simplex est, uerum thalamum distinctum habet, quo modico quoque ascensu uenitur idemque nullis foribus aut clauditur aut ornatur, sed contra totus semper patet. **254** In magnum igitur templum omnibus ingredi licet, at uero in thalamum solis fas est sacerdotibus nec iis tamen omnibus et citra delectum, sed qui diis maxime accepti sunt quibusque totius templi procuratio incubuerit. **255** Atque in eodem thalamo simulachra haec sedent: Hera ipsa et quem deum diuerso nomine appellant, tametsi non alius est quam Iuppiter. **256** Ambo uero aurei sunt, ambo sedent, sed Heram quidem leones uehunt at Iuppiter tauris insidet.

**257** Porro Iouis statua omnia eius imaginis lineamenta, quae Iouem repraesentent, et caput et oculos et sedem nimirum obtinet, sicut uel te inuito Ioui eam assimiles necesse sit. **258** Sed enim Hera multiformem quandam speciem obtuenti insinuat. **259** Nam tametsi ex omnibus quae Iunoni ascribuntur, Heram, id est Iunonem, constat esse, aliquid tamen habet et Mineruae, aliquid Veneris, aliquid Lunae, Rheae insuper, Artemidis, Nemeseos et Parcarum.

---

**253** idemque] isdemque *E* || **254** omnibus ingredi licet] omnes ingredi possunt *E* | fas est] licet *E* | citra delectum] fine delectu *E* | sunt] nisi fuerint *E* || **255** simulachra] simulacra *E* | *post* sedent *uerbum uidelicet habet* *E* || **257** lineamenta] liniamenta *E* | repraesentent] representet *E*

**260** Efectivamente, numa mão tem um ceptro, noutra um fuso, e na cabeça traz raios, uma torre e uma fita, com a qual apenas se ornamenta Vénus celeste. **261** Por fora, não só as restantes partes deste ídolo refulgem devido ao ouro, como pedras preciosíssimas, espalhadas por entre o ouro, deslumbram os olhos admirados com tão agradável variedade de cores. **262** Algumas delas são brancas, outras azuis, algumas brilham, de cor rubra, e acrescentem-se ainda não poucas sardónicas, jacintos e esmeraldas, que Egípcios, Indianos, Etíopes, Medos, Arménios e Babilónios trazem.

**263** Mas poderia eu ficar em silêncio e omitir aquilo que é, de longe, digno da maior admiração? **264** Na cabeça da própria Hera vê-se, incrustada, uma certa pedra que se chama lícnis (certamente mereceu este nome devido à sua força e propriedade). Dela provém um fulgor muito brilhante que reluz como se, mesmo no meio da noite, uma intensa chama de luz iluminasse todo o templo. **265** Ainda que, durante o dia, perca, em grande parte, a força do seu esplendor e, quando a luz do dia esmorece, lance uma luz débil, como que sob uma lânguida claridade, preserva, todavia, o seu aspecto bastante ígneo e intensamente inflamado, como se brilhasse com o grande e eficaz ardor de uma luz coibida e não tolerasse ou facto de a própria vibração dos raios se atenuar com a presença de uma luz alheia, ou de não lhe ser permitido irradiar e projectar à sua volta tão nítido fulgor.

**266** Mas vê-se ainda, no ídolo de Hera, uma outra coisa admirável, pois, se estiveres num sítio, em qualquer parte, e dirigires os olhos em direcção à deusa, ela olhar-te-á de volta e parecerá que também coloca em ti os seus olhos atentos. Se, em seguida, te moveres para outro lugar, o olhar divino seguir-te-á. **267** Se, entretanto, outra pessoa tentar fazer o mesmo a partir de outro lugar, terá a percepção de que algo igual lhe acontece.

---

**260** χειρὶ δὲ τῇ μὲν ἐτέρῃ σκῆπτρον ἔχει· τῇ ἐτέρῃ δὲ ἄτρακτον· καὶ ἐπὶ τῇ κεφαλῇ ἀκτῖνὰς τε φορέει, καὶ πύργον, καὶ κεστὸν, ᾧ μούνην τὴν Οὐρανίην κοσμεύουσι. **261** ἔκτοσθε δὲ οἱ χρυσός τε ἄλλος περικέεται, καὶ λίθοι κάρτα πολυτελέες. **262** τῶν οἱ μὲν λευκοί· οἱ δὲ ὑδατώδεις· πολλοὶ δὲ πυρώδεις· ἔτι δὲ ὄνυχες οἱ σαρδῶοι, πολλοὶ, καὶ ὑάκινθοι καὶ σμάραγδοι, τὰ φέρουσι Αἰγύπτιοι καὶ Ἰνδοὶ καὶ Αἰθίοπες, καὶ Μῆδοι, καὶ Ἀρμένιοι, καὶ Βαβυλώνιοι. **263** τὸ δὲ δὴ μέζονος λόγου ἄξιον, τοῦτο ἀπηγήσομαι. **264** λίθον ἐπὶ τῇ κεφαλῇ φορέει, λυχνὶς καλέεται· οὖνομα δὲ οἱ τοῦ ἔργου ἢ συντυχίη· ἀπὸ τούτου ἐν νυκτὶ σέλας πολλὸν ἀπολάμπεται. ὑπὸ δὲ οἱ καὶ ὁ νηὸς ἅπας, οἷον ὑπὸ λυχνοῖσι φαίνεται. **265** ἐν ἡμέρῃ δὲ τὸ μὲν φέγγος ἀσθενεῖ· ἰδέην δὲ ἔχει κάρτα πυρώδεια· **266** καὶ ἄλλο θωυμαστόν ἐστιν ἐν τῷ ξοάνῳ. ἦν ἐστεῶς ἀντίος ἐσορέης, ἐς σὲ ὀρῇ· καὶ μεταβαίνοντι, τὸ βλέμμα ἀκολουθεῖ. **267** καὶ ἦν ἄλλος ἐτέρωθεν ἱστορέη, ἴσα καὶ ἐς ἐκεῖνον ἐκτελέει.

**260** Itaque altera manu sceptrum, altera fusum continet at in capite fert radios, turrimumque quo sola Venus coelestis insignitur. **261** Forinsecus autem cum caetera huius idoli auro fulgent, tum uero pretiosissimae gemmae per aurum undique sparsae iocundissimorum colorum uarietate oculos inter admirationem pelliciunt. **262** Quarum aliae candidae sunt, aliae coeruleae, nonnullae ex fuluo rutilant, accedunt et sardoniches, ne illae quidem paucae et hyacinthi et smaragdi, quas et Aegyptii et Indi et Aethiopes et Medi et Armenii et Babylonii ferunt.

**263** Illud uero longe maiore admiratione dignissimum qui tacitus praeterire possim? **264** Siquidem Herae ipsius capiti gemma quaedam inclusa uisitur appellaturque lychnis (uidelicet id nomen uis et proprietas ipsius meruit) unde ardentissimus fulgor late exilit et relucet sicut in media quoque nocte uelut crebra luminarium flamma uniuersum templum illustretur. **265** At interdiu quamuis illam splendoris uim magna ex parte remittat diurnaue luce fracta infirmam et uelut sub languidam claritatem euibret, speciem tamen seruat ualde igneam intenseque flammata, utpote plurimo ac efficaci cohibiti luminis ardore micantem ac uelut indignantem, quod propria radiorum uibratio, uel ab luce alia tenuetur, uel prorumpere et lampadem illam nitidissimam circunquaque eiaculari prohibeatur.

**266** Sed et aliud miraculum in Herae idolo uisitur, etenim si quocunque stans in loco ad deam oculos dirigas, illa uicissim ad te respiciat intentosque et suos oculos in te habere uideatur, rursum si te alio referas, diuina acies euntem sequitur. **267** Quod ipsum si interim alius aliunde experiatur paria sibi euenire intelligat.

---

**262** Mic. fl. 317r-317v quorum alii quidem candidi alii autem coerulei, multi uero etiam rubi. Praeterea autem et sardoniches multi et hyacinthi et smaragi

---

**260** coelestis om. E || **261** post idoli uerbum solido habet E | sparsae] inclusae E || **262** coeruleae] ex aqua translucent quaedam uim colorem exprimunt E | et hyacinthi et smaragdi om. E || **264** lychnis] lychnites E || **265** quamuis] quanuis E | alia] aliqua E || **266** oculos in te om. E | rursum si] et si rursum E / post diuina uerbum quoque habet E

**268** No meio, entre Hera e Júpiter, encontra-se uma certa escultura de ouro, que em nada se assemelha às restantes esculturas. **269** Uma vez que não tem uma efígie própria, representa, assim, a figura de diversas divindades e é chamada ÍCONE pelos próprios assírios, pois, ou não lhe atribuíram, até agora, um nome fixo, ou então nenhum lhe convém, devido à sua origem e ao seu aspecto. **270** De facto, uns relacionam-na com Dioniso, outros com Deucalião e alguns ainda com Semíramis, induzidos pelo facto de, no cimo deste mesmo ícone, se encontrar uma pomba de ouro, e, além disso, nada os demove, porque afirmam que é de Semíramis. **271** Esta estátua viaja, duas vezes por ano, até ao mar, para transportar aquela água que mencionámos anteriormente.

**272** Entrando no templo, encontra-se em primeiro lugar, do lado esquerdo, o trono do Sol, mas a imagem dele não se encontra aí. **273** Quando me empenhei em saber o motivo, tomei conhecimento da seguinte causa: em primeiro lugar, não negam que seja pio e digno de louvor colocar ídolos para aqueles deuses cuja presença e verdadeira divindade não são óbvias para todos. **274** Por outro lado, parece-lhes uma imensa falta de sabedoria pretender representar as imagens do Sol e da Lua, que os homens reconhecem, pelo seu aspecto próprio e imortal, brilhante no céu e evidente para todos, sem que ninguém as dê a conhecer. **275** Na verdade, qual é necessidade – dizem – de retratar as figuras daqueles deuses que se apresentam, eles próprios, aos nossos olhos, em qualquer altura?

---

[33] **268** ἐν μέσῳ δὲ ἀμφοτέρων, ἔστηκε ξόανον ἄλλο χρύσεον, οὐδαμᾶ τοῖσι ἄλλοισι ξοάνοισι εἴκελον. **269** τὸ δὲ μορφὴν ἰδίην οὐκ ἔχει, φορέει δὲ τῶν ἄλλων θεῶν εἶδεα· καλέεται δὲ σημήϊον καὶ ὑπ’ αὐτῶν Ἀσσυρίων. οὐδέ τι οὖνομα ἴδιον αὐτῷ ἔθεντο, ἀλλ’ οὐδὲ γενέσιος αὐτοῦ πέρι καὶ εἶδος λέγουσι. **270** καί μιν οἱ μὲν ἐς Διόνυσον· ἄλλοι δὲ ἐς Δευκαλίωνα· οἱ δὲ ἐς Σεμίραμιν ἄγουσιν. καὶ γὰρ δὴ ὧν ἐπὶ τῇ κορυφῇ αὐτοῦ περιστερὴ χρυσὴ ἐφέστηκε· τοῦνεκα δὴ μυθεύονται Σεμιράμιος ἔμμεναι τόδε σημήϊον. **271** ἀποδημέει δὲ δις ἐκάστου ἔτεος ἐς θάλασσαν, ἐς κομιδὴν τοῦ εἶπον ὕδατος. [34] **272** ἐν αὐτῷ δὲ τῷ νηῷ ἐσιόντων ἐν ἀριστερῇ κέεται πρῶτα μὲν, θρόνος Ἡελίου· αὐτοῦ δὲ εἶδος οὐκ ἔνι· μόνου γὰρ Ἡελίου καὶ Σεληναίης ξόανα οὐ δεικνύουσι. **273** ὅτεν δὲ εἵνεκα ὧδε νομίζουσι, ἐγὼ καὶ τόδε ἔμαθον· λέγουσι τοῖσι μὲν ἄλλοισι θεοῖσι, ὅσιον ἔμμεναι ξόανα ποιέεσθαι. οὐ γὰρ σφέων ἐμφανέα πάντεσι τὰ εἶδεα· **274** ἡέλιος δὲ, καὶ Σεληναίη πάμπαν ἐναργέες, καὶ σφεας πάντες ὀρέουσι· **275** κοίη ὧν αἰτίη ξοανουργίης, τοῖσι ἐν τῷ ἡέρι φαινομένοισι·

**268** At enim medium inter Heram et Iouem locum quoddam simulachrum aureum tenet nulli prorsus caeterorum omnium simulachrorum assimile. **269** Quod ut propriam non habet effigiem, ita diuersorum numinum species repraesentat, appellatur autem SIGNVM uel ab ipsis Assyriis nec enim uel certum adhuc nomen illi statuerunt uel de origine et forma ipsius quicquam conuenit. **270** Alii quidem ad Dionysium, alii ad Deucalionem, sunt qui ad Semiramim referant, utique ea ratione inducti quod signi eiusdem uertici aurea columba insideat nec aliud eos praeterea mouet, cur Semiramidos esse autument. **271** Atque signum hoc bis quoque anno peregrinatur ad mare usque ad eius aquae, de qua supra meminimus, inuentionem.

**272** Porro in templum ingredientibus primum ad sinistram solium quidem Solis occurrit, caeterum ipsius effigies in eo posita non est. **273** Cuius rei, cum ipse studiose quererem, eam causam edidici: reliquis enim diis quorum praesentia ueraque numina non omnibus manifesta sunt, idola statui pium id cum primis et laude dignum esse non negant. **274** Rursum et Solis et Lunae imagines repraesentare uelle, quorum facies proprias et immortales in coelo fulgentes euidentesque omnibus nullo monstrante homines cognoscant, id demum extremae cuiusdam insipientiae uideri. **275** Nam quid necesse (inquiunt) eorum deorum delineare figuras, qui ipsi nostris oculis nullo non tempore obuersantur?

---

**272** Mic. 317v solium Solis

---

**268** quoddam simulachrum] aliud simulacrum | prorsus *E* : prosus *O* | caeterorum] ceterorum *E* | simulachrorum] simulacrarum *E* || **270** Dionysium] Dyonisium *E* | *post* Deucalionem *uerbum* referunt *habet* *E* | ad Semiramim referant] a Semirami deducant *E* | praeterea] preterea *E* || **271** ad mare usque] et in mare proficiscitur *E* || **272** solium] thronus *E* || **273** quererem eam causam] causam inquirerem eam rationem *E* | sunt] sint *E* | statui] constitui *E* | *post* dignum *uerbum* opus *habet* *E* || **274** et<sup>3</sup>] ac *E* | coelo] caelo *E* || **275** deorum *om. E*

**276** Depois do trono, encontra-se o ídolo de Apolo; todavia, ele não foi feito como é habitual, porque os outros povos reproduzem Apolo como um adolescente na flor da idade, com a primeira penugem a despontar na face. **277** Mas, em vez deste modelo, os cidadãos de Hira apresentam uma escultura de Apolo com barba e assim, por tal invenção, se vangloriam e atribuem a si mesmos a sabedoria. **278** Entretanto, censuram os gregos e os outros que também veneram a figura de Apolo como adolescente, porque dizem que é de uma imprudente ignorância erigir imagens defeituosas e imperfeitas dos deuses. **279** Afirmam que tudo o que cresce e ainda não é adulto está incompleto e não é, de forma alguma, perfeito. **280** Todavia, o culto ao seu Apolo inclui também o cuidado das vestimentas, o que é por eles considerado não menos novo.

**281** E ainda que pudesse produzir um discurso mais longo acerca das particularidades deste ídolo, todavia, desejando ser breve, relatarei, com poucas palavras, apenas o que é mais digno de admiração, não sem antes fazer alguma menção ocasional a todos os oráculos. **282** Existem muitos oráculos junto dos gregos, muitos também junto dos egípcios, não se vêem poucos em África e na Ásia, mas nenhum deles fala, alguma vez, a não ser por meio de sacerdotes ou profetas. **283** Este Apolo, contudo, move-se por si mesmo e é o único que executa até ao fim todo o oráculo sem necessitar da língua de ninguém.

---

[35] **276** μετὰ δὲ τὸν θρόνον τοῦτον κέαται ξόανον Ἀπόλλωνος, οὐκ οἷον ἐώθεε ποιέεσθαι· οἱ μὲν γὰρ ἄλλοι πάντες Ἀπόλλωνα νέον τε ἥγηται καὶ πρωθήβην ποιέουσι· **277** μοῦνοι δὲ οὗτοι Ἀπόλλωνος γενειήτεω ξόανον δεικνύουσι· καὶ τάδε ποιέοντες, ἐωυτοὺς μὲν ἐπαινέουσι, **278** Ἑλλήνων δὲ κατηγοροῦσι, καὶ ἄλλων ὁκόσοι Ἀπόλλωνα παῖδα θέμενοι ἰλάσκονται· αἰτίη δὲ δοκεῖ αὐτέοισι ἀσοφίη μεγάλη ἔμμεναι, ἀτελέα ποιέεσθαι τοῖσι θεοῖσι τὰ εἶδεα· **279** τὸ δὲ νέον, ἀτελὲς ἔτι νομίζουσι· **280** ἐν δὲ καὶ ἄλλο τῷ σφετέρῳ Ἀπόλλωνι καινουργέουσι· μοῦνοι Ἀπόλλωνα εἵμασι κοσμέουσι· [36] **281** ἔργων δὲ αὐτοῦ περί, πολλὰ μὲν ἔχω εἰπεῖν· ἐρέω δὲ τὸ μάλιστα θαυμάζειν ἄξιον· πρῶτα δὲ τοῦ μαντηίου ἐπιμνήσομαι· **282** μαντήϊα πολλὰ μὲν παρ' Ἑλλήσι, πολλὰ δὲ καὶ παρ' Αἰγυπτίοισι, τὰ δὲ καὶ ἐν Λιβύῃ, καὶ ἐν τῇ δὲ Ἀσίῃ πολλὰ ἐστί· ἀλλὰ τὰ μὲν οὔτε ἰρέων ἄνευ οὔτε προφητέων φθέγγονται· **283** ὅδε δὲ αὐτός τε κινέεται καὶ τὴν μαντήϊν ἐς τέλος αὐτουργεῖ.

**276** Post solium autem idolum Apollinis locatum est, nec tamen illud quale passim fieri sollet, quippe caeterae gentes Apollinem adolescentulum primaque genarum pube florecentem effingunt. **277** At Hiri citra exemplum barbati Apollinis simulachrum ostentant atque in huiusmodi inuento quemadmodum gloriantur et scientiam sibi arrogant. **278** Sic interim Graecos carpunt caeterosque admodum quicunque speciem pubescentis Apollinis uenerantur, quod praecipitis inscitiae esse dicant mancas et imperfectas deorum imagines statuere. **279** Omne autem crescens necdum adultum utique mutilum minimeque perfectum esse contendunt. **280** Sed et uestium cultum Apollini suo adhibent, id quod non minus noue ab his excogitatum est.

**281** Et quanquam de huius ipsius idoli operibus longior nasci poterat oratio, attamen breuitati studens unum modo admiratione multo dignissimum paucis commemorabo, si prius illud obiter de oraculis omnibus admonuero. **282** Complura apud Graecos, complura et apud Aegyptios oracula esse nihiloque etiam pauciora in Africa et Asia spectari ueruntamen nullum eorum sine sacerdotibus aut uatibus unquam locutum esse. **283** At enim Apollo iste per se ipse mouetur omnemque adeo diuinationem nullius utens lingua unus usque ad finem perducit.

---

**283** Lup. 29v et vaticinium ad finem usque perducit

---

**276** solium] thronum *E* | idolum Apollinis] Apollinis idolum *E* | Apollinem adolescentulum primaque] et Apollinem adolescentulum putant et prima *E* / florecentem] florentem *E* || **277** simulachrum] simulacrum *E* | gloriantur] sibi placent *E* | sibi *om.* *E* || **279** perfectum] absolutum *E* || **281** poterat] posset *E* | *post unum uerbum tantum habet* *E* || **282** nihiloque] nichiloque *E* | nullum eorum] singula haec haud quaquam *E* | uatibus] interpretibus *E* | locutum] locuta *E* || **283** ipse] ipsum *E* | unus] solus

**284** Ele serve-se do seguinte modo de adivinhação: sempre que deseja predizer o futuro, começa logo a mover-se e agitar-se no seu pedestal. Os sacerdotes erguem-no imediatamente, pois, se não se apressarem, o ídolo agita-se cada vez mais, pela parte central, e também transpira. **285** Enquanto o suportam nos pescoços, inclinados e curvados, o espírito empurra-os e agita-os, dirigindo-se para todos os lugares e saltando de um lado para o outro. **286** Pouco depois, o sagrado sumo-sacerdote coloca-se diante do deus, interroga-o e consulta-o sobre tudo.

**287** Ora, se ele não quiser que algo se faça, desliza para trás e, ao mesmo tempo, obriga os que o transportam a recuar e a retornar; se, pelo contrário, aprovar alguma coisa, impele-os para a frente tal como um auriga. **288** Deste modo, juntam vários oráculos num só e não ousariam empreender alguma coisa, quer fosse sagrada, quer privada, sem consultar esta divindade, pois o ídolo informa-os que ano, ou que estação do ano, trará carestia ou abundância e, além disso, em que altura é conveniente ele viajar. **289** Não é verdade que, na minha presença, fez algo de admirável? Quando os sacerdotes o sustinham, deixou-os, debaixo de si, e elevou-se a si próprio no ar.

---

**284** τρόπος δὲ αὐτῆς τοιόσδε· εὐτ' ἂν ἐθέλῃσι χρησμηγορέειν, ἐν τῇ ἔδρῃ πρῶτα κινέεται· οἱ δὲ μιν ἰρέες αὐτίκα αείρουσι· ἦν δὲ μὴ αείρωσι, ὁ δὲ ἰδρώει καὶ ἐς μέζον ἔτι κινέεται. **285** εὐτ' ἂν δὲ ὑποδύντες φέρωσι, ἄγει σφέας, πάντῃ περιδινέων, καὶ ἐς ἄλλον ἐξ ἐτέρου μεταπηδέων. **286** τέλος ὁ ἀρχιερεὺς ἀντιάσας ἐπερέεταιί μιν περὶ ἀπάντων πρηγμάτων· **287** ὁ δὲ ἦν τι μὴ θέλῃ ποιέεσθαι, ὀπίσω ἀναχωρεῖ. ἦν δὲ τι ἐπαινέῃ, ἄγει ἐς τὸ πρόσω τοὺς προσφέροντας, ὅκωσπερ ἡνιοχέων. **288** οὕτω μὲν συναγείρουσι τὰ θέσφατα· καὶ οὔτε ἰδὼν πρῆγμα οὐδὲν, οὔτε ἴδιον τούτου ἄνευ ποιέουσι. λέγει δὲ καὶ τοῦ ἔτεος πέρι καὶ τῶν ὥρέων αὐτοῦ πασέων, καὶ ὁκότε οὐκ ἔσσονται· λέγει δὲ καὶ τοῦ σημήϊου πέρι, κότε χρή μιν ἀποδημέειν τὴν εἶπον ἀποδημίην. [37] **289** ἐρέω δὲ καὶ ἄλλο, τὸ ἐμεῦ παρεόντος ἐπρηξε. οἱ μὲν μιν ἰρέες αείροντες ἔφερον. ὁ δὲ τοὺς μὲν ἐν γῇ κάτω ἔλιπε· αὐτὸς δὲ ἐν τῷ ἡέρι μόνος ἐφορέετο.



**284** Diuinandi porro modum hunc seruat: quoties uaticinari auet, continuo in sede propria per se moueri et agitari, sacerdotes igitur statim eum tollere, id nisi maturent idolum magis et magis in medium motari, sudare etiam. **285** Dum uero proni summissique ceruicibus sustinent, exercet illos atque agitatur daemon ad omnia loca se conuertens et ex alio in alium transiliens. **286** Breuiter sacer antistes ei factus obuiam deum de omnibus rebus scitatur consulitque.

**287** At ille, si quicquam fieri abnuat, retro relabitur ferentesque simul cedere retro ac reflecti cogit; sin rursum probet, in anteriorem partem eosdem propellit aeque atque auriga quidam. **288** Ad hunc modum plura in unum oracula congerunt neque aliquam uel sacram uel priuatam rem hoc numine inconsulto aggredi auderent, sed et illos idolum edocet quis annus quaeue anni tempora caritas ne an ubertas futura sit, ad haec quo tempore signum peregrinari oporteat. **289** Quid illud nonne admirabile quod me praesente fecit? Cum enim a sacerdotibus sustineretur, hos quidem infra reliquit at ipsum in aere ferebatur.

---

**284** Mic. 317v sacerdotes continuo in sublime attollunt, quod si non attollant, ille et sudorem emittit, et se in medium etiam emouet || **288** Lup. 30r-30v nihilque est uel sacrum uel priuatum quod absque illo aggrediantur

---

**284** *post* quoties *uerbum* enim *habet* *E* | per se moueri et agitari] moueri ac agitari incipit *E* | tollere] suscipiunt *E* | id] quod ipsum *E* | in medium motari] mutare *E* || **285** sustinent] ferunt *E* | transiliens] subsultans *E* || **287** abnuat] nolit continuo *E* | cedere retro] retro cedere *E* | rursum probet] autem consulta probet rursum *E* || **288** *post* hunc *uerbum* adeo *habet* *E* | oracula] diuina praescripta *E* | uel sacram uel priuatam rem] tam sacram rem quam priuatam *E* | *post* aggredi *uerbum* unquam *habet* *E* | quis annus, quaeue anni tempora, caritas ne an ubertas futura sit, ad haec quo tempore signum peregrinari oporteat] quo maxime tempore singulos anni dies festos ac sacrificia celebrari conueniat, quoque insuper signum peregrinari oporteat *E*

**290** Depois de Apolo, está a escultura de Atlas, a seguir, a de Mercúrio e, por último, a de Ilitia, dispostas dentro do templo pela ordem que descrevemos. **291** Do lado de fora do santuário há um grande altar de bronze, ornamentado com um grande número de estátuas de reis e heróis de bronze, mas, visto que seria demasiado longo enumerá-los a todos, considero que devem ser referidos apenas os que parecem mais dignos de ser lembrados: **292** primeiro, à esquerda do templo, encontra-se a estátua de Semíramis, que mostra o edifício sagrado com a sua dextra. **293** Foi aí colocada pela seguinte razão: Semíramis propusera uma lei segundo a qual todos os mortais que habitassem na Síria deveriam desprezar as restantes religiões e, sem ter em consideração a própria Hera, apenas a venerassem a si, a si apenas idolatrassem.

**294** Esta lei era observada, mas quando, não muito tempo depois, diversas doenças, calamidades e tristezas provocadas pelos deuses imortais se apoderaram da própria Semíramis devido à sua imensa impiedade, ela foi por fim forçada a arrepender-se e a recuperar a sanidade mental, depois de tomada por tão grande loucura. **295** Tendo-se confessado mortal, ordenou, então, ao povo que obedecera à sua ordem que se abstinésse da superstição e retomasse o culto dos deuses e da deusa Hera, publicamente interrompido por medo da lei. **296** Foi, então, estabelecido que ela deveria ser representada, ainda agora, com tal gesto, certamente a advertir que Hera deveria ser idolatrada e a insinuar que ela própria já não era uma deusa, mas sim uma mortal.

---

[38] **290** μετὰ δὲ τὸν Ἀπόλλωνα ξόανόν ἐστι Ἄτλαντος· μετὰ δὲ Ἑρμέω καὶ Εἰλειθυΐης· [39] τὰ μὲν ὧν ἐντὸς τοῦ νηοῦ ὧδε κεκοσμέεται. **291** ἔξω δὲ βωμός τε κέεται μέγας χάλκεος· ἐν δὲ καὶ ἄλλα ξόανα μυρία χάλκεα, βασιλέων τε καὶ ἱρέων. καταλέξω δὲ τῶν μάλιστα ἄξιον μνήσασθαι. **292** ἐν ἀριστερῇ τοῦ νεῶ Σεμιράμιος ξόανον ἔστηκε, ἐν δεξιῇ τὸν νηὸν ἐπιδεικνύουσης. **293** ἀνέστη δὲ δι' αἰτίην τοιήνδε. ἀνθρώποισι, ὁκόσοι Συρίην οἰκέουσι, νόμον ἐποιέετο ἑαυτὴν μὲν ὅκως θεὸν ἰλάσκεσθαι, θεῶν δὲ τῶν ἄλλων, καὶ αὐτῆς Ἥρης, ἀλογέειν. **294** καὶ ὧδε ἐποίηον. μετὰ δὲ, ὥς οἱ θεόθεν ἀφίκοντο νοῦσοί τε, καὶ συμφορὴ, καὶ ἄλγεα· μανίης μὲν ἐκείνης ἀπεπαύσατο, **295** καὶ θνητὴν ἐωυτὴν ὁμολόγεε· καὶ τοῖσι ὑπηκόοις αὐτὶς ἐκέλευε ἐς Ἥρην τρέπεσθαι. **296** τούνεκα δὴ ἔτι τοιήδε ἀνέστηκε, τοῖσι ἀπικνεομένοις τὴν Ἥρην ἰλάσκεσθαι δεικνύουσα, καὶ θεὸν οὐκέτι ἐωυτὴν, ἀλλ' ἐκείνην ὁμολογέουσα.

**290** Ab Apolline Atlantis simulachrum est, tum Mercurii, postremo Ilithyiae et haec quidem intra templum quo descriptissimus ordine disposita sunt. **291** Caeterum extra fanum ingens quaedam ara aenea in numeris tam regum quam heroum ex aere quoque statu is exornata est, quos singulos quoniam pernumerare longum esset, eos modo recensendos habeo qui memoratu dignissimi uidentur: **292** primum igitur ad templi sinistram statua Semiramidis posita est, quae ipsa aedem sacram ad dextram ostendit. **293** Posita uero fuit hac de causa: legem Semiramis tulerat uti mortales omnes qui Syriam colerent caeteris posthabitis religionibus, sed et nulla ipsius Herae ratione habita se unam colerent, se unam placarent.

**294** Igitur asseruabatur haec lex, sed enim cum non ita multo post plures a diis immortalibus aegritudines, calamitates moeroresque pro tanta impietate ipsam Semiramim inuaderent, coacta demum est resipiscere seque ab extremo furore ad sanam mentem reuocare. **295** Ergo se mortalem confessa populis suae ditioni audientibus rursum imperauit ut a superstitione abstinerent cultusque numinum deaeque Herae metu legis publice intermissos resumerent. **296** Hinc scilicet factum est ut sub tali etiamnum gestu expressa uideatur, uidelicet Heram placandam admonens seque non iam deam, sed mortalem, illam insinuans.

---

**293** Mic. 318r stat autem talem ob causam hominibus quicunque Syriam incolunt, legem illa tulerat ut se, ceu deam colerent, caeterorum autem deorum atque ipsius etiam Iunonis nullam rationem haberent : Lup. 31v-32r uniuersis Syriam incolentibus lege iusserat uti se aequae ac deae sacrificiis colerent, reliquos autem deos Iunenemque ipsam pro nihilo ducerent

---

**290** *post* Apolline *uerbum* uero *habet E* | simulachrum] simulacrum *E* | quo] non alio quam *E* || **291** fanum] templum *E* | tam regum quam] tum regum tum *E* | exornata] dedicata *E* | quos singulos quoniam] quorum singula nomina quando quidem *E* || **292** Semiramidis] Semiramidos *E* || **293** posita] erecta *E* | ostendit] ostentat *E* | colerent] habitarent *E* | post habitis] neglectis *E* | *post unam*<sup>1</sup> *uerba* pro dea *habet E* || **294** moeroresque] maeroresque *E* | ipsam] in ipsam *E* | inuaderent] reciderent *E* | demum] tamen *E* || **295** *post* ergo *uerbum* et *habet E* | *post* confessa *uerba* est et *habet E* || **296** etiamnum gestu] gestu nunc etiam *E* | *post* placandam *uerbum* esse *habet E*

**297** Vimos, no mesmo altar, estátuas de Helena, de Hécuba, de Andrómaca e ainda de Páris, Heitor e Aquiles. Também Nireu, filho de Aglaia, mereceu uma efígie, mereceram-na Filomela, Procne e Tereu, elas ainda mulheres, mas ele já transformado num pássaro. **298** Tendo já aqui sido lembrados, não devem ser encobertos pelo silêncio nem o outro signo de Semíramis, nem aquele Combabo de bronze que referimos, ou o simulacro de Estratonice, de longe belíssimo. **299** Acrescente-se ainda Alexandre que, tanto por tudo o resto, como por se tratar de uma figura modelar, deveria ser referido nesta enumeração. Junto dele verás também a estátua de Sardanápalo, reproduzida, porém, com outra figura e outra indumentária.

**300** Verás ainda, ante ti, um belo espectáculo, num recinto fechado em que grandes e notáveis bois, cavalos, águias, ursos e leões vagueiam livremente, sem estarem presos por vínculos alguns. Todavia, de maneira nenhuma atacam os homens, pois são sagrados, domesticados e, acima de tudo, mostram-se mansos.

**301** Um número assíduo de sacerdotes cuida dos ofícios sagrados no templo: uns imolam vítimas, uma parte leva o que é necessário para os sacrifícios, alguns são denominados “transportadores do fogo” e também há os que, por servirem os altares, se chamam “parabomos”. **302** Quando estava lá, lembro-me de que eram mais de trezentos os sacerdotes a tratar dos ofícios divinos. **303** Todos eles andam com vestes brancas e usam um pílio. **304** Mas o sumo-sacerdote deles (que é nomeado a cada ano) veste-se de púrpura e identifica-se com uma tiara de ouro. **305** Acrescente-se ainda um outro grande número de homens sagrados, tocadores de flauta, de flauta de Pã, Galos e também mulheres enfurecidas e delirantes.

---

[40] **297** εἶδον δὲ καὶ Ἑλένης αὐτόθι ἄγαλμα καὶ Ἑκάβης, καὶ Ἀνδρομάχης, καὶ Πάριδος, καὶ Ἑκτορος, καὶ Ἀχιλλέως. εἶδον δὲ καὶ Νιρέος εἶδος τοῦ Ἀγλαΐης, καὶ Φιλομήλην, καὶ Πρόκνην, ἔτι γυναῖκας, καὶ αὐτὸν Τηρέα ὄρνιθα, **298** καὶ ἄλλο ἄγαλμα Σεμιράμιος, καὶ Κομβάβου, τὸ κατέλεξα, καὶ Στρατονίκης, κάρτα καλόν, **299** καὶ Ἀλεξάνδρου αὐτῷ ἐκείνῳ εἴκελον. παρὰ δέ οἱ Σαρδανάπαλος ἔστηκε, ἄλλη μορφῇ καὶ ἄλλη στολῇ. [41] **300** ἐν δὲ τῇ αὐτῇ ἄφροι νέμονται βόες μεγάλοι, καὶ ἵπποι, καὶ ἄετοι, καὶ ἄρκτοι, καὶ λέοντες, καὶ ἀνθρώπους οὐδαμὰ σίνονται, ἀλλὰ πάντες ἱροὶ τέ εἰσι, καὶ χειροῖθες. [42] **301** ἱέρες δὲ αὐτοῖσι πολλοὶ ἀποδεδέχονται. τῶν οἱ μὲν τὰ ἱρήια σφάζουσιν. οἱ δὲ σπονδὴν φορέουσιν, ἄλλοι δὲ πυρφόροι καλέονται, καὶ ἄλλοι παραβώμιοι. **302** ἐπ’ ἐμεῦ δὲ πλείονες καὶ τριηκοσίων ἐς τὴν θυσίην ἀπικνεύοντο. **303** ἐσθῆς δὲ αὐτέοισι πᾶσι λευκή· καὶ πῖλον ἐπὶ τῇ κεφαλῇ ἔχουσι. **304** ἀρχιερεὺς δὲ ἄλλος ἐκάστου ἔτεος ἐπιγίγνεται· πορφυρέην δὲ μούνος οὗτος φορέει καὶ τιάρη χρυσῇ ἀναδέεται. [43] **305** ἔστι δὲ καὶ ἄλλο πλῆθος ἀνθρώπων ἱρῶν ἀνλητέων τὲ, καὶ συριστέων καὶ Γάλλων, καὶ γυναῖκες ἐπιμανέες τὲ, καὶ φρενοβλαβέες.

**297** In eadem ara tum Helenae, tum Hecubae, tum Andromachae, ad haec Paridis, Hectoris et Achillis statuas uidimus, sed et Nireus Aglaiae effigiem meruit, meruerunt Philomela, Progne ac Tereus, illae quidem adhuc mulieres at hic in uolucrum iam mutatus. **298** Nec uero hisce commemoratis uel aliud signum Semiramidos, uel ille aeneus quem retulimus Combabus, uel Stratonices longe pulcherrimum simulachrum silentio inuolui debent. **299** Adde Alexandrum qui tum propter caetera, tum ob id quod iconica illius sit effigies, in hoc album fuerit referendus, iuxta quem Sardanapali quoque statuam uideas caeterum alia figura alioque indumento redditam.

**300** Quinetiam pulchrum spectaculum tibi septum praeberit, in quo magni eximiiue boues, equi, aquilae, ursi et leones nullis uinculis impediti passim errant, in homines uero haud quaquam saeuiunt, uerum quemadmodum sacri sunt ita cicures imprimis placidique occurrunt.

**301** Porro autem frequens sacerdotum numerus sacra in templo procurat, alii enim uictimas mactant, partim ad libandum necessaria ferunt, quidam igniferi uocantur, sunt et qui, ob id quod aris ministrant, parabomii dicuntur. **302** Equidem cum illic agerem, sacerdotes amplius trecentos rem diuinam facere memini. **303** Hi uero omnes in ueste candida incedunt et pileo utuntur. **304** At enim eorum antistes (singulis hic annis creatur) et purpuram induit et aurea tiara insignitur. **305** Accedit alia sacrorum hominum multitudo, tibicinum, uidelicet fistulorum Gallorumque et furentium quoque lymphatarumque mulierum.

---

**301** Mic. 318r alii quidem hostias mactant, alii autem libamenta afferunt, rursus alii Flammiferi uocantur et alii arae ministri : Lup. 33r-33v alii uictimas immolant, libamina quaedam ferunt Pyrphori nonnulli, alii parabomii nuncupantur || **304** Lup. 33v singuli pontifices singulis creantur annis: qui soli purpuram induti aurea uinciuntur tyara || **305** Mic. 318r Est autem et alia multitudo hominum sacrorum, tibicinum uidelicet et fistulorum et Gallorum et praeterea mulieres furibundae ac mente captae

---

**297** effigiem] inibi effigiem propriam *E* || **298** retulimus] rettulimus *E* | simulachrum] simulacrum *E* || **299** iconica *err.* : iconia *O E* | post illius uerbum ueri habet *E* | statuam] imaginem stare *E* || **300** pulchrum] bellum *E* | nullis] sine *E* | impediti] omnes *E* | saeuiunt *E* : soeuiunt *O* || **301** partim ad libandum necessaria ferunt] alii uinum inuergendum ministrant *E* | ob id quod aris ministrant Parabomii dicuntur] aris preficiantur *E* || **305** post uidelicet uerbum et habet *E* | Galorumque et furentium] et Gallorum furentium *E*

**306** Este sacrifício, a que todos comparecem, realiza-se duas vezes por dia, de acordo com o ritual. **307** Sacrificam a Júpiter num silêncio absoluto e, durante esse tempo, nenhuma voz ou flauta ressoa. Quando, porém, se dedicam aos rituais em honra de Hera, aperceber-te-ás de que por toda parte entoam cânticos, tocam flautas, ressoam crótalos. **308** Na verdade, quanto ao motivo de assim procederem, não puderam dizer-me nada que tenha sido por mim verificado.

**309** Não muito longe do templo existe um lago em que criam vários peixes, de espécies diferentes. Entre eles existem, nas profundezas, alguns extremamente grandes, que não só têm nome como aparecem ao serem chamados. **310** Admirando eu isto, lembro-me de reparar que um deles levava, na barbatana, um ornamento dourado que brilhava sob a água límpida e, embora não o tenha observado muitas vezes, nunca apareceu privado da sua insígnia.

**311** Dizem que o lago tem uma profundidade admirável, cujo perigo, na verdade, eu não experimentei. Afirmam, porém, que atinge uma altura superior a duzentos passos. **312** Conserva-se, no meio do lago, um altar de pedra que, a quem olha pela primeira vez, parece estar, de certa forma, a flutuar, levado pela superfície das águas. **313** No entanto, antes acreditaria que é suportado por uma grande e robusta coluna que se encontra sempre coroadada e perfumada. Todos os dias, sem interrupção, várias pessoas nadam até lá, para suplicar aos deuses e levam grinaldas.

---

[44] **306** θυσίῃ δὲ δις ἐκάστης ἡμέρης ἐπιτελέεται, ἐς τὴν πάντες ἀπικνέονται. **307** διὲ μὲν ὧν κατ' ἡσυχίην θύουσι, οὔτε αἰείδοντες, οὔτε αὐλέοντες· εὐτ' ἂν δὲ τῇ Ἥρῃ κατάρχωνται, αἰείδουσί τε, καὶ αὐλέουσι, καὶ κρόταλα ἐπικροτέουσι. **308** καὶ μοι τούτου πέρι, σαφὲς οὐδὲν εἰπεῖν ἐδύναντο. [45] **309** ἔστι δὲ καὶ λίμνη αὐτόθι, οὐ πολλὸν ἐκὰς τοῦ ἱεροῦ, ἐν τῇ ἰχθύες ἱροὶ τρέφονται πολλοὶ καὶ πολυειδέες. γίνονται δὲ αὐτέων ἔνιοι κάρτα μεγάλοι· οὔτοι δὲ καὶ οὐνόματα ἔχουσιν, καὶ ἔρχονται καλεόμενοι. **310** ἐπ' ἐμεῦ δέ τις ἔην ἐν αὐτοῖσι χρυσοφορέων. ἐν τῇ πτέρυγι δὲ, ποίημα χρύσειον αὐτέων ἀνακέατο, καὶ μιν ἐγὼ πολλάκις ἐθηγάμην, καὶ ἔχε τὸ ποίημα. [46] **311** βάθος δὲ τῆς λίμνης πολλόν. ἐγὼ μὲν οὐκ ἐπειρήθην· λέγουσι δ' ὧν καὶ διηκοσίων ὀργυιῶν πλέον ἔμμεναι. **312** κατὰ μέσον δὲ αὐτῆς βωμὸς λίθου ἀνέστηκε. δοκέοις ἂν ἄφρων ἰδὼν πλώειν τέ μιν, καὶ τῷ ὕδατι ἐποχέεσθαι, καὶ πολλοὶ ὧδε νομίζουσι. **313** ἐμοὶ δὲ δοκεῖ στύλος ἐφεστεῶς μέγας ἀνέχειν τὸν βωμόν. ἔστεπται δὲ αἰεὶ καὶ θυώματα ἔχει, πολλοὶ δὲ καὶ ἐκάστης ἡμέρης κατ' εὐχὴν ἐς αὐτὸν νηχόμενοι στεφανηφορέουσιν.

**306** Atque sacrificium ipsum bis quotidie rite peragitur, ad quod omnes conueniunt. **307** Et Ioui quidem per summum silentium sacrificatur nec ulla interim uoce aut tibia canitur; at uero cum Herae sacris operantur undique cantus reddi, tibias inflari, crotala complodi uideas. **308** Verum de huiusmodi rei causa nihil mihi exploratum tradere potuerunt.

**309** Sed et non procul a templo stagnum est in quo plurimi non unius generis pisces aluntur, inter quos quidam oppido quam magni ex imo existunt, qui ipsi et nomina habent et uocati accurrunt. **310** Cumque ego id ipsum mirarer, quendam ex eis me uidere memini qui appendiculam auream sub aqua uitrea rutilantem in pinna gestaret nec ille tametsi eum saepe spectauerim, suo unquam fraudatus insigni apparuit.

**311** Miram porro aiunt profunditatem stagno inesse, cuius sane rei periculum ipse non feci, caeterum illud affirmant ducentos amplius passus eius altitudinem aequare. **312** Enimuero in medio stagno ara lapidea stat, quae tibi primum spectanti innare admodum et in summa aqua superuehi uideatur. **313** Caeterum eam ingenti aliqua firmaque columna fulciri potius crediderim, semper autem coronatur et odoribus adoletur atque plures nullo intermisso die illuc precaturi adnatant et sarta ferunt.

---

**306** Mic. 318r sacrificium autem bis quoridie peragitur ad quod omnes ueniunt || **312** Mic. 318r in medio ipsius ara lapidea stat. Putares autem si ex improviso uideres et natate illam et in summa aqua uehi et multi ita existimant || **313** Mic. 318r Semper autem fertis coronata est et odoribus crematur

---

**306** quotidie] quoque die *E* || **307** reddi] effundi *E* || **308** Verum] caeterum *E* | nihil] nichil *E* | *post* tradere *uerbum* illi *habet* *E* || **309** quidam] nonnulli *E* || **310** mirarer] inspicere *E* | uidere] uidisse *E* | appendiculam] appendicem *E* | saepe spectauerim] semel spectauit *E* || **311** illud affirmant] fama illud tenet *E* | ducentos amplius passus] ducentas amplius ulnas *E* || **312** in medio stagno] in eiusdem stagni medio *E* | stat] posita est *E* | innare] moueri *E* | in summa aqua superuehi] uelut innatare *E* || **313** *post* eam *uerbum* ab *habet* *E* | et odoribus adoletur] semperque habet quos in sui admirationem rapiat *E* | atque plures] siquidem complures *E* | nullo *E* : uullo *O*

**314** Junto a este lago realizam assembleias solenes, também de uma grande celebridade, que se chamam descidas ao lago, porque nessa altura tudo o que é sagrado desce até ao lago. **315** Hera é a primeira a chegar, sobretudo para proteger e conservar os peixes, pois dizem que, se Júpiter os vir antes, os peixes serão todos destruídos por uma divindade hostil, sem excepção. **316** Por isso, Hera é colocada à frente de Júpiter com o intuito de o atrasar, quando ele desce como que para os ver, e então suplica-lhe, com inúmeras preces, que regresse para dentro do templo.

**317** Mas, de todas, as festas que consideram as mais célebres são sem dúvida as que se realizam junto ao mar. Uma vez que não o verifiquei, pois nem me dirigi ao mar, nem participei numa caminhada desse tipo, acerca disto apenas posso recordar o que realizam os que regressam e que podemos sem dúvida verificar com testemunho ocular. **318** Cada um traz a sua vasilha a transbordar de água, selada com cera para que a água não se derrame.

**319** No entanto, não são aqueles que transportam as vasilhas quem lhes tira o selo, mas um certo Galo sagrado que habita junto do mesmo lago. Depois de ver os pequenos selos na parte da frente dos vasos das oferendas e de ter recebido uma dádiva, desata os vínculos de cada um deles e reclama a cera, de onde provêm muitas minas para o próprio Galo. **320** Em seguida, eles próprios o levam para o templo, oferecem libações e, tendo executado o ritual do sacrifício, cada um regressa a sua casa.

---

[47] **314** γίνονται δὲ αὐτόθι καὶ πανηγυρίες τε μέγισται· καλέονται δὲ ἐς τὴν λίμνην καταβάσεις, ὅτι ἐν αὐτῇσι ἐς τὴν λίμνην τὰ ἱρὰ πάντα κατέρχεται. **315** ἐν τοῖσι ἡ Ἥρη πρώτη ἀπικνέεται, τῶν ἰχθύων εἵνεκα, μὴ σφέας ὁ Ζεὺς πρῶτος ἴδῃται· ἦν γὰρ τότε γένηται, λέγουσι ὅτι πάντες ἀπόλλυνται. **316** καὶ δῆτα ὁ μὲν ἔρχεται ὀψόμενος· ἡ δὲ πρόσω ἵσταμένη ἀπείργει τέ μιν. καὶ πολλὰ λιπαρέουσα ἀποπέμπει. [48] **317** μέγισται δὲ αὐτοῖσι πανηγυρίες, ταὶ ἐς θάλασσαν νομίζονται. ἀλλ' ἐγὼ τούτων περὶ σαφὲς οὐδὲν ἔχω εἰπεῖν. οὐ γὰρ ἦλθον αὐτὸς οὐδὲ ἐπειρήθην ταύτης τῆς ὁδοιπορίας. τὰ δὲ ἐλθόντες ποιέουσι, εἶδον καὶ ἀπηγήσομαι. **318** ἀγγήιον ἕκαστος ὕδατι σεσαγμένον φέρουσιν. κηρῷ δὲ τάδε σεσήμανται. **319** καὶ μιν οὐκ αὐτοὶ λυσάμενοι χέονται, ἀλλ' ἔστιν ἀλεκτρυὼν ἱρός. οἰκέει δὲ ἐπὶ τῇ λίμνῃ, ὃς ἐπεὶ σφέων δέξῃται τὰ ἀγγήια, τὴν τε σφρηγίδα ὀρή· καὶ μισθὸν ἀρνύμενος, ἀνά τε λύει τὸν δεσμὸν, καὶ τὸν κηρὸν ἀπαιτέεται· καὶ πολλὰ μνέες ἐκ τουτέου τοῦ ἔργου τῷ ἀλεκτρυόνι ἀγείρονται. **320** ἔνθεν δὲ ἐς τὸν νηὸν αὐτοὶ ἐνείκαντες σπένδουσιν τε· καὶ θύσαντες ὀπίσω ἀπονοστέουσι.



**314** Ad hoc stagnum solemnes conuentus et quidem maxima cum celebritate fiunt, quas descensiones in stagnum uocant, propterea quod tali tempore sacra omnia in stagnum descendant. **315** Atque princeps eo Hera aduenit, utique in tutelam et conseruationem piscium: si enim Iuppiter prius uiderit, pisces ab infesto numine ad unum extinguere aiunt. **316** Ob id adeo Iouem ipsum, tanquam uisendi gratia descendentem, Hera facta obuiam moratur multisque precibus exorat tandem ut in templum se referat.

**317** Sed celeberrimi omnium conuentus illi nimirum existimantur qui ad mare fiunt; uerum quia nihil super his exploratum mihi est, quippe qui nec ipse ad mare descenderim nec eiusmodi iter expertus fuerim, de iis modo meminisse habeo quae reuersi peragunt, utpote quae oculata fide contestari possumus. **318** Urnulas igitur in aquam immersas easque, ne aqua effluat, cera obsignatas quisque suam referunt.

**319** Nec tamen qui ferunt urnulas iidem resignant, sed est sacer quidam Gallus idemque habitat ad stagnum, qui simul atque urnulis coram oblatis signacula uiderit mercedemque susceperit, singularum uincula resoluit ceramque poscit, unde plures minae ipsi Gallo accrescunt. **320** Deinde in templum ipsi inferentes et libant et rite sacrificio peracto domum quisque suam regrediuntur.

---

**319** Mic. 318v gallus quidam sacer est habitat autem ad lacum, qui postquam uasa illorum accepit et sigillum inspexit mercede quoque accepta et uinculum resoluit et ceram reposcit || **320** Lup. 34r inde in templum inferentes libant peractisque sacris domum reuertuntur

---

**314** solemnes] festi *E* || **315** prius uiderit] primum uideat *E* || **317** descenderim] praesens fuerim *E* | eiusmodi iter expertus fuerim] iter istuc fecerim *E* || **319** gallus idemque habitat ad stagnum] gallus gallinaceus habitatque supra stagnum *E* | mercedemque] et mercedem *E* | singularum uincula resoluit ceramque poscit] cera repetita singularum uincula resoluit *E* || **320** inferentes] ascendentes *E*

**321** Com efeito, de todas as festividades que vi naquele local, aquela que se realiza no início da Primavera reivindica-se como a mais importante das celebrações. Alguns chamam-lhe pira e outros, facho. **322** O ritual da cerimónia sagrada que nela se realiza decorre deste modo: cortam árvores altas e fixam-nas num cercado. Então, penduram nestas mesmas árvores cabras, ovelhas e outros animais vivos que se movem e aí acrescentam aves, vestes, fitas douradas e prateadas. **323** Depois de executarem estes rituais, levam, com ostentação, todos os objectos sagrados para junto da árvore e por fim lançam-lhe chamas, queimando tudo imediatamente. **324** A estas solenidades confluem em massa muitos mortais, quer da Síria, quer de todas as outras regiões vizinhas. Cada um traz objectos sagrados e insígnias dos deuses, à imitação deles.

**325** Ora, os dias em que a multidão se reúne no templo são solenes e estão determinados. Nesta altura, um grande número de Galos, assim como aqueles homens sagrados que já referi, realizam rituais. **326** Assim, cortam os braços e ferem-se, alternadamente, nas costas, enquanto muitos dos que estão presentes tocam flautas, uma parte percute tímpanos e outros proferem uns certos cânticos divinos e sagrados. **327** No entanto, estes rituais decorrem fora do templo, pois os que assim procedem não podem entrar no santuário.

---

[49] **321** εορτέων δὲ πασέων τῶν οἶδα μεγίστην τοῦ εἵαρος ἀρχομένου ἐπιτελέουσι· καὶ μιν οἱ μὲν πυρὴν, οἱ δὲ λαμπάδα καλέουσιν· **322** θυσίην δὲ ἐν αὐτῇ τοιήνδε ποιέουσι. δένδρεα μεγάλα ἐκκόψαντες, ἐν τῇ αὐλῇ ἐστᾶσι· μετὰ δὲ ἀγινέοντες αἰγὰς τε, καὶ ὄϊας, καὶ ἄλλα κτήνεα ζῶα, ἐκ τῶν δένδρεων ἀπαρτέουσι· ἐν δὲ, καὶ ὄρνιθες, καὶ εἴματα, καὶ χρύσεια, καὶ ἀργύρεα ποιήματα. **323** ἐπεὰν δὲ ἐντελέα πάντα ποιήσωνται, περιενείκοντες τὰ ἱρὰ περὶ τὰ δένδρεα, πυρὴν ἐνιᾶσι· τὰ δὲ, αὐτίκα πάντα καίονται. **324** ἐς ταύτην τὴν ὁρτὴν πολλοὶ ἄνθρωποι ἀπικνέονται ἐκ τε Συρίας, καὶ τῶν πέριξ χωρέων πασέων· φέρουσί τε τὰ ἐωυτῶν ἱρὰ ἕκαστοι, καὶ τὰ σημήϊα ἕκαστοι ἔχουσι ἐς τὰδε μεμιμημένα· [50] **325** ἐν ῥητῇσι δὲ ἡμέρησι, τὸ μὲν πλῆθος ἐς τὸ ἱρὸν ἀγείρονται· Γάλλοι δὲ πολλοὶ, καὶ τοὺς ἔλεξα, οἱ ἱροὶ ἄνθρωποι, τελέουσι τὰ ὄργια. **326** τάμνονταί τε τοὺς πήχεας, καὶ τοῖσι νότοις πρὸς ἀλλήλους τύπτονται· πολλοὶ δὲ σφισι παρεστεῶτες, ἐπαυλέουσι· πολλοὶ δὲ τύμπανα παταγέουσι· ἄλλοι δὲ ἀείδουσι ἔνθεα καὶ ἱρὰ ἄσματα. **327** τὸ δὲ ἔργον ἐκτὸς τοῦ νηοῦ τότε γίνεται· οὐδὲ ἐσέρχονται ἐς τὸν νηὸν ὅκοσοι τὰδε ποιέουσι.

**321** Enimuero festarum omnium quas eo in loco uiderim celebritatum maximam illa sibi auctoritatem uendicat quae uere ineunte perficitur, quam alii quidem pyram alii lampadem appellant. **322** Porro sacri quod in ea fit ritus ad hunc modum habet: proceras succidunt arbores atque in septo defigunt, tum capellas et oues aliasque uiuas pecudes admouentes ab eisdem arboribus suspendunt, huc adiiciunt aues, uestem aureosque et argenteos lemniscos. **323** Quibus rite peractis, circum arbores sacra omnia cum pompa deferunt, postremo flammam immittunt, qua cuncta statim comburuntur. **324** Ad haec solemnia multi mortalium et ex Syria et ex omnibus finitimis regionibus cateruatim confluunt: aduehunt uero sua quisque sacra et deorum signa ad imitationem illorum.

**325** Quinetiam solemnes et statim dies sunt, per quos multitudo in sacrum coit, Galli uero quam plurimi atque hi quos retuli sacri homines orgia faciunt. **326** Itaque brachia caedunt inque scapulis inuicem feriuntur, simul plures astantium tibiis concinunt, partim tympana quatiunt, alii entheas quasdam ac sacras uoces effundunt. **327** Caeterum haec orgia extra templum fiunt, nec enim eos, qui operam eiusmodi praestant, in fanum ingredi fas est.

---

**323** Lup. 34r circulantibus circum arbores sacris imaginibus pyram succidunt statimque uniuersa comburuntur || **324** Mic. 318v sua quisque deorum simulachra et signa quae ad imitationem illorum singuli facta habent : Lup. 34r-34v feruntque singuli sua ipsorum sacra et signa habent quicunque ad illorum imitationem formata || **326** Mic. 318v multi autem astantes ipsis tibiis accinunt et tympana pulsan : Lup. 34v multi astantes tibias inflant, tympana alii pulsan, nonnulli entheos ac diuinos concinunt hymnos

---

**321** perficitur] soluitur *E* | post alii<sup>2</sup> uerbum uero habet *E* || **322** capellas] capras *E* | arboribus *om. E* || **323** immittunt *E* : immitunt *O* | comburuntur] ardent *E* || **324** Ad haec solemnia] ad hanc adeo solemnitatem *E* | et deorum signa ad imitationem illorum] quae utique signa habent ad pyrae seu lampadis imitationem *E* || **326** astantium] assistentium *E* | tibiis] tibys *E* | partim tympana quatiunt] plures tympana percutiunt *E* | ac] et *E* | post uoces uerbum canendo habet *E* || **327** fiunt] perficiunt *E* | eos] his *E* | fanum] templum *E* | post ingredi uerba licet aut habet *E*

**328** É nesta altura, e não noutra, que se tornam Galos e são iniciados nos ofícios sagrados. **329** Enquanto eles, movidos pelo furor, enlouquecem e realizam rituais, alguns dos que se reúnem para observar são arrebatados por um furor semelhante e a tal ponto se excitam que executam as mesmas coisas. **330** Penso, com efeito, que farei uma coisa grata, se eu também evocar a sua castração. **331** Ora, o adolescente de cuja mente primeiro se apoderou essa loucura, arrebatadas as suas vestes, precipita-se para o meio a vociferar. **332** Com a espada empunhada, imediatamente se corta e se torna eunuco (segundo o meu parecer, isto tem sido cumprido há já muitos anos, por forma a não diminuir o número de Galos). **333** Já delirante, a celebrar, corre por toda a cidade, ostentando nas suas mãos os genitais cortados. Da casa para onde os lançar recebe trajos femininos e ornamentos de mulher. **334** Assim se comportam, portanto, nas cerimónias da castração.

**335** Quando os Galos morrem, não lhes é destinada uma sepulta igual à dos outros, porém, depois de privado da vida, cada um deles é erguido pelos companheiros e é transportado para os arredores. **336** Aí enterram o cadáver, no próprio féretro em que tiver sido levado, e cobrem-no colocando-lhe pedras por cima. Executados estes rituais, regressam à cidade. **337** Não lhes é permitido entrar no templo antes do sétimo dia, porque, se não respeitarem estes dias de cerimónias purificadoras, e, antecipando o número previamente determinado, entrarem sem motivo, cometem uma grande impiedade.

---

[51] **328** ἐν ταύτῃσι τῇσι ἡμέρῃσι καὶ Γάλλοι γίνονται. **329** ἐπεὰν γὰρ οἱ ἄλλοι αὐλέωσί τε καὶ ὄργια ποιέωνται, ἐς πολλοὺς ἤδη ἡ μανίη ἀπικνέεται, καὶ πολλοὶ ἐς θέην ἀπικόμενοι μετὰ δὲ τοιάδε ἔπρηξαν. **330** καταλέξω, δὲ καὶ τὰ ποιέουσι. **331** ὁ νεηνίης ὅτῳ τάδε ἀποκέαται ρίψας τὰ εἴματα μεγάλη βοῇ ἐς μέσον ἔρχεται **332** καὶ ξίφος ἀναιρέεται· (τὰ δὲ, πολλὰ ἔτεα ἐμοὶ δοκέει, διὰ τοῦτο ἔστηκε) λαβὼν δὲ αὐτίκα, τάμνει ἐωυτὸν **333** θέει τε διὰ τῆς πόλιος καὶ τῇσι χερσὶ φέρει τὰ ἔταμε. ἐς ὁκοίην δὲ οἰκίην τάδε ἀπορρίπτει, ἐκ ταύτης ἐσθῆτά τε θηλέην, καὶ κόσμον τὸν γυναικῆϊον λαμβάνει. **334** τάδε μὲν ἐν τῇσι τομῇσι ποιέουσι. [52] **335** ἀποθανόντες δὲ Γάλλοι, οὐκ ὁμοίην ταφήν τοῖσιν ἄλλοισι θάπτονται· ἀλλ' ἐὰν ἀποθάνῃ Γάλλος, οἱ ἐταῖροί μιν ἀείροντες, ἐς τὰ προάστεια φέρουσι. **336** θέμενοι δὲ αὐτὸν, καὶ τὸ φέρτρον τῷ ἐκόμισαν, ὕπερθε λίθοις βάλλουσιν· καὶ τάδε πρήξαντες ὀπίσω ἀπονοστέουσι. **337** φυλάξαντες δὲ ἐπτὰ ἡμερέων ἀριθμὸν, οὕτω ἐς τὸ ἱρὸν ἐσέρχονται· πρὸ δὲ τουτέων, ἣν ἐσέλθωσι, οὐκ ὅσια ποιέουσι.

**328** Sed et non alio tempore Galli fiunt sacrisque initiantur. **329** Dum enim illi exerciti furore insaniunt atque orgia faciunt, non pauci ex his qui ad spectandum conueniunt simili furore corripiuntur, quo uehementius instincti talia quaedam exequuntur. **330** Rem enim gratam me facturum arbitror, si de ipsorum etiamnum sectione meminero. **331** Adolescens itaque cuius menti praecepta illa uesania incubuerit, proiectis uestibus, uociferans in medium prorumpit. **332** Mox ense stricto (meo autem iudicio iccirco haec multis iam annis obseruantur ne Gallorum numerus deficiat) sese ipse excidit eunuchatque. **333** Iam ergo lymphatus et uitulans uage per ciuitatem discurrit, manibus excisa genitalia praeferens, ab ea uero domo in quam ea proiecerit et habitum foemineum et mundum muliebrem assumit. **334** Et haec quidem in excisionibus peragunt.

**335** At enim mortui Galli non eandem quam caeteri sepulturam sortiuntur, uerum ut uita quisque eorum excesserit a sociis sublatus in suburbana effertur. **336** Ibi cadauer eo ipso in pheretra, quo elatum fuerit, in gestis desuper lapidibus obruunt. Quibus rite peractis in ciuitatem se recipiunt. **337** Nec uero ante diem septimum eis in sacrum ingredi licet, quod, si has uelut denicales ferias minime obseruantes praefinitum numerum anteuertant temereque introeant, piaculum non modicum contrahunt.

---

**335** Mic. 318v Sed postquam Gallus quispiam mortuus est, soii sublatus ipsum in suburbana efferunt || **336** Mic. 318v Ibi deposito ipso et feretro quo elatus fuit lapides superne iniiciunt

---

**329** non pauci ex his] plures eorum *E* | conueniunt] conuenerint *E* | exequuntur] operantur *E* || **332** meo autem iudicio iccirco haec multis iam annis obseruantur ne Gallorum numerus deficiat] uidetur autem mihi omnem hunc ritum ex uetustissimis templi esse *E* || **335** quisque eorum] quisquam *E* | in suburbana effertur] in suburbana loca dicitur *E* || **336** obruunt] cumulauit *E*

**338** Além destas, têm outras normas relativas a funerais: se algum deles vir um cadáver, é uma impiedade aproximar-se, nesse mesmo dia, do templo; porém, no dia seguinte, depois de se purificar e expiar de acordo com o ritual, já pode entrar. **339** Além disso, cada um dos companheiros que morasse na casa do que morreu está proibido de entrar no recinto sagrado até ao trigésimo dia desde o enterro, passado este tempo, pode retomar o antigo uso dos rituais sagrados com a cabeça rapada. E não lhes é permitido agir de outro modo.

**340** Além disso, imolam gado bovino, machos e fêmeas, cabras e também ovelhas. Quanto aos porcos, na medida em que os consideram impuros, não só não os sacrificam como também consideram digno não os comer. **341** Não faltam, porém, aqueles que estão tão longe de pensar que os porcos devem ser rejeitados como impuros que até os consideram sagrados.

**342** De resto, de todas as aves que há no céu, a pomba é entre eles considerada extremamente sagrada, de tal forma que não se julgam dignos do seu contacto e, se lhes tocarem sem querer, consideram-se ímpios e perversos durante esse dia. **343** Por isso, as pombas, que se tornam familiares para eles, entram nas suas próprias casas e apanham do chão a maior parte dos alimentos.

---

[53] **338** νόμοισι δὲ ἐς ταῦτα χρέωνται τουτέοισι. ἤν μὲν τις αὐτέων νέκυν ἴδῃται, ἐκεῖνην τὴν ἡμέρην ἐς τὸ ἱρὸν οὐκ ἀπικνέεται· τῇ ἐτέρῃ δὲ καθήρας ἑωυτὸν ἐσέρχεται. **339** αὐτῶν δὲ τῶν οἰκητῶν τοῦ νέκυος ἕκαστοι φυλάξαντες ἀριθμὸν ἡμερέων τριήκοντα, καὶ τὰς κεφαλὰς ξυράμενοι ἐσέρχονται· πρὶν δὲ τάδε ποιῆσαι, οὐ σφίσι ἐσιέναι ὅσιον. [54] **340** θύουσι δὲ βόας ἄρσενάς τε καὶ θήλας καὶ αἰγας καὶ ὄϊας. σύας δὲ μῶνον ἐναγέας νομίζοντες, οὔτε θύουσιν οὔτε σιτέονται. **341** ἄλλοι δ' οὐ σφέας ἐναγέας, ἀλλὰ ἱροὺς νομίζουσι. **342** ὀρνίθων τε αὐτέοισι περιστερὴ δοκέει χρῆμα ἰρώτατον· καὶ οὐδὲ ψαύειν αὐτέων δικαιοῦσι· καὶ ἤν ἀέκοντες ἄψωνται, ἐναγέες ἐκεῖνην τὴν ἡμέρην εἰσὶ· **343** τοῦνεκα δὴ αὐτέοισι σύννομοί τέ εἰσι καὶ ἐς τὰ οἰκήϊα ἐσέρχονται, καὶ τὰ πολλὰ ἐν γῇ νέμονται.

**338** Aliis praeterea institutis in funeribus utuntur: etenim, si eorum quispiam cadauer uiderit, huic ea ipsa die nefas est ad templum accedere; postera uero, ubi se expiauerit ac religione soluerit, ingredi licet. **339** Ad haec unus quisque sodalium, qui in domo ubi quis moritur cohabitauerit, usque ad trigesimum a funere diem sacro interdicatur, quo demum tempore de curso pristinum capite raso sacrorum usum resumat. Nec aliter id fieri fas est.

**340** Boues porro mares et foeminas, capras etiam et oues immolant; sues, tantummodo impuros existimantes, non modo immolant, sed ne comesse quidem dignantur. **341** Nec tamen desunt alii quibus tantum abest ut sues uelut impuri reiiciantur, ut etiam sancti putentur.

**342** Coeterum inter omnes quae coelo continentur aues augustissima quaedam res apud illos habetur columba, adeo ut ne ipsius quidem attactu se dignos censeant ac, si uel inuiti eam attigerint, sese illa die impios et nocentes autumant. **343** Propterea columbae familiares his redditae et ipsorum domos ingrediuntur et cibum plerumque humi capiunt.

---

**338** Mic. 318v si quis ipsorum cadauer aliquod aspexerit, illo die ad templum non accedit : Lup. 34v si eorum quispiam cadauer aspexerit, eo die a templi abstinet ingressu || **339** Mic. 318v Eorum autem qui ex familia mortui sunt, unus quisque non nisi post triginta dierum numerum rasoque capite ingreditur. Antea uero quam hoc fecerunt fas illis introire non est

---

**338** institutis in funeribus] legibus super funeribus *E* | cadauer] mortuum *E* | ea ipsa] eo ipso *E* | templum] sacrum *E* | postera] postridie || **339** in domo] domum in qua *E* | cohabitauerit] cohabitauerint *E* | ad] in *E* | capite raso sacrorum usum resumat] eiusdem sacri usum resumat *E* | nec aliter id fieri fas est] *om. E* || **340** post porro uerbum et habet *E* | tantummodo] tantummodo *E* | impuros] brutos impurosque *E* | post modo uerbum non habet *E* || **341** impuri] immundi *E* | sancti] sacri *E* || **342** coeterum] caeterum *E* | coelo] caelo *E* | apud illos habetur] illi *E* | illa die] illum diem *E* || **343** redditae] effectae *E* | plerumque] plerumque *E*

**344** Mas antes de narrarmos o que recebemos de outros, nós vamos contar sumariamente algo sobre aqueles que se reúnem nas celebrações solenes, dado que são muito dignas de ser conhecidas. **345** Ao entrar na cidade sagrada, o estrangeiro, tendo rapado a cabeça e as sobrancelhas, sacrifica uma ovelha e, depois de a cortar aos pedaços, come-a. **346** Colocando a sua pele no chão, apoia sobre ela o joelho e coloca as patas e a cabeça do animal imolado sobre a sua própria cabeça. Assim, com tal traje, suplica e roga que a presente vítima lhe seja propícia, que seja recebida favoravelmente e promete fazer, de futuro, sacrifícios mais abundantes e muito maiores. **347** Cumprindo tal ritual, coroa a cabeça, e nenhum estrangeiro o faz de forma diferente.

**348** Enquanto regressam a casa, atormentam-se e afligem-se a si próprios pelo caminho, com grande devoção, pois só usam água fria para matar a sede ou para se lavarem e, se durante o percurso concederem algum repouso ao corpo cansado, deitam-se e adormecem, estendidos sobre a terra despida. **349** De facto, dizem que é uma impiedade repousar o corpo num leito pousado numa cama elevada antes de completarem a peregrinação sagrada e de cada um regressar a sua casa.

**350** Há na cidade de Hira albergues onde se distribuem os estrangeiros e, por isto mesmo, cada uma das cidades dos arredores tem, ali mesmo, certos anfitriões públicos, para que os cidadãos, mesmo que sejam desconhecidos, sejam por eles bem recebidos. **351** São apelidados de mestres pelos assírios, porque, à semelhança de certos guias, aconselham os estrangeiros sobre tudo.

---

[55] **344** λέξω δὲ καὶ τῶν πανηγυριστέων τὰ ἐκεῖνοι ποιέουσιν. **345** ἀνὴρ εὗτ' ἂν ἐς τὴν ἱρὴν πόλιν πρῶτον ἀπικνέεται, κεφαλὴν μὲν ὅδε καὶ ὀφρύας ἐξύρατο· μετὰ δὲ ἱρεύσας ὄϊν τὰ μὲν ἄλλα κρεουργεῖ τε καὶ εὐωχέεται. **346** τὸ δὲ νάκος χαμαὶ θέμενος ἐπὶ τούτου ἐς γόνυ ἔζεται· πόδας δὲ, καὶ κεφαλὴν τοῦ κτήneos ἐπὶ τὴν ἑωυτοῦ κεφαλὴν ἀναλαμβάνει· ἅμα δὲ εὐχόμενος αἰτέει τὴν μὲν παρεούσαν θυσίην δέκεσθαι· μέζω δὲ ἐσαῦθις ὑπισχνέεται. **347** τελέσας δὲ ταῦτα, τὴν κεφαλὴν αὐτοῦ τε στέφεται καὶ τῶν ἄλλων ὁκόσοι τὴν αὐτὴν ὁδὸν ἀπικνέονται. **348** ἄρας δὲ ἀπὸ τῆς ἑωυτοῦ ὁδοιπορέει, ὕδασι τε ψυχροῖσι χρεώμενος λουτρῶν τε καὶ πόσιος εἵνεκα καὶ ἐς πάμπαν χαμοκοιτέων. **349** οὐ γάρ οἱ εὐνῆς ἐπιβῆναι ὅσιον πρὶν τὴν τε ὁδὸν ἐκτελέσαι καὶ ἐς τὴν ἑωυτοῦ αὔθις ἀπικέσθαι. [56] **350** ἐν δὲ τῇ ἱρῇ πόλει ἐκδέκεται μιν ἀνὴρ ξεινοδόκος ἀγνοέοντα. ῥητοὶ γὰρ δὴ ὧν ἐκάστης πόλιος, αὐτόθι ξεινοδόκοι εἰσὶ· καὶ τόδε πατρόθεν οἶκοι δέκονται. **351** καλέονται δὲ ὑπὸ Ἀσσυρίων οἶδε, διδάσκαλοι, ὅτι σφίσι πάντα ὑπηγέονται.



**344** Sed antequam receptui canimus quaedam a nobis de his qui ad solemnes conuentus se conferunt, utique cognitu dignissima strictim recensenda sunt. **345** Peregrinus igitur in sacra ciuitatem proficiscens, capite et superciliis corrasis, ouem immolat ac caetera quidem in frustra secans epulatur. **346** Tergus uero humi sternens, genu huic incumbit pedesque et caput mactatae suo ipsius capiti superponens, sub tali habitu precatur oratque ut praesens uictima litet benigneque suscipiatur et alia opimior multoque auctiore se iterum uouet facturum. **347** Sic admodum rite operatus caput coronat nec secus caeteri omnes peregrini faciunt.

**348** Hi simul ac domo profecti sunt summa quadam religione se ipsos inter eundem macerant affliguntque siquidem uel ad reprimendam sitim, uel ad lauandum non alia quam frigida utuntur et, siquam in itinere lasso corpori quietem indulgeant, in nuda tantum humo proiecti cubant et somnum capiunt, **349** quod nefas esse dicant antequam sacra peregrinationem conficiant et domum quisque suam redeant corpora cubili instrato fulcrisque haerenti reclinare.

**350** Sunt autem in ciuitate Hira xenodochia quo peregrini diuertant, uidelicet ob id ipsum certos quaeque exterarum ciuitatum publice hospites ibidem habet, ut municipes uel ignoti benigne ab his recipiantur. **351** Iidemque ab Assyriis magistri appellantur, propterea quod uelut duces quidam aduenas cunctorum admoneant.

---

**346** Mic. 318v suo ipsius capiti imponit

---

**344** ad solemnes conuentus se conferunt] ad festas celebritates conueniunt *E* || **345** post igitur uerba ubi primum habet *E* | proficiscens] uenerit *E* || **346** tergus] pellem *E* | suo ipsius capiti] capiti proprio *E* | tali] eodem *E* | praesens] presens *E* | auctiore *err. E* : auctore *O* | uouet facturum] facturum deuouet *E* || **348** post siquam uerbum quietem habet *E* | quietem] *om. E* || **349** nefas] nephas *E* | corpora] sese *E* || **350** certos quaeque] ab unaquaque *E* | publice] publici *E* | habet] constituuntur *E* | uel ignoti benigne ab his recipiantur] quosque suos etiam ignotos domi recipiant *E*

**352** Ora, as vítimas não são por eles sacrificadas no templo, mas, depois de as conduzirem ao altar e verterem sobre elas uma libação, regressam a casa, onde eles próprios as imolam e fazem preces. **353** Existe ainda um outro ritual de sacrifício: da entrada do templo lançam, coroados, os animais sagrados que serão imolados, e que, ao cair, morrem da queda. **354** Alguns ameaçam arremessar, do mesmo local, os seus filhos pequenos, escondidos num saco. Todavia, não os lançam como fazem com as vítimas sacrificiais, mas durante esse tempo seguram-nos e conduzem-nos pelas mãos, chamando-lhes bois, por brincadeira.

**355** Além disso, todos se marcam com certos sinais, alguns nas juntas das mãos, outros no pescoço, razão pela qual quase todos os Assírios se encontram tatuados. **356** Nem deverá ser omitido, por fim, aquele ritual em que eles apenas estão de acordo, de todos os gregos, com o povo dos Trezénios. **357** Com efeito, os Trezénios (para também referirmos isto, de passagem) conceberam uma lei segundo a qual nenhuma donzela e nenhum adolescente se pode unir em matrimónio antes de cortar o seu cabelo em honra de Hipólito, lei que ainda hoje observam.

---

[57] **352** θύουσι δὲ οὐκ ἐν αὐτῷ τῷ ἱρῷ, ἀλλ' ἐπεὰν παραστήσῃ τῷ βωμῷ τὸ ἱρήϊον, ἐπισπείσας αὐθις ἄγει ζῶν ἐς τὰ οἰκήϊα· ἐλθὼν δὲ κατ' ἐωυτὸν θύει τε καὶ εὐχεται. [58] **353** ἔστι δὲ καὶ ἄλλης θυσίης τρόπος τοιόσδε. στέψαντες τὰ ἱρήϊα ζῶα, ἐκ τῶν προφυλαίων ἀπιᾶσι· τὰ δὲ κατενειχθέντα πίπτοντα θνήσκουσι. **354** ἔνιοι δὲ καὶ παῖδας ἐωυτῶν ἐντεῦθεν ἀπιᾶσι· οὐκ ὁμοίως τοῖς κτήνεσι, ἀλλ' ἐς πῆρην ἐνθέμενοι χειρὶ κατάγουσι· ἅμα δὲ αὐτέοισι ἐπικερτομέοντες, λέγουσι ὅτι οὐ παῖδες, ἀλλὰ βόες εἰσί. [59] **355** στίζονται δὲ πάντες, οἱ μὲν ἐς καρπούς· οἱ δὲ ἐς αὐχένας. καὶ ἀπὸ τοῦδε ἅπαντες Ἀσσύριοι στιγματηφορέουσι. [60] **356** ποιέουσι δὲ καὶ ἄλλο, μούνουσι Ἑλλήνων Τροιζηνίοισι ὁμολογέοντες. λέξω δὲ καὶ τὰ, κεῖνοι ποιέουσι. **357** Τροιζήνιοι τῇσι παρθένοισι καὶ τοῖσι ἡϊθέοισι νόμον ἐποιήσαντο, μή μιν ἄλλως γάμον ἰέναι, πρὶν Ἰπολύτῳ κόμας κείρασθαι· καὶ ὧδε ποιέουσι.

**352** Nec uero ab his uictimae in sacro mactantur, sed ubi eas ad aram admouerint in superque libauerint, rursum domum agunt, ubi et immolant ipsi et precantur. **353** Est et alius sacrificandi ritus: animalia sacra quae immolaturi sunt coronata a uestibulis templi demittunt, quae decidentia ex lapsu pereunt. **354** Nonnulli autem paruos ipsorum liberos in saccum inclusos ab eodem loco se demittere minantur, non tamen ut uictimas iaciunt, sed manibus interim tenent ac reducunt, eos uero per lusum boues appellant.

**355** Praeterea notis quibusdam singuli insigniuntur, partim quidem in manuum iuncturis, partim uero in ceruicibus, quo circa omnes Assyrii stigmatici sunt. **356** Nec uero ille postremo ritus praetereundus fuerit, in quo iidem cum solo ex Graecis omnibus Troezeniorum populo consentiunt. **357** Etenim Troezenii (ut et hoc obiter referamus) legem tulerunt ne qua uirgo neue quis adolescens prius connubio iungeretur quam Hippolyto comam detondisset, quam legem etiam nunc obseruant.

---

**353** Mic. 319r Est autem et alius quidam sacrificandi ritus talis. Postquam animalia imolationi destinata coronarunt, ex uestibulis templi ea demittunt, illa uero praecipitata ex casu moriuntur : Lup. 35v Est et aliud sacrificii genus huiusmodi. Posteaquam uictimas coronauerint, a uestibulis demittunt, illae in preceps corruentes interimuntur || **354** Mic. 319r Quidam autem et puero suos ex eodem loco demittunt, non tamen eodem modo quo pecudes, sed in peram siue saccum inclusos, manu deducunt || **356** Mic. 319r Faciunt autem et aliud quiddam in quo cum solis Graecorum Trazeniis consentiunt

---

**353** Est et alius sacrificandi ritus cum enim pecudes quas immolaturi sunt in gyrum rotauerint a uestibulis demittunt easque continuo caedunt *E* || **354** Nonnulli autem paruos ipsorum liberos ab eodem loco circumagunt neque tamen aequae ac uictimas agitant deiiciuntque quippe qui tentamenti cuiusdam gratia id sacri genus obeant, sed et manu subleuant et interim per lusum boues appellant *E* || **355** singuli] omnes *E* | post omnes uerbum admodum habet *E* || **356** praetereundus] silentio inuoluendus *E* | consentiunt] conueniunt *E* || **357** Etenim] namque *E* | post legem uerbum quondam habet *E* | post adolescens uerba neu denique in caelibatu manens quispiam habet *E* | prius] ante *E* | Hippolyto] Hippolito *E*

**358** Este costume é preservado na cidade sagrada do seguinte modo: dedicam a penugem recente das faces do pequeno adolescente à maneira de primícias e consagram os cabelos das crianças logo no próprio dia do nascimento, que cortam quando visitarem o santuário. **359** Fecham os cabelos cortados em pequenos vasos de prata, muitos também o fazem em vasos de ouro e, tendo inscrito o seu nome, colocam-no no templo. Depois de assim procederem, partem. **360** Também eu, quando ainda era criança, segui a religião deste modo e ainda agora é possível distinguir, neste mesmo templo, quer o meu próprio nome, quer o meu cabelo.

---

**358** τοῦτο καὶ ἐν τῇ ἱερῇ πόλει γίγνεται. οἱ μὲν νεηνῖαι, τῶν γενεῶν ἀπάρχονται. τοῖσι δὲ νέοισι, πλοκάμους ἱρούς ἐκ γενετῆς ἀπιᾶσι· τοὺς, ἐπεὰν ἐν τῷ ἱερῷ γένωνται, τάμνουσί τε **359** καὶ ἐς ἄγγεα καταθέντες, οἱ μὲν ἀργύρεα, πολλοὶ δὲ, χρύσεα ἐν τῷ νηῷ προσηλώσαντες ἀπίασι, ἐπιγράψαντες ἕκαστοι τὰ οὐνόματα. **360** τοῦτο καὶ ἐγὼ ἔτι νέος ὢν, ἐπετέλεσα. καὶ ἔτι μευ ἐν τῷ ἱερῷ καὶ ὁ πλόκαμος καὶ τοῦνομα.

**358** Porro eiusmodi consuetudo in ciuitate sacra seruatur. Etenim adolescentuli nouam genarum pubem uelut quasdam primitias dedicant crinesque puerorum in ipso statim natali consecrantur, quos, ubi in fanum uenerint, desecant. **359** Et desectos hi quidem in argentea, multi etiam in aurea uascula includunt et nomine cuiusque inscripto templo affigunt hisque peractis abeunt. **360** Quin ego ipse, cum tener adhuc essem, huiusmodi religionem impleui, meumque ipsius et nomen et crinem in eodem templo cernere adhuc est.

---

**359** Mic. 319v alii quidem argentea, multi uero etiam aurea in aede affigunt atque abeunt, inscripto unius cuiusque nomine || **360** Mic. 319v cum iuuenis adhuc essem

---

**358** eiusmodi] similis *E* | fanum] sacrum *E* || **359** multi] plures *E* | includunt] includentes *E* | peractis] profectis *E* || **360** tener] puer *E* | adhuc *om. E* | religionem impleui] religioni addictus sum *E* | templo] sacro *E*

## <EPÍSTOLA II. 1>

**Jorge Coelho saúda muito afectuosamente Lourenço de Cáceres**

**1** Quando há alguns anos, sendo eu um adolescente, vertia para a língua latina alguns textos gregos, com a finalidade de aguçar o engenho, ocorreu-me oferecer à latinidade o opúsculo de Luciano *Da Deusa Síria*, na altura intocado por tradutores, tanto quanto sabia. **2** Como a maior parte dos meus escritos me desaponta, segundo esse desígnio coloquei este de lado depois de o terminar, pelo facto de temer que tal interpretação não agradasse suficientemente aos ouvidos de homens sábios. **3** Assim, durante muitos anos a minha lucubração conviveu com traças e vermes e teria desaparecido completamente, como talvez o merecia, se não me tivesse caído nas mãos há alguns dias, em que, livre das responsabilidades palacianas, revolvía a minha arca à procura de uma outra coisa.

**4** Então, meu caro Lourenço, começou ela a acusar-me sem parar, com uma voz lastimosa, pela minha crueldade, como se injustamente a mantivesse agrilhoadada, sem o merecer; rogou-me e suplicou-me em seguida que a publicasse e não lhe negasse a luz, porque, mesmo que não satisfizesse completamente, afirmava que, pelo menos, ela poderia usar a desculpa da nossa idade. **5** Por fim, fui vencido e, depois de uma sumária reformulação do opúsculo e de uma emenda até onde foi possível, decidi então trazê-lo à luz e dedicá-lo ao ilustríssimo e humaníssimo Príncipe D. Henrique.

**6** Porém, antes de o fazer, resolvi que deveria ser submetido ao teu juízo, de ti apenas, tu que és, porventura, o mais amigo e dotado em grande saber e engenho, de maneira a reincidir no meu antigo costume de analisar todos os meus escritos com a tua penetrante censura, à maneira de uma certa pedra lídia. **7** Além disso, queria que tu recordasses que, na parte dos amores de Antíoco, dilatei com algumas palavras os discursos de Seleuco e de Erasítrato, que Luciano apresentou com bastante brevidade, pois, salvaguardado o sentido do autor, considereei que isto não seria desagradável. **8** Assim, meu caro Lourenço, com a tua adesão desapegada, mostra que és um juiz íntegro, emenda, apaga e risca tudo o que te parecer bem. **9** Na verdade, a tua autoridade junto de mim é tal que aquilo que opinares acerca das minhas lucubrações, com o devido mérito o tomarei por Oráculo.

Adeus

## <EPISTVLA II.1>

GEORGIUS COELIUS LAURENTIO CACERI S. P. D.

**1** Cum adolescens superioribus annis exercendi ingenii gratia graeca nonnulla in latinum sermonem uerterem, uenit in mentem Luciani opusculum de dea Syria, ad ea tempora (quod scirem) ab interpretibus intactum, latinitate donare. **2** Quod cum absoluisset, ut meorum scriptorum plerunque me poenitet, eo consilio seposueram, quod uererer ne non satis eiusmodi interpretatio doctorum hominum auribus satisfaceret. **3** Ita plures annos lucubratio nostra cum blattis et tineis rationem habuit, periisset autem penitus, ut fortasse merita erat, nisi mihi his proximis diebus quibus ab aulico labore feriabar scriniola mea uersanti atque aliud agenti ea ipsa in manus incidisset.

**4** Coepit uero, mi Laurens, continuo queribunda uoce impietatis me accusare, quasi eam in uinculis iniuste nihilque tale meritam detinerem, orare igitur me atque obtestari ut se dimitterem neue sibi lucem inuiderem, quod, si non per omnia satisfaceret, saltem aetatis nostrae excusatione se usuram esse affirmabat. **5** Itaque expugnatus tandem sum atque opusculo summatim retexto et, quantum fieri poterat, emendato, nunc demum in lucem aedere atque Henrico illustrissimo et humanissimo Principi dicare constitui.

**6** Priusquam uero id fieret, tuo unius iudicio, utpote uiri amicissimi eximiaque doctrina et ingenio praediti, subiiciendum statui, uidelicet ut ueterem meam consuetudinem retinerem quaeuis mea scripta acri tua censura perinde ac Lydio quodam lapide explorandi. **7** Caeterum illud meminisse te uelim me in Antiochi amoribus orationes Seleuci et Erasistrati, quas Lucianus paucis admodum fuerat executus, idcirco pluribus uerbis dilatasse, quod, saluo authoris sensu, id non ingratum futurum existimarem. **8** Praesta te igitur, mi Laurens, assentatione remota iudicem integrum, emenda omnia quae tibi uidebuntur, dele, expunge. **9** Ea nanque apud me autoritas tua est, ut quod tu de lucubrationibus meis senseris, id ipsum Oraculi uice merito sim habiturus.

Vale

## <EPÍSTOLA II. 2>

### Jorge Coelho saúda o seu Lourenço de Cáceres

**1** Quando há alguns anos em Florença, a mais ilustre cidade de toda a Etrúria, me dedicava às letras gregas e, a exemplo de grandes autores, a modo de exercício, traduzia para latim alguns textos gregos, ocorreu-me verter da língua grega para a latina o opúsculo de Luciano *Da Deusa Síria*, na altura intocado. **2** Estava a obra terminada quando pensei em ponderar a questão mais cuidadosamente, pois parecia-me que a abundância de palavras era, na versão, superior ao que convinha à brevidade jónica do autor, como se transbordasse num excessivo entusiasmo e não conseguisse contê-lo na caixa.

**3** Apesar de, segundo o meu critério, ter alcançado o resultado final, mostrava-a então a pouquíssimas pessoas e, para minha pequena glória, facilmente superava e contestava completamente todas as farpas, desconheço de quem. **4** É extraordinário quanto me arrependi depois de ter feito esta tradução e, de resto, considereei que devia realizar esta tarefa não para a apresentar à multidão, mas para progredir nas letras gregas. **5** Por estas razões, confiava que, se por acaso a nossa obra caísse nas mãos de alguém, poderia facilmente obter a sua benevolência.

**6** Assim, durante muitos anos, aquela minha lucubração conviveu com traças e vermes e teria desaparecido completamente, como talvez o merecia, se não me tivesse caído nas mãos naqueles dias em que, livre das pretensões palacianas, revolvía a minha arca. **7** Então, meu caro Lourenço, começou ela a acusar-me, a mim, seu pai, sem parar, com uma voz lastimosa, pela minha crueldade, como se injustamente a mantivesse agrilhoadada, sem o merecer; rogou-me e suplicou-me em seguida que a publicasse e não lhe negasse a luz dos homens, porque, mesmo que não fosse satisfatória de acordo com o meu juízo, afirmava que ela poderia usar a desculpa da nossa idade, de maneira que as críticas fossem concordantes com o que eu era quando a escrevi.



## <EPISTVLA II. 2>

GEORGIUS COELIUS LAURENCIO CACERES SUO S.

**1** Cum superioribus annis Florentiae, quae totius Etruriae clarissima ciuitas est, litteris Graecis operam daremus magnorumque authorum exemplo exercitationis gratia Graeca nonnula latinis redderemus, uenit et nobis in mentem Luciani opusculum de dea Syria, ad ea tempora intactum, e graeco sermone in latinum uertere. **2** Quo opere iam finito, cum ipse rem accuratius pensitarem, uidebar mihi in huiusmodi conuersione maiore uerborum copia quam Ionicam authoris breuitatem deceret, quasi quodam nimio aestu redundasse atque intra alueum teneri non potuisse.

**3** Summum igitur ex hac mea conscientia fructum consecutus, paucissimis id tum ostendebam omnesque (adeo gloriolae!) nescio cuius aculeos facile superabam ac contemnebam. **4** Mirum enim quam mox me eius interpretationis paenituerit et alioqui, non ut populo commendarer, sed ut in graecis litteris proficerem eam operam mihi sumendam duxerim. **5** Quibus de causis, si unquam is noster labor in alicuius manus peruenisset, facile me ueniam impetrare posse confidebam.

**6** Ita plures iam annos ea nostra lucubratio cum blattis et tineis rationem habuit, periisset autem penitus, ut fortasse merita erat, nisi mihi per hos dies quibus ab aulica ambitione feriatum sumus scriniola mea uersanti ea ipsa in manus incidisset. **7** Caepit uero, mi Laurens, continuo queribunda uoce, parentem suum impietatis accusare, quasi eam in uinculis iniuste ac nihil tale meritam detinerem, orare igitur me ac obtestari ut se dimitterem neue sibi lucem hominum inuiderem, quod, si minus iudicio meo satisfaceret, at aetatis nostrae excusatione se usuram esse affirmabat, sicut qualis modo tunc eram cum ea scriberem ex se fieret praeiudicium.

**8** É grande, sem dúvida, Lourenço, o amor paterno, pois quem será tão desumano que não se confesse cativo do amor dos seus filhos? **9** Por fim, fui vencido e, depois de uma sumária reformulação da obra inteira e de uma emenda até onde foi possível (na verdade não seria possível mudar tudo sem um grande labor), decidi então trazer à luz esta pequena lucubração e dedicá-la ao ilustríssimo Infante D. Henrique de Portugal, menino de exímia condição e esperança.

**10** Porém, antes de o fazer, quis submeter este nosso empenho assim como a própria obra, ao teu juízo – se o amor não me engana – penetrante e exacto, não só por seres um homem do mais aguçado critério, mas também porque nasceste com o mais brilhante engenho. **11** Assim, meu caro Lourenço, se me amas (como certamente amas), mostra que és um juiz incorruptível e íntegro e, visto que te calhou em sorte o dever de julgar, emenda, apaga e risca tudo o que te parecer bem.

**12** Ainda que não ignorasse que o estilo da nossa interpretação se encontrava muito longe daquele a quem os Gregos chamam ὀδὸν, ou seja, grave, e maduro, todavia, pensava que a lascívia de palavras podia atribuir-se ao ardor daquela nossa idade e a uma certa audácia juvenil. **13** Na parte dos amores de Antíoco, dilatei e alonguei os discursos proferidos por Seleuco e Erasítrato, que Luciano tratou com bastante brevidade, de acordo com a decisão de que, salvaguardado o sentido do autor, considerava que seria agradável para todos; **14** fi-lo também para que se devolvesse ao mais eloquente homem o quase constante domínio da dicção e da facúndia que, de resto, procurava neste pequeno livro a brevidade jónica. **15** Com efeito, isto era o que parecia reclamar e exigir, de certo modo, não só o próprio texto, de longe muitíssimo belo, mas tratado de forma mais sucinta e árida do que convinha, assim como a opinião de todos os homens sobre sobre tão excelente escritor, especialmente quando traduzido para esta língua, que não conhece diferenças de dialectos.

**16** Já naquele tempo preferi que o discurso fosse directo em vez de indirecto, porque notava que grandes autores como Salústio e Lívio, para não falar dos Gregos, ou mesmo do próprio Luciano, não tinham pensado de modo diferente. **17** Neste aspecto, considero que nem Políbio, de resto um grande homem, nem Pompeu Trogo, devem ser imitados. **18** Mas para que não pareça que te estou a prescrever como lei o meu critério, terminarei neste momento.

**8** Magnus profecto, Laurens, amor paternus est, quis enim tam inhumanus qui se liberorum amore teneri non fateatur? **9** Itaque expugnatus tandem sum atque opere toto summatim retexto et, quantum fieri poterat, emendato (neque enim omnia immutari sine magno labore poterant), eam lucubrationem in lucem aedere atque Enrrico illustrissimo Infanti Portugalliae summae indolis atque spei puero dicare constitui.

**10** Priusquam uero id fieret, tuo acri ac exacto, nisi me amor fallit, iudicio, causam nostram atque adeo opus ipsum subiici uolui, tum quod emunctissimae naris homo, tum quia candidissimo ingenio natus sis. **11** Praesta te igitur, mi Laurens, si me amas (ut certe amas), in hac re iudicem incorruptum atque integrum, et quando tibi ea iudicandi sors cessit, emenda omnia quae tibi uidebuntur, dele, expunge.

**12** Ego enim, tametsi non ignorabam ab eo quo ἀδρὸν, id est graue et maturum, Graeci uocant interpretationis nostrae stylum longe abesse, tamen eiusmodi uerborum lasciuiam illius aetatis nostrae ardori ac iuuenili cuidam audaciae condonari posse putabam. **13** In Antiochi uero amoribus orationes ipsas Seleuci et Erasistrati, quas Lucianus paucis admodum complexus fuerat, ipse eo consilio dilataui ac diduxi quod, saluo authoris sensu, id gratum omnibus fore existimabam, **14** tum etiam ut homini eloquentissimo Ionicam alioqui in eo libello breuitatem affectanti suus perpetuus ferme dictionis ac facundiae usus redderetur. **15** Id enim et locus ipse, longe pulcherrimus compressius certe ac aridius quam decebat tractatus, et omnium hominum de luculentissimo scriptore opinio praesertim in eum sermonem translato, qui nullas linguarum differentias nouit, quodammodo appetere ac desyderare uidebatur.

**16** Directas uero potius orationes, quas obliquas esse, iam tum uolui, quod ita summos authores Salustium et Liuium, ut de Graecis taceam, sed et Lucianum ipsum non aliter sensisse animaduvertebam. **17** Neque enim hac in parte uel Polybium, summum alioqui uirum, uel Trogum Pompeium imitandos esse censeo. **18** Sed ne legem quodammodo nostri consilii tibi ipse praescribere uidear, finem iam faciam.

**19** Tu, peço, dedica-te a esta tarefa, pois desejo submeter toda a tradução ao teu juízo, e, para que não se entenda que tu me julgaste mais com indulgência e amizade do que com severidade e rigor, devo esforçar-me ao máximo para poder enfrentar as mordeduras da inveja, sendo que ela é, como disse Homero, a máxima inquietação dos homens e a pior das doenças. **20** Ora, poucos há, em qualquer lugar, e principalmente entre os nossos, que não parecem perceber um grande prazer a partir do contacto com este mal como se se tratasse do máximo bem. **21** No que me diz respeito, quer te pronuncies a meu favor, quer contra mim, receberei a tua crítica de ânimo muito tranquilo. Tal é, para mim, a tua autoridade.

Adeus

**19** Tu, obsecro, da operam quando totam hanc rem sub tuum iudicium uenire uoluimus, ne te potius indulgenter ac amice quam seuerē ac grauitē homines de me iudicasse intelligant, id enim maxime laborandum nobis est ut in hac nostra interpretatione inuidiae morsibus obuiam iri possit, quae tametsi, ut inquit Homerus, maxima hominum perturbatio ac pessima aegritudo est. **20** Non tamen quouis in loco uel inter nostros praecipue multi desunt qui ex eiusmodi mali contagione perinde ac maximo quodam bono uoluptatem summam percipere uideantur. **21** Nam quod ad me attinet quicquid uel pro me, uel contra me, pronunciaueris, id quidem (ea apud me authoritas tua est) aequissimo animo laturus sum.

Vale

### <EPÍSTOLA III>

#### Laurenço de Cáceres a Jorge Coelho

Oh! Quão ridículo, Coelho, complacente em demasia, **1**  
que tu queiras dar proeminência aos teus amigos,  
que de longe superas, consultando-os.  
Quem não se espantará com as tuas obras?  
Nada mais puro ou mais elegante **5**  
me lembro eu de ter lido nos livros latinos,  
principalmente a parte em que habilmente  
narras os ilícitos amores da madrastra.  
Deixo de lado o facto de o pequeno livro  
misturar, de forma elegante, assuntos sérios com gracejos **10**  
e ainda contar histórias, como todas as composições de Luciano;  
e também que o antigo templo da Deusa Síria  
tenha sido fundado por Deucalião,  
quando o mar sumiu num abismo profundo, ou por Baco,  
ou Semíramis, ou Átis mutilado, **15**  
ou pela esposa do mísero pai Seleuco,  
com quem Combabo se mostrou tão fiel  
que – desapareça o ritual! – mutilou  
as suas partes viris. Eu antes desprezaria,  
Coelho, dez reis Seleucos, **20**  
outras tantas rainhas e ainda dez reinos,  
do que deixar-me possuir por tal delírio.

### <EPISTVLA III>

#### LAVRENTIVS CACERES AD GEORGVM COELIVM

1 O quam ridiculum tuos amicos,  
quos longe exuperas, nimis facete  
Coeli, prodere uelle consulendo.  
Quis non suspiciat tuos labores?

5 A me purius elegantiusue  
nil lectum memini in libris latinis,  
illa sed mage parte qua diserte  
narras illicitos nouercae amores.  
Mitto quod lepide iocis libellus

10 miscet seria fabulasque narrat,  
ut sunt omnia dicta Luciano.  
De templo Syriae deae uetusto,  
siue hoc Deucalion baratro ab imo  
absorpto mare, seu dicauit Euam,

15 seu Semiramis, aut resectus Attis,  
siue uxor miseri patris Seleuci,  
in quam Combabus esset ut fidelis  
(in terram omen eat) sibi uiriles  
partes exsecuit, sed ante Coeli

20 reges negligerem decem Seleucos,  
reginas totidem decemque regna  
quam tali cuperem rapi furore.

## ADVERTÊNCIA

**1** Queria prevenir-te do seguinte, caro Leitor: embora Luciano use a palavra *hirees* em vez de *sacerdotibus*, aproximadamente no final deste pequeno livro, não obstante parece que anteriormente, no mesmo livro, utiliza o mesmo vocábulo em vez do nome da nação, isto é, em vez de habitantes da cidade de Hira. **2** Além disso, embora Stephano os designe como *Hieropolitas*, isto é, “cidadãos sagrados”, o próprio Luciano no princípio do pequeno livro constantemente lhes chama *Hiros*, a não ser que esta palavra se refira aos sacrifícios, o que, todavia, me parece menos conveniente.

**3** Também quero advertir-te para o facto de o nome próprio *Attes* ter sido escrito por Luciano com um duplo “t” e “eta”, a não ser que se trate de um erro, uma vez que é flexionado *Atys*, *Atyos* por vários outros autores. Todavia, preferi interpretar de acordo com a flexão de Luciano. **4** Mas rogo-te que ponderes bem sobre estas questões.



## ADMONITVM

**1** Admonitum te uelim, Optime Lector, quod, cum Lucianus iuxta finem huius libelli hoc uerbo hirees pro sacerdotibus utatur, tamen superius in eodem libello pro gentili nomine, id est, pro ciuibus Hirae ciuitatis, eodem uocabulo uidetur uti. **2** Cum alioqui Stephanus Hieropolitas eosdem, id est, sacros ciues nominet, sed et Lucianus statim in principio libelli Hiros eosdem appellat, nisi id uerbum ad sacrificia uelis referre, quod tamen quadrare minus uidetur.

**3** Aduertendum etiam est quod nomen proprium Attes per duplex t et eta a Luciano scribitur, nisi menda subest, cum passim ab omnibus authoribus Atys, Atyos inflectatur. Ego tamen iuxta Luciani inflexionem interpretari malui. **4** Sed haec te oro ut boni consulas.

---

**2** Hierapolitas] Stephanus Byzantinus, *De Urbibus*, “Hierapolis [...] Gentilia, Hieropolitae [...]”.



# DOCUMENTA

ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 34, n.º 36



Fernam d'alvarez Mamdo-uos que deis a Jorge Coelho fydalgo de minha Casa trimta mil rreaes de que lhe faço merçe

E vos faze-lhe deles bom pagamemto E por este com seu Conhecimento mamdo aos meus comtadores que vo-los leuem em comta Feyto em almeirim a xxiiij d'abrj

Pero machado o fez de j<sup>b</sup>cxxbj

Rey

Recebeo jorje coelho de ffernand d'alvarez per fernand Rodriguez de pallma os trjnta myll rreaes conteudos neste mandado E por verdade foy fecto este conhecimento em que ambos asynamos em allmeyrym a iij dias de mayo de b<sup>c</sup>xxbj

Bastiam da costa

Jorge coelho

[[...]] de dom mjguell /. asemtrado ./ ?

xxx rreaes de merçe em fernão d'alvarez a Jorge coelho fidalgo de vosa casa

pagou merçe(?) /.

conhecimento

Doc. 2

ANTT, *Moradias da Casa Real*, maço 1, livro 7  
(*Contos do Reino e Casa*, Núcleo Antigo, 142), fl. 95v

duas adições  
12  
Jorge Coelho filho do baylyo avera todo este quartell a mjll E dozemos reaes por mês com  
ceuada alqueire por dya/  
Recebeo o sobredito em x de Julho de b<sup>c</sup>xxbj os quatro myll E sejscentos e nouenta e dois  
Reaes  
bastiam da costa  
Jorge coelho

Duas adições

Jorge Coelho filho do baylyo avera todo este quartell a mjll E dozemos reaes por mês com  
ceuada alqueire por dya/

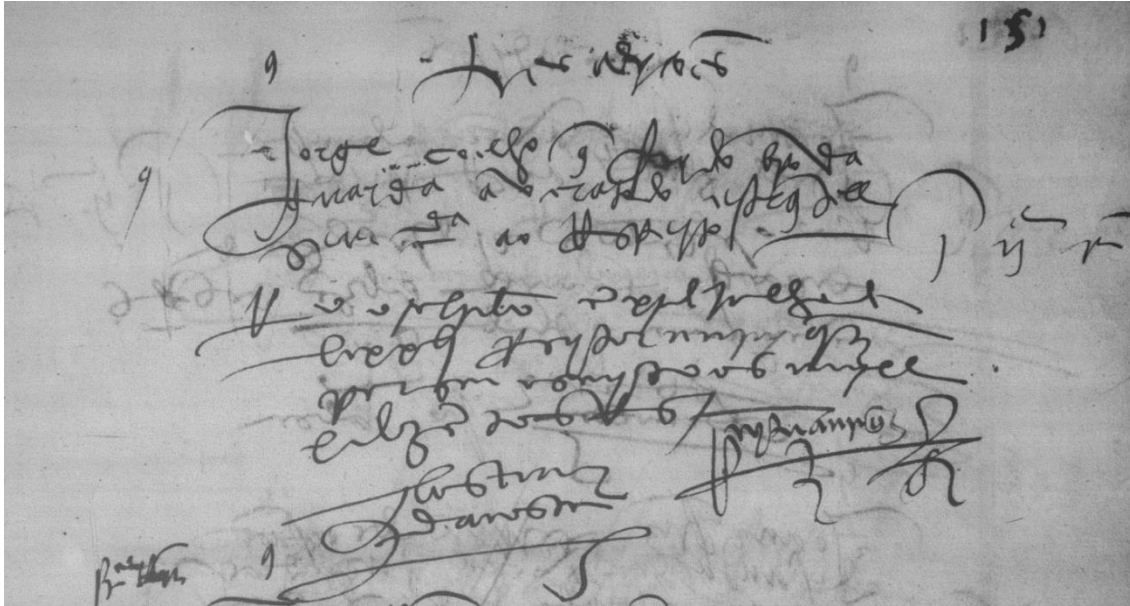
Recebeo o sobredito em x de Julho de b<sup>c</sup>xxbj os quatro myll E sejscentos e nouenta e dois  
Reaes

bastiam da costa

Jorge coelho

### Doc. 3

ANTT, *Moradias da Casa Real*, maço 1, livro 7  
(*Contos do Reino e Casa*, Núcleo Antigo, 142), fl. 151r

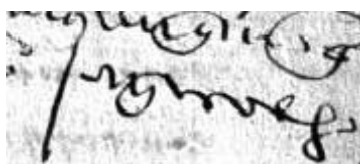


Tres adycões

Jorge Coelho que foy do bispo da guarda avera todo este quartell sem ceuada ao Respeito  
Recebeo o sobredito em xj de Julho de b'xxbj Reytor anrryquez per seu escryto os myll e  
dozentos Reaes /  
bastiam da costa  
Reytor anriquez

## Doc. 4

### Exemplos de outras assinaturas de Jorge Coelho



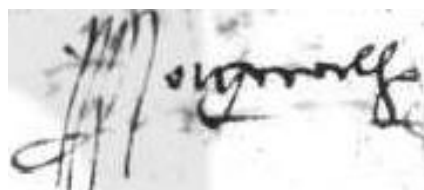
#### 1. Processo de António Luís, 1539

ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, proc. 7807, fl. 11v.



#### 2. Processo de Damião de Góis, 1541

ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, proc. 17170, fls. 66r e 68v



#### 3. Processo do licenciado Duarte Gomes, 1542-1544

ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, proc. 12784, fls. 7v e 8v.

LVCIANI DE DEA SYRIALI  
LIBER VNVS GEORGIO  
COELIO LVSITANO  
INTERPRETE,

**E**ST in Syria ciuitas haud procul ab Euphrate flumine: appellatur autem Hira .i. sacra: et Hira quidem ab Hera .i. Iunone dea Assyria quae in ea ciuitate constituta. Videtur porro mihi appellationem hanc non simul cum ipsa urbe natam esse: sed aliam prius fuisse. At postea cum Hiri magni ac celebres facti essent: in hoc posterius nomen ueterem denominationem uerterunt. De hac igitur ciuitate, et de rebus eius quaecumque in ipsa extant dicere aggrediar: dicam et instituta quibus in sacra utuntur et conuentus quos celebrant, et sacrificia quae peragunt: dicam et quaecumque de sacri huius inductoribus fabulantur, quoue pacto templum constructum fuerit. Scribo autem cum sim Assyrius atque ex his alia nos quidem referemus quae oculis perlegimus: alia uero quaecumque ab Hiris percepimus, et quae aetatem matrem anteceperunt.



# **BIBLIOGRAFIA**



## SIGLAS E ABREVIATURAS

Allen	Allen, P. S. (1906-1958) (ed.) <i>Opus Epistolarum Des. Erasmi Roterodami</i> . Oxford: Typ. Clarendoniano
ASD	<i>Opera omnia Des. Erasmi Roterodami</i> . Amsterdam, 1969-
BL	Machado, Diogo Barbosa (1965-1967). <i>Bibliotheca Lusitana, historica, critica e cronologica: na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente</i> . Coimbra: Atlântida.
CB	Giurgevich, Luana, Henrique de Sousa Leitão (2016). <i>Clavis Bibliothecarum: Catálogos e inventários de livrarias de Instituições Religiosas em Portugal até 1834</i> . Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja.
CDP	Ferrão, António e Possidónio Mateus Laranjo Coelho (1862-1910). <i>Corpo Diplomatico Portuguez contendo os actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo desde o seculo XVI ate aos nossos dias</i> , Lisboa: Academia das Ciências.
Lukács	Lukács, Ladislaus (1965-1992). <i>Monumenta Paedagogica Societatis Iesu. Edidit ex integro refecit nouisque textibus auxit Ladislaus Lukács S.I.</i> , 7 vols. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu.
Lup.	<i>Luciani De Dea Syria Libellus ab Othone Lupano e Graeco sermone in latinum conuersus</i> . Mediolani: Vincentius Medda exprimebat mense Decembri, 1539.
Mic.	<i>Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, e graeco sermone in latinum partim iam olim diuersis autoribus, partim nunc demum per Iacobum Micylum, quaecunque reliqua fuere, translata</i> . Francoforti: apud Christianum Egenolphum, 1538.



## BIBLIOGRAFIA

### A. FONTES

#### I. Fontes manuscritas

*Luciani De Dea Syria Liber Vnus Georgio Coelio Lusitano Interprete*. BPE cód. 229.

#### II. Fontes impressas

Almazán, Augustín de (1553). *La moral y muy graciosa historia del Momo compuesta en Latin por el docto varon Leon Baptista Alberto Florentin*. Trasladata en Castellano por Augustin de Almazan [...]. Alcala de Henares: Juan de Medina, Juan Mey.

Andrada, Francisco de, *Cronica do muyto alto e muito poderoso Rey destes Reynos de Portugal Dom Ioão o III*. Lisboa: por Iorge Rodriguez, 1613.

Coelho, Jorge, *De Patientia Christiana Liber Vnus. Item nōnulla alia quae in fine uidebis*. Lisboa: apud Ludouicum Rothorigium, 1540.

Luciano, *Luciani De Dea Syria Libellus ab Othone Lupano e Graeco sermone in latinum conuersus*. Mediolani: Vincentius Medda exprimebat mense Decembri, 1539.

Luciano, *Luciani Samosatensis opera, quae Graece extant, omnia, in duos tomos concinne digesta, quorum elenchos suo quenque loco reperies* [...]. Basileae: [Michael Isengrin], 1545.

Luciano, *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, e graeco sermone in latinum partim iam olim diuersis autoribus, partim nunc demum per Iacobum Micillum, quaecunque reliqua fuere, translata*. Francoforti: apud Christianum Egenolphum, 1538.

Luciano, *Luciani Samosatensis Opera, quae quidem extant, omnia, Graeca et Latine, in quatuor tomos diuisa, quorum elenchos post aliquot paginas reperies. Vna cum Gilberti Cognati Nozereni et Ioannis Sambuci annotationibus utilissimis* [...]. Basileae: per Henricum Petri, 1563.

- Luciano, *Luciani Samosatensis Pars Prima*. Haganoae: P. Brubach, 1535.
- Luciano, *Luciani Samosatensis Pars Secunda*. Haganoae: P. Brubach, 1535.
- Luciano, *Luciani Samosatensis Pars Secunda*. Haganoae: per Iohan Secer, 1526.
- Luciano, *Tade Enestin En Tōde Tōi Bibliō. Loukianou...= Que hoc Volvmine Continentur Luciani opera; Icones Philostrati; Eiusdem Heroica; Eiusdem uitæ Sophistarum. Icones Iunioris Philostrati*. Venetiis: in ædib. Aldi, 1503.
- Reis, António dos, *Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*, Lisbonae: Typis Regalibus Sylvianis, 1745-1748.
- Santa Maria, Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*. Lisboa: Officina de Joam da Costa, 1668.
- Severim de Faria, Manuel, *Discursos varios politicos*. Évora: Manoel Carvalho, impressor da Universidade, 1624.
- Vaseu, João, *Chronici Rerum Memorabilium Hispaniae. Tomus Prior*, Salmanticae: excudebat Ioannes Iunta, 1552.

### **III. Edições modernas, traduções e comentários**

- Allen, P. S. (1906-1958) (ed.) *Opus Epistolarum Des. Erasmi Roterodami*. Oxford: Typ. Clarendoniano.
- Barbosa, Aires (2013). *Obra Poética. I. Epigramas. II. Antimória* [1495-1536]. Fixação do texto latino, introdução, tradução, notas e comentários por Sebastião Tavares de Pinho e Walter de Medeiros. Coimbra e Aveiro: Imprensa da Universidade de Coimbra, Universidade de Aveiro.
- Barreiros, Gaspar (1988). “Gaspar Varrerius Georgio Coelio S. P. D.” in *Orações de Obediência dos Reis de Portugal aos Sumos Pontífices. Séculos XV a XVII*. Organização, Introdução e Notas Bibliográficas por Martim de Albuquerque. Vol. 1: Introdução. Lisboa: Edições Inapa, pp. 17-32.

- Barros, João de (1874). *Espelho de Casados* (2ª edição, conforme a de 1540). Porto: Tito de Noronha e Antonio Cabral.
- Belin de Ballu, Jacques Nicolas (1789). *Œuvres de Lucien : traduites du grec, avec des remarques historiques & critiques sur le texte de cet auteur, et la collation de six manuscrits de la Bibliothèque du roi*, vol. 5. Paris: Chez Jean-François Bastien.
- Camões, Luís de (2005). *Teatro Completo*. Prefácio, notas e fixação do texto por Vanda Anastácio, Porto: Edições Caixotim.
- Cardoso, Jerónimo (2009). *Obra Literária. Tomo I: Prosa Latina. Tomo II: Poesia Latina*. Estabelecimento do texto latino, Introdução, tradução e comentário por Telmo Corujo dos Reis. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cataldo (2010). *Epístolas I Parte*. Fixação do texto latino, tradução, prefácio e notas de Américo da Costa Ramalho e de Augusta Fernanda Oliveira e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Erasmus, *Opera omnia Des. Erasmi Roterodami*. Amsterdam, 1969-
- Ferreira, António (2008). *Poemas Lusitanos*. Edição crítica, introdução e comentário de T. F. Earle. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Góis, Damião de (1926). *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*. Nova edição, conforme a primeira, anotada, prefaciada dirigida E por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes. Coimbra.
- Góis, Damião de (2009). *Correspondência Latina*. Estabelecimento do texto latino, introdução, tradução, notas e comentário por Amadeu Torres. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Helm, Rudolf (1956) (ed.). *Eusebius Werke. Band 7: Die Chronik des Hieronymus (Hieronymi Chronicon)*. Berlin: Akademie-Verlag.
- Jerónimo (1995). *Carta a Pamáquio, Sobre os problemas da tradução Ep. 57*. Introdução, revisão de edição, tradução e notas de Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Cosmos.
- Loiola, Santo Inácio de (1975). *Constituições da Companhia de Jesus*. Tradução e nots de Joaquim Mendes Abranches. Lisboa.

- Lucian (2003). *On the Syrian Goddess*. Edited with Introduction, Translation, and Commentary by J. L. Lightfoot. Oxford: Oxford University Press.
- Luciano de Samósata (2012). *Luciano [I]*. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Luciano de Samósata (2013a). *Luciano [IV]*. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Luciano de Samósata (2013b). *Luciano [VI]*. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Luciano de Samósata (2013c). *Luciano [VII]*. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lukács, Ladislaus (1965-1992). *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu. Edidit ex integro refecit nouisque textibus auxit Ladislaus Lukács S.I.*, 7 vols. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu.
- Luther, Martin (1883-1929). *D. Martin Luthers Werke*. Weimar: Weimarer Ausgabe.
- More, Thomas (1974). *The Yale Edition of The Complete Works of St. Thomas More*, vol. 3, part I: *Translations of Lucian* (ed. C. R. Thompson). New Haven and London: Yale University Press.
- More, Thomas (1974). *The Yale Edition of The Complete Works of St. Thomas More. I. Translations of Lucian* (ed. by C. R. Thompson). New Haven-London: Yale University Press.
- Pinto, Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*. Prefácio e Notas pelo P.<sup>o</sup> M. Alves Correia. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Pontano, Giovanni Gioviano (2012). *Dialogues. Vol. 1: Charon and Antonius*. Edited and Translated by Julia Haig Gaisser. Cambridge, Massachusetts, London, England: The I Tatti Renaissance Library, Harvard University Press.
- Resende, André de (1956). *Oração de Sapiência (Oratio pro Rostris)*. Tradução de Miguel Pinto de Meneses. Introdução e notas de A. Moreira de Sá. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.



- Resende, André de (1961). *Elogio de Erasmo (Erasmi Encomium)*. Estabelecimento do texto e tradução dos Drs. Walter de Sousa Medeiros e José Pereira da Costa. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- Resende, André de (1981). *Vicentius Leuita et Martyr*. Reproduction en fac-similé de l'édition de Luís Rodrigues, Lisbonne, 1545. Introduction par José V. de Pina Martins. Paris: Centre de Recherches sur le Portugal de la Renaissance.
- Resende, André de (2000). *Aegidius Scallabitanus. Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*. Estudo Introdutório, edição crítica, tradução e notas de Virgínia Soares Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Resende, André de (2009). *As Antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e comentário R. M. Rosado Fernandes. Estabelecimento do texto latino por Sebastião Tavares de Pinho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Resende, Garcia de (1990-2003). *Cancioneiro Geral*. Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Roersch, Alphonse (1940). *Correspondance de Nicolas Clénard. Tome I: Texte. Tome II: Notes et Commentaire. Tables*. Bruxelles: Palais des Académies.
- Sousa, Frei Luís de (1951). *Anais de D. João III*, Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Teive, Diogo de (2012). *Obra Completa*. Organização, Transcrição, Introdução e Notas. Lisboa: Esfera do Caos.
- Vasconcelos, Jorge Ferreira de, *Comédia Aulegrafia*. Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [on-line]. <<http://www.cet-e-quinheiros.com/>> (acedido a 13-09-2016).
- Vasconcelos, Jorge Ferreira de, *Comédia Eufrosina*. Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [on-line]. <<http://www.cet-e-quinheiros.com/>> (acedido a 13-09-2016).
- Vasconcelos, Jorge Ferreira de, *Comédia Ulissipo*. Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [on-line]. <<http://www.cet-e-quinheiros.com/>> (acedido a 13-09-2016).

Vicente, Gil (2002). *As Obras de Gil Vicente*, ed. sob a Direcção Científica de José Camões.  
Lisboa: Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa – Imprensa  
Nacional – Casa da Moeda, 5 vols.

## B. INSTRUMENTA

### I. Catálogos e repertórios

Anselmo, António Joaquim (1926). *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

*Catálogo de livros antigos latinos pertencentes às Livrarias dos Extinctos Conventos da Provincia da Extremadura para vender em hasta Publica por Ordem do Governo Portuguez Theologia. Direito canonico e civil e outras materias*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1864.

De Bujanda, J. M. (1985-1996). *Index des livres interdits*. 10 vols. Québec: Centre d'Études de la Renaissance.

Díaz y Díaz, M. C., Aires A. Nascimento et alii (1993). *Hislampa. Autores Latinos Peninsulares da Época dos Descobrimentos (1350-1560)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Earle, T. F. (2014). *Escritores Portugueses e Leitores Ingleses. Livros de Escritores Portugueses, Impressos antes de 1640, nas Bibliotecas de Oxford e Cambridge*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Giurgevich, Luana, Henrique de Sousa Leitão (2016). *Clavis Bibliothecarum: Catálogos e inventários de livrarias de Instituições Religiosas em Portugal até 1834*. Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja.

Guerra, Mário dos Santos, Alberto Martins de Carvalho (1969). *Liceu Normal de D. João III. Catálogo da Biblioteca. I: sécs. XV-XVII*. Coimbra.

Manuel II, D. (1932). *Early Portuguese Books (1489-1600) in the Library of His Majesty the King of Portugal. Described by H. M. King Manuel in three volumes*. Vol. II (1540-1579). Cambridge: Cambridge University Press.

Martins, José V. de Pina, Maria Emília Lavoura (1987). *Erasmus na Biblioteca Nacional. Século XVI*. Introdução e notas bibliográficas por José V. de Pina Martins. Descrição catalográfica por Maria Emília Lavoura. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Mendes, Maria Valentina Sul (1995) (coord. e org.). *Os Incunábulos das Bibliotecas Portuguesas. 2 vols. Volume I: Catálogo. Volume II: Índices.* Lisboa: Sec. Estado da Cultura; Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro.

Norton, F. J. (1978). *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal 1501-1520.* Cambridge: Cambridge University Press.

Wilkinson, Alexander S. (2010) (ed.). *Iberian Books. Books Published in Spanish or Portuguese or on the Iberian Peninsula before 1601.* Leiden, Boston: Brill.

## II. Dicionários e Enciclopédias

*Hellenoromaikon: Hoc est, Dictionarium Graeco-Latinum. Post correctiones G. Budae, I. Tusani, C. Gesneri, H. Iunii, R. Constantini, Io. Hartungi, Mar. Hopperi, Guil. Xylandri [...].* Basileae: Sebastian Henricpetri, 1584.

*Hesychii Dictionarium.* Florentiae: per hæredes Philippi Iuntæ, 1520.

*Lexicon Graeco Latinum denuo impressum, per vtriusque linguae doctos & industriosos uiros primum utiliter collectum, deinde nuper per Conradum Gesnerum, & Arnoldum Arlenium, pari eruditione & diligentia philosophos, plurimis locis emendatum [...].* Basileae: ex Officina Hieronymi Curionis, impensis Henrichi Petri, 1548.

*Lexicon Graeco-Latinum quam plurimis locis emendatum et numerosa uerborum accessione cum ex optimis quibusque authoribus tum e Budaei Commentariis postremo editis locupletatum.* Lugduni: apud Ioannem Frellonium, 1550.

*Lexicon Graeco-Latinum seu Thesaurus Linguae Graecae, post eos omnes qui in hoc commentandi genere hactenus excelluerunt, ex ipsius denum G. Budaei manu scripto Lexico, magna cum dictionum tum elocutionum accessione auctus, & plurimis in locis restitutus.* [Geneva]: Ex Officina Ioannis Crispini, 1554.

*Lexicon Graecum et Institutiones Linguae Graecae ad sacri apparatus instructionem.* Antuerpiae: excudebat Christophorus Plantinus Prototypographus Regius, 1572.

*Lexicon Graecum.* Basileae: apud Ioannem Walder, 1539.

*Machado, Diogo Barbosa (1965-1967). Bibliotheca Lusitana, historica, critica e cronologica: na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras,*

*que compuzeraõ desde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo presente.*  
Coimbra: Atlântida.

*Suidas*. Basileae: apud Hieronymum Frobenium et Nicolaum Episcopium, 1544.

## C. ESTUDOS

Albuquerque, Maria Manuela Barroso de (1986). “O conhecimento das Obras de Aristófanes em Portugal no séc. XVI. Edições Quinhentistas das Comédias na Biblioteca Nacional de Lisboa”. *Euphrosyne*, 14, pp. 157-164.

Alçada, João Nuno (2003). *Por ser cousa Nova em Portugal*. Coimbra: Angelus Novus.

Almeida, Fortunato de (1968-1971). *História da Igreja em Portugal*. 4 vols. Nova edição por Damião Peres. Porto – Lisboa: Livraria Civilização.

Almeida, Isabel (2004). “Morreram primeiro que nascessem. A propósito de livros perdidos: o caso do *Diálogo da parvoíce*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos”, *Românica*, 13, 53-90.

Almeida, Isabel (2005). “*Aulegrafia*: «rascunho da vida cortesã», «largo discurso da cortesia vulgar»”, *Peninsula. Revista de Estudos Ibéricos*, 2, pp. 201- 218.

Almeida, Maria João (1989). *Feira*. Lisboa: Quimera.

Anastácio, Vanda (2003). “Nota Breve acerca de *El Rei Seleuco*”, *Santa Barbara Portuguese Studies*, vol. 7, pp. 213-220.

Anastácio, Vanda (2005). “*El Rei Seleuco*, 1645. (Reflexões sobre o «corpus» da obra de Camões”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 2, pp. 327-342.

Anselmo, Artur (1987). “O Livro Português ao Serviço do Humanismo”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, 23, pp. 359-372.

Anselmo, Artur (1988). “A tipografia ao serviço do Humanismo” in *O Humanismo Português 1500-1600. Primeiro Simpósio Nacional*. Lisboa: Academia das Ciências, pp. 463-473.

- Asensio, Eugenio (1951). "Prologo" in Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comedia Eufrosina: texto de la edicion Principe de 1555 con las variantes de 1561 y 1566* (edición, prólogo y notas de Eugenio Asensio). Madrid: Instituto Miguel de Cervantes, pp. vii-xciii.
- Asensio, Eugenio (1974). *Estudios Portugueses*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português.
- Asensio, Eugenio (1991). "Gil Vicente y su deuda con el humanismo: Luciano, Erasmo, Beroaldo" in *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa: Difel, pp. 277-299.
- Asensio, Eugenio (2000). *El Erasmismo y las Corrientes Espirituales Afines. Conversos, Franciscanos, Italianizantes. Con algunas adiciones y notas del autor. Carta prólogo de Marcel Bataillon*. Salamanca: Sociedad Española de Historia del Libro. Sociedad de Estudios Medievales y Renacentistas.
- Bataillon, Marcel (1966). *Erasmo y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo xvi*. Tradução de Antonio Alatorre. México, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. [2ª edición en español, corregida y aumentada].
- Bataillon, Marcel (1974). *Études sur le Portugal au Temps de l'Humanism*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português.
- Bedouelle, Guy (2008). "Attacks on the Biblical Humanism of Jacques Lefèvre d'Étaples" in Erika Rummel (ed.), *Biblical Humanism and Scholasticism in the Age of Erasmus*. Leiden, Boston: Brill: pp. 117-141.
- Beer, C. Suignard (2013). *La rivalité amoureuse entre père et fils sur la scène française du XVII<sup>e</sup> siècle : un schème transgénérique (1631-1685)*. Paris: Université de Paris-Sorbonne.
- Bell, Aubrey F. G. (1914). *Studies in Portuguese Literature*. Oxford: B. H. Blackwell.
- Bernardes, José Augusto Cardoso (2003). *Revisões de Gil Vicente*. Coimbra: Angelus Novus.
- Berti, Ernesto (1987). "Alla scuola di Manuele Crisolora. Lettura e commento di Luciano", *Rinascimento*, 27, pp. 3-73.

- Berti, Ernesto (1988). “Alle origini della fortuna di Luciano nell’ Europa occidentale”, *Studi Classici e Orientali*, 37, pp. 303-351.
- Boaventura, Frei Fortunato de (1823). “Do começo, progressos, e decadencia da Literatura Grega em Portugal desde o estabelecimento da Monarquia até o reinado do Senhor D. José I” in *Historia e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo VIII, Parte I. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, pp. 1-55.
- Bompaire, Jacques (1958). *Lucien écrivain: imitation et création*. Paris: E. de Boccard.
- Boparai, Jaspreet Singh (2014). “Politian’s Translation of Callimachus’s ‘Bath of Pallas’ in the *Miscellanea* (1489)”, *Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée*, vol. 41, n. 4, pp. 369-388.
- Botley, Paul (2004). *Latin Translation in the Renaissance. The Theory and Practice of Leonardo Bruni, Giannozzo Manetti and Desiderius Erasmus*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Botley, Paul (2010). *Learning Greek in Western Europe, 1396-1529: Grammars, Lexica, and Classroom Texts*. Philadelphia: American Philosophical Society.
- Botley, Paul (2014). “Three Very Different Translators: Joseph Scaliger, Isaac Casaubon and Richard Thomson”, *Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée*, vol. 41, n. 4, pp. 477-491.
- Brandão, Mário (1941). *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*. Publicadas por Mário Brandão, vol. 1. Coimbra: Publicações do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra.
- Brandão, Mário (1944). *O Processo na Inquisição de Mestre João da Costa*. Coimbra: Publicações do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra.
- Brandão, Mário (1948). *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes. Vol. I*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Brandão, Mário (1969). *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes. Vol. II*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

- Brásio, António (1981). “O Colégio da Costa e seus estudos universitários”, *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada. Actas*, vol. III, Guimarães, pp. 555-565.
- Braz, José Gomes (1942). *Contribuição para o estudo do Humanismo em Portugal. Algumas considerações sobre a obra do humanista Jorge Coelho* [tese de licenciatura] Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Buescu, Ana Isabel (1999). “Cultura impressa e cultura manuscrita em Portugal na época moderna: uma sondagem”, *Penélope*, 21, pp. 11-32.
- Buescu, Ana Isabel (2007). *Catarina de Áustria (1507 – 1578). Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Buescu, Ana Isabel (2010). “D. João III e D. Miguel da Silva, bispo de Viseu: novas razões para um ódio velho”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 10, tomo I, pp. 141-168.
- Buescu, Ana Isabel (2012). *D. João III (1502-1557)*. Lisboa: Círculo de Leitores, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa [8.<sup>a</sup> ed.].
- Buescu, Ana Isabel (2016). *A livraria renascentista de D. Teodósio I, duque de Bragança*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- Cabral, Luís e Maria Adelaide Meireles (1998). *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. s/l: Edições Inapa.
- Carita, Rui (1987). “O Estabelecimento do Colégio Jesuíta da Ilha Terceira em 1570 Segundo um Manuscrito do Século XVIII”, *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 45, pp. 409-444.
- Carvalho, Hélder, Roger Lee de Jesus (2017). “The Portuguese participation in the conquest of Tunis (1535): a social and military reassessment” in Enrique García Hernán y Davide Maffi (eds.), *Estudios sobre Guerra y Sociedad en la Monarquía Hispánica. Guerra marítima, estrategia, organización y cultura militar (1500-1700)*. Valencia: Albatros Ediciones, pp. 169-187.
- Carvalho, Joaquim Teixeira de (1921). *A Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Estudo dos seus catálogos, livros de música e coro, incunábulo, raridades*



*bibliográficas, ex-libris e curiosidades históricas.* Coimbra: Imprensa da Universidade.

Carvalho, Joaquim Teixeira de (1982). *Obra Completa III, Tomo II: História da Cultura.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Carvalho, Joaquim Teixeira de (1983). *Obra Completa IV, Tomo II: História da Cultura*

Carvalho, Joaquim Teixeira de (1987). *Obra Completa V. História e Crítica Literárias. História da Ciência.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Carvalho, Joaquim Teixeira de (1989). *Obra Completa. VI: História das Instituições e Pensamento Político (1930-c.1957).* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Carvalho, Joaquim Teixeira de (1992). *Obra Completa. VII: Escritos sobre a Universidade de Coimbra (1919-1942).* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Carvalho, Rómulo de (2011). *História do Ensino em Portugal. Desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [5ª. edição]

Cast, David (1974). “Aurispia, Petrarch, and Lucian: An Aspect of Renaissance Translation”, *Renaissance Quarterly*, vol. 27, n.º 2, pp. 157-173.

Castro, Aníbal Pinto de (1997a). “Retórica” in *História da Universidade em Portugal*, 2 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 723-734.

Castro, Aníbal Pinto de (1997b). “A Livraria da Universidade” in *História da Universidade em Portugal*, 2 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 883-894

Castro, Joaquim Mendes de (1991). *D. Jerónimo Osório, Tradutor da Ilíada?* Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Cerejeira, M. Gonçalves (1974). *O Renascimento em Portugal. I: Clenardo e a Sociedade Portuguesa (com a tradução das suas principais cartas).* Coimbra: Coimbra Editora [4ª. edição revista].

Cerejeira, M. Gonçalves (1975). *O Renascimento em Portugal. II: Clenardo: o Humanismo. A Reforma.* Coimbra: Coimbra Editora.

- Ciccolella, Federica, Luigi Silvano (2017). “Preface” in Federica Ciccolella, Luigi Silvano (ed.), *Teachers, Students, and Schools of Greek in the Renaissance*. Leiden, Boston: Brill, pp. ix-xii.
- Cid, Isabel (1997). “A Fundação da Universidade de Évora” in *História da Universidade em Portugal*, 2 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 395-402.
- Cidade, Hernâni (1971). *Luís de Camões*. Lisboa: Arcádia.
- Coelho, Maria Helena da Cruz (1984). “Receitas e Despesas do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1534-1535”, *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. 6, pp. 375-459.
- Copeland, Rita (1991). *Rhetoric, Hermeneutics, and Translation in the Middle Ages: academic traditions and vernacular texts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Coroleu, Alejandro (2008). “Anti-Erasmianism in Spain”, in Erika Rummel (ed.), *Biblical Humanism and Scholasticism in the Age of Erasmus*. Leiden, Boston: Brill: pp. 73-92.
- Costa, Avelino de Jesus da (1984). *A biblioteca e o tesouro da Sé de Braga nos séculos XV a XVIII*. Braga: Diário do Minho.
- Crespo, Hugo Miguel (2011). “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes alias Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). Em torno da guarda-roupa, livraria e mantearia do rei”, *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 10-11, pp. 587-688.
- Crespo, Hugo Miguel (2013). “André de Resende na Inquisição de Évora e a apologética anti-judaica: ciência teológica, doutrina e castigo (1541). Um autógrafo inédito. Novos documentos para as biografias de André de Resende e Jorge Coelho.” in António Andrade, João Torrão et alii, (coord.), *Humanismo, Diáspora e Ciência (séculos XVI e XVII): Estudos, Catálogo, Exposição*. Porto: Biblioteca Pública e Municipal do Porto, pp. 151-212.
- Curto, Diogo Ramada (2001-2002). “A história do livro em Portugal: uma agenda em aberto”, *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional. O livro antigo em Portugal e Espanha, séculos XVI-XVII*, n.ºs 9-10, pp. 13-61.

- Deligiannis, Ioannis (2017). “Production et diffusion des traductions latines de Lucien à la période de la fin du manuscrit et des débuts de l’imprimé (fin XV<sup>e</sup> siècle – fin XVI<sup>e</sup> siècle), *Astérion. Philosophie, histoire des idées, pensée politique*, n. ° 16 (*Traductions vers le latin au XVIe siècle*), pp. 1-25.
- Deswarte, Sylvie (1989). *Il “Perfetto Cortegiano” D. Miguel da Silva*. Roma: Bulzoni Editore
- Dias, José Sebastião da Silva (1953). *Portugal e a Cultura Europeia (sécs. XVI a XVIII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Dias, José Sebastião da Silva (1969). *A Política Cultural da época de D. João III*. 2 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Dirven, Lucinda (1997). “The author of *De Dea Syria* and his cultural heritage”, *Numen*, vol. 44, pp. 153-179.
- Donaldson, Malcolm Drew (1996). *A Translation of Jerome’s Chronicon with Historical Commentary*. Lewiston – Queenston – Lampeter: Mellen University Press.
- Earle, T. F. (2008). “Introdução” e “Comentário” in António Ferreira, *Poemas Lusitanos* (edição crítica, introdução e comentário de T. F. Earle). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 7-43, 479-643.
- Farge, James K. (2008). “Noël Beda and the Defense of the Tradition” in E. Rummel (ed.), *Biblical Humanism and Scholasticism in the Age of Erasmus*. Leiden, Boston: Brill, pp. 143-164.
- Fernández Sánchez, María Manuela e José Antonio Sabio Pinilla (2003). “El Humanismo renacentista y la traducción en Portugal en los siglos XVI y XVII” in José Antonio Sabio Pinilla e Maria Dolores Valencia (eds.), *Seis Estudios sobre la Traducción en los siglos XVI y XVII (España, Francia, Italia, Portugal)*. Granada: Editorial Comares.
- Ferreira, Francisco Leitão (1944). *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra. Segunda Parte, que comprehende os anos que discorrem desde principios do de 1548 até o de 1551*. Volume III (Tomo I). Edição publicada, revista e anotada por Joaquim de Carvalho. Coimbra: Universidade de Coimbra.

- Fouto, Catarina Barceló (2012). “Diogo de Teive’s *Institutio Sebastiani Primi* and the reception of Erasmus’ works in Portugal”, in Maria Berbara, Karl A. E. Enenkel (eds.) *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*. Leiden, Boston: Brill, pp. 129-148.
- Goldhill, Simon (2002). “Learning Greek is heresy! Resisting Erasmus” in *Who Needs Greek? Contests in the Cultural History of Hellenism*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 14-59.
- Gomes, Saul António (2000). “A religião dos clérigos: vivências espirituais, elaboração doutrinal e transmissão cultural in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *História Religiosa de Portugal, Vol. 1: Formação e Limites da Cristandade*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 339-421.
- González Rolán, T., A. Moreno Hernández e P. Saquero Suárez-Somonte (2000). *Humanismo y Teoría de la Traducción en España e Italia en la primera mitad del siglo XV. Edición y Estudio de la Controversia Alphonsiana (Alfonso de Cartagena vs. L. Bruni y P. Candido Decembrio)*. Madrid: Ediciones Clásicas.
- Grigoriadu, Teodora (2007). “La traducción castellana de Juan de Aguilar Villaquirán en su contexto de versiones del *corpus lucianeum*: «Las obras de Luciano Samosatense...» (Biblioteca Menéndez Pelayo, Santander: ms 55)”, in Consolación Baranda y Ana Vian Herrero (eds.), *Letras Humanas y conflictos del saber: la Filología como instrumento a través de las edades*, Madrid: Instituto Universitario Menéndez Pidal-Editorial Complutense, pp. 325-344.
- Grigoriadu, Teodora (2010). “*La obra de Luciano Samosatense, Orador y Filósofo Excelente*” *Manuscrito 55 de la Biblioteca Menéndez y Pelayo: edición y estudio*. Madrid [Dissertação de Doutoramento. Universidad Complutense de Madrid].
- Hart, Thomas R. (2003). “O *Diálogo de Mercurio y Carón* e o *Auto da Barca do Inferno*”, in Maria João Brilhante, J. Camões, H. R. Silva, C. Almeida Ribeiro (orgs.), *Gil Vicente 500 Anos Depois. Actas do Congresso Internacional realizado pelo Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 217-226.

- Hirsch, Elisabeth Feist (1987). *Damião de Góis*. Tradução de Lia Correia Raitt. Prefácio de J. de Pina Martins. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hosington, Brenda M. (2009). “‘Compluria opuscula longe festivissima’: Translations of Lucian in Renaissance England”, in Dirk Sacré, Jan Papy, *Syntagmatia: Essays on Neo-Latin Literature in Honour of Monique Mund-Dopchie and Gilbert Tournoy*. Leuven: Leuven University Press, pp. 187-205.
- Humble, Noreen (2017). “Translating Ancient Greek: Jacob Kauffmann and Xenophon’s *Cyropaedia*”, *Mediterranean Chronicle*, vol. 7, pp. 171-185.
- Kamen, Henry (1985). *La Inquisición Española*. Traducción castellana de Gabriela Zayas. Barcelona: Editorial Crítica.
- Kennedy, Ruth Lee (1940). “The Theme of «Stratonice» in the Drama of the Spanish Peninsula”, *Publications of the Modern Language Association of America* 55, pp. 1010-1032.
- Lauvergnat-Gagnière, Christiane (1988). *Lucien de Samosate et le Lucianisme en France au XVI<sup>e</sup> siècle. Athéisme et Polémique*. Genève: Librairie Droz.
- Lightfoot, J. L. (2003). “Introduction” in Lucian, *On the Syrian Goddess*. Edited with Introduction, Translation, and Commentary by J. L. Lightfoot. Oxford: Oxford University Press, pp. 1-246.
- Ligota, Christopher e Letizia Panizza (2007). “Introduction” in Christopher Ligota, Letizia Panizza (eds.), *Lucian of Samosata Vivus et Redivivus. Warburg Institute Colloquia, 10*. London, Turin: The Warburg Institute - Nino Aragno Editore, pp. 1-16.
- López Rueda, Jose (1973). *Helenistas Españoles del Siglo XVI*. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija.
- Madahil, António Gomes da Rocha (1942). “Inventário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra à data da sua extinção em 1834”, *O Instituto*, 101, Coimbra: Gráfica de Coimbra, pp. 445-573.
- Maestre Maestre, José María (1997). “La edición crítica de textos latinos humanísticos. I”, in José María Maestre Maestre, Joaquín Pascual Barea, Luis Charlo Brea (eds.)

*Humanismo y Pervivencia del Mundo Clásico. Homenaje al Profesor Luis Gil*. Cádiz: Universidad, Servicio de Publicaciones, pp. 1051-1106.

Maestre Maestre, José María (2002a). “La adscripción a Portugal de Juan Ginés de Sepúlveda en el *Ciceronianus* de Erasmo: ¿*lapsus* o error deliberado?” in *Cataldo e André de Resende. Congresso Internacional do Humanismo Português. Coimbra – Lisboa – Évora, 25 a 28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, pp. 123-162.

Maestre Maestre, José María (2002b). “Humanismo y censura: en torno al *Opus de rebus Hispaniae memorabilibus* de Lucio Marineo Sículo” in José. F. González Castro y J. Luis Vidal (ed.), *Actas del X Congreso Español de Estudios Clásicos (21-25 de septiembre de 1999). Volumen III: Historia antigua, Humanismo, Tradición Clásica, Didáctica, Instrumenta Studiorum*. Madrid: Sociedad Española de Estudios Clásicos, pp. 213-264.

Maier, Ida (1966). *Ange Politien. La Formation d'un Poète Humaniste (1469-1480)*. Genève: Librairie Droz.

Marcocci, Giuseppe, José Pedro Paiva (2016). *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*. Lisboa: A Esfera dos Livros [2ª. ed.].

Marques, José (2003). “A Universidade de Salamanca e o Norte de Portugal, nos séculos XV-XVII”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 0, pp. 87-105.

Marsh, David (1998). *Lucian and the Latins. Humor and Humanism in the Early Renaissance*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

Martins, Armando Senra (2019). “Jorge Coelho e a tradução de Luciano, *De dea Syria*” in Cristina Pimentel, S. Tavares de Pinho et alii (eds.) *O Humanismo Português e Europeu. No 5º centenário do Cicero Lusitanus: Dom Jerónimo Osório (1515-1580)*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra (no prelo).

Martins, Isaltina das Dores Figueiredo (1974). *O Poema De Patientia Christiana de Jorge Coelho*. Coimbra [Dissertação de Licenciatura em Filologia Clássica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

- Martins, Mário (1969). *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte. Vol. 1: Da Destemporalização Medieval até ao Cancioneiro Geral e a Gil Vicente*. Braga: Livraria Cruz.
- Martins, J. V. de Pina (1973). *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do século XVI. Estudo e Textos*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro Cultural Português.
- Martins, J. V. de Pina (1981). “Introduction” in André de Resende, *Vicentius Leuita et Martyr*. Reproduction en fac-similé de l’édition de Luís Rodrigues, Lisbonne, 1545. Introduction par José V. de Pina Martins. Paris: Centre de Recherches sur le Portugal de la Renaissance, pp. 13-131.
- Martins, J. V. de Pina (1987). “Introdução” in *Erasmo na Biblioteca Nacional. Século XVI*. Introdução e notas bibliográficas por José V. de Pina Martins. Descrição catalográfica por Maria Emília Lavoura. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Martyn, John R. C. (1993). “Clenardo, Resende and Erasmus”, *Euphrosyne*, 21, pp. 375-385.
- Matos, Luís de (1956). *A Corte Literária dos Duques de Bragança no Renascimento. Conferência proferida no Paço Ducal de Vila Viçosa, em 15 de Outubro de 1955*. Bragança: Fundação da Casa de Bragança.
- Matos, Luís de (1963). “Das relações entre Erasmo e os Portugueses”, *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. 4, n.º 1 (Janeiro – Março). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 241-251.
- Matos, Luís de (1988). “O ensino na corte durante a Dinastia de Avis” in *O Humanismo Português 1500-1600. Primeiro Simpósio Nacional*. Lisboa: Academia das Ciências, pp. 499-592.
- Matos, Manuel Cadafaz de (1995). “Incunábulo italiano em Portugal no reinado de D. João II. Para um estudo das tipologias de «marcas de posse»”, in *Amar, Sentir e Viver a História – Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 811-835.

- Matos, Manuel Cadafaz de (2001). “Erasmus e os índices inquisitoriais portugueses no século XVI”, in A. Polónia (ed.), *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, vol. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 129-146.
- Mattioli, Emilio (1980). *Luciano e l’Umanesimo*. Napoli: Instituto Italiano per gli Studi Storici.
- Meirinhos, José (2006). “Editores, Livros e Leitores em Portugal no século XVI. A colecção de impressos portugueses na BPMP” in *Tipografia Portuguesa do séc. XVI nas Coleções da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, pp. 17-34.
- Nascimento, Aires A. (1995). “Introdução” in S. Jerónimo, *Carta a Pamáquio, Sobre os problemas da tradução Ep. 57*. Introdução, revisão de edição, tradução e notas de Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Cosmos, pp. 9-54.
- Nascimento, Aires A. (2008). “Para um ‘Corpus Codicum Graecorum Hispanorum’: uma pequena colecção olissiponense”, *Euphrosyne*, 36, pp. 349-365.
- Nascimento, Aires A. (2012). *Ler contra o Tempo: condições dos textos na cultura portuguesa (recolha de estudos em Hora de Vésperas)*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos.
- Norte, Armando e André de Oliveira Leitão (2016). “A mobilidade dos escolares portugueses: a *peregrinatio academica* entre os séculos XII e XV”, *Lusitania Sacra*, 33, pp. 43-98.
- Norton, F. J. (1978). “Printing in Portugal. Introduction” in *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal 1501-1520*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 489-503.
- Nuti, Erika (2012). “Reconsidering Renaissance Greek Grammars through the Case of Chrysoloras’ *Erotemata*”, *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, 52, pp. 240-268.
- Oliveira, António de (1964). “A livraria de um teólogo do século XVI”, Separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. 27, pp. 5-49.



- Osório, Jorge Alves (1978). *O Humanismo Português e Erasmo. Os Colóquios de Erasmo editados em Coimbra no século XVI. Estudo e apresentação crítica do texto*. Porto [Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto].
- Osório, Jorge Alves (2001) “Plutarco revisitado por João de Barros”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 3, pp. 139-155.
- Pade, Marianne (2014). “‘I give you back Plutarch in Latin’: GuarinoVeronese’s version of Plutarch’s *Dion* (1414) and Early Humanist Translation”, *Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée*, vol. 41, n. 4, pp. 354-368.
- Pade, Marianne (2016). “Translating Thucydides: the metadiscourse of Italian humanist translators”, *Renaissanceforum. Journal of Renaissance Studies*, 11, pp. 1-22.
- Pade, Marianne (2018). “Greek into Humanist Latin: Foreignizing vs. domesticating translation in the Italian Quattrocento”, *Renaissanceforum. Journal of Renaissance Studies*, 14, pp. 1-23.
- Palla, Maria José (1992). “O parvo e o mundo às avessas em Gil Vicente – algumas reflexões” in *Temas Vicentinos. Actas do Colóquio em torno da obra de Gil Vicente*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, pp. 87-94.
- Panizza, Letizia (2007). “Vernacular Lucian in Renaissance Italy” in Christopher Ligota, Letizia Panizza (eds.), *Lucian of Samosata Vivus et Redivivus. Warburg Institute Colloquia, 10*. London, Turin: The Warburg Institute - Nino Aragno Editore, pp. 71-114.
- Pereira, Belmiro Fernandes (1995). “Duas bibliotecas humanísticas: alguns livros doados à Cartuxa de Évora por Diogo Mendes de Vasconcelos e por D. Teotónio de Bragança”, *Humanitas*, 47, pp. 845-860.
- Pereira, Isaías da Rosa (1975). “O Processo de Damião de Góis na Inquisição de Lisboa (4 de Abril de 1571 – 16 de Dezembro de 1572)”, *Anais*, II série, vol. 23, tomo I, pp. 119-156.

- Pereira, Isaías da Rosa (1987). *Documentos para a História da Inquisição em Portugal (Século XVI)*. Volume I. Lisboa.
- Pereira, Maria Helena da Rocha (1972). *Temas clássicos na poesia portuguesa*. Lisboa: Verbo.
- Paiva, José Pedro (2007). “Um príncipe na diocese de Évora: o governo episcopal do cardeal infante D. Afonso (1523-1540), *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 7, pp. 127-174.
- Pereira, Virgínia Soares (2000). “Estudo Introdutório” in André de Resende, *Aegidius Scallabitanus. Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*. Estudo Introdutório, edição crítica, tradução e notas de Virgínia Soares Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 19-276.
- Picchio, Luciana Stegagno (1982). “Le Diable et l’Enfer dans l’œuvre théâtrale de Gil Vicente”, *La Méthode Philologique. Écrits sur la Littérature Portugaise II: La Prose et le Théâtre*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, pp. 137-164.
- Picchio, Luciana Stegagno (1992). “O Purgatório de Gil Vicente: estado ou lugar?” in *Temas Vicentinos. Actas do Colóquio em torno da obra de Gil Vicente*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, pp. 159-173.
- Pinho, Sebastião Tavares de (1988). “Dois epigramas de Jorge Coelho dedicados a Francisco de Holanda”, *Boletim de Estudos Clássicos*, n.º 9, pp. 97-99.
- Pinho, Sebastião Tavares de (1995). “Jorge Coelho” in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, São Paulo: Editorial Verbo, pp. 1186-1187.
- Pinho, Sebastião Tavares de (2006). *Humanismo em Portugal*, 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pinho, Sebastião Tavares de (2007). “O poema *Consecratio* de Jorge Coelho e a origem da palavra *Lusíadas*” in Sebastião Tavares de Pinho, *Decalogia Camoniana*, Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, pp. 7-35.

- Pinho, Sebastião Tavares de e Walter de Medeiros (2013). “Introdução” in Aires Barbosa, *Obra Poética*. Fixação do Texto Latino, Introdução, Tradução, Notas e Comentários de Sebastião Tavares de Pinho e Walter de Medeiros. Coimbra, pp. 5-96.
- Pinto, Carla Alferes (1998). *A Infanta Dona Maria de Portugal (1521-1577). O mecenato de uma princesa renascentista*. Fundação Oriente.
- Pociña López, Andrés José (2006). *Gil Vicente y las Naves de los Locos*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones.
- Polónia, Amélia (2009). *D. Henrique. O Cardeal – Rei*. Rio de Mouro: Temas e Debates.
- Queirós, Abílio (2007). “Catálogo de pergaminhos do Mosteiro de S. Jorge de Coimbra (1264-1587)”, *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. 23-24, pp. 9-85.
- Quintela, Paulo (2001). *Obras Completas. Volume V: Gil Vicente e Teatro Vário*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raisch, Jane (2016). “Humanism and Hellenism: Lucian and the Afterlives of Greek in More’s *Utopia*”, *ELH*, vol. 83, n. 4, pp. 927-958.
- Rallo Gruss, Asunción (2003). *Erasmus y la prosa renacentista española*. Madrid: Ediciones del Laberinto.
- Ramalho, Américo da Costa (1969). *Estudos sobre a época do Renascimento*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura.
- Ramalho, Américo da Costa (1983). *Estudos sobre o século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda [2ª ed. aumentada].
- Ramalho, Américo da Costa (1988). *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. I. Coimbra: Instituto nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Ramalho, Américo da Costa (1994). *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. II. Coimbra: Instituto nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Ramalho, Américo da Costa (1998a). *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Ramalho, Américo da Costa (1998b). “Jorge Coelho” in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Edição Século XXI, vol. 7. Lisboa, São Paulo: Editorial Verbo, pp. 310-311.
- Ramos, Luís A. de Oliveira (1997). “A Universidade de Coimbra” in *História da Universidade em Portugal*, 2 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 361-393.
- Rebelo, António Manuel Ribeiro (1987-1988). “A problemática da tradução- imitação em duas elegias de António Ferreira”, *Humanitas* 39-40, pp. 233-266.
- Reckert, Stephen (1983). *Espírito e Letra de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Redondo Pérez, Germán (2016). *Imitación y traducción de Luciano en dos escritores áureos: Bartolomé Leonardo de Argensola y Sancho Bravo de Lagunas (ediciones críticas y estudios)*. Madrid [Dissertação de Doutoramento. Universidad Complutense de Madrid].
- Rego, Raul (1971). *O processo de Damião de Goes na Inquisição*. Actualização ortográfica, pontuação, revisão, prefácio e notas de Raul Rêgo. Lisboa: Excelsior.
- Resende, Maria Luísa (2017a). “From the Manuscript to the Printed Version: Investigating the Process of Self-Censorship in Jorge Coelho’s Latin Translation of *De Dea Syria*”, *Mediterranean Chronicle*, vol. 7, pp. 235-245.
- Resende, Maria Luísa (2017b). “Leituras renascentistas de Luciano: o prólogo da *Comédia Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos” in Cristina Pimentel, Paula Morão (eds.) *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura. Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Campo da Comunicação, pp. 25-35.
- Resende, Maria Luísa (2018a). “Fontes gregas da *Comédia Eufrosina*: o contributo de Erasmo”, *Limite. Revista de Estudios Portuguese y de la Lusofonía*, nº. 12.1, pp. 57-73.
- Resende, Maria Luísa (2018b). “O Tema de Antíoco e Seleuco na Tradução Latina do *De Dea Syria* de Jorge Coelho”, *eClassica*, 4, pp. 84-93.

- Resende, Maria Luísa (2019). “A tradução portuguesa da *Ilíada* atribuída a D. Jerónimo Osório: considerações sobre a sua datação e autoria”, in Cristina Pimentel, S. Tavares de Pinho et alii (eds.) *O Humanismo Português e Europeu. No 5º centenário do Cicero Lusitanus: Dom Jerónimo Osório (1515-1580)*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra (no prelo).
- Révah, I. S. (1960). *La censure inquisitoriale portugaise au XVIe siècle. Étude accompagnée de la reproduction en fac-simile des Index*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- Robinson, Christopher (1969). “Introduction” in *Opera Omnia Desiderii Erasmi Roterodami. Recognita et Adnotatione Critica Instructa Notisque Illustrata. Ordinis Primi. Tomus Primus*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, pp. 363-378.
- Robinson, Christopher (1979). *Lucian and his influence in Europe*. London: Duckworth.
- Rodríguez-Moranta, Inmaculada (2012). “La sátira erasmiana en el *Diálogo de Mercurio y Carón* de Alfonso de Valdés”, *Lemir*, n.º 16, pp. 349-368.
- Rodrigues, Manuel Augusto (1981). “Teologia e Humanismo no Colégio da Costa de Guimarães”, *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada. Actas*, vol. III, Guimarães, pp. 583-600.
- Rodrigues, Maria Idalina (1981). “O Teatro no Teatro: a propósito de *El-Rei Seleuco* e de outros autos quinhentistas”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, n.º 16, pp. 469-485.
- Rodrigues, Maria Idalina Resina (1987). “O Auto d’El-Rei Seleuco: oportunidade e sentido de um trabalho dramático”, *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*, São Paulo, pp. 399-418.
- Rodríguez Alfageme, Ignacio (2015). “Las traducciones de Luciano, *Tragopodagra*, debidas a Andrés Laguna”, *eHumanista*, 29, pp. 261-289.
- Rodrigues, Paulo Simões (2012). “A muralha, o templo e o aqueduto na tradição de Sertório construtor da Évora romana (sécs. XVI-XIX)”, in Francisco Oliveira, Jorge Oliveira e Manuel Patrício, *Espaços e Paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas*. vol. 3: *História, Arqueologia e Arte*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 255-263.

- Rosa, Teresa Maria Rodrigues da Fonseca (2015). *Monumenta Historica. O Ensino e a Companhia de Jesus (séculos XVI a XVIII)*. Volume I (1540-1580). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Rubinstein, Alice Levine (1983). “Imitation and Style in Angelo Poliziano’s *Iliad* Translation”, *Renaissance Quarterly*, vol. 36, n. 1, pp. 48-70.
- Rummel, Erika (2000). *The Confessionalization of Humanism in Reformation Germany*. Oxford: Oxford University Press.
- Rummel, Erika (2012). *Erasmus as a Translator of the Classics*. Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press.
- Sá, Artur Moreira de (1956). “Introdução” in André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio pro Rostris)*. Tradução de Miguel Pinto de Meneses. Introdução e notas de A. Moreira de Sá. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, pp. xi-xliii.
- Sá, Artur Moreira de (1977a). “Contribuição para o estudo de Erasmo em Portugal: I. Edições quinhentistas erasmianas na Biblioteca Nacional de Lisboa”, *Arquivos do Centro Cultural Português* XI, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 329-416.
- Sá, Artur Moreira de (1977b). *De Re Erasmiana. Aspectos do Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.
- Sá, Artur Moreira de (1977c). “Livros de uso de Frei Diogo de Murça”, Separata do *Boletim da Universidade de Coimbra*, vol. 33.
- Sá, Artur Moreira de (1979). *Três Estudos sobre Erasmo*, Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Direcção-Geral do Património Cultural.
- Sá, Artur Moreira de (1981). “A Universidade Vimarense do Século XVI (1537-1550)”, *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada. Actas*, vol. III, Guimarães, pp. 567-581.
- Sá, Artur Moreira de (1982). *A Universidade de Guimarães no século XVI (1537-1550)*. Paris.

- Sá, Artur Moreira de (1983a) *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI* (apresentação, estudo introdutório e reprodução fac-similada dos índices por Artur Moreira de Sá). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Sá, Artur Moreira de (1983b). *Humanistas Portugueses em Itália. Subsídios para o estudo de Frei Gomes de Lisboa, dos dois Luíses Teixeiras, de João de Barros e de Henrique Caiado*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Sabio Pinilla, José Antonio e María Manuela Fernández Sánchez (1998). *O Discurso sobre a Tradução em Portugal. O proveito, o ensino e a crítica. Antologia (c. 1429-1818)*. Lisboa: Edições Colibri.
- Saladin, Jean-Christophe (2004). *La Bataille du Grec à la Renaissance*. Paris: Les Belles Lettres.
- Sales, João Nuno (1991). *Frágua*. Lisboa: Quimera.
- Sousa, António Caetano de (1946-1954). *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Coimbra: Atlântida.
- Sousa, Bernardo Vasconcelos e (2016) (dir.) [3.<sup>a</sup> edição revista e ampliada]. *Ordens religiosas em Portugal: das origens a Trento – Guia Histórico*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sánchez Salor, Eustáquio (2002). “Nebrija contra Pastrana en el Portugal de 1500” in *Cataldo e André de Resende. Congresso Internacional do Humanismo Português. Coimbra – Lisboa – Évora. 25 a 28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, pp. 185-206.
- Sánchez Salor, Eustáquio (2006). “El Gramático Humanista Cavaleiro. Su *Grammatices Ars*”, *Humanitas*, 58, pp. 273-290.
- Santos, Cândido dos (1996). *Os Jerónimos em Portugal. Das Origens aos Fins do Século XVI*. Porto: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica [2.<sup>a</sup> ed.]
- Saraiva, António José (2000). *História da Cultura em Portugal. vol. I: Renascimento e Contra-Reforma*. Lisboa: Gradiva.

- Saraiva, António José (1967). *Para a História da Cultura em Portugal*, vol. 2. Porto: Publicações Europa-América.
- Sauvage, Odette (1971). *L'itinéraire érasmien d'André de Resende (1500-1573)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português.
- Serés, Guillermo (1997). *La Traducción en Italia y España durante el siglo XV. La «Ilíada en Romance» y su contexto cultural*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Serrão, Adriana Veríssimo (1973). “O pensamento político de Lourenço de Cáceres”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, n.º 15, pp. 351-386.
- Serrão, Joaquim Veríssimo (1962). *Portugueses no Estudo de Salamanca. I: 1250-1550*. Lisboa.
- Sidwell, K. C. (1975). *Lucian of Samosata in the Italian Quattrocento*. Cambridge [PhD dissertation. Cambridge University].
- Sidwell, K. C. (2017). “Step by Step and even Verse: Translation of Lucian as a Tool for Greek Learning in the Early Modern Period”, *Mediterranean Chronicle*, vol. 7, pp. 247-267.
- Silva, Maria de Fátima (2004). “Tradição Clássica no Auto de Camões *El-Rei Seleuco*”, *Humanitas*, 56, pp. 461-484.
- Soares, Luís Ribeiro (2000). *Pedro Margalho*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Sottomayor, Ana Paula Quintela Ferreira (1971). “Carta-Dedicatória de Erasmo a D. João III”, *Revista da Faculdade de Letras: História*, pp. 209-224.
- Sowards, J. K. (1958). “Erasmus and the Apologetic Textbook: A Study of the *De Duplici Copia Verborum ac Rerum*”, *Studies in Philology*, vol. 55, n. 2, pp. 122-135.
- Suárez, José I. (1993). *The Carnival Stage. Vicentine Comedy within the Serio-Comic Mode*. Rutherford: Associated University Presses.
- Subirats, Jean (1982). *Jorge Ferreira de Vasconcelos. Visages de son oeuvre et de son temps*, 2 tomos. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.



- Tarrío, Ana María Sánchez (2000). *Formación Humanística y Poesía Romance en el Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Tese de doutoramento policopiada. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.
- Tarrío, Ana María Sánchez (2002). “Hércules e a eloquência: da literatura à ornamentação manuelina” in Aires A. Nascimento (coord.) *De Augusto a Adriano. Actas de Colóquio de Literatura Latina (Lisboa, 2000. Novembro. 29-30)*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos. Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 439-454.
- Tarrío, Ana María Sánchez (2005). “Notas sobre a biblioteca do fidalgo quinhentista J. R. Sá de Meneses”, *Euphrosyne*, 33, pp. 167-186.
- Tarrío, Ana María Sánchez (2009). *Paisagem e Erudição no Humanismo Português. João Rodrigues de Sá de Meneses. De Platano (1527-1537). Estudo introdutório, edição crítica, tradução e notas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tarrío, Ana María Sánchez (2015). *Leitores dos Clássicos. Portugal e Itália, séculos XV e XVI. Uma Geografia do Primeiro Humanismo em Portugal (com uma nota de Vincenzo Fera)*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. Centro de Estudos Clássicos.
- Teles, Maria J., M. Leonor Cruz e S. Marta Pinheiro (1984). *O Discurso Carnavalesco em Gil Vicente*. Lisboa: GEC publicações.
- Terra, José da Silva (1978). “O Humanista Português Jorge Coelho e a sua correspondência com os Cardeais Bembo e Sadoletto” in *Mélanges à la mémoire d’André Joucla-Ruau*. Aix-en-Provence: Éditions de l’Université de Provence, pp. 1133-1160.
- Teyssier, Paul (1982). *Gil Vicente – O Autor e a Obra*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Teyssier, Paul (1992). “Les Adages d’Erasmus dans le Dictionnaire Latin-Portugais de Jerónimo Cardoso” in *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. A. Costa Ramalho*, Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, pp. 127-136.
- Thompson, C. R. (1939). “The translations of Lucian by Erasmus and S. Thomas More”, *Revue belge de philologie et d’histoire*, tome 18, fasc. 4, pp. 855-881.

- Thompson, C. R. (1974). "Introduction" in St. Thomas More, *The Yale Edition of The Complete Works of St. Thomas More*, vol. 3, part I: *Translations of Lucian*. New Haven and London: Yale University Press, pp. xv-lxxii.
- Thomson, Ian (1966). "Manuel Chrysoloras and the Early Italian Renaissance", *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, 7, pp. 63-82.
- Toipa, Helena Maria Ribeiro Costa (2003). "A *ratio studiorum* do Colégio das Artes, nos primeiros anos em que esteve sob orientação da Companhia de Jesus (1555-1561), *Didaskalia*, 33, pp. 649-673.
- Torres, Amadeu (1982). *Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana. I. As Cartas Latinas de Damião de Góis: introdução, texto crítico e versão. II. Damião de Góis na Mundividência do Renascimento: análise ideológica, estético-linguística, apêndice diplomático*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português.
- Torres, Amadeu (2009). "Introdução" in Damião de Góis, *Correspondência Latina*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 5-32.
- Tranchida, Valério (1992). "O Auto da Feira: Uma Leitura", in *Temas Vicentinos. Actas do Colóquio em torno da obra de Gil Vicente*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, pp. 187-197.
- Urbano, Carlota Miranda (2008). "'Cidade dos Deuses' e 'Cidade dos Homens' numa epopeia hagiográfica neolatina. O *De Patientia Christiana* de Jorge Coelho (1540)", *Humanitas*, 60, pp. 231-245.
- Valle Rodríguez, Carlos del (2008). "Antonio Nebrija's Biblical Scholarship" in Erika Rummel (ed.) *Biblical Humanism and Scholasticism in the Age of Erasmus*. Leiden, Boston: Brill: pp. 57-72.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1905). "Lucius Andreas Resendius: inventor da palavra *Lusiadas*", *O Instituto: jornal científico e litterario*, 52, pp. 241-250.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1949). *Notas Vicentinas. Preliminares duma Edição Crítica das Obras de Gil Vicente*. Lisboa: Revista Ocidente.

- Verdelho, Telmo (1995). *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Vian Herrero, Ana (2015). “El exilio de la Virtud. Textos espurios en el corpus luciano de los siglos XV-XVI y su influencia literaria: Alberti, Vegio y sus derivados entre España e Italia”, *eHumanista*, 29, pp. 168-207.
- Viterbo, Sousa (1901). *A Livraria Real especialmente no reinado de D. Manuel: memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Typ. da Academia.
- Vives Coll, Antonio (1959). *Luciano de Samosata en España (1500-1700)*. Valladolid: Universidad de Laguna.
- Weiss, Roberto (1977). *Medieval and humanist Greek: collected essays*. Padova: Antenore.
- Wilkinson, Alexander S. (2010). “Introductory Essay: Publishing on the Iberian Peninsula at the beginning of the Golden Age, 1472-1600” in *Iberian Books. Books Published in Spanish or Portuguese or on the Iberian Peninsula before 1601*. Leiden, Boston: Brill, pp. xiv-xxiii.
- White, Georgina Frances (2015). *Copia Verborum: Cicero’s Philosophical Translations*. Princeton University [PhD Dissertation].
- Wilson, N. G. (1992). *From Byzantium to Italy. Greek studies in the Italian Renaissance*. London: Duckworth.
- Wind, Edgar (1939). “‘Hercules’ and ‘Orpheus’: Two Mock-Heroic Designs by Dürer”, *Journal of the Warburg Institute*, vol. 2, n. ° 3, pp. 206-218.
- Zappala, Michael O. (1982). “Luciano Español”, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. 31, n.° 1, pp. 25-43.
- Zappala, Michael O. (1990). *Lucian of Samosata in the Two Hesperias. An Essay in Literary and Cultural Translation*. Potomac: Scripta Humanistica.
- Zeydel, Edwin H. (1944). “Introduction” in Sebastian Brant, *The Ship of Fools*. Translated into Rhyming Couplets with Introduction and Commentary by Edwin H. Zeydel. New York: Dover Publications, pp. 1-54.



## INDEX NOMINUM

Afonso V, D. 32, 65, 76, 77, 111	Barbosa, Aires 14, 15, 70, 72, 112, 114	Camões, Luís de 101, 102, 103
Afonso, Cardeal Infante D. 14, 15, 79, 77, 111, 112	Barreiros, Gaspar 32, 70, 72	Cardoso, Jerónimo 61, 62, 70, 72, 115, 121, 140
Agrícola, Rodolfo 17	Barros, Frei Brás de 15, 41	Cartagena, Alonso de 32
Alberti, Leon Battista 26, 97, 121, 134, 135, 136, 140	Barros, João de 102, 140, 141	Carvajal, Luis de 29
Aleixo, Fr. 33, 66	Bembo, Pietro 71, 139	Castiglione, Rinuccio da 130
Almazán, Agustín 135	Beroaldo 124	Castillo, Juan del 109
Almeida, Estêvão de 112	Bertoldo 24	Cataldo Parísio Sículo 13, 14, 32
Anacreonte 17	Bevilacqua, Simon 25, 129, 130	Catarina, D. 35, 65, 131, 141
Andrada, Francisco de 14, 103	Bracciolini, Poggio 26	Cavaleiro, Estêvão 13
Apiano 97, 102	Brant, Sebastian 123, 128, 129	Cícero 13, 31, 80, 85, 86, 113, 133
Aretino, Rinucius 26	Britonio, Girolamo 70	Clenardo, Nicolau 14, 15, 16, 17, 37, 61, 67, 68, 69, 72, 74, 114, 121
Aristófanés 18, 41	Bruni, Leonardo 32, 81, 95	Coelho, Francisco 63, 64
Aristóteles 17, 18, 141, 133	Buchanan, Jorge 16, 17, 109	Coelho, João 63, 64
Aulo Gélio 85	Cáceres, Lourenço de 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 90, 95, 105, 106, 108, 113	
Aurispa, Giovanni 25, 97	Calímaco 133	

Coelho, Jorge 19, 31, 33, 37, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 113, 114, 115, 116, 117, 139, 142	Enzinas, Francisco de 36, 97  Erasmus de Roterdão 24, 26, 27, 28, 29, 33, 35, 36, 40, 41, 43, 44, 52, 53, 54, 55, 56, 69, 81, 85, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 121, 122, 124, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 142	Galharde, Germão 66  Gama, Vasco da 63, 64  Góis, Damião 62, 66, 69, 70, 71, 103, 107, 112, 116  Gomes, Duarte 66
Coelho, Nicolau 63, 64	Esopo 24, 31, 133, 136	Gouveia, André de 16
Collocci, Angelo 69	Ésquines 96	Gouveia, Diogo de 109
Costa, D. Jorge da 33	Fabício, Vicente 15, 16, 17, 37, 41, 108, 142	Gouveia, Diogo de (Sénior) 109, 110, 112, 113
Costa, João da 16, 109	Fernandes, João 70, 140	Grouchy, Nicolau de 18
Crisoloras, Manuel 23, 24, 139	Fernández, Juan 36	Henrique, Infante D. 14, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 76, 77, 79, 80, 81, 95, 96, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 116
d'Étaples, Lefrève 109	Ferreira, António 17, 18, 103	Heródoto 41, 106
da Feltre, Vittorino 24	Figueiredo, Martim 13, 14	Hesíodo 133
Demóstenes 31, 96	Filóstrato 134	Hesíquio 50, 51
Dias, Luís 64, 66	Flávio Josefo 41	Holanda, Francisco de 71, 72
Dolet, Etienne 29	Fróis, Francisco Rodrigues 38	Homero 16, 41, 81
Duarte, Infante D. 15, 35, 37	Fulgêncio, D. 36	Horácio 80
Dürer, Albrecht 122	Galeno 18, 115	
Eguía, Miguel 110		

Jaime, D. 36	Manrique, Rodrigo 110	Ovídio 33
Jerónimo, S. 81, 96, 109	Manuel I, D. 31, 32, 78, 101, 104, 117	Pacheco, Francisco 70
João III, D. 14, 15, 17, 35, 36, 37, 41, 63, 64, 65, 67, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 103, 112, 113, 117, 131	Marcial 85	Paiva, Heliodoro de 15
Juvenal 85	Maria, Infanta D. 15	Pausânias 41
Lactânio 28, 29	Mascarenhas, Fernão de 42	Pedro Margalho 112
Leonor, D. 101, 117	Melanchton, Philipp 56, 113, 114	Persona, Cristoforo 26, 130, 132
Loiola, Inácio de 17	Meneses, D. Fernando de 13	Petrarca 95, 102
Luciano de Samósata 19, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 49, 54, 55, 56, 61, 75, 76, 80, 81, 82, 84, 85, 92, 94, 95, 97, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 116, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 136, 139, 140, 142	Meneses, João R. de Sá de 19, 33, 69, 74, 121, 122, 140	Piccolomini, Eneias Sílvio 26, 33
Luís, António 18, 66, 116	Micilo (Jakob Moltzer) 30, 39, 54, 56, 81, 84, 85, 86, 91, 92, 93, 94, 113, 133	Pilato, Leôncio 23
Luís, Infante D. 79	More, Thomas 26, 27, 28, 29, 35, 43, 54, 106	Pinto, Heitor Fr. 121
Lupano 84, 85, 86, 91, 92, 93, 94	Mosco 17, 25, 124, 131, 132	Pirckheimer 56, 113, 114
Lutero, Martinho 29, 108, 109	Murça, Frei Diogo de 35, 37, 40, 139	Platão 96
	Nadal, Jerónimo 25, 41	Platina, Bartolomeu 13
	Nebrija, Elio Antonio de 13, 33, 109	Plutarco 32, 97, 102, 140, 141
	Nunes, Pedro 14	Poliziano, Ângelo 13, 14, 18, 81, 131
	Osório, D. Jerónimo 18, 70, 109, 110, 114	Pontano, Giovanni 26, 110, 121, 124, 130, 131, 140, 142
		Quintiliano 81, 85, 113

Rabelais, François 29	Silva, D. Miguel da 13, 69, 71, 74, 78	Valla, Lorenzo 33 81
Regazzola, Thomasso 132	Sófocles 18, 44	Vasconcelos, J. Ferreira de 19, 70, 102, 115, 121, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140
Resende, André de 13, 14, 15, 61, 65, 67, 68, 69, 71, 72, 78, 111, 114, 115	Sousa, Diogo de 33	Vaseu, João 14, 66, 67, 68, 69, 140
Resende, Duarte de 31	Sousa, Frei Luís de 103	Vega, Lope de 95
Rodrigues, Luís 66	Suetónio 141	Vegio, Maffeo 26, 97
Rodrigues, Velasco 32	Teive, Diogo de 16, 17, 109, 110	Vergara, Francisco de 24, 25
Romeiro, Dr. Marcos 35	Teixeira, Luís 14, 15, 72	Vergara, Juan de 104, 109, 111
Rubio, J. López de Palacio 102	Teles, Aires 122	Vergílio 32
Sá, Jorge de 37, 108	Teócrito 31	Verona, Guarino de 24, 26, 81
Sadoletto, Jacoppo 70, 71	Teodósio I, D. 34, 34, 36, 139	Vicente, Gil 19, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 140, 142
Salutati, Coluccio 23	Teotónio, D. 18, 36, 141	Vilhegas, D. Diogo Ortiz de 14, 112
Sanches, Pedro 61	Textor, Ravísio 28, 134	Villaquirán, J. de Aguilar 30, 108
Sanches, Rodrigo 61, 65, 70, 72	Travaços, Diogo 66	Vitória, Aires 18
Séneca 141	Tucídides 33, 41, 81	Vives, Juan Luis 24
Sepúlveda, Ginés de 29, 108, 110	Valboena, Frei Cristóvão de 66	Xenofonte 17, 24, 38, 41, 96
Sigeia, Luísa 15, 71	Valdés, Alfonso de 108, 110, 111, 142	
Sigeu, Diogo 14, 36, 71	Valdés, Juan de 110	
	Valério Máximo 97	